



Volume III

# Construtores do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho

Erika Negreiros  
Wanderley de Souza



\*\*\*\*\*

**Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**

**Reitor**

Roberto Medronho

**Vice-Reitora**

Cassia Turci

**Diretor**

Robson Coutinho Silva

**Vice-Diretora Científica**

Eleonora Kurtenbach

**Vice-Diretor de Gestão**

Célio Geraldo Freire de Lima

\*\*\*\*\*

Erika Negreiros  
Wanderley de Souza

Construtores do  
Instituto de Biofísica  
Carlos Chagas Filho

Volume III

1ª edição

Rio de Janeiro  
2024

**Construtores do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho –  
Volume III**

Copyright © 2024 dos autores

*Todos os direitos reservados.*

*É expressamente proibida a reprodução desta obra, no todo ou em parte, sem  
autorização do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho*

ISBN 978-85-7108-524-4

**Capa**

Maria Eduarda Negreiros Gonçalves

**Copidesque e Revisão Textual / Pesquisa e Edição de Imagens\***

Érika Negreiros

**Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica**

Luiz Antonio Botelho Andrade (Labaciencias/PGCTIn)

Victor Hugo Gomes Ferraz (Labaciencias)

Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho/UFRJ

Negreiros, Erika; Souza, Wanderley de (Org.)

Construtores do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho – Volume III/ Organizado  
por Erika Negreiros & Wanderley de Souza – Rio de Janeiro, 2024  
466p., il. Inclui Biografia e índice

ISBN: 978-85-7108-524-4

1. Servidores Universitários. 2. Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho.
3. História da Biofísica. 4. História da Ciência. 5. Biofísica. 6. Entrevistas

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho

AV. Carlos Chagas Filho, 373, Sala G1-20, Bloco G

Cidade Universitária, Rio de Janeiro, 21941-902

Tel: (21) 3938-6721

www.biof.ufrj.br

## **Autores**

### **Érika Negreiros**

Professora Adjunta do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF-UFRJ), membro do Programa Transdisciplinar de Ciências, Ensino Cultura e Sociedade (PTCECS/IBCCF-UFRJ) e Coordenadora do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF/IBCCF-UFRJ)

### **Fernando Garcia de Mello**

Professor Emérito do IBCCF-UFRJ e membro da Academia Brasileira de Ciências

### **Hatisaburo Masuda**

Prof. Emérito do Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis (IBqM-UFRJ)

### **Maria Aparecida Esquibel**

Professora Adjunta aposentada do IBCCF-UFRJ

### **Octavio Aprigliano**

Professor Adjunto aposentado do IBCCF-UFRJ

### **Patrícia Franca Gardino**

Professora Associada do IBCCF-UFRJ

### **Ricardo Gattass**

Professor Emérito do IBCCF-UFRJ e membro da Academia Brasileira de Ciências

### **Tecia Maria Ulisses de Carvalho**

Professora Associada aposentada do IBCCF-UFRJ

### **Wanderley de Souza**

Professor Titular do IBCCF-UFRJ, membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia Nacional de Medicina e da US National Academy of Sciences

# Entrevistadores

## **Alvaro Augusto da Costa Leitão**

Professor Associado aposentado do IBCCF-UFRJ

## **Antonio Carlos Campos de Carvalho**

Professor Emérito do IBCCF-UFRJ e membro da Academia Brasileira de Ciências

## **Claudia de Alencar dos Santos Lage**

Professora Associada do IBCCF-UFRJ

## **Denise Pires de Carvalho**

Professora Titular do IBCCF-UFRJ e membro da Academia Brasileira de Ciências

## **Érika Negreiros**

Professora Adjunta do IBCCF-UFRJ, membro do Programa Transdisciplinar de Ciências, Ensino Cultura e Sociedade (PTCECS - IBCCF-UFRJ) e Coordenadora do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF - IBCCF/UFRJ)

## **Fernando Garcia de Mello**

Professor Emérito do IBCCF-UFRJ e membro da Academia Brasileira de Ciências

## **Marcello A. Barcinski**

Professor Emérito do IBCCF-UFRJ, atual Especialista Visitante da FIOCRUZ e membro da Academia Brasileira de Ciências

## **Narcisa Leal da Cunha e Silva**

Professora Titular do IBCCF-UFRJ

## **Ricardo Gattass**

Professor Emérito do IBCCF-UFRJ e membro da Academia Brasileira de Ciências

## **Tecia Maria Ulisses de Carvalho**

Professora Associada aposentada do IBCCF-UFRJ

**Wanda Von Kruger**

Professora Associada aposentada do IBCCF-UFRJ

**Wanderley de Souza**

Professor Titular do IBCCF-UFRJ, Membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia Nacional de Medicina e da US National Academy of Sciences.

## **Colaboração na Revisão Textual das Transcrições de Entrevistas**

Gabriella da Silva Mendes  
Maria Fernanda Negreiros de Melo  
Patrícia Danza Greco  
Thais Patrícia Mancílio da Silva

## **Agradecimentos**

A todos que colaboraram para a realização deste livro, em especial a Luiz Antonio Botelho Andrade (LABAciências - UFF) e sua equipe, pela inestimável parceria na edição desta obra, a Vladimir Soares Gonçalves (Farmanguinhos/Fiocruz), pelo auxílio na finalização do projeto, ao corpo social do Instituto de Biofísica, pelas imagens e informações preciosas, e à equipe do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF).

Projeto apoiado com recursos financeiros provenientes da FAPERJ.

*\*Todas as imagens não identificadas neste livro pertencem ao acervo do EMCCF ou ao acervo pessoal dos entrevistados e dos autores de cada capítulo.*

*As fotos das abas da capa e contracapa são de autoria de Alair Gomes, e pertencem ao acervo do EMCCF/IBCCF.*

# Sumário

## Prefácio

*Robson Coutinho Silva e Eleonora Kurtenbach* 001

## Apresentação

*Wanderley de Souza e Erika Negreiros* 002

## Notas Biográficas

### Capítulo 1

ADERBAL ALEXANDRE ALVES (*in memoriam*) 004  
*Escrito por Tecia Maria Ulisses de Carvalho & Wanderley de Souza*

### Capítulo 2

AURISETE NUNES BIZERRA 007  
*Escrito por Fernando Garcia de Mello*

### Capítulo 3

HENRIQUE OLIVEIRA (*in memoriam*) 011  
*Entrevista com Maria Aparecida Esquibel*

### Capítulo 4

ISALTINO RODRIGUES SOARES - TININHO (*in memoriam*) 019  
*Escrito por Hatisaburo Masuda*

### Capítulo 5

JÚLIO CESAR NOGUEIRA BARBOSA (*in memoriam*) 027  
*Escrito por Octavio Aprigliano*

### Capítulo 6

MARIA HELENA AMARAL DA SILVA - MALET (*in memoriam*) 033  
*Escrito por Patrícia Franca Gardino*

|   |     |
|---|-----|
| <i>Capítulo 7</i>                           |     |
| NEILA DE ALMEIDA SOARES                     | 042 |
| <i>Escrito por Fernando Garcia de Mello</i> |     |

|   |     |
|---|-----|
| <i>Capítulo 8</i>                                   |     |
| RAYMUNDO FRANCISCO BERNARDES ( <i>in memoriam</i> ) | 045 |
| <i>Escrito por Ricardo Gattass</i>                  |     |

## **Entrevistas**

|                       |     |
|-----------------------|-----|
| <i>Capítulo 1</i>     |     |
| ADVALDO NUNES BEZERRA | 053 |

|                         |     |
|-------------------------|-----|
| <i>Capítulo 2</i>       |     |
| ANDRE BENEDITO DA SILVA | 066 |

|                   |     |
|-------------------|-----|
| <i>Capítulo 3</i> |     |
| ANTONIO BOSCO     | 077 |

|                     |     |
|---------------------|-----|
| <i>Capítulo 4</i>   |     |
| ARIMAIR SOUZA - ARI | 089 |

|                   |     |
|-------------------|-----|
| <i>Capítulo 5</i> |     |
| CELSO PEREIRA     | 096 |

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| <i>Capítulo 6</i>            |     |
| CLAUDIO NUNES PEREIRA - BILL | 106 |

|                   |     |
|-------------------|-----|
| <i>Capítulo 7</i> |     |
| CRELIR DE SOUZA   | 120 |

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| <i>Capítulo 8</i>            |     |
| EDIL SATURATO DA SILVA FILHO | 138 |

|                   |     |
|-------------------|-----|
| <i>Capítulo 9</i> |     |
| EDUARDO CAMACHO   | 144 |

|                    |                                 |     |
|--------------------|---------------------------------|-----|
| <i>Capítulo 10</i> |                                 |     |
|                    | GENTIL DA CUNHA FILHO           | 158 |
| <i>Capítulo 11</i> |                                 |     |
|                    | JANINE SIMAS CARDOSO RURR       | 173 |
| <i>Capítulo 12</i> |                                 |     |
|                    | JOSÉ AVELINO – ZEZINHO          | 184 |
| <i>Capítulo 13</i> |                                 |     |
|                    | JOSÉ FRANCISCO TIBÚRCIO         | 195 |
| <i>Capítulo 14</i> |                                 |     |
|                    | JÚLIO CÉSAR RIBEIRO DA SILVA    | 201 |
| <i>Capítulo 15</i> |                                 |     |
|                    | LEVI RIBEIRO DE AMORIM          | 211 |
| <i>Capítulo 16</i> |                                 |     |
|                    | LINDOMAR MIRANDA DA SILVA       | 222 |
| <i>Capítulo 17</i> |                                 |     |
|                    | MARIA IVANETE MARINS – IVI      | 233 |
| <i>Capítulo 18</i> |                                 |     |
|                    | MARIA LINA LEÃO TEIXEIRA ZALUAR | 243 |
| <i>Capítulo 19</i> |                                 |     |
|                    | MARLENE CAZUZA                  | 249 |
| <i>Capítulo 20</i> |                                 |     |
|                    | MARLY FERREIRA ALVES            | 262 |
| <i>Capítulo 21</i> |                                 |     |
|                    | MAURÍCIO THURLER TECLES         | 274 |
| <i>Capítulo 22</i> |                                 |     |
|                    | NILSON DOS SANTOS               | 291 |

|                    |  |     |
|--------------------|--|-----|
| <i>Capítulo 23</i> |  |     |
|                    | NILSON NUNES TAVARES                       | 302 |
| <i>Capítulo 24</i> |  |     |
|                    | NOÊMIA GONÇALVES                           | 316 |
| <i>Capítulo 25</i> |  |     |
|                    | PAULO CEZAR COUTINHO                       | 335 |
| <i>Capítulo 26</i> |  |     |
|                    | RICARDO MANOEL DA SILVA                    | 344 |
| <i>Capítulo 27</i> |  |     |
|                    | rita de CÁSSIA DE ALBUQUERQUE              | 353 |
| <i>Capítulo 28</i> |  |     |
|                    | SANDRA MARIA DE BRITO OLIVEIRA – SANDRINHA | 362 |
| <i>Capítulo 29</i> |  |     |
|                    | SÉRGIO NOGUEIRA MAGALHÃES – SERGINHO       | 380 |
| <i>Capítulo 30</i> |  |     |
|                    | TEREZINHA MARIA DE CASTRO SILVA            | 390 |
| <i>Capítulo 31</i> |  |     |
|                    | VILMA FRAZÃO DE MELO                       | 403 |
| <i>Capítulo 32</i> |  |     |
|                    | WALDIR DIAS DE OLIVEIRA                    | 409 |
| <i>Capítulo 33</i> |  |     |
|                    | WANDERLEY BASTOS                           | 418 |
| <br>               |  |     |
| <i>ANEXO</i>       |  |     |
|                    | FOTOGRAFIAS DE GRUPOS                      | 436 |

## Prefácio

Prezados (as) Leitores (as)

É com grande orgulho que apresentamos o terceiro livro sobre os construtores do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esta obra foi organizada pelo professor Wanderley de Souza e pela professora Erika Negreiros. Neste livro, encontramos entrevistas ou notas biográficas de quarenta e um inesquecíveis técnicos contando suas histórias, descrevendo em detalhes suas trajetórias, desafios, conquistas e superação. São declarações de pessoas que muito aprenderam com o exercício do trabalho diário, e se tornaram indispensáveis e corresponsáveis para a consolidação da excelência acadêmica que fez, e faz, do IBCCF, um dos mais importantes centros de pesquisa do país. São relatos sinceros e repletos de casos intrigantes, de situações inesperadas, e como cada um lidou para, a partir daí, construir soluções para os novos desafios experimentais do dia a dia laboratorial e administrativo. Apresentam, ainda, um forte componente de relações humanas entre técnicos, docentes e alunos na convivência intensa e criativa nos laboratórios de pesquisa.

De leitura fácil e inebriante, vai levar o leitor a conhecer um Brasil de mudanças, onde o acesso formal a um cargo de técnico nas universidades era quase que inexistente, e a capacidade criativa imperava, ultrapassando muitas vezes a falta de novas tecnologias para a obtenção de resultados inéditos e festejados.

Vai ajudar também a todos compreenderem como o Instituto de Biofísica se consolidou como referência científica mundial, graças ao trabalho sério e dedicado de muitos atores, alguns até então anônimos. Uma ótima reflexão e inspiração para a nova geração mostrar sua paixão e garra pela educação e ciência brasileira.

Nosso especial agradecimento a cada um dos quarenta e um construtores desta edição, por nos honrar com o brilho de suas histórias de vida e profissionais nas bancadas, escritórios, biotérios e corredores do nosso Instituto. Construtores, para sempre, presentes!

*Robson Coutinho Silva, Professor Titular e Diretor do IBCCF/UFRJ.*

*Eleonora Kurtenbach, Professora Titular e Vice-diretora do IBCCF/UFRJ.*

# Apresentação

Uma das características do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho é o de cultivar e cultivar sua história, procurando reconhecer e agradecer a participação de membros da sua comunidade, que deram contribuições importantes para a sua consolidação e manutenção de uma posição de liderança no sistema universitário e científico do nosso país.

Iniciamos o resgate histórico com a publicação, em 2010, do livro intitulado “Recordações de Carlos Chagas Filho”, organizados por Darcy Fontoura de Almeida e Wanderley de Souza, no qual tivemos notas de vários colegas que conviveram com o fundador da nossa instituição, abordando diferentes aspectos de sua história. Em seguida, em 2013, Darcy Fontoura de Almeida e Wanderley de Souza organizaram o livro intitulado “Construtores do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho”, no qual vários colegas atuantes na instituição homenagearam os primeiros pesquisadores que ajudaram Carlos Chagas Filho na consolidação do Instituto de Biofísica. Em 2017, Daniele Botaro e Wanderley de Souza deram continuidade ao resgate histórico, com o segundo volume da mesma série, com textos biográficos e entrevistas com lideranças importantes da instituição, sendo que muitos dos homenageados não estão mais entre nós.

Agora, no terceiro volume da série, estamos homenageando essa grande família de servidores Técnicos e Administrativos, que contribuíram efetivamente para a consolidação do Instituto de Biofísica. Infelizmente, não foi possível entrevistar, ou mesmo conseguir uma nota biográfica, de todos que gostaríamos de homenagear. No entanto, conseguimos representar a história de quarenta e um colegas que, com muita dedicação, se constituíram como pilares do IBCCF. Especialmente, nos casos em que conseguimos entrevistar os homenageados, sentimos o real entusiasmo de todos e o orgulho de pertencerem ao que podemos chamar de “família Carlos Chagas Filho”.

O preparo deste livro demorou mais do que gostaríamos, afinal, seu desenvolvimento perpassou o período de Pandemia da *COVID-19*. A realização das entrevistas, para a construção da narrativa, teve início em setembro de 2020 e permaneceu até novembro de 2021. Foram trinta e três entrevistas com servidores aposentados ou com tempo para tal, além de oito notas biográficas escritas com a colaboração de professores desta casa. Neste contexto, o desenvolvimento deste livro perpassou duas gestões de direção do IBCCF distintas: iniciou-se durante a gestão do professor Bruno Lourenço Diaz (2019-2022), e foi finalizada durante a atual gestão do professor Robson Coutinho-Silva. Agradecemos imensamente a compreensão e o apoio dos diretores do

IBCCF para a realização deste projeto, e à inestimável contribuição de todos que participaram das entrevistas ou escreveram notas biográficas.

Com este livro, desejamos registrar a relevância do corpo Técnico-Administrativo para a consolidação, não somente do Instituto de Biofísica, mas de toda a UFRJ, bem como de sua memória e de sua história. A construção dessas narrativas inspiradoras é fundamental para trazer à tona a real importância dessa categoria para o funcionamento da universidade, infelizmente, muitas vezes invisibilizada em suas unidades.

*Wanderley de Souza e Erika Negreiros*

# Notas Biográficas

## ADERBAL ALEXANDRE ALVES

*in memoriam*

Escrito por Tecia Maria Ulisses de Carvalho & Wanderley de Souza

Nasceu em 21 de abril de 1932, no vilarejo de Capivari (atual Silva Jardim), município de Rio Bonito no estado do Rio de Janeiro. Sua mãe, Dona Adelaide Gomes Pereira, lavava jalecos para os professores da Faculdade Nacional de Medicina, onde conheceu o Professor Carlos Chagas Filho. Falou com ele sobre o filho que estava acabando de finalizar o serviço militar e procurava um emprego. Logo, Alexandre iniciou o trabalho no Laboratório de Cultura de Tecidos dirigido por Hertha Meyer, onde começou lavando a vidraria e, em seguida, aprendeu a esterilizar todo o material utilizado, usando autoclave e estufa.

Preparava com esmero os aventais, gorros e máscaras cirúrgicas, usadas obrigatoriamente por todos que trabalhavam com cultura de tecidos. Cabe lembrar que naquela época não existia a capela de fluxo laminar e todo o cultivo era feito em sala envidraçada, mantida em condições assépticas pela utilização de lâmpadas de ultravioleta, que ficavam ligadas sempre que ninguém estivesse trabalhando, e pela limpeza diária das paredes e mesas de trabalho com etanol 70%. Para entrada na sala era necessário a lavagem exaustiva das mãos como em ambientes cirúrgicos. Não me lembro de contaminações com as culturas naquela época.

Mais adiante aprendeu a preparar os componentes básicos necessários para o cultivo de fragmentos de tecidos embrionários de pintos (coração, fígado, baço, tireóide, gânglio espinhal, macrófagos), tanto em lâminas escavadas como em tubo roller, que eram mantidos em uma grande estufa montada no laboratório, onde também eram mantidos os ovos embrionados. Dominou com eficiência os métodos de preparo dos meios utilizados, que consistiam de (a) solução salina de Tyrode ou Ringer, (b) plasma de galo adulto, que era obtido por canulação cirúrgica da artéria carótida e mantido em tubos parafinados imersos em gelo e subsequentemente centrifugados para obtenção do plasma, que era mantido a baixa temperatura sem anticoagulante, e (c) obtenção de extrato de embriões de galinha de 10 dias. Tornou-se um exímio técnico que passou então a ajudar no treinamento de novos estagiários que passaram pelo laboratório, incluindo pesquisadores que vinham de outros laboratórios do país e do exterior. Menciono aqui Luiz Hildebrando Pereira da Silva, William Trager e Rita Levi Montalcini.

Alexandre também aprendeu e passou a ser responsável no laboratório pela manutenção do *Trypanosoma cruzi* e do *Toxoplasma gondii* em camundongos e do *Plasmodium gallinaceum* e *P. juxtannucleare* em pintos. Com competência examinava os animais, determinava o grau de parasitismo e o momento exato de obtenção do sangue, em geral por punção cardíaca, e de sua inoculação em animais normais para manutenção das formas infectivas. No caso dos parasitas da malária fazia tratamento com cloroquina para permitir um aumento no número das formas exo-eritrocitárias no fígado e baço dos pintos.

Organizou toda a transferência do laboratório da Praia Vermelha para as novas instalações no segundo andar do Instituto de Biofísica na Ilha do Fundão. Teve muitos amigos técnicos, dos quais destaco alguns como Raymundo Bernardes (Neurobiologia), José Cláudio (Histologia), Edimilson e outros que treinou, como Marlene Cazuza e Antônio Bosco.

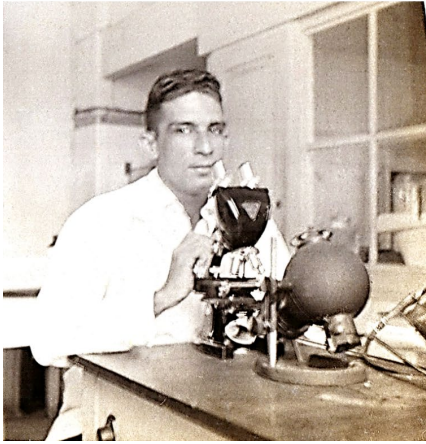
No período em que atuou no laboratório interagiu muito com Marisa Xavier de Oliveira Musacchio, professora do Instituto que sucedeu Hertha Meyer na chefia do Laboratório de Cultura de Tecidos, Maria do Céu Abreu, Ivanilda Queiroga e toda uma geração de pesquisadores como Maria Nazareth Meirelles, Tania Cremonini de Araújo Jorge, Tecia Maria Ulisses de Carvalho e dezenas de outros mais jovens.

Com a chegada de um equipamento de Microcinematografia no laboratório na década de 1960, aprendeu com Hertha Meyer sua utilização e auxiliou Hertha Meyer e Marisa Musacchio nas filmagens sobre o desenvolvimento dos *Toxoplasma gondii*, *Plasmodium gallinaceum* e *Plasmodium juxtannucleare*, permitindo a obtenção de excelentes filmes que mostravam o ciclo intracelular desses protozoários.

Aposentou-se da UFRJ em 1990 e, em seguida, foi convidado por Maria Nazareth Leal de Meirelles a ajudá-la nos trabalhos de cultivo do *T. cruzi* e na manutenção de camundongos infectados, no laboratório instalado no Instituto Oswaldo Cruz, onde atuou até 2000.

Alexandre tinha uma ligação muito forte com o Professor Carlos Chagas Filho, cultivada desde que ingressou no Instituto. Várias vezes presenciei a conversa dos dois quase sempre centrada no desempenho do Fluminense Futebol Clube nos jogos do fim de semana. Ambos, torcedores fanáticos do mesmo time. Devo ao Alexandre toda a minha formação técnica na parte de cultivo de células e manipulação animal.

Alexandre foi casado com D. Hélia da Silva Alves, com quem teve os filhos Terezinha Cristina da Silva Alves, Isabel Cristina da Silva Alves e Alexandre da Silva Alves, assim como os netos Felipe da Costa Alves Cruz, Rafael Alves Cruz e Matheus Alves Arruda. Alexandre faleceu em 20 de junho de 2017.



Alexandre no laboratório de Cultura de Tecidos, Instituto de Biofísica na Praia Vermelha (imagem à esquerda) e no Laboratório de Ultraestrutura Celular Hertha Meyer, na Ilha do Fundão (imagem à direita).



Alexandre com Marisa Musacchio no Laboratório de Cultura de Tecidos, Praia Vermelha, ao microscópio (imagem à esquerda) e no equipamento de Microcinematografia (imagem à direita).

## **AURISETE NUNES BIZERRA**

Escrito por Fernando Garcia de Mello

Aurisetete incorporou-se ao Instituto de Biofísica em 1976 trazida por seu irmão, Edvaldo Nunes Bezerra, que já exercia funções no Instituto. Começou jovem a trabalhar junto ao laboratório de Aída Hasson-Voloch, onde era responsável pela limpeza do material do laboratório. Todos nos lembramos do rigor com que Aída lidava com a limpeza do local e de seus utensílios. Foi dentro desse grupo que Aurisetete iniciou sua carreira junto ao Instituto e que lhe serviria como padrão ao longo de sua função junto ao Laboratório de Neuroquímica até os tempos atuais.

Como Neila de Almeida Soares, com o apoio de Aída, Aurisetete acumulou funções junto ao nosso grupo. Em 1982, sempre com a generosidade de Aída, Aurisetete transferiu-se para o Laboratório de Neuroquímica, compondo definitivamente o quadro funcional do grupo, junto com Neila, Maria Christina e eu. Nesse período vivenciamos a passagem de inúmeros estudantes pelo laboratório. Além de vivermos as rotinas de trabalho diárias, celebramos alegrias e sofremos com os dramas da vida de cada um de nós. Vivenciamos e celebramos os nascimentos de filhos e netos que ocorreram nesse período. Sofremos com as perdas de colegas e amigos. Celebramos as diversas teses defendidas e os aniversários concluídos. Sentimos juntos as ausências deixadas por estudantes que voltavam a seus locais de trabalho após as teses defendidas, mas também comemoramos o sucesso de todos em suas carreiras profissionais.

Nosso ambiente de trabalho foi sempre muito tranquilo, às vezes mesmo bastante divertido. Um evento que marcou e ainda marca essa característica ocorreu quando um representante de produtos químicos tentava nos convencer de que sua empresa tinha um produto que melhor servia a lavagens de vidrarias laboratoriais e hospitalares. Segundo ele, um jovem vendedor, era imbatível. Aurisetete assentiu em experimentar o tal produto e compramos um galão do mesmo. Aurisetete tinha uma característica de nascença em uma das mãos, onde faltava um dos dedos. Passado algum tempo após a compra do tal produto, o representante que nos vendeu, passou pelo laboratório para se certificar que estávamos satisfeitos com o tal detergente. Aurisetete o recebeu e, ao ser perguntada sobre sua satisfação com o produto, ela respondeu que o detergente era, de fato, muito potente. Tão potente que ela, ao mergulhar o dedo para misturá-lo a uma solução de limpeza, verificou que seu dedo havia sumido, mostrando sua mão ao rapaz! O jovem, assustado, pediu inúmeras desculpas e saiu desolado com a ocorrência. Posteriormente, toda a brincadeira ficou esclarecida e passou a fazer parte do folclore do laboratório, entre muitos outros casos hilariantes.

Aurisete já conta tempo suficiente para requerer sua aposentadoria. Porém, em suas próprias palavras, ela se refere a esse assunto da seguinte forma: *“Ainda pretendo ficar na ativa um tempo. Tenho muito orgulho de fazer parte desse trabalho, que amo muito”*.

Como mencionado acima, no período entre 1984 e 1986, Maria Christina e eu fomos passar um período sabático em Chicago. Esse foi um período de mudanças estruturais no Instituto de Biofísica que envolveu vários grupos de pesquisa. Fora acordado que um pesquisador brasileiro radicado nos EUA, Edson Xavier de Albuquerque, voltaria ao Brasil diretamente para o Instituto de Biofísica. Isso ocasionou mudanças radicais na alocação de espaços aos laboratórios até então existentes no Instituto. Grandes obras foram feitas com esse intuito. Nosso laboratório ocupava um módulo e meio do primeiro andar do Instituto. As obras refletiram na mudança de nosso exíguo espaço para um espaço relativamente maior, cerca de quatro módulos no segundo andar, onde originalmente existia o laboratório de Herta Meyer e Wanderley de Souza, que se deslocaram para um espaço no subsolo do bloco G. Neila, Aurisete e Roberto Paes de Carvalho tornaram-se verdadeiros heróis em nossa ausência, no traslado de nossos equipamentos e adaptação ao novo espaço nesse período.

Ao chegarmos de volta dos Estados Unidos, as instalações do novo laboratório eram muito precárias. Porém, a persistência de Roberto, Neila e Aurisete resultou em uma adaptação razoável e funcional no novo espaço. Conseguiram adaptar um local para cultivo de células, um pequeno escritório e o que Neila e Aurisete chamavam de cozinha, perfazendo uma área total funcional de menos de dois módulos, dos quatro que nos foram cedidos. O restante era espaço ocupado por entulhos de obras que haviam sido feitas no Instituto para as mudanças propostas. Mesmo após nosso retorno, tivemos que, por cerca de um ano e meio, nos adaptar ao uso daquele espaço improvisado por Roberto, Neila e Aurisete. Foram, talvez, os momentos mais estressantes de nossa atividade no Instituto de Biofísica.

Roberto, em pouco tempo, defendeu seu Doutorado e se tornou professor na UFF onde se encontra até hoje. Neila, Aurisete, Maria Christina e eu recompusemos o grupo permanente de nosso laboratório, que ao longo do tempo manteve sua história. Volta e meia, ainda hoje, comento sobre a importância de Neila e Aurisete nessa transição por que passamos entre 1984 e 1986.



Na fileira da frente, da esquerda para a direita: Patricia Franca Gardino, Fernando Mello, Maria Christina Fialho de Mello, Neila de Almeida Soares e Aurisete, em uma das celebrações do Laboratório de Neuroquímica do IBCCF-UFRJ.



Aurisete com Ana Lucia Ventura, Neila de Almeida Soares e Narcisa Leal da Cunha e Silva.



Auriste com o Professor Cezar Antonio Elias no Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (imagem à esquerda), e com o José Avelino (Zezinho) no IBCCF (imagem à direita).



Auriste em diferentes momentos no IBCCF.

## HENRIQUE OLIVEIRA

*in memoriam*

Entrevista com Maria Aparecida Esquibel em 07/10/2020

**Erika Negreiros: Nós vamos gravar aqui uma conversa sobre o Henrique Oliveira, que era técnico do Instituto de Biofísica e que conviveu muito com você, certo?**

Maria Aparecida Esquibel: Henrique era técnico. Quando eu cheguei na Biofísica em 1960, eu vim para trabalhar com o Dr. Chagas e ele tinha uma moça que fazia a parte de Bioquímica, em um laboratório independente do laboratório da Aída Hasson-Voloch. Mas o Dr. Chagas queria a parte de Eletrofisiologia e, por isso, eu vim para o Rio de Janeiro. Eu fiquei em um laboratório que era no terraço, praticamente. Tinha o laboratório que fazia bioquímica, por onde eu podia entrar e dava passagem para o meu laboratório, ou eu podia entrar pelo laboratório do Antonio Paes de Carvalho, que também dava entrada para o tanque de peixe, e o meu laboratório ficava em frente. A Aída Hasson também trabalhava com peixe, fazia a parte de Bioquímica, assim como a Hilda Nesralla, que era casada com o Nazio Lobão, ela era uma excelente criatura. O irmão dela era muito bom também, fazia uns desenhos. Eu levei uma foto do peixe elétrico para ele fazer o desenho para mim, da minha tese. E aí eu dei as medidas que eu tinha tomado do peixe, que era bem grandão. Mas eu fiquei impressionada com a habilidade dele em fazer os desenhos proporcionais, sabe? A família do Nazio era do Pará. Eles tiveram uma filha que já estava estudando Medicina, mas parece que ela faleceu. Aí a Hilda ficou muito abatida. O Nazio resolveu: *"Vamos embora daqui porque essa cidade está trazendo muita lembrança, muita amargura"*. E foram para Berlim. Mas o que isso tem a ver com Henrique?

**Erika Negreiros: Você falou do laboratório, quer dizer que a Hilda também ficava ali perto?**

Maria Aparecida Esquibel: É, exatamente. E o Henrique, ele era uma pessoa excelente, de bom humor, alegre, prestativo, sabe? Todo mundo que trabalhava com peixe elétrico sentia isso. A Aída Hasson, que começou, depois foi a Hilda, e depois eu, em ordem temporal. As duas faziam bioquímica e eu fazia eletrofisiologia. Quando eu cheguei ao Instituto, já encontrei o Henrique: Ele trabalhava à tarde na Policlínica Central do Rio de Janeiro, e de manhã, trabalhava no Instituto. Na Policlínica, trabalhava a Elizabeth Souza Leão Grace, que foi quem trouxe o Henrique para a Biofísica: *"Esse é bom!"*. Bom, quando cheguei estavam os dois lá. E ela [Elizabeth] ficou muito tempo comigo, embora o Chagas a tivesse colocado para trabalhar com a Hilda. Ela era uma pessoa muito questionadora, não de *"porque você está fazendo?"*. Não, não é isso. Era uma curiosidade natural dela. E, quando ela veio, quando eu cheguei no

laboratório, ela já estava lá. Aí a gente se entendeu bem! E o Chagas falou: "*Você quer ficar com ela?*". E eu falei: "*Ué, por que não? Eu gosto muito dela, acho ela muito inteligente*". E ele: "*Ótimo*".

**Erika Negreiros: Então quando você chegou ao laboratório já tinha o Henrique, ele já era técnico do laboratório?**

Maria Aparecida Esquibel: É. Ele cuidava dos peixes. Porque era difícil cuidar dos peixes, sabe? Era um tanque (risos). Ele era ótimo. Era um tanque bem grande, tinha uns dois metros por dois metros. Quatro metros quadrados.

**Erika Negreiros: E quantos peixes tinham lá dentro?**

Maria Aparecida Esquibel: Isso dependia de quando. Tinha um senhor que trazia para a gente. Ele trazia de Marajó. Chegava de madrugada no Galeão e precisava ter alguém lá para pegar o peixe. Então esse senhor já tinha bastante idade e quem ia era o Henrique junto com ele. Nem ele ia sem o Henrique e nem o Henrique ia sem ele.

**Erika Negreiros: Mas os peixes vinham como?**

Maria Aparecida Esquibel: Em contêineres tipo latões, uns latões enormes com água. Às vezes vinham até dez peixes, dependia da época do ano também. Eu sei que nunca faltou peixe. Tinha uma melhor estação, então a gente já se previnha. Não sei se era a estação da cheia ou era da vazante, de seca. Mas tinha uma época preferida para trazer, para facilitar a captura dos peixes. Porque eles entravam na Ilha de Marajó, que não é um compacto, aquilo é quase que um arquipélago. Tem os igarapés que entram, andam lá dentro. Igarapé é um riozinho pequeno, fica fazendo volta e um comunica com o outro, fica uma malha. E os peixes mais abundantemente eram encontrados ali, em Marajó. O Henrique era responsável por cuidar, desde ir receber os peixes quando vinham do Norte e o cuidado dentro aquário, dentro do tanque.

**Erika Negreiros: E aí para trazer os peixes nos contêineres. Ele dirigia um caminhão, alguma coisa assim?**

Maria Aparecida Esquibel: O Instituto tinha uma Kombi. Então ia o motorista e o Seu Oliveira, que era uma figura extraordinária que cuidava dessa parte Administrativa. Ele que ia lá junto com Henrique na Kombi, naturalmente. Agora queria lembrar o nome do motorista da Kombi que também era uma figura. Eles iam de madrugada, que era quando chegava o avião do Nordeste/Norte.

**Erika Negreiros: E o tanque dos peixes na Praia Vermelha, ficava no térreo?**

Maria Aparecida Esquibel: Ficava no terraço do primeiro andar, nas costas da sala do Chagas.

**Erika Negreiros: Gente, eu fico imaginando como é que vocês faziam para carregar esses peixes para lá. Que loucura! (risos).**

Maria Aparecida Esquibel: Eram aqueles latões que precisavam de pelo menos três pessoas. E depois tinha que passar para o tanque onde os peixes iam ficar. Tinha todo um esquema, mas eu não participei da construção desse esquema. Então quando eu cheguei, o Henrique já estava no laboratório, mas não como funcionário efetivo. Estava lá para cuidar dos peixes que todo mundo tinha medo. Então ele ia de manhã, cuidava dos peixes e ia embora porque ele trabalhava à tarde na Policlínica. Praticamente a vida toda foi assim. Ele sempre trabalhou de manhã e à tarde ele ia para a Policlínica Geral do Rio de Janeiro, ali no Castelo, na Esplanada do Castelo.

**Erika Negreiros: O Henrique foi para o laboratório na década de 1960?**

Maria Aparecida Esquibel: Foi. Eu vim trabalhar no Rio em junho de 1960, ele e a Beth já estavam lá. E quando eu vim em maio ou algum tempo antes para falar com o Dr. Chagas, já que ele telefonou e eu estava em São Paulo, o Henrique já estava lá. Ele foi um filho extraordinário. A mãe dele tinha um problema mental e ele fazia tudo para mantê-la calma e bem. Ele trazia a mãe até o Instituto de Psiquiatria aqui da universidade. E ela devia ser uma pessoa interessante, um caso muito típico, porque eles perguntaram ao Henrique se ele consentia que ela fosse até lá em um dia de aula. Ele ficou assim: *“É para trazer?”*. Eles disseram: *“É pra trazer”*. Aí ele foi falar comigo. Eu disse: *“O que acontece, Henrique, é que provavelmente eles têm o estudo do caso dela há muito tempo e querem apresentar aos alunos o tipo de resposta que ela dá, dependendo do tipo de questão e tudo. E se ela estiver lá para fazer/responder isso é ótimo”*. E ele trouxe então a mãe. Mas ele tinha um carinho com essa mãe! Por toda a vida, enquanto ela viveu, dedicadíssimo a ela. E mesmo depois de casado, ele continuou a tomar conta dela como se ele continuasse solteiro, praticamente. Porque ele conseguia manter o casamento e a mãe juntos. Ele não teve filhos. A mãe faleceu e depois faleceu a esposa. Mas ele já tinha saído, já estava aposentado quando faleceu a esposa. E depois, quando eu me aposentei, ele e eu nos aposentamos na mesma época, a gente até combinou praticamente!

**Erika Negreiros: Como é que era o trabalho do Henrique com você?**

Maria Aparecida Esquibel: Quando chegavam os peixes ele buscava no Aeroporto do Galeão, de madrugada. Depois tinha que subir o latão, e para isso

ele arranjava o pessoal lá da faculdade. E ele subia para pôr no tanque, o tanque que era atrás, no terraço mesmo, atrás da sala do Chagas. É que a sala do Chagas fechava o terraço: A sala, uma parede, a sala do Chagas do lado de cá, o tanque e o terraço. E esse terraço era bem largo. E quando tinha peixe para descartar, era o Henrique quem levava lá atrás do prédio, na pedra (risos). Era matéria orgânica, não tinha nem clipe, nem agulha, nem instrumento cirúrgico, nada, só ia o corpo. Então o trabalho dele era a questão do peixe, ele que ficava cuidando. Tinha que esvaziar o tanque, frequentemente, para limpar e colocar água nova.

**Erika Negreiros: Então dava tempo dos peixes ficarem um pouquinho sem água...**

Maria Aparecida Esquibel: Eles respiram um pouco de ar, porque a boca do peixe é como uma floresta de papilas, sabe? E também os peixes têm uma secreção, um muco na superfície. Então às vezes precisava lavar mesmo. Um dia o Henrique caiu dentro do tanque! Disse: *“Não sei como é que eu consegui fazer aquela pirueta para sair lá de dentro”*. (Risos).

**Erika Negreiros: Vocês nunca tomaram choque, não? (risos)**

Maria Aparecida Esquibel: Ah, a gente trabalhava de luva. Mas você está no trabalho, se não é uma coisa que te incomodou profundamente, passa em branco. Na hora, no dia, ok. E também o choque de um peixe não dá para matar uma pessoa. O que acontece é que eles andam em bando. O choque de um mesmo, se você estiver dentro d'água, e não esperar, você cai! Mas não cai pela eletricidade, você cai por susto. Primeiro que, se você tomar um choque de um, não importa o tamanho dele, você cai. E aí vem o bando todo e você acaba morrendo. Mas caso de morte eu nunca soube.

**Erika Negreiros: E dentro do tanque podia caber quantos peixes mais ou menos? Até uns dez?**

Maria Aparecida Esquibel: Ah, mais! O que era interessante é que eles ficavam todos em paralelo. Muito interessante! Aí você olhava assim e tinha aquela coleção. Cabia mais de vinte peixes. Henrique também os alimentava. A gente comprava peixinho, sardinha, coisa assim. A gente cortava a pele, fazia uns filezinhos e dava com um garfinho, uma faquinha. O peixe elétrico tem duas nadadeiras branquiais e uma longitudinal, ao longo do corpo todo. Na verdade, eles têm três órgãos elétricos, tem o órgão principal, que está logo após o abdômen dele. Você olha ele de barriga para baixo e você vê exatamente onde é a região do corpo vital para ele. Depois vem a cauda, que quando chega no terço final, se você fizer um corte transversal, você vê que existe um septo que vai acompanhando, um septo inclinado, que divide o órgão principal do órgão de Sachs. Então já são dois órgãos. Quando você faz um corte transversal completo, o que que você tem? Você tem toda a musculatura de um lado e do outro, aqui

passa a coluna vertebral, embaixo da coluna vertebral, na parte logo depois do abdômen, tem uma membrana que envolve tudo isso até a nadadeira, e depois um septo mediano. E aqui então as eletroplacas, uma atrás da outra. Quando vai chegando no terço final, tem outro septo que é transversal também e que tem eletroplacas mais separadas, que é o órgão de Sachs. Entre a musculatura da nadadeira, que é longitudinal ao corpo todo do animal, praticamente, um terço é de cabeça e abdômen. A nadadeira é muito potente porque ela é quem faz o deslocamento de um peixe de um metro, por exemplo. Eu peguei um que tinha 1 metro e 90 centímetros! Era um monstro! Então, a nadadeira tem que ter musculatura potente. Entre os fascículos musculares existe um tecido elétrico que dá, no total, uma descarga de pelo menos 20 ou 30 Volts. Especialmente quando ele está se locomovendo, varia a frequência. Mas se ele estiver na mesa de trabalho, de cirurgia, não tem muita frequência. Esse é o órgão de Hunter. Então, eu tirava e isolava uma unidade do órgão de Sachs lá do terço final dele, e o Hunter percorria o corpo todo. Era o mais longo e o menorzinho em tamanho, em uma distância dorso ventral. O órgão principal é o mais alto de uma distância do dorso ventral, o mais largo e que é o que dá o formato para o peixe. O órgão de Hunter é onde tem as nadadeiras, são músculos. É bonito!

**Erika Negreiros: E o Henrique, além de cuidar dos peixes, ele fazia alguma parte técnica relacionada aos experimentos?**

Maria Aparecida Esquibel: Não, porque inclusive ele só trabalhava meio-dia, só trabalhava de manhã. O Henrique tinha uma inteligência muito grande. Era uma pessoa capaz de num instante assim, entender o que você está falando. Mas não tinha estudo. Ele mal sabia ler e assinar o nome. Ele tinha uma inteligência incrível. Era capaz de conversar com qualquer pessoa, pegava as coisas no ar. Incrível, incrível. E a pobreza do país cada vez piora porque quem é bom não tem oportunidade. Aí é difícil. Então ele montava o peixe para os experimentos, tirava e cortava a cauda ou o órgão de Sachs para mim. O órgão principal ia para a Aída e Hilda. Por um tempo, o Dr. Antonio Couceiro e o Gustavo de Oliveira Castro também fizeram anatomia.

**Erika Negreiros: Quando vocês vieram para o Fundão em 1973, onde ficava seu laboratório e o tanque dos peixes?**

Maria Aparecida Esquibel: Meu laboratório era no segundo andar e o tanque também. O tanque foi feito na época da construção do prédio. Depois fizeram um tanque lá, acho que entre o bloco da Biofísica e da Anatomia.

**Erika Negreiros: O Henrique chegava a conversar com os pesquisadores de fora do país que ficavam um tempo lá no Instituto?**

Maria Aparecida Esquibel: Bom, os que conversavam. Havia dois tipos de gente que vem de fora: os que estão interessados em conversar e entender um

pouco de português, e aqueles que não estão interessados. Aí nem era com ele. Agora, se estivesse interessado, ah pode deixar, vou levar até no carnaval, até no Sambódromo! Verdade! Ele chegou a levar. Tinha um casal que era muito amigo do Dr. Chagas e que vinham muito, e eles estavam querendo ir ao Sambódromo. Acho que nem tinha Sambódromo naquela época, acho que era na Presidente Vargas. Mas eu sei que ele se prontificou e acompanhou no carnaval.

**Erika Negreiros: E como o Henrique era como pessoa?**

Maria Aparecida Esquibel: Ele era uma pessoa de uma integridade impressionante. Se você comparasse integridade com escolaridade você diria assim: escolaridade zero e integridade cem. Porque realmente ele tinha uma integridade, uma questão íntima dele, de ser uma pessoa honesta e de estar sempre de bom humor. Só quando a mãe morreu que ele ficou triste, que é diferente do que estar emburrado. Ele estava triste, e a gente estava acostumado com aquele rapaz esfuziante. A gente respeitou então. Agora, de mau humor, de mal criação, nunca. Era uma pessoa leve. Ele nunca se queixava de nada. Olha que a mãe dele deu um trabalho, mas ele foi um filho exemplar e um marido exemplar. Como é que ele conseguia contemporizar a mãe e a esposa, eu não sei, que geralmente é difícil. Mas eu nunca vi o Henrique lamentando ou chorando. Às vezes ele precisava desabafar. Ele gostava de todo mundo, era amigo de todo mundo e ajudava todo mundo. Ele pegava qualquer problema, sem você falar nada com ele. E me alertava também, algumas vezes: *“Olha aí, cuidado aí”*. (risos). Ele era muito boa pessoa, e se dava bem com todo mundo, inclusive com qualquer pesquisador do exterior que viesse para trabalhar no Rio com o Chagas e, evidentemente, comigo e com a Hilda.

**Erika Negreiros: E o professor Carlos Chagas Filho também se relacionava bem com o Henrique?**

Maria Aparecida Esquibel: Sim, ele falava com todos os funcionários. Não tinha diferença nenhuma. E o Henrique era um homem íntegro e um homem bom. As duas coisas. Nunca deixava nada que dependesse dele ser feito por outro ou mais tarde. E fazia as coisas para as pessoas com muita naturalidade.



Imagem da esquerda - Henrique e o reflexo da professora Maria Aparecida Esquibel no espelho. Imagem da direita – Henrique com Eduardo Riedel (*Eleito governador de Mato Grosso do Sul em 2022*) e Anaize Borges Henriques (*Superintendente Acadêmica da Decania do CCS-UFRJ*). Acervo de Anaize.



### Festividade do Laboratório Fisiologia Vegetal

Imagem acima: Destaque para o Henrique (seta), ao lado do Antônio Carlos da Silva Pessoa, à frente da Andrea Macedo e atrás da Alice Sato, (*hoje professoras da UNIRIO*). Maria Aparecida Esquibel ao centro, de blusa branca, à frente da Técnica Sonia e ao lado da Dra. Helena Bireka, de blusa vermelha (*professora polonesa, convidada*). No canto direito da foto, Claudia Lage (*professora do IBCCF/UFRJ*), Simone Dottori (*professora do Colégio Pedro II*) e Ana Lucia Toledo de Carvalho (*professora do Instituto Federal de Educação Tecnológica*).

Imagem abaixo: Henrique de blusa azul abraçado ao Celso Lage (*Especialista Senior em Propriedade Industrial em Biotecnologia do INPI*) e à frente da Andrea Macedo (de óculos). De blusa listrada, Nina Cláudia Bezerra da Silva (*professora da Farmácia/UFRJ*), à frente da Sharon Santos de Lima (*professora da UFRRJ*). À direita, Anaize Borges Henriques, à frente da Erika Von Shonten Medeiros (*professora do IB/Herbário-UFRJ*), ao lado do Ricardo Cardoso Vieira (*professor do Instituto de Biologia/UFRJ*), e atrás da Alice Sato, sentada. Acervo de Anaize.

# ISALTINO RODRIGUES SOARES – TININHO

*in memoriam*

Escrito por Hatisaburo Masuda

## **Sr. Isaltino Rodrigues Soares (Tininho): o técnico de laboratório que treinou e influenciou várias gerações de técnicos e cientistas.**

O professor Leopoldo de Meis nos relata que conheceu o Sr. Isaltino quando ele tinha em torno de 45 anos de idade. Este encontro ocorreu no Instituto Oswaldo Cruz na época em que Leopoldo estagiava no Laboratório do Professor Walter Oswaldo Cruz, ainda na condição de estudante de Medicina com aspirações a ser um conhecido cirurgião. Era o ano de 1957. Segundo Leopoldo, *“Tininho, O Sr. Isaltino Rodrigues Soares, personagem mágico, foi por muitos anos um querido amigo e grande parceiro no laboratório. Era um homem pequeno, mas forte, com um bigode aparado com capricho”*.

A História deste encontro foi deliciosamente relatada pelo próprio Leopoldo no livro em sua homenagem por ocasião dos seus 70 anos: *“Celebração dos 70 anos do Professor Leopoldo de Meis: a bioenergética e a energética de uma vida”*, uma homenagem do Instituto de Bioquímica Médica a seu fundador Leopoldo de Meis em 2008. Parte desse encontro histórico está sendo aqui compartilhado pelas palavras do próprio Leopoldo:

*“O Sr. Isaltino, um dos técnicos que trabalhava no laboratório do Dr. Walter, era considerado um funcionário muito preguiçoso. Registrava sua chegada pela manhã e desaparecia o resto do dia. Após meu primeiro ano no laboratório, o Dr. Walter decidiu que o Sr. Isaltino seria meu técnico; daí em diante, fui responsável por suas atividades. No princípio, fiquei horrorizado com a decisão - como ser responsável por alguém que nem sequer podia encontrar durante o dia inteiro? Entretanto, o Sr. Isaltino disse-me amavelmente que não havia por que ficar transtornado. Ficaria sentado quieto, próximo a mim na bancada por algum tempo, e me deixaria em paz por períodos a cada dia mais longos, até que o Dr. Walter esquecesse sua decisão e eu saísse do laboratório a fim de tornar-me um cirurgião famoso. Entendi a mensagem e concordei de imediato, mas não foi assim que as coisas aconteceram. O Sr. Isaltino era um técnico muito qualificado, treinado na juventude por um grupo de epidemiologistas enviado pela Rockefeller University para trabalhar e treinar o pessoal do Instituto Oswaldo Cruz. Sentado perto de mim, ensinou-me muitas coisinhas extremamente úteis. Passamos, então, a almoçar juntos, a discutir a última partida de futebol; um dia, durante uma conversa informal, descobri que seu salário era ultrajante. Fiquei espantado e decidi pedir que o Dr. Walter lhe desse um aumento. Estava*

*certo de que o Dr. Walter me ignoraria, mas achei que o Sr. Isaltino apreciaria o gesto. Assim, fui a seu escritório preparado para uma discussão, mas depois de fazer meu pedido, o Dr. Walter disse simplesmente "OK", e o Sr. Isaltino passou a receber um complemento a seu salário, retirado das escassas subvenções do Dr. Walter. A partir daí, passei a chamar o Sr. Isaltino pelo apelido, "Tininho", e só nos separamos quando ele estava com 71 anos e deixou-nos para sempre. Tininho, O Sr. Isaltino Rodrigues Soares, personagem mágico, foi por muitos anos um querido amigo e grande parceiro no laboratório. Era um homem pequeno, mas forte, com um bigode aparado com capricho e quando o conheci, tinha em torno de 45 anos. “*

Durante os anos de chumbo, no conhecido evento do Massacre de Manguinhos, com o fechamento de vários laboratórios de pesquisa, incluindo o de Walter Oswaldo Cruz, Leopoldo se transfere para o Instituto de Biofísica da UFRJ a convite do Professor Carlos Chagas Filho. O Sr. Isaltino o acompanhou e se transferiu de Manguinhos para a Praia Vermelha, no saudoso edifício cor de rosa da então Faculdade de Medicina, onde o Instituto de Biofísica funcionava. Foi neste edifício que eu encontrei o Sr. Isaltino pela primeira vez em 1972. Eu havia acabado de ser admitido como aluno de Mestrado no laboratório do Leopoldo, que se chamava Laboratório de Contração Muscular. Meu projeto era sobre o processo de reversão da bomba de cálcio do retículo sarcoplasmático de coelho. Durante a entrevista com Leopoldo, eu disse que não tinha a menor ideia sobre aquele assunto nem sobre as técnicas que utilizaria, mas ele logo me tranquilizou dizendo que eu aprenderia - e assim foi de fato. No meu primeiro dia de laboratório, fui apresentado ao Sr. Isaltino que me pareceu ser uma pessoa muito amável (e era!). A descrição de Leopoldo era perfeita: era um homem pequeno, mas forte, com um bigode aparado com capricho. E eu acrescentaria: “com um sorriso agradável estampado no rosto”. Aquele sorriso ao me cumprimentar foi, para mim, um sorriso sincero de boas vindas, o que me deixou muito à vontade. Naquele laboratório, que funcionava em espaço cedido pelo Professor Antonio Paes de Carvalho, além de Leopoldo e Sr. Isaltino trabalhavam Antonio Luiz Vianna (ALV), braço direito de Leopoldo e doutorando na época, Maria Christina Fialho de Melo (doutoranda), Rafael Mira e Lopes (mestrando) e Cerli Gattass (mestranda), que também havia sido admitida naquele mesmo ano junto comigo. O ambiente no Instituto de Biofísica era empolgante, assim como era no Laboratório de Contração Muscular.

“*Como se prepara a fração de retículo sarcoplasmático?*”, perguntei para o Leopoldo. “*Fale com o Tininho*”, ele me respondeu. “*Eu preciso fazer soluções para preparar o retículo*” - “*Fale com o Tininho!*”. Assim, de forma bem rápida aprendi que tudo o que se fazia no laboratório passava pelo Sr. Isaltino, exceto as questões científicas que discutíamos com o Leopoldo e o restante do grupo. Dessa forma, todos os estudantes aprenderam a dar os

primeiros passos no laboratório sob orientação do Sr. Isaltino. Com o tempo, aprendi a chamar o Leopoldo de Leo, o Antonio Luiz Vianna de Lalá e o Sr. Isaltino de Tininho.

O convívio diário com Tininho permitiu que eu observasse a forma como ele trabalhava na bancada. Era calmo e metuculoso em tudo o que fazia. Se o protocolo experimental pedisse uma solução pH 7 e o pHmetro permitisse uma leitura com três casas decimais, a leitura no aparelho da solução preparada pelo Tininho seria pH 7,000 - nem mais, nem menos. A confiança nas concentrações e pH das soluções preparadas pelo Tininho era total. Se algo desse errado durante a experiência, desconfiávamos logo de erros por nós cometidos e não das soluções preparadas pelo Tininho.

Eu defendi a minha dissertação de mestrado no final de 1973 e, em janeiro de 1974, todo o Laboratório foi transferido para a Ilha do Fundão, no bloco G, 2º andar, onde ocupamos o final do corredor. O Tininho, claro, foi junto. Nessa época, Rosália Mendez Otero, Sergio Verjovski de Almeida e Michele Perret, três estudantes de Medicina, já haviam entrado para o grupo ainda na Praia Vermelha. Sérgio era orientado pelo Leo, Michele por Lalá e Rosália por mim. Como o grupo havia crescido, Leo decidiu que o Sr. Isaltino precisaria de ajuda e solicitou que eu o ajudasse a treinar um ajudante para o Tininho quando ainda estávamos naquele edifício cor de rosa. Um jovem morador da Praia Vermelha chamado Valdecir me foi apresentado e eu comecei a ensiná-lo a pipetar, como eu havia aprendido com o Tininho. Valdecir realizou dezenas, muitas dezenas, de curvas padrão de fosfato e proteínas até que os valores se tornassem reprodutíveis e confiáveis. Tininho acompanhou o desenvolvimento de Valdecir, pois eu mostrava os resultados obtidos para ele. Agora, na nova casa, na Ilha do Fundão, novos alunos de mestrado como Paulo Lacerda Beirão, Diogo Onofre de Souza, José Marcos Ribeiro, Maria da Gloria Costa Carvalho e Ernani Eduardo Trota se juntam ao grupo. Além deles, uma pós-doc americana, Martha M. Sorenson, junta-se ao grupo e fica até 1976. A vida no laboratório era muito animada, agitada e divertida, mas o trabalho para o lado do Tininho só aumentava... Pelo menos agora havia o reforço do Valdecir, o Vavá, como passamos a chamá-lo. Mesmo assim, a quantidade de trabalho para os técnicos era muito grande. O Leo percebeu esta pressão e solicitou que eu e Lalá procurássemos um novo ajudante para reforçar o corpo técnico. Eu e o Lalá havíamos percebido a presença de um rapaz, dentre o pessoal encarregado da limpeza do laboratório, que parecia curioso e fazia muitas perguntas. Ele foi chamado, aprovado e iniciamos o seu treinamento. Assim como Vavá, Antonio Carlos também realizou dezenas, mas muitas dezenas de curvas padrão de dosagem de fosfato e proteínas até retrainar suas mãos para as tarefas laboratoriais, já que elas estavam acostumadas ao trabalho pesado da limpeza. Lembro que na época não havia pipetas automáticas; eram de vidro. Logo nas primeiras semanas de treinamento eu estava ocupado, mas Antonio

Carlos, o Carlinhos como passamos a chamá-lo, parecia agoniado e resolveu me interromper e perguntou: “Masuda, quando é que vamos fazer a experiência da tinta?”. Eu levei alguns milissegundos para entender que ele se referia às dosagens colorimétricas! A minha gargalhada deve ter sido desconcertante para ele, pois ele não sabia por que eu estava rindo tanto! Passada essa fase inicial de treinamento, tanto Vavá quanto Carlinhos foram sendo, ao longo do tempo, meticulosamente moldados, em todas as atividades do laboratório por Tininho através dos seus conselhos e exemplo.



Laboratório do Leopoldo de Meis em 1975, no Instituto de Biofísica. Da esquerda para direita: Hatisaburo Masuda, Antonio Paes de Carvalho, Cerli Rocha Gattass, Paul Boyer, Martha Sorenson, Michele Perret, Maria da Glória Costa Carvalho, Leopoldo de Meis, Rosália Mendez-Otero, Paulo Lacerda Beirão, Sérgio Verjovski-Almeida e Isaltino (Tininho).

No final do ano de 1976, eu defendi a minha tese de Doutorado e mudei, junto com a família, para os EUA para um período de pós-doutorado até o final de 1978. Neste ínterim, Leopoldo, em um concurso público muito disputado, tornou-se Professor Titular do então Departamento de Bioquímica Médica do Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ. Um pouco antes do meu retorno para o Brasil, eu recebi uma carta assinada pelo Leo e pelo Lalá me convidando para

juntar esforços para transformar o Departamento de Bioquímica em um local onde a pesquisa e o ensino fossem os elos mais fortes. Eu aceitei de imediato!

O reencontro com Tininho foi no 2º andar do Bloco H no Centro de Ciências da Saúde, onde era o Departamento de Bioquímica Médica e, como de hábito, fui recebido com aquele sorriso aconchegante. Neste meu retorno, além dos colegas que eu havia deixado enquanto estava no exterior, encontrei novos docentes que haviam se juntado ao grupo do Leo, como Maria Helena Scofano e Adalberto Ramon Vieyra, e estudantes de pós-graduação, como Orlando Bonifácio Martins, Elias Walter Alves e Horácio Guimarães Motta. Poucos meses depois do meu retorno, Sergio Verjovski de Almeida também retornou do exterior e se juntou ao grupo. Este grupo de pessoas tornou-se o núcleo inicial no esforço de transformar o Departamento de Bioquímica Médica. Naquela época, éramos contratados como professores visitantes e não pertencíamos ao quadro permanente da Universidade. Em 1980, tornaram-se docentes concursados e compuseram o quadro permanente de professores Adjunto eu, Helena Scofano e Paulo Mourão que viera de São Paulo e, como Assistentes, Sonia Ubatuba, Adalberto R. Vieyra, Horácio Guimarães Motta e Vera Koatz. Dentre estes, Sonia era a única docente oriunda do grupo do Professor Lacaz que já estava no Departamento. O grupo recém-chegado ocupou uma parte do bloco H e dividiu o espaço com os docentes e funcionários do Professor Lacaz. Um enorme reforço foi a chegada de Martha M. Sorenson em 1983, contratada como Professora Visitante e que já havia sido pós-doc no laboratório de Leopoldo.

Inicia-se uma nova fase com a implantação de laboratórios de pesquisa independentes, diferentes da linha inicial implantada por Leo em retículo sarcoplasmático. Nesta nova fase, a influência direta do Tininho nos novos laboratórios foi se diluindo, pois ele continuou sendo o técnico do laboratório do Leo. Aos poucos, os outros laboratórios foram contratando seus próprios técnicos. Ainda assim, alguns dos novos técnicos tiveram a felicidade de conhecê-lo e com ele aprender um pouco. Os novos alunos do Leo continuaram a conviver com o Tininho e se beneficiaram com o seu convívio, até o dia do seu falecimento. O então Departamento de Bioquímica Médica cresceu com qualidade, com a entrada de novos docentes, e tornou-se o Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis.

Uma imagem muito comum do Tininho no laboratório, lembrada por Rosália e que certamente todos irão se recordar, é dele com o rosto levemente voltado para cima com os olhos fixos no fundo do frasco parecendo conversar com ele, provavelmente tentando avaliar a quantidade de experiências que aquele frasco de ATP ainda permitiria.

A querida Professora Vera Lucia G. Koatz, que muito cedo nos deixou, fez-lhe uma bela homenagem ao nomear seu laboratório como *Laboratório de Imunofarmacologia Celular Isaltino Soares*.

Transcrevo abaixo os comentários de alguns técnicos e cientistas que com ele conviveram:

"Eu admirava muito o Sr. Tininho.", **José Marcos Ribeiro (M.D., PhD, Senior Investigator-NIH, USA)**; "Poxa, falar do Sr. Isaltino é falar de uma grande pessoa. Eu mesmo tive esse prazer de ser orientado para o laboratório e, por que não, para a formação de Homem!", **Antônio Carlos "Carlinhos" (Técnico, IBqM)**; "Tininho foi o personagem mais importante no laboratório de Leopoldo de Meis. Quietos, baixinho, sempre pronto a ensinar o que fosse preciso para quem fosse. No entanto, Tininho era exclusivo do "chefe". Era ele que preparava todas as soluções a serem utilizadas pelo Leopoldo, montava o procedimento experimental segundo o protocolo elaborado diariamente por Leopoldo e deixava tudo pronto na bancada para o "maestro" realizar sua experiência do dia [...]", **Professora Maria Christina Fialho de Melo (IBCCF)**; "Lembro-me do seu jaleco impecavelmente branco e bem passado e de como ele era cheiroso e bem penteado...Ele era muito prestativo e não se importava de sempre ajudar os técnicos mais novos, sempre passando para nós os seus ensinamentos.", **Monica Freire (Técnica, IBqM)**; "O Seu Isaltino era a própria figura da seriedade [...]. Quando a gente usava um tampão de referência para medir o pH e sabíamos que tinha sido preparado por ele, isso significava que podíamos confiar cegamente no valor anotado no rótulo! [...] Embora de pequena estatura, sua presença era sentida e era referência para nós que estávamos lá. Queríamos fazer os experimentos bem feitos, como ele. Acho que ele percebia esse respeito nosso e se orgulhava do seu trabalho.", **Paulo Sergio Lacerda Beirão (Professor Titular, UFMG)**; "Por traz de seu óculos, o olhar atento e afetuoso [...] foi quem me ensinou a organizar corretamente a bancada [...] ensinamentos preciosos que também me ensinaram a ter boa postura diante de desafios da vida [...] um coração muito iluminado.", **Heloisa S. Coelho (Técnica, IBqM)**; "Ele me ensinou quase todos os macetes de um laboratório de pesquisa científica [...] como manusear pipetas [...] e outros aparelhos de laboratório na preparação de soluções de uso comum no laboratório, e foi como um pai para mim. Era uma pessoa que tratava a todos com muito carinho e sempre estava bem alinhado com sua bolsinha capanga inseparável. Para mim foi um grande incentivador para eu seguir na função e um amigo maravilhoso que sempre nos orientava para o bem e deixou muita saudade.", **Valdecir "Vavá" A. Suzano (Técnico, IBqM)**; "As hierarquias são muito rígidas no ambiente universitário. Mas, algumas pessoas, pouquíssimas, são capazes de vencer isto. O Tininho foi uma delas. Um técnico simples, humilde, modesto. Mas, com uma linda conduta, humana e profissional, se tornou uma pessoa chave durante muito tempo no lab do de Meis, conquistando todos nós pela sua grandeza profissional. Uma lembrança, duradoura, doce e

*exemplar.”, Diogo Onofre de Souza (Professor Titular, UFRGS); “Quando numa fria manhã de maio de 1976, muito cedo, cheguei ao Instituto de Biofísica e encontrei Leopoldo de Meis, bastaram poucos minutos para conhecer o Sr. Isaltino Soares. Que começou instantes depois a preparar – com cuidado, mas ao mesmo com segurança – o experimento que Leopoldo faria nesse dia. E ao longo de muitos anos ele nos transmitiu esse mesmo cuidado e nos ensinou a ter segurança [...] Encerro minha lembrança, recordando com emoção como ele nos estimulava a ter mais estudantes para orientar: Façam como Leopoldo, dizia.”, Adalberto Vieyra (Professor Emérito, IBCCF). “O Sr. Isaltino foi uma figura marcante durante os meus 4 anos de Iniciação Científica no Laboratório de Contração Muscular [...] Sempre calmo e sorridente, super organizado e prestativo. A imagem dele olhando (e conversando) com o frasco de ATP no início da manhã revela o cuidado dele com os reagentes, materiais e equipamentos do laboratório e a preocupação para que tudo estivesse pronto e que todos pudessem realizar seus experimentos.”, Rosália Mendez Otero (Professora Titular, IBCCF). “O Seu Isaltino repetia todos os dias, fielmente, a rotina de montar os experimentos do Leopoldo, as centenas de tubos de ensaio que o Leopoldo usava a cada vez. Sempre com uma dedicação incrível, com uma organização perfeita, com uma concentração total. O Sr. Isaltino me mostrou que, antes das ideias brilhantes de novos experimentos que eu achava que eu teria, eu precisava dedicar tempo e energia para manejar as centenas de tubos de ensaio [...]. O meu projeto era sobre o efeito do pH sobre a afinidade dos sítios de cálcio de alta e de baixa afinidade da ATPase do retículo sarcoplasmático. “Seu Isaltino” foi essencial nesse trabalho, pois ele era o especialista em manejar o famoso pHmetro de sucção, que aspirava alguns microlitros do meio de ensaio e media o pH. Nós todos aspirávamos líquido demais, e perdíamos volume demais dos meios de ensaio. [...] Sou eternamente grato a esse homem, que tanto me ajudou com seu exemplo e sua dedicação.”, Sergio Verjovski-Almeida (Professor Titular, USP); “Seu Isaltino era muito calado (talvez pela ausência de português da minha parte), mas eu descobri logo que ele era a chave de ouro para todas as soluções: ADP, ATP, Pi, pH certinho.... e tinha na gaveta um pequeno livro detalhando exatamente como prepará-las, quais os estoques necessários, e como guardá-los. Indiretamente, ele também ensinava como fazer o protocolo de um experimento. [...] Aprendi (protocolos para bioquímica) com Leopoldo, muito meticoloso; mas ele me contou que ele aprendeu com Seu Isaltino na Fiocruz. No início, confessou, ele tinha uma tendência a criar pontos “extras” durante a pipetagem, não planejados, até o dia que Seu Isaltino insistiu que, para um bom experimento, ele tinha que cumprir um plano e não inventar novidades.”, Professora Martha M. Sorenson (IBqM); “Conheci o Seu Tininho [...] (em) uma época em que a pesquisa em Bioquímica [...] (e) o sucesso dos experimentos dependia*

*muito mais da perícia e da atenção do experimentador do que nos dias atuais [...]. Por esse motivo, Seu Tininho era respeitado e mesmo cultuado no laboratório [...]. Não esqueço o cuidado com que ele inspecionava cada pipeta ou vidraria contra luz antes de utilizá-las, a calma na hora de pesar na balança, o cuidado com todos os equipamentos e na limpeza e organização do laboratório. Também não esqueço a risada larga que ele liberava nos momentos de descontração, da pessoa doce que se escondia debaixo daquela cara séria.”, Professor Paulo Cezar de Carvalho (IBqM).*

Esta figura emblemática está até hoje nos corações e mentes da maioria de nós, se não, de todos que tivemos a felicidade de conhecê-la.



Imagens de Isaltino no laboratório do 2º andar do bloco H do CCS, na época, Departamento de Bioquímica Médica. Provavelmente em 1980, após a transferência do Leopoldo de Meis para este departamento.

# **JÚLIO CESAR NOGUEIRA BARBOSA**

## *in memoriam*

Escrito por Octavio Aprigliano

Júlio Cesar Nogueira Barbosa ingressou no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF) trabalhando na Secretaria de Graduação (Figura 1). Sua função era dar apoio aos docentes que ministravam aulas nos anfiteatros do Centro de Ciências da Saúde (CCS). Uma de suas tarefas diárias era separar e distribuir os projetores de diapositivos e retroprojetores utilizados nessas aulas. Conheci Júlio César por conta de minha atividade docente no IBCCF. Lembro-me bem: todas as vezes que eu chegava ao anfiteatro para as aulas de Fisiologia, ele já estava lá, pontualmente, com tudo arrumado. Durante o ano de 1984 ocupei o cargo de Coordenador de Graduação do Instituto, tendo assim a oportunidade de me relacionar diariamente com ele. Quem convivesse com o Júlio algum tempo, logo perceberia estar diante de uma pessoa especial, inteligente e perspicaz.



Figura 1 - Secretária de Graduação do IBCCF: Aparecida (sentada), Maria do Carmo e Júlio.

No início de 1985 eu estava finalizando a montagem de meu laboratório, no antigo Departamento de Circulação e Biomecânica do IBCCF. Nessa época, durante um encontro informal com a Profa. Jeanette Torres da Matta, Coordenadora da Graduação, comentei que estava recrutando um técnico para o laboratório. Ela sugeriu que eu falasse com o Júlio, pois talvez ele se interessasse em mudar de função. Conversei então com ele sobre o laboratório e sobre a possibilidade de vir trabalhar conosco como auxiliar técnico. Diante de sua resposta afirmativa, iniciei tratativas com o Setor de Pessoal do Instituto, contando com o apoio da Coordenação de Graduação. Dessa forma, Júlio foi transferido e lotado no laboratório de Músculos Lisos do IBCCF.

Com temperamento afável e muito dedicado, Júlio logo conseguiu informações sobre os cursos para técnico de laboratório oferecidos pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Não demorou muito, já estava matriculado e frequentando um curso no IOC. Após esse período, ele incorporou-se integralmente às nossas atividades, tornando-se, em pouco tempo, o braço direito do laboratório. A pesquisa em curso tinha como modelo experimental a musculatura lisa do esôfago. Após um procedimento delicado de dissecação sob microscópio, a preparação era submetida a ensaios biológicos, estimulação elétrica dos plexos nervosos intrínsecos e registros eletrofisiológicos com microeletrodos. Persistente e habilidoso, Júlio logo aprendeu essas várias técnicas (Figura 2).

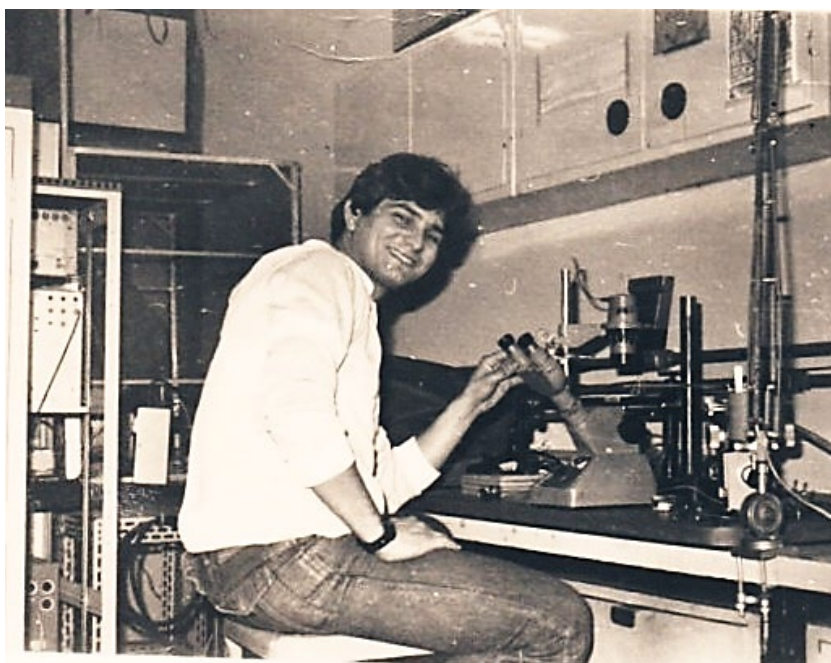


Figura 2 – Júlio no Laboratório: Ensaio Biológico

Para a realização dos experimentos do laboratório era quase sempre necessário confeccionar algum acessório em vidro. Eram microeletrodos, micropipetas, pequenas câmaras de perfusão, sifões e uma variedade de peças de tamanho reduzido. Júlio logo se interessou por aprender a fabricá-las. Num canto da bancada tínhamos um sistema para trabalhar com vidro, improvisando um maçarico com o bico de Bunsen. Ali ele já fabricava peças simples. Por vezes utilizávamos os equipamentos disponíveis no laboratório da Dra. Masako Masuda. Em outras oportunidades, tínhamos que recorrer a um vidreiro, cuja oficina ficava no subsolo do CCS. A oficina do vidreiro era bastante utilizada por outras unidades e nem sempre conseguíamos que nossos pedidos fossem concluídos a tempo. Por iniciativa própria, como era de seu feitio, Júlio obteve informações a respeito de um curso para vidreiro de laboratório, oferecido na Universidade Federal da Paraíba. E assim, após os procedimentos burocráticos de praxe, ele viajou, inscrito no curso de vidraçaria da UFPB. As técnicas por ele aprendidas no curso provaram ser extremamente úteis no laboratório, além de economizar tempo e recursos.

Com a substituição da estrutura departamental do IBCCF pelos Programas de Pesquisa, abriram-se novas perspectivas de colaboração entre laboratórios. Em parceria com a Dra. Masako O. Masuda (Laboratório de Eletrofisiologia Cardíaca – IBCCF) e com a Dra. Maria de Nazareth L. Meirelles (Laboratório de Ultraestrutura e Biologia Celular - FIOCRUZ), iniciamos um projeto conjunto (Figura 3). O objetivo era estudar a farmacologia adrenérgica e a eletrofisiologia de células cardíacas em cultura, infectadas pelo *Trypanosoma cruzi*. Dentre os projetos do laboratório, este era o que mais demandava do ponto de vista técnico. Devido à natureza das preparações tudo caminhava lentamente, em particular a aquisição de dados farmacológicos. E aqui, a contribuição do Júlio foi inestimável. Além de dominar tecnicamente todo o processo, com sua habilidade e criatividade elaborou vários sistemas para tornar a coleta de dados mais eficiente. Os primeiros resultados da colaboração com outros laboratórios foram apresentados em um Painel, no Congresso da FESBE de 1988<sup>1</sup>, em Caxambu, MG. Júlio participou ativamente dessa apresentação, respondendo perguntas sobre o sistema para os ensaios biológicos.

---

<sup>1</sup> Masuda, M.O.; Aprigliano, O.; Meirelles, M.N.L. ; Schunk, E.; Barbosa, J.C.N: Eletrofisiologia e Farmacologia de culturas cardíacas infectadas por *T. cruzi*. III Reunião Anual da Federação das Sociedades de Biologia Experimental, 76, 1988.



Figura 3 – Júlio no Laboratório – Eletrofisiologia Cardíaca

Nosso laboratório também participava do programa de Iniciação Científica da UFRJ, recebendo estudantes dos cursos de Biologia e Medicina. Era comum ver o Júlio pacientemente ajudando os alunos com dificuldades técnicas, ou participando com eles do “Journal Club” do laboratório. Ávido por aprender, costumava me pedir emprestados livros de Fisiologia da graduação para ler em casa. E sempre retornava com dúvidas pertinentes.

Com o passar do tempo, Júlio foi se tornando um profissional de laboratório de primeira linha. Ainda durante seus anos no IBCCF, Júlio casou-se com Sandra e graduou-se como Bacharel em Física (Figura 4). Querido por todos que o conheciam, gostava de esportes e era socialmente muito ativo em sua comunidade (Figura 5).



Figura 4 - Obtenção do bacharelado em Física



Figura 5 - Almoço comemorativo no IBCCF em 22/12/1983. Em pé (da esquerda para a direita): Serginho, Aparecida, Júlio, Judas Tadeu, Marly. Sentados (da esquerda para a direita): Haroldo Camacho, Moacyr, Malu e Sandrinha.

Um dia, em meados de março de 1989, Júlio não pode comparecer ao trabalho. Sentia-se mal e veio acompanhado da esposa ao CCS para ser atendido

no ambulatório do Hospital Universitário. Infelizmente a suspeita diagnóstica era de uma doença grave. Nesse mesmo dia ele foi internado, vindo a falecer no domingo, 16 de abril de 1989. A morte de Júlio causou grande consternação em toda a comunidade do IBCCF. Uma homenagem póstuma foi realizada no anfiteatro do Instituto, com a presença de Carlos Chagas Filho e do corpo social.

Júlio já não estava mais entre nós quando o artigo pleno do projeto conjunto foi publicado<sup>2</sup>, sendo ele um dos autores. Para os que o conheceram permanece viva a memória do amigo e companheiro de trabalho.

---

<sup>2</sup> O. Aprigliano, M.O. Masuda, M.N.L. Meirelles, M.C.S. Pereira, H.S. Barbosa e J.C.N. Barbosa\*: Heart muscle cells acutely infected with *Trypanosoma cruzi*: characterization of electrophysiology and neurotransmitter responses. *J. Mol. Cell Cardiology* 25: 1265-1274, 1993.

# MARIA HELENA AMARAL DA SILVA – MALET

## *in memoriam*

Escrito por Patrícia Franca Gardino

### **Família, Histórias e Formação**

No ano de 1942, em 19 de junho, nascia na cidade do Rio de Janeiro uma das mais importantes representantes do quadro administrativo do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF): nossa querida Maria Helena Amaral da Silva (Figura 1), a Malet. E assim vou tratá-la neste texto.

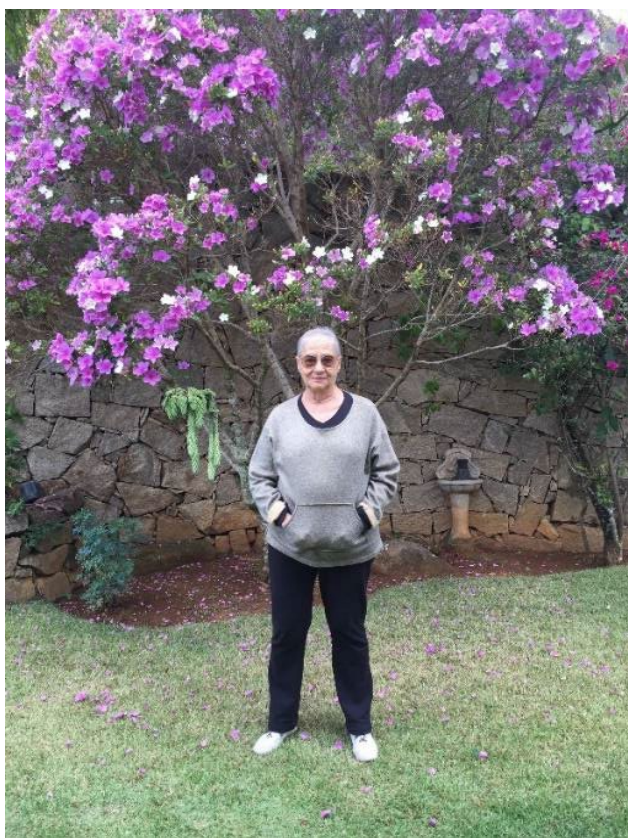


Figura 1 - Malet e seu manacá preferido em Araras (2016).

O pai, Sr. Raimundo Ferreira da Silva, tinha uma farmácia e a mãe, Vitalina do Amaral Silva, o ajudava indo, com frequência, pessoalmente à casa dos clientes. Era comum, na época, a aplicação de injeção nos doentes em suas

residências. Na verdade, foram várias farmácias ao longo de muitos anos, tanto no Rio quanto nas cidades do interior do estado, como Volta Redonda, Pinheiral, Laranjal e outras. Malet os acompanhava e, assim, viveu muito tempo em diferentes cidades do interior.

A farmácia de Copacabana atendia à família Mello Franco, que morava nas proximidades. Dona Vitalina, mãe de Malet, fazia atendimento residencial aos Mello Franco e ficou amiga da esposa de Afrânio de Mello Franco, diplomata e político brasileiro. A coincidência é que, anos depois, a filha do casal Mello Franco, Anna Leopoldina de Mello Franco, se casou com o cientista Professor Carlos Chagas Filho, fundador do IBCCF. Parecia que a história de Malet estava mesmo ligada à do IBCCF desde então, que foi criado três anos depois de seu nascimento, em 1945.

A família de Malet cresceu quando nasceu a segunda filha do casal, Maria Cristina da Silva Souteiro, em 1947, que chegou a trabalhar também na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), porém na Faculdade de Medicina, e por apenas um ano, parando quando se casou. Em meados dos anos 1950, e com a idade de 13 ou 14 anos, seus pais voltaram para o Rio de Janeiro, na época ainda a capital da República. Logo depois, em 1957, nascia Marilda Cristina do Amaral Camara Lima, que, na verdade, era prima de Malet, mas que foi criada como filha, no seio da família Amaral da Silva, e assumida como irmã.

Já então de volta ao Rio de Janeiro foram morar em Jacarepaguá, na região da Taquara, e logo Malet foi absorvida pela educação formal no Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht. Lá estudou e concluiu o que hoje equivale ao Ensino Médio. Malet contava que teve professores que a instigavam na leitura e na cultura. O francês que ela entendia e lia bem, foi dessa época. Tempos bons, de excelentes professores. Talvez por isso, além da boa formação educacional, esse ambiente a tenha iniciado em sua busca incessante por cultura, arte, literatura e música. Tornou-se assim uma apreciadora lúcida e entusiasta da vida. Leitora incansável de livros diversos, era capaz também de ler todo dia o jornal inteiro e corrigir enganos de articulistas famosos como Affonso Romano de Sant'Anna. Esse caso, especificamente, ocorreu quando num artigo de jornal de grande circulação, nos idos de 1970-80, Affonso Romano de Sant'Anna confundiu a autora do brilhante livro *O Amante*, Marguerite Duras, com Marguerite Yourcenar, outra excelente escritora francesa. Tal engano foi desfeito por Malet em carta a Affonso Romano de Sant'Anna, que, com humildade, se corrigiu para o público, agradecendo à Sra. Maria Helena Amaral da Silva. Grande Malet!

## **IBCCF, Malet e Homenagens**

Mas voltemos um pouco no tempo. Em meados dos anos 1960, Malet, através de indicação feita pelo marido de uma de suas primas, funcionário da UFRJ, começa a trabalhar no IBCCF, na época ainda da Praia Vermelha.

Nesses anos outras secretárias atuavam do IBCCF, entre elas as chamadas irmãs Leão Teixeira que eram Maria Luiza, Anna Maria, Ida Maria, Maria Lina e Celina, esta última a única que nunca trabalhou no IBCCF. Trabalharam sempre com diferentes Professores do IBCCF, e Malet conviveu com todas, e todas foram muito importantes na sua vida.

Dr. Chagas decidiu, então, encaminhar Malet para o novo Laboratório de Radioisótopos. Lá ela iniciou seu trabalho, como secretária deste novo laboratório sob a chefia do Professor Eduardo Penna Franca (Figura 2). A implantação de um laboratório para radioisótopos e a formação de pessoal capacitado foram os primeiros desafios do Professor Penna Franca, e sua criação foi pioneira no Brasil. Na verdade, a admissão oficial de Malet na UFRJ se deu no cargo de Assistente de Administração em 11 de agosto de 1967. A partir daquele momento, sua presença foi se tornando imprescindível na tarefa de secretariar, não só o Professor Penna Franca, como todos os outros pesquisadores a ele vinculados, como foi o caso do grupo do Professor José Carlos Cabral de Almeida, ligado ao Laboratório de Radioisótopos. Com ele trabalhavam o futuro Professor Marcello André Barcinski, Maria do Céu A. Abreu, Maria Lina Leão Teixeira entre outros.



Figura 2 - Malet tendo ao seu lado direito o Professor Eduardo Penna Franca na Biofísica. Na foto, em pé à esquerda de Malet: Carlos Eduardo Guinle da Rocha Miranda, Gustavo de Oliveira Castro, Darcy Fontoura de Almeida, Eduardo Oswaldo Cruz. Sentados: Antonio Paes de Carvalho, Leny Alves Cavalcante, Aída Hasson-Voloch e Maria Aparecida Esquibel.

Pouco depois que Malet foi incorporada ao laboratório do Professor Eduardo Penna Franca, este ficou responsável pela avaliação ambiental pré-operacional dos arredores da usina atômica de Angra dos Reis e, por isso, algumas regiões no entorno da futura usina foram investigadas. Assim, diversas vezes os membros dos laboratórios fizeram coletas e análises, tendo para isto alugado uma casa na Praia do Frade, em Angra dos Reis. Malet se envolveu muito nas atividades dessa época, pois participava sistematicamente do trabalho de campo e das idas a Angra dos Reis. Reforçava sua admiração pelos cientistas e alunos de pós-graduação, mas o mais importante era que fazia muitos amigos, muitos deles para a vida.

Com a ida do Professor Penna Franca para a direção do IBCCF (1967-1980), Malet segue no trabalho de secretariá-lo, mas se envolvendo numa tarefa hercúlea. Ele a colocou como encarregada de organizar o convênio com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), e pode ter sido aí que Malet deu os primeiros passos para a contabilidade. Na época, não era oferecido pelo IBCCF a oportunidade de centralização das contabilidades e, assim, cada laboratório fazia seus pedidos de verbas e as administrava.

Nesta tarefa ocorre a consolidação do primeiro grande acordo institucional através do convênio com o BNDES, talvez o primeiro acordo nacional realizado entre o Banco e uma universidade. Nos anos 1960/1970, o BNDES tinha o objetivo de ser o órgão formulador e executor da política nacional de desenvolvimento econômico, mas o governo daquele momento designou o Banco como principal agente financeiro de uma nova empresa, a futura empresa Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). No segundo semestre de 1967, foram aprovadas as primeiras operações no BNDES dentro de uma nova sistemática, que, entre outras iniciativas, autorizava o financiamento para a elaboração de estudos e pesquisas específicas, destinados a impulsionar o desenvolvimento social e científico. Este foi o primeiro passo para a criação da FINEP. Professor Penna Franca coordenou este convênio, que mudou os rumos do IBCCF e foi uma peça importante na política de fomento à pesquisa institucional. Neste sentido, Malet foi fundamental e seu trabalho foi enorme. Nasceu aí, e com ela, o broto do que por muito tempo foi chamado de Setor Financeiro (hoje renomeado como Setor de Apoio a Projetos).

Talvez tenha sido nesse momento que nossa Malet assumiu uma perspectiva mais abrangente profissionalmente, com um trabalho financeiro ímpar. O setor diversificou suas atividades para atender aos pesquisadores do IBCCF bem como de outros institutos. De fato, o Setor Financeiro, surgido na década de 1970, em parte ideia da Malet, foi criado para gerenciar não só o convênio FINEP, mas também os projetos individuais ligados ao CNPq, FAPERJ, CEPEG-UFRJ, CAPES e outros, inclusive internacionais. Além dos grandes convênios que se seguiram ao primeiro entre o IBCCF e o

BNDES/FINEP, o setor assumiu também os da FINEP subsequentes, os diversos projetos integrados do CNPq que envolviam mais do que um grupo de pesquisa, PRONEX, INCT, apenas para citar alguns. Também atuou viabilizando importações, pagamentos de insumos nacionais ou importados e prestações de contas. Malet e outros funcionários do setor passaram a gerenciar não só os projetos de pesquisa, como referido anteriormente, mas também outros projetos no sentido de viabilizar grandes mudanças tecnológicas que atenderiam o IBCCF como um todo.

Malet serviu ao IBCCF por quase 53 anos. Nos últimos anos, mesmo aposentada, continuou trabalhando e tirava “férias” apenas nos recessos de fim de ano. Ensinou a vários jovens a tarefa de entender a contabilidade dos projetos de pesquisa financiados por diferentes órgãos. Indicava com precisão o que se podia comprar, ou não, com determinada verba. Não era tarefa fácil. Não houve quem não a tenha consultado – os diversos diretores, diferentes coordenadores da Pós-Graduação e muitos de seus professores e alunos –, e a todos ela convidava para um cafezinho e os ajudava. E ela foi importante porque como se diz “vestiu a camisa” do IBCCF. Vestiu a camisa de cada professor-pesquisador e de cada aluno de pós-graduação com quem teve contato, deste Instituto e de outros, como o Instituto de Biologia, o Instituto de Bioquímica Médica e outros de fora da UFRJ. Na verdade, ela vestiu a camisa da Ciência.

Seu trabalho foi homenageado e merecidamente reconhecido, pelo menos, duas vezes. A primeira foi em 2007, na Conferência Carlos Chagas Filho, quando o IBCCF reconheceu a importância de seu trabalho e dedicação, conferindo-lhe o Prêmio João Carlos Timóteo Leite. A segunda foi em 2016, na comemoração dos 55 anos do Centro de Genética Médica José Carlos Cabral de Almeida, quando, além dela, foram também agraciadas com medalhas a Dra. Doris Rosenthal e Sandra Maria de Brito Oliveira.

## **Amigos e Generosidade**

De sua participação no grupo do Professor Eduardo Penna Franca na área de Angra dos Reis, Malet fez outros grandes amigos. A convivência com esses grupos consolidou laços de amizade entre todos. Não foi estranho que o Professor Eduardo tenha sido padrinho de uma de suas sobrinhas, Daniela, que é filha de Maria Cristina. Nesta época, ela conviveu com os filhos de Maria Lina, tendo laços de amizade e afeto por todos. Malet conviveu também com os quatro filhos de Marcello Barcinski e foi madrinha de seu segundo casamento, com Teresa. Um caso conhecido de muitos foi o da caçula de Marcello, Mariana, que praticamente só usava as roupas que ficavam pequenas nos três irmãos mais velhos, todos meninos. Malet deu a ela seu primeiro vestido e Mariana nunca se esqueceu disso! E nem Marcello, que foi seu amigo a vida toda.

Das irmãs Leão Teixeira - Maria Luiza, Ida Maria, Maria Lina, Anna Maria, esta carinhosamente chamada de Donana pelo Dr. Carlos Chagas Filho, e Celina -, Malet se tornou muito amiga. A amizade era tanta que Malet morou com a Donana e a mãe por muito tempo, até se mudar para seu próprio apartamento. Para Maria Lina, Malet era como uma irmã. Nos últimos tempos, os sábados foram dedicados a ótimos almoços na casa de Celina, muitas vezes com algumas das outras irmãs.

Malet fez amizades em todos os departamentos, depois chamados programas temáticos do IBCCF, e em toda UFRJ. Sou testemunha de algumas dessas grandes amizades. Aglai Penna Barbosa de Souza, então professora e pesquisadora do grupo de Eduardo Oswaldo Cruz, foi uma de suas grandes amigas, e elas fizeram diversas viagens pelo Brasil. Tinham ótimas histórias para contar, principalmente sobre a viagem para Bahia. Posso me considerar uma grande amiga de Malet também. Fizemos ótimos programas culturais por bons anos. Cinema, exposições e eventos eram nossos preferidos, às vezes com outras amigas, como Tecia Maria Ulisses de Carvalho, Narcisa Leal da Cunha e Silva e Marcia Attias. Os cafés e lanches às sextas-feiras eram sagrados. Nestes, outros amigos eventualmente se juntavam: Maurício José Thurler Tecles, Sandra Maria de Brito Oliveira, Christianne Bandeira de Melo, Silvana Allodi. Fizemos também ótimos almoços na casa da Professora Jan Nora Hokoç, em Araras, sempre com grupos de outros amigos, como os Professores Fernando Garcia de Mello, Rafael Linden e Maria Cristina F. de Mello (Figuras 3 e 4).



Figura 3 - Malet com amigas do IBCCF. Malet com Sandra, Christianne e Susana na Contabilidade IBCCF (imagem à esquerda). Malet com Gabriela, Letícia e Sandra na Festa Junina (2019) (imagem à direita).



Figura 4 - Malet com amigos. Malet com Nora Hokoç, Mauricio Tecles e Robert Sommers, em Araras (2012) (imagem à esquerda). Em Araras com amigos no Natal de 2014 (imagem à direita).

Sua generosidade com os amigos era imensa. Sempre que saíamos, Malet tinha que comprar alguns presentes de aniversário ou de Natal. Eram muitos, posso afirmar. Todos os nascimentos de bebês eram anotados e brindados por ela.

No jardim deste Instituto, suas cinzas foram lançadas por sua família, na presença de Marilda, bem como de muitos amigos que estavam também presentes. As cinzas estão na jabuticabeira (Figura 5) amada e cuidada por Malet até não poder mais frequentar o Instituto. Malet faleceu em 4 de outubro de 2019. Hoje a jabuticabeira a homenageia, traz sua memória e dá frutos.



Figura 5 - Os amigos presentes com a Jabuticabeira ao fundo (2019) (imagem acima). Homenagem à Malet, no descerramento da placa “A Jabuticabeira da Malet” (imagem baixo à esquerda). Carina, Marilda e Alexandre (imagem abaixo, à direita).

Este texto representa muito pouco da importância de Maria Helena Amaral da Silva para o IBCCF, mas foi escrito para dar uma ideia de sua generosidade e profissionalismo. Foi escrito graças à ajuda de Sandra Maria de Brito Oliveira, Marcello André Barcinski, Aglai Penna Barbosa de Souza,

Maurício José Thurler Tecles, Jan Nora Hokoç, Christiane Bandeira de Melo e de sua irmã mais nova, Marilda. A versão final foi revista pela Linguista Maria Marta Pereira Scherre. A mim, coube a honra de sua redação final.

## NEILA DE ALMEIDA SOARES

Escrito por Fernando Garcia de Mello

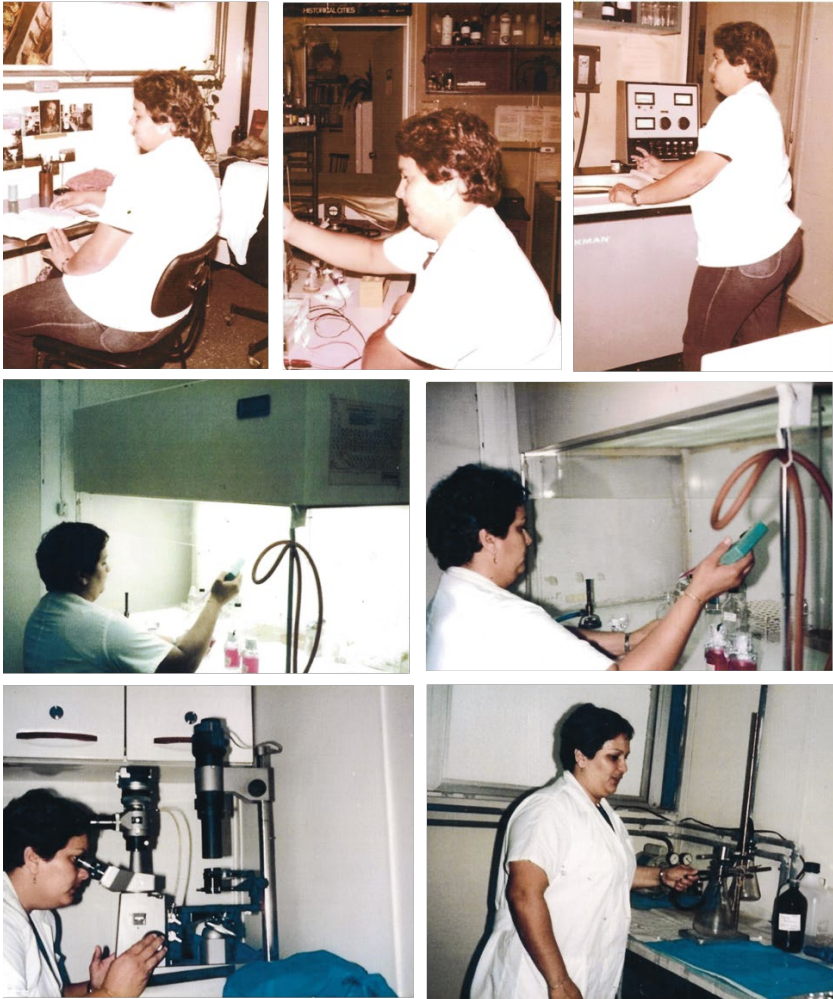
Neila era filha de Moacyr Soares, funcionário do então Instituto Oswaldo Cruz, onde trabalhava como técnico do laboratório de Walter Oswaldo Cruz. Em 1979, Mecia Maria de Oliveira sondou Moacyr sobre a indicação de nomes que pudessem auxiliar na condução de trabalhos em um laboratório recentemente criado no Instituto de Biofísica da UFRJ e que estaria sob a chefia de Anna Francisca Falcato Ribeiro. Foi nesse contexto que Neila chegou ao Instituto, em 1979.

Em 1982, tendo em vista o falecimento de Anna Francisca, Neila passou a dividir suas funções entre dois importantes grupos de pesquisa do Instituto, sendo um deles o grupo diretamente coordenado pelo Professor Carlos Chagas Filho e o outro, liderado por Aída Hasson-Voloch. Nesses laboratórios, Neila desenvolveu seu aprendizado, que envolvia não só metodologias com uso de animais, no caso o Peixe Elétrico, como também técnicas de química quantitativa, uma rotina no laboratório da Aída.

Nesse mesmo período, o Laboratório de Neuroquímica, que iniciara suas atividades em 1977, necessitava de auxiliares técnicos para seu funcionamento de forma adequada. Foi dentro desse contexto, que Aída solicitou a Neila que nos ajudasse na condução das atividades neste laboratório, acumulando suas funções nos três laboratórios que servia. Em pouco tempo, Neila passou a ser técnica exclusiva de nosso laboratório, onde assimilou as técnicas ali utilizadas. Ficou responsável por toda atividade associada ao cultivo primário de células retinianas, demonstrando grande apreço e responsabilidade pelo que fazia. Nesse período, o laboratório contou com vários estudantes de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado. Neila, além de ser uma profissional responsável, era sem dúvida uma pessoa de trato agradável e amiga sincera, interagindo com todos com profissionalismo e amizade.

Neila, juntamente com Aurisete Nunes Bizerra e o então doutorando Roberto Paes de Carvalho, foram de suma importância na condução do laboratório durante um período de dois anos, em que Maria Christina e eu fomos para um período sabático em Chicago nos EUA, em 1984.

Em 11 de Julho de 1997, Neila se aposentou depois de 18 anos de convívio diário com o grupo do Laboratório de Neuroquímica. Embora sua decisão tenha sido a de se afastar das atividades que exercia profissionalmente, Neila manteve o vínculo afetivo com todos aqueles que com ela conviveram ao longo de seus períodos de treinamento junto ao laboratório.



Neila realizando experimentos e atividades no Laboratório de Neuroquímica, década de 1980.



Neila no lançamento do livro “Meu Pai”, de Carlos Chagas Filho, em 1993. Na imagem acima, Neila aparece com Carlos Chagas Filho e suas filhas Anna Margarida à frente, Maria da Gloria e Silvia Amélia, ao fundo.

**RAYMUNDO FRANCISCO BERNARDES**  
*in memoriam*

Escrito por Ricardo Gattass

**Pedra Fundamental do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho**



Raymundo Bernardes nasceu numa quarta-feira em Santa Bárbara, Minas Gerais, no dia 1º de maio de 1924. Com treze anos, veio para o Rio de Janeiro, para morar com parentes. Serviu ao exército em 1942. Em 1949 casou-se com D. Mariana e tiveram dois filhos: Carlos (1960) e Denise (1964). Em 1990, nasceu sua neta Thaís.

Aos 27 anos (em 1951), após trabalhar em uma mercearia no Rio de Janeiro, foi trazido pelo Professor Carlos Chagas Filho para o Instituto de Biofísica da UFRJ, como auxiliar de laboratório. Ele começou a trabalhar com o Professor Carlos Eduardo Guinle da Rocha Miranda em 1953, e continuou sua atividade de apoio à pesquisa no laboratório de Neurobiologia II até 1998, quando do afastamento do Professor Carlos Eduardo para um cargo na Academia Brasileira de Ciências.

No antigo prédio da Praia Vermelha, Raymundo atuou em todos os projetos do então Laboratório de Neurobiologia sob a direção de Eduardo Oswaldo Cruz e Carlos Eduardo da Rocha Miranda, sendo responsável por técnicas de Fotografia, Anatomia, Histologia e Eletrofisiologia.

Em 1955, Raymundo fez estágio com a Dra. Denise Albe-Fessard no Instituto Marey em Paris, França (Figura 1). A Dra. Fessard, em seu depoimento publicado no livro “The History of Neuroscience in Autobiography”<sup>3</sup>, tece um comentário sobre Raymundo que garante o seu destaque entre os “Construtores do Instituto de Biofísica”:

Microphysiologic recordings were later made in the bulbar command nucleus with Szabo, and at the electroplaque level in Rio in 1953 and 1954, where I was helped by the young researcher Carlos Eduardo Rocha-Miranda and a skillful technician, Raymundo Bernardes, who, using the microforge, made the best microelectrodes I have used”. (capítulo de Denise Albe-Fessard, p.15).<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> The History of Neuroscience in Autobiography. Edited by Larry R. Squire, Volume 1, Pages 2-607 (1998):  
<https://www.sciencedirect.com/bookseries/the-history-of-neuroscience-in-autobiography/vol/1/suppl/C>

<sup>4</sup> Capítulo de Denise Albe-Fessard:  
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1874605598800030>



Figura 1 - Raymundo Bernardes em Paris, França.

Conheci o Mestre Raymundo Bernardes ao chegar ao Laboratório dos Eduardos em 1967. Eu fiquei muito impressionado com sua habilidade de fazer com maestria todas as inúmeras tarefas que os Professores Eduardo Oswaldo Cruz e Carlos Eduardo Rocha Miranda davam para ele. Pareciam tarefas impossíveis, mas ele fazia a histologia dos animais de todos os projetos, fotografava e revelava tudo que tínhamos que fazer e ainda servia um cafezinho bem brasileiro, que ninguém resistia. Sua habilidade e eficiência eram impressionantes. Quando um dos Eduardos tinha uma tarefa experimental sem solução, difícil de executar, no outro dia o Mestre Bernardes aparecia com uma solução com a simplicidade de um gênio (Figura 2).



Figura 2 - Dupla maravilhosa: Raymundo e Carlos Eduardo Guinle da Rocha Miranda

No Laboratório de Neurobiologia II, com Carlos Eduardo Rocha Miranda, Raymundo liderou equipes de Cirurgia, Eletrofisiologia, Histologia, Histoquímica, Microscopia e Comportamento. Teve atuação crucial em todas as linhas de pesquisas, além de continuar colaborando em projetos dos novos laboratórios do Departamento de Neurobiologia da UFRJ, chefiados por muitos da primeira geração de discípulos de Eduardo Oswaldo Cruz e Carlos Eduardo Rocha Miranda (Ricardo Gattass, Aglai Penna Barbosa de Sousa, Roberto Lent, Jan Nora Hokoç, Rafael Linden, Leny Alves Cavalcante, Rosália Mendez Otero e Eliane Volchan).

Aprendi a fazer eletródios e a fazer registros eletrofisiológicos com o Mestre Bernardes. Ele havia ensinado eletrofisiologia aos Professores Paulo Sarayva e Bráulio Magalhães Castro, antes de mim. Seu talento no preparo de um corte histológico serviu de ensinamento para as Professoras Heloisa Magalhães Castro, Jan Nora Hokoç, Leny Alves Cavalcante e Rosália Mendez Otero.

Raymundo elaborou e produziu inúmeros aparatos essenciais para o desenvolvimento dos projetos. Sua ação não se limitou ao laboratório de Carlos Eduardo, mas se fez presente em todos os outros laboratórios do Programa de Neurobiologia do IBCCF, sempre ajudando na resolução de problemas técnicos, que pareciam insuperáveis, mas que eram contornados por ele com extrema destreza, criatividade e inventividade.

Sua personalidade firme e doce me ensinou que o compromisso com o experimento científico era para ser respeitado. Eu havia combinado com ele para fazer um registro eletrofisiológico no tálamo de um gambá, começando de

manhã cedo, mas fui pego de surpresa por um incidente no Pronto-Socorro do Hospital Souza Aguiar e atrasei duas horas para chegar no laboratório na Praia Vermelha. Raymundo havia preparado o animal, com a veia canulada e anestesiado, pronto para registro eletrofisiológico às 8h da manhã. Quando cheguei pouco depois das 10h, o animal já estava de volta ao biotério. Pedi desculpas por não ter avisado e aprendi que o compromisso combinado era sagrado e tinha que ser respeitado.

Em 1985, Raymundo se formou em Biologia e passou a Técnico de Nível Superior da UFRJ. Suas contribuições científicas foram documentadas (mas não se limitam a estas!) em publicações como *The Brain Opossum - A Cytoarchitectonic Atlas in Stereotaxic Coordinates*, (Oswaldo Cruz e Rocha Miranda, 1968), em 14 artigos do livro *Opossum Neurobiology* (Lent e Rocha Miranda, Eds., 1978), além de ser co-autor em 15 artigos publicados em periódicos internacionais. Até sua aposentadoria em 2001, Raymundo Bernardes contribuiu diretamente para a realização de 15 dissertações de mestrado e 19 teses de doutorado e indiretamente para inúmeras outras.

Sua personalidade, educação e competência, aliadas à sua disposição e talento de ensinar, fizeram com que Raymundo sempre estivesse rodeado por alunos e professores que lhe demonstravam muito carinho (Figura 3 e 4). Ele contribuiu para a formação de várias dezenas de estagiários de iniciação científica e pós-graduandos, que multiplicaram seus ensinamentos em instituições de pesquisa em todo país e no exterior. Como exemplo podemos citar os grupos de Neurociências da UFPA, UFPE, URFN, UFRGS, UERJ, UFF e UnB. Da mesma forma, e não por acaso, vários neurocientistas homenageados pela Sociedade Brasileira de Neurociências conviveram e tiveram sua formação e carreiras junto a Raymundo Bernardes. São eles: Eduardo Oswaldo Cruz, Carlos Eduardo Rocha Miranda, Ricardo Gattass, Eliane Volchan, Luiz Carlos Silveira, Rubem Carlos Araújo Guedes.



Figura 3 - O Carinho pelo Raymundinho.



Figura 4 - Aniversário de 80 anos de Raymundo – Fotos de 5/5/2004

Em 2014, na comemoração de seu 90º aniversário, foi homenageado pelo Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da UFRJ, onde ganhou uma placa em reconhecimento à sua contribuição à ciência<sup>5</sup>. A placa de Raymundo Bernardes localiza-se ao lado da oferecida à Rita Levi-Montalcini, prêmio Nobel de Medicina.

Minha amizade, respeito e admiração pelo Mestre Raymundo Francisco Bernardes fizeram com que eu o acompanhasse em duas intervenções cirúrgicas que ele teve que fazer. Nessas ocasiões, testemunhei o reconhecimento e

---

<sup>5</sup> Tributo à Raymundo Bernardes - 30 de abril de 2014.  
<https://www.youtube.com/watch?v=mfmVur85kZ8>

admiração dos médicos que o atenderam, que haviam passado pela Biofísica, durante seus cursos na Faculdade de Medicina.

Nós do Programa de Neurobiologia e do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho somos gratos pela oportunidade de termos convivido com esta pessoa rara, de caráter ilibado e competência exemplar, além de humor doce e aguçado e de convivência muito fácil e prazerosa. Ele certamente tem uma posição de destaque entre os construtores do Instituto de Biofísica.

Raymundo sempre foi muito especial como mestre, marido, pai e avô (Figuras 5 e 6). Ele nos deixou em 2019, falecendo em 29 de agosto deste ano.



Figura 5 - D. Mariana e Raymundo Bernardes



Figura 6 - Raymundo Francisco Bernardes e sua família.  
(Carlos Eduardo, Raymundo, D. Mariana, Denise e Thais)

Por seu talento e carreira, A SBNeC, Sociedade Brasileira de Neurociências e Comportamento, criou o Prêmio Jovem Neurocientista Raymundo Bernardes, para inspirar novas gerações, visando à formação dos futuros neurocientistas no país com princípios baseados na seriedade, competência, profissionalismo, dedicação, criatividade e solidariedade.

(Este texto teve a colaboração dos membros do Programa de Neurobiologia, especialmente de Leny Alves Cavalcante, Aglai Penna Barbosa de Sousa, Cecilia Hedin Pereira e Claudio Serfaty.)

# Entrevistas

## ADVALDO NUNES BEZERRA

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Denise Pires de Carvalho e Erika Negreiros

Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)

Data: 25/03/2021

**Wanderley de Souza: Advaldo, o nosso objetivo é obter informações que só você sabe. Como é que você chegou no Instituto de Biofísica? Em que data? Quem foi que te trouxe, quem é que te apresentou, como é que você entrou aqui?**

Advaldo Nunes Bezerra: Eu morava na Rocinha, em São Conrado. Eu morava na casa do meu irmão que já era funcionário há muito tempo do professor Eduardo Penna Franca.

**Wanderley de Souza: Na Praia Vermelha. Como é que era o nome do teu irmão?**

Advaldo Nunes Bezerra: Arnaldo Nunes Bezerra, já falecido. E foi aí que surgiu uma vaga na Anatomia, e não assinava carteira, eu tinha que esperar.

**Wanderley de Souza: Em que ano foi isso?**

Advaldo Nunes Bezerra: dois de janeiro de 1968, eu tinha 24 anos e estava terminando o ginásio. Eu vim direto para a Anatomia, foi a vaga que surgiu. Fiquei um pouco mais de um ano, só que não aguentei ver cortar a cabecinha de uma criancinha (peça cadavérica) de um aninho, porque o Walter, meu filho, tinha essa idade...

**Wanderley de Souza: Vem cá, antes disso. Você se lembra como você chegava lá nas instalações da Anatomia?**

Advaldo Nunes Bezerra: Me lembro. Eu descia ali na Praia Vermelha, subia, ia direto para o terceiro andar.

**Wanderley de Souza: Depois da anatomia, você foi para qual laboratório? Primeiro foi para o Jacques Friedman?**

Advaldo Nunes Bezerra: Não, eu fiquei com a Doutora Doris Rosenthal, mas meu chefe era o Luiz Carlos Lobo.

**Érika Negreiros: O que fundou o NUTES (*Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde*)?**

**Wanderley de Souza: Exatamente, que depois fundou o NUTES.**

**Denise Pires de Carvalho: Mas ele não era da Anatomia...**

Advaldo Nunes Bezerra: Não, isso já era na Biofísica, eu trabalhava no laboratório da Doutora Doris, lá em cima no terceiro andar da Praia Vermelha. A Doutora Doris mandava no laboratório, mas o chefe era o Luiz Carlos Lobo.

**Wanderley de Souza: É que o andar era o mesmo, era junto da Anatomia. E na Biofísica, você foi em que ano?**

Advaldo Nunes Bezerra: Em 1968. Em 1967 eu cheguei na Anatomia, mas não gostei e fui embora. Aí o Arnaldo, de novo, me chamou dizendo que tinha uma vaga no laboratório da Doutora Doris, que o professor Luiz Carlos Lobo queria falar comigo. Cheguei lá e ele disse o que eu tinha para fazer. E fiquei fazendo isso por quarenta e sete anos...

**Wanderley de Souza: E o que você fazia? O que você fazia quando chegava?**

Advaldo Nunes Bezerra: Fazia a limpeza e ia ajudar com a vidraria, aquilo tudo. Lavava a vidraria, limpava o chão, fazia faxina... Eu fazia tudo no laboratório.

**Érika Negreiros: Trabalhava com os animais também?**

Advaldo Nunes Bezerra: Não, lá na Praia Vermelha, não. Animais só quando eu cheguei aqui no Fundão.

**Wanderley de Souza: Quando chegou em 1969, o Luiz Carlos Lobo foi embora para Brasília, ajudar a fundar a UnB. Ele era sobrinho ou primo do Chagas (*Carlos Chagas Filho*). Era muito influente na época, ele sempre foi uma pessoa muito ativa...**

Advaldo Nunes Bezerra: Aí começou com professor Luiz Carlos Lobo, Jacques Fridman, Doutora Doris e depois a Doutora Denise (*Denise Pires de Carvalho*).

**Wanderley de Souza: Marcello Barcinski também apareceu por aí, José Carlos Cabral de Almeida, esse pessoal todo começou ali naquele ambiente...**

Advaldo Nunes Bezerra: É, mas eles nunca foram meus chefes, não. Meu chefe mesmo foi Luiz Carlos Lobo, Doutor Jacques Fridman, Doutora Doris e Doutora Denise. Foram quatro chefes que eu tive e sempre na Fisiologia Endócrina.



Congresso de Endocrinologia no Hotel Glória/RJ. Década de 1960 (Acervo EMCCF). Da esquerda para direita: Luiz Carlos Galvão Lobo, Eduardo Penna Franca, Carlos Chagas Filho, Jacques Fridman, José Carlos Cabral de Almeida e Doris Rosenthal. Nessa foto identifica-se alguns chefes do Advaldo.

**Denise Pires de Carvalho: Mas eu acho que eles se conheceram no IEDE (*Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia Luiz Capriglione*), não foi?**

**Wanderley de Souza: Eu não sei onde é que foi, mas eu sei que quando eu conheci o Marcello Barcinski, ele trabalhava lá no terceiro andar e muito ligado ao setor de Citogenética.**

**Denise Pires de Carvalho: A origem deles é no IEDE. A Medicina Nuclear do IEDE era o Jacques...**

Advaldo Nunes Bezerra: Depois comecei a desenvolver aqui com animais, dissecava e suturava, e comecei a dar aula prática para os alunos. Colaborei de alguma forma com 36 teses de mestrado e doutorado... Recebi uns três livros, sendo um da França e outro de um doutor que foi para a Espanha.

**Denise Pires de Carvalho: Advaldo foi quem me ensinou tudo que eu sei.**

Advaldo Nunes Bezerra: Wanderley, o Paulo Mansur me arrumou uma vaga para eu fazer o rato dormir por quatro horas para o Ivo Pitanguy. Fiquei dois meses indo para lá e ganhei dinheiro para comprar uma moto 125. Um dia o professor Pitanguy falou para mim: “*Chegou meu mestre anestesista!*”. Porque não tinha quem fizesse o rato dormir por quatro horas e não podia deixar ele morrer para fazer a microcirurgia. Nunca falei isso para a Denise...

**Denise Pires de Carvalho: Tem uma vocação incrível para fazer cirurgia em pequenos animais. Veja que ele não gostava da Anatomia... No ser humano ele não gostava, mas nos animais tinha aptidão! (risos de todos).**

Advaldo Nunes Bezerra: Mas Denise, o fato de eu não gostar de Anatomia é porque quando o Walter nasceu, estava bonitinho, eu vi que estavam serrando a cabeça de um garotinho (*cadáver*) e eu gritei que não podia fazer mais aquilo...

**Denise Pires de Carvalho: Por que você achou que parecia seu filho, não é?**

Advaldo Nunes Bezerra: É. Aí foi uma confusão, até o exército foi lá e tudo por causa de mim. Eu disse que não era para fazer uma coisa daquela, roubar um bebê de um ano? Mas isso aconteceu comigo e eu fiquei muito estressado. Eu gritei: “*Para!*”. Eu gritei, com vinte e poucos anos.

**Wanderley de Souza: Ficou traumatizado.**

Advaldo Nunes Bezerra: Traumatizado. Porque parecia que estavam mexendo com o meu filhinho. E o Walter era muito bonito quando novinho, com meses, e o garotinho foi roubado para lá. O exército foi e multou o laboratório. A Doutora Doris deve saber disso, foi uma confusão danada lá.

**Wanderley de Souza: Era do lado do laboratório da Doris. Terminava a Anatomia e tinha o laboratório do Firmino (*Firmino Torres de Castro*) e de Endócrino ao lado.**

Advaldo Nunes Bezerra: Eu falava com o Edil (*Edil Saturato da Silva*) na porta da sala do laboratório de Fisiologia Endócrina, eu daqui, e ele na porta ao lado. A gente sentia o cheiro forte do formol. Mas eu tinha uma ajuda muito grande do pessoal, atenção, eu amolava os materiais cirúrgicos que as pessoas levavam aos montes para lá.

**Denise Pires de Carvalho: Você ensinou muita gente. Só os alunos que eu ensinei com o que aprendi com você, só aí tem um monte!**

Advaldo Nunes Bezerra: A Tamar (*Tamar Gomes Pinheiro Frankenfeld*) disse que me deve muito. E eu disse, de jeito nenhum! Eu tinha um prazer danado de ficar lá.

**Denise Pires de Carvalho: O que o Advaldo não sabia, eu dizia assim para ele: “*Vamos descobrir?*”. Não era, Advaldo?**

Advaldo Nunes Bezerra: É, eu não sabia qual era o órgão que eu estava dissecando, mas ela começou a me ensinar. Aí eu sabia dissecar, por exemplo, a hipófise, a tireoide...

**Denise Pires de Carvalho: Aprendemos juntos! E ele dava aula.**

Advaldo: Eu dava aula prática. Não era aula escrevendo, nem nada. O pessoal dissecava tudinho, a hipófise inteirinha como eu fazia. Eu tirava 6ml de sangue da jugular de um rato de 350 gramas...

**Wanderley de Souza: Não ficava nada, né?**

**Denise Pires de Carvalho: Nada, dissecava mesmo.**

Advaldo Nunes Bezerra: Fazia sutura interna e externa.

**Wanderley de Souza: Eu aprendi muita coisa com o Alexandre (Aderbal Alexandre Alves). Alexandre, Raimundo (Raimundo Bernardes) eram super respeitados.**

Advaldo Nunes Bezerra: Alexandre era um mestre. Raimundo também era.

**Denise Pires de Carvalho: Mas quando o Advaldo fazia essa sangria na jugular, o rato estava vivo. Foi ele quem me ensinou a tirar sangue da jugular.**

**Érika Negreiros: Mas como é que você aprendeu? Quem ensinou para você?**

Advaldo Nunes Bezerra: O finado Garibaldi. Criamos até aquela gaiola metabólica que foi usada na defesa de uma tese.

**Wanderley de Souza: Esse eu não conheço. Quem é Garibaldi?**

**Denise Pires de Carvalho: Foi um aluno, mas eu não o conheci. Ele veio do Nordeste fazer uma tese com a Doris, não foi?**

Advaldo Nunes Bezerra: Fizeram uma tese de mestrado aqui na Biofísica. Na Praia Vermelha eu não trabalhei com animal, lá só foi a parte de laboratório como limpeza, lavagem de material, essas coisinhas. O laboratório não era tão forte como quando passou a ser aqui...

**Denise Pires de Carvalho: Eu acho que o Garibaldi era contemporâneo da Tamar, não era do IEDE? Porque esse Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia era o lugar para formar endocrinologista do Brasil inteiro. O Garibaldi era da Paraíba ou do Maranhão?**

Advaldo Nunes Bezerra: Do Maranhão. Quando Garibaldi foi defender a tese de mestrado da atividade metabólica que eu ajudei a fazer, quando foi para patentear, o Garibaldi foi ser diretor lá de Pernambuco, aí de lá ele passou mal e morreu. Não sei que doença ele tinha.

**Denise Pires de Carvalho: Ele nem chegou a defender a tese, mas ele que ensinou ao Advaldo, e depois o Advaldo que começou a ensinar a gente. Mas isso foi bem antes de eu chegar.**

Advaldo Nunes Bezerra: Foi, eu aprendi mesmo a desmanchar um rato. Eu dissecava um rato todinho, dissecava pecinha por pecinha para juntar. Eu dissecava a calda e o rosto do rato todinho, com aquela paciência. Eu tinha tempo...

**Erika Negreiros: Quanto tempo para terminar?**

Advaldo Nunes Bezerra: Ah, não era um dia só que eu fazia isso, não. Eram uns dois a três dias. Eu tinha que fazer outras coisas aqui também. Não é puxando o saco, não! Estou sendo realista. É que a Denise é muito dedicada, ela é mansinha, mas ela é braba e tem que respeitar porque ela é inteligente (risos de todos). Eu vou aproveitar, porque eu nunca disse isso para você!

**Erika Negreiros: Em qual período da Faculdade de Medicina você entrou no laboratório, Denise?**

**Denise Pires de Carvalho: Eu entrei em 1983, estava no quarto período. Eu tinha...**

Advaldo Nunes Bezerra: Ela tinha uns nove a dez anos? (risos).

**Denise Pires de Carvalho: Eu sou da turma do Heitor (*Heitor Siffert Pereira de Souza*) da Clínica Médica, sou da turma da Terezinha Marta (*Terezinha Marta Pereira Pinto Castineiras*) do CTD (*Centro de Triagem Diagnóstica para COVID-19 da UFRJ*).**

Advaldo Nunes Bezerra: Ela veio para meu Biotério uma garota. Você tinha quanto? Uns dez anos mais ou menos?

**Denise Pires de Carvalho: Eu tinha 18 anos! (risos de todos).**

Advaldo Nunes Bezerra: Eu ia para Ilha Grande, um de vocês tinha casa lá...

**Denise Pires de Carvalho: Era a casa de praia do meu pai.**

Advaldo Nunes Bezerra: Wanderley, eu ensinei a dissecar um rato, daqui a pouco ela estava desgastando o rato todinho! Decisiva que fala, né?

**Denise Pires de Carvalho: É, mas quando a gente gosta, né? Advaldo ficava de longe assim e dizia: *Nossa, você hoje vai gastar vidraria. Não era, Advaldo? (risos).***

Advaldo: Mas ela cortava e cortava. Daqui a pouco parei de ensinar, e ela já dava até para me ensinar, sabia?

**Wanderley de Souza: Como vocês anestesiavam o animal naquela época?**

Advaldo Nunes Bezerra: Para ser longo, era no éter em uma cuba de vidro, parecido com um Becker de dois litros, para ter espaço e ele não morrer asfíxiado.

**Denise Pires de Carvalho: Ele colocava um colchãozinho de algodão com éter, eu me lembro! Conta o que você inventou, conta para o professor Wanderley o que você inventou para o rato ficar muitas horas dormindo...**

Advaldo Nunes Bezerra: Ah, eu criei uma abertura que colocava o cheiro saindo para ele no algodãozinho, para ele ficar cheirando e eu observando para ele não parar o batimento cardíaco. Tinha que acompanhar o movimento...

**Denise Pires de Carvalho: Tinha uns vidrinhos, colocava éter e ficava ali, afastava um pouco do focinho do rato, juntava mais...**

Advaldo Nunes Bezerra: A gente vai se dedicando para ver se cresce mais. O que é que eu vou descobrir? Depois vinha a Doutora Doris e me explicava esse órgão aqui, esse é outro, aquele que fica pertinho dos rins, é a adrenal. O pâncreas eu dissecava todinho, o baço era fácil.

**Denise Pires de Carvalho: Mas Advaldo, deixa eu te dizer uma coisa, foi você que desenvolveu essa anestesia de longa duração. O pessoal colocava o rato assim, lembra? Prendendo aqui com a mão e o rato saía machucado. E qual foi a outra coisa que você desenvolveu? Fala o que você fez, que você descobriu, como é que fazia?**

Advaldo Nunes Bezerra: Eu pegava ele no dorso e dominava desse jeitão aqui, um bicho de 300 gramas.

**Denise Pires de Carvalho: Para injetar intraperitoneal...**

Advaldo Nunes Bezerra: Intraperitoneal, subcutânea... Eu descobri que no dorso ele não mordida, porque ele ficava lerdo, ficava mole, mas sem machucar.

**Denise Pires de Carvalho: Ele ensinou aos alunos, e eles diziam aos alunos novos: “Olha aqui como eu sou mágico!”. Aprendeu com esse mágico aí! (risos de todos). Mas fala da mesa cirúrgica. Como é que você fazia na mesa cirúrgica? Você lembra que você passava aquele barbante para prender a patinha?**

Advaldo Nunes Bezerra: Ah, sim! Para ele ficar todo à vontade para poder dissecar as vísceras que eu precisava. Eu colocava um barbante de um lado e outro de outro, mas não machucava, não. Sabe aqueles dois dentinhos grandes dele? Eu colocava para ficar por trás da cabeça dele, aí ele ficava paradinho.

Fazia o que tinha que fazer, a sutura interna ou externa, depois ia fechar e ele saía meio tonto.

**Denise Pires de Carvalho: Você tinha que ter patenteado aquela mesa cirúrgica.**

Advaldo Nunes Bezerra: É, o pessoal ficava louco por isso. E foi criado por vontade, porque eu tinha vontade de aprender. Todo mundo é inteligente, mas igual a ela é difícil (falando da Denise). Ela colocava um olho assim quando era bom e eu ficava feliz, mesmo quando era novinha, essa garota veio para cá com uns dez anos...

**Denise Pires de Carvalho: Eu tinha 18 anos! (risos).**

Advaldo Nunes Bezerra: Denise, eu tive um elogio por parte da Microbiologia. Eu fui chamado para sangrar um rato, arrumado pelo Paulo Mansur, que disse que a pesquisa mais bonita que tinha era na Fisiologia Endócrina. Com animais vivos, você vê tirar o órgão, fazer a dissecção, fazer a sutura, o implante, o que for necessário.

**Wanderley de Souza: E o Jacques Fridman, você lidou muito com ele?**

Advaldo Nunes Bezerra: Ele era tipo nervoso... Até porque ele batia com o carro, batia na porta. Ele se machucava, dava um chute na cadeira ... (risos de todos).

**Denise Pires de Carvalho: Quando eu cheguei, ele já não estava mais no laboratório.**

Advaldo Nunes Bezerra: Wanderley, se o Doutor Carlos Chagas tivesse aqui, ou a Doutora Doris, iam falar a mesma coisa. Mas ele era assim. *“Doutor eu arrumei isso direitinho, olha como é que o senhor fez aqui”*. Aí ele dava um chute, se algo caía no chão ele não apanhava, era assim.

**Denise Pires de Carvalho: Conta como ele injetava iodo no rabo do rato.**

Advaldo Nunes Bezerra: Ah, como injetava iodo... Eu: *“Doutor, quem injeta sou eu, porque esse é o iodo-125”*. Eu tinha um maior medo do mundo! Ele para mim: *“E por que não eu?”*. Aí eu pegava o rato e preparava o subcutâneo para ele, e ele *pum!* - o iodo batia na parede (risos de todos). Isso não aconteceu só uma vez, não. Eu dava certinho para ele injetar, bem em cima do tecido, e ele *pum!* Aí eu: *“Doutor, não adianta nada”*.

**Denise Pires de Carvalho: Eu morria de rir do Advaldo contando as histórias**

Advaldo Nunes Bezerra: Mas não é brincadeira, não. Pode perguntar para a Doutora Doris.

**Denise Pires de Carvalho: Conta para eles a coisa que você tinha mais medo no laboratório. Com o que você não gostava de trabalhar?**

Advaldo Nunes Bezerra: Com o iodo radioativo I-131.

**Wanderley de Souza: Você tinha medo de que?**

Advaldo Nunes Bezerra: Vou falar o que eu falei para todo mundo, eu sou realista. Um dia eu subi no elevador com aquele tubinho de chumbo transportando o iodo. A dosagem era pequena, mas eu ia no elevador. Aí o cara disse: “*Sabia senhor Valdo...*”, - não era senhor Valdo, não. Era Valdo porque eu era novo - “*Sabia Valdo, que isso daqui deixa a pessoa brocha?* (risos). Eu cheguei no laboratório e fui logo falar com Humberto Jorge, que era da Fisiologia Endócrina. Foi ele que me atendeu lá no hospital de Ipanema para fazer cirurgia de hérnia de disco. Bom camarada! Ele disse: “Não, Valdo! Não é assim, não”. Mas nunca mais eu confiei naquilo. Tomei cuidado até demais. Eu lavava minha mão que ficava enrugada... (risos).

**Wanderley de Souza: Mas vem cá, naquela época tinha muita saída de campo para a região de Minas, Poços de Caldas, para ver radioatividade?**

Advaldo Nunes Bezerra: Eu não ia.

**Wanderley de Souza: Você não acompanhava?**

Advaldo Nunes Bezerra: Não! Eu só ia ao laboratório do Penna Franca (Eduardo Penna Franca) e do Wolfgang (*Wolfgang Christian Pfeiffer*), se a Doutora Doris ou a Denise mandassem eu ir pegar um troço lá. Eu ia bem devagarinho para pegar...

**Wanderley de Souza: Morrendo de medo! (risos).**

**Denise Pires de Carvalho: Se Advaldo chegasse no laboratório e eu dissesse: “*Hoje vou trabalhar com iodo*”, o Advaldo dava: “*Tchau*”. (risos).**

**Wanderley de Souza: Mas vem cá, como você era pago aqui? Você era servidor?**

Advaldo Nunes Bezerra: Olha, o meu salário sempre foi muito pequeno aqui. O que melhorou mesmo o meu salário foi no governo Lula, que ele deu plano de cargo de salário e meu salário dobrou.

**Wanderley de Souza: Mas como é que você entrou no quadro, foi na época do Horácio Macedo?**

Advaldo Nunes Bezerra: Por uns dez anos eu fui da Fundação José Bonifácio (FUJB).

**Wanderley de Souza: Quase todos os técnicos aqui do Instituto, pelo que estou percebendo nas entrevistas que estamos fazendo, foram efetivados na época da gestão do Horácio Macedo como Reitor. Os que eram bons, porque os que não eram, pegava um auxílio e saía. Mas para todos eles, a grande felicidade foi o Horácio Macedo que, ao assumir a reitoria, e eu me lembro do discurso, ele falou assim: “Vou ser um reitor diferente. Está escrito aqui que o reitor tem autonomia de gestão, então eu vou contratar todos os técnicos bons que estão por aqui.”**

**Érika Negreiros: E você foi nessa época?**

Advaldo Nunes Bezerra: Sim, foi na época do Horácio que foi quem efetivou os técnicos do nível A e do nível B. Eles exigiram se a gente tinha alguma prova de curso, aí eu disse: “*Eu tenho três diplomas da Fiocruz*”.

**Wanderley de Souza: Muita gente criticou o Horácio, mas não foi culpa dele, porque ele chegou e disse o seguinte: “Vou contratar todos os técnicos e o pessoal administrativo da universidade que estão prestando um bom serviço”. Aqui na Biofísica foi uma confusão porque foi montado uma comissão para identificar quem é que era bom e quem é que não era. Teve gente que não foi. Só que em outros lugares foi todo mundo...**

**Wanderley de Souza: Advaldo, você se aposentou quando?**

Advaldo Nunes Bezerra: Fiquei quarenta e sete anos aqui, de 02 de janeiro de 1968 até final de 2015.

**Wanderley de Souza: E o que você está fazendo?**

Advaldo Nunes Bezerra: Nada, só no sítio! (risos). Eu tenho um sítio pequeno em Maricá, um lugar chamado Bambuí, perto de Ponta Negra, conhece? São dois quilômetros para a praia. Aí eu tenho sinuca, karaokê, churrasqueira e haja carne para lá, agora que o dinheiro está pouco, a gente coloca uma linguicinha. Ficou bonita a entrada da minha casa, pintei bonitinho, branquinho. Pintei com cor de cenoura com branco e aqueles pés de bougainville em cima do meu muro. Toda hora que eu chego lá eu fico apaixonado, é muita rosa que eu tenho. Cuido da rosinha, tenho tesourinha pequena, tesourinha grande, tenho uma água maravilhosa de poço artesiano.

**Wanderley de Souza: Então você tem tudo lá! Planta alguma coisa?**

Advaldo Nunes Bezerra: Só não tenho dinheiro! Não planto porque não moro lá. Fico uma semana aqui e uma semana lá. Vou amanhã e volto sexta, aí sexta eu fico uma semana aqui.

**Wanderley de Souza: Está tendo muito caso de COVID? Porque eu sei que o Amílcar (Amílcar Tanure) colocou uma estrutura lá.**

Advaldo Nunes Bezerra: Lá ainda não tem nada desses casos, não (*se refere à COVID-19*). Não tem vírus não, graças a Deus, até agora, não. Hoje eu falei com o rapaz que toma conta da minha casa lá.

**Wanderley de Souza: É no sítio. No sítio não tem isso, não. Deve ser igual a Teresópolis, na área que eu tenho casa não tem tanto caso de COVID.**

Advaldo Nunes Bezerra: É porque é pouca gente. Eu não moro lá direto porque é calmo demais e eu sou meio agitado. Eu gosto de uma “zoeirinha”, jogar um buraco, andar por aqui, sabe.

**Wanderley de Souza: Onde você nasceu?**

Advaldo Nunes Bezerra: Eu sou paraibano. Sou de um lugar chamado Lagoa Seca, pertinho de Campina Grande.

**Wanderley de Souza: E veio para o Rio com que idade?**

Advaldo Nunes Bezerra: Vim para o Rio, assim que saí do exército, de João Pessoa, em 1964.

**Wanderley de Souza: Como você saiu de lá e veio para cá?**

Advaldo Nunes Bezerra: A situação lá era ruim demais. E para buscar o meu sonho, gosto das coisas boas, bonitinhas, queria ter uma vida melhor e cheguei de Campina Grande, eu acho que comecei o ginásio e terminei aqui. E sempre tive o apoio da família.

**Wanderley de Souza: E se você pegar um rato hoje, você faria? Ia lembrar de tudo?**

**Denise Pires de Carvalho: Tudo!**

Advaldo Nunes Bezerra: Me lembro, rapaz! sim.

**Denise Pires de Carvalho: Capaz de fazer melhor que a gente. Ah! Foi um papo muito bom! Com o Advaldo sempre é um papo ótimo, eu estava com saudade.**

**Érika Negreiros: Foi ótimo! E qualquer coisa que lembrar, dá para complementar.**

Advaldo Nunes Bezerra: Também é muito tempo. É que são quarenta e sete anos para lembrar de muitas coisas assim...

**Wanderley de Souza: Você tem foto com a Denise com dez anos?**

Advaldo Nunes Bezerra: Não, não (risos).

**Erika Negreiros: Denise, a gente descobriu! Você veio para cá com dez anos, não foi com dezoito, não! (risos).**

**Denise Pires de Carvalho: Precoce...**



Foto da esquerda – José Avelino (Zezinho) e Advaldo, na Faculdade de Educação Física da UFRJ. Foto da direita – Advaldo, mais recentemente.



Membros do Laboratório de Fisiologia Endócrina – IBCCF, em diferentes momentos. Da esquerda para direita: Foto de cima – Em destaque Advaldo, Denise Pires de Carvalho, Doris Rosenthal e Vania Maria Correa da Costa. Foto de baixo – Norma Lima de Araujo Faria, Advaldo, Denise e Vania entre alunos do laboratório.

## ANDRE BENEDITO DA SILVA

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 23/07/2021

### **Wanderley de Souza: Quando você entrou aqui no Instituto de Biofísica?**

André Benedito: Entrei no Instituto de Biofísica no dia primeiro de abril de 1982, no Laboratório de Radiobiologia Molecular. Lá estavam os professores Luiz Renato Caldas, Rex Tyrrel, Ann Gunsalus Miguel, Salatiel Menezes, Alvaro Leitão e Roberto Alcantara Gomes, além da Crellir Monteiro como técnica.



Membros do Laboratório de Radiobiologia Molecular do Instituto de Biofísica, em 1983/1984. Foto da esquerda – Alunas Viviane, Bernadete Soares da Silva, Regina Santiago Carvalho, Claudia Lage e Luiz Renato Caldas e Ann Gunsalus Miguel entre duas ex-alunas. Foto da direita – Rex Tyrrel e Ann Gunsalus Miguel, ao seu lado.

### **Wanderley de Souza: E como é que você entrou aqui? Como é que você chegou?**

André Benedito: Eu tive uma entrevista inicialmente com o professor Alvaro Leitão. Na verdade, meu pai, Milton Telles da Silva, já prestava alguns serviços aqui no Instituto. Ele mantinha alguns laços de amizade com alguns professores, tais como Eduardo Penna Franca, Romualdo José do Carmo, Wolfgang Christian Pfeiffer, Masako Masuda, Ricardo Gattass e Cerly Gattass. Isso, antes de eu vir para cá. Mas ele era lotado no setor de manutenção do CCS (*Centro de Ciências da Saúde*), no Bloco K. Aqui no Instituto, ele prestou alguns serviços quando o Sr. Tadeu era Pauloinistrador do CCS. E também, trabalhou de forma

particular para alguns professores que requisitavam seus serviços. Desta forma, foi criando laços de amizade, inclusive de frequentar a residência de alguns, tais como dos professores Romualdo, Penna Franca, Massako e até do professor Jorge Guimarães, no qual esses encontros aconteciam nos finais de semana em sua residência em Teresópolis. A minha vinda para o Instituto aconteceu num pequeno deslocamento do restaurante do CCS, no qual eu trabalhava na época como cozinheiro, por ocasião de alguém ter avisado ao meu pai do surgimento de uma vaga para auxiliar de laboratório na Radiobiologia, chefiada pelo professor Alvaro Leitão. O restaurante era apelidado Minhocão do CCS. Comecei lá em 1979, como auxiliar de cozinha. Depois fui a cozinheiro e, com o advento da dispensa do chefe de cozinha, fui indicado pelos administradores a assumir o cargo com o respaldo de ganhar um pouco mais. Assim cheguei a chefe de cozinha.

**Wanderley de Souza: E o que você fazia, qual a sua especialidade?**

André Benedito: Havia alguns pratos nobres, tais como escalopinho ao molho madeira, filé mignon Oswaldo Aranha, filé de peixe ao escabeche... São alguns dos pratos que eram preparados com um certo glamour.

**Wanderley de Souza: E então como você foi lá para o Alvaro?**

André Benedito: O Alvaro foi indicação do meu pai dizendo o seguinte: *“Surgiu uma oportunidade para trabalhar no laboratório e eu gostaria de saber se você tem interesse”*. E eu sempre tive um sonho muito grande de ter uma ascensão na vida, então se eu tivesse uma oportunidade de trabalhar no laboratório, aquele era momento! E aí eu larguei tudo o que eu estava fazendo e fui para o laboratório do professor Alvaro Leitão, na época. O professor gostou da entrevista, me submeteu a uma análise de cálculos, e nesse teste ele fez uma avaliação. Me disse que eu estava contratado e que poderia vir tal dia.

**Wanderley de Souza: E então, você recebia uma bolsa?**

André Benedito: Na época em que ele conversou comigo, disse que iria tentar me contratar através da Fundação José Bonifácio, que era o único veículo da época para entrar na universidade, porque não havia condições de entrar na universidade diretamente sem concurso.

**Wanderley de Souza: Então você começou fazendo o que no laboratório? Lavando vidros, esterilizando, ou já foi direto para experimentos?**

André Benedito: Na verdade eu comecei a aprender uma série de coisas dentro do laboratório. Fiquei um certo tempo olhando o laboratório, estudando todo o laboratório, e inclusive lavava vidros, fazia de tudo. Lavei vidraria, fiz meio de cultura, preparei experimentos... Enfim, tudo!

**Wanderley de Souza: Você conviveu com o Alcantara Gomes?**

André Benedito: Convivi com o professor Roberto Alcantara Gomes, era muito simpático. O professor Caldas, então... Era uma pessoa super amigável, muito familiar. Tive várias conversas com ele, eu entrava no escritório do professor Luiz Renato Caldas e nós ficávamos horas conversando...

**Wanderley de Souza: Até quando ele foi Reitor (*Reitor da UFRJ de 1977 a 1981*), vinha para o Instituto umas duas vezes por semana. Ele dizia que na reitoria só tinha problemas e que precisava ter satisfação. Então queria saber dos experimentos, o que a Redutona estava fazendo... (Risos).**

André Benedito: Muitas vezes eu conversava com ele sobre esses assuntos de ciências, ele falava dos pesquisadores antigos, contava algumas teorias. Enfim, conversas muito enriquecedoras, foi uma época muito rica que nós passamos. Eu nunca me esqueço disso, que nós tínhamos uma interação muito grande.

**Wanderley de Souza: E como foi a sua formação? Você tinha que idade?**

André Benedito: Quando eu cheguei no Instituto de Biofísica estava completando meus 20 anos. Eu já tinha terminado o ensino médio em 1980. Em 1981 e em 1982 eu tentei o vestibular, mas estava um tanto confuso quando entrei no laboratório, porque a minha intenção sempre foi ser Analista de Sistemas - sistemas eletrônicos, computação eletrônica. Tanto é que eu me formei também como programador, mas o meu desejo principal era ser Analista de Sistemas ou Programador de computadores. Na época isso era a coisa do momento porque era mundial. E eu fiz alguns cursos, inclusive do professor Gattass, onde eu aprendi muito sobre linguagem de programação. No Instituto, o professor Gattass era um dos pioneiros em computação. No laboratório, eu comecei a trabalhar na parte de Biologia, mas eu não me sentia tão seguro fazendo curso de Biologia na faculdade. Então eu comecei a querer sair, porque eu não estava vendo sucesso no futuro. Quando eu comparava os alunos de mestrado e doutorado que estavam integrados ensinando as atividades dentro do laboratório aos alunos de iniciação científica, eu observava que não havia uma segurança monetária, de emprego, e isso me deixava muito desesperado. Eu me sentia muito desconfortável. Mas, mesmo assim, também me senti estimulado em aprender uma série de coisas dentro do laboratório. Consegui aprender uma série de técnicas e comecei a ler livros de Biologia, incentivado pela professora Regina Carvalho, que na época era aluna do laboratório. Então, por estímulo dela e também pelo apoio do professor Alvaro Leitão, eu comecei a estudar Biologia no laboratório. E eu chegava com muitas questões para o Alvaro, e nós tínhamos diálogos muito bons, muito ricos. O Alvaro sempre foi

um pai para mim, uma pessoa que sempre me ajudou muito! E eu vou dizer que ele me direcionou, me chamou a atenção, brigou comigo... Então era uma pessoa que me educava quando eu estava com uma idade que precisava disso. Ele me orientava no que eu tinha que fazer, o que eu tinha que aprender dentro do laboratório, e soube também dizer no momento em que eu comecei a sair da linha. Ou seja, eu vendo todos os problemas que eu tinha em relação à estabilidade e segurança em termos da vida social dentro do laboratório, comecei a me interessar em cursar Economia, justamente na tentativa de migrar para a área de Análises de Sistemas. Eu precisava de uma faculdade, pelo menos de Economia ou de Administração, porque aí eu estaria inserido no mercado de trabalho na área de sistemas. Então, primeiro eu comecei a fazer um curso de Computação Eletrônica numa instituição Israelense (*curso ORT*), em Botafogo, no qual aprendi as linguagens e a fazer programação em *COBOL e Assembly*, que era uma linguagem de máquina mais sofisticada. Inclusive nos permitia criar programas na linguagem de máquina, o que era muito enriquecedor na época, e era uma base que eu precisava, principalmente para a parte de Análises de Sistemas. Então fiz o vestibular para Economia e passei. Na época era Cesgranrio, e eu optei pela Universidade Gama Filho em Piedade, porque como a universidade era privada, eu poderia fazer o curso no horário que eu queria. Fiquei um ano cursando Economia nesta universidade. Porém, o Alvaro se sentiu um pouco desconfortável com isso, porque ele queria ter alguém no laboratório que realmente se dedicasse à Biologia. Então ele me chamou a atenção em relação a isso, inclusive junto com o professor Roberto Alcantara, e me fizeram uma oferta, dizendo o seguinte: *“Realmente teremos que contratar outra pessoa, porque não temos interesse em alguém que está fazendo economia, porque queremos uma pessoa que aprenda as coisas do laboratório e se dedique à parte da Biologia”*. Eu achei muito correto o que eles falaram, e pensei que eu tinha que fazer alguma coisa para corrigir isso, já que eu tinha um apoio do professor Alvaro nesse sentido. Então ele me disse o seguinte: *“Se você fizesse um curso de Biologia, nós poderíamos até te apoiar!”*. Na época não tinha condições, meu salário era para pagar a faculdade e, como eu era solteiro, só vivia do vale transporte. Quando o Alvaro disse que poderia me ajudar, caso eu fizesse o curso de Biologia, imediatamente fiz outro vestibular da Cesgranrio, mas não tive sucesso. Então fiz o vestibular interno da Faculdade Souza Marques e consegui passar e, logo no ano seguinte, me desvinculei da Economia.

### **Wanderley de Souza: Trancou a economia e foi fazer Biologia. Como foi no laboratório?**

André Benedito: Isso, fui fazer Biologia. Aí eu realmente senti um apoio, a convivência no laboratório mudou, e eu comecei a me dedicar a todas as atividades do laboratório. Comecei a estudar as áreas da Física, Química e a parte biológica também. Passei a discutir mais, comecei a ler artigos. Como eu

não tinha muito conhecimento dos termos técnicos dos artigos, então levava o artigo para a casa e ficava a madrugada destrinchando o texto, traduzindo com o dicionário do lado. Fiz isso muitas e muitas vezes, e meu melhor horário para estudar era de madrugada, a partir de uma hora da manhã, quando eu conseguia maior absorção do conteúdo.

### **Wanderley de Souza: E aí você se formou em Biologia?**

André Benedito: Me formei em 1989 e continuei no laboratório. Antes, em 1988, houve a fusão entre a Fundação José Bonifácio e a universidade, na época do professor Horácio Macedo como Reitor...

### **Wanderley de Souza: Então você passou para Técnico da universidade e seguiu a carreira Técnica...**

André Benedito: Sim. Mas não fui reconhecido como Técnico de nível superior, porque naquela época, em 1988, eu ainda era estudante e não tinha o diploma. Depois o reconhecimento foi diferenciado: quem tinha concluído o terceiro grau recebia um adicional, e mais tarde foi incorporado ao contracheque.

### **Wanderley de Souza: E você continuou no laboratório do Alvaro?**

André Benedito: Foi toda uma história no laboratório, por isso que eu digo que o Alvaro sempre foi um paizão para mim, porque no período que eu estive no laboratório, eu tive um amigo para todos os problemas, eu conversava com ele e nós conseguíamos resolver. Eu tinha uma liberdade muito grande para dizer o que eu sentia e o que eu tinha vontade de fazer. E ele era uma pessoa que dizia não e que dizia sim também, dependendo da ocasião. Então por isso que eu acho que havia uma riqueza nesse relacionamento, porque ele sabia exatamente quando ele tinha que dizer não, quando ele tinha que dar bronca, e quando ele tinha que apoiar. Isso tem um valor imenso para mim.

### **Wanderley de Souza: E como é que você evoluiu no laboratório?**

André Benedito: Teve um momento que houve uma evolução significativa porque comecei a ter uma autonomia maior dentro do laboratório. Nesse momento eu fazia treinamento dos alunos de iniciação científica, então quando eles entravam tinham que aprender tudo sobre o funcionamento do laboratório. E essas eram as informações que eu passava, de adequação de um aluno dentro do laboratório, para que depois, esses alunos previamente preparados, fossem designados para alguém que estivesse fazendo mestrado ou doutorado, para poder ter uma especialidade maior a respeito do assunto que realmente era ligado ao projeto. Além disso, eu participei de uma série de projetos, inclusive com a Sociedade Brasileira de Mutagênese, Carcinogênese e Teratogênese Ambiental, a qual éramos sócios e que nos rendeu muitos trabalhos dos quais eu participei e ainda participo. Está saindo agora um trabalho pelo Instituto de

Botânica na UERJ, de uma aluna de doutorado que foi minha aluna dentro do laboratório, no qual eu estou participando como coautor.

**Wanderley de Souza: E quando você saiu do Alvaro e com quem foi trabalhar?**

André Benedito: Eu saí do laboratório do Alvaro em 2004. Depois de todos esses processos de desenvolver trabalho dentro do laboratório, tive várias coautorias em artigos que foram desenvolvidos no laboratório, as quais eu tinha participação como técnico e, também, como um professor e coorientador. É importante que o professor, chefe do laboratório, tenha coparticipante que faça a interface entre o professor e o aluno que está na bancada. Então, conseguimos desenvolver uma série de trabalhos com coparticipação, como projetos de treinamento de pessoas, principalmente na área de Mutagênese. Recebi várias pessoas no laboratório vindas de outras universidades para fazer treinamento, e eu participava ensinando técnicas de mutagênese, que era o carro chefe do laboratório, além de outras técnicas que o laboratório também era capaz de desenvolver. Eventualmente cursos também, que o professor Alvaro submetia e que eram dados na pós-graduação.

**Wanderley de Souza: Essa questão dos artigos é muito importante porque isso não é comum, são poucos os técnicos que são coautores de artigos. Qual foi o período que você ficou no laboratório?**

André Benedito: Fiquei de 1982 até 2004, e este foi um período rico de toda minha vida.



Membros do Laboratório de Radiobiologia Molecular do IBCCF, na festa dos aniversariantes em abril de 1999. Em pé, da esquerda para direita - Januário Bispo Cabral Neto, Rodrigo Galhardo, aluno de blusa branca, Claudia Ribeiro e Janine Simas Cardoso Rurr. Sentados, da esquerda para direita – Simone Queiroga (blusa branca), Adriana Moreira Alves (blusa preta), Leonardo da Silva Vidal, André Benedito (blusa azul listrada) e Marcelo de Padula (blusa preta).

**Wanderley de Souza: E aí em 2004, como é que foi a tua saída de lá?**

André Benedito: Eu não tive nenhum problema com o Alvaro, mas tive alguns problemas com outra pessoa que estava no laboratório e que acabou impossibilitando minha permanência. Então resolvi pedir ao Alvaro para sair. Ele fez de tudo para que eu ficasse, conversou comigo várias vezes, mas eu já estava com minha decisão tomada, então saí do laboratório. Foi difícil, mas nós continuamos amigos. Quando saí, fui trabalhar com o professor Marcelo Morales, que na época estava criando independência, tinha o laboratório de Fisiologia Celular e Molecular.

**Wanderley de Souza: Antes o Marcelo era aluno do Anibal Gil Lopes...**

André Benedito: O professor Marcelo criou o laboratório na ocasião em que a professora Mecia Maria de Oliveira tinha se aposentado, ocupando o espaço do laboratório. No início, o Marcelo tinha algumas colaborações e nós começamos a usar o laboratório do professor Antonio Carlos Campos de Carvalho, porque não tínhamos espaço para fazer, por exemplo, cultivo de células. O professor Adalberto Vieyra também auxiliou o Marcelo com uma sala de cultura.

**Wanderley de Souza: E como está agora?**

André Benedito: A professora Patrícia Rocco fez um acordo com o Marcelo e começaram a dividir o laboratório, esse espaço aqui ao lado do Espaço Memorial (EMCCF). Imagina trinta e dois alunos dentro de uma sala...

**Wanderley de Souza: Mas depois expandiu? E onde você está hoje?**

André Benedito: Inicialmente o Instituto cedeu um espaço para o professor Marcelo e depois cedeu outro pequeno espaço para a professora Patrícia, tornando o laboratório fragmentado. Atualmente os laboratórios estão separados e eu estou me dividindo entre o laboratório de Biologia Molecular do professor Marcelo Morales, e o laboratório de Investigação Pulmonar da professora Patrícia Rocco, atuando como técnico e me relacionando com algumas questões administrativas.

**Wanderley de Souza: Com o seu tipo de formação, você não se interessou em fazer um Mestrado Profissional?**

André Benedito: Eu entrei no Mestrado Profissional aqui do Instituto (*Mestrado Profissional em Formação para a Pesquisa Biomédica*<sup>6</sup>), cursei todas as disciplinas, mas não defendi a tese, por alguns problemas que aconteceram na época.

**Wanderley de Souza: O mestrado proporciona uma melhoria, inclusive salarial! E se a pessoa mostra interesse, a gente estimula, discute um projeto...**

André Benedito: Teve uma vez que eu tive uma entrevista da Universidade de Viçosa e eles perguntaram como é que você acha que um técnico deve fazer para poder ter uma ascensão. Eu falei que o técnico deve ser estimulado à aprendizagem o tempo todo, tem que fazer um mestrado, um doutorado e tem que ter oportunidades para isso. Essa conversa foi em uma época em que o Mestrado Profissional estava começando. E veio a oportunidade de eu fazer o mestrado em uma ocasião que eu já tinha saído do laboratório do Alvaro.

**Wanderley de Souza: O laboratório da Patrícia tem professores associados?**

André: Tem, inclusive a professora Fernanda Cruz, que é um fenômeno para gente e para o Instituto de Biofísica, com uma conduta e educação exemplar. Na verdade, aconteceu praticamente uma fusão dos laboratórios, com a ida do Marcelo para Brasília (*Secretaria Nacional de Pesquisa e Formação Científica do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI*). Com essa fusão toda, há uma integração de atividades que eu tenho que fazer parte.

**Wanderley de Souza: Mas você aprendeu coisas novas? Porque na vida a gente tem que sempre estar aprendendo coisas novas!**

André Benedito: Essa sempre foi uma preocupação muito grande para mim. Eu esperava essa ascensão toda quando veio o mestrado, porque eu esperava que seria o grande "boom" da minha ascensão quando tive a oportunidade de fazer o mestrado.

---

<sup>6</sup> <https://www.posgraduacao.biof.ufrj.br/posgraduacao-mpb/>  
- Aprovado pela CAPES em dezembro de 2011, o curso de Mestrado Profissional de Formação para a Pesquisa Biomédica tem como objetivo principal formar mestres que atuem ou venham a atuar em empresas públicas ou privadas, altamente capacitados nas mais diversas atividades técnico-científicas de última geração na área Biomédica. <https://mpb.posgraduacao.biof.ufrj.br/index.php/pt/>

**Wanderley de Souza: Participei do início do planejamento do curso. Depois o Ronaldo Mohana se envolveu e fez funcionar, se dedicando intensamente a isso. Agora está sendo elaborado o Doutorado Profissional<sup>7</sup> na UFRJ, mas esse é mais amplo e está sendo coordenado pelo CENABIO (*Centro Nacional de Biologia Estrutural e Bioimagem*).**

André Benedito: Aqui no laboratório, desde que entrei em 2004, eu nunca consegui publicar nada. Eu gostaria de fazer o mestrado, mas o problema é minha dedicação nesse âmbito todo do laboratório de Investigação Pulmonar e Biologia Celular.

**Wanderley de Souza: Mas teria que fazer dentro dessa temática**

**Erika Negreiros: E tem que gerar um produto como um protocolo, uma metodologia...**

André Benedito: Foi o que eu fiz praticamente a minha vida toda lá com o Alvaro. Só para vocês terem uma ideia, houve uma época que nós estávamos trabalhando com cepas bacterianas criadas por Couples e Miller, que o Alvaro tinha conseguido no exterior. Trouxe as amostras para o laboratório e quis reativar uma metodologia para colocar em funcionamento. Eu fiquei três meses no laboratório tentando colocar essa metodologia para funcionar. No final, o Alvaro achou melhor parar com os experimentos porque estava gastando muito material e fazer um outro projeto. Essas bactérias eram indicadoras de detecção de lesões na molécula de DNA, mediante a expressão, a biossíntese de um determinado aminoácido sob um meio pobre, debilitado neste aminoácido. Elas eram detectoras de mutagênese sítio específica, porque cada cepa tinha uma mutação específica. A reversão desta mutação indicava o tipo de lesão que estava ocorrendo na molécula. Depois da escalada de tentativas, já à mercê de desistirmos, consegui com sucesso que tudo funcionasse e ficamos muito felizes. A técnica foi usada por vários alunos que aplicaram em seus projetos, assim como sugerido pelo professor Alvaro.

**Wanderley de Souza: Era um biossensor. Mas isso é um assunto mais acadêmico e não profissional. Essa é a diferença do mestrado acadêmico para o profissional, no qual você tem que desenvolver**

---

<sup>7</sup> <https://cenabio.ufrj.br/home/pos-graduacao/> - Aprovado pela CAPES em setembro de 2023, o Programa de Pós-Graduação Profissional – Mestrado e Doutorado – em Tecnologias de Bioimagem e Bioestruturas (PPGP-TBB) envolve diversas unidades do CCS/UFRJ: Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, Instituto de Bioquímica Leopoldo de Meis, Instituto de Ciências Biomédicas, Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, Faculdade de Farmácia e CENABIO da UFRJ. O PPG tem também o apoio da Sociedade Brasileira de Microscopia e Microanálise.

**algum aperfeiçoamento metodológico, que pode não gerar um artigo científico acadêmico, mas pode gerar uma nota técnica. Então tem que definir perfeitamente o tema da dissertação e dá para você continuar no laboratório com as tuas atividades e desenvolvendo a tua tese. Por exemplo, o pessoal trabalha com cultivo de células. Se trabalha com pulmão, pode desenvolver um cultivo de uma determinada célula do pulmão ou um cultivo tridimensional com células no pulmão. Eu tenho uma professora, a Leandra, nós estamos desenvolvendo um modelo tridimensional de pulmão para fazer experiências com COVID-19. Já estamos com esse modelo de células para infectar com o vírus nesse modelo tridimensional com células pulmonares. Então o desenvolver desse conceito é ao mesmo tempo científico e técnico. Porque tem que colocar uma camada de célula alveolar, depois uma outra estromal, então isso é um trabalho metodológico. Poderia ser uma tese de mestrado profissional, mas quando estuda a interação do vírus com aquela célula, aí já é um assunto científico.**

André Benedito: Eu tinha conversado com o professor Pedro Leme sobre a possibilidade de analisar o volume do fluxo sanguíneo no pulmão.

**Wanderley de Souza: Tem métodos para medir isso. O Walter Zin media o fluxo de sangue que passa para o pulmão, qual era o grau de oxigenação que entrava e o grau de oxigenação que saía. E em COVID, isso é muito importante. Se as trocas gasosas não estiverem funcionando bem, o sangue entra com a hemoglobina não oxigenada e sai com ela não oxigenada. O cara não consegue respirar, vai só piorando o quadro. Então tudo isso é uma temática científica interessante e precisa desenvolver uma metodologia. E aí entra o mestrado profissional, mas isso é outra história. Vamos voltar à sua situação hoje. Quais são as perspectivas, quais são seus planos?**

André Benedito: Não tenho planos para me aposentar ainda. Me sinto extremamente jovem, apesar de completar meus cinquenta e nove anos agora neste ano, me sinto muito forte ainda para continuar essa minha caminhada, como se tivesse vinte e quatro anos, e para fazer coisas novas (risos).



André no Laboratório de Investigação Pulmonar do IBCCF.

## ANTONIO BOSCO

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Tecia Ulisses de Carvalho e Erika Negreiros.

Local: Entrevista Via Google Meet.

Data: 16/09/2020

### **Wanderley de Souza: Bosco, quando foi que você entrou no Laboratório?**

Antonio Bosco: Eu entrei no Laboratório em 1973, eu fui para o Rio de Janeiro, me aventurar na vida. E foi onde eu conheci a Professora Marisa Musacchio no Instituto de Biofísica, onde era o Laboratório de Cultura de Tecidos.

### **Wanderley de Souza: Mas, como é que você a conheceu?**

Antonio Bosco: Eu trabalhava na companhia de limpeza no Rio de Janeiro, na Universidade, e fui transferido da Urca para a Biofísica, na Cidade Universitária, no Fundão.

### **Wanderley de Souza: Você não chegou a trabalhar na Praia Vermelha?**

Antonio Bosco: Não. Foi no ano de 1973 que houve a mudança para o Fundão, né? Eu trabalhava na companhia de limpeza, fui chamado para trabalhar no Laboratório, onde eu conheci a Professora Marisa Musacchio da Biofísica, e estava precisando de uma pessoa para ajudar o Sr. Alexandre (*Aderbal Alexandre Alves*). Em janeiro de 1974 eu fui trabalhar com ele. Eu não sabia de nada, não conhecia nada. A professora Marisa disse que eu iria trabalhar com ela e iria aprender com o Sr. Alexandre. E foi o Sr. Alexandre que me ensinou, e deu todas as dicas da parte de lavagens, esterilização, etc. Tudo que aprendi, foi com o Sr. Alexandre, que entrou no Instituto, se não me engano em 1953, no prédio da Praia Vermelha. No laboratório eram a Dona Hertha e a professora Marisa. Dona Hertha era aposentada e quem assumiu mais o laboratório foi Marisa Musacchio. Você, Wanderley, era aluno de medicina.



Antonio Bosco e Aderbal Alexandre Alves, no Laboratório de Cultura de Tecidos (foto à esquerda), e no Laboratório de Microscopia Eletrônica (foto à direita). Instituto de Biofísica - Ilha do Fundão.

**Wanderley de Souza: E quando a Musacchio faleceu, você ainda estava lá?**

Antonio Bosco: Estava. Então fui trabalhar com o Sr. Alexandre, ele me ensinou todas as dicas de laboratório de esterilização de material. Quando foi em 1976, Marisa precisou chamar outra técnica, que foi a Marlene Cazusa. Então ficou eu, a Cazusa, Dona Hertha, Marisa e veio a Ivanosca, que estava no mestrado. Veio também a Nazareth (*Maria Nazareth Leal de Meirelles*) e outros professores para trabalhar lá. Quando foi em 1977, faleceu a Marisa Musacchio, num atropelamento no Flamengo. Você assumiu o laboratório mas, tecnicamente, foi Dona Hertha.

**Wanderley de Souza: Bem, você ainda estava lá em cima?**

Antonio Bosco: Estava lá em cima, onde era o Laboratório de Cultura de Tecidos.

**Wanderley de Souza: De quem mais você se lembra dessa época?**

Antonio Bosco: Julia Vasconcelos, que era do Oswaldo Cruz, e depois teve a Lídia Campos Paraguaçu. Depois veio a Nazareth.

**Wanderley de Souza: Mas também tinha uma estagiária de iniciação científica...**

Antonio Bosco: Era a Sônia Leite, e tinha a Adriana Linhares.

**Tecia de Carvalho: Acho que a Sonia Leite e a Adriana Linhares foram depois de mim, depois da Cida Aparecida Lores, que veio da Microbiologia para trabalhar com a gente lá.**

**Wanderley de Souza: Mas olha bem, tem que separar a fase em que o Laboratório de Cultura de Tecidos estava lá em cima. Não vamos misturar quando houve a fusão dos dois e criou-se o Laboratório de Ultraestrutura Celular e nós nos mudamos de prédio.**

**Tecia de Carvalho: Acho que eu fui lá para cima antes de me formar, então a Sônia Leite, eu acho que ela formou depois, embora ela seja mais ou menos da minha idade, ela formou junto, se não me engano, com o Sérgio Meireles, filho da Nazareth. Quando eu cheguei lá no Laboratório de Cultura, só tinha Dona Hertha, Bosquinho, Sr. Alexandre, a Cazuzza e a Nazareth. Depois é que veio a Cida, depois veio a Sônia e o Sérgio. A Tânia também foi junto comigo, acho que no mesmo período.**

Antonio Bosco: Antes disso teve a Ivanosca!

**Wanderley de Souza: Essa eu não estou me lembrando. Ela veio ser treinada lá de Santa Catarina ou do Rio Grande do Sul?**

Antonio Bosco: Ela entrou no laboratório em 1975 ou em 1976, veio da Paraíba. Eu sei que ela é uma militar que foi para o laboratório porque parece que o marido dela foi transferido.

**Tecia de Carvalho: Ela não é da minha época, porque eu entrei em 1975.**

**Wanderley de Souza: Essa eu não me lembro nada...**

**Tecia de Carvalho: Também não. É de uma época que você não estava lá ainda como responsável, entendeu?**

**Wanderley de Souza: Mas eu trabalhava lá com a Dona Hertha. As fixações, a microscopia eletrônica de células em cultura, de tecido, era tudo feito lá. Eu ainda fazia cultura lá... O Wagner também não chegou a trabalhar lá?**

Antonio Bosco: Wagner Monteiro trabalhou junto com a Técia.

**Tecia de Carvalho: O Wagner também se formou depois de mim. entendeu? Esse pessoal que o Bosco falou, até Ivanosca, não é da minha época porque eu sou de 1975, e ele falou 1976. Eu não estava no Laboratório de Cultura, eu estava lá embaixo junto com você e Doutor Raul. Na cultura, eu devo ter ido em 1979, perto de me formar.**

Antonio Bosco: A Ivanosca foi a primeira estagiária do laboratório.

**Erika Negreiros: Só para eu entender: Tinha o Laboratório de Cultura de Tecido da professora Hertha e Marisa, que era em cima. Em baixo ficava o Laboratório de Microscopia do Doutor Raul Machado e Wanderley.**

**Wanderley de Souza: É o seguinte: Havia o Laboratório de Cultura de Tecido que Dona Hertha foi a fundadora e a chefe. Marisa foi a estagiária da Dona Hertha e que depois foi professora. Quando a Dona Hertha completou setenta anos, ela se aposentou e a Marisa assumiu o laboratório. Então, eu era estagiário, estudante de medicina. A Marisa tinha lá o laboratório dela, onde trabalhava com *Plasmodium gallinaceum*. Ela não trabalhava nem com *T.cruzi* e nem com *Toxoplasma*.**

Antonio Bosco: Ela trabalhava com malária, justanuclear...

**Wanderley de Souza: Então tinha lá os pintos infectados, tinha lá as culturas. E aí, essa Ivanosca pode ser que tenha vindo trabalhar nesse assunto, no qual eu trabalhava pouco.**

Antonio Bosco: Ivanosca trabalhava com *Toxoplasma*.

**Wanderley de Souza: Pois é, mas a Marisa nunca trabalhou com *Toxoplasma*, e não me lembro de nenhum artigo publicado com *Toxoplasma*. Com o falecimento da Marisa, eu tive que assumir a chefia do laboratório porque precisava ter um responsável pelo laboratório, não era chefe. Mas eu me dedicava mais embaixo, no subsolo, onde estava a Microscopia Eletrônica, com o Doutor Raul. Depois de um certo tempo, nós nos mudamos para onde nós estamos hoje. Você lembra o ano, Antônio?**

Antonio Bosco: Eu acho que foi depois de 1983 ou 1984, eu não lembro agora...

**Wanderley de Souza: Depois houve o momento em que o Doutor Raul também se aposentou. Então eu assumi e juntei os dois laboratórios. Quando Dona Hertha faleceu, aí colocamos o nome de Laboratório de Ultraestrutura Hertha Meyer em homenagem a ela.**

Antonio Bosco: Dona Hertha trabalhava com *Trypanosoma* e *Toxoplasma* e filmava naquele Microcinematógrafo.

**Wanderley de Souza: A Dona Hertha sim, mas a Marisa não. Dona Hertha é que era *Toxoplasma* e *Trypanosoma cruzi*. Quando a Nazareth começou a fazer a tese dela, foi um projeto com *Trypanosoma cruzi*, no qual Antônio Couceiro era seu orientador.**

**Nazareth fazia as culturas lá no laboratório e as histoquímicas no laboratório do Couceiro.**

Antonio Bosco: Ele também era o orientador da Lídia Vasconcelos.

**Wanderley de Souza: Quando o Couceiro faleceu, ficou complicado porque eu tive que assumir a co-orientação da tese da Nazareth. Depois a Marisa faleceu, então eu tive que ficar sozinho nessa orientação. Tânia (*Tânia Cremonini de Araújo Jorge*) migrou para fazer mais estudos de interação *T.cruzi* e macrófago, então ela ficava a maior parte do tempo lá em cima.**

Antonio Bosco: A Tânia fez mestrado e doutorado com a gente lá em cima.

**Wanderley: Antes a Tânia trabalhava com cebola e com milho com Doutor Raul. Depois foi para *Drosophila Ryncociara* estudar glândula salivar. Só então é que ela foi para *T.Cruzi*. A Tecia já começou em *cruzi*...**

**Tecia de Carvalho: Desde 1976 que eu trabalho com *cruzi*, então na verdade, eu subi para o laboratório bem antes. Depois sua estagiária, Sonia Rosenthal, foi lá para cima aprender cultura de células comigo. Como você estava com muita coisa lá embaixo, eu “assumi” a responsabilidade do laboratório, era seus olhos e sua boca (risos).**

Antonio Bosco: Quem ficou lá em cima também foi Marcos André, Paulo Pimenta...

**Tecia de Carvalho: A Fátima Divi, aquela que veio do México trabalhar com *Entamoeba histolytica*, bem depois foi a Elvira...**

Antonio Bosco: a Aparecida veio da Microbiologia para trabalhar com rato, depois foi para o INCA...

**Wanderley de Souza: Agora Antônio, vamos passar para o laboratório novo... O que você lembra da chegada no laboratório novo? Como é que era?**

Antonio Bosco: Era muito bom, mas era muito quente. Não tinha ar-condicionado na época.

**Wanderley de Souza: Por isso que ninguém quis ir para lá, e a gente conseguiu o espaço todo! Porque era um buraco, tá entendendo? (risos)**

Antonio Bosco: Era chamado buraco do rato.

**Wanderley de Souza:** Para registros históricos, obviamente naquela época era muito difícil ter dinheiro para fazer uma obra dessas. Nessa época, o diretor da Biofísica era o Antônio Paes de Carvalho (*Diretor de 1980 a 1985*), e para fazer o laboratório do Professor Edson Xavier de Albuquerque, precisava ter deslocamento de pessoas, então conseguiu-se o dinheiro para as obras no laboratório dele, que ficava no final do corredor do primeiro andar, onde hoje tem o laboratório da Doris (*Doris Rosenthal*). E com esse dinheiro foram feitas as obras básicas do nosso laboratório, mas não foi suficiente para colocar o ar-condicionado central, que só foi posto anos depois, nem sei quantos anos nós ficamos no calor.

Antonio Bosco: Mais de dois anos!

**Erika Negreiros:** No subsolo, no calor e sem janela! E o laboratório já tinha esse espaço todo que existe hoje?

**Wanderley de Souza:** Sim, porque foi a junção dos dois laboratórios, de Cultura de Tecido e de Microscopia Eletrônica.

Antonio Bosco: E chamaram o Antônio Lisboa, que trabalhava na câmara escura, para a fotografia, o Sebastião Cruz no corte de material para microscopia, Antônio Cruz para o biotério. Na parte da cultura de tecidos, eu ficava com a lavagem do material, tinha a Cazuza (*Marlene Cazuza*) e o Sr. Alexandre, que quando se aposentou, entrou a Noêmia Gonçalves.

**Wanderley de Souza:** Tinha também o Antônio Cruz, que fazia coisas gerais...

Antonio Bosco: Ele trabalhava na limpeza do laboratório e cuidava do biotério...

**Wanderley:** E você, passou pelo biotério também?

Antonio Bosco: Muito! Desde lá de cima que a gente trabalhava na criação de pintos e para incubar ovos.

**Wanderley de Souza:** Mas você chegou a trabalhar com animal, fazendo inoculação?

Antonio Bosco: Não, não. Só limpeza das gaiolas, essas coisas. Quem fazia era o Sr. Alexandre. A única coisa que eu fazia era colocar quinina na boca do pinto para aumentar o aparecimento de esquizontes no fígado.

**Wanderley de Souza:** Para induzir a esquizogonia e ter esquizonte no fígado. Eu fiz muito isso também, mas eu fiz na Praia Vermelha.

Antonio Bosco: Criei muito rato também, na época do Paulo Pimenta. Sem falar nos galos, que a gente comprava para fazer sangria para preparar o plasma e o soro, lembra disso?

**Wanderley: Isso! Tinha o cantar da manhã!**

**Tecia de Carvalho: Comprei muito galo no aviário para levar para a Doutora Hertha. Era ali na Arnaldo Quintela, quando chegava lá no aviário, o cara falava assim: “Só tem galo preto, serve?” Eu respondia: “Serve! Vou levar.” (risos).**

**Wanderley de Souza: Bosco, aqui no laboratório você continuou fazendo as mesmas coisas? E fazia também um famoso bolo de fubá, que era muito famoso, e um cuscuz também...**

Antonio Bosco: Na hora do almoço?

**Wanderley de Souza: Sei lá se era para o almoço, ou se era o café da manhã, mas...**

**Tecia de Carvalho: Fazia também baião de dois. Ele fez o baião de dois lá para a gente muitas vezes! Bons tempos... (risos).**

**Wanderley de Souza: Agora conta para a gente, a ginástica que você fazia. Você saía do laboratório e ia trabalhar no aeroporto, não é isso?**

Antonio Bosco: Isso! Todos os dias. Eu ficava no laboratório até umas dezessete horas, e depois ia para o aeroporto trabalhar até meia noite.

**Wanderley de Souza: Lá no aeroporto, ele mandava, ele era o chefe!**

Antonio Bosco: Ah! Que isso, professor!

**Wanderley de Souza: Não esqueço, que uma vez eu fui viajar, sabe? Não lembro para onde. Aí o Bosco disse: “Quando você chegar no aeroporto, você me avisa.” Eu avisei para ele, não sei o que ele fez lá dentro, que me botou na primeira classe. Você se lembra, Bosco?**

Antonio Bosco: Claro que eu lembro! (risos).

**Erika Negreiros: Mas, como era seu trabalho lá no aeroporto, Bosco? Qual era a sua função, o que você fazia?**

Antonio Bosco: Olha, fiz de tudo! De limpeza a carregamento de avião, transportar passageiro... De tudo, eu fiz um pouco. Trabalhei até na sala VIP, de embarque e desembarque de passageiros. Era o velho Galeão!

**Tecia de Carvalho: Conhecia todo mundo lá! Apesar de ‘Bosquinho’ trabalhar e sair às dezessete horas do laboratório, e trabalhar até meia noite, no dia seguinte, muitas vezes ele era o primeiro a chegar às sete horas, sete e pouca. Ele já estava no laboratório, trazia pão, fazia café. Ele chegava na hora sempre, e quase não dormia.**

Antonio Bosco: Dormia quatro horas por dia. Agora eu durmo o dia todo, praticamente.

**Wanderley de Souza: O Bosco sempre foi considerado assim, um exemplo de servidor, uma coisa rara! Fazia de tudo com boa vontade, ajudava todo mundo. Todo mundo gosta dele. Então, de uma hora para outra, bem... Você casou Bosco?**

Antonio Bosco: Eu casei em 1982.

**Wanderley de Souza: Casou em 1982, e a tua esposa, você a conheceu onde?**

Antonio Bosco: Eu conheci aqui na Paraíba.

**Wanderley de Souza: Estava de férias, pegava aquele ônibus ou ia de avião?**

Antonio Bosco: Eu vinha de ônibus! Três dias de viagem.

**Wanderley de Souza: Então se casou em 1982... A tua filha nasceu em que ano?**

Antonio Bosco: 1983. Hoje ela é Psicóloga, com um consultório, e fez mestrado.

**Wanderley de Souza: Depois de todo esse tempo ele resolveu voltar para a Paraíba. A sua esposa foi pra Paraíba antes, não é? Em que ano, Bosco?**

Antonio Bosco: Em 1996. É porque minha filha não gostava muito do Rio e ela queria terminar os estudos e fazer o vestibular aqui, e o tempo voou. Eu vim para a Paraíba em dezembro de 2008.

**Wanderley de Souza: E teve que fazer um acordo com a Universidade para ela permitir a transferência dele da Federal do Rio de Janeiro para a Federal da Paraíba.**

**Tecia de Carvalho: Wanderley, eu fiquei bem sensibilizada, porque você liberou o Bosco. Sim, você liberou um técnico da qualidade do Bosco, mas que você abriu mão porque você sabia que era o melhor pra ele. Isso foi muito legal!**

**Wanderley de Souza: Eu levei seis meses para pensar se eu pedia ou não (risos). E era complicado porque primeiro tinha que convencer a direção do Instituto de Biofísica. Teve nossas cartas de apoio, depois a aprovação do Olaf Malm como diretor, ele deve ter submetido ao Conselho do Instituto, então foi para a aprovação da Reitoria, e por fim, a Universidade da Paraíba também teve que aprovar. Bem, mas fala um pouco de você na Paraíba...**

Antonio Bosco: Eu vim pra cá e continuo trabalhando até hoje no mesmo lugar, no Departamento de Biologia Molecular (DBM). Oficialmente, lavagem de material, mas na prática, eu faço as partes do meio de cultura, autoclave, placas de ágar para bactérias, faço tudo aqui. Faço o meio, plaqueio e entrego já pronto.

**Erika Negreiros: Então você está no mesmo laboratório, desde quando começou até agora?**

Antonio Bosco: E não querem que eu me aposente aqui, não! Falar que quero me aposentar é uma confusão aqui!

**Wanderley de Souza: Você está com quantos anos, Bosco?**

Antônio Bosco: Estou com 67 anos. E de laboratório, tenho 44 anos.

**Wanderley de Souza: Mas, aposentar só vale a pena se você tiver outra coisa para fazer, não é?**

Antônio Bosco: É, para ficar em casa parado, eu não fico não...

**Wanderley de Souza: Ficar chateando a mulher... (risos).**

**Erika Negreiros: Bosco, pelo que eu estou entendendo, você sempre teve uma relação muito saudável, muito positiva nos trabalhos! Tanto aqui na UFRJ, quanto aí na Universidade Federal da Paraíba, não é? E no aeroporto também. Como é que você conseguiu isso? Se pudesse falar um pouquinho da sua relação de trabalho com as pessoas, qual é o segredo para conseguir ter uma boa relação assim? Você é tão querido, que nem pode se aposentar ainda, porque as pessoas não querem... (risos). Qual é o segredo para conseguir uma boa relação?**

Antônio Bosco: O segredo é conhecer as pessoas, ter paciência e nunca dizer não, e nem sim, entendeu? Talvez, vamos pensar...

**Erika Negreiros: Ter diplomacia.**

Antonio Bosco: E Wanderley é mais do que meu pai!

**Wanderley de Souza: Oh! Vai me chamar de velho, mais que pai é avô! (risos).**

**Tecia de Carvalho: Fala para ele, Bosco, que ele é pai afetivo! (risos)**

Antonio Bosco: Como ele, como a Tecia, todo mundo...

**Wanderley de Souza: Vai chamar a Tecia de mãe! (risos).**

**Tecia de Carvalho: Já pensou?**

**Wanderley de Souza: Mas a gente tá com a idade de ser irmão!**

Antonio Bosco: Com certeza.

**Wanderley de Souza: Bosco, o pessoal aí reconhece o teu trabalho?**

Antonio Bosco: Muito! Quando eu falo que vou me aposentar, eles falam: “*Não! Você não vai se aposentar, não!*” Dizem que sou patrimônio do departamento.

**Wanderley de Souza: Na última vez que eu fui à Paraíba, eu o apresentei para a Reitora (*Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz*): “*Trata bem desse cara aqui, porque ele é bom!*” (risos).**

**E como está a situação de trabalho aí com a pandemia?**

Antonio Bosco: Nada, nada! Está tudo parado. Eu estou em casa a meses sem fazer nada. De vez em quando eu vou ao laboratório fazer alguma coisa que precisa, para consertar alguma coisa, mas trabalhar, não.

**Wanderley de Souza: A Universidade da Paraíba está num lugar muito bonito, que tem um parque... De vez em quando, a gente acha umas preguiças por lá. Está dentro da mata, uma área pequena bem preservada, bem estruturada, bem organizada. A última vez que eu fui aí, Antônio, me levaram para passar um dia em Areia, no Campus onde está a parte da veterinária, agronomia... É uma cidade de dez mil habitantes que fica numa montanha fria pra caramba! “*Vim para a Paraíba passar frio?*”**

Antonio Bosco: É uma serra igual a Teresópolis...

**Wanderley de Souza: Exatamente, eu me senti em Teresópolis! O clima, restaurantes muito bons, muita cachaça!**

**Tecia de Carvalho: No Nordeste também faz frio, gente! Não é só calor, não! (risos). Quero aproveitar para falar sobre o Bosco se dar bem com todo mundo. Eu também quero dar meu depoimento! Porque o Bosco tá sempre rindo assim, o Bosco faz tudo com boa**

**vontade, sempre fez, sempre tratou todo mundo bem, nunca foi de brigar com ninguém... Então eu acho que talvez o segredo seja a doação dele. A empatia que ele tem com as pessoas!**

**Erika Negreiros: Porque é algo assim... É difícil, ainda mais hoje em dia. E é uma coisa muito especial! A gente conseguir manter isso. Além do trabalho, há uma relação de afetividade... Porque as pessoas têm uma lembrança boa, e a gente percebe que ele levou isso, não só aqui na UFRJ, mas também na universidade onde está atualmente!**

**Wanderley de Souza: Toda vez que eu vou a João Pessoa, a gente se encontra! A gente sai, ou para comer, ou ele vai no hotel onde eu estou. (risos). E eu estou com vontade de ir aí agora no mês de setembro, outubro... Estou tentando convencer a Marlene (*Marlene Benchimol*) a tirar uma semana. O negócio é essa pandemia! Nunca trabalhei tanto! Reunião, vídeo, “o diabo a quatro”! Eu estou doido para colocar o pé na areia e deitar numa água quente! (risos). Se depender de mim, vamos tomar aquele “chopezinho”...**

Antonio Bosco: Com certeza! (risos).

**Erika Negreiros: Pode falar um pouquinho da sua relação com o Carlos Chagas Filho?**

Antonio Bosco: Uma vez estava precisando levar minha esposa para uma consulta no Hospital Moncorvo Filho. Não tinha chance de resolver. Então eu fui lá no Doutor Chagas, ele me fez uma carta recomendando. No mesmo dia resolveu, com a carta que ele me deu.

**Wanderley de Souza: O Chagas atendia todo mundo. Era só bater na porta que estava sempre aberta. Gostava de conversar! E gostava muito do Alexandre porque os dois eram torcedores fanáticos do Fluminense (risos). Então, quando o Fluminense ganhava, ficavam comemorando. Quando perdia, era cada um para um lado, assim meio borocoxô... (risos).**

Antonio Bosco: Você se lembra como era a Doutora Hertha, Wanderley?

**Wanderley de Souza: Depende de quando.**

Antonio Bosco: Para trabalhar com ela era muito difícil, viu?

**Wanderley de Souza: A Dona Hertha era difícil na Praia Vermelha. Quando ela veio para o Fundão, ela mudou completamente. Na Praia Vermelha, para você entrar no laboratório da Dona Hertha, tinha**

**que bater na porta, ela abria e fechava a porta. Até para você sair, para ir ao banheiro, você tinha que pedir permissão (risos).**

Antonio Bosco: Ah! Tecia, nem fui mais costurar a sua bolsa, não é? (risos).

**Tecia de Carvalho: Ah! É verdade! Gente, eu tinha uma bolsa de sisal. Ele e o Sr. Alexandre se juntavam, pegavam e enchiam minha bolsa de pedra! E costuravam. Quando eu chegava para meter a mão, cadê? Eu não conseguia pegar a chave do carro! Outra coisa que eles faziam, além de encher a minha bolsa de pedra, era pegar os jalecos da gente, costurar a manga ou o bolso. Gente! Eles dois eram assim... Outra coisa: A Cida, que foi para o INCA depois, estava com a cabeça encostada depois do almoço, meio que descansando. Então os dois prenderam a sandália dela no pé da mesa! Quando Cida foi levantar, foi uma loucura! (risos).**

Antonio Bosco: Você também aprontava! Colocava sal no açúcar...

**Tecia de Carvalho: Ah! Eu aprendi com vocês... (risos de todos).**



Antonio Bosco em foto mais recente, durante festividade no Laboratório de Ultraestrutura Celular Hertha Meyer – IBCCF.

## **ARIMAIR RIDER DE OLIVEIRA SOUZA (ARI)**

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Antônio Carlos Campos de Carvalho e Erika Negreiros

Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)

Data: 22/03/2021

### **Wanderley de Souza: Como é que você chegou ao Instituto de Biofísica, e em que ano foi isso?**

Ari: Fiz no meu segundo grau um curso técnico em contabilidade e trabalhei durante quatro anos exercendo essa função. Devido a alguns contratemplos, pedi demissão. Decidi que ficaria uns três meses sem trabalhar, foi quando um conhecido, que prestava serviço aqui no Instituto de Biofísica, me chamou para ajudá-lo. Assim cheguei aqui, entre 1983 e 1984.

### **Wanderley de Souza: E quem era essa pessoa?**

Ari: Sr. Francisco Gomes da Silva.

### **Wanderley de Souza: Trabalhava em que?**

Ari: Trabalhava na refrigeração. Ele não era funcionário, não. Trabalhava por conta própria. Ele fazia a manutenção em equipamentos de refrigeração.

### **Antônio Carlos: Mas, você sabia mexer em refrigeração?**

Ari: Não. Pela insistência do Sr. Francisco, eu acabei aceitando ajudá-lo. Sempre gostei de mecânica e aprendi com ele. Trabalhei com ele durante quatro anos aqui na Biofísica e conheci muitas pessoas. Uma delas se destacou, que foi o Sr. Célio da Costa Coelho, que se tornou um grande amigo e me chamou para trabalhar como funcionário aqui do Instituto.

### **Wanderley de Souza: O Célio te conhecia pelo trabalho que você fazia?**

Ari: Sr. Francisco tinha uma sala em frente à oficina do Célio, e como administrador, ele estava sempre acompanhando nosso trabalho. E algumas vezes, utilizávamos a oficina do Célio. E assim ele foi conhecendo meu trabalho e caráter.

### **Wanderley de Souza: Como você foi contratado aqui na Biofísica?**

Ari: No final de 1986, o Célio me chamou e me disse da intenção da Biofísica de contratar um mecânico de refrigeração. Isto se deu aproximadamente nos meses de novembro e dezembro. Ele me pediu para eu iniciar aqui na Biofísica, já em dezembro. Mas eu precisava de um tempo para conversar com o Sr. Francisco. Por isso, só entrei no dia dois de fevereiro. A princípio fui contratado pela

Fundação José Bonifácio (FUJB), onde fiquei por quatro anos. Em 1991, o então Reitor Horácio Macedo contratou para serem servidores da universidade, todos aqueles que estavam prestando serviços à universidade através de fundações.

**Wanderley de Souza: Eu acompanhei essa história. Eu não sei se você lembra desse episódio que teve uma discussão sobre a contratação pela universidade... Que não foi todo mundo, não.**

Ari: Sim, eu me lembro e conheci alguns que não entraram. Me lembro que a escolha de quem entraria ou não, ficaria a cargo dos chefes.

**Antonio Carlos: Foram mais de três mil contratos...**

**Wanderley de Souza: Teve instituto que mandou a lista de todo mundo. Aqui mandou os que eram bons...**

Ari: Para nós que entramos aqui na Biofísica e, sabendo que fomos selecionados positivamente, foi muito gratificante. Foi uma bênção maravilhosa! Entrei em 1991, tive meu tempo retroagido para 1987, o tempo em que fiquei na fundação. Foi muito bom, e tem sido até os dias de hoje.

**Wanderley de Souza: Você já se aposentou?**

Ari: Não. Em 2013 juntei o tempo da Biofísica (26 anos), mais quatro anos e meio de fora da universidade, e mais nove anos que ganhei pela insalubridade. Minha aposentadoria foi publicada em diário oficial em dezembro de 2013, mas optei por continuar trabalhando, e estou aqui até hoje.

**Wanderley de Souza: E como é no trabalho? Tem muita coisa?**

Ari: Quando comecei a trabalhar aqui, tinha muito serviço, quase não dava conta, pois trabalhava sozinho. Depois, o senhor Aurinaldo do Nascimento, veio para me ajudar. Hoje o trabalho é bem reduzido, pois a maioria está terceirizada. Hoje sou responsável pelas máquinas de gelo, algumas geladeiras, muito esporadicamente, ar-condicionado de janela, e pequenos equipamentos que utilizam refrigeração.

**Wanderley de Souza: Como é que você vê a questão da manutenção aqui no Instituto?**

Ari: Quando aqui entrei, o Instituto tinha uma oficina de manutenção completa, com eletricitas, bombeiro hidráulico, pedreiro, torneiro mecânico, mecânico de área (o que faz tudo), mecânico de refrigeração, carpinteiro, marceneiro, e tínhamos também técnico em eletrônica. Se não me engano, a Biofísica era o único Instituto a ter uma manutenção própria. Bons tempos. Já os outros institutos tinham o extinto GENDE, que criou um sistema para o funcionário estudar. E eu fui fazer um curso no Senai que a Universidade proporcionou para

a gente. O curso era de oito meses, só que eu cheguei lá e já sabia fazer tudo... Quando eu cheguei, os caras me perguntaram o que é que eu vim fazer? Eu disse que vim para apanhar o diploma para poder ganhar mais como técnico. Então eles me “sacanearam” muito, né? Por exemplo, a gente pegava uma apostila, tinha que estudar aquela apostila, você ficava em sala de aula estudando... Depois de estudar aquilo tudo, você chegava lá para o professor fazer uma arguição com você. E fazia umas dez perguntas... De acordo com o que você ia falando, ele sabia que você tinha estudado bem a apostila. Só que eu já dominava aquilo tudo... Então eu pegava a apostila, lia, entregava para ele, e ele me fazia cinquenta perguntas até eu errar... Quando eu errava, ele falava vai lá e estuda de novo, porque você sabe tudo e não pode errar pergunta nenhuma. Então um negócio que era para eu fazer em oito meses, acabei fazendo em um ano e seis meses. Depois que eu conseguia responder as cinquenta perguntas, eu ia para a oficina e ficavam os três professores sentados, e eu que dava aula para os meninos... Então nisso aí, meu curso rendeu muito tempo, e acabou que gostei. Fiz amizades com os professores. Para eles era legal também, porque eles ficavam lá sentados batendo papo. Tem alguns truques que a gente vai aprendendo com o tempo, e os professores falavam que isso não se ensina, apenas deveria ensinar a parte teórica, só aquilo que você estuda aqui. E lá eu participei de um monte de coquetéis, da Brastemp, pela Consul... Quando eu saí de lá, eu recebi doze cartas de autorizadas me chamando para trabalhar, tanto aqui no Rio quanto em São Paulo. Mas eu já estava aqui na universidade.

**Antônio Carlos: Basicamente, o Jorge (*Jorge Luiz Gran da Silva*) tomou conta do negócio da refrigeração aqui, de ar-condicionados...**

**Wanderley de Souza: Substituiu o Francisco, não é isso?**

Ari: Sim. O Jorge é filho do Sr. Francisco, veio a ser meu cunhado, casado com a minha irmã.

**Wanderley de Souza: Você tem quantos filhos?**

Ari: Eu tenho três. O meu mais velho está com trinta, a primeira menina com vinte e oito, e a outra com vinte e cinco. O primeiro é segundo sargento aqui no DTCEA (Departamento de Controle do Espaço Aéreo), controle de voo, agora está controlando o Brasil todo. A minha filha está lá em Mato Grosso do Sul, lá em Corumbá. Estava em Maceió esse ano e foi transferida para Corumbá. Todos os dois são da Aeronáutica, controladores de voo. E a minha terceira é estudante. Quando eles terminaram o terceiro ano do segundo grau, eu os coloquei para fazer cursinho, eles estudavam juntos o dia todo lá no Elite. Não poderia deixar de agradecer a um grande amigo que tive aqui na Biofísica, que foi o Doutor Elias (*Cezar Antonio Elias*), um dos homens mais inteligentes que conheci. Ele com sua bondade e vontade de ajudar, deu aos meus filhos bolsa de inglês no

IBEU. Minha filha é fluente em inglês. De dois em dois anos eles têm que fazer um curso de inglês e fazer uma prova. A nota na aeronáutica é de zero a seis... Então quem tira quatro é bom, quem tira cinco é ótimo, quem tira seis é porque já morou nos Estados Unidos. E ela só tira seis, então ela é sempre homenageada lá. Ela canta muito em inglês, e isso deu uma dicção, uma facilidade para ela falar. Os professores falam que ela fala melhor do que muitas pessoas que moraram nos Estados Unidos. Então, quer dizer, isso eu devo ao Doutor Elias. O garoto também é bom no inglês, a minha segunda filha também.



Ari com seus três filhos – Museu do Amanhã/RJ.

**Wanderley de Souza: Nas conversas aqui, a quantidade de gente que foi fazer inglês, o pessoal técnico administrativo que fez IBEU por causa do Elias... E os que fizeram até cirurgia com o Ivo Pitanguy através do Doutor Chagas...**

Ari: Eu frequentei a casa do Doutor Chagas também, conheci a Dona Annah (*Anna Leopoldina Alvim de Mello Franco Chagas*). Fui lá na casa dele consertar ar condicionado e bati muito papo com o Doutor Chagas!

**Erika Negreiros: Desde quando eu vim para cá e conheci o professor Elias, em 2016, percebo que você teve uma relação mais próxima com ele. Ele sempre te chamava para consertar os equipamentos antigos do acervo histórico. Queria que você falasse um pouquinho sobre isso, porque é importante essa preservação. A maioria dos instrumentos científicos do acervo ainda funciona. Por exemplo, uma lâmpada de filamento de carvão de 1890 que ainda acende, então quase todos os objetos completos e funcionando... E você ajudou bastante nisso.**

Ari: Eu não lembro quando começamos nossa amizade. Mas acho que fui à sala dele para consertar um ar-condicionado. Na sala dele tinham muitas coisas antigas, e eu comecei a fazer perguntas. E acho que assim começou a nossa amizade. Eu disse a ele que tinha muitos equipamentos antigos em minha sala. Ele logo se interessou e fez a festa! Levou alguns equipamentos para o laboratório, e eu ajudei a consertá-los. O sonho dele era fazer um museu. Aprendi com ele duas frases: *“Eles jogam as coisas fora porque não custou dinheiro deles”*, referindo-se quando um laboratório jogava fora algum equipamento de pesquisa. A segunda é: *“Quando você passar em qualquer lugar e ver algo que alguém jogou fora, pegue na ida, porque se deixar para a volta, outra pessoa já pegou”*. Eu frequentava muito a casa dele, então às vezes ele falava assim: *“Ary, não tem ninguém para me levar em casa hoje...”* Então vou lá levar o senhor em casa... Aí ele entrava no meu carro e falava assim: *“Esse carro é bom, né? Tem ar-condicionado, não?”* Eu dizia que sim, e ele dizia: *“Então liga, porque tá muito quente!”* (risos). E eu o levava em casa, lá no Leblon.

**Wanderley de Souza: Era difícil ele jogar alguma coisa fora!**

Ari: Era muito difícil. Era quase impossível!

**Wanderley de Souza: Uma vez ele chegou para mim assim e ficou mostrando os sapatos: “Tá vendo alguma coisa?” Eu falei: “O sapato!” Ele falou por quanto ele tinha comprado, era um negócio assim, como se fosse uns vinte reais (risos)... Ele disse: “Olha bem! É porque um não é igual ao outro... Mas quem é que vai perceber? Você olhou e não percebeu!” (risos)...**

Ari: Era onda dele... Ele colocava um pé na frente do outro: *“Ary! Eu comprei esse sapato, um é maior do que o outro!”* Mas ele colocava um pé na frente e outro atrás para parecer diferente (risos). Ele frequentava uma feirinha na Glória, e ele gostava de comprar relógio. Ele chegou a comprar ouro por cinco reais! Falava assim: *“Ary, adivinha por quanto eu comprei isso? Comprei por um real... cinco real”*. Ele não falava o plural, era como os vendedores cobravam dele, não é? Ele tinha uma gaveta em casa que devia ter uns trezentos relógios,

e ele gostava de consertar relógio... E a gente tinha uma amizade muito grande! E tudo que ele tinha, levava lá na minha sala para eu consertar. Eu fazia, porque eu gostava também das histórias... Às vezes o pessoal jogava no lixo e eu via, pegava, trazia para ele. Ele contava a história do equipamento, e a cabeça dele era muito boa. Eu vi uma vez um menino perguntar alguma coisa sobre a bomba de cobalto. Ele olhou assim para a estante que tinha naquela sala dele, lá embaixo... Tinha um monte de livros... Ele: *“Sobe na escada e pega aquele livro de capinha azul que tá ali!”* O rapaz pegou... Ele falou: *“Abre na página duzentos e sessenta e três. O que está escrito aí?”* O cara leu, era um livro em inglês que dava todas as coisas que ele tinha perguntado. Eu falei: *“Caramba, cara! Que cabeça!”* Enfim, foi tudo muito bom! Vivi uma vida aqui dentro. Ele não desistia da vida, já com seus 90 anos, eu o vi fazendo planos para o futuro. Não pensava na morte, mas sim na vida, e o que ainda poderia fazer.

Para finalizar, quero dizer que sou grato a Deus por me permitir trabalhar aqui na Biofísica. Tenho aqui muitos amigos, alguns já se foram, outros se aposentaram. Continuo trabalhando porque gosto de aqui estar. Este ano completei sete anos, além do tempo de aposentadoria e não pretendo ir embora. Gostaria de agradecer ao Célio da Costa Coelho (*in memoriam*), que me deu oportunidade para aqui trabalhar. Ao Doutor Elias, que já honrei na resposta acima, ao Doutor Wanderley de Souza, que talvez não se lembre, mas me ajudou muito em um período de inflação alta enquanto diretor deste Instituto, e aos amigos Doutor Antonio Carlos e ao Doutor Ricardo Gattass por me ajudarem quando tive problemas de saúde. A estes, meu muito obrigado! E aos amigos em geral, que de alguma forma estiveram presentes nesses anos. Meu muito obrigado também!



Fotos recentes de Ari, e com sua netinha ao colo.

## CELSON PEREIRA

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 26/07/2021

### **Wanderley de Souza: Quando é que você chegou ao Instituto de Biofísica?**

Celso Pereira: Eu cheguei em 20 de agosto de 1973. O professor Leopoldo de Meis precisava de dois funcionários, porque o seu Isaltino, funcionário dele, estava se aposentando. Então eu tirei par ou ímpar com o meu primo, o Valdeci Antunes Suzano, que foi o braço direito do Leopoldo. Ganhei e fui entrevistado pelo Leopoldo, porque o Darcy (*Darcy Fontoura de Almeida*) não tinha chegado ainda. Eu achei o Leopoldo muito sério, seríssimo! Então falei: “*Vai lá Valdeci, eu vou esperar o Darcy lá embaixo*”. O Darcy chegou e comentou se eu era primo do Edson Antunes Suzano. Meu primo trabalhava com o APC (*Antonio Paes de Carvalho*). Achei o Darcy mais legal, e gente boa, então o que eu fiz: “*Pode ficar com o Leopoldo que eu fico aqui!*”.

### **Wanderley de Souza: Então foi assim que começou...**

Celso Pereira: É, cheguei lá e o Ernani Rosa estava se aposentando também. Eu estou falando da Praia Vermelha. Nós mudamos para cá em 1974. O Darcy veio para cá em 1974, e fiquei com o Darcy. Eu estava terminando o segundo grau.

### **Wanderley de Souza: O Darcy ficava no segundo andar do prédio, e o Leopoldo ainda estava em cima da escada. E então você começou direto com o Darcy? E ficou com ele até que ano?**

Celso Pereira: Direto com o Darcy, e fiquei até ele falecer (*falecimento em 06 de março de 2014*). Graças a ele eu morei duas vezes na zona sul, primeiro na Urca e depois no Jardim Botânico. Porque ele viajava um mês, dois meses para fora, e me mandava tomar conta da casa dele. Ele me perguntava: “*Quanto você vai me cobrar?*”, e eu respondia: “*Olha doutor, eu não quero, e não vou te cobrar nada. Já fiz até a lista para o senhor: feijão, arroz, macarrão, carne e cerveja. Compra isso aí e deixa para mim!*”. Então saía daqui, e ficava na banheira dele! Que delícia! (risos).

### **Wanderley de Souza: E o que você começou a fazer no laboratório?**

Celso Pereira: Comecei lavando material, com seu Ernani me ensinando. Depois comecei a fazer meio de cultura, plaquear bactéria em placa de Petri....

**Wanderley de Souza: Fazer e manter as culturas. E quem estava no laboratório do Darcy nessa época da Praia Vermelha?**

Celso Pereira: Maria Luiza, uma branquinha e quietinha que não falava com ninguém, ela fazia mestrado. Agora, os caras que eu mais sinto falta do laboratório: primeiramente Paulo Paes de Andrade...

**Wanderley de Souza: O comedor de gatos... (risos).**

Celso Pereira: O Carlos Chagas uma vez falou que esse rapaz era um dos melhores, se não o melhor aluno de pós-graduação que já passou aqui pela Biofísica. O cara era doido! Ele chingava o Darcy: “*Darcy, vai arrumar o que fazer! me deixa em paz!*”.

**Wanderley de Souza: E o outro?.**

Celso Pereira: O outro cara que eu acho um absurdo até hoje a Biofísica ter aberto mão dele, é o Luiz Carlos Souza Ferreira, ele é muito inteligente!

**Wanderley de Souza: Mas não foi a Biofísica. A USP fez uma oferta para ele e para a mulher (Rita Café), que não dava para recusar.**

Celso Pereira: Ele queria ser titular aqui, falou comigo várias vezes.

**Wanderley de Souza: Mas a vaga para titular aqui era muito difícil. Hoje é por progressão, mas antes era vaga.**

Celso Pereira: Ele esteve outro dia aqui, disse que estava com mais de trinta alunos no laboratório dele. Depois veio a Wanda (*Wanda Maria Almeida Von Kruger*), Amilcar (*Amilcar Tanuri*) também foi daqui.

**Wanderley de Souza: Eu quero entender esse período do início da Praia Vermelha. Me lembro que, de vez em quando, aparecia o irmão do Paulo por lá**

Celso Pereira: Arnaldo Paes de Andrade!

**Wanderley de Souza: O homem dos veleiros! (risos).**

Celso Pereira: Fazia vela. Teve uma época que eles sumiram por seis meses do laboratório, recebendo bolsa. Eu pensei: tem alguma coisa errada com esse negócio...

**Wanderley de Souza: Mas o Arnaldo era do laboratório também?**

Celso Pereira: Não, ele era lá de cima, do Antônio Paes de Carvalho. O Paulo que era daqui, eram gêmeos.

**Wanderley de Souza: Tinha uma menina que foi para Biologia, Ana Coelho, a Ana Carolina que está na FioCruz, e a Ana Tereza**

**Vasconcelos que está em Petrópolis, no LNCC (Laboratório Nacional de Computação Científica).**

**Érika Negreiros: A Ana Tereza coordena um laboratório no LNCC (Laboratório de Bioinformática - LABINFO). Inclusive, quando a gente inaugurou a Vitrine Memorial Darcy Fontoura de Almeida, aqui no IBCCF, ela nos ajudou muito! É encantador o amor que ela guardou pelo professor Darcy.**

**Wanderley de Souza: Ela homenageou o Darcy colocando o nome dele em um centro (Unidade de Genômica Computacional “Darcy Fontoura de Almeida” - UGCDFa). Eu gosto muito da Ana.**

Celso Pereira: E como o Luiz Carlos entrou no laboratório? Tinha a Ana Carolina e uma outra que era da turma dele na Biologia. Então a Ana Carolina falou com Darcy para aceitar o Luiz porque o rapaz era inteligente. Mas o Darcy não queria porque já estava com muita gente no laboratório. A Ana veio na minha salinha: “Celso, vai lá falar com o Darcy que ele te escuta muito”. Fui lá falar com ele: “Professor, porque o senhor não quer aceitar o rapaz? O cara é o melhor da turma de Biologia, você não vai aceitar?”. “Eu estou com muita gente, Celso”. “Mas quem é que vai trabalhar para ele? O senhor vai orientar ele e eu vou trabalhar para ele”. “Chama ele”. Corri pelo corredor do subsolo, ele já estava subindo a escada. Aceitou o rapaz! Defendeu o mestrado, e o doutorado terminou rápido.

**Wanderley de Souza: Não podia perder aquele...**

Celso Pereira: Não pode dispensar um sujeito assim.

**Wanderley de Souza: Um colecionador de besouros, não é isso? Tem uma coleção grande, ou tinha, não sei se continua ainda**

Celso: É! (risos). É por aí. Mas o mais violento que passou pelo laboratório foi o Fernando Portela. Era médico da marinha de manhã, ele chegava em torno de meio dia no laboratório. O que estivesse na mesa dele, ele jogava tudo no chão: becker, proveta... Quebrava tudo, então ele me chamava. “Não foi eu que quebrei isso, não! Foi você, e você é quem vai varrer. Toma a vassoura!”. O cara quebra e manda eu limpar? Tá maluco...

**Wanderley de Souza: Aí é complicado...**

Celso Pereira: Muito! Ele era faixa preta de karatê, 5º Dan. Foi para a Microbiologia.

**Wanderley de Souza: Agora é o seguinte, Darcy sempre foi muito tranquilo. Quando ele faleceu o laboratório ficou como?**

Celso Pereira: Quem assumiu foi o Paulo Bisch, que acabou com a linha de pesquisa de bactérias e vírus e entrou com Genoma e Proteoma. Depois de um tempo, eu avisei que sairia do laboratório e fiquei lá fora no estacionamento e chega o Antônio Carlos (*Antonio Carlos Campos de Carvalho*) de viagem: “*Bom dia, Celso!*” “*Não está muito bom, não, doutor!*”. Ele sentou do meu lado e conversei com ele. Eu não podia sair da Biofísica porque perderia minha insalubridade. Então o Antônio Carlos me chamou para trabalhar com ele. Eu falei que não entendia nada do que ele fazia lá em cima.

**Wanderley de Souza: Aprende!**

Celso Pereira: Ele pegou um papel e começou a escrever: “*Vai começar um curso lá em Mangueiras, na Fiocruz. Eu quero você fazendo esse curso*”. E eu fui fazer o curso de Biotério para trabalhar com ele nas pesquisas. Fiquei lá três meses, sem vir ao Fundão, fazendo curso. Então me deram um certificado e mostrei a ele. “*Agora você está apto a trabalhar para mim*”. Quando ele abriu o biotério, eu vi aquilo para mais de duzentos ratos.

**Wanderley de Souza: E onde era esse biotério?**

Celso Pereira: Lá em cima, ainda está lá. Eu chegava aqui 7h da manhã e saía às 7h da noite, só cuidava dos animais.

**Wanderley de Souza: E quem usava mais?**

Celso Pereira: Os alunos, cada um tinha a sua caixa.

**Erika Negreiros: Vários laboratórios usam esse biotério ou só o do Antônio?**

Celso Pereira: Usam o Antonio, Rosalia (*Rosalía Mendez-Otero*), Walter Zin...

**Érika: É onde fica o seu Tibúrcio?**

Celso Pereira: Não, o Tibúrcio ficava aqui em cima. Do Antônio Carlos fica lá no final, dele e da Rosália. Fiquei lá um bom tempo.

**Wanderley de Souza: Até quando?**

Celso Pereira: Uns dez anos atrás...

**Wanderley de Souza: E depois o que você fez?**

Celso Pereira: Depois eu vim para o Marcelo Lamas e estou até hoje, cuidando de animais também. É muito melhor cuidar de animal do que de aluno (risos). Não separo briga, não! Muito melhor, cara! (risos)

**Érika Negreiros: Também prefiro os bichos! (risos).**

**Wanderley de Souza: Eles não reclamam (risos).**

Celso Pereira: E você Wanderley, começou com o Doutor Elias, que eu soube.

**Wanderley de Souza: Eu comecei com o Elias e com a Dona Hertha ao mesmo tempo. Primeiro com Dona Hertha, e depois fiquei com os dois laboratórios. Mas o Elias não parava, você não sabia a hora que ele chegava e a hora que ele saía...**

Celso Pereira: Elias era o maior barato! Eu gostava muito de conversar com ele. Adorava guardar coisa velha no laboratório, nunca vi igual, cara!

**Wanderley de Souza: E o futebol, Celso?**

Celso Pereira: Futebol? Eu parei já tem um tempão. Eu joguei profissionalmente no Campo Grande durante dois anos, mas não ganhava nada, então eu sai fora desse negócio. Eu joguei de lateral direito, mas não pagava nada. Campo Grande, Bangu...

**Wanderley de Souza: Mas nessa época no futebol, quem ganhava, ganhava pouco.**

Celso Pereira: Sabe um cara com quem eu joguei também? Chegou à Seleção Brasileira, Décio Esteves. Ele jogava no Bangu, o Ademir da Guia era o reserva dele.

**Wanderley de Souza: Está brincando, não é?**

Celso Pereira: Estou falando sério! Jogava muito, Wanderley. Ele chegou a ser convocado à Seleção Brasileira entre 1959 e 1960, morava próximo da minha casa em Campo Grande.

**Wanderley de Souza: Celso, nesse período todo que você interagiu com todo mundo, eu estou querendo me lembrar do nome do técnico que estava com o professor Antônio Couceiro lá em cima, lembra? Depois que o Couceiro morreu, ficou com a Leny Cavalcante. Mas eu não estou me lembrando o nome...**

Celso Pereira: Zé Claudio!

**Wanderley de Souza: Isso! Ele, Raimundo, Isaltino e Alexandre eram os quatro técnicos mais antigos do Instituto, que todo mundo respeitava.**

Celso Pereira: É verdade. Mas e o professor Darcy, ele era muito inteligente, não é? Eu gostava de conversar com o Chagas (*Carlos Chagas Filho*) e com ele. Eu

fazia cafezinho para o Chagas, fazia pipoca, amendoim na estufa (risos). Chagas não saía lá da sala. Feijoadada ele comeu, eu fiz lá fora, uma loucura!

**Wanderley de Souza: Sabe que uma vez eu estava conversando com ele aqui, aí bateu a hora do almoço. Ele: “Estou com uma fome danada”. “Eu também, acho que já vou almoçar”. “Mas aonde é que você almoça?”. “Eu almoço aqui embaixo, lá no Haroldo, mas é meio irregular...” (risadas). Então ele falou: “Mas é gostoso?”. (risadas). Fomos lá, a única vez que ele foi e comeu, mas não sei se ele voltou. Eu ia de vez em quando lá, Eduardo Penna Franca também. Rolava até uma cervejinha (risadas).**

Celso Pereira: Eu lembro quando o pessoal convidou o Darcy para ser diretor do Instituto, me lembro como se fosse hoje. Ele não queria, falava não para todo mundo. Toda hora entrava um no laboratório para convencer ele à direção: Antônio Carlos, Paes de Carvalho, Penna Franca, Wolf (Wolfgang Pfeiffer). Finalmente ele entrou, quase que ele morreu aqui em cima, hein!

**Wanderley de Souza: Eu era o vice dele. Ele chegou logo para mim: “Wanderley, estão me colocando na direção, mas eu preciso de você”. Eu era o coordenador de pós-graduação, Paes de Carvalho, que era o diretor. Eu falei: “Precisa de ajuda para que, Darcy? Já estou querendo me livrar dessa pós-graduação, está me matando, dando um trabalho desgraçado. Já está terminando meu mandato”. Terminei ficando vice do Darcy. Mas ele era tranquilo, era fácil de lidar.**

Celso Pereira: Não tinha ninguém no CCS que entendesse mais de português do que ele.

**Wanderley de Souza: Darcy também tinha um inglês espetacular. Ele tinha uma vida intelectual intensa.**

Celso Pereira: Por exemplo, eu vou me casar amanhã, hoje eu fiz o mapa e deixei na mesa dele. Ele não vai nada, casamento de pobre. Quando eu olho para o portão, quem está entrando? Ele tinha uma Brasília na época, foi lá no meu casamento (risos). E quando ele era diretor, foi numa reunião na Reitoria, e roubaram o carro dele. Chegou aqui nervoso: “Roubaram o meu carro”. “Ah! o carro está no seguro?” “Está no seguro, mas acontece o seguinte, minha marmita estava dentro, levaram a minha comida”. (risadas). Não estava preocupado com o carro, estava preocupado com a marmita. E eram três marmitinhas que ele usava.

**Wanderley de Souza: Celso, tem alguma outra coisa assim que você lembra importante para registrar?**

**Érika Negreiros: Histórias publicáveis ou não publicáveis?**

Celso Pereira: Tem muita história que não pode publicar, fica para a próxima (risos).



Época do futebol. Da esquerda para direita, em frente: Lindomar Miranda da Silva, Celso Pereira e Wanderley Bastos. Na fileira atrás: Olaf Malm e Waldir, que foi do Instituto de Biofísica na década de 1980 (trabalhou no laboratório da professora Mecia Oliveira).



Membros do laboratório de Darcy Fontoura de Almeida (seta), em comemoração de Natal na década de 1990. Destaque para Eduardo Camacho, de braços cruzados à esquerda, Celso Pereira à frente do Darcy, Wanda Von Kruger (de vestido e óculos) ao lado do Luiz Carlos Souza Ferreira, à direita.



Imagem à esquerda - Ana Beatriz Furlanetto, Darcy Fontoura de Almeida, Ana Tereza Vasconcelos, Amilcar Tanuri e Celso Pereira. Imagem à direita – Darcy Fontoura de Almeida como Professor Emérito ao lado de Sandra Brito (Sandrinha) e Celso Pereira, em 28 de setembro de 2006.



Com amigos do IBCCF: Imagem de cima - Celso sentado ao centro, com Denise Pires de Carvalho, Sandra Brito Oliveira, Marcello Barcinski e sua esposa Maria Teresa Almeida Machado da Silva, e Rafael Linden. Imagens abaixo - Celso com o professor Célio Freire de Lima no Laboratório de Imunomodulação, em 2018 (imagem à esquerda); e com o professor Cezar Antonio Elias e André Benedito da Silva (imagem à direita).



Com Celso Caruso Neves e Doris Rosenthal em festividade no final do ano de 2017.

## **CLAUDIO NUNES PEREIRA - BILL**

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Rosane Silva e Erika Negreiros

Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)

Data: 28/05/2021

### **Wanderley de Souza: Cláudio, ou melhor, Bill (risos).**

Claudio Nunes (Bill): O pessoal me conhece mais por Bill do que pelo meu nome (risos).

### **Wanderley de Souza: Mas vamos para a informalidade. E a gente sempre começa querendo saber como é que você chegou ao Instituto de Biofísica. Que ano foi isso? Quem foi que te trouxe? Para onde você foi?**

Claudio Nunes (Bill): Eu iniciei aqui em 1973, quer dizer, na Praia Vermelha.

### **Wanderley de Souza: Na Praia Vermelha... Isso é muito importante. Você é da geração Praia Vermelha.**

Claudio Nunes (Bill) : Trabalhei um ano na Praia Vermelha e em 1974 eu vim para cá.

### **Wanderley de Souza: E lá... Como é que você chegou lá?**

Claudio Nunes (Bill): Eu entrei através do Advaldo (*Advaldo Bezerra*).

### **Wanderley de Souza: Aliás, o Advaldo foi responsável por várias pessoas...**

### **Rosane Silva: Que deram certo, né?**

Claudio Nunes (Bill): Quando ele veio, foi por indicação do irmão dele, que trabalhava lá e arrumou para ele. Depois perguntaram se ele conhecia alguém para trabalhar no laboratório, então ele me indicou e eu fui para o laboratório do Doutor Firmino (*Firmino Torres de Castro*). Eu fui fazer umas coisas lá, mas a experiência era de um mês. Quando foi no final do mês, a professora chegou e falou para mim que se eu quisesse ficar tudo bem, mas que não assinavam carteira.

### **Wanderley de Souza: Mas aí você ia fazer o quê? Lavar, esterilização....**

Claudio Nunes (Bill): Era a parte de auxiliar na lavagem e esterilização.

**Wanderley de Souza: De quem é que você se lembra dessa época lá? Quem é que estava no laboratório do Firmino, nesse período?**

Claudio Nunes (Bill): Lembro da maioria... O Fernando Mello (*Fernando Garcia de Mello*) e o Moacyr (*Moacyr Alcoforado Rebello*) eram do laboratório, mas estavam saindo, foram para fora do país. Nessa época estavam o Cícero (*Cícero Carlos de Freitas*), Nissin (*Nissin Moussatché*), o Chico (*José Francisco Oliveira Carvalho*), Zilmar (*Zilmar Teixeira Tosta*) e o Cyro (*Cyro Samel*).

**Wanderley de Souza: E a Jacy (Doutora Jacy Faro de Castro).**

Claudio Nunes (Bill): Eu estou falando sem ser dos chefes. Então eles começaram a falar para eu ficar, e eu fiquei, fui ficando. Na época pagavam com recibo, até quando eles vieram para cá. Depois eles trocaram para a Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB).

**Wanderley de Souza: Quando você veio para cá deve ter sido FINEP e Fundação José Bonifácio...**

Claudio Nunes (Bill): No início a Doutora Jacy me ensinava como deveria ser feito. Na época era eu e o Waldonedo (*Waldonedo Barboza*), que era o técnico do laboratório. Esse pessoal que estou falando veio da Praia Vermelha. Depois entraram mais pessoas, veio a Neize (*Neize de Moura Pereira*), o Celso (*Celso Cruz Tavares*), a Doutora Noema (*Noema Faiga Grynberg*)...

**Wanderley de Souza: A Neize também trabalhava com *T. cruzi*...**

**Rosane Silva: É, quando eu cheguei ao laboratório, todas essas pessoas já tinham ido embora.**

**Wanderley de Souza: Ela se casou e foi para o exterior.**

Claudio Nunes (Bill): Depois que ela viajou, um dia ela ainda veio aqui. Tinha também a Cristina Piedras (*Maria Cristina Piedras Lopes de Alencar Lima*).

**Wanderley de Souza: Bem, e aí você continuou fazendo o que no laboratório?**

Claudio Nunes (Bill): O Waldonedo ficava na parte do *T. cruzi* e eu ficava na parte do laboratório.

**Wanderley de Souza: E quem cuidava da *Tetrahymena*?**

Claudio Nunes (Bill): Na época era eu e Waldonedo. Depois quando se aposentou, fiquei só eu.

**Erika Negreiros: Vocês doaram para o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF) uma garrafa grande como acervo para a exposição. Você chegou a fazer cultura nesse tipo de garrafa?**

Claudio Nunes (Bill): Fazia. A gente preparava vinte litros de meio.

**Wanderley de Souza: Era *Crithidia fasciculata*, não é? Fazia fracionamento.**

Claudio Nunes (Bill): Isso. Eu vinha no sábado, fazia repique e colocava nessas garrafas de cinco litros, colocava a metade. E tinha uns balõezinhos também onde colocava um pouco de água e colocava dentro da estufa com bombinha de aquário. Preparava isso no sábado, quando era na segunda-feira, pegava para centrifugar.

**Rosane Silva: Centrifugava na desnatadeira!**

Claudio Nunes (Bill): Se fosse fazer na *Sorvall*, que não tinha essas garrafas grandes, ia levar uma vida inteira... Tubo pequeno, de trezentos mililitros. Então passava na desnatadeira, que uma parte está aqui no museu (EMCCF). O cilindro está lá no laboratório, eu guardei.

**Wanderley de Souza: Seria bom se conseguissem remontar essas coisas!**

**Rosane Silva: Tem um formato com um pezinho, um cone, e outro cilindro dentro, que gira em alta velocidade.**

**Wanderley: Mas por que esse nome, desnatadeira?**

**Rosane Silva: É porque isso era uma coisa que o pessoal usava mesmo para a indústria, e o pessoal aqui adaptou...**

**Wanderley de Souza: E conseguia centrifugar e baixar as células? Dava quantos gramas?**

**Rosane Silva: Ah, dava muita quantidade. Quem sabe detalhe é o Rodrigo (*Rodrigo Soares de Moura Neto*), porque ele usou muito a desnatadeira...**

Claudio Nunes (Bill): Para pegar as células, tinha uma bombinha, tipo bomba d'água, e uma caixa que colocava para ele puxar. O funil grande enchia e as células ficavam todas dentro do cilindro. Precisava de vinte litros de meio de cultura para salvar o tubinho...

**Wanderley de Souza: Devia perder muita célula, não?**

**Rosane Silva: Ah, perdia, mas o que vinha na parede, era muita coisa. Então você pegava os microrganismos com uma espátula como se fosse um creme.**

**Wanderley de Souza: Na época o meio devia ser barato. Já pensou, você hoje fazer vinte litros de cultivo, hein?**

**Rosane Silva: Mas é porque o meio não continha soro. Esse meio é um meio simples, não era tanto gasto, não.**

**Wanderley de Souza: Não tinha soro nele, não?**

**Rosane Silva: Não era necessário para crescer *Tetrahymena* e nem *Crithidia***

Claudio Nunes (Bill): Quando começou a trabalhar com o *T. cruzi*, ninguém encontrava soro pronto. Eu ia lá em São João, pegar seis litros de sangue para preparar o soro.

**Wanderley de Souza: Onde era o matadouro? Não era em Santa Cruz, não?**

Claudio Nunes (Bill): Não, não. Era em São João de Meriti. Dava um trabalho danado, era muito trabalhoso. Tem um caderno com todo o esquema de como preparar.

**Wanderley de Souza: Aliás, isso do ponto de vista histórico é importante, sabe? Como é que se obtinha os componentes para fazer o meio. É um negócio, você tinha que mandar o pessoal para o matadouro cedo, de madrugada... Pegava o sangue, e tinha que trazer o sangue para preparar o soro. Agora imagina o que não devia ter de *Mycoplasma*. Não tinha controles microbiológicos.**

Claudio Nunes (Bill): Para ter acrilamida, comprava uns sacos a varejo e destilava. O fenol era a mesma coisa, a gente usava muito. Hoje em dia já tem tudo pronto.

**Wanderley de Souza: Hoje você compra o soro, tudo certinho.**

**Rosane Silva: Temos foto da desnatadeira do laboratório. Alair Gomes tirou muita foto lá.**



Rodrigo Soares de Moura Neto, na época do Mestrado, realizando experimentos no Laboratório de Metabolismo Macromolecular, próximo à desnatadeira em frente ao ar-condicionado (seta). Foto de Alair Gomes, década de 1980.

**Wanderley de Souza:** Eu me lembro do laboratório do Firmino. Eu fui lá para fazer com Cícero (*Cícero Carlos de Freitas*), ele estava isolando cinetoplasto (*organela citoplasmática estrutural e funcionalmente semelhante à mitocôndria, presente em certos organismos flagelados e relacionada ao fornecimento de energia para a movimentação do flagelo*) de *Crithidia fasciculata*. Eu fui acompanhar para fazer Microscopia Eletrônica. Tudo na Praia Vermelha. Foi a primeira vez que se isolou cinetoplasto e mostrou que o cinetoplasto incorporava aminoácido, tinha replicação de DNA, incorporava timina e aquilo dava um trabalho bonito. Ele fez o Doutorado e nunca foi publicado. Eu falava para o Doutor Firmino, mas ele era difícil para publicar as coisas. Mas com um dado importante. Tem dado que até hoje não foi publicado, ninguém publicou.

**Rosane Silva:** Pois é, isso é uma pena.

**Érika:** É, mas podia publicar mesmo como uma abordagem da História da Ciência.

**Wanderley de Souza:** Tem dados ali que ainda continuam, nunca vi na literatura. Você ter a fração, que era uma fração altamente purificada. As pessoas isolam o DNA do cinetoplasto mas não isolam o cinetoplasto de dentro da mitocôndria do protozoário. Ele mostrava que aquilo ali respirava, que eram feitas medidas de consumo de oxigênio, foi feita incorporação de aminoácidos, incorporação de timidina, incorporação de uracila, então mostrava que havia uma replicação daquele DNA. Isso são dados em 1970... Tenta pegar a tese do Cícero<sup>8</sup> e fazer uma análise do que tem da tese do Cícero que ainda não foi publicada até hoje.

**Erika Negreiros:** Se não tiver valor científico, tem valor histórico.

**Wanderley de Souza:** Eu me lembro de uma vez que veio aqui o Larry Simpson, que era o grande nome do cinetoplasto. E o Larry Simpson viu aqueles dados, o Firmino comentou sobre aquilo. Ele ficou todo entusiasmado sobre aquilo, mas depois também não levou a nada. O Cícero foi para a UFF e também seguiu uma carreira mais administrativa do que científica.

Claudio Nunes (Bill): E ficou a coisa feita lá atrás, sem ser divulgado.

**Wanderley de Souza:** Olha, para publicar o da fração nuclear, que já foi depois com a Neide, eu falei: “*Firmino, eu vou escrever esse artigo!*” (risos). E eu era estudante... ninguém nunca isolou o núcleo do *Trypanosoma*. Um de flagelo e um do núcleo. Foram dois artigos que nós publicamos. O pessoal antigamente, Rosane, não tinha preocupação em publicar... Eu tinha uma aluna de iniciação científica, que era Tania Cremonini de Araújo-Jorge, diretora do Instituto Oswaldo Cruz pela segunda vez... A Tânia começou a trabalhar comigo e com o Maury Miranda para estudar *Rhynchosciara americana*. Fez um estudo de todo o desenvolvimento das larvas, umas imagens bonitas... Fizemos uma reunião com o Maury, ele falou: “*Não, isso não serve para nada, não!*” (risos). A menina ficou numa depressão... Depois de um ano de trabalho! Saí de lá e falei: *Tânia, serve! Vamos escrever o artigo.*

---

<sup>8</sup> Título da tese: “Participação do cinetoplasto no metabolismo macromolecular da *Crithidia fasciculata*”. Data da defesa: 22/04/75. Autor: CÍCERO CARLOS DE FREITAS - IBCCF. <https://buscaintegrada.ufrj.br/Author/Home?author=Freitas%2C+C%3%ADcero+Carlos+de>.

**Começa a rascunhar aí.** Eu escrevi o artigo com ela e o Doutor Raul Machado. Então, uma vez o artigo escrito, eu voltei e mostrei para o Maury Miranda: *Publica, mas tira meu nome...* Tirei o nome, mandamos o artigo, o artigo foi aceito com os maiores elogios. Depois eu fui mostrar para ele e ele brigou comigo: *“Mas como é que eu não estou nesse artigo?”* (risos). Eu falei: *“Olha, Maury, vai ser a minha palavra - de um estudante - contra você - um professor importante.”* (risos).

**Rosane Silva: O meu laboratório tem essa filosofia: Você gastou dinheiro do povo brasileiro, você tem que devolver isso para ele. Isso é uma obrigação mínima que a gente tem que fazer. A gente recebeu dinheiro de pesquisa, tem que retornar para a sociedade...**

**Wanderley de Souza: E hoje? O que você está fazendo?**

Claudio Nunes (Bill): Eu estou fazendo a mesma coisa... O que tem no trabalho e o que tiver para fazer, eu faço. Muita coisa mudou, então oitenta por cento eu não estou fazendo mais. Agora já tem o kit preparado.

**Rosane Silva: Muita coisa foi produzida dentro do laboratório...**

Claudio Nunes (Bill): E às vezes não tinha lugar apropriado para fazer ali.

**Rosane Silva: É, a gente fez muita coisa em que adaptávamos as condições para prosseguir com o trabalho. E fazíamos muita coisa lá! Eram umas situações em que você trabalhava assim, exaustivamente.**

Claudio Nunes (Bill): Eu falava que era escravo branco! Porque era muito trabalho! (risos).

**Rosane Silva: E tinham muitos alunos.**

Claudio Nunes (Bill): Muita vidraria. Não tinha nada descartável, era tudo de vidro, tudo tinha que lavar. E quando o pessoal vinha lá do exterior, trazia tudo usado! (risos). Ponteira, tubo Falcon, Eppendorf...

**Rosane Silva: Sem filtro, né? A gente lavava e reusava...**

Claudio Nunes (Bill): Quando chegavam, todo mundo estava na maior alegria!

**Rosane Silva: Tinha que lavar as ponteiras, o que era um horror. Quando eu voltei do meu período “sanduíche”, eu fazia uma reação e, então, o ar-condicionado quebrava, choque térmico você dava na bancada, nem precisava da incubadora. (risos). Mas na hora de fazer a reação em volume muito pequeno que usamos em Biologia**

**Molecular... Então quando eu fiz a “spin down” (centrifugação alta em poucos segundos), a solução saiu com umas bolhas. Falei: “Gente... O que é isso? Eu estou fazendo uma reação! E tem detergente aqui! Vai acabar com a minha proteína! Não é possível!” Tínhamos uns Eppendorfs que você fazia, cuidava, né, Cláudio? Usados e os novos autoclavados. Os novos eram para reações, os velhos eram para usar com uma amostra que ia para o gel, que não tinha tanto problema de ser reutilizado.**

Claudio Nunes (Bill): Se você lavar direito não vai contaminar.

**Wanderley de Souza: Nós hoje temos muito mais contaminação! Antigamente nosso laboratório não tinha fluxo laminar, isso não existia...**

Claudio Nunes (Bill): Era na bancada, Ultravioleta, um bico de Bunsen do lado...

**Rosane Silva: Lembra quando a gente tinha que repicar o *T. cruzi* de dois em dois dias, para ensaios de transformação? Eu me lembro que estava grávida e era sábado, um calor danado. Eu ficava lá na frente do bico de Bunsen, numa sala com luz UV (ultravioleta), do outro lado do corredor, em que a gente tinha que ligar antes de usar, e depois de 10 minutos desligava e entrava lá para fazer o repique. O suor escorria pelas costas! Sabe aquele suor que você não podia se mexer? Não podia me mexer para evitar contaminar tudo! (risos). Mas foi uma época boa. Bill, conta a história da siliconização dos tubos esterilizados para não conter RNase para a extração de RNA, lembra? Você não fazia isso? A gente fazia a extração do RNA, precipitava e ressuspensava o RNA nesses tubos siliconizados.**

**Wanderley de Souza: Ele agregava, adería à parede?**

**Rosane Silva: É! Os ácidos nucleicos grudam nas paredes do tubo. O RNA, como é muito precioso, isto é, poderia degradar (pela ação de RNases). E apesar da gente ter uma boa quantidade de células, a extração não era muito eficiente. Então você ficava com pouco RNA. Isto é, extrair RNA total para fazer RNA mensageiro, que ao fim do processo, teríamos 2% do material inicial.**

Claudio Nunes (Bill): É! Eu siliconizava os tubos, as pipetas Pasteur e as outras de vidro também... São aqueles capilarzinhos, pois na época não tinha essas pipetas automáticas (*micropipetas*).

**Wanderley de Souza: Verdade, pipeta Pasteur... Eu me lembro que a gente comprava as varetas e dava para um vidreiro...**

Claudio Nunes (Bill): Era o Seu Hernani vidreiro!

**Wanderley de Souza: Senhor Hernani Vidreiro! Isso é história! (risos). A gente comprava os tubos de vidro e aí ele fazia as pipetas. Você quem fazia as pipetas no laboratório, Bill?**

**Rosane Silva: O Bill fazia o capilar ficar bem fininho...**

Claudio Nunes (Bill): Lá no laboratório era diferente. Comprava aquele montão de tubos de vidro, eu tinha que cortar com a lima. Eu que fazia as pipetas Pasteur usando bico de Bunsen, colocava a chama no meio da vareta, ia girando, e quando percebia que ela estava no ponto, mais amolecida, aí retirava da chama e puxava. Eu tinha prática! (risos). Depois ainda tinha que colocar um algodãozinho, um por um... (risos).

**Rosane Silva: Eu pipetava um microlitro, dois microlitros nos capilares fininhos nos quais você colocava uma borrachinha maleável de látex, e você tinha uma ponteira para pipetar com a boca, e puxávamos um microlitro, dois microlitros... (risos).**

**Wanderley de Souza: Às vezes a gente fica preocupado com os equipamentos, mas tem uma série de pequenas coisinhas do laboratório que são históricas, que ninguém faz mais, e isso é importante resgatar! Como você tinha que preparar tudo.**

**Erika Negreiros: Isso é legal, da gente tentar reescrever o processo da ciência!**

Claudio Nunes (Bill): E no laboratório tinham coisas que você não comprava, a gente tinha que fazer, tinha que inventar.

**Wanderley de Souza: É, essa juventude de hoje não sabe como é que era, como é que se obtinha o soro bovino, soro de cavalo... Que tinha que ir de madrugada para o matadouro. Às vezes nem pagava nada, aquele sangue jorrava lá.**

**Rosane Silva: O negócio é que tinha que ir buscar.**

**Erika Negreiros: Como é que vocês pegavam sangue e traziam? Era um carro do Instituto?**

Claudio Nunes (Bill): Tinha uma kombi. Eu fui muitas vezes com o Edson Nazareno.

**Rosane Silva:** E o preparo de infusão de fígado? Me lembro disso, quantas vezes... Tínhamos que selecionar um fígado que fosse bom, quanto mais amarelo, vinha de animal doente. (risos).

**Erika Negreiros:** Como é que vai controlar a qualidade do sangue do animal?

**Wanderley de Souza:** Não tinha controle, você não sabia. Por isso que eu digo, essas coisas todas que hoje, cheio de Mycoplasma, não sei o que... A gente pegava aquilo, de vez em quando tinham uns soros que não funcionavam. O bicho crescia mal para caramba! (risos)

Claudio Nunes (Bill): Era muita trabalhadeira, nós trabalhávamos para tirar leite de pedra mesmo.

**Wanderley de Souza:** Teu contrato foi na época do Horácio Macedo (*Reitor da UFRJ 1985-1989*)? Quando você passou a ser servidor?

Claudio Nunes (Bill): Foi. Aquele grupo todo que passou da fundação virou servidor.

**Wanderley de Souza:** Você já pode se aposentar?

Claudio Nunes (Bill): Já passei do tempo (risos). Aposentar, para quê? Ficar em casa? Eu estou bem, me sinto bem, o que eu faço eu gosto! Eu gosto de trabalhar...

**Rosane Silva:** Mas por que você ficou o tempo todo no laboratório do Dr. Firmino?

Claudio Nunes (Bill): Alguém me aguentou, não é? (risos). Se eu estava num lugar que eu me sentia bem trabalhando, o pessoal me tratava bem, como no laboratório, eu vou procurar outro lugar, para que? Eu me senti bem, e se eu não fosse tão bom assim, o pessoal me mandava sair fora.

**Erika Negreiros:** Ele era um chefe tranquilo? Era exigente?

Claudio Nunes (Bill): O Doutor Firmino era uma pessoa tranquila!

**Wanderley de Souza:** Doutor Firmino era de uma tranquilidade, figura monástica! Por isso que ele terminou frequentando muito o São Bento.

Claudio Nunes (Bill): Ele era tranquilo, mas a doutora Jacy (*Jacy Faro de Castro*)... (risos).

**Wanderley de Souza: A Jacy não era fácil, não... (risos). Mas fora do trabalho era uma pessoa espetacular!**

Claudio Nunes (Bill): Mas eu sabia levar! (risos). Mas ela era uma pessoa exigente!

**Rosane Silva: Muitas vezes ela insinuava algo que deveria ser feito do jeito dela, de modo indireto.**

Claudio Nunes (Bill): É! Ela era assim. Eu sempre fui meio calmo mesmo, sabe? Eu me lembro de uma vez que eu estava lá fazendo pipetas no bico de Bunsen e puxando, então ela me chamou, eu respondi duas vezes, aí ela disse: *“Eu quero que você fale e olhe para mim...”* (risos).

**Wanderley de Souza: Pois eu vou me queimar! (risos)**

Claudio Nunes (Bill): Foi uma vez só. Mas eu me dava bem com ela! Ela era de boa, sim! Eu fui ficando, eu aguentei, ela me aguentou e fui (risos). Porque é uma coisa, se você fica muito tempo no laboratório, é porque você se sente bem, senão você não ia ficar.

**Rosane Silva: Todo mundo no laboratório, desde aquela época, reconhece a sua capacidade, sua competência!**

Claudio Nunes (Bill): Eu falava assim: *“Por que é que eu vou sair? Me sentindo bem aqui, para outro lugar é que eu não vou.”*

**Rosane Silva: Você é uma figura que não dá para viver sem. Você tem várias pessoas, não é? Doutor Firmino, Doutora Jacy, Edson, eu, várias pessoas do laboratório. Todo mundo tem um carinho enorme pelo Claudio, sabe a quem procurar porque ele é uma pessoa em quem a gente confia. Então ele tem vários predicados! E uma piadinha, você tem o hábito de dar uns apelidos (risos). Então tinha o Lobão, tinha o Lobinho, a Águia de Fogo, agora eu não sei qual é o meu... (risos).**

**Wanderley de Souza: Como é mesmo o negócio?**

Claudio Nunes (Bill): Quem foi que colocou Águia de Fogo?

**Erika Negreiros: Por que? Ela chegava logo querendo mexer em tudo... (risos).**

**Rosane Silva: Parece que era um filme, que tinha um helicóptero que se chamava águia de fogo e saía metralhando todo mundo. Alguma coisa assim... (risos). Tem o Doutor Firmino que é o Lobão, tinha o Lobinho que era o Edson.**

### **Wanderley de Souza: E o Chico?**

Claudio Nunes (Bill): Não, ele não tem. (risos).

**Rosane Silva: Mas o Cláudio sempre ajudava muita gente aqui. Além do café, que todo mundo ia procurar o laboratório para um café... E ele sabe tudo! (risos). Se perguntado sobre algo ou alguma coisa ele lembra, tem uma memória boa!**

### **Erika Negreiros: Ah, porque o apelido Bill?**

Claudio Nunes (Bill): Quem colocou foi o Nissin. Na brincadeira, Bill pegou e ficou. (risos).

**Rosane Silva: Eu sei a versão, é porque o Claudio é tão eficiente, tão eficiente, que tinha um técnico lá nos laboratórios dos Estados Unidos que era assim, tudo que se pedia, ele fazia, e chamava-se Bill. Então ele falou assim: “Ele não é um técnico brasileiro, o Cláudio é um técnico de primeiro mundo!” Aí virou Bill! (risos). Ah, mas você é tão bom que você é o Bill, você não é Claudio... (risos).**

Claudio Nunes (Bill): Ficou e pegou! Um dia eu estava no laboratório e chegou uma pessoa perguntando por Cláudio, então o Edson parou, e só depois lembrou... (risos). Um dia foram me procurar no laboratório, a menina respondeu que não tinha nenhum Cláudio trabalhando, não. (risos).

### **Rosane Silva: Faria tudo de novo, não é Cláudio?**

Claudio Nunes (Bill): É! Não me arrependo do que fiz. Se fosse para fazer, fazia a mesma coisa...



Workshop em Biologia Molecular de Eucariotos – 1976. Claudio/William na imagem à esquerda e na seta da imagem à direita. Entre professores e alunos do Laboratório de

Metabolismo Macromolecular e do Instituto de Biofísica, destaques para Shozo, Eliana Abdelhay, Romeu (UFMG), Carlos Morel, Denise Mattei, Neize de Moura Pereira, Edson Rondinelli, Maria Christina Soares Rebello, Elaine Gomes Quintana, Maria da Glória da Costa Carvalho, José Francisco de Oliveira Carvalho, Maury Miranda, Firmino Torres de Castro, Cicero Carlos de Freitas.



Claudio/Bill em diferentes momentos do laboratório. Na imagem acima (2014) – destaques para Rosane Silva à esquerda, Edson Rondinelli no centro e Turán Péter Ūrményi à direita, ao lado de Bill. Imagem da esquerda (Pandemia COVID-19) – Rosane Silva, Bill, Rodrigo de Moura Neto, Aurisete Bizerra e alunas do laboratório. Imagem da direita – Bill, Rosane, Edson Rondinelli, Debora Souza Faffe, Rodrigo e Turán (atrás), e os alunos de graduação e pós-graduação do laboratório.



Imagem da esquerda - Claudio/Bill com José Avelino (Zezinho), seu primo e amigo.  
Imagem da direita – Comemoração dos 50 anos de serviço público no IBCCF/UFRJ, completados em 2023.

## CRELIR MONTEIRO DE SOUZA

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Alvaro da Costa Leitão e Erika Negreiros

Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho

Data: 10/03/2021

### **Wanderley de Souza: Como você chegou lá na Praia Vermelha e começou a trabalhar?**

Creilir de Souza: Olha, eu fui criada com mãe de criação e pai de criação. O meu pai de criação, que era meu padrinho, trabalhou com o pai do professor Carlos Chagas.

### **Wanderley de Souza: O Carlos Chagas pai. Nossa! Isso eu não sabia... Como era o nome dele?**

Creilir de Souza: Augusto Correia da Silva.

### **Erika Negreiros: Ele está numa foto que tem Carlos Chagas Filho e os membros do laboratório, bem no início da carreira como professor da cátedra, no prédio da Praia Vermelha...**

Creilir de Souza: Ah! É possível! Ele trabalhou com o professor Chagas Filho também!



Foto com o pai da Creilir, Augusto Correa da Silva (seta) - Integrantes da equipe inicial do Laboratório de Biofísica e visitantes estrangeiros. Rio de Janeiro, 1944. Da esquerda para direita: Maria Gabriela Chagas Góes, Carlos Chagas Filho, Charles Philippe Leblond, René Wurmser, Giuseppe Ochialini, Lafayette Rodrigues Pereira, José Moura Gonçalves,

Laura Gouveia Vieira, Ângelo Lobo Machado, Antonio Moreira Couceiro, Tito Enéas Leme Lopes, Jorge Castro Lima, Augusto Correa da Silva, Moacir Eli Rosa.

**Wanderley de Souza: Me interessa esse lado do Carlos Chagas pai. Seu pai trabalhou onde? Lá em Manguinhos?**

Crelir de Souza: Meu pai trabalhava em Manguinhos com Carlos Chagas, pai, e já conhecia o Carlos Chagas Filho. Quando ele começou a montar o Instituto, meu pai foi trabalhar com o professor Carlos Chagas Filho na Praia Vermelha.

**Wanderley de Souza: Mas foi trabalhar no laboratório ou no apoio administrativo? Ele era técnico de laboratório?**

Crelir de Souza: Não. Ele sabia ler muito pouco, mas entendia de anatomia como ninguém! Então ele trabalhava lá na Anatomia e trabalhava também com o Doutor Chagas.

**Wanderley de Souza: Talvez para ajudar a manipular o peixe elétrico, dissecar, essas coisas todas...**

Crelir de Souza: Quando eu cheguei no Instituto, o doutor Elias (*Cezar Antonio Elias*) dizia assim: “*Olha, essa salinha do Raio-X aqui, eu montei com seu pai!*”

**Wanderley de Souza: Eu não acompanhei a montagem do Raio-X.**

Crelir de Souza: Quando cheguei já estava montado!

**Wanderley de Souza: Isso lá perto do Solero (*Lauro Solero*), não é isso? Lá na Farmacologia?**

Crelir de Souza: Não, não! Na Praia Vermelha tinha uma salinha do chá, lá no Instituto.

**Wanderley de Souza: Que sala é essa do chá?**

Crelir de Souza: Você não está lembrado. Bem em frente à janela que dava para escada, onde todo mundo tomava cafezinho...

**Alvaro Leitão: É! Tinha uma sala de chá ali, que o pessoal de tarde se reunia lá para tomar chá...**

Crelir de Souza: Tomavam cafezinho.

**Wanderley de Souza: Não me convidaram! (risos).**

Crelir de Souza: Na época você era estudante! Só passava por ali correndo...

**Alvaro Leitão: Na verdade, eu nunca participei desse café! Eu sabia que existia...**

Creilir de Souza: Não! Não havia mais! Eles chamavam de sala do chá porque era onde eles faziam o cafezinho do Doutor Chagas...

**Wanderley de Souza: Mas no mesmo andar que ficava a diretoria?**

Creilir de Souza: No mesmo andar. Entrava nessa sala, andava um pouquinho, era o nosso laboratório. Nosso laboratório saía por essa sala...

**Alvaro Leitão: A gente subia a escada, era a primeira porta.**

Creilir de Souza: O Roberto Alcantara Gomes aproveitou e fez o laboratório dele, que teve uma parte nesse espaço, da sala de chá.

**Alvaro Leitão: Então, na verdade o nosso laboratório era na antiga sala de chá...**

Creilir de Souza: Um pedacinho... Depois, o Doutor Caldas (*Luiz Renato Caldas*) se afastou muito, ficou só o Roberto e você.

**Wanderley de Souza: De que ano você está falando?**

Creilir de Souza: Isso foi antes de 1970.

**Wanderley de Souza: Eu entrei lá em 1969, já era estagiário de Dona Hertha, no final do ano.**

**Erika Negreiros: Então essa sala não ficou mais sala do chá, virou laboratório e sala de Raio-X?**

Creilir de Souza: Foi feito um laboratório na sala do Raio-X. O Elias tinha o laboratório dele lá embaixo...

**Alvaro: Lembro que eles fizeram um escritório em cima do laboratório.**

Creilir de Souza: Ao lado do nosso, do antigo, lembra?

**Wanderley de Souza: O que eu lembro é que você subia a escada. Quando você saía da escada, o primeiro laboratório, assim quase que em frente, era o do Eduardo Penna Franca, depois vinha o laboratório da Dona Hertha, vinha a secretaria do Instituto, onde estava a sala do Chagas. Então, quando você ia passar para o corredorzinho para ir para o outro lado, à direita era a entrada que levava ao laboratório do Caldas, Roberto. E tinha um mezanino. Antes tinha a escada que subia para a biblioteca, seguia o corredor à esquerda era o laboratório que ficava o Chagas e a Aparecida Esquibel, um burauquinho onde ficava a Aída (*Aída Hassón-Voloch*).**

**Lá em cima, perto da biblioteca, ficava o laboratório do Hargreaves (Alberto Barbosa Hargreaves).**

Crelir de Souza: Justo. Mas bem em frente já, seguindo o corredor.

**Wanderley de Souza: Agora, aquela área da Radiobiologia, eu não me lembro de Raio-X lá no Instituto...**

Crelir de Souza: Tinha! Era apenas um “recuozinho”...

**Wanderley de Souza: O aparelho de Raio-X estava lá embaixo, perto da Farmacologia, no Solero...**

Crelir de Souza: Isso foi depois! Quando o Elias saiu do nosso laboratório, o aparelho de Raio-X foi lá para baixo.

**Erika Negreiros: Esse Raio-X é o que está atualmente no laboratório da professora Claudia Lage?**

**Alvaro Leitão: É o mesmo, até hoje!**

**Erika Negreiros: Nossa! A gente fez um vídeo sobre ele <sup>9</sup>. Parece que é o equipamento em funcionamento mais antigo do Instituto!**

Crelir de Souza: Então, meu pai de criação morreu e minha mãe de criação foi ao Instituto, lá na Praia Vermelha, acho que para resolver alguma coisa. Doutor Chagas perguntou se ela tinha alguém que quisesse deixar trabalhando no Instituto, então minha mãe falou que tinha eu.

**Wanderley de Souza: E qual era tua idade nessa época?**

Crelir de Souza: Eu estava com 20 anos. Foi em 1961 que minha mãe conversou com o professor Chagas. Em 1962 eu vim para o Instituto.

**Wanderley de Souza: E você começou no Instituto. Qual era a tua formação?**

Crelir de Souza: Nessa época, eu estava fazendo o ginásio à noite e trabalhando em uma indústria. Eu fazia o ginásio no Colégio Alcântara, em Cordovil. Ali na rua principal em Cordovil, Rua Bulhões Marcial. Acho que ainda tem essa escola. Eu fazia o ginásio ali à noite e trabalhava na indústria de lenços *Paramount*. Como eu comecei a faltar, chegar atrasada, pelo Sistema de Diretrizes e Bases eu perdi o ano, fiquei reprovada por falta. Então me disseram: “Porque você não vai fazer Artigo 99?” Foi então que me ferrei... Ouvi e fui fazer

---

<sup>9</sup> Aparelho de Raio-X científico Sigma: mais antigo do IBCCF e ainda utilizado em pesquisa científica:

<https://www.youtube.com/watch?v=f1hdZXkKBy4>

o Artigo 99<sup>10</sup>. Suei, mas consegui! Comecei a fazer cursinho no *Curso Carioca*, fiz prova em Niterói, em Volta Redonda, em todo lugar que abria prova eu estava lá fazendo. Foi quando eu consegui acabar meu primeiro e segundo grau.

### **Wanderley de Souza: Então você chegou ao Instituto...**

Creilir de Souza: Em 1961, quando eu ainda estava trabalhando na indústria de lenços *Paramount*, recebi o recado que o Doutor Chagas queria falar comigo. Eu estava de férias. Fui correndo, chegando lá, Doutor Chagas disse: “*Trouxe o jaleco?*”. “*Não trouxe!*” disse assustada. Ele já tinha me perguntado o que eu sabia, qual minha formação, então ele já tinha me sondado. Ele disse: “*Vamos abrir um laboratório de cultura de tecidos. E a minha ideia é te colocar para trabalhar nesse laboratório com o Doutor Luiz Renato Caldas*”. Então eu fui trabalhar. Como estava de férias, se eu não me adaptasse, poderia sair. Comecei a trabalhar, mas o laboratório ainda não estava montado. Quem ia chefiar esse laboratório era Maria Alice Salgado, que está na Bélgica, atualmente.

### **Wanderley de Souza: Estou achando interessante que esses nomes não aparecem nas histórias que a gente escutou até agora...**

Creilir de Souza: Fiquei lá no laboratório lavando material com a Dona Raquel (*Raquel Reis*), e preparando para esterilizar...

### **Alvaro Leitão: Wanderley, você se lembra da Dona Raquel?**

### **Wanderley de Souza: Claro, Dona Raquel, sim! Devia ser cultura de bactérias, não? Porque tecido humano era a dona Hertha e Marisa Musacchio...**

Creilir de Souza: Não! Era de tecido mesmo, com células humanas, hamster e de rim suíno. A Maria Alice, querendo me aproveitar, foi me puxando para fazer meio de cultura. “*Vem cá! Eu vou fazer meio de cultura, você vai ficar olhando e você vai aprender...*” E eu era curiosa! Ela fazia o meio, eu preparava e colocava no autoclave. Passou um tempo, ela disse: “*Hoje você vai fazer tudo aquilo que eu te ensinei!*” Eu usava aquela balancinha, e comecei a pesar e a fazer o meio. Tudo que a gente fazia de bom, Doutor Caldas dava aquele sorriso de orelha a orelha e me abraçava. Mas também quando não ficava a contento, ele

---

<sup>10</sup> “Art. 99. Aos maiores de dezesseis anos será permitida a obtenção de certificados de conclusão do curso ginásial, mediante a prestação de exames de madureza, após estudos realizados sem observância do regime escolar. Parágrafo único. Nas mesmas condições, permitir-se-á a obtenção do certificado de conclusão do curso colegial aos maiores de dezenove anos”. anos.”[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/delo709.htm#:~:text=%22Art.,sem%20observ%C3%A2ncia%20do%20regime%20escolar](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/delo709.htm#:~:text=%22Art.,sem%20observ%C3%A2ncia%20do%20regime%20escolar)

descascava! E eu não estava nem sabendo que estava indo bem! (risos). Maria Alice ficou contente, Doutor Caldas também! Tempos depois, montaram o laboratório para cultura de tecidos. Era uma cabine de vidro que ficava no finalzinho da sala. Nessa época, veio um cientista da França para ensinar a montar o laboratório, preparar o meio de cultura e cultivar as células...

**Wanderley de Souza: Como era o nome dele? Ele é do grupo Antoine Lacassagne?**

Creilir de Souza: Dr. Paulo Vigier, era do grupo do Dr. Raymond Latarjet, no Institut du Radium.

**Wanderley de Souza: O Latarjet também sempre cuidou de célula animal...**

Creilir de Souza: Ele era do Institut du Radium. O Vigier veio ensinar cultura de tecidos à Maria Alice, desde a preparação dos materiais até os meios de cultura e técnicas de cultivo. Antes de entrar na cabine de trabalho, lavávamos as mãos e braços, desinfetávamos e colocávamos um guarda-pó esterilizado.

**Wanderley de Souza: Mas chegaram a fazer cultura de tecido?**

Creilir de Souza: Eu lembro que ele foi embora para França e a Maria Alice ficou mantendo as células.

**Wanderley de Souza: Eu estou achando estranho, sabe por quê? É que naquela época já tinha o laboratório de cultura de tecidos da Hertha Meyer, Mariza Musacchio etc e tal...**

Creilir de Souza: Dr. Caldas queria seguir uma linha de pesquisa diferente. Eu lembro que tinha célula RS57, olha que eu ainda me lembro o nome da célula, *HeLa* e de hamster... E fazíamos o repique dessas culturas de células.

**Wanderley de Souza: Nas minhas anotações históricas, não tem dados sobre isso. Dona Hertha fazia cultura de tecidos clássica. Quem começou com células livres foi o Gilberto de Oliveira Castro quando voltou dos Estados Unidos. Começou a fazer cultura de célula cardíaca lá no meio do “Poleiro”, na subida para o outro andar...**

Creilir de Souza: Quando o Vigier ia ensinar a Maria Alice, ela dizia para eu ficar sentada olhando para aprender e ajudá-la. Eu ficava lá, eles lá dentro da cabine e eu do lado de fora, igual um coelhinho, olhando tudo! Quando ele tirou férias, foi passear, Maria Alice foi fazer meio de cultura. Na hora de montar, ela inverteu a ordem de uma das peças do filtro. Eu percebi o erro, bati no vidro e avisei que era ao contrário, ela agradeceu. E toda vez que ela ia fazer alguma coisa eu ficava lá olhando...

**Wanderley de Souza: Você foi olhando e aprendendo...**

Creilir de Souza: Tempos depois, a Maria Alice foi para São Paulo fazer um estágio no laboratório da professora Maria Castro. E não tinha quem ficasse no laboratório mantendo as células, se não iam morrer. Maria Alice me explicou tudo, mas não tinha dito qual era a intenção dela. Me andou fazer um repique de célula e escreveu meu nome no frasquinho. Dias depois, ia olhar o frasquinho, via se a célula estava grudadinha na parede do vidro. Tinha que estar com bom aspecto e se multiplicando. E estava! Mais uma série de abraços! E eu lá com a cara de chuchu... (risos).

**Wanderley de Souza: Aí você ficou cuidando enquanto ela foi para São Paulo...**

Creilir de Souza: Maria Alice foi e me deixou cuidando do estoque e fazendo meio de cultura.

**Wanderley de Souza: E quem usava essas células para fazer a experiência?**

Creilir de Souza: Ela até tentou fazer algumas experiências quando voltou de São Paulo. Mas, para ser sincera, isso eu não alcancei. Eu lembro que ela ainda estava engatinhando... Depois veio um americano, Michael Bender, que trabalhava com cultura de tecido. Eu sei dizer que todo mundo chegava me cumprimentando, me dando parabéns porque sabia o que eu estava fazendo...

**Wanderley de Souza: Mas vamos para o lado que a gente conhece mais, da parte do teu trabalho no Laboratório de Radiobiologia na época...**

Creilir de Souza: Quando ela foi para a Bélgica, o Doutor Caldas e o Roberto chegaram à conclusão que eu poderia ficar no Laboratório de Bacteriologia, trabalhando com bactérias. Eu fiquei fazendo meio de cultura e colaborando com a Leticia Mayr.

**Wanderley de Souza: Que ano o Roberto entrou no laboratório?**

**Alvaro Leitão: Acho que o Roberto entrou em 1963, porque ele saiu em 1966 com a tese pronta...**

Creilir de Souza: Roberto me deu um protocolo para seguir, antes me explicou e ficou disponível, caso tivesse dúvidas. Eu fiz, passei o dia todo trabalhando naquilo. Daqui a pouco eu vejo no fundinho do tubo um negócio gosmento. “Creilir! Você conseguiu extrair! Olha aqui! Olha aqui!” E eu não sabia nem o que eu tinha extraído. Era RNA (Risadas). Depois eu fiquei toda contente! Poxa, eu fiz isso! (risos). Mas na época eu não sabia nada.

**Wanderley de Souza: E aí, até o finalzinho da Praia Vermelha, você ficou ali?**

Creilir de Souza: Sim! Depois fui trabalhar com a redutona...

**Wanderley de Souza: Já se fazia a redutona! Aquele cheiro danado... (risos).**

Creilir de Souza: O pessoal dizia que era meu cheirinho... Me dava o protocolo e eu seguia direitinho e fazia o protocolo da redutona. Teve uma vez que saiu cristalizada! Eu pensei que tinha estragado tudo. Mostrei ao Doutor Caldas: *“Você conseguiu uma coisa difícilima! Você conseguiu!”* (Risadas). Ganhei muitos abraços! *“Saiu! Como que você conseguiu?”* *“Ah! Eu fiz exatamente igual ao protocolo.”* Depois eu tentei fazer cristalizada novamente, mas nunca mais consegui... (risos).

**Wanderley de Souza: Alvaro entra em 1969. Aí você encontrou com a Creilir, não é?**

**Alvaro Leitão: Em 1969 eu entrei na pós-graduação. Tinha primeiro um ranking de créditos e eu fiz todos os créditos.**

**Wanderley de Souza: Mas você já tinha escolhido esse laboratório?**

**Alvaro Leitão: Já fui direto...**

Creilir de Souza: Ele foi escolhido...

**Alvaro Leitão: Meu orientador já foi o Roberto Alcantara Gomes.**

Creilir de Souza: Doutor Caldas me pediu para fazer um meio de cultura, o meio nove. Era para sair branco, mas quando eu coloquei o meio na autoclave, saiu marrom. *“O que aconteceu?”* Deixei lá e esperei o Doutor Caldas: *“Vamos ver o que é isso.”* Ele me mandou fazer tudo separadinho. Começou a fazer a experiência nos dois meios. Foi quando chegou à conclusão que determinadas bactérias apresentavam diferentes resultados. No meio escuro havia uma maior letalidade, mas só depois da célula irradiada. Esse resultado deu origem ao trabalho da redutona. Esse experimento fez parte da sua tese?

**Alvaro Leitão: Acho que foi a tese do Roberto, sobre a nova restauração pela catalase. Ele colocava a catalase, o negócio desaparecia. Falaram com a Dra. Aída (Aída Hassón-Voloch) e ela identificou a redutona.**

Creilir de Souza: Ela fez cromatografia.

**Alvaro Leitão: Eu usei a redutona no meu mestrado e doutorado.**

Creilir de Souza: E eu fazendo sua redutona! (risos)

**Wanderley de Souza: Mais alguém que conviveu no laboratório nessa época? Além obviamente de Roberto e Caldas? Teve mais alguém?**

**Alvaro Leitão: Teve o Centeno (Alberto José Centeno). Aliás, o Centeno foi antes de mim. Quando eu cheguei, o Centeno já tinha ido embora. Passou um tempo lá, mas já tinha ido embora. Na Praia Vermelha foram Henriques, Salatiel, Centeno e eu. Eu entrei um ano antes.**

Creilir de Souza: Ana Coelho já foi aqui no Fundão. O Alberto Centeno foi membro do CNPq...

**Wanderley de Souza: Então chega o momento de vir para cá, para o Fundão.**

Creilir de Souza: Lá na Praia Vermelha ainda deu pano para a manga. Chegaram a conclusão que eu poderia estar ajudando nos projetos. Mas eu comecei a fazer a Faculdade de Biologia.

**Wanderley de Souza: Ah! Na UFRJ!**

Creilir de Souza: É! Comecei lá na Praia Vermelha...

**Wanderley de Souza: Então você fez vestibular e entrou no Instituto de Biologia. Naquela época era lá na Faculdade Nacional de Filosofia, na avenida Antônio Carlos...**

Creilir de Souza: Estava mudando para a Praia Vermelha...

**Erika Negreiros: Mas era curso de Ciências Biológicas ou Ciências Naturais?**

Creilir de Souza: Licenciatura em Biologia. Sendo que o que eu queria fazer mesmo era Farmácia. Eu perdi a prova de Farmácia, porque as duas coincidiam o horário e tinha que escolher uma, então fiquei na Biologia.

**Wanderley de Souza: Conseguia conciliar as duas coisas?**

Creilir de Souza: Consegui porque o Doutor Caldas deu uma abertura muito boa para isso. Comecei lá na Praia Vermelha e acabei aqui no Fundão. O Doutor Caldas fazia assim: “*Olha, você vem ao laboratório e faz o que você puder, mas é prioritário a sua faculdade, e eu quero que você acabe essa faculdade!*” No final, quando eu saía da aula ainda ia ao laboratório ver o que tinha mais para organizar. Depois ia embora correndo...

**Wanderley de Souza:** E a mudança de lá para cá, como foi a montagem? Vocês ampliaram o espaço? O espaço aqui era maior do que lá, porque lá era tudo meio mal ajambrado...

**Alvaro Leitão:** Mais ou menos. Não foi muito grande, não.

**Erika Negreiros:** Onde vocês estabeleceram o laboratório aqui no Fundão?

**Alvaro Leitão:** Lá embaixo, no subsolo. A gente veio mais ou menos para o mesmo espaço que a gente tinha lá, quer dizer, o espaço aqui era maior para todo mundo.

**Wanderley de Souza:** Um pouquinho a mais e mais organizado...

Crelir de Souza: Foi quando ele dividiu Radiobiologia Molecular e Radiobiologia Fundamental.

**Alvaro Leitão:** A não ser o Wanderley que ganhou um latifúndio (risos).

**Wanderley de Souza:** Não, eu não tinha nada. Nessa época eu era estudante! Tinha a Dona Hertha, o laboratório lá em cima, no segundo andar. E havia a unidade de Microscopia, no subsolo, que o Raul Machado montou. Eram dois módulos, depois que foi expandindo.

Crelir de Souza: Mas quando eu vim para o Instituto, eu trabalhava como serviço prestado. Eu larguei um emprego de carteira assinada. Larguei quatro anos de carteira de trabalho na indústria para vir ao Instituto. Eu queria porque queria estudar, lá no outro não dava.

**Wanderley de Souza:** E você se forma em Biologia. O que isso mudou em relação ao teu interesse dentro do laboratório? Passou a ter uma outra visão?

Crelir de Souza: Foi assim: Antes de me formar, fiz concurso para professora do município, mas mesmo com toda a regalia que eu ia ter lá, eu queria mesmo era laboratório, porque dar aula eu fiz porque todo mundo estava fazendo. Então eu fiz e passei. Mas eu queria mesmo era o laboratório. Chegou um ponto que estava assim: eu tentava dar aula no horário que não coincidissem com o laboratório, mas não conseguia. Ficou um negócio meio corrido e aquela falha no laboratório. Foi quando o Rex Michael Tyrrell veio chefiar o laboratório do Doutor Caldas. Ele me chamou para conversar sobre minha situação no

laboratório. Ele perguntou qual era minha formação, sobre o que dava aulas e qual minha disponibilidade no laboratório. Eu disse: *“Olha, se eu ganhar melhor no laboratório eu até peço demissão do município. Porque eu quero é o laboratório. Laboratório é o que eu gosto de fazer! Eu não gosto de dar aula. Eu dou porque fiz o concurso. Ainda tem mais: Isso que seus estagiários fazem aí, eu faço isso e muito mais.”* Eu tenho condições de fazer muito mais para o laboratório. Um dia ele me deu um projeto, fez o protocolo e disse o que queria ver. E perguntou se eu sabia fazer a experiência. Disse que sim. Era irradiar no monocromador. Na hora de irradiar, ele ia lá porque eu não sabia manipular o aparelho, então fiz a experiência que ele queria. Ele viu o resultado, pediu para repetir. Quando ele pediu para repetir a experiência, eu disse: *“Estou vendo aqui que demos uma bobeadinha, porque não estou vendo nada. Não tem que mexer na diluição?”* Ele olhou: *“Na diluição e muito mais! Muito obrigado!”* Apertou minha mão, ficou naquela felicidade toda. Eu tinha feito com as três cepas K12: AB1157, AB1886 e AB2463. Aliás, primeiro eu fiz com duas. A 1886 não deu nada! Morreu tudo porque a dose estava muito alta. Se eu fosse repetir exatamente igual, morria tudo de novo. Ele falou: *“Muito obrigado! Tem que mexer na dose! Gostei! Mostrou que você está prestando atenção!”* A partir daí, ele ganhou confiança em mim e começou a me estimular mais, a me dar mais tarefas. Tudo que fazia me explicava, dizia o que era. *Eu não vou dizer o que espero. “Você vai fazer e vamos ver o resultado.”* Via o resultado e discutia comigo. E com isso, fui ficando mais entusiasmada! Depois de um tempo, o Rex saiu do laboratório...

**Wanderley de Souza: Como é que foi o período do Rex? Eu não estou me lembrando...**

**Alvaro Leitão: O Rex veio quando o Caldas era Sub-reitor de PR-2 (Luiz Renato Caldas foi Sub-Reitor de PR2 de 1973 a 1977). Depois ele foi Reitor e o Rex ficou no Instituto.**

Creilir de Souza: Lembra quando eu fiz aquele curso na Venezuela, que o Rex deu todo apoio? Esse curso eu fiz em 1980.

**Wanderley de Souza: Mas que história é essa? Você foi fazer um curso no IVIC (Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas)?**

Creilir de Souza: Isso, no IVIC. Foi aquele curso de radionuclídeo. Passei um mês fazendo esse curso.

**Wanderley de Souza: Aquilo lá era muito bom!**

**Alvaro Leitão: Nessa época, a Creilir já estava em outro laboratório. Era eu e Roberto de um lado, e o Caldas, o Salatiel Menezes dos Santos e o Rex no outro.**

Creilir de Souza: Quer dizer, já estava tudo bem separadinho, mas mesmo assim, eu colaborava com os dois. Com o seu e com o do Doutor Caldas.

**Alvaro Leitão: Verdade! Dava apoio...**

Creilir de Souza: Um dia Rex falou: *“Creilir, o que você faz é muito bom para o laboratório. Mas para você, a gente não tem chance de pedir nada, porque seu nome aparece só na colaboração. Você tem que fazer mais. Você trabalha muito, não estou dizendo que você trabalha pouco, mas você tem que ter os seus trabalhos, a gente tem que publicar...”*

**Alvaro Leitão: Ter seu projeto.**

Creilir de Souza: É. Para mim estava muito bom, eu estava colaborando. Queria me ver feliz? Era sair uma tese do laboratório!

**Wanderley de Souza: Ou seja, ele estava querendo te levar para pós-graduação?**

Creilir de Souza: Ele pensou, mas depois eu mesma cheguei a conclusão que eu não tinha pique para fazer o curso de pós-graduação.

**Wanderley de Souza: Para fazer a pós, era duro para entrar na época.**

Creilir de Souza: É. Teve uma vez que eu tentei, mas parecia até a Alcione, fiquei num sufoco danado (risos).

**Wanderley de Souza: Depois, com o falecimento do Caldas, o laboratório ficou junto?**

Creilir de Souza: Não, nunca foi junto. Os trabalhos eram diferentes!

**Wanderley de Souza: Quem substituiu o Caldas?**

**Alvaro Leitão: Quem substituiu o Caldas foi o Salatiel, mas ele já estava lá.**

Creilir de Souza: O Salatiel substituiu o Rex... Porque o Doutor Caldas já estava bem afastado do laboratório e da parte de pesquisa.

**Alvaro Leitão: Do ponto de vista financeiro, era mais ou menos junto. Mas eu comecei a ver que o negócio não funcionava. Então eu chamei o Salatiel e dividimos tudo, fizemos uma separação física mesmo.**

**Wanderley de Souza: Em que ano o Caldas faleceu?**

Crelir de Souza: Primeiro foi o Roberto. Foi um baque, nossa! Eu lembro que quando aconteceu isso com Roberto, eu tinha sofrido uma fratura exposta no pé e estava em casa deitada, quando me telefonaram dizendo da morte do Roberto. Eu tremia tanto que a cama chegava a tremer.

**Alvaro Leitão: Acidente de carro. Quando o Roberto morreu, dois dias depois eu encontrei com o Caldas. Ele foi lá fora me procurar. Estava almoçando, a gente almoçava ali naqueles trailers e o Caldas chegou arrasado.**

**Wanderley de Souza: E logo depois foi o Caldas.**

Crelir de Souza: Foi um mês depois.

**Erika Negreiros: Em 1991 foi o falecimento do Alcantara Gomes e do Caldas...**

**Wanderley de Souza: Quando chegou esse período que Alvaro está mencionando, onde houve a separação física mesmo, você ficou em qual laboratório?**

Crelir de Souza: Eu fiquei com o Salatiel, eu já era do Laboratório de Radiobiologia Fundamental.

**Alvaro Leitão: Em verdade, ainda na Praia Vermelha, quando o Roberto fez o doutorado dele, o Caldas dividiu o laboratório, embora no mesmo espaço físico. Criou o Laboratório de Radiobiologia Fundamental e o outro Laboratório de Radiobiologia Molecular. O Caldas ficou no Fundamental e o Roberto com o Molecular. Quando a gente separou fisicamente, o Rex já tinha ido, já estava na Suíça, em Lausanne. Chamei o Salatiel, vamos dividir, vidraria e tudo! Você pega metade e eu pego metade e a gente separa fisicamente.**

Crelir de Souza: A separação física ocorreu no fundão.

**Alvaro Leitão: Então Crelir, eu lembro que você só tem um trabalho com teu nome. C.M.Souza, um trabalho que você está como autora...**

Crelir de Souza: É! Publicação de 1996. O resto é só em agradecimento. O Salatiel me pediu para ajudar a Maria Emília a fazer experiência de fotorestauração usando flash de máquina fotográfica em bactérias previamente irradiadas com UV 254nm. Fizemos a experiência e, para nossa surpresa, houve inativação ao invés de fotorrestauração. Quando o Salatiel viu o resultado, achou que havíamos cometido algum erro e mandou que repetíssemos a experiência, apesar de eu ter certeza que havia colocado bactéria. Então repeti como ele havia

mandado, mas fiz uma parte usando um filtro para cortar a ultravioleta. O resultado mostrou que o flash o qual usamos continha ultravioleta. Fiquei empolgada com o resultado, mas o Salatiel, naquele momento, tinha outro interesse que era quantificar a enzima de fotoliase. Comecei a fazer as experiências por minha conta, mas eu tinha que dar prioridade de material e espaço para os alunos que estavam fazendo tese. Quando dava, eu fazia uma experiência. O salatiel viajou para a França e o Dr. Caldas ficou pelo laboratório, e nesse período houve a Jornada Interna de Biofísica. Então eu disse: *“Doutor Caldas, eu tenho um resultado, eu gostaria que o senhor visse. Acho que dá pra apresentar na jornada”*. Ele fez assim (cara de espantado): *Quem te orientou?* (risadas).

**Wanderley de Souza: Aí você apresentou?**

Creilir de Souza: Expliquei tudo para ele. Ele achou muito interessante! *“Creilir! Muito interessante! Pode apresentar sim!”* Apresentei, algumas pessoas viram, comentaram, fizeram perguntas... Quando o Salatiel voltou da França, ele viu que o Doutor Caldas deu apoio, viu que eu tinha apresentado, então ele se interessou! Mostrei a ele os resultados, que elaborou um projeto, completamos o trabalho e saiu a publicação.

**Wanderley de Souza: Você continuou no Salatiel?**

Creilir de Souza: Continuei. Eu quebrei o pé e levei anos para me recuperar. Além disso, o Fernando Henrique Cardoso, com aquele negócio de dizer que ia aumentar o tempo para aposentadoria, resolvi pedir a minha. Acho que foi em 1995.

**Wanderley de Souza: Então você se aposentou e foi fazer o quê?**

Creilir de Souza: Me aposentei e fui morar na roça. Lá em Maricá, num sítio. Criar galinha, criar cachorrinho, vender banana...

**Wanderley de Souza: Maricá está bem? Eu entrei lá um dia desses na cidade e achei ela bem transformada!**

Creilir de Souza: Transformada está!

**Wanderley de Souza: Mas então, você se aposentou e foi para lá. E está satisfeita? Está tranquila?**

Creilir de Souza: Eu me aposentei e comecei a fazer cursos. Curso de massoterapia, de shiatsu, de estética facial, estética corporal, até curso de expressão corporal eu fiz (risos). Tudo que pintava no Senac eu fazia. Pós-graduação em meio ambiente pela Faculdade Cândido Mendes, eu fiz também!

**Wanderley de Souza: E o que que você planta e colhe nesse sítio?**

Creilir de Souza: Eu tive muita banana lá, mas cheguei à conclusão que manter empregado é complicado. E eu que já não tinha idade para subir morro, estar ajudando, ficar olhando e fiscalizando. Só levava na cabeça. Aí desisti de tudo. Agora só planto meus temperinhos, minhas besteirinhas.

**Alvaro Leitão: Planta para comer...**

Creilir de Souza: Planto. Pior que, minhas galinhas, por exemplo, eu nem como! Burrice gastar um dinheirão...

**Wanderley de Souza: Onde é o teu sítio?**

Creilir de Souza: Espreado. É a zona rural de Maricá.

**Wanderley de Souza: Eu ia quando o Darcy Ribeiro tinha um sítio lá. Eu ia muito, assim, final de semana. A gente marcava reuniões lá nesse sítio... ele tinha uma casa. A casa dele é na beira da praia, um projeto do Oscar Niemeyer, casa histórica inclusive... Eu acho que hoje é um museu. Mas vem cá, algum ponto que nós não tenhamos coberto e que você sentiu falta de falar da tua história?**

**Alvaro Leitão: Tem uma história. Eu me lembro que a Creilir tinha os seios muito grandes e que atrapalhava a coluna. (risos). O Doutor Chagas arrumou uma cirurgia para ela.**

**Wanderley de Souza: Caiu na mão de quem? Do Pitanguy?**

Creilir de Souza: Foi engraçado. Teve um dia que eu passei no corredor, e o Doutor Chagas disse assim: *“Minha filha, vou te falar. Vou te fazer uma pergunta com todo respeito. Eu tenho você como se fosse minha filha... Você não gostaria de operar esse busto?”*. Eu disse: *“Gostaria!”* - *“E não operou, por quê?”*. Eu disse: *“Eu tenho medo de ser mãe e não poder amamentar, e também com quem eu gostaria de operar, eu não tenho dinheiro”*. (risos). Ele: *“Com quem você gostaria de operar?”* Eu ri e disse: *“Com o Pitanguy!”*.

**Erika Negreiros: Gente! Essa história é maravilhosa... (risos).**

Creilir de Souza: Ele disse assim: *“Pois eu tenho um almoço com Pitanguy e vou conversar com ele a seu respeito.”*

**Wanderley de Souza: Aí resolveu...**

Creilir de Souza: Um belo dia eu estou no laboratório, vem a secretária do Doutor Chagas: *“Doutor Chagas quer falar contigo.”* Quando eu cheguei aqui em cima (andar térreo do IBCCF), o Doutor Chagas disse: *“Eu marquei o Pitanguy para você!”* Uma consulta com Pitanguy tal dia e tal hora... *“Mas eu não tenho dinheiro para pagar”*. *“Vai lá e conversa com ele.”* E eu cheguei lá na clínica...

### **Wanderley de Souza: Na Dona Mariana...**

Crelir: Aquela coisa toda... Meu pé sumia dentro daquele tapete (risos).

### **Wanderley de Souza: Um senhor consultório! Era uma casona, centro de estudos...**

Crelir de Souza: Um jardim. Esperei numa sala. Depois passei para uma outra mais bonita ainda! Era assim. Espero que ainda seja. Fui atendida lá pelas pessoas. Chegou a hora de eu ser consultada com ele. Ele falou: *“Eu preciso operar!”* Olhou essa marca do ombro e tal... *“Você realmente precisa operar”*. Quando ele falou que podia me operar tal dia, pronto! Ele não sabe que eu não posso pagar (risos)... Ele me pediu para conversar com uma pessoa. Ela veio conversar comigo e marcou para fazer sua cirurgia tal dia, assim, assim... *“Mas eu não tenho dinheiro para pagar... Quanto é?”* *“O que foi que você conversou com ele?”* Expliquei tudo. Ela foi numa outra sala e ligou para ele, e disse que meu salário não dava para pagar aquilo. Depois ela chegou e falou assim: *“Olha, o doutor Pitanguy disse que é um pedido do professor Carlos Chagas e que ele vai fazer, mesmo que você não possa pagar nada. Você pode pagar o anestesista?”* Eu disse: *“Quanto é?”* - *“É x”*. - *“Posso!”* Aí paguei. Quando acabou tudo, a cirurgia que eu fiz, ninguém tinha me cobrado nada ainda. Fui falar com a Dona Olga, que era uma das secretárias dele. Ela disse assim: *“Não, minha filha, depois o professor Chagas disse para fazer parcelado”*. E ainda me cobrou em não sei quantas parcelas. Estava em casa muito bem, me recuperando da cirurgia, daqui a pouco o telefone tocava. Era para ir lá ao consultório fazer uma filmagem, porque ele ia apresentar esse trabalho num congresso na França. Então, chegava lá, filmava. No início eu suava... (risos). E que vergonha... E diziam: *“Não tenha vergonha porque ele está acostumado a fotografar, filmar...”* Passavam uns dias, eu tinha que voltar lá de novo para fazer outras filmagens...

### **Wanderley de Souza: Evolução... Virou caso clínico! (risos). Ele quem devia te pagar (risos).**

Crelir de Souza: Uma das vezes, a enfermeira me disse que ele ia apresentar o trabalho num congresso lá na França. Então teve um casal assim, falando francês... Eu na sala, sendo filmada, e eles dois conversando do lado de fora. Escutei quando ele falou para o casal: *“Quer ver alguma coisa bonita?”* *“Ah! Sim! Oh! Oui!, Uh! Très jolie! C'est bien!”* Ele contou o que fez e tal... Eu acho que o outro devia ser cirurgião também.

### **Alvaro Leitão: E ele não te pagou direito de imagem?**

Crelir de Souza: Não pagou! (risos)

**Wanderley de Souza: O Alvaro trouxe um ponto que não estava no script. (risos).**

**Alvaro Leitão: É a influência do Doutor Chagas! Porque realmente ele mexeu na vida de um monte de gente...**

**Wanderley de Souza: Ele mexia em absolutamente tudo!**

**Erika Negreiros: Mas é bem bacana porque demonstra uma preocupação do professor Chagas, um lado humano dele.**

**Wanderley de Souza: Então finaliza com a Creilir sendo operada por Pitanguy! Nem todo mundo pode colocar no seu currículo isso aí!**

Creilir de Souza: Isso foi em 1979.

**Wanderley de Souza: Alvaro, você já lembrou uma coisa que não estava na programação... (risos). Tem mais alguma outra coisa?**

**Alvaro Leitão: Ela adora samba! Ela ia para desfile de escola de samba...**

Creilir de Souza: Ah! Eu desfilava! Era eu, Marly (*Marly Ferreira Alves*) e o falecido Jorge (*trabalhava com o professor Gustavo de Oliveira Castro - "Babinho"*)..

**Alvaro Leitão: Agora, o que a gente mais lembrava da Creilir era do cheiro... quando ela fazia redutona, porque o cheiro era de matar! O pessoal reclamava quando ela fazia no laboratório do Caldas. (risos).**

**Wanderley de Souza: Aqui eu não me lembro, mas lembro na Praia Vermelha... Aquilo ali, todo mundo queria te matar! (risos).**



Festividade no IBCCF, década de 1980. Crelir com Carlos Chagas Filho, Luiz Renato Caldas, D. Annah e Aída Hasson-Voloch.



Crelir em diferentes fases.

## **EDIL SATURATO DA SILVA FILHO**

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros

Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho

Data: 19/08/2021

**Wanderley de Souza: Ok, Edil! A primeira pergunta é a seguinte: Quando foi que você entrou no Instituto de Biofísica?**

Edil Saturato: Eu entrei dia primeiro de junho de 1976.

**Wanderley de Souza: E como é que você chegou aqui? Como o Instituto de Biofísica chegou para você?**

Edil Saturato: Foi através do professor Carlos Eduardo Guinle da Rocha Miranda. Meu pai, Edil Saturato, o conhecia e fez uma entrevista com ele. A gente bateu um longo papo e eu comecei logo na semana seguinte.

**Wanderley de Souza: Qual era tua idade naquela época? Você estava estudando?**

Edil Saturato: Eu tinha dezenove para vinte anos. Tinha acabado de sair do exército, estava fazendo o segundo grau e foi quando eu peguei essa oportunidade.

**Wanderley de Souza: Você completou o segundo grau e começou o estágio... Ele te apresentou logo para o Raymundo Bernardes?**

Edil Saturato: É, inclusive era departamento. Existia Neurobiologia um, Neuro dois e Neuro três. Eu trabalhava no laboratório de Neuro um, com o professor Eduardo Oswaldo Cruz, e com o professor Rocha Miranda no laboratório Neuro dois. De técnicos que trabalhavam no departamento, somente eu e o Senhor Raymundo. Então o negócio era bem complicado. Tinha Neuro três, que era o Jorge Luiz, que trabalhava com o Dr. Hiss (*Hiss Martins Ferreira*), Dr. Aristides (*Aristides Pacheco Leão*) e Dr. Gustavo (*Gustavo de Oliveira Castro*).

**Wanderley de Souza: Tinha o Zé Cláudio lá no Couceiro (Antonio Moreira Couceiro). E você começou fazendo o que?**

Edil Saturato: Eu já comecei aprendendo com o Senhor Raymundo, que era uma fera. Fazia de tudo, inclusive a parte histológica, que ele me ensinou. Só eu fiquei com a parte histológica, com todo tipo de reação.

**Wanderley de Souza: Quais os animais que você usava para fazer a parte histológica: cortar, corar e etc...**

Edil Saturato: Na época usávamos gambá e macaco. Seu Raymundo ficava na área de experimentos e eu na área de cortes e colorações.

**Wanderley de Souza: Era um departamento grande.**

Edil Saturato: Hoje em dia existem dois ou três técnicos em cada laboratório, antes era só eu e o Seu Raymundo em um departamento enorme. Entrava sete horas da manhã, saía sete da noite, oito da noite... Não tinha essa, não!

**Wanderley de Souza: Quem trabalhava na época no departamento?**

Edil Saturato: Tinha o Ricardo Gattass, Roberto Lent, Rafael Linden, Rosália (*Rosália Mendes-Otero*), Eliane Volchan, Leny Alves Cavalcante, Aglai Penna Barbosa de Souza, Nora (*Jan Nora Hokoç Moura de Melo*), Luiz Gonzaga, Gavrir...

**Wanderley de Souza: Todos eram estudantes?**

Edil Saturato: Acho que todos eram estudantes

**Wanderley de Souza: E tinha aquela turma de Belém: Cristóvão Wanderley Picanço Diniz, Luiz Carlos Silveira... E então você foi trabalhando nisso, fez algum outro curso depois?**

Edil Saturato: Fiz curso técnico de Patologia Clínica, no Henry Dunant na Tijuca, foi em um ano e meio. Infelizmente não fiz faculdade, e hoje em dia me faz muita falta...

**Wanderley de Souza: De nível superior não fez nada. É uma pena porque na época isso não era muito estimulado. Foi um erro, o Instituto devia ter tido um programa de estímulo a isso, mas ninguém pensou. Era a base da iniciativa do técnico. Alguns laboratórios até incentivaram que os alunos fizessem um curso. Porque hoje, quem conseguiu fazer um curso superior, depois fez o mestrado profissional, e ao se aposentar se aposenta com o valor do salário bem melhor... E vem cá, durante o tempo todo você foi interagindo. Tem algum pós-graduando com o qual você interagiu muito na tese e que hoje é professor aqui no Instituto?**

Edil Saturato: Sim, todos eles! Consta meu nome na tese deles com agradecimento! Aliás eu vejo colegas que trabalharam em vários laboratórios e não dava certo. Mas eu, desde que entrei fiquei no mesmo departamento.

**Wanderley de Souza: O que tem de mudança aqui... Tem gente aqui que mudou, rodou o Instituto inteiro. De sete em sete anos mudava. (risos).**

Edil Saturato: Sim, a interação era muito boa! Nunca tive problema.

**Wanderley de Souza: E no momento continua fazendo a mesma coisa ou tem mais outras coisas que você faz além do que sempre fez?**

Edil Saturato: Na época até reduziu algumas coisas, porque eu trabalhava com a autoradiografia.

**Wanderley de Souza: E hoje ninguém faz mais...**

Edil Saturato: Não, não tem mais. Eu recebia raio-X, hoje eu tenho insalubridade...

**Wanderley de Souza: Você chegou a interagir com a Leny (Leny Alves Cavalcante) também? Porque a Leny fazia muito radioautografia.**

Edil Saturato: Sim! Exatamente! Fazia com ela!

**Wanderley de Souza: Hoje não se usa mais? O que se usava para a autoradiografia?**

Edil Saturato: Prolina e timidina, que era para ver a marcação de núcleos.

**Wanderley de Souza: Do ponto de vista técnico, como é que foi a evolução? O que você aprendeu de novo nos últimos dez anos? Ou continua fazendo as mesmas coisas?**

Edil Saturato: Eu continuo fazendo as mesmas coisas, só que não é pouca coisa. Faço reações de lítio, de citocromo oxidase, heidenheim, galhyas, vermelho neutro e reação de nissil.

**Wanderley de Souza: Aquelas impregnações metálicas de prata, você faz também?**

Edil Saturato: Sim! Que é o galhyas. Nós trabalhamos com nitrato de prata, nitrato de amônia, ácido sílico túngstico, piridina, anidrido acético...

**Erika Negreiros: Você chegou a dar algum curso sobre essas técnicas?**

Edil Saturato: Não, não!

**Wanderley de Souza: Pois é, acho que a gente vai ter que organizar depois uns técnicos dando curso de técnico, porque daqui a pouco ninguém mais sabe.**

Edil Saturato: Ninguém mais sabe... correto!

**Wanderley de Souza: Você sacrifica os animais também?**

Edil Saturato: Já foi o tempo que eu fazia isso. Hoje outra pessoa prepara a sala de experiência, eles fazem o experimento e me dão o cérebro já perfundido.

Então eu pego o cérebro, cortamos e, no dia seguinte, inicio as reações e entrego a lâmina pronta para eles analisarem. São em torno de setecentos cortes seriados de cada macaco. Gambá não tem mais. Inclusive tem uma criação de macacos lá no biotério.

**Wanderley de Souza: Acho que, como consequência e coroamento do livro, a gente poderia organizar um curso prático com os experimentos dos técnicos, de toda a parte animal. Daqui a pouquinho você não vai ter gente aqui nem que sabe sacrificar o animal, porque todo mundo trabalha com cultura de células. Deve ter poucos lugares que têm condições de fazer uma perfusão.**

Edil Saturato: Eu já estou com quarenta e quatro anos aqui, então eu devo me aposentar! Eu não sei como será, porque eu sou o único técnico, e ninguém mais faz isso. E o professor Ricardo Gattass não quer que eu saia... (risos).

**Wanderley de Souza: Claro! Se você sair do laboratório dele... Mas tem um momento, que ele também vai sair.**

**Erika Negreiros: E como é que fica?**

**Wanderley de Souza: Eu acho o seguinte: você vai me cobrar a organização de um curso prático com os técnicos dando as aulas práticas. Vai ter que encontrar um espaço para poder montar esse curso, ou no próprio laboratório onde a pessoa trabalha... Vamos ver manipulação animal, saber fazer uma perfusão, saber sacrificar um animal e coletar tecidos específicos, fazer cortes em parafina, em criostato, colorações específicas que são métodos difíceis...**

Edil Saturato: É uma ótima ideia!

**Wanderley de Souza: Quer dizer que de vez em quando, você comenta em se aposentar e o Ricardo Gattass traz uns kibes... (risos).**

Edil Saturato: Eu tô seriamente pensando nisso... (risos).

**Wanderley de Souza: O Gattass é um grande “fazedor” de comida árabe. Eu só fiquei chateado que ele fez aniversário e ficou me dizendo, você vai ver... Depois ofereceu um almoço num restaurante árabe ali de Copacabana... Eu: “Pô, Ricardo! Eu queria ver a tua capacidade culinária...”**

Edil Saturato: Ele é fera!

**Wanderley de Souza: Edil, algum fato interessante que você se lembre?**

Edil Saturato: Eu quase não saía do laboratório, então...

**Wanderley de Souza: Ficava ali, só trabalhando.**

Edil Saturato: Às vezes tinha festa aqui no Instituto e eu ficava trabalhando! Porque realmente era complicado.

**Erika Negreiros: Era meio antissocial...(risos). Mas tem umas fotos suas aqui no Museu!**

Edil Saturato: Sim! Tem sim!

**Wanderley de Souza: Você está vindo aqui? Você vem com que frequência?**

Edil Saturato: Eu venho pouco, porque o pessoal do biotério tem vindo, e no laboratório eu espero quando eles precisam...

**Wanderley de Souza: Ah! Vai ter um material hoje aqui! E você inclui em que?**

Edil Saturato: Antes era em parafina, hoje é em corte de congelamento. Pega a pecinha, coloca o bloco, o meio de cultura, que é tipo um “siliconezinho” que gruda. A gente envolve o cérebro em gelo seco por 5 minutos, coloca no cryostato e espera a temperatura estabilizar a menos 18 graus. A partir daí, eu corto o cérebro, coloco na lâmina e entrego para o aluno montar.

**Erika Negreiros: Depois faz a coloração?**

Edil Saturato: Então eu começo a fazer no dia seguinte. Algumas lâminas eu coloco na geladeira e no dia seguinte eu começo a fazer as colorações, que não são todas no mesmo dia. E quando não fica bom, a gente deixa dentro de uma solução de fixação. A partir dali, desses cortes todos, dessas lâminas todas, que é um mundo de lâminas, eu já separo e a gente escreve identificando cada lâmina. No dia seguinte eu começo a fazer a bateria de reações.



Edil com Penha Cristina Barradas Daltro-Santos e Sr. Raymundo Bernardes, no Laboratório de Neurobiologia II, chefiado por Leny A. Cavalcante.

## **EDUARDO DE FREITAS CAMACHO**

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Wanda Von Kruger e Erika Negreiros

Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho

Data: 05/03/2021

**Wanderley de Souza: Qual é a sua origem no Instituto de Biofísica? Você se lembra da sua entrada? Quem te trouxe, quem te recebeu?**

Eduardo Camacho: Na época, eu tinha treze anos de idade e trabalhava numa fábrica com carteira assinada. Eu trabalhei lá por sete meses, porque surgiu uma oportunidade na Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha, em fevereiro de 1971. Eu entrei com quatorze anos de idade, trabalhando com os professores Luis Renato Caldas, Roberto Alcantara Gomes e Alvaro Leitão, que era estudante de pós-graduação. Mas nessa época não sabia muito bem o que eu queria da vida, então eu fiquei por tempo. Eu entrei através do Haroldo, meu irmão.

**Wanderley de Souza: Então você devia ser o caçula, né?**

Eduardo Camacho: Sim, eu sou o caçula dos homens.

**Wanderley de Souza: Porque o Haroldo era mais antigo, e trouxe muita gente que ele conhecia, muita gente do Instituto chegou aqui através do Haroldo.**

**Wanda Von Kruger: Muita gente da família.**

**Wanderley de Souza: Da família, vizinhos, conhecidos...**

Eduardo Camacho: (risada) Sim, foi.

**Wanda Von Kruger: Você tem outros irmãos aqui, Camacho?**

Eduardo Camacho: Sim, eu tenho. O mais antigo do NUTES é o Paulo Roberto. Na Biofísica, só o Haroldo e eu.

**Wanderley de Souza: Eu lembro do Haroldo. Você não é dessa época. No final, depois de trabalhar em várias coisas, gráficas e etc, ele montou um restaurante aqui embaixo, no subsolo do Instituto. Fazia fila! Você pegou essa fase?**

**Wanda Von Kruger: Peguei, tinha trailer lá fora também.**

**Wanderley de Souza: Tinha um trailer lá fora, mas tinha o restaurante aqui. Então nós íamos lá comer, eu almocei muitas vezes lá.**

Eduardo Camacho: Naquela época eu não sabia muito bem o que queria da vida, sei que eu estava no professor Alvaro e eu entrei e sai umas duas vezes. E eu fiquei trabalhando com o Haroldo no restaurante dele aqui, atendia lá fora. No laboratório do Caldas, eu fiquei uns sete anos.

**Wanderley de Souza: O que você fazia no laboratório?**

Eduardo Camacho: Na época eu era laboratorista, eu fazia a lavagem de material, a esterilização, meio de cultura e muita distribuição de meio de cultura em placas de Petri. Era muita coisa, não era pouca coisa, não.

**Wanderley de Souza: O laboratório era muito ativo na época, logo que descia a escada, ali perto da subida para a biblioteca (Na época do prédio da Faculdade de Medicina na Praia Vermelha). Você lembra da biblioteca?**

Eduardo Camacho: Lembro, inclusive o senhor começou ali na professora Marisa (*Marisa Musacchio*).

**Wanderley de Souza: É, Dona Hertha Meyer. Em 1971 eu já estava na iniciação científica. Ali subia, tinha o Hargreaves (Alberto Barbosa Hargreaves). Chegou a chupar as melancias do Hargreaves, não?**

Eduardo Camacho: Não! (risada).

**Wanderley de Souza: O Hargreaves trabalhava com uma enzima, a urease, que extraia da semente da melancia, então ele comprava. Chegava com seis, sete melancias grandes e tinha que só tirar as sementes. Então a gente ia lá ajudar chupando e tirando (risada). Nós éramos requisitados para chupar melancia.**

Eduardo Camacho: Eu nem sabia disso.

**Wanderley de Souza: Pois então, você perdeu (risada).**

Eduardo Camacho: Perdi mesmo (risada). Bom, aí eu vim aqui para a Cidade Universitária, para o Fundão, eu acho que foi em 1974, se eu não me engano. Fiquei um tempo aqui no Alvaro e depois eu saí de vez.

**Wanderley de Souza: Mas quando você veio para cá, tinha o laboratório do Caldas e o laboratório do Roberto. O Alvaro não tinha laboratório ainda, era aluno do Roberto.**

Eduardo Camacho: Ah, tinha separado. É isso que eu não estava me lembrando. Estou falando Alvaro porque, no final, ele acabou sendo o meu chefe mesmo.

**Wanderley de Souza: Depois o Alvaro sucedeu ao Roberto, quando foi para a UERJ e ficou mais tempo na UERJ do que aqui.**

Eduardo Camacho: Pois é, por isso que eu estou falando Alvaro, porque eu trabalhei muito com o Alvaro, diretamente. Eu fiquei um tempo com ele, fiquei mais ou menos uns sete anos, no total. Depois eu saí e trabalhei um tempo fora. Depois acabei voltando para cá. Eu acho que a minha vida é aqui mesmo e não teve jeito. Trabalhei com o Haroldo e consegui, através do Celso Pereira e do Amílcar Tanuri, entrar no laboratório do professor Darcy Fontoura de Almeida, em 1982. Eles falaram com o professor Darcy e ele me aceitou.

**Wanderley de Souza: Eu não estou me lembrando de você no Darcy. Ele ficava ali, o laboratório que era em frente ao da Microscopia, então a gente tinha muita interação com o Amílcar, o Luis Carlos, Wanda... Foi antes da Wanda, não foi?**

**Wanda Von Kruger: É, eles já estavam aqui quando eu cheguei. Eu cheguei em 1982.**

**Wanderley de Souza: Quando você chegou já tinha o Amílcar, o Paulo Paes de Andrade.**

**Wanda Von Kruger: Sim, e me dava a maior dor de cabeça com o Dr. Darcy (risadas)**

**Wanderley de Souza: O Celso era meu companheiro de jogar futebol.**

**Wanda Von Kruger: Isso mesmo, jogava aqui. Você jogava aqui também, né?**

Eduardo Camacho: Nós jogávamos aqui.

**Wanderley de Souza: Claro, todo mundo jogava. Um dia desses a Noemia apareceu aqui com uma foto jogando futebol. Derrubei ela em um dia em que estava chovendo, não sei o que, aí estava todo mundo cheio de lama...**

Eduardo Camacho: A Noemia? (risos).

**Wanderley de Souza: Agora deixa eu só entender uma coisa... Então você estava aí com o Alvaro até 1981, mas sempre só lavando material ou você chegou fazer, a preparar meio de cultura, fazer transferência de bactéria, manter bactérias em cultura... Você chegou a fazer isso?**

Eduardo Camacho: Somente a parte de lavagem, esterilização, preparo de meio de cultura, preparo de soluções e distribuição do meio de cultura em placas de Petri e soluções em tubos de ensaio. Era muito tampão e meio que ele usava.

**Wanderley de Souza: E enquanto isso você estudava fora? Você chegou a fazer até que nível?**

Eduardo Camacho: Voltando ao início do professor Darcy. Quando eu saí do Alvaro, já tinha o segundo grau. Eu fiz o segundo grau em contabilidade. Quando eu fui para o professor Darcy, eu passei um tempo lá, entrei como laboratorista e fazia a mesma coisa. Depois passou um tempo, eu entrei na Fundação José Bonifácio.

**Wanderley de Souza: Foi contratado. Até então, como você era pago? Você tinha contrato por serviço prestado?**

Eduardo Camacho: Não, era por verba. A gente assinava recibo por serviço prestado.

**Wanderley de Souza: Assinava serviço prestado na época da FINEP, na época do Eduardo Penna Franca como Diretor...**

Eduardo Camacho: Deve ter sido isso, Penna Franca.

**Wanderley de Souza: Era o projetão FINEP que você podia contratar com carteira assinada. Foi a primeira regularização, porque muita gente estava aqui em situação precária, ninguém irregular. Mas hora assinava um recibo aqui outra hora assinava ali, aí conseguiu-se contratar.**

Eduardo Camacho: Eu tive um ano de carteira assinada pelo professor Penna Franca. Bem, no laboratório do professor Darcy, depois de um tempo, conversei com ele e falei que eu queria passar para técnico de laboratório. Ele falou: *“Mas para isso você tem que ter o curso de técnico de laboratório, ter o segundo grau como técnico de laboratório”*. Então eu falei: *“Não, eu tenho o de contabilidade”*. Ele: *“Então você tem que fazer um curso para poder entrar no laboratório como técnico de laboratório na fundação”*. Eu fiz o curso com o André (*André Benedito da Silva*) lá no Henry Dunant na Praça Saens Pena, por um ano e oito meses ou dois anos.

**Wanderley de Souza: Esse curso ensinava o que? Você se lembra de aulas nesse curso que te ajudaram na tua vida de técnico?**

Eduardo Camacho: Era mais plaqueamento. Era um curso teórico que falava muito sobre o tecido humano.

**Wanderley de Souza:** Aliás, esse foi o erro aqui do Instituto, nós nunca fizemos um curso de treinamento técnico. Veio surgir depois no Mestrado Profissional. Surgiu, mas a gente nunca se preocupou em formar melhor as pessoas que já trabalhavam aqui. Um cursinho de final da tarde teria ajudado muita gente.

Eduardo Camacho: Verdade. Bem, quando eu consegui o diploma levei para ele e ele falou: *“Ah, tudo bem. Agora eu vou dar entrada para ver se você passa para técnico”*. Isso foi em 1988, quando a gente passou para a universidade como estatutário.

**Wanderley de Souza:** Foi na gestão do Reitor Horácio Macedo. Isso merece um registro, porque nunca se fazia concurso para técnico do laboratório. Aí o Horácio Macedo assumiu a reitoria e foi a época, logo depois da Constituição, que dizia que a universidade tem autonomia administrativa. Então ele falou: *“Seu eu tenho autonomia administrativa, eu faço o que eu quero”* (risos). Então ele falou o seguinte: *“Todos os técnicos que estão trabalhando nos laboratórios de pesquisa e que forem bons”* - aí é que foi o problema - *“manda a lista para cá que eu vou contratar como servidor da UFRJ”*.

**Wanda Von Kruger:** Olha que beleza!

**Wanderley de Souza:** Só que aqui na Biofísica muita gente não entrou, passou por um processo de discussão. Em outros lugares, mandaram todo mundo. Então foi uma enxurrada de contratação. A Biofísica sempre foi exigente. Às vezes até demais. Então aí você passou por esse processo e foi contratado, passou a ser servidor da universidade. Isso foi que ano?

Eduardo Camacho: Em 02 de junho de 1982 minha carteira foi assinada pela Fundação José Bonifácio.

**Erika Negreiros:** Então em 1988, você foi regularizado, retroativo desde 1982. Entendi.

**Wanda Von Kruger:** Eu lembro do dia que eu cheguei no laboratório. Estava o Celso e o Camacho trocando um botijão de gás, os dois abaixados ali, olharam assim (risada). Eu lembro da cara deles.

Eduardo Camacho: Dessa época, eu lembro do Luiz Carlos, a esposa dele, a Ana Carolina, a Wanda, Amilcar, Paulo, Heloisa, Ada, a Bia que está aí ainda. Teve o Márcio também.

**Wanda Von Kruger: O Márcio está nos Estados Unidos. Foi aluno do Luís Carlos, fez doutorado aqui e foi fazer pós-doc lá.**

**Wanderley: Você ficou no Darcy até que ano?**

**Wanda Von Kruger: Para sempre! (risos).**

Eduardo Camacho: Para sempre, estou até hoje (risada).

**Wanderley de Souza: Quando o Darcy saiu, foi você que assumiu não foi, Wanda?**

**Wanda Von Kruger: Não, foi o Luiz. O Luiz assumiu por um período, que o Luiz já estava com um pé na USP, mas aí o Paulo Bisch entrou. Eu também estava meio que fora, fazendo pós-doc nessa época.**

**Wanderley de Souza: Hoje vocês estão onde? Já nem sei. Lá embaixo saiu tudo.**

**Wanda Von Kruger: Acho que a gente saiu de lá em 2000, quando foi inaugurado o laboratório aqui. Tem até foto do Doutor Chagas, aquele espectrômetro de massa...**

Eduardo Camacho: Laboratório em frente ao professor Edson Rondinelli. Depois eu fiquei trabalhando com a Wanda um bom tempo. Eu e o Celso trabalhamos com *Trypanosoma cruzi*. Depois de um tempo, como eu já estava na área, fiz Biologia na Souza Marques e me formei. Porque a gente aproveita esses momentos quando a gente tem um emprego e está na área - a gente faz faculdade que é relacionado àquilo que a gente trabalha. Foi o que eu fiz.

**Erika Negreiros: Você foi da turma da Ivonete (Ivanete Marins)?**

Eduardo Camacho: Sim, fui da turma da Ivonete.

**Wanderley de Souza: O Elias (Cezar Antonio Elias) dava aula na Souza Marques para a Medicina.**

Eduardo Camacho: É, mas eu não me lembro dele lá, não. Bom, enfim, fiz faculdade... E posso falar em frustração?

**Wanderley de Souza: Tem que falar tudo!**

**Erika Negreiros: Se a gente puder transcrever você fala, o que não puder a gente não coloca (risos).**

Eduardo Camacho: Eu só tenho uma frustração aqui na universidade. Na época, o presidente Collor suspendeu o concurso interno que era uma chance para eu passar para um nível superior, quer dizer, uma chance que eu teria. Claro, teria

que estudar, fazer o concurso para poder passar e sair de técnico de nível médio para superior.

**Wanderley de Souza: Mas hoje existe técnico com nível superior. Pela legislação, você tem que fazer concurso para isso. Antes você tinha carreira de promoção**

Eduardo Camacho: Mas para mim não valeria a pena porque eu ia retroagir em dinheiro, ou iria ficar em um nível equivalente ao que eu ganhava como técnico.

**Wanderley de Souza: Ser promovido para perder dinheiro é esquisito.**

Eduardo Camacho: Pois é, esse era o problema. Era uma disputa danada. E no final das contas, ia sair perdendo se caso eu passasse. Bom, enfim, estou aí até hoje. Acho que isso é tudo.

**Wanderley de Souza: E hoje você está trabalhando em que? O que você faz? Como é que você acha que progrediu em termos de trabalho experimental? Esquece as coisas de promoção, de dinheiro, eu digo de aprendizagem.**

Eduardo Camacho: Eu aprendi a mexer em muita coisa lá no laboratório, em vários aparelhos como centrífuga, liofilizador, pHmetro, espectrofotômetro, microscópio...

**Wanda Von Kruger: Ele é expert em microscópio! Qualquer coisa é: Pelo amor de Deus, Camacho! Me ajuda aqui (risos).**

Eduardo Camacho: Principalmente o microscópio. É uma coisa interessante que eu vou falar agora. Eu fiz um curso com o professor Raul Machado, na Microscopia, com o microscópio óptico.

**Wanderley de Souza: Em geral, era ajudado pelo Marcos Farina. Ele gostava muito.**

**Wanda Von Kruger: Ah, tem que falar do biotério...**

Eduardo Camacho: Eu fiquei trabalhando com a Wanda, usando camundongo, e para isso eu tive que fazer outros cursos. Aprendi a manipular camundongos com o Jose Carlos, técnico da Microbiologia. Depois fiz curso na Fundação Oswaldo Cruz e no Inca, na Cruz Vermelha. Fiz esses cursos e fiquei trabalhando com inoculação de camundongo durante muito tempo. Eu cheguei a preparar os inóculos e inoculava em camundongos...

**Wanderley de Souza: Era *Trypanosoma cruzi*?**

**Wanda Von Kruger: Na época do *T.cruzi* você fez isso ou não?**

Eduardo Camacho: Eu só passava as culturas de um camundongo para outro.

**Wanderley de Souza: Você tirava do sangue do coração e passava para outro. Você fez isso, aprendeu com quem?**

Eduardo Camacho: Isso eu aprendi nesses cursos lá na Cruz Vermelha.

**Wanderley de Souza: O Alexandre (*Aderbal Alexandre alves*) era um craque nessa área.**

**Wanda Von Kruger: A gente tinha casos, trabalhando com *T.cruzi* em meio de cultura a muito tempo, ele perdia infectividade. A gente passava em camundongo várias vezes para recuperar, e ele é que fazia isso tudo, porque ninguém mais mexia.**

Eduardo Camacho: Eu também, fiz de tudo com camundongo. (risada).

**Wanda Von Kruger: Inoculava camundongo, abria camundongo, tirava intestino, macerava...**

Eduardo Camacho: Tirava os órgãos, tirava o intestino, macerava, pesava, fazia novamente uma cultura, plaqueava, contava as colônias, fazia isso tudo. E eu fiquei até pouco tempo trabalhando com camundongo.

**Wanda Von Kruger: É, quando a gente ainda tem um experimento com camundongo, é ele quem faz.**

**Erika Negreiros: Então no caso, os alunos de mestrado e iniciação científica não fazem essa parte. O Camacho quem faz de todo mundo.**

**Wanda Von Kruger: É, porque não é qualquer um que faz, você tem que injetar o camundongo, muitas vezes você tem que inserir pela boca do bichinho desse tamaninho de 4, 5 dias... Isso não dá para qualquer um fazer.**

Eduardo Camacho: Isso não dá, não. Leva tempo para aprender. E eu também andei um tempo trabalhando para a Ada Alves lá na fundação, fiquei um bom tempo fazendo um trabalho para ela, retirando um linfonodo de camundongo.

**Wanderley de Souza: Olha que não é fácil tirar linfonodo. Hoje tem pouca gente que sabe trabalhar com animais. Todo mundo trabalha com cultura de células... Eu às vezes tenho que ir lá no laboratório,**

**tem que entrar nessa parte porque essa turma jovem não aprendeu isso**

Eduardo Camacho: Eu quebrei o galho de muita gente aqui no Instituto, com inóculo de camundongo, retirada de órgãos. Eu fiz isso aí para muita gente. Principalmente tirar sangue do coração, que também não é fácil. Tem que passar um tempo aprendendo a fazer isso.

**Wanda Von Kruger: Agora ele está querendo se aposentar, vê se pode? (risos). Não existe mais técnico como o Camacho.**

**Wanderley: A Noêmia se aposentou, aí eu peguei uma bolsa da FAPERJ. Ela está vindo, tem a aposentadoria dela e uma bolsa para nível superior.**

**Erika Negreiros: Se a pessoa gosta muito do que faz, vai voltar.**

Eduardo Camacho: Eu não quero me aposentar agora, não.

**Wanderley de Souza: No caso do professor, a gente vai até os 75 anos.**

**Wanda Von Kruger: Eu também. Vou ter que me aposentar até agosto porque eu vou fazer 75. O Paulo (*Paulo Bisch*) também, daqui a pouco vai ter que aposentar.**

**Erika Negreiros: Mas aí vocês continuam... E como que faz se quiser continuar?**

**Wanderley de Souza: Aí depende. Tem gente que se aposenta e tem gente que quer continuar, e o Instituto tem que autorizar para você continuar trabalhando. Mas você deixa de ter responsabilidades mais formais administrativas, dar aula, mas se quiser pode continuar também.**

**Wanda Von Kruger: Eu ainda tenho aluno de mestrado em andamento. Meu marido é da Engenharia Biomédica na COPPE, aposentou e continua dando aula até hoje. Ele quer continuar, então...**

**Wanderley de Souza: Camacho, no teu tempo de referências técnicas, não hoje, na transição da Praia Vermelha para cá, cita assim cinco técnicos que você tira o chapéu, como dizia naquele programa de televisão.**

Eduardo Camacho: Cito o próprio Celso (*Celso Pereira*), o Advaldo (*Advaldo Bezerra*), o Bill (*Claudio Nunes*), o André (*André Benedito da Silva*) e o Alexandre (*Aderbal Alexandre Alves*). Eu falei mais de homem por causa do futebol. (risos).

**Wanderley de Souza: Olha eu não perguntei quem era um bom jogador (risos).**

**Erika Negreiros: Mas tinha o melhor jogador dos técnicos e professores? Quem era o melhor jogador de professor e de técnico?**

Eduardo Camacho: Os que jogavam melhor? Olha, tinha o Edil, o Celso, falavam que eu também jogo bem bola...

**Wanda Von Kruger: E o Salatiel? Eu lembro que o Salatiel era bom.**

**Wanderley de Souza: O Salatiel era jogador firme. Ele estava sempre jogando. Dos professores o Salatiel estava sempre lá.**

**Erika Negreiros: O Wanderley jogava bem?**

**Wanderley de Souza: Ah, mais ou menos. (risos).**

Eduardo Camacho: Ah jogava, jogava sim.

**Wanderley de Souza: Me divertia.**

Eduardo Camacho: Mas a intenção era se divertir, né?

**Erika Negreiros: As mulheres não jogavam? Você disse que a Noêmia jogava.**

**Wanderley de Souza: A Noêmia jogava, eram poucas mulheres, mas jogavam.**

Eduardo Camacho: A Noêmia eu não vi jogar ali, sinceramente. Não vi, não. Mas era muito bom quando a gente jogava lá na Educação Física, que tinha bastante gente naquela época. A gente jogava vôlei também, neste caso tinha o Olaf (*Olaf Malm*).

**Wanderley de Souza: Tinha uma turma que era da carpintaria. A gente tinha uma carpintaria aqui, só do Instituto.**

**Wanda Von Kruger: Era uma maravilha. Tinha uma oficina mecânica também.**

**Wanderley de Souza:** E Wanda, o que você se lembra que ele não falou? (risadas).

**Erika Negreiros:** Eu fiquei com uma dúvida só, não sei se você chegou a comentar, mas passou por mim. Por que você decidiu ir para o laboratório do professor Darcy? Você estava no Alvaro e saiu. Por que você optou por essa mudança?

Eduardo Camacho: Pois é. Eu falei no início que eu tinha entrado e saído umas duas vezes, porque naquela época eu ainda estava muito indeciso sobre a minha vida. Aí depois eu acabei saindo, em definitivo, do Alvaro. Por duas vezes eu pedi pela fundação para ele assinar a minha carteira, só que naquela época eu acho que já tinha gente com carteira assinada e eu não consegui. Aí eu pensei: “*Poxa, sai de um lugar que com 13 anos eu tinha carteira assinada, e agora eu trabalhando esse tempo aqui eu não consigo uma carteira assinada?*”. Aí eu não sei se foi isso ou foi a confusão na minha cabeça, pela idade. Eu cheguei à conclusão que meu lugar era aqui mesmo em definitivo, como eu estava trabalhando no restaurante do Haroldo. Aí apareceu o Celso e o Amílcar.

**Wanderley de Souza:** Deve ter surgido a necessidade, o cara já tem experiência já sabe. Porque o Darcy trabalhava muito com bactérias, então o treinamento dele lá no laboratório do Alvaro, do Caldas, já ajudava muito.

**Erika Negreiros:** E o professor Carlos Chagas Filho? Chegou a ter contato?

Eduardo Camacho: É, eu tive pouco contato com ele, na verdade. Eu falava com ele às vezes, muito poucas vezes eu me lembro de conversar com ele. Era uma pessoa assim muito dada, ele conversava com todo mundo, mas as oportunidades foram poucas.

**Erika Negreiros:** As linhas de pesquisa não eram tão próximas assim, né?

**Wanda Von Kruger:** Ah, muito distante. A gente era mais de microorganismos.

**Wanderley de Souza:** E quase todos ficavam no subsolo.

**Erika Negreiros:** Todo mundo isolado lá embaixo...

**Wanderley de Souza:** Eu acabei de me lembrar que eu tinha escrito um livro sobre o laboratório, de todo mundo que passou por lá. Aí

**agora eu atualizei e nós vamos lançar daqui a duas semanas. Peguei os últimos 20 anos. É interessante você fazer essas coisas, que aí fica fácil para o Instituto depois reconstruir tudo. Tem todo mundo que passou pelo laboratório, onde é que foi, onde é que está, onde foi criado, tem isso tudo, tem trezentas e poucas páginas.**

**Wanda Von Kruger: Faz uma árvore genealógica. Para onde os meus alunos foram? É muito legal!**



Laboratório de Radiobiologia Molecular do IBCCF, na década de 1990. Da esquerda para direita – André Benedito da Silva, Lee Chen Chen, Eduardo Camacho e Janine Simas Cardoso Rurr.



Eduardo Camacho durante experimento no Laboratório de Fisiologia Celular do IBCCF.



Comemoração de aniversário do Eduardo Camacho no Laboratório de Fisiologia Celular do Darcy Fontoura de Almeida, na década de 1990. Imagem acima à esquerda – Eduardo Camacho, Ada, Ana Beatriz Furlanetto Pacheco, Marisa, Wanda Almeida Von Kruger,

Marcelão, Marcio. Celso Pereira e Douglas (sentados). Imagem abaixo à esquerda – Celso, Ana Beatriz, Ada, Douglas, Ronaldo Mohana e Marcelão. Imagem abaixo à direita – André Benedito, Camacho, Jorgete, Nilson Nunes Tavares, João Carlos. Sergio Nogueira Magalhaes e Gentil da Cunha Filho (sentados).

## GENTIL DA CUNHA

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Antônio Carlos Campos de Carvalho e Erika Negreiros

Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)

Data: 10/09/2020

### **Wanderley de Souza: Então Gentil, quando você veio para o Instituto de Biofísica?**

Gentil da Cunha: Em 1994 e continuo até hoje aqui no Instituto.

### **Antônio Carlos: Quando você veio, o Gilberto (*Gilberto Mendes de Oliveira Castro, Diretor de 1994 a 1996*) estava na direção do Instituto, em 1994.**

Gentil da Cunha: Eu vim em 1994 e o convite partiu do Professor Gilberto, que na época era sub-reitor na PR2. Neste momento, ele estava assumindo a Direção, e eu questionei: “*Mas professor, o senhor está lá, e eu estou aqui, eu me sinto lisonjeado e honrado, mas, quero saber o porquê deste convite?*” E ele me respondeu: “*Eu não preciso conhecer o homem, mas sim, o trabalho do homem. E o seu trabalho aqui na Reitoria foi fundamental, e eu estou indo para lá, e preciso de você na Biofísica*”. Então eu vim para a Biofísica e ao chegar aqui, tinham muitas coisas que eu achei que não estavam corretas. Procurei fazer uma administração, para unir minha experiência com meus conhecimentos, desde 1972 na UFRJ, uma vez que eu tive muita experiência e trabalhei com muitas pessoas dedicadas e bem sucedidas nas suas funções. Desta forma, procurei me espelhar nisso, e graças a Deus resolvi os problemas do Instituto.

### **Wanderley de Souza: Qual foi a missão que ele te deu, assim que você chegou aqui?**

Gentil da Cunha: Ele só chegou e me falou para organizar a casa. Administrar o prédio e, nesta época, as oficinas, com seus respectivos cronogramas, e eu tenho todos esses documentos comigo, os que tem um programa aqui da administração do Instituto: hidráulica, elétrica, refrigeração e mecânica. Na época, por exemplo, na oficina de carpintaria, que era enorme, tinha o Carlos. Antes também tinha o Tininho, que trabalhava com o Carlos.

### **Wanderley de Souza: O Tininho fazia um trabalho mais fino, de marcenaria.**

Gentil da Cunha: Isso! Ainda tinha a marcenaria, onde hoje é o laboratório do Ronaldo Mohana. Na parte de mecânica estavam Célio e Sérgio.

**Antônio Carlos:** Antes tinha um torneiro mecânico do CBPF, Sr. Oswaldo, ele veio para cá e foi quem ensinou o Célio a trabalhar com fresas, torno... E tinha um outro rapaz também na oficina mecânica, eram três pessoas que ficavam.

**Wanderley de Souza:** A Erika me pediu para lembrar o Instituto de Biofísica quando ficava no prédio da Faculdade de Medicina na Praia Vermelha, canto por canto (risos). Então eu estou fazendo um desenho do prédio, nas voltas, e dizendo “*aqui ficava isso, aqui ficava aquilo.*” Alguém descreveu que o Paes de Carvalho, Oswaldo Cruz, etc, estavam no segundo andar, isso foi num segundo momento. Porque antes, eles não estavam no segundo andar. Aquilo foi uma área da Fisiologia que se pegou, que estava fechada e que foi uma brigalhada dentro do ICB. Na época, o Lauro Solero era o diretor, e todo mundo queria aquele espaço.

Gentil da Cunha: Era um espaço nobre?

**Wanderley de Souza:** Não é que era um espaço nobre, era um espaço desocupado. Darcy (*Darcy Fontoura de Almeida*) conseguiu uma sala e depois, arranhou-se um conjunto grande que é para onde foi o Antônio Paes de Carvalho, Eduardo Oswaldo Cruz, Carlos Eduardo Rocha Miranda, Ayres da Fonseca Costa, Leopoldo De Meis. Todos foram para esse segundo andar, saindo do que se chamava de poleiro. Isso entre 1970 e 1971.

**Antônio Carlos:** A gente veio para cá em 1972...

**Wanderley de Souza:** Antes o Leopoldo ficava ao lado do biotério onde se mantinha os pintos e galinhas infectados com protozoários causadores da malária de aves (*Plasmodium gallinaceum* e *Plasmodium juxtannucleare*). Subia uma escadinha, tinha o biotério e mais adiante era o laboratório do Leopoldo.

**Antônio Carlos:** Mas era dividido! O pé direito era tão alto, que em um andar você fazia um mezanino...

**Wanderley de Souza:** Antonio, onde você começou fisicamente? Em que lugar?

**Antônio Carlos:** No laboratório do Paes de Carvalho, no segundo andar da Faculdade de Medicina, onde tinha a diretoria. Tinha um espaço bastante grande, acho que eram umas três ou quatro salas.

**Wanderley de Souza:** Mas antes ele estava em cima, num buraco...

**Antônio Carlos:** Quando eu cheguei, ele já estava em uma área bem privilegiada. E eu fazia experimento com Eliete Bouskela, em uma última sala do laboratório cuja janela dava para o morro.

**Wanderley de Souza:** Sei que eu ia muito para as bandas de lá, porque a Dona Hertha conseguiu um espaço para colocar a microcinematografia, porque isso tudo estava no departamento do Antônio, Circulação e Biomecânica. Então lá num cantinho tinha uma sala que pegou para montar a microcinematografia.

**Erika Negreiros:** Essa sala, por exemplo, temos fotos e é possível ter uma visão interna dela. Mas precisamos compor também onde se localizava esse espaço na planta do prédio. Fazer isso com todos os espaços e laboratórios do Instituto nessa época. Isso vai possibilitar a reconstrução 3D do prédio da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha...

**Antônio Carlos:** Mas a melhor história da Urca é a história do Ayres chegando para estacionar o Dodge Dart dele (risos). Ele chega para estacionar e lá está o Joãozinho. Você não lembra, o Joãozinho era um cara que fazia muitas coisas ali, ele cuidava do estacionamento, lavava os carros.

**Wanderley de Souza:** O estacionamento era onde? Era por trás, em frente à casa do estudante?

**Antônio Carlos:** É! Lá atrás, entre o final do prédio e o morro. O Ayres chega para estacionar o carro e pergunta para o Joãozinho: “É... eeu eeu queria uuumama vaágaga!”

**Erika Negreiros:** Ele era gago?

**Antônio Carlos:** O Ayres era muito gago. E se ele ficava nervoso, aí ele ficava mais ainda. “*Quir quir quir quiriia eeestacionar mememe meu carro.*” E o Joãozinho olhava para ele e não dizia nada. Então o Ayres foi ficando cada vez mais nervoso, e cada vez ele gaguejava mais. E o Joãozinho não dizia nada. O Ayres foi lá, estacionou o carro, subiu e foi reclamar, não sei se foi com o Paes de Carvalho ou com o Chagas: “*Eeesse fufufufun funcionário aqui, chego lá, fafafalo*”

*com o cara e ele nenenem me responde. Uuma falta dede educação.”* Aí chamaram o Joãozinho: *“Joãozinho, o que houve? O professor pediu sua ajuda para estacionar o carro, e você nem respondeu?”* Aí o Joãozinho diz: *“Ppprofessor, o sesenhor acha que eu ia poder reresponder? Ele ia pepensar que que eu tatava gozando!”* (risos).

**Wanderley de Souza: O Joãozinho era mais gago ainda! (risos).**

**Antônio Carlos: Olha, essa história é impagável! (risos).** Ele era gago e aí o Ayres gaguejando, ele pensou: *“não vou responder porque o cara vai achar que eu estou de brincadeira com ele...”* (risos).

**Erika: Muito boa as histórias do Instituto, tem até história com jacaré! (risos).**

**Wanderley de Souza: Mas vamos retornar ao Gentil!**

Gentil da Cunha: Quando eu cheguei no Instituto, acho que o sr. Oswaldo não estava mais aqui... Então para dar seguimento aquilo que aprendi nas outras unidades, por exemplo, instituí aqui ordem de serviço, porque as solicitações ficavam perdidas e sem prioridades. A ordem de serviço por prioridades funcionou muito bem, porque por exemplo, se houvesse um vazamento muito grande, uma coisa que fosse comprometer o trabalho, isto deveria ser prioridade, do que de um serviço que não necessariamente seria urgente realizar. E outra parte importante incorporada dentro dessa ordem, foram os equipamentos. Institui também extintor e mangueira de incêndio. Foi a nossa salvação aqui naquele incêndio. Minha outra preocupação foi com os fios nos quadros de força, eram de plastichumbo e estavam todos pendurados. De imediato, fui trocando, tubulando tudo e trocando esses plastichumbos. Essas questões, foram minhas primeiras providências tomadas aqui na Biofísica, e depois fui instituindo, a entrada e saída da portaria, controle da retirada de nitrogênio por parte dos usuários, bem como o abastecimento do tanque pela White Martins feito semanalmente.

**Antônio Carlos: E a manutenção predial em si, como calhas nos telhados?**

Gentil da Cunha: Calhas para os telhados são uma das minhas preocupações que eu tenho hoje no Instituto. Mas, até hoje nunca ocorreu entupimento de calhas. Agora nem tanto porque é época de caírem poucas folhas, aquela amendoeira caiu, aí tive que podar. Então eu faço quinzenalmente uma limpeza, uma vistoria no terreno, no telhado. Tudo que instituí no Instituto, sempre foi muito bem

aceito pelo corpo social da Biofísica, e o resto é dar continuidade, com dedicação e empenho, além de saber lidar com o pessoal.

**Wanderley de Souza: Não tinha resistência com o pessoal?**

Gentil da Cunha: No início teve, mas, sabendo lidar e conversando, não mais. Fui bem diplomático, graças a Deus! Eu sempre falei assim: *“Gente, eu não vim aqui para prejudicar ninguém. Eu vim aqui para cumprir a minha missão, e fui convidado pelo diretor para vir para cá porque ele precisava de uma pessoa aqui para organizar a administração do prédio, e só. Se eu achar que tem que modificar alguma coisa, eu não vou tomar a iniciativa sem antes consultar vocês. Vocês são os profissionais e eu não vou tomar iniciativa sem comunicar e solicitar também a opinião de vocês.”*

**Antônio Carlos: É uma característica importante que você tem. Como a gente diz, é sestroso, jeitoso, gentil... Como o próprio nome indica (risos). Na minha gestão, Gentil foi fundamental e uma tranquilidade em termos de resolver os problemas aqui na Biofísica.**

Gentil da Cunha: Você foi meu Diretor!

**Antônio Carlos: E foi conseguido, pelo menos na minha gestão. Principalmente porque você já estava mais ambientado aqui na Biofísica. Sabia como organizar melhor algumas das oficinas que tinha divergências. E realmente, organizou muito o fluxo de atendimento, de trabalho. Para mim foi uma tranquilidade, porque antes você tinha que ficar lidando e tudo caía nas costas do diretor. Qualquer coisa é o diretor que tinha que resolver, o diretor que tinha que chamar o cara da hidráulica, o diretor tinha que chamar o sujeito da elétrica... Então, eu acho que melhorou muito a questão da gestão do prédio.**

Gentil da Cunha: Administrar uma Biofísica não é fácil! Imagina alguém reclamar com o Diretor sobre vazamento, falta de água ou energia no laboratório? Vocês tem muita coisa para fazer e, se tem alguém para responder por isso, esse alguém sou eu! Eu só levo problema para o meu diretor em última instância, quando eu não posso resolver. Até aqui eu resolvo, daqui para cima não dá. Mas isso aí é difícil! Eu tenho, graças a Deus, muita iniciativa não só internamente como externamente.

**Antônio Carlos: E isso é outra grande vantagem do Gentil, que é o conhecimento externo, uma vez que ele, como já tinha trabalhado na Reitoria, conhecia outros setores. Qualquer coisa que precisasse, ele tinha conhecimento em todas essas outras áreas.**

**Wanderley de Souza: E qual a ajuda do CCS (*Centro de Ciências da Saúde*)?**

Gentil da Cunha: Tenho um bom relacionamento no CCS, me dou muito bem com o gerente de operações gerenciais. Tem bons profissionais, mas eu acho que falta uma administração mais atuante. Antigamente, a manutenção do CCS atendia todas as unidades, mas hoje já não é assim. Eu acho que só atendem a decania do CCS e salas de aula.

**Wanderley de Souza: E as outras unidades? Tem uma pessoa como você?**

Gentil da Cunha: Olha, professor, não é para me enaltecer, não! Mas dizem que o melhor administrador do CCS da UFRJ chama-se Gentil! Eu escuto isso por aí! Aí eu digo para os caras: “*Acho que sou, porque? Tenho o apoio da minha diretoria! Tenho verba, tenho material, tenho tudo. Se eu tenho verba, tenho material e aqui, graças a Deus, não falta nada, não tem como não fazer uma boa administração.*”

**Erika Negreiros: Mas isso é uma coisa importante, o apoio da direção do Instituto em reconhecer a importância e dar condições para sua atuação.**

**Wanderley de Souza: Até uma certa esfera, você tem autonomia para decidir gasto?**

Gentil da Cunha: No início do ano, faço uma relação de material quando sai o SIAFI. Eu faço uma relação de material que preciso durante todo o ano. Dificilmente eu compro alguma coisa nesse intervalo. Eu tenho meu almoxarifado, por sinal, muito bem montado. Então, dificilmente vou dizer que deixei de fazer isso por falta de material. Também estão relatados, todos os tipos de serviços, datas, funcionários, etc.

**Wanderley de Souza: Você tem uma previsão orçamentária que funciona?**

Gentil da Cunha: Tenho!

**Wanderley de Souza: Descarte está com você também?**

Gentil da Cunha: Não, está com a Adilis (*Adilis de Andrade Clemente da Silva*), que é chefe da Seção de Patrimônio. Se for patrimoniado, eu não tenho como resolver, mas se não for, eu resolvo.

**Erika Negreiros: Você se referiu a um incêndio, quando e onde ele ocorreu?**

Gentil da Cunha: Ocorreu em 9 de outubro de 1998.

**Antônio Carlos:** Eu era o Diretor, mas estava de férias pescando no Pantanal Mato-Grossense. A vice era a Rosália (*Rosália Mendez-Otero*). Nessa época, tinha também uma jornalista, Cristina Miguez. O incêndio começou no ar-condicionado da sala onde ela e Gentil ocupavam, ao lado da Diretoria. Eu só soube do incêndio horas depois, quando voltei da pescaria.

**Wanderley de Souza:** A Cristina ajudou, num certo momento, a gente conseguir inserir notícias nos jornais, matérias do Instituto no Globo, Jornal do Brasil. Ela fazia um boletim, aqueles livrinhos impressos. Alguns deles, foi ela quem organizou.

**Erika Negreiros:** Então tinha um setor de jornalismo, alguma coisa assim, aqui no Instituto. Interessante!

**Wanderley de Souza:** Tinha! Uma coisa boa que acabou. Todo artigo que era aceito, de alguém do Instituto, ia para o boletim. Naquela época não tinha ainda nem internet direito. Hoje a gente não sabe o que o Instituto está publicando, produzindo. As pessoas acham que a gente tem que descobrir tudo na internet.

**Antônio Carlos:** Bom, além do que, às vezes é difícil, não é? Porque tem gente que põe Instituto de Biofísica, tem gente que põe só UFRJ... Então, para saber o que o Instituto está produzindo, você tem que ir no Lattes de cada professor, praticamente. Mas voltando ao incêndio, não passou da sala?

**Erika Negreiros:** Mas começou por quê? Com uma fiação?

Gentil da Cunha: O ar-condicionado pegou fogo.

**Antonio Carlos:** O pavor que a gente tem de incêndio aqui, é que na maioria desses armários têm reagentes altamente inflamáveis, então...

Gentil da Cunha: Isso o professor Rafael Linden veio falar comigo. Veio me agradecer, porque ele estava com um armário no segundo andar cheio de reagentes, e a laje já estava aquecendo. Mais meia hora, o armário seria atingido, aí seria difícil debelar o incêndio.

**Antônio Carlos:** Como você conseguiu resolver? Porque foi de noite, não foi?

Gentil da Cunha: Isso até saiu na assessoria de imprensa da época. O vigia estava vendo uma fumaça sair da janela da sala da jornalista, bem como por debaixo da porta. Aí ligou para os bombeiros em torno de uma hora da manhã, porém eles não vieram. Às seis e trinta da manhã ligaram para mim, relatando o fato. Quando eu cheguei, abri a porta da secretaria, como não tinha a chave da contabilidade, tive que arrombar a porta. Eu prefiro errar por audácia do que por omissão. Iniciei junto com os vigilantes Nathanael, Sampaio e Seu Jerson, o combate às chamas na assessoria de imprensa e administração - a sala da jornalista e a minha. Na ocasião, tive ajuda das professoras Narcisa Leal e Thaís. Realmente, me ajudaram muito. Tive ajuda também do servidor Hélio, da graduação, e das funcionárias da limpeza que me auxiliaram no transporte de extintores e conexão das mangueiras. Observamos a necessidade da vigilância ser orientada a atuar com maior rapidez nas situações de emergência. No caso, o incêndio poderia ter sido debelado no seu princípio, evitando maiores danos, se as portas das salas tivessem sido arrombadas no momento da chegada do responsável pela vigilância.

**Wanderley de Souza: O laudo final foi o ar-condicionado mesmo?**

Gentil da Cunha: Exatamente. Utilizamos pó químico para apagar o fogo do material energizado, até desligar a energia elétrica, para utilizarmos as mangueiras e água, tudo com muita dificuldade por causa da fumaça. Conseguimos conter o incêndio. E informamos que o corpo de bombeiros foi acionado por diversas vezes, mas, quando chegaram ao local do incêndio já havia sido debelado. Tudo isso, eu que tomei essa iniciativa. Eu também tenho guardado mais artigos lá embaixo, por exemplo, a respeito da dificuldade que nós tivemos com a falta de pessoal da limpeza. Eu fazia um documento de pedido para a Decania, ou mandava direto para a Reitoria...

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
INSTITUTO DE BIOFÍSICA CARLOS CHAGAS FILHO

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1998

Do: Administrador do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho  
Sr. Gentil da Cunha Filho

Para: Superintendente do Centro de Ciências da Saúde  
Sr. Judas Tadeu

Assunto: esclarecimento

Senhor Superintendente,

Com relação ao registro de ocorrência de 09/10/98, feito pelo Sr. Jefison, coordenador da SSVF do CCS/UFRJ, relativo ao incêndio ocorrido nas dependências do Bloco G deste Centro, esclareço que alguns pontos não estão afinados com a realidade dos fatos, sendo necessário os seguintes esclarecimentos:

- No dia da ocorrência, recebi telefonema em minha residência às 6:30h, chegando ao local de trabalho às 7:15h, e não às 6:45h conforme consta no registro de ocorrência feito pela SSVF.
- Ao chegar, abri a Secretaria, a qual tenho acesso e iniciei junto com os vigilantes Natanael, Sampaio e o Sr. Jefison o combate as chamas nas salas de Assessoria de Imprensa e Administração. Nesta ocasião tivemos a ajuda das professoras Narcisca e Thais, do servidor Hélio (Graduação) e das funcionárias da limpeza, que nos auxiliaram no transporte de extintores e conexão de mangueiras.
- Foi necessário arrombar a porta da sala G1-023 (Contabilidade), para combater as chamas. Essa iniciativa, sem autorização de seus usuários, foi tomada por mim com o objetivo de evitar maiores prejuízos ao Instituto.

Em decorrência dos fatos relatados no registro de ocorrência da SSVF, observamos a necessidade da vigilância ser orientada a atuar com maior rapidez nas situações de emergência. Neste caso, o incêndio poderia ter sido debelado no seu princípio, evitando maiores danos, se as portas das salas tivessem sido arrombadas no momento da chegada a este Instituto do responsável pela vigilância.

Faz-se necessário também, apurar perante o Corpo de Bombeiros, a demora no atendimento solicitado.

Atenciosamente,

  
Gentil da Cunha Filho  
Administrador do Instituto de  
Biofísica CCF Reg. 3468208

C/C: diretor do IBCCF

CCS - Bloco G - Cidade Universitária - Ilha do Fundão - 21949-900 Rio de Janeiro RJ - Brasil  
FAX 55 21 280-8193

Documento de esclarecimentos sobre o incêndio ocorrido no dia 09/10/1998, nas dependências do IBCCF.

**Antonio Carlos: Isso era outra briga! Gentil pedia mais gente, ele conseguia e outros institutos não conseguiam. Aí é que eu digo que o conhecimento que ele tinha na Reitoria ajudava bastante.**

Gentil da Cunha: Olhem esta mensagem do meu coordenador no NCE (UFRJ), em 1988, Paulo Bianchi: *“E assim se passaram, quem diria, vinte anos! Ao super herói Gentil, com um abraço de Bianchi.”*

**Antônio Carlos: Você tem uma história toda no NCE (*Núcleo de Computação Eletrônica*) antes da Reitoria, não é?**

Gentil da Cunha: É! Eu comecei no NCE em 1972. O Maculan (*Nelson Maculan Filho*) era da COPPE (UFRJ). Antes dele assumir a Reitoria, eu fui na COPPE pedir para sair do NCE (UFRJ), porque o pessoal do NCE não queria que eu saísse de jeito nenhum. Então ele me perguntou se eu tinha para onde ir. E eu disse que sim, que o Rui (*Rui Celso de Menezes Martins*), que era decano do CCMN (UFRJ), muito meu amigo, queria que eu fosse trabalhar com ele. E também tinha o José Geraldo, diretor do ETU (UFRJ). Aí o Maculan disse: “*Não, você vai trabalhar comigo na Reitoria.*” Eu conheci o Maculan em 1972, e isso foi em 1990. Então eu fui, ele me apresentou à Iraíde, que era superintendente, que iria me colocar como chefe do Setor de Pessoal. Mas pedi para ficar na minha área, aquilo que eu conheço.

**Erika Negreiros: Então você entrou na universidade em 1972, recém chegada na Ilha do Fundão!**

Gentil da Cunha: Em fevereiro de 1972! Eu quero, se Deus quiser, fazer 50 anos na universidade! A universidade fez 100 anos, quero a metade! Meio século de universidade! (risos).

**Wanderley de Souza: Eu entrei na UFRJ em fevereiro de 1969, quando soube que passei no vestibular! Eu imediatamente fui para lá, mas as aulas só começavam no final de fevereiro, só depois do carnaval. Eu era garoto de 18 anos, empolgado porque tinha passado no vestibular! Fui lá ver o prédio da Faculdade de Medicina que ficava na Praia Vermelha. Como a porta estava aberta, eu entrei. Veio um cachorro (risos), o cachorro correu atrás de mim. Um cachorrinho branco (que depois ficou meu amigo), e então apareceu um senhor todo bem vestido de terno e de gravata, achei aquilo estranho: “*O que você está fazendo aqui?*” (risos). Eu levei um esporro!**

**Antonio Carlos: Tinha um cachorrinho pretinho...**

**Wanderley de Souza: Tinha um pretinho e um branquinho, eram dois cachorros. Eu cheguei e vi a porta lateral. Primeiro eu pensei que a entrada fosse na Avenida Pasteur, mas era uma ruazinha que tinha ao lado. Eu entrei, tinha uma escadinha, achei a porta aberta, empurrei a porta. Quando eu empurrei a porta e entrei, apareceu...**

**Antonio Carlos: Xazan! (risos).**

**Wanderley de Souza:** Xazan! Xazan era o preto, quem veio em cima de mim foi o branquinho, ele era pequenininho (risos). Logo em seguida aparece o dono dos cachorros...

**Antônio Carlos:** O administrador do prédio...

**Wanderley de Souza:** Mas é o cara que vivia todo elegante: “*Porque você está entrando aqui?*” Eu, todo tímido: “*É que eu passei no vestibular aqui...*” Ele respondeu: “*Aqui não entra assim, não!*” Então foi quando o Elias (*Cezar Antonio Elias*) apareceu e falou: “*Ah! Passou no vestibular, então você já é colega.*” (risos).

**Antônio Carlos:** O nome do administrador com certeza é Rafael!

**Wanderley de Souza:** O Elias ainda chegou e disse: “*Olha, vamos cortar o cabelo, você está meio cabeludão, eu te aconselho logo a cortar o cabelo.*” (risos). Tinha um sujeito que cortava o cabelo. Qual era o nome dele? Montou uma barbearia, aproveitou logo e passou uma máquina zero! (risos).

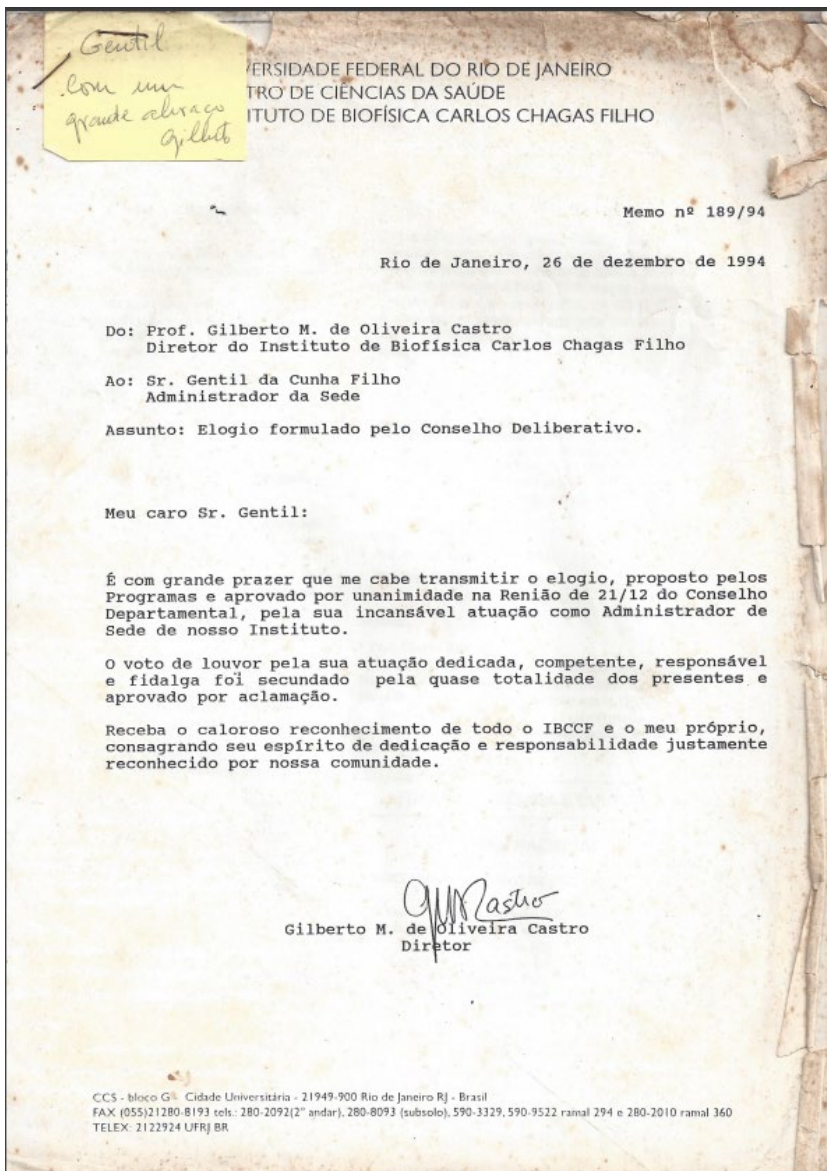
Gentil da Cunha: Outro fato marcante na sua gestão, Antônio. Uma mufa em frente à Escola de Educação Física queimou. A Educação Física, o CCS e o Alojamento ficaram sem energia. Aí vim para cá, estávamos aqui eu, você e o prefeito. Ficamos aqui até nove horas da noite e nada de resolver. Falei para eles irem embora que eu ficaria, porque não ia adiantar ficarmos os três sem resolver o problema.

**Antônio Carlos:** Estávamos esperando a Light...

Gentil da Cunha: Então vocês foram e eu fiquei. Consertou a mufa, ligamos... Pow!... Desarmou... queimou outra vez! Descobriram que o problema era na subestação do Alojamento que estava em curto. “*Senhor Gentil, vamos fazer a mufa, agora tem que desligar essa subestação lá que está em curto, que se a gente fizer de novo vai entrar em curto outra vez e vai queimar.*” Eu fui ao alojamento, conversei com o administrador e expliquei o problema, que eles iriam ficar sem energia naquela noite: “*Meu amigo, o CCS está todo sem energia, e a Educação Física também. A Educação Física e vocês tudo bem, precisam de energia, mas é muito mais importante as pesquisas que estão sendo realizadas lá no CCS.*” Então convenci o cara de desligar. Viemos aqui, ligamos, já eram duas ou três horas da manhã quando a luz retornou. Mais uma noite que eu dormi aqui na Universidade. Aqui no Instituto foi a primeira noite, foi a noite de núpcias! (risos).



Gentil da Cunha em foto recente.



Carta do diretor Gilberto de Oliveira Castro sobre a Moção de Louvor do Conselho Deliberativo do IBCCF ao Gentil da Cunha Filho, em 26/12/1994.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
INSTITUTO DE BIOFÍSICA CARLOS CHAGAS FILHO

Rio de Janeiro, 10 de abril de 1996

Ilmo. Sr. Prof. Fernando Mello  
DD Diretor do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho

Prezado Prof.

Por meio desta, quero expressar os agradecimentos do Laboratório de Fisiologia Vegetal pelo desempenho e grande sucesso na recuperação dessa extensão do Laboratório, realizada sob administração do Sr. Gentil. Essa área é fundamental para algumas etapas dos nossos trabalhos de pesquisa, sem a colaboração do Administrador tentamos, em várias ocasiões essa recuperação, sem sucesso.

Alem disso, ressalto a solução do problema causado pelas goteiras; que ha muito vinha pondo em risco os trabalhos nas salas de preparação de meios e de cultura de tecidos; somente com a ação direta do Sr. Gentil que chegou a fazer, pessoalmente, a revisão do espaço entre as telhas e o forro da sala e conduziu os reparos é que nos livramos desse risco.

Devido a esses fatos, solicito-lhe que fique oficialmente registrado nosso reconhecimento ao Sr. Gentil, pela eficiente solução dos problemas de manutenção de instalações.

Atenciosamente,

M. A. Esquibel  
Chefe do Laboratório de Fisiologia Vegetal  
IBCC<sup>3</sup>

CCS - bloco G - Cidade Universitária - 21949-900 Rio de Janeiro RJ - Brasil  
FAX (055) 21280-8193 tels: 280-2092 (2º andar), 280-8093 (subsolo), 590-3329, 590-9522 ramal 294 e 280-2010 ramal 360  
TELEX: 2122924 UFRJ BR

Carta de agradecimento da professora Maria Aparecida Esquibel, chefe do Laboratório de Fisiologia Vegetal, em 10/04/1996.



Gentil com Celso Caruso Neves, em festividade no final de 2017.

## **JANINE SIMAS CARDOSO RURR**

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Claudia de Alencar Santos Lage e Erika Negreiros

Local: Reunião Remota Via Google Meet

Data: 02/08/2021

**Wanderley de Souza: Essa gravação é para um livro sobre a participação do pessoal técnico e administrativo na história do Instituto. Desse modo, foram selecionados aqueles considerados importantes na instituição. Isso mostra que você é muito considerada pelas pessoas com quem você trabalhou ou você trabalha. E a gente sempre começa perguntando, quando e como você chegou ao Instituto de Biofísica?**

Janine Rurr: Eu estou tão emocionada, você não tem noção! Estar falando assim sobre essa história na sua frente, que é uma pessoa que eu tenho profundo respeito por toda a sua história acadêmica, você não tem noção. E eu ainda falei assim: “Claudia, ele sabe quem sou eu!” (risos).

**Claudia Lage: Professor Wanderley sabe de todo mundo.**

**Wanderley de Souza: Eu só não conheço, sabe o quê? Tem toda uma geração nova de professores, que às vezes eu penso que são alunos, e todo mundo de máscara. Eu passo assim pelo corredor, aí falam “bom dia professor, bom dia”. Eu fico sem saber por que são jovens, os mais velhos, os que estão mais antigos, eu reconheço logo, mas o pessoal jovem, tem em torno de uns quinze ou vinte professores...**

Janine Rurr: Já são professores...

**Wanderley de Souza: Mas então, em que ano você chegou?**

Janine Rurr: Eu cheguei na universidade no finalzinho de 1988 através de um projeto chamado PIMUT (*Plano Integrado de Mutagênese, financiamento da FINEP*). Era um projeto de mutagênese, e eu fui contratada pela Fundação José Bonifácio para receber essa bolsa chamada PIMUT. Era um trabalho de estudos com mutagênese que precisava de um biólogo. Eu fui funcionária do professor Alvaro Augusto da Costa Leitão a minha vida inteira. O Alvaro estava começando a fazer esse estudo de genotoxicidade, mutagênese com pesticidas, com produtos naturais...

**Wanderley de Souza: Como é que você tomou conhecimento dessa iniciativa do Alvaro?**

Janine Rurr: Eu sou da turma de graduação de Ciências Biológicas do Wanderley Bastos, que foi técnico do professor Wolfgang Christian Pfeiffer. Hoje o Wanderley é professor da Universidade Federal de Rondônia. E aí, o Alvaro precisava de um biólogo para ocupar aquela vaga. Então o Wanderley falou assim: “*Janine, você não quer tentar?*” Porque eu era secretária executiva de uma companhia de seguros no Rio de Janeiro, chamada Generale do Brasil.

**Wanderley de Souza: Você fez Biologia onde?**

Janine Rurr: Na Souza Marques, junto com Wanderley. A gente é da mesma época, nos formamos dia 20 de dezembro de 1986.

**Claudia Lage: Acho que Maria Ivanete também estava frequentando, não?**

Janine Rurr: Mas a Ivanete é de uma turma depois de mim. Acho que ela se formou em 1988 ou 1989, talvez.

**Claudia Lage: Essa minha pergunta é porque ela já estava na Biofísica e eu queria saber, complementando até a pergunta do Wanderley, se isso teve também alguma ponte para trazer você para a Biofísica.**

Janine Rurr: Não, quem me trouxe, quem falou dessa vaga que o Alvaro estava precisando de um biólogo, foi o Wanderley Bastos. Então eu vim fazer uma entrevista com o Alvaro e ele gostou e eu comecei a trabalhar.

**Wanderley de Souza: O Roberto Alcantara Gomes ainda estava por lá?**

Janine Rurr: Sim. Ele era o chefe do laboratório.

**Wanderley de Souza: Então você começou e gostou dessa iniciativa? Aprendeu muita coisa?**

Janine Rurr: Gostei muito, e fui muito incentivada pelo Doutor Luiz Renato Caldas. O Doutor Caldas queria que eu fizesse o curso lá no Instituto Pasteur e para isso eu me inscrevi na Aliança Francesa e fiz meu curso regular de francês com o incentivo do Dr. Caldas. Logo em seguida ele faleceu. Os dois morreram em 1991, em agosto foi o Roberto Alcantara Gomes, e no mês seguinte, Doutor Caldas.

**Claudia Lage: Eu me lembro disso porque justamente eu estava fazendo alguma coisa que tinha a ver com o Caldas... E então dia 31 de agosto de 1991, vem aquela notícia bomba, não é? Roberto Alcantara Gomes voltando para casa, perdeu a direção do carro. Ele morava ali na Usina. Foi aquela consternação, aquela coisa triste e**

**tudo. Dia 22 de setembro, a Crelir me liga: “Claudia, você não vai acreditar, mas eu que estou te contando, o Dr. Caldas faleceu também num acidente de carro voltando da casa da família em Petrópolis. O carro capotou no meio da Avenida Brasil e ele teve morte instantânea também.” Falei: “Nossa, pelo amor de Deus, a Radiobiologia no Brasil...”**

**Wanderley de Souza: Certamente, os dois criadores da Radiobiologia...**

Janine Rurr: Antes dele falecer, a gente publicou um trabalho que foi o estudo do cloreto de cobalto, uma substância antimutagênica. O Alvaro incentivava muito a gente a desenvolver projetos individuais no laboratório. Então eu fui auxiliando os alunos de pós-graduação, ensinando os alunos de iniciação científica e fui fazendo vários cursos na universidade. Cursos que eram novidade na época! Excel, Word... A universidade foi abrindo isso para os funcionários.

**Wanderley de Souza: Vem cá, quem eram os pós-graduandos que estavam nessa época aqui, que você entrou?**

Janine Rurr: Eu entrei em 1988, Claudia ainda estava no mestrado. Depois foi o doutorado. Ah, tem o Frederico Augusto, Carlos Bonacossa, Carmem Adília, Nasser Asad, que hoje é professor da UERJ...

**Claudia Lage: A Lídia Asad que faleceu, inclusive.**

Janine Rurr: Quem também frequentava muito o laboratório, a gente passava uma experiência maravilhosa, era o professor Humberto Rocha, que também era uma figura.



Laboratório de Radiobiologia Molecular em diferentes comemorações (Década de 1990). Destaques para Claudia Lage, Leonardo da Silva Vidal e Janine (imagem acima à esquerda); Janine, Leonardo, Claudia Lage, André Benedito e Rita Albuquerque (imagem acima à direita); Olaf Malm, Janine e André e Wanderley Bastos (imagem abaixo à esquerda) e Leonardo e Alvaro Leitão (imagem abaixo à direita).



Janine com Wolfgang Christian Pfeiffer (imagem à esquerda), e em apresentação de poster com Marcelo de Padula (imagem acima à direita), e no laboratório /IBCCF.

**Wanderley de Souza: Você ficou sempre no mesmo laboratório?**

Janine Rurr: Sim. Depois, em 2015, defendi meu Mestrado Profissional (*Mestrado Profissional de Formação para a Pesquisa Biomédica do IBCCF<sup>11</sup>*), fui da segunda turma (*Em 2015, Janine passou a integrar a equipe do Laboratório de Radiações em Biologia – LaRBio, chefiado pela professora Claudia Lage*).

**Wanderley de Souza: Me fala um pouco do Mestrado Profissional?**

Janine Rurr: Foi ótimo, já poderia ter acontecido isso antes e eu lutei bastante. Gostaria de ter tido o Doutorado Profissional.

**Wanderley de Souza: Está sendo estruturado agora.<sup>12</sup>**

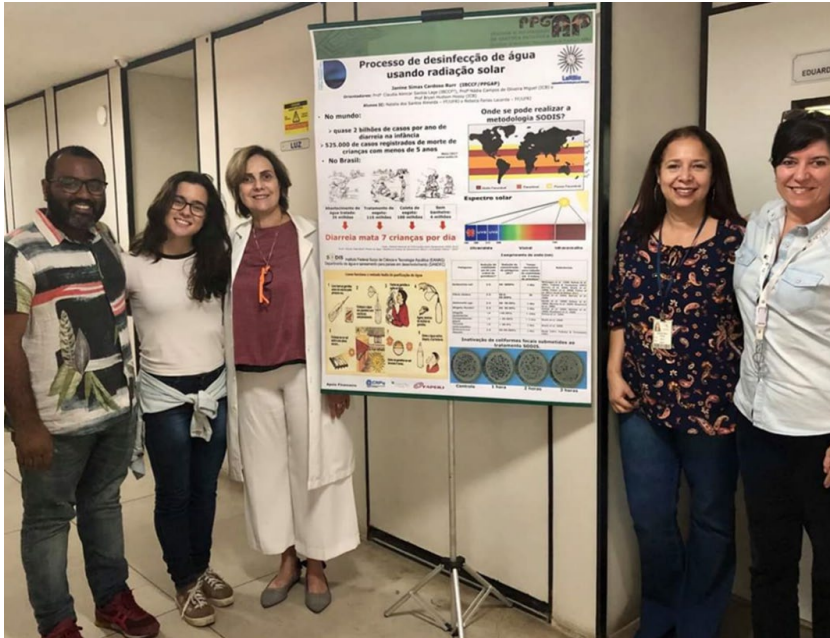
Janine Rurr: Agora eu estou fazendo Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Anatomia Patológica<sup>13</sup>, na Faculdade de Medicina, com um projeto de desinfecção de águas, continuidade do meu mestrado. A Claudia que é a minha chefe agora, minha orientadora. A professora Nadia Campos de Oliveira Miguel, do ICB, é minha segunda orientadora, além do professor Bryan Hudson Hossy, meu coorientador.

---

<sup>11</sup> <https://www.posgraduacao.biof.ufrj.br/posgraduacao-mpb/> - Aprovado pela CAPES em dezembro de 2011, o curso de Mestrado Profissional de Formação para a Pesquisa Biomédica tem como objetivo principal formar mestres que atuem ou venham a atuar em empresas públicas ou privadas, altamente capacitados nas mais diversas atividades técnico-científicas de última geração na área Biomédica.

<sup>12</sup> <https://cenabio.ufrj.br/home/pos-graduacao/> - Aprovado pela CAPES em setembro de 2023, o Programa de Pós-Graduação Profissional – Mestrado e Doutorado – em Tecnologias de Bioimagem e Bioestruturas (PPGP-TBB) envolve diversas unidades do CCS/UFRJ: Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, Instituto de Bioquímica Leopoldo de Meis, Instituto de Ciências Biomédicas, Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, Faculdade de Farmácia e CENABIO da UFRJ. O PPG tem também o apoio da Sociedade Brasileira de Microscopia e Microanálise.

<sup>13</sup> Tese de Doutorado defendida em 16 de setembro de 2024. Título: Processo de desinfecção de água usando radiação solar e um fotocatalizador seguro: um estudo para validação do seu uso em populações brasileiras através de técnicas *in silico*, *in vitro* e *in vivo*. Artigo: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/php.14023>



Janine com seus orientadores de Doutorado em apresentação de trabalho no IBCCF. Orientadora Claudia Lage ao lado de Janine, segunda orientadora Nadia Campos de Oliveira Miguel (ICB/UFRJ), à esquerda do poster e ao lado da aluna de iniciação científica, e o coorientador, Bryan Hudson Hossy.

### **Wanderley de Souza: Tem muita gente na Patologia?**

**Claudia Lage: Olha, é um corpo docente bem forte, bem atuante. É a pós-graduação da Anatomia Patológica na Faculdade de Medicina. Eles tinham os programas de pós-graduação fragmentados dentro da Faculdade de Medicina, e então eu lembro que teve uma avaliação CAPES em que a recomendação dos consultores foi: “Vocês se unam, façam uma pós-graduação forte que abarque todas as áreas da medicina”. E foi o que efetivamente funcionou.**

**Wanderley de Souza: Inclusive agora no centro de Medicina de Precisão, essa área da patologia vai ser expandida para dar apoio aos projetos de todos os Hospitais Universitários do Rio. Então hoje você está fazendo esse curso lá. E a tese está sendo sobre o que?**

Janine Rurr: Sim, estou no terceiro ano do doutorado. A tese é sobre descontaminação de águas. Bom, no mestrado, como era mestrado profissionalizante, eu padronizei essa técnica de descontaminação de água usando radiação solar e um fotossensibilizador, usando o azul de metileno.

**Erika Negreiros: Legal que você está usando o produto que você gerou no mestrado profissional e está fazendo uma continuidade do seu estudo agora no doutorado!**

Janine Rurr: É... No mestrado eu consegui provar que os microrganismos responsáveis pela contaminação da água - *Escherichia coli*, *Salmonella typhimurium*, *Staphylococcus epidermidis* - morriam em tempos diferentes de tratamento. Uma cepa morria em trinta minutos, outras morriam após uma hora. A gente conseguiu melhorar esse tempo de morte. Diminuindo bastante essa contaminação para quinze minutos, vírus em um minuto. Porque a técnica SODIS é voltada para uma população que não tem acesso a saneamento básico. Então usa essa água disponível contaminada, coloca em garrafas PET transparentes, incolor, e expõe essa água ao sol num tempo de vinte e quatro horas. Dois tempos de doze horas para poder matar todos os microrganismos. Quando usa o azul de metileno, foi possível ver que essas garrafas podiam ficar menos tempo expostas ao sol.

**Wanderley de Souza: E a cor da água não mudava nada, não? A concentração era muito baixa?**

Janine Rurr: Além da concentração ser muito baixa, a gente fez alguns *screening* de concentrações para achar a concentração menor e mais eficiente. O azul de metileno quando é irradiado, ele vai para uma forma chamada forma leuco, que é a forma incolor. Então o indivíduo vai beber essa água com essa molécula do azul de metileno na forma leuco.

**Wanderley de Souza: Só uma coisa, Janine, vocês viram também se tinha cisto de giárdia?**

**Claudia Lage: Seria muito interessante se a gente pudesse enveredar por esse ramo da protozoologia.**

**Wanderley de Souza: A giárdia é um problema... A CEDAE vive interessada nessa questão porque muitas coisas não matam o cisto de giardia por causa da parede celular.**

Janine Rurr: E a ação fotodinâmica do azul de metileno acaba com *Deinococcus radiodurans*, que é uma bactéria super resistente à radiação solar...

**Claudia Lage: Mas não resiste ao estresse oxidativo, não é?**

Janine Rurr: Exatamente. Quando esse azul de metileno é ativado, com esse comprimento do visível (*a luz vermelha*), essa substância gera um *pool* de espécies reativas de oxigênio que acabam com os microrganismos contaminantes da água. Então, no doutorado, o que a gente quer? Ver se essa molécula na forma leuco não é tóxica nem no fígado nem no rim dos animais

que já beberam essa água. Agora, a gente está na parte de avaliar a toxicidade através de imunofluorescência de marcadores de toxicidade nos tecidos hepático e renal. Espero finalizar daqui um ano e meio no máximo, porque eu já tinha toda minha parte experimental pronta até chegar a pandemia. Então quando chegou a pandemia e eu precisava usar outros aparelhos... Eu dependo de outros profissionais, exemplo, eu preciso liofilizar um material que eu não tenho. Logo eu preciso de um liofilizador com um volume grande de água... Mas meus créditos todos estão prontos, eu estou totalmente em dia com meu *work in progress* da tese. Estou indo para minha quinta apresentação no programa de Pós-Graduação em Anatomia Patológica, não é, Cláudia?

**Wanderley de Souza: E em seguida a esse doutoramento, quais são os planos?**

Janine Rurr: Eu não sei... A professora Nadia falou que eu tenho o espírito acadêmico, que eu não sou de ficar em casa. Se eu pensar em me aposentar, ela fala: *“Mentira, isso não vai acontecer! Vão chegar outros alunos, esse seu trabalho vai abrir caminho para outros alunos”*. Já tenho duas alunas de Iniciação Científica trabalhando, uma delas recebeu menção honrosa, foi o melhor trabalho apresentado na última jornada, que nos deixou muito feliz, porque foi uma apresentação remota. Foi um braço da minha tese. Ela apresentou maravilhosamente bem, foi bem arguida, respondeu bem e saiu com um prêmio, sabe? Então, quando a gente pega um aluno bom assim, dá vontade de ir com ele até...

**Claudia Lage: Eu queria fazer aqui uma observação. Na verdade, tudo que a Janine é, acompanhei desde o início. Ela chegando no laboratório do Alvaro, na época, Alvaro e Roberto. A Janine tem uma conduta acadêmica impecável, ética. Ela trabalha dentro do estrito método científico, então basta simplesmente oferecer uma pergunta que ela consegue mergulhar naquela pergunta, bolar um experimento, desenhar todos os controles, fazer todos os experimentos com uma impecabilidade incrível. Tudo que passa pelas mãos da Janine sai com uma qualidade em termos de resultado, de estatística... Então o resultado tem reprodutibilidade, que em ciência isso é fundamental. O seguimento de um protocolo, e isso a Janine faz impecavelmente.**

**Wanderley de Souza: Nós pulamos um ponto, porque lá no início você entrou como bolsista, não é? Em que momento você passou para o quadro da universidade?**

Janine Rurr: Foi na época do professor Horácio Macedo. Com três ou quatro meses na universidade, fui contratada para o quadro efetivo.

**Wanderley de Souza: Então foi num grupo grande naquela época...**

Janine Rurr: Foi um grupo grande, exatamente. Como já era bióloga, passei direto. Aliás, a minha carteira profissional é assinada pela universidade como bióloga, isso é uma raridade, eu tenho a carteira. Era carteira de trabalho.

**Wanderley de Souza: Uma bela história. Então, você já está orientando?**

Janine Rurr: Ah... eu já tenho alguns alunos. Mas eu já venho orientando, já tem um tempo. O professor Alvaro sempre incentivou, desde que eu era funcionária dele que eu venho orientando os alunos sim, ele sempre me deu orientações na iniciação científica. Os alunos que chegavam, então faziam o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), já fui banca de TCC várias vezes...

**Wanderley de Souza: Uma pergunta: como é o grau de integração entre os técnicos hoje? Vocês têm atividades comuns ou é cada qual por si, ficam lá isolados? Como é isso? Não nesse período que é atípico, digo antes da pandemia... Quer dizer, eu vejo seminários dos pós-graduandos, vejo seminários dos alunos de Iniciação Científica. Quando eu estava na direção do Instituto, tentei incentivar que os técnicos se encontrassem, trocassem experiência e coisas assim, mas eu senti que isso não deslanchou muito. Não sei se depois isso pegou. Porque a gente tem uma escola ali, de técnicos de grande experiência no Instituto. Desde lá do tempo da Biofísica no prédio da Praia Vermelha, tinha o Raymundo, o Zé Claudio, Alexandre, nós tínhamos técnicos muito experientes que tinham muito para passar para os novos técnicos que surgiam...**

Janine Rurr: É, professor, não vi essa, não. Sempre que eu precisei dos meus colegas, eles sempre estiveram à disposição, eu nunca tive problemas... Até com os outros professores, eu nunca tive problema com nenhum deles. Mas assim, falar que a gente se reunia para trocar ideia, não...

**Wanderley de Souza: Alguns técnicos têm condições de, inclusive, dar cursos técnicos. Isso devia ser estimulado. Eu tenho uns três ou quatro lá no laboratório que fizeram mestrado profissional, mas eu não vejo ninguém dando aula no próprio mestrado profissional. Acho que deveria aproveitar essa experiência...**

Janine Rurr: Lá no laboratório do Alvaro, quando ele dava o curso de pós-graduação, mesmo no mestrado profissional, ele dava as aulas teóricas e nós dávamos as aulas práticas. O Alvaro fazia isso, dividia, porque a turma era grande. Então, ele separava a turma: você faz mutagênese, você faz dimerização... Ele separava porque, lá no laboratório do Alvaro, nós éramos dois técnicos, o Leonardo e eu. Ele separava, dava o curso e dividia em grupos: “Essa

*turma A fica com a Janine e a turma B fica com o Leonardo*”. Ele sempre deixou a parte prática com a gente...

**Wanderley de Souza:** De um modo geral, os técnicos de outros lugares não têm esse estímulo ao mestrado e a publicar artigos conjuntamente com os professores. Isso é importante e é uma particularidade da Biofísica.

**Claudia Lage:** Tem, sim, uma coisa que eu queria destacar. Por causa do meu contato com o pessoal que tem a ver mais com a Física, Astronomia, por causa da Astrobiologia na Universidade de Nice, a universidade abriu um edital para bolsas sanduíche para nível de mestrado e doutorado. A bolsa era de dez meses para doutorado, seis meses para mestrado. E nós tivemos a felicidade de termos duas alunas na equipe contempladas com essas bolsas. Houve uma candidatura, as propostas foram enviadas para a universidade de Nice, para a presidência de relações internacionais. Janine foi uma das pouquíssimas doutorandas agraciadas com a bolsa.

Janine Rurr: Bolsa Erasmus Mundus...

**Claudia Lage:** Era uma chamada específica para a Universidade de Nice, mas com bolsas Erasmus. O que aconteceu foi que ela foi selecionada, mas nós íamos de férias e então eu falei: *“Janine, vamos, porque eu encontrei um Laboratório de Toxicologia Renal”*. O que seria perfeito para desenvolver uma parte do projeto dela, estudando mais molecularmente as maquinarias de desintoxicação renal. Mas aí veio a quarentena...

Janine Rurr: Veio a pandemia, e não teve jeito...

**Claudia Lage:** Acabou que eles cancelaram todas as candidaturas. Então, nós fomos de férias, pra gente fazer contato com esse grupo de lá, Toxicologia Renal. Estava tudo acertado, mas veio a pandemia...

**Erika Negreiros:** Queria comentar sobre um ponto importante relacionado à memória e história do IBCCF, conversando com elas, ano passado. Tem um aparelho de Raio-X científico Sigma, que é o mais antigo do IBCCF e ainda utilizado em pesquisa científica.

**Fizemos um vídeo que está no YouTube do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF) sobre esse equipamento!<sup>14</sup>**

**Wanderley de Souza: Aquele aparelho eu ajudei a construir, viu? Eu com Cezar Antonio Elias em 1969, lá na Praia Vermelha.**

**Claudia Lage: E depois também, quando veio para Biofísica...**

**Wanderley de Souza: Então depois eu já não usava tanto, já estava mais com o laboratório da Dona Hertha Meyer, mas eu comecei no laboratório do Elias e usava muito a bomba de cobalto e o aparelho de Raio-X.**

**Erika Negreiros: O aparelho mais antigo do Instituto de Biofísica ainda em uso e funcionando. Arrisco dizer mais antigo do CCS, talvez até da UFRJ...**

**Wanderley de Souza: Do ponto de vista como fonte de radiação, deve ser o único... Tem muito aparelho de Raio-X para diagnóstico, mas para irradiação, pode ser um dos únicos.**

**Claudia Lage: Ele opera na faixa de Raio-X mole, para certos tipos de estudo de efeitos de radiação que não precise ter altas doses, apenas para ver alguns efeitos de baixas dosagens, ele é perfeito.**

---

<sup>14</sup> Vídeo sobre o Aparelho de Raio-X científico Sigma: mais antigo do IBCCF e ainda utilizado em pesquisa científica. Link do YouTube do EMCCF: <https://www.youtube.com/watch?v=f1hdZXkKBy4>  
Aparelho de Raio-X científico Sigma: mais antigo do IBCCF e ainda utilizado em pesquisa científica.

## **JOSÉ AVELINO - ZEZINHO**

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Marcello Barcinski (Via Google Meet) e Erika Negreiros

Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)

Data: 27/05/2021

**Wanderley de Souza: Muito bem, a primeira pergunta que a gente sempre faz é: Como é que você entrou no Instituto de Biofísica e em que ano?**

José Avelino: Eu entrei através do Advaldo (*Advaldo Nunes Bezerra*). Advaldo foi quem me trouxe para cá em setembro de 1977. Entrei para o laboratório do professor Marcello Barcinski e estou até aqui na Biofísica até hoje.



Zezinho (blusa quadriculada) com seu primo Advaldo Nunes Bezerra, década de 1970.

**Wanderley de Souza: Mas você já entrou como bioterista ou não?**

José Avelino: Não, não. Eu entrei como auxiliar de laboratório lá no subsolo. Depois teve uma classificação e eu passei para técnico de laboratório.

**Wanderley de Souza: Vamos entender a tua entrada no laboratório do Marcello Barcinski como auxiliar geral, depois virou o bioterista que todo mundo conhece.**

José Avelino: Eu fiquei trabalhando no biotério. E lá no biotério eu fazia a criação e trabalhava na parte do laboratório, a lavagem de material.

**Erika Negreiros: Era biotério de camundongo?**

José Avelino: Era de camundongo e tinha cobaia na época. E trabalhava até sábado. E era uma época boa, eu cheguei aqui com meus 20 anos, nesse tempo todo aqui só na Biofísica. Eu fiquei mais na Biofísica do que em casa.

**Wanderley de Souza: E quem é que estava no laboratório do Marcello nessa época? Com quem você interagiu?**

José Avelino: Ah, na época que eu cheguei no laboratório tinha o professor George Dos Reis, Pedro Paulo e Maria Inês. Depois chegou Alberto, Maria, Adriana, Lígia. E tinha Marcela de Freitas Lopes, Rosane, Geraldo...

**Wanderley de Souza: O Júlio Scharfstein não era dessa época, não?**

**Marcello Barcinski: O Júlio veio depois.**

José Avelino: Foi, veio depois. A Nilce, que era parte do técnico. Tinha Maria Luiza que era secretária, tinha Eduardo também. Era uma turma muito boa.

**Wanderley de Souza: Era a farra do subsolo! (risos).**

José Avelino: Era festa, principalmente o professor George fazia festa lá na sala dele. Ô tempo bom. Era uma época muito boa.

**Wanderley de Souza: Agora é o seguinte, uma pergunta que vai para você e para o Marcello. Foi nessa época que começou a usar as diferentes linhagens de camundongo?**

**Marcello Barcinski: Essa é uma história que o Zezinho - eu vou chamar você de Zezinho - conhece muito bem. Eu tinha voltado dos Estados Unidos e tinha trabalhado com linhagens isogênicas de cobaias (*porquinho-da-índia*). E que a gente nunca conseguiu ter aqui. E lembra que no laboratório ainda tinham umas caixas de madeira grande, eram dentro do laboratório, e a gente criava esses cobaias. A gente tentou fazer uma isogenização e não conseguimos. E então, obviamente, a imunologia avançando muito e linhagens isogênicas sendo necessárias, a gente mudou do cobaio para o camundongo. O biotério ainda era dentro do laboratório. Depois é que nós ganhamos aquela sala ao lado e que ficou sendo só o**

**laboratório. Mas lá eu acho que já quando eram camundongos. E os cobaios foram para aquela sala ao lado.**

José Avelino: Era camundongo. Quando eu cheguei tinha umas dez gaiolinhas de camundongo lá no laboratório. Aquela salinha com os camundongos lá dentro.

**Wanderley de Souza: E essa parte Marcello, foi o primeiro lugar no Brasil que começou com essas linhagens de camundongo?**

**Marcello Barcinski: Olha, não foi não. Mas acho que foi o segundo lugar. O primeiro lugar, na verdade, foi na Federal Fluminense com o Silvio Thales Torres que criava o biotério para a imunologia da Federal Fluminense, cuja chefia era do Nelson Vaz. E lá o Silvio Thales Torres foi quem trouxe as primeiras linhagens isogênicas. Eu não diria para o Brasil, porque acho que em São Paulo já tinha. O Rangel em Campinas tinha feito um biotério modelo. Eu cheguei a visitá-lo pela FINEP. É isso que eu digo, em São Paulo já tinham linhagens isogênicas de camundongo. Tanto o Rangel lá em Campinas quanto o pessoal na imunologia do ICB da USP. E tanto é que nós trouxemos as primeiras linhagens que vieram da Fluminense do Silvio Thales Torres. E ele, enfim, já tinha uma gama grande de diferentes linhagens.**

**Wanderley de Souza: Mas para usar em experimentação com infecção parasitária eu acho que vocês foram os primeiros. Porque eu estou tentando aqui me lembrar...**

**Marcello Barcinski: Eu acho que com infecção parasitária fomos, fomos sim. Nenhum desses grupos trabalhavam em parasitologia. Nem o de lá de Campinas, nem lá na USP. É, eu acho que nós fomos os pioneiros no uso de linhagens isogênicas para estudos de parasitologia.**

**Wanderley de Souza: O Collin Sanderson, ele ficou no seu laboratório, não foi?**

**Marcello Barcinski: Ficou sim. Foi na verdade uma iniciativa do Gilberto. Por acaso até quando ele veio eu estava em um *sabbatical* fora. Ele interagiu muito no meu laboratório com a Marlene Bunn, da Microbiologia, e com outra pesquisadora que trabalhava com a Marlene. As duas trabalhavam com o Wilson Chagas de Araujo. Nós interagíamos com o grupo do Wilson Chagas e os estudos de**

**Imunoparasitologia começaram com ela. E o Collin Sanderson interagiu muito com elas também.**

**Wanderley de Souza: Eu interagi com ele. Na realidade, nós publicamos o primeiro trabalho de interação de *Trypanosoma cruzi* com neutrófilos e eosinófilos.**

**Marcello Barcinski: É isso mesmo, eu me lembro muito bem.**

**Wanderley de Souza: O primeiro. Ninguém mexia nisso. Eu me lembro que eu levei esses dados para um encontro que foi organizado em Woods Hole e o pessoal do NIH, que na época o chefe do Laboratory of Parasitic Diseases era o Franklin Neva.**

**Marcello Barcinski: A gente ficou bastante amigo. Ele veio aqui algumas vezes.**

**Wanderley de Souza: Eu sei que todo aquele pessoal, Louis Miller, Allan Sher, eram subordinados a esse grande laboratório. Eu apresentei esses dados lá na reunião e eles ficaram todos surpresos. Porque ninguém mexia com esse negócio de interação com neutrófilo, com eosinófilo...**

**Marcello Barcinski: Foram todos trabalhos pioneiros, certamente.**

**Wanderley de Souza: Mas vamos prosseguir. E aí, como é que foi evoluindo, Zezinho?**

José Avelino: Bom, quando eu cheguei aqui, na época eu entrei pela Fundação José Bonifácio, depois passou para CLT, e então para estatutário.

**Wanderley de Souza: Estatutário deve ter sido da época do Reitor Horácio Macedo, não foi não?**

José Avelino: Eu acho que foi sim. Foi na época que era nível de apoio. O Ricardo Gattass chegou para a Cerli Gattass e falou: “Cerli, você já ajeitou com o Zezinho em como colocar ele como técnico de laboratório?” Ela falou: “Não”. Então fez uma cartinha e me encaixou como técnico de laboratório. Ele direcionou ela. E graças a Deus, esses anos todos aqui, gosto muito!

**Wanderley de Souza: Quando é que você saiu Marcello? Foi em que ano que você foi para São Paulo?**

**Marcello Barcinski:** Eu sou meio ruim de data, mas acho que eu fui para São Paulo em meados dos anos 2000...

**Wanderley de Souza:** E quando você saiu, quem ficou no laboratório?

**Marcello Barcinski:** O laboratório ficou com a Vivian Rumjanek. A Vivian entrou antes de ir para a Bioquímica. Ela ficou cuidando do laboratório e ficou responsável algum tempo pelo laboratório. Depois o George saiu. Teve o laboratório dele, e grande parte das pessoas fizeram concurso para a Micro e reviveram o Departamento de Imunologia da Micro. Isso foi o Alberto Nóbrega, a Maria, a Adriana, Pedro Paulo, Maria Inês... A Maria Inês foi para a Fiocruz, ficou lá um tempo. E o Pedro Paulo foi para o Fernandes Figueira, mas ainda cedido pela Microbiologia. E agora eu acho que os dois estão de volta. Eu tenho pouco contato com eles, de vez em quando a gente se fala. A Inês com certeza se aposentou, e eu acho que o Pedro Paulo também se aposentou.

José Avelino: Então, quando o Marcello foi para São Paulo, depois veio a Cerli.



Membros do Laboratório de Imunologia Celular do IBCCF/UFRJ em festividade, na década de 1980. Destaque para Cerli Gattass (setas) e Zezinho de blusa vermelha.

**Wanderley de Souza: Hoje você está onde?**

José Avelino: Hoje eu estou com a Lucia Previato. Porque naquela época o George ficou como chefe do biotério e eu fiquei no biotério. Eu fiquei 42 anos no biotério. E depois o biotério saiu daqui e foi lá para baixo, onde fizeram um biotério bonito. O George era responsável do biotério e ficou como o meu chefe, era o responsável. Depois ele passou para o Júlio Scharfstein, e eu fiquei lá no Júlio. Quando foi em janeiro de 2018, eu cheguei de férias, e com a nova direção do Instituto, foi decidido que os técnicos tinham que ir para os laboratórios, não ficar em biotérios. Então me tiraram do biotério.

### **Wanderley de Souza: Tiraram o cara da experiência...**

José Avelino: Eu fiquei muito triste porque foram 42 anos naquele biotério lá do subsolo. Então eu dei entrada na minha aposentadoria. Foi quando a professora Cristina Maeda Takiya chegou para mim e falou assim: *“Zezinho, por que você não fica com a professora Lucia Previato? Ela é muito legal”*.

### **Wanderley de Souza: Você devia ter me procurado para o biotério (risos).**

José Avelino: A Lucia falou: *“Zezinho, não vá embora. Fique aqui comigo, aqui no biotério com a Lana. Tem um biotériozinho ali... Fica comigo aqui. Não vai embora não”*. No outro dia eu fui lá e falei: *“Vou suspender essa aposentadoria”*. Porque eu gosto de ficar. Vou aposentar para quê?



Laboratório de Glicobiologia. Imagem acima à esquerda (no contexto da Pandemia da COVID 19) - Destaques para Cristina Maeda Takiya, de vestido rosa, abraçada à Kelli Monteiro, Lana Cristina dos Santos Valvano e Rafael Valente à esquerda, Vilma Frazão de Melo (blusa estampada), ao lado da Lucia e José Osvaldo Previato, com Leonardo Freire de Lima ao fundo, Zezinho de blusa preta à direita, ao lado do Carlos Antonio do Nascimento. Imagem abaixo à esquerda - Lucia, Vilma, Paulo Cesar Cordeiro, José Osvaldo e Zezinho. Imagem acima à direita - Zezinho com sua prima Aurizete Nunes Bizerra. Imagem abaixo à direita - Leonardo, José Osvaldo, Lucia ao lado de Lana, Vilma, Zezinho e Paulo.

**Érika Negreiros: Que tipo de trabalho você fazia no biotério?**

José Avelino: Eu ficava na parte de laboratório. Autoclavar, fazia os cruzamentos, a criação, a separação, muitas coisas...

**Wanderley de Souza: Quem mais tem experiência de biotério aqui é o Zezinho.**

José Avelino: Às vezes, inoculava um bicho... Bem, agora estou aqui com a professora Lúcia no biotério no bloco B. Trabalho para manter uma linhagem de camundongo.

**Marcello Barcinski: É importante dizer, eu acho que historicamente na pesquisa, o biotério foi tendo cada vez mais importância. Principalmente com essas linhagens isogênicas. E depois com todas as modificações genéticas. Mas o biotério era considerado uma atividade de menor prestígio do que tem atualmente. Isso é uma constatação muito clara. Hoje em dia ainda é um instrumento absolutamente fundamental.**

**Wanderley de Souza: Claro. Cada vez mais. Agora a gente está vendo com a pandemia, que nós estamos atrasados porque não temos um biotério para trabalhar com COVID-19.**

**Marcello Barcinski: Mas nós continuamos atrasados em termos de bioterismo. Por exemplo, a construção de linhagens transgênicas, essa coisa toda, nós ainda não temos muita expertise para isso ou a rotina para isso. Isso é um gargalo importante na nossa pesquisa.**

José Avelino: O laboratório do professor Marcello, na época, tinha 22 cepas de camundongos diferentes. E eu sempre falava que aqui no CCS era para ter um biotério para servir os laboratórios, porque às vezes tinha um biotério aqui, um ali. O certo era ter um grande... Eu sempre falei isso, que era para servir aqui ao CCS.

**Wanderley de Souza: Mas o veterinário, Paulo Hobaica (*Paulo Eduardo Mansur Hobaica*), não montou um biotério ali na Microbiologia?**

José Avelino: Montou o biotério central lá. Mas hoje eu não sei como está. Porque na época o Paulo saiu, então veio um professor da Fiocruz, depois aposentou....

**Wanderley de Souza: Mas essa questão de biotério continua crítica porque todo mundo esperava que o da Fiocruz fosse ser o grande biotério fornecedor de animais, mas também não se concretizou.**

**Marcello Barcinski:** Algumas empresas internacionais tentaram se instalar no Brasil e nunca isso foi para frente. E mesmo com todo dinheiro disponível no Brasil como um todo, incluindo São Paulo, nunca se conseguiu um biotério que se sustentasse. Eu acho que tem a ver com a irregularidade do financiamento à pesquisa.

**Wanderley de Souza:** Mas então Zezinho, você está com quantos anos agora?

José Avelino: Eu vou fazer sessenta e quatro anos de idade, quarenta e quatro aqui na Biofísica. Quer dizer, minha juventude foi toda aqui nessa Biofísica.

**Wanderley de Souza:** Então ainda tem mais 10 anos para trabalhar. Até 75 você não precisa se aposentar. E quem são os técnicos que entraram na mesma época que você, se lembra? Quem são os seus amigos?

José Avelino: Tem o Advaldo que foi quem trouxe todo mundo para cá. Primeiro trouxe o Claudio (Bill), depois a Aurisete, depois foi eu...

**Wanderley de Souza:** O Celso Pereira é da tua geração?

José Avelino: É! Do laboratório do professor Darcy Fontoura de Almeida. O Paulinho, Seu Alexandre, Seu Raymundo...

**Marcello Barcinski:** O Advaldo, teu primo, já aposentou?

José Avelino: Aposentou. Tem cinco anos que aposentou porque antes, quando fazia setenta anos, tinha que sair. Quando ele fez setenta, saiu sem querer sair.

**Wanderley de Souza:** É, setenta era compulsória. Hoje vai até setenta e cinco anos. Se fosse setenta, eu já tinha que ter saído também, então... Tem cinco anos aí de sobrevida (risos).

**Marcello Barcinski:** A gente tem uma história engraçada com o Zezinho, que a gente fazia umas festas no laboratório, acho que era uma vez por mês... Cada um trazia uma refeição. Depois tinha sobremesa, tinha os doces e a Rosane Charlab trouxe um almoço judaico, com aquelas comidas judaicas e isso foi a estreia do Zezinho na culinária Israelita...

**Wanderley de Souza:** E você gostou, hein? (risos).

**Marcello Barcinski:** Ele achou um horror... (risos). Lembra disso, Zezinho?

José Avelino: Não, lembro nada. Não lembrava disso daí não.

**Marcello Barcinski: Como é que está o Ulisses? O Ulisses é o filho do Zezinho. Chama-se Ulisses em homenagem ao Ulysses Guimarães, não era?**

José Avelino: Está bem, graças a Deus! Está morando em Rio das Ostras. Eu coloquei o nome do Ulisses porque tinha um rapaz em uma novela que tinha o nome Ulisses. Então achei bonito. Depois apareceu o Ulysses Guimarães. A Joyce, a filha dele, foi para o Canadá fazer intercâmbio. Quando chegou lá, veio essa pandemia, pronto... Ela veio embora. E tenho o Wallace, meu outro filho. Eu tinha dito que se o Wallace nascesse no dia vinte e oito eu iria colocar o nome dele de Marcello em homenagem, mas ele nasceu no dia vinte e nove... (risos).

**Wanderley de Souza: E você já tem netos?**

José Avelino: Tenho duas netas. Tenho uma com 18 anos e outra com 5 anos.

**Wanderley de Souza: Então daqui a pouco você vai ser bisavô! Já está com neta de 18 anos (risos). Muito bem, você se lembra de mais alguma coisa que queira registrar?**

José Avelino: Na época dos cobaios, lembro que eu saía catando capim nos matos. Saía atrás de maravalha nas serrarias. Às vezes encontrava, às vezes não encontrava. Agora vem em uma caixa, toda arrumadinha, tem que ver, coisa bonita...

**Wanderley de Souza: E onde é que a gente compra isso?**

José Avelino: A firma de biotério dá a maravalha e a ração. Tinha um laboratório que tinha hamster. Às vezes, quando o cara saía de férias eu ia lá ajudar. E o hamster é uma coisa impressionante porque para colocar um hamster para cruzar, tem que esperar para ver se a fêmea aceita, porque se deixar, ela mata o macho se ela não aceitar.

**Wanderley de Souza: Hamster é o modelo para COVID, só que o hamster não precisa de knockout nenhum, ele reproduz mais a infecção natural. E não morre, entende? Então ele serve para você entender as fases iniciais... A gente conseguiu fazer um swab de hamster que fizeram lá fora no exterior e mandaram pra gente. E você vai para o microscópio. Se você vai para fluorescência e faz uma marcação para o vírus e uma marcação para cílios. As imagens ficam lindas!**

José Avelino: Quer dizer que ainda está com hamster lá no biotério?

**Wanderley de Souza: Não, eu não tenho. Esses hamsters infectados eu recebo dos Estados Unidos, lá do CDC (*Centers for Disease Control and Prevention*). Eu só recebo o material fixado. Mas agora**

**nós estamos fazendo um grande biotério no prédio novo, do Centro de Pesquisas de Medicina de Precisão (CPMP/IBCCF). É um andar inteiro, todo moderno, com biotérios NB2 e NB3<sup>15</sup>.**

**Marcello Barcinski: Vem cá, eu me lembrei de uma coisa... Não sei se o Zezinho vai lembrar, a gente falando em biotérios, que de vez em quando um macaco lá do biotério de cima fugia... Ia lá para o subsolo, atrás da ração e atrás dos camundongos. E ele entrava naquelas tubulações ali, era um perigo lá no nosso biotério. Lembra disso, Zezinho?**

José Avelino: É, e teve uma vez que entrou no nosso laboratório.

**Marcello Barcinski: Entrou no laboratório e foi uma dificuldade... (risos).**

José Avelino: É, foi uma luta, foi uma luta para pegar ele, que derrubou umas coisas no laboratório. É, ele sempre fugia.

**Wanderley de Souza: No meu laboratório o que entra muito é gambá. Tem dia que eu chego e estão lá as meninas todas com as portas fechadas, com medo do gambá.**

José Avelino: No laboratório aqui entra... Já me chamaram para ir ali pegar um no laboratório da Marcela, um gambazinho filhotinho. ...

**Wanderley de Souza: Muito bem, Marcello, você se lembra de mais alguma coisa do Zezinho que você queira registrar?**

**Marcello: O Zezinho certamente é uma competência em termos de bioterismo. E a experiência dele tem que ser aproveitada! Porque ele foi da cobaia do Guinle, passou por todas as linhagens de camundongo, sabe fazer todos os cruzamentos... Enfim, sabe cuidar muito bem de um biotério. Eu me lembro que quando o Zezinho cuidava lá da linhagem, todos eles vingavam. Você separava o recém nascido porque a mãe às vezes comia... Enfim, tinha que tirar cedo. E não podia ter cheiro humano, tinha que passar a mão com talco,**

---

<sup>15</sup> O quarto andar é compartilhado pelos Biotérios NB2 e NB3: <https://biof.ufrj.br/quarto-andar/>  
A Plataforma de Experimentação e Manipulação de Organismos Patogênicos – NB3 (PEMOP3) é uma unidade multiusuária do IBCCF criada em 2021 que visa apoiar projetos de pesquisa que necessitem de equipamentos e/ou infraestrutura para experimentação e manipulação de organismos altamente patogênicos que requerem um ambiente de biossegurança nível 3 (NB3): <https://cmdfa.biof.ufrj.br/plataformas/pemop3/>

**tudo isso o Zezinho sabe fazer. É uma experiência, uma vivência incrível. É muito importante.**

## JOSÉ FRANCISCO TIBÚRCIO

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros.

Local: Via Google Meet

Data: 01/09/2021

**Wanderley de Souza: Muito bem, Tibúrcio. Isso aqui é uma conversa informal, e a primeira pergunta é a seguinte: quando é que você entrou na Biofísica?**

José Tibúrcio: Entrei em primeiro de março de 1983.

**Wanderley de Souza: E, vem cá, como é que você chegou? Quem foi que te convidou, quem foi que te indicou... Conta essa história de como você entrou na Biofísica.**

José Tibúrcio: Olha, o Doutor Paulo Hobaica (*Paulo Eduardo Mansur Hobaica*) veterinário, na época foi ele que me indicou para lá. Eles estavam precisando de gente, eles iam abrir o biotério. Então como ele já me conhecia, me indicou. Eu nunca tinha trabalhado com animal. Mas graças a Deus, eu fui e eles confiaram em mim!

**Wanderley de Souza: Mas você conhecia o Paulo de onde?**

José Tibúrcio: Ah, nós somos conterrâneos lá do interior, fomos criados juntos, em Bom Jesus de Itabapoana.

**Wanderley de Souza: Bom Jesus de Itabapoana... Fronteira com o Espírito Santo.**

José Tibúrcio: É, então, nós fomos criados juntos. Ele confiou em mim e na época eu fiquei com medo. Nunca tinha trabalhado com animal. Mas graças a Deus eu fui e fiquei até hoje. Ele confiou em mim e o professor Rafael Linden também confiou em mim. Na época foram quatro caixas de animal que ele botou na minha mão, que tinha trazido lá do exterior, e fomos até hoje.

**Wanderley de Souza: Você começou trabalhando no que? Com camundongo ou com gambá?**

José Tibúrcio: Nós começamos com rato. Depois eu trabalhei com camundongo também, com várias espécies de camundongo, lá no biotério. E com gerbil (*esquilo-da-Mongólia*), naquela época tinha gerbil.

**Wanderley de Souza: Ah! Você trabalhou com gerbil também? E como foi trabalhar com gerbil, hein?**

José Tibúrcio: Ah! Gerbil foi pouco tempo. Trabalhamos com ele até que, de repente, o professor que trabalhava com gerbil levou para outro biotério, então fiquei só com camundongos, ratos e hamsters. Trabalhei muito com hamster e camundongo, várias espécies. Tinha o black, o suíço...

**Wanderley de Souza: Você começou no biotério lá da Neuro ou no biotério da Microbiologia?**

José Tibúrcio: Lá da Neuro.

**Wanderley de Souza: Porque o Paulo dava apoio a todos os biotérios, não é?**

José Tibúrcio: É! Dava apoio mesmo! Mas ele se aposentou. De vez em quando a gente se fala, mas ele já está aposentado.

**Wanderley de Souza: E foi pra onde?**

José Tibúrcio: Ele está em casa, acho que ele mora no Rio Comprido. Às vezes a gente se fala!

**Wanderley de Souza: E você continua então lá no biotério. É aquele que fica do lado de fora que você cuida, não?**

José Tibúrcio: Não, é o de cima, no segundo andar, subiu a escada logo em cima.

**Wanderley de Souza: Não chegou a trabalhar com Carlos Eduardo Rocha Miranda, com o Eduardo Osvaldo Cruz, não? Já foi direto com o Rafael Linden?**

José Tibúrcio: Rafael e o professor Roberto Lent.

**Wanderley de Souza: E com o Gattass (*Ricardo Gattass*)?**

José Tibúrcio: Não, o professor Gattass trabalhava mais com primatas.

**Wanderley de Souza: E vem cá, com camundongos, o quê você faz? Você só faz a criação ou você faz também as experiências com eles, com ratos?**

José Tibúrcio: Ali dentro do biotério, é praticamente tudo. Pega os animais pequenos para criar, cria e depois, quando eles estão adultos, vão para experimento.

**Wanderley de Souza: Você ajuda também no experimento?**

José Tibúrcio: Não. Só às vezes, quando precisa segurar o animal para fazer o experimento, a gente ajuda!

**Erika: Você trabalhou com a professora Rosália (*Rosália Mendes-Otero*) também?**

José Tibúrcio: Trabalhei com ela também.

**Erika Negreiros: Eu lembro! Eu pegava ratas grávidas para estudar o desenvolvimento dos embriões e o seu Tibúrcio me ajudou muito! Tanto que na dissertação de mestrado tem um agradecimento especial para você, o apoio logístico para o meu trabalho.**

**Wanderley de Souza: Tibúrcio, e agora como é que você está nesse período? Já está vacinado com as duas doses?**

José Tibúrcio: Olha professor, eu parei. Já tomei a vacina, já tomei a vacina da gripe, agora tem a tal da terceira vacina, que vão aplicar agora.

**Wanderley de Souza: Ah é, qualquer hora dessas, mas isso é para os velhinhos... (risos).**

José Tibúrcio: Mas eu já estou com 73 anos...

**Wanderley de Souza: Você já está com 73, é?**

José Tibúrcio: Completei agora, no dia 21 de agosto!

**Wanderley de Souza: E está pensando em se aposentar, ou não?**

José Tibúrcio: Agora eu estou pensando, antigamente não pensava não. Eu queria ficar mais. Aí o pessoal: *“Tu vai sair na expulsória, não sei o quê...”* Não, enquanto der para eu ficar, eu vou ficando. Mas só que agora, ultimamente, não está dando mais, não. Depois que eu passei a fazer esse tratamento no Hospital aqui do fundão, um tumor aqui do lado esquerdo, nem sabia disso.

**Wanderley de Souza: Mas que tumor é esse que eu não estou sabendo não, Tibúrcio? O que é que você tem?**

José Tibúrcio: Eu já estou praticamente curado, nem eu sabia... Fui lá no hospital do Fundão, eles fizeram todos os exames em mim. A doutora descobriu que eu estava com uma lesão do lado esquerdo da próstata. Mas eu trabalhava normalmente...

**Wanderley de Souza: Mas foi tumor de próstata?**

José Tibúrcio: É. O médico falou: *“Não vai ser preciso operar não, a gente vai fazer o tratamento com o senhor.”* Então, fiz os exames lá...

**Wanderley de Souza: Fez um exame chamado PSA (Antígeno Prostático Específico)?**

José Tibúrcio: Ah, esse eu faço, toda vez que eu vou lá. Essa última vez que eu fui, ele falou que meu PSA estava bom e tudo. E o tumor praticamente já desapareceu. Eu não estava sentindo mais nada, porque de vez em quando eu sentia aquela dorzinha assim, mas para mim era uma coisa normal. Às vezes, quando eu estava lá no biotério e pegava as caixas, sentia aquela dorzinha... Então, eu fiz o tratamento. Estou fazendo até hoje. De três em três meses tem que ir lá para colher o sangue, passo lá pelo médico para tomar aquela injeção que eles me aplicam no abdômen. Mas ultimamente, praticamente não tenho sentido mais nada. Só que a última que eu tomei, fiquei com esse lado esquerdo assim todo comprometido. O braço, a minha perna toda dormente...

**Wanderlei de Souza: Ué, mas a injeção não é na barriga?**

José Tibúrcio: É na barriga, mas não sei. Eu falei com o médico mas ele disse que era normal, que fazia parte do tratamento.

**Wanderley de Souza: Ah! Você está com uma cara boa, está gordinho!**

José Tibúrcio: Pois é, mas o problema todo agora é que depois que eu comecei a fazer esse tratamento, tem dia que parece que eu estou com chumbo na minha perna esquerda, assim na sola do pé. Por isso que eu caí lá no estacionamento. Quando eu estava atravessando ali, não sei o que é que houve, minha perna prendeu, eu bati com o joelho ali na quina, onde ficam aqueles carros parados. Não sangrou não, mas fiquei uns dois ou três dias com o joelho inchado e doendo. Tive que ir ao médico, que falou que tive uma infecção no joelho. Então tomei uma injeção lá, e estou fazendo tratamento em casa.

**Wanderley de Souza: Você não tem diabetes não, né?**

José Tibúrcio: Não, graças a Deus.

**Wanderley de Souza: Tibúrcio, você tem alguma história assim, alguma coisa que você presenciou que seja engraçada, que seja interessante nesses teus, lá se vão o quê? Quase quarenta anos de Biofísica?**

José Tibúrcio: É, exatamente. Olha, já passou tanta gente lá!

**Wanderley de Souza: Lembra de algum técnico mais velho?**

José Tibúrcio: Lembro do Capillé. Nós fizemos um curso de bioterismo juntos lá na Fiocruz.

**Wanderley de Souza: Era também bioterista, não é? Trabalhava também com o Paulo Hobaica?**

José Tibúrcio: O Capillé trabalhou com ele também...

**Wanderley de Souza: Ah! Então é da mesma equipe...**

José Tibúrcio: É! A gente ia sempre juntos para o curso lá na Fiocruz, no biotério de Manguinhos. Fomos eu, o Celso (*Celso Pereira*), o Zezinho (*José Avelino*), fomos todos para a Fiocruz. Eu tinha até o meu diploma. Depois nós fizemos aquela mudança, porque antigamente o biotério era lá embaixo. Naquela outra escada lá embaixo. Olha! Teve um “bocado” de professor com quem trabalhei, alguns já faleceram, outros se aposentaram e já foram embora.

**Erika Negreiros: Com quem você teve mais contato foi com o Rafael Linden?**

José Tibúrcio: É, foi o professor Rafael mesmo. Ele sempre foi o meu chefe, ele e o professor Roberto Lent também.

**Wanderley de Souza: Quando o Roberto mudou, ele não quis te levar, não?**

José Tibúrcio: Não, na época o professor Rafael foi quem me absorveu. O Roberto Lent foi para a Anatomia e eu continuei na Biofísica.

**Wanderley de Souza: Você jogava um futebolzinho ali no campo ou não?**

José Tibúrcio: O pessoal marcava umas peladas que a gente jogava.

**Wanderley de Souza: Pois é, eu me lembro dessas peladas! (risos). Lá com o Celso (*Celso Pereira*). Tibúrcio, depois nos passa o contato do Paulo Hobaica. Ele não era da Biofísica, ele era do CCS, não é?**

José Tibúrcio: É, ele prestava assistência.

**Wanderley de Souza: Ele foi muito importante para os biotérios todos. Ele era mais da Microbiologia, mas o biotério de lá era biotério central e ele supervisionava todos os biotérios da Biofísica.**

José Tibúrcio: Então, na época também trabalhei lá embaixo no subsolo com ele. Ali tinha criação de camundongo, aquela coisa toda. A gente estava sempre lá.



José Tiburcio e Paulo Cezar Coutinho.

## JÚLIO CÉSAR RIBEIRO DA SILVA

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros.

Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)

Data: 22/07/2021

**Wanderley de Souza: Nós estamos entrevistando os funcionários, técnicos e administrativos que estão há muito tempo aqui e deram uma contribuição importante para o Instituto. Então a gente, em geral, começa perguntando o seguinte: Como é que você entrou no Instituto e em que ano?**

Júlio César: Eu entrei aqui no Instituto em 1989. Vim ao Instituto para resolver um problema (*de manutenção*) na gestão do diretor Darcy Fontoura de Almeida (*Diretor de 1985 a 1989*). Só que ao chegar aqui para resolver esse problema, não deixaram eu sair mais...

**Wanderley de Souza: Você era de onde?**

Júlio César: Da COPPEAD (*Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, da UFRJ*), no serviço de bombeiro também.

**Wanderley de Souza: Quem não deixou? O Darcy?**

Júlio César: O professor Darcy: “*Você vai ficar aqui, veio aqui resolver o problema e vai continuar com a gente aqui*”. E então gerou um problema lá na COPPEAD, na época. Na época, não sei se você lembra, a tubulação era toda de ferro, tinha muito vazamento. Só que o Pedro Paulo, o que ele fazia? Ele colocava braçadeira, mas aquilo era um paliativo. Eu falei: “*Esse tipo de coisa eu não vou fazer porque a gente vai resolver agora, mas quando chegar daqui a pouco, vai ter que fazer novamente. O certo é a gente trocar essa tubulação*”. Então começamos a fazer a troca de tubulação, e tudo mais...

**Wanderley de Souza: Mas você já era funcionário da universidade?**

Júlio César: Sim, já era. Entrei em 1988 na COPPEAD, na época do professor Horácio Macedo, que era o Reitor.

**Wanderley de Souza: E aqui, foi sempre na parte de hidráulica que você trabalhou. Ainda era o Célio Coelho que chefiava?**

Júlio César: Era a gestão do Célio. A gente fazia hidráulica, fazia elétrica...

**Wanderley de Souza: Mas é o seguinte, nesse período que você está aqui, você acha que deu uma boa melhoria?**

Júlio César: Com certeza, melhorou muito.

**Wanderley de Souza: Mas Júlio, como é que foi ao longo do tempo? Você já está com quantos anos aqui?**

Júlio César: Eu tenho 36 anos aqui, estou com 65 anos de idade. Enquanto der para ficar aqui eu vou ficando. Até porque eu não gosto muito de ficar em casa. Durante esse negócio da pandemia (*COVID-19*), eu estava vindo direto aqui.

**Wanderley de Souza: É, eu te encontrava.**

Júlio César: E sempre tinha problema. Eu sempre vinha, às vezes o pessoal me ligava quando tinha um problema e tal. Às vezes até me ligam ainda, aparece qualquer coisa aqui no final de semana, eu venho aqui sábado, venho domingo e tento resolver. Teve uma vez que eu vim aqui no sábado porque alguém mexeu lá em cima e quebrou a tubulação. Eles tinham pedido para colocar uma bica para eles lavarem lá em cima no biotério. Eu coloquei, só que teve um aluno que colocou uma mesa, acho que ele não viu, puxou aquilo e quebrou tudo. Foi um transtorno, me ligaram, eu saí de casa. Era sábado, umas 3 horas da tarde. Cheguei aqui, a oficina fechada, não tinha como a gente fazer nada, fechei a água lá fora. E para resolver o problema lá em cima? Eu tive que adaptar e ir lá fora no meio do mato tentar achar algum tubo, alguma coisa para resolver. Eu até falei que a gente tinha que ter um depósito, no caso de emergência ou se precisasse ter acesso.

**Wanderley de Souza: Na realidade, o administrador deveria ter acesso a essas coisas.**

Júlio César: É, tinha que ter para caso de emergência, a gente ter como resolver. Se acontecer alguma coisa mais grave tem que ir lá fora, fechar a água lá e deixar todo mundo sem água, porque você não tem como fazer nada. Há pouco tempo, teve um problema de vazamento no telhado, eu não sabia que lá em cima estava assim. O professor me ligou, falou que tinha um vazamento lá no laboratório dele e tal. Então eu falei: *“Assim que eu chegar aí eu vou lá para resolver, para ver o que é e te passo como é que está lá, se eu consegui resolver ou não, fazer um paliativo pelo menos”*. Assim que eu cheguei aqui eu fui lá no telhado, tinha uma obra e eu também não tinha conhecimento daquela obra ali. Na época da gestão do Celso (*Celso Caruso Neves, foi diretor de 2016 a 2019*), sempre que tinha obra, a gente ficava ciente e tudo mais.

**Wanderley de Souza: O diretor tem que comunicar ao pessoal que trabalha. O setor hidráulico e elétrico tem que estar sabendo de tudo que acontece de obras aqui no Instituto, porque mexe num lugar que pode dar um problema em outro.**

Júlio César: A gente tem que estar ciente. No caso do Waldir (*Waldir Dias de Oliveira*), por exemplo, tem dias que você vê gente mexendo no quadro de luz e

nem sabe quem é, o cara faz um montão de coisa errada lá e depois a gente tem que resolver.

**Wanderley de Souza: Eletricidade tem que saber os tipos de fios...**

Júlio César: Para resolver depois, dá muito trabalho, porque o cara não sabe como é que está, como foi feito aquilo.

**Wanderley de Souza: Júlio, mas como é que é a relação entre vocês aqui na Biofísica e no CCS, como um todo, nessa parte hidráulica? É boa?**

Júlio César: É boa, a gente tem uma boa comunicação porque a gente trabalha em conjunto. Um ajudando o outro, entendeu? Principalmente com o pessoal lá da administração do CCS. Quando um precisa de alguma coisa, a gente está lá ajudando.

**Erika Negreiros: Cada unidade do CCS tem o seu eletricista e bombeiro hidráulico próprios?**

Júlio César: Não tem, não. Só a gente aqui na Biofísica. Lá tem o pessoal da manutenção do CCS geral.

**Wanderley de Souza: A Biofísica sempre foi um pouco separada.**

Júlio César: Igual agora, por exemplo, aqui o pessoal da manutenção não vem. Acontecem as coisas e o pessoal me chama, eu vou lá e resolvo, não custa nada. Igual eu fui aqui no bloco B fazer um negócio, fui no bloco A, fui lá na Microbiologia. Sempre vou lá dar uma moral, trocar alguma coisa, não custa nada eu ir lá. Vou lá e resolvo. Muitas vezes os caras querem até me pagar, mas eu falo: *“Que isso, cara! Não precisa me pagar nada. Até porque eu trabalho para isso”*.

**Wanderley de Souza: Eu acho que não é da sua época, mas você não chegou a pegar a turma do Seu Oswaldo?**

Júlio César: Peguei sim, Seu Oswaldo.

**Wanderley de Souza: Seu Oswaldo era muito bom. Ele que treinou o Célio. O Célio era muito bom também, em oficinas, em diversos materiais.**

Júlio César: Ele treinou o Célio, e o Célio ajudou muito o Sérgio (*Sérgio Nogueira Magalhães*).

**Wanderley de Souza: Tinha uma boa turma de carpintaria também.**

Júlio César: Tinha o Carlos, o Tininho.

**Wanderley de Souza: Tinha um mais baixinho... quem era? Era o Tininho?**

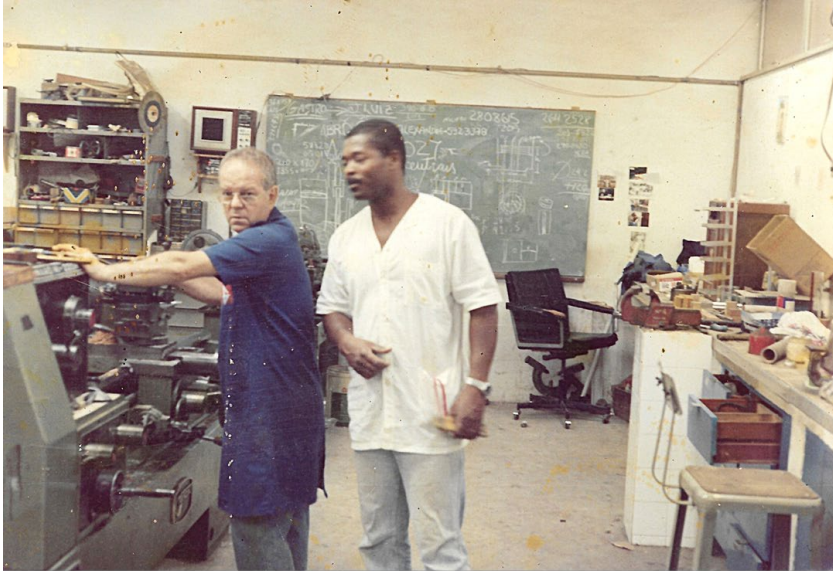
Júlio César: Era o Tininho, gostava muito de fazer greve. Ele chegava lá antes da greve e falava assim - *“Oh, eu tenho tanto dólar para gastar e tal... tô na greve”*. (risos). Uma vez cortaram o ponto deles, ficaram sem pagamento. Depois eles controlaram a situação lá.

**Wanderley de Souza: Eu lembro do Tininho, ele ia fazer uma estante na minha casa. Eu cheguei para ele e falei: “Ô Tininho, vem cá... Eu estou precisando fazer uma estante, queria que você fosse dar uma olhada, fazer um orçamento, saber o quanto vai ficar isso. Você é um bom carpinteiro”. Então ele me disse: “Carpinteiro, não! Eu sou um marceneiro”. (risos).**

Júlio César: Marceneiro, ele falava assim. (risos).

**Wanderley de Souza: Eu falei, mas vem cá, qual é a diferença? Aí ele: “Carpinteiro é qualquer um, o marceneiro, não”. (risos).**

Júlio César: Ele tinha essa filosofia.



I love you  
(se amigos?)  
Julio & Celio  
Julio 2.92

Oficina do IBCCF na década de 1990. Imagem acima - Célio da Costa Coelho e Julio Cezar. Imagem abaixo – verso da foto, data 1992.

**Wanderley de Souza: É. O marceneiro trabalha a madeira, tem arte. Ele me fez uma estante, depois eu me mudei, ele tirou a estante e levou para o outro apartamento, a estante ficou até hoje. E quem é que você treinou? Quem faz a parte com você, ou você está sozinho?**

Júlio César: Sozinho, sempre sozinho. Até porque vinham muitas pessoas para cá, para ficar comigo, para ajudar. Só que os caras que vinham para cá eram pessoas viciadas, então eu não aceitava. O Gentil falava: “Olha só, vai vir um rapaz para ficar com você”. Eu respondia: “Gentil olha só, eu já conheço esse cara, ele já chegou aqui falando para mim que trabalha só duas vezes na semana, que quando tem greve não vem trabalhar. É um cara que é viciado. Eu não vou querer um cara viciado aqui, que mexe nas coisas dos outros”. Teve

uma vez aqui, na gestão do Olaf Malm (*Diretor de 2007 a 2010*), veio um cara para cá me ajudar. Fomos fazer um serviço ali no laboratório da professora Eliana (*Eliana Abdelhay*). Chegando lá, eu estava consertando e trocando um ralo, tinha um material em cima da bancada, sabe o que o cara fez? Ele pegou o negócio da bancada e colocou no bolso do jaleco dele. Eu fiquei olhando aquilo e falei: “Cara, olha só, você não tem que fazer isso. O que está aí é do pessoal do laboratório, é dos alunos, agora você fica pegando as coisas, vão pensar que sou eu que estou aqui, o responsável sou eu, então você não tem que fazer isso.” Chamei a atenção dele e a menina viu, eu falei com ela que o rapaz pegou um negócio seu e colocou no bolso, eu não sei o que é. Melhor você ver para pegar. Fui lá e falei para o Olaf mandar o rapaz embora daqui, porque ele não tem condições de ficar aqui, não. No final, sabe o que ele fez lá na minha sala? Eu tinha que pagar uma conta do Ponto Frio, na época a gente pagava no banco. Eu separei o dinheiro e deixei lá para pagar, só que nesse momento teve um problema de emergência e eu tive que sair às pressas para poder resolver um vazamento no laboratório da Dra. Doris Rosenthal. Nesse meio tempo em que eu fui lá para resolver, o que ele fez? Ele foi lá e pegou meu dinheiro na minha carteira. Quando eu voltei, ele já não estava mais. Eu peguei e falei assim, não estou nem aí, sabe? Com a cabeça meio quente. Eu falei assim, vou deixar certinho, quando for amanhã ele vai chegar aqui e vou pegar ele, dar uns cascudos nele. Escutei ele assobiando, abri e fiquei atrás da porta, quando ele entrou eu tranquei a porta, tirei a chave e falei: “Rapaz, olha só: você vai me dar o meu dinheiro agora, eu quero o meu dinheiro, você dá o teu jeito aí”.

**Wanderley de Souza: Eita, isso aqui tem histórias. Eu me lembro que eu tinha um funcionário do laboratório, que era um cara altão, já nem me lembro o nome. Eu tinha um cheque para pagar uns funcionários lá do laboratório, e o setor preparou o cheque e mandou lá para baixo. Eu assinei e dei para ele ir pegar o dinheiro lá. Só que ele disse que estava fazendo alguma coisa, colocou em cima de uma estufa, uma coisa assim, mas era alguma coisa que a gente não via, era baixinho, não via. Então terminou as coisas, e quando ele foi procurar, cadê o cheque? O cheque sumiu. Era daqui da conta do Banco do Brasil. Alguém sugeriu para correr lá para o banco. Quando chegou lá, estava ele descontando o cheque. Um técnico que eu tinha lá no laboratório, eu esqueci o nome dele. Eu falei, olha aqui você não vai trabalhar mais porque aqui é um lugar de confiança. Ainda bem que na época nem celular tinha.**

Júlio César: Então o que acontece, na ocasião eu ficava com a chave dos laboratórios porque eles tinham problema de emergência e falavam assim: “Oh, fica com a chave do laboratório, você vai lá e resolve e tal”. O que eu fazia? Resolvia o que tinha que resolver, trancava a porta com a chave, e no outro dia,

assim que chegava aqui, procurava a pessoa e falava: *“Estou aqui com a chave, está tudo direitinho lá.”*. Foi assim com o professor Wolf (*Wolfgang Christian Pfeiffer*).

**Wanderley de Souza: Wolf era muito boa gente, não é?**

Júlio César: Demais, demais.

**Wanderley de Souza: Olha, o melhor técnico que eu tive no meu laboratório, tinha dia que ele chegava bêbado, você se lembra do Sebastião?**

Júlio César: Lembro. Sebastião e Antônio, os dois irmãos. (risos).

**Wanderley de Souza: Eram dois irmãos, mas quem bebia era o Sebastião. O Sebastião chegava, eu dava-lhe uma bronca, ele bebia e ficava todo vermelho.**

Júlio César: Era cachaça e cigarro.

**Wanderley de Souza: Com a cachaça ele ficava vermelhão, eu falava: “O que houve? Você não pode trabalhar, não. Vai para casa e não volta mais, e que negócio é esse?” . Às vezes eu dava uma bronca, mas era um técnico muito bom.**

Júlio César: Ele era bom profissional.

**Wanderley de Souza: Morreu assim, de tanto beber. E o irmão dele foi com um choque.**

Júlio César: Foi um choque, mexendo na antena da televisão. Tomou uma descarga elétrica daquelas. Eram do meu laboratório, o Antônio Cruz e o Sebastião Cruz. O Sebastião era um cara responsável, pelo que eu lembro do trabalho dele, muito responsável.

**Wanderley de Souza: Ele era muito bom nos aparelhos, inteligente, não tinha estudado muito, mas era inteligente, esperto. O outro era assim meio metido a resolver tudo. Se você deixasse, ele era bombeiro, eletricitista. Ele ia fazendo as coisas.**

**Erika Negreiros: Mas Júlio, como é que você se especializou na parte hidráulica?**

Júlio César: Eu já tinha noção, sabia como é que era. Antes de vir para cá, eu fiquei no corpo de bombeiro por um ano e meio. Só que o salário lá também era pouquíssimo, porque eu era soldado. Quando eu levava a Tereza para a Biofísica na Praia Vermelha (*esposa Terezinha Maria de Castro Silva*), um rapaz falou assim para mim: *“Por que você não me dá um currículo seu que eu vou entregar*

lá”. Me chamaram com urgência, só que não especificou onde era. Eu tinha feito outros processos seletivos, para a Polícia Rodoviária Federal, na Vale do Rio Doce e também na TVE (TV Educativa). Como eu não sabia onde era, fui ver. Me informaram que aqui é do Governo Federal, que o emprego é bom. Eu estava no Corpo de Bombeiro, mas decidi pedir baixa. Só que eu tinha direito a dois anos de licença sem vencimento. Então eu fiz isso, dei baixa, vi se me adaptava e estou aqui até hoje.

### **Wanderley de Souza: Que bom!**

Júlio César: Assim que eu comecei na COPPEAD, para eu sair de lá foi um problema sério. Fui uma vez resolver um problema no alojamento, eu cheguei no alojamento, resolvi e o Seu Cláudio, que era o diretor de lá, falou para mim assim: *“Olha só, você vai ficar por aqui, viu? Vou ver se consigo trazer você para cá, para que você venha resolver mais coisas. Você é um cara que não chega atrasado, chega cedo, resolve o problema, não falta. A gente precisa de pessoas assim”*. Porque os caras que tinha lá gostavam muito de ficar fazendo bagunça no alojamento, enchiam a cara e tal. Esses caras ficaram até meio chateados comigo na época. Então eu falei: *“Cara, não tenho nada contra ninguém, não. Cada um com seu cada um, eu faço o meu trabalho aqui e vocês fazem o que vocês acharem melhor aí”*. Só que nesse momento, o que eles faziam? Não procurava trabalhar mais, tudo o que aparecia vinha para cima de mim, novato, né? De lá eu peguei e voltei para a COPPEAD. Foi então que o professor Darcy precisou de mim para resolver o problema aqui, e a Salomé é que foi lá me buscar. Chegou lá e falou: *“Olha só, a gente tem um negocinho para resolver lá na Biofísica, e me disseram que você resolveu no alojamento. A gente gostaria que você fosse lá para conversar com o professor Darcy”*. Eu disse: *“Sem problema, eu vou lá”*. Falou com o diretor, ele autorizou e falou: *“Oh, ele pode ir lá por uma semana. Vai resolver lá e depois retorna para cá, e mesmo assim, se durante a semana que ele ficar lá a gente precisar dele aqui, ele vem”*.

### **Wanderley de Souza: Você se entendeu bem com todos os diretores? Nunca teve problema nenhum?**

Júlio César: Todo mundo. Nunca tive problema com nenhum deles. Os professores às vezes estavam lá fora viajando, no exterior, e me mandavam carta de elogio, eu tenho muito disso lá em casa. Eu tenho do Walter Zin (*Diretor de 2001 a 2004*), tenho do Antônio Carlos Campos de Carvalho (*Diretor de 1998 a 2001*).

**Erika Negreiros: Você conheceu a sua esposa, a Terezinha, aqui na Biofísica?**

Júlio César: Não, eu a conheci fora daqui. Ela começou na Praia Vermelha com 16 anos, ela lembra de você (*se referindo ao Wanderley*) quando ainda era aluno. A Tereza já está a uns cinquenta e poucos anos aqui. Ela morava lá no bairro onde eu moro, no Engenheiro Pedreira, cidade Japeri, e trabalhava na Praia Vermelha. Não tinha a UFRJ aqui ainda.

**Wanderley de Souza: Mas você se casou quando ela já tinha vindo para cá, ou não?**

Júlio César: É, quando me casei ela já estava aqui no Fundão. Ela conheceu a maioria do pessoal que estava aqui na ocasião, ela conheceu todo mundo, Fernando Mello, Nissin Moussatché, Ricardo Gattass...

**Wanderley de Souza: É, o Gattass gostava muito das oficinas, ele adorava.**

Júlio César: Aquele material que está na oficina, foi ele que doou tudo.

**Wanderley de Souza: Quando eu fui diretor, ele foi o chefe geral das oficinas, ele foi a pessoa que tomou conta.**

Júlio César: É. E ele é um cara muito criativo também. Ele tinha um problema ali no biotério dele, dos primatas, que a água era fraca. Eu falei: *“Professor, eu resolvo isso daí para o senhor. Eu virei aqui. Só que é o seguinte, eu não posso mexer nisso agora. Tem que fazer esse negócio no final de semana”*. Aí ele: *“Quanto que é?”*. Eu falei: *“Não tem que me dar nada, eu venho aqui e resolvo isso”*. Não podia fazer isso durante os dias de semana porque tinha que fechar a água geral, e poderia demorar. No final de semana não tem ninguém e tinha como fazer, eu fechava a água lá fora, puxava a tubulação daqui de baixo passando por ali e levava lá para cima. E fiz. Foi um sábado e um domingo, resolvi, e quando foi na segunda-feira ele chegou. Eu o chamei para olhar a água com uma pressão alta. *“Quanto que é?”* Eu falei: *“Não tem que me dar nada não”*. E ele: *“Não, porque você veio aqui sábado e domingo...”*. Eu falei: *“Professor, esquento a cabeça, não. Está tudo certo, não tem problema não”*.

**Wanderley de Souza: Muito bem! Tem alguma coisa que você queira comentar e que ainda não falamos?**

Júlio César: Fico feliz de estar aqui até hoje, sinto aqui como minha casa, me sinto bem aqui na Biofísica.



Júlio com a turma do curso da Brigada de Salvamento no quartel de bombeiros do Guarujá. Fotos à esquerda – Júlio com o Sr. Teixeira.



Júlio na entrada do Instituto (período de pandemia da COVID-19 na imagem à esquerda), e exercendo seu ofício (imagem à direita).

## LEVI RIBEIRO DE AMORIM

Entrevistadores: Wanderley De Souza e Érika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 22/07/2021

**Wanderley de Souza: A ideia é resgatar a história do Instituto. Já fizemos isso com os professores, agora com o pessoal técnico e administrativo. Então, a primeira pergunta é a seguinte: quando é que você entrou no Instituto de Biofísica?**

Levi Amorim: Bom, eu entrei em 1983. Na verdade, eu trabalhei em 1979 na Microbiologia, com Miércio da Costa Pereira.

**Wanderley de Souza: Meu grande amigo. Está em Boston até hoje.**

Levi Amorim: Trabalhei lá com ele e com o Arnaldo Feitosa.

**Wanderley de Souza: Mas como é que você chegou nele?**

Levi Amorim: Eu cheguei através do meu curso técnico, na Escola Técnica Tetch, em Jacarepaguá. Dois professores faziam mestrado aqui na Microbiologia e na Biofísica. E eles nos trouxeram para cá. Começamos a fazer estágio, eu fiz esse estágio na Microbiologia, no Laboratório de Imunologia do professor Arnaldo, porque o Miércio era visitante...

**Wanderley de Souza: Eu acho que o Arnaldo está até hoje na UERJ. Ele se aposentou daqui e foi para a UERJ. Eu não sei se já se aposentou também na UERJ. E então você começou a trabalhar com o quê? Com carço de jaca, não?**

Levi Amorim: Não, eu trabalhei lavando *vials* (*frascos*) contaminados com P32. Comecei bem básico mesmo.

**Wanderley de Souza: Mas é a melhor coisa, tem que começar.... Eu, lá no laboratório, até aluno quando entra, eu chego: “Você tem que começar aprendendo a lavar material, porque isso aqui não é igual lavar em casa”. Então, tem que lavar a vidraria, depois tem que esterilizar, saber esterilizar, depois pesar, essas coisas.**

**Wanderley de Souza: Então você teve esse treinamento todo lá?**

Levi Amorim: Isso, bem básico e muito importante. E depois eu saí. O meu contrato na época era da FINEP.

**Wanderley de Souza: Ainda estava lá o Wilson Chagas.**

Levi Amorim: É. Eu fiquei parado por dois anos. Foi quando eu casei e tive o meu primeiro filho. E então, desemprego, não é? Eu liguei para uns dos meus colegas, que já estavam trabalhando na Biologia, aliás, na Microbiologia na época, que eu precisava de trabalho. Então ele disse: “Ah, tem uma vaga aqui na professora Mecia (Mecia Maria de Oliveira). Você quer vir, quer falar, entrevistar com ela?” Eu vim, fui entrevistado por ela aqui, exatamente.

**Wanderley de Souza: A Mecia era do laboratório do Doutor Chagas.**

Levi Amorim: Fui destinado a cuidar da sala de cultivo de protozoários.

**Wanderley de Souza: Trypanosoma. Ela tinha também Euglena, não tinha?**

Levi Amorim: Tinha. A gente tinha Euglena, tinha Chlamydomonas. Aliás, aprendi muito nesse laboratório da Mecia.

**Wanderley de Souza: Chegou a aprender a parte também de extração lipídica, essas coisas?**

Levi Amorim: Sim, fiz. No dia a dia, não, mas aprendi. O Lindomar (*Lindomar Miranda da Silva*) me ensinou.

**Wanderley de Souza: Você era pago como aqui? FINEP também?**

Levi Amorim: Na época, pela Fundação José Bonifácio, que era o dinheiro da FINEP. Fiquei cinco anos trabalhando com a Mecia e saí desse laboratório graças a você, que abriu seu laboratório para eu começar a trabalhar lá, porque eu fiquei meio que navegando sem laboratório. Eu saí da Mecia, não saí muito satisfeito, mas enfim, isso não vem ao caso. Mas eu continuei com o cultivo de protozoário, sim. E fornecendo para o seu laboratório, para o Marcello Barcinski e, inclusive, para a Fiocruz. Porque, na época, eu tinha uma cepa de *T. cruzi* em cultura de epimastigota que eu dava um tratamento e eu tinha vinte e cinco por cento de tripomastigota.

**Wanderley de Souza: Que tratamento era esse?**

Levi Amorim: Agora eu não lembro. Eu não sei se era o sal... Eu tenho o protocolo, tenho tudo guardado.

**Wanderley de Souza: E você aprendeu onde isso? Com a Mecia?**

Levi Amorim: Não, eu aprendi testando.

**Wanderley de Souza: Porque quem teve uma experiência boa de metaciclogênese foi o pessoal do Firmino Torres. Que era uma cepa que tinha vindo de Minas, CL14.**

Levi Amorim: Eu tinha pouco contato com eles, mas era a CL14, exatamente.

**Wanderley de Souza: A CL14 veio do Egler Chiaru, de Belo Horizonte. Então essa cepa ficou lá no meu laboratório, ficou com o Firmino, ficou depois com o pessoal da professora Cerli, que andou trabalhando com ela.**

**Érika Negreiros: Gente, Wanderley tem uma memória...**

Levi Amorim: Memória danada. Isso mesmo, CL14. Eu produzia aqui, porque era mais barato trabalhar com essa CL14, porque tinha uma grande quantidade de Tripomastigota.

**Wanderley de Souza: Hoje a gente consegue setenta, oitenta por cento...**

Levi Amorim: Sim! Hoje mudou completamente. Hoje no baço do camundongo a gente produz muito mais, quase cem por cento. Mas, na época, era importante, porque a gente não precisava de camundongo, precisava de sangue, porque era muito complicado trabalhar com sangue devido à contaminação. Então era um sucesso na época. Bom, então saí dali. Abriu uma vaga no laboratório da professora Rosália Mendes-Otero. Ela estava precisando de um técnico. Ela fez o concurso para cá e eu fui destinado a trabalhar com ela. E quem me ensinou tudo sobre fotografia, na hora que eu precisava, foi o técnico Raymundo Bernardes.

**Wanderley de Souza: O famoso Raymundo! Raymundo, Aderbal Alexandre Alves e Isaltino eram, digamos assim, os grandes mestres técnicos.**

Levi Amorim: Eu fui treinado pelo Senhor Raymundo e fiz todas as fotos da defesa do concurso da Rosália, já na época. E as fotos em preto e branco na época, então tive muita sorte.

**Wanderley de Souza: Você entrou em que ano na Rosália? E lá você trabalhou nesses cultivos de células, essas coisas todas que ela faz?**

**Levi Amorim:** Deixa eu lembrar aqui...

**Erika Negreiros: Olha, eu sei que eu entrei em 1993 na Rosália e você já estava lá.**

Levi Amorim: É, não tinha muito tempo, não. Eu fiquei cinco anos na Mecia, acho que de 1983 até 1988. Acho que entrei em 1989 na Rosália, e o laboratório dela ainda não estava pronto.

**Wanderley de Souza: Ainda se misturava com o laboratório do Carlos Eduardo Rocha Miranda, com todo mundo ali, não?**

Levi Amorim: Não, só com a Leny Alves Cavalcante.

**Wanderley de Souza: Que foi o laboratório do Antônio Couceiro.**

Levi Amorim: Isso, exatamente. Depois eu trabalhei oito anos com a Rosália.

**Érika Negreiros: Até 1997 você estava na Rosália, porque a gente foi para Caxambu, no congresso da FeSBE (Federação de Sociedades de Biologia Experimental).**



Membros do Laboratório de Neurobiologia Celular e Molecular, chefiado por Rosália Mendez-Otero, no congresso da FeSBE em 1997. Da direita para a esquerda – Levi Amorim, Arthur Giraldi Guimarães (professor da UENF), Marcia Soares da Mota e Silva Lopes (professora do INJC/UFRJ), Frank Tenorio de Almeida (professor da UERJ, *in memoriam*) e Erika Negreiros.

**Wanderley de Souza: E da Rosália, você foi para onde?**

Levi Amorim: Da Rosália eu fui para o Rafael Linden. Porque em todos os laboratórios que eu fui, eu recebia bolsa do CNPq. A classe da Rosália baixou e ela não tinha mais a bolsa. E, como o nosso salário era muito pouco, na época... Bom, mas abriu a vaga no laboratório do Rafael Linden, porque o Nilson (*Nilson dos Santos*) viajou com a esposa, a Adriane Todeschini, para Califórnia. Então a

Rosália me pediu para conversar com o Rafael Linden. E eu fui conversar e acabei ficando uns oito anos com o Rafael.

**Wanderley de Souza: E lá, o quê que você fez?**

Levi Amorim: Lá eu cortava todo material dos alunos no criostato e, às vezes, no micrótomo. Então, já tinha essa experiência no laboratório da professora Leny, que foi quem me ensinou tudo.

**Wanderley de Souza: Ah, eu estava lembrando, a Leny ocupou o laboratório do Couceiro. O técnico José Claudio trabalhava com o Couceiro e ficou com a Leny.**

Levi Amorim: Eu lembro que ele visitou a Leny algumas vezes, naquela época. Bom, eu trabalhei com o Rafael. Só que, na época, eu estava querendo fazer mestrado e o Rafael disse: “*Não, eu não quero, eu não preciso de aluno*”. Então eu saí do laboratório do Rafael porque ele não precisava de aluno, ele precisava de um técnico. Eu queria fazer o mestrado. Ele, muito generoso, me liberou para a Biologia, porque eu queria ir para a área ambiental, queria fazer o mestrado nessa área ambiental. Então, ele, generosamente, me cedeu para a Biologia. Fui para a Ictiologia.

**Wanderley de Souza: Você se encaminhou para o mestrado em Ictiologia. Você fez o mestrado?**

Levi Amorim: Não. Primeiro eu fui trabalhar como técnico lá para conhecer o laboratório, fazer identificação de peixes, morfologia deles e tal. Mas acho que não cheguei a ficar nem um ano. Nesse meio tempo também eu aproveitava para fazer as coletas, que a Biologia precisava de gente para coletar. Por exemplo, ficamos uma semana na bacia de Campos na P36, que afundou, que começou a vazar de novo e a gente foi para lá para coletar. Então, aprendi muito sobre coleta em alto mar. Foi quando eu encontrei a Sandra Azevedo, recentemente vinda para o laboratório. Eu conhecia, de cerveja, o Alfredo do NPPN. Aí encontrei com o Alfredo, primeiro. E o Alfredo ia pegar carona com a Sandra para a Ilha do Governador. Ele me viu meio triste: “*Mas o quê que houve, Levi?*” Eu falei: “*Ah, eu estou sem laboratório, queria trabalhar, queria fazer mestrado*”. “*Olha, eu estou pegando carona agora com a Sandra*”. Eu voltei, saí da Biologia, fui para Nova York trabalhar com o João (*João Carlos Volotão - JC*). Eu ia largar tudo, ia pedir minha licença-prêmio para ir embora, para sair da Biofísica. Eu acho que foi em 2000. Eu queria minha licença de qualquer jeito. Então, o Rafael Linden acabou assinando, e eu fui trabalhar, fiquei uma semana só em Nova York.

**Wanderley de Souza: Viajou para trabalhar uma semana?**

Levi Amorim: Não, era para eu ficar três anos e depois eu ia renovar. Ia trabalhar com o João, o JC, ia ser motorista. Aliás, está no Rio agora essa semana. Está dando um curso aqui de fotografia.

**Wanderley de Souza: O JC, ele ficava escondido em Nova York para tirar foto dos artistas.**

Levi Amorim: É, tem milhões de fotos. Eu que apresentei o João para você. Então eu voltei e pedi reintegração. Porque, na verdade, eu não fui cedido à Biologia, foi um acordo de cavalheiros que eu fiz com o Rafael e com você na época. Eu voltei, porque lá não tinha a menor condição de ficar, porque não tinha esse cuidado que se tem aqui, o profissionalismo que se tem na Biofísica. Então, eu voltei. Estava meio triste, encontrei com o Alfredo: *“Eu estou esperando a Sandra agora, que eu estou de carona com ela, para a Ilha. Você está na Ilha também, né Levi?”* Eu falei: *“Estou na Ilha”*. No caminho eu fui conversando com a Sandra, ela falou: *“Ah, Levi, vai amanhã no meu laboratório, fica uma semana lá namorando meu laboratório”*. Acabei ficando lá, porque tinha coletas, e voltei a trabalhar com cultura. Fizemos todo um sistema de cultivo de cianobactérias, de algas, de todas, todas elas. E eu fiz uma coisa muito legal, que era pegar a água bruta da lagoa, do lago, ou do rio e ali separar as células e fazer uma cultura, com micropipeta. Nossa, e eu consegui fazer. Tinha o banco lá das algas, tudo catalogado. Agora eu não vou lembrar os nomes, mas era muita coisa. Eu fiquei oito anos na Sandra.

**Wanderley de Souza: Esse cara só fica de oito em oito anos (risos).**

**Erika Negreiros: O ciclo dos oito anos! (risos).**

Levi Amorim: Eu fiquei oito anos lá. E o que aconteceu? Eu queria fazer mestrado, a mesma história do mestrado e tal. Mas não queria fazer nessa área de cianobactéria, não. Foi quando eu pensei em ir para o Olaf Malm. Conversei com o pessoal de lá e tal. Só que nesse meio tempo, a Adriane Todeschini teve câncer de mama, e ela estava com um projeto de *Trypanosoma cruzi*. Eles pegavam a cauda do Trypanosoma, precisava de muita cauda, muita massa. E o trabalho estava andando e ela não podia mais mexer com isso. Então a Sandra me cedeu para isso, esse cultivo, uma vez por semana. Toda semana eu estava passando e estava cultivando. Foi quando a Lúcia Previato me chamou para trabalhar no laboratório dela.

**Wanderley de Souza: Que é onde você está hoje?**

Levi Amorim: Não!

**Erika Negreiros: Ficou 8 anos lá? (risos).**

**Wanderley de Souza: Ué, mas não completou 8 anos (risos).**

Levi Amorim: Não, ainda não completou. É, fiquei na Lúcia... Eu acho que eu fiquei oito anos na Adriane, porque eu fui trabalhar com a Adriane, na Lúcia... A Lúcia foi uma passagem.

**Wanderley de Souza: A Adriane criou o laboratório dela. Fica ela e o Wagner Barbosa Dias.**

Levi Amorim: Eu acho que eu fiquei oito anos lá. E a Silvana Allodi estava precisando de alguém para tomar conta da sala de cultivo e de cortes histológicos multiusuário. E como a Adriane me deu carta branca, fui procurar e conversei com a Silvana. A Silvana me apresentou o laboratório. Como eu já tinha experiência... acabei ficando, onde estou até hoje.

**Wanderley de Souza: E ainda não tem oito anos. Você tem que avisar à Silvana! (risos). “Silvana, olha aqui, estou preocupado quando completar oito anos do Levi, porque ele é o ciclo dos oito anos”.**

Levi Amorim: Pois é, eu tenho um projeto, não sei se vai funcionar... Eu queria sugerir à Universidade que os concursados a técnicos pudessem fazer três meses em cada laboratório. O cara conhecendo cada laboratório, depois de um certo período: “Vem cá, e agora, qual laboratório você quer ficar?” “Ah, eu vou ficar na Neurobiologia”. Porque eu sei que a necessidade é outra coisa, mas o cara vai produzir muito mais, muito melhor, em um lugar que ele conheceu e gostou de ficar. Entendeu?

**Wanderley de Souza: Mas é que os concursos hoje são feitos para aquilo ali, para aquele setor que pediu a vaga, que conseguiu a vaga no conselho. “Ah, tem uma vaga para trabalhar em tal lugar, no instituto tal”. Porque, se você ficar rodando muito, você termina tendo uma vantagem pessoal, mas para a instituição você fica um ano e não rendeu em lugar nenhum. Três meses... Se você chegar e colocar três meses, você pega um instituto que tem 7 ou 8 programas, vai passar em cada laboratório... Nem os estudantes estão fazendo isso. Todos os estudantes do curso de graduação de Biofísica têm que fazer um estágio rotatório, mas o que está acontecendo? Ele chega no primeiro que ele pega, em geral, ele gosta. Então os outros ele faz só para cumprir tabela. Porque ele sabe que se ele for rodar em tudo, são três meses, lá se vai um ano e tanto e não faz nada concreto. Ele pegou um e gostou, dali já vai preparando a tese... Quando entrar no mestrado, defende um ano, passa para o doutorado...**

Levi Amorim: Mas é um percentual pequeno de alunos que consegue fazer isso. A maioria vai embora, a maioria dispersa, vai para outros laboratórios, ou no meio da tese, migra para outro laboratório porque descobre que não é aquilo que ele quer.

**Wanderley de Souza: Bem, faz parte da coisa.**

Levi Amorim: Talvez três meses seja muito.

**Wanderley de Souza: Mas você está na Silvana?**

Levi Amorim: Estou na Silvana. Não completou os oito anos (risos), eu continuo na Silvana! Na verdade, eu estou vinculado à direção que administra as salas de multiusuário.

**Wanderley de Souza: Ah então você está no multiusuário, você não está no laboratório da Silvana.**

Levi Amorim: Exatamente. Estou na PMH, a Plataforma Multiusuário de Histologia<sup>16</sup>. Eu coordeno essa plataforma.

**Wanderley de Souza: E quem é que dirige essa plataforma?**

Levi Amorim: É a Silvana Allodi.

**Wanderley de Souza: Eu acho que eu nunca fui lá, não conheço.**

Levi Amorim: É um módulo só, pequenininho. A gente está até querendo mais um módulo, para colocar o criostato, para ficar completo.



---

<sup>16</sup> A Plataforma Multiusuário de Histologia Professora Leny A. Cavalcante (PMH) visa dar suporte à observação de tecidos e células utilizando a microscopia óptica de luz com colorações de rotina e com técnicas de histoquímica clássicas: <https://cmdfa.biof.ufrj.br/plataformas/pmh/>

Levi Amorim exercendo seu ofício na Plataforma Multiusuário de Histologia Professora Leny A. Cavalcante – IBCCF/UFRJ.

**Wanderley de Souza: E o mestrado? Nem um profissional você chegou a fazer?**

Levi Amorim: Não aconteceu... Pois é, eu estou pensando. A Erika e Cristina Motta são incentivadoras. Mas eu acabei fazendo uma pós-graduação, não stricto sensu, em Biologia Marinha e Oceanografia.

**Wanderley de Souza: Tem alguma coisa importante que a gente não conversou? Não sei, por exemplo, dessa tua peregrinação. Talvez você tenha sido o de maior peregrinação interna.**

**Erika Negreiros: Levi deve conhecer todo mundo do Instituto!**

Levi Amorim: Lembro do senhor Alexandre (*Aderbal Alexandre Alves*), era o máximo. Além de bom profissional, era um bom colega e nunca tinha tempo ruim para ele.

**Wanderley de Souza: Olha, o Alexandre também conviveu muito com o Doutor Chagas. Os dois eram torcedores do Fluminense. No dia que o Fluminense ganhava, o Alexandre chegava todo contente e tinha que vir aqui na sala do Chagas...**

**Erika Negreiros: Com certeza vinha com a blusa do Fluminense! (risos).**

Levi Amorim: Doutor Chagas! Uma coisa importante: Doutor Chagas me deu uma bolsa no CCAA, a minha primeira bolsa de inglês. Eu vim conversar com ele, e ligou na mesma hora para o dono do curso.

**Erika Negreiros: Ele conhecia todo mundo também...**

**Wanderley de Souza: Teve uma época que o Fluminense era um timaço, era época do Francisco Horta, que foi presidente do Fluminense, tinha ali a seleção, era Rivelino, não sei quem... E aí, uma vez em algum lugar, socialmente, eu estava conversando com o Doutor Chagas e ele apareceu, e me apresentou, olha lá o nosso time... E então começava (risos).**

Levi Amorim: Ele era maravilhoso!



Membros do Laboratório de Neurobiologia Comparativa e do Desenvolvimento, Chefiado por Silvana Allodi. Alunos de pós-graduação com os destaques para: Raquel Maria Pereira (pós-doc em primeiro plano), Sergio Luis de Carvalho (à esquerda), Levi Amorim (ao centro), Pedro Moreno Pimentel Coelho e Clynton Lourenço Corrêa ao fundo, e Silvana Allodi, na extremidade direita da imagem.



Festividades do IBCCF: Imagem acima - Júlio César Ribeiro, Wagner, Andre Benedito, Levi Amorim, Sebastião (Tião) e Celso Pereira sentado. Imagem da esquerda – Carlos do Vale, Levi e Ricardo Manoel da Silva. Imagem à direita – Levi com Wolfgang Christian Pfeiffer.

## LINDOMAR MIRANDA DA SILVA

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 09/08/2021

**Wanderley de Souza: Ok, Lindomar! Começando! A primeira pergunta é: Como é que você chegou aqui na Biofísica?**

Lindomar Miranda: Eu entrei em 1976, já aqui no Fundão. Meu irmão, Antonio Carlos, trabalhava na área de limpeza aqui e depois ele passou a trabalhar com o professor Leopoldo de Meis.

**Wanderley de Souza: Ele começou a trabalhar com o Leopoldo, aí te avisou.**

Lindomar Miranda: Ele falou: “*Oh! tem uma vaguinha para você lá...*”. Era para a Doutora Aída (*Aída Hassón-Voloch*). Fiz uma entrevista com ela, mas ela não me aceitou!

**Wanderley: Não aceitou?**

Lindomar Miranda: Porque eu não tinha experiência nenhuma, eu não sabia nem o que era um laboratório...

**Wanderley de Souza: Não tinha experiência... Você trabalhava em que antes?**

Lindomar Miranda: Eu trabalhava em mecânica de automóveis.

**Wanderley de Souza: E então foi para onde?**

Lindomar Miranda: Depois fui lá para o Doutor Firmino (*Firmino Torres de Castro*). Mas também não aceitou (risos). Por último eu fui para a Mecia Maria de Oliveira. Na época, ela trabalhava com a Doutora Hilda (*Hilda Nesralla Lobão*).

**Wanderley de Souza: E a Hilda aceitou?**

Lindomar Miranda: Aceitou, na boa! Teve paciência para me ensinar (risos).

**Wanderley de Souza: Portanto, você está com quantos anos de Biofísica?**

Lindomar Miranda: Quarenta e cinco anos!

**Wanderley de Souza: E lá na Mecia, o que é que você fez? Qual foi o seu aprendizado? Você não sabia nada de laboratório. Você começou aprendendo o que?**

Lindomar Miranda: Primeiro lavar vidraria, esterilizar, autoclave, aquele negócio todo... Depois eu comecei a fazer meio de cultura.

**Wanderley de Souza: Nessa época era *Trypanosoma cruzi*, não é?**

Lindomar: Era *T.cruzi*, mas na época trabalhava mais com peixe elétrico. O Doutor Chagas ainda fazia operação no nervo do peixe.

**Érika Negreiros: Era o mesmo laboratório da professora Esquibel (*Maria Aparecida Esquibel*)?**

**Wanderley: Não, Esquibel tinha um laboratório em cima, mas o Chagas ficava no laboratório da Hilda. Ele já tinha o escritório dele, mas o laboratório era lá. Então você começou trabalhando com peixe. Pegava o peixe na mão?**

Lindomar Miranda: Pegava, com luva! (risos) Com luva, com certeza. Mas às vezes tomava choque quando a luva estava furada...

**Wanderley de Souza: Um choquezinho...**

Lindomar Miranda: Só para ficar esperto!

**Wanderley de Souza: Naquela época tinha uns peixes grandes. Vocês não tinham fotos desses peixes, não?**

Lindomar Miranda: Não, eu não tenho.

**Wanderley: Porque está acontecendo o seguinte, no ano passado saiu um trabalho. A gente sempre chamava tudo de *Electrophorus electricus*. Ano passado, os caras pegaram duzentos e tantos peixes elétricos, que lá na Amazônia o pessoal chama de Poraquê. Eles pegaram vários Poraquês e fizeram análise molecular, DNA, e verificaram que são três espécies diferentes. Olhando a cara dos peixes, essas coisas, eu não consigo distinguir nenhum do outro.**

**Érika Negreiros: O fenótipo é igual?**

**Wanderley de Souza: Parecido. Tem algumas diferenças, mas eu já não sei. Eu sei que chegava aqui uns pitelões... Era gigantesco, depois uns menores...**

Lindomar Miranda: O aquário foi pego lá na Praia Vermelha. Eu me lembro que eu fui lá pegar, estava lá ainda, era uma caixa de cimento enorme!

**Wanderley de Souza:** Eu já não sei se nós trabalhamos sempre com a mesma espécie aqui... Isso é uma coisa que eu já interrogaria agora. Será que trabalhamos sempre com a mesma espécie? Quase todos vinham de Belém, lá pelo pessoal do Museu *Goeldi* (*Museu Paraense Emílio Goeldi*). E nesse lugar que o pessoal do museu pegava, lá perto daquela região da Ilha de Marajó, tem as três espécies.

Lindomar Miranda: Mas isso que foi descoberto foi naquela época, ou foi descoberto agora?

**Wanderley de Souza:** Não, foi descoberto agora, em 2020.

Lindomar Miranda: Ah! Então nem tinha como, não é?

**Wanderley de Souza:** Não, não tinha como.

Lindomar Miranda: Não tinha suspeita nenhuma!

**Wanderley de Souza:** Por isso que eu queria ver nas tuas pesquisas, toda a fotografia que você tiver do peixe, separa para ver se eu consigo mandar para o autor. Vem cá, qual é a cara desses peixes aqui? Você consegue me dizer qual é qual, ou se é tudo *Electrophorus electricus*. Porque inclusive, um deles, que eles colocaram o nome de *Electrophorus voltaei*, é o que dá a maior descarga.

**Érika:** Tinha diferença entre alguns terem uma descarga menor, vocês sentiam essa diferença?

**Wanderley de Souza:** Ninguém media as descargas, você sabia que dava choque, então já pegava com luva, não é?

Lindomar Miranda: É, e luvas grossas mesmo, aquelas bem emborrachadas.

**Wanderley de Souza:** Pois é! Muito bem! Mas então, você chegou a pegar o peixe. Chegou a tirar os órgãos do peixe?

Lindomar Miranda: Cheguei a operar algumas vezes, desnervar...

**Wanderley de Souza:** O Nilson (*Nilson Nunes*) também fazia muita desnervação. Esse material também interessava para a Aída, era o mesmo que a Hilda estudava ali. Como é que era, os peixes estavam todos no mesmo lugar?

Lindomar Miranda: Isso, tudo no mesmo lugar. Depois eram separados para cada laboratório.

**Erika Negreiros:** Eu achava que um peixe podia ser dividido para todos os laboratórios.

Lindomar Miranda: Não, cada um tinha o seu.

**Wanderley de Souza: Nós pegávamos onde tinha, porque a gente precisava de um pedacinho pequenininho. Mas o pessoal da Aída e, possivelmente, da Mecia, deviam precisar de muita quantidade. E você ficou nesse negócio de peixe até que ano?**

Lindomar Miranda: Eu fiquei até meados de 1980... Quando Mecia veio para cá, para o laboratório na sala dezesseis. Ela já começou a trabalhar com *T.cruzi*.

**Wanderley de Souza: Então tua maior parte foi com *T.cruzi*. Eu só me lembro de você nas culturas de *cruzi*. Nem estava me lembrando desse negócio do peixe lá com a Hilda.**

**Erika Negreiros: Eu lembro de ver fotos dela aqui no acervo do Museu...**

**Wanderley de Souza: Aliás, me interessa também uma foto de todo mundo que trabalhou com o Chagas diretamente, tipo a Hilda, tipo a Aparecida Esquibel. São pessoas que trabalharam com ele, a própria Mecia, Vivaldo (*Vivaldo Moura Neto*) o Manoel (*Manoel Luis Pereira da Silva Costa*), que foram os últimos, digamos assim. E tinha aquela turma da primeira geração, Moura Gonçalves, Alberto Barbosa Hargreaves, Aída... Todos eles trabalharam com peixe elétrico.**

Lindomar Miranda: O grande começo da Biofísica então, não é?

**Wanderley de Souza: Pois é! Bem, você começou com *T.cruzi*, e fazia o quê? Meio de cultura?**

Lindomar Miranda: Eu fazia meio de cultura. Ajudava nos experimentos de bancada. Eu fazia a parte prática.

**Wanderley de Souza: Você centrifugava. Mas chegava a isolar os lipídeos dela também?**

Lindomar Miranda: Todos, todos! Fazia cromatografia em placa, trabalhava com P32 também!

**Wanderley: E você ficou até o final da Mecia aqui?**

Lindomar Miranda: Eu saí do laboratório, mais ou menos em 1990. Mas tem o Marcelo Lamas! Passou pelas minhas mãos Marcelo, Rosane Silva...

**Wanderley de Souza: Rosane foi do Firmino, não?**

Lindomar Miranda: Não! Começou com a Mecia! O Marcelo começou IC (*Iniciação Científica*). Depois que a Rosane foi para o Firmino, fez doutorado e tudo. Também tem a Solange que trabalhou com a Mécia, mas Solange já está aposentada.

**Wanderley de Souza: Depois que a Mecia se aposentou aqui, foi para Fiocruz. E depois da Mécia, você foi para onde?**

Lindomar Miranda: Fui para o Nissin.

**Wanderley de Souza: Ah! Para o Nissin Moussatché, que trabalhava com vírus!**

Lindomar Miranda: Isso, com DNA e aquele negócio todo...

**Wanderley de Souza: Qual era o vírus, mesmo?**

Lindomar Miranda: Na época ele trabalhou com bactéria, se eu não me engano.

**Wanderley de Souza: Eu acho que Nissin sempre trabalhou com vírus, não?**

Lindomar Miranda: Eu acho que era bactéria...

**Wanderley de Souza: Nissin não foi orientador da Clarissa Damaso? Clarissa sempre trabalhou com vírus...**

Lindomar Miranda: Eu sei que quando eu trabalhava no final de semana, ele brincava comigo que ia passear de barco. Mandava foto: *“Enquanto você trabalha aí, eu tô pescando!”* (risos).

**Wanderley de Souza: De gozação, não é?**

Lindomar Miranda: Gozação grande! Gente muito boa! Até hoje a gente mantém contato.

**Wanderley de Souza: E lá você aprendeu a fazer as coisas no laboratório dele...**

Lindomar Miranda: Extrair DNA e esses negócios todos. Então ele foi para os Estados Unidos.

**Wanderley de Souza: Quando ele saiu, o laboratório ficou para a Clarissa Damaso. Você continuou?**

Lindomar Miranda: Continuei um tempo, até quando acabou a bolsa.

**Wanderley de Souza: Mas você não é do quadro da universidade?**

Lindomar Miranda: Sou sim, mas eu ganhava bolsa. Essas bolsas estão acabando. Há muito tempo eu não tenho bolsa. Então depois, em 1999, eu fui para o laboratório do George Reis.

**Wanderley de Souza: E no laboratório, você aprendeu a fazer?**

Lindomar Miranda: George achava que cada aluno tinha que fazer sua pesquisa e dar conta do seu material. O meu negócio era só material mesmo. Eu até falei para ele que eu queria ir para a bancada. E ele falou assim: “*Eu sei que você é muito bom, que eu te conheço há muito tempo, mas eu quero uma pessoa que dê suporte...*”

**Wanderley de Souza: Você ficou lá até quando?**

Lindomar Miranda: Fiquei lá até o ano de seu falecimento, em 2019.

**Wanderley de Souza: Se bem que antes dele falecer, já começou a se afastar, não é? Mas você continuou?**

Lindomar Miranda: Continuei com a Marcela (*Marcela de Freitas Lopes*), que já estava assumindo lá. Quando ele faleceu, eu fui para o Célio Freire. Ele fez parte da equipe do George também.

**Wanderley de Souza: E o que você faz lá?**

Lindomar: Agora está parado (*pela pandemia da COVID-19*). Mas atualmente o meu negócio é só material também, só material, só suporte.

**Wanderley de Souza: E ele tem vindo? E a turma dos estudantes?**

Lindomar Miranda: Ele tem vindo, está sempre aí. Dá aula remotamente, ele é bem participativo. Estudantes têm poucos por causa da pandemia. Realmente deu uma parada. Eu que não tenho vindo muito com a pandemia. Eu conversei com ele.

**Wanderley de Souza: Mas você já não está vacinado?**

Lindomar: Já! Peguei as duas doses.

**Wanderley de Souza: Pegando as duas, eu estou vindo todo dia! Olha, eu vou coletar material de COVID lá na Terezinha (*Terezinha Marta Pereira Pinto Castineiras*), porque eu estou estudando o vírus da COVID. Quando chega e faz antígeno positivo, esse está bem carregado... Então me interessa! Ela vai, tira tudo e eu coloco no tubinho, levo e vou trabalhar. Quer dizer, eu vou à feira, vou ao supermercado... Agora, eu vou, mas com máscara N95. Eu faço o seguinte: se eu for para um lugar mais cheio de gente, por exemplo a**

**feira, eu gosto de fazer feira... Então, o que é que eu faço quando eu vou à feira? Eu pego a máscara N95 e coloco por cima outra cirúrgica (risos). Você tem que se prevenir sempre. Aliás, lá no exterior, Japão, China, qualquer gripe... Não é COVID, não! Qualquer gripe, o pessoal usa máscara! Há muitos e muitos anos... Sempre me chamava atenção. Daqui para frente isso vai começar mais, porque às vezes é uma gripe e tem gripe que mata igual à COVID. Te pega com alguma outra coisa, uma pneumonia... Quanta gente morre de pneumonia... Agora, o importante é usar uma máscara boa. Mas é isso Lindomar! Você já pode se aposentar... Mas não vai se aposentar não, né?**

Lindomar Miranda: Não! Enquanto me aturarem aqui e não mexerem comigo... (risos).

**Wanderley de Souza: Você se aposenta e vai aporrinhar alguém dentro de casa...**

Lindomar Miranda: Com certeza! (risos). Eu estou criando umas galinhazinhas, mas não aposento agora, não.

**Wanderley de Souza: Você está morando onde?**

Lindomar Miranda: Em Nova Iguaçu. Terra boa! Eu tive sorte de alugar uma casa final de rua, quer dizer, a última casa é minha, não tem como ter movimento. Sossego!

**Wanderley de Souza: Tem alguma coisa interessante que você viu ou alguma coisa assim, que você acha que vale a pena registrar durante o período que você passou aqui na Biofísica?**

Lindomar Miranda: Não (risos). O que aconteceu aqui comigo, que até hoje eu converso com a minha esposa e a gente ri muito, pena que eu não guardei a carta. Foi com o Doutor Chagas, assim que eu comecei a trabalhar, eu limpava aqui a sala dele também. Eu estava devendo um dinheiro, que eu comprei uns móveis no Ponto Frio, e já estava com as prestações atrasadas e recebendo carta cobrando. Então eu falei com ele: “*Doutor Chagas, o senhor podia resolver um problema?*” Ele respondeu: “*Ah, posso!*” Pela educação, não é? Meu Deus, era uma pessoa assim...

**Wanderley de Souza: Ele te deu um dinheirinho?**

Lindomar Miranda: Nada! Ele falou: “*Volta aqui mais tarde que eu vou resolver o seu problema.*” E eu falei: “*Tá bom!*” Todo alegre, pronto resolvi. De tarde, ele me entregou uma carta para o dono do Ponto Frio (risos).

**Erika Negreiros: Há?**

Lindomar Miranda: Sério, sério! Pena que eu não guardei...

**Wanderley de Souza: Quem era o dono do Ponto Frio?**

Lindomar Miranda: Não sei... Ele chegou a colocar na carta algo como: Excelentíssimo senhor, por favor o rapaz que trabalha comigo, com identidade tal, dá para o senhor resolver o problema dele, assim, assim, assado...

**Wanderley de Souza: E você mandou? Porque olha bem, qualquer coisa que aparecesse “Carlos Chagas Filho” assinado, quem recebesse abria!**

**Erika Negreiros: Mas o que você fez com a carta?**

Lindomar Miranda: Eu li e rasguei. Eu ia apresentar isso... Não levei, mas devia ter guardado pelo menos!

**Wanderley de Souza: Olha bem, tua dívida ia ser perdoada! (risos).**

Lindomar Miranda: Será?

**Wanderley de Souza: Olha, o que teve de caso aqui, de gente que mandava uma carta e os médicos mais famosos atendiam a pessoa, operava, fazia isso e não cobrava nada. É curso de não sei o que, não pagava mais a faculdade... Ele fazia a carta de um jeito...**

Lindomar Miranda: Podia ter guardado, pelo menos. Mostrei para minha esposa e ela disse: *Isso aqui não vai resolver nada!*

**Wanderley de Souza: Como não vai resolver? Ia levar para o dono e ele conhecia esse pessoal... Você bobeeu de não entregar a carta!**

Lindomar Miranda: Bobeei mesmo! Eu devia ter guardado pelo menos a carta, mesmo que não tivesse enviado...

**Wanderley de Souza: Mas entregando a carta, você não perdia nada. Olha, uma vez eu ganhei um prêmio e tinha lá um senhor que foi assistir a solenidade. Foi naquele lugar onde hoje é a casa França Brasil. O senhor Arthur Sendas criou o prêmio e o professor Chagas era o presidente do júri. Teve a entrega do prêmio e tinha lá um senhor, já meio velhinho na época, devia ter assim, quase setenta anos...**

**Érika Negreiros: Hoje não é velhinho, mas naquela época... (risos).**

Lindomar Miranda: Olha a minha cara para ele (risos).

Wanderley de Souza: Sabe o que acontece nessa questão de velho, o teu referencial vai mudando, não é? Porque se você pega um cara de trinta, setenta anos é um velhinho. Agora, se você é um cara de setenta... (risos). Eu já estou com setenta e um, então eu acho que eu estou novo. Para mim um velhinho, é alguém que está andando, já assim com um cajado! Bom, terminada a solenidade, ele chegou para mim: *“Eu gostei muito do seu trabalho...”* - E eu não sabia que ele tinha sido jurado, porque o juri era secreto - ... *“e na minha juventude, trabalhei com Trypanosoma cruzi no Instituto Oswaldo Cruz... Poxa gostei muito do seu trabalho! Eu gostaria de lhe ajudar. O que o seu laboratório está precisando?”* Eu disse que sempre está precisando de equipamentos. *“Veja o que você precisa e depois você entra em contato comigo.”* Então me deu um cartãozinho. Era um negócio assim, tinha lá o nome dele. Tinha Banco Itaú, não tinha endereço, não tinha absolutamente nada. Perguntei onde entregar. Ele disse para por num envelope e colocar em qualquer agência do Banco Itaú com o meu nome. Eu pensei que o cara estava inventando coisa (risos). Mas ao invés de jogar fora, eu vi o que precisava, tinha um equipamento na época que custava em torno de uns dez mil dólares e estava sem dinheiro para comprar, não tinha verba, mas eu coloquei, tirei uma foto do equipamento, expliquei porque queria, coloquei num envelope e entreguei no Banco Itaú. Então o cara: *“Mas vem cá, o senhor quer colocar isso para quem? Aqui no Itaú trabalham não sei quantas mil pessoas...”* Eu expliquei que a pessoa que me entregou disse para eu entregar em qualquer agência, pegar um papel de recebido e o nome de quem recebeu. Ele falou para eu esperar um instantinho que ia falar com o gerente. Veio o gerente: *O senhor conhece ele?* Respondi que sim. *“Você sabe que esse é o dono do Banco Itaú? A família dele é a dona, e como ele é o presidente do conselho de administração, ele que realmente manda no Banco Itaú! Você pode ter certeza que chegará. Ele fica em São Paulo...”* Eu sei que a coisa chegou, ele pediu para eu providenciar as coisas, ele pagou o equipamento e o equipamento chegou. Depois, o Banco Itaú se fundiu com o Unibanco, que era daqui do Rio, mas o controle ficou com as duas famílias: Os Moreira Salles, do Rio de Janeiro, e em São Paulo era essa família dele. No final eram duas famílias, o pai dele foi um grande pesquisador da Doença de Chagas, por isso que ele conhecia o Carlos Chagas Filho. E ele era médico, mas foi administrar o banco, foi ganhar dinheiro! Eu preciso resgatar o nome dele<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Eudoro Libânio Villela: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/eudoro-villela>



Em momentos do IBCCF: Imagem da esquerda acima - Lindomar de calça branca, atrás João Paulo e Nilson Nunes, Moacir (de blusa vermelha) e Levi Amorim atrás à direita. Imagem da direita acima - Lindomar com Célio Geraldo Freire de Lima, chefe do Laboratório de Imunomodulação (IBCCF). Imagem da esquerda abaixo – Lindomar ao lado de Luciano Cavalcante Ferreira, Nilson Nunes e Sergio Luiz de Carvalho. Imagem da direita abaixo – Lindomar com Sergio Nogueira Guimaraes e Nilson Nunes.



Lindomar no IBCCF

## MARIA IVANETE MARINS

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Claudia de Alencar Santos Lage e Erika Negreiros

Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)

Data: 05/11/2020

### **Wanderley de Souza: Quando você começou no Instituto de Biofísica? E como é que você chegou aqui?**

Ivanete Marins: Eu cheguei no dia 4 de março de 1975. Como eu descobri que existia o Fundão? Eu não sabia (risos). Minha avó trabalhava para um casal, e eles tinham uma filha. Essa filha começou a namorar um rapaz, e esse rapaz era daqui do Instituto de Biofísica. Era o Mauro Leocadio. Ele falou para a minha avó: “*Dona Palmira, a senhora tem alguém da tua família, uma neta, um neto que quer trabalhar lá no Fundão?*” Minha avó respondeu: “*Ah! eu tenho uma neta!*”. E era eu! Quando ela falou, eu fiquei assim, enlouquecida! Porque eu estudava naquela época, e eu não conhecia o Mauro, minha avó que conhecia a família toda, ele marcou comigo lá na Castelo Branco, já para me trazer, para conhecer o Doutor Elias (*Cezar Antonio Elias*).

### **Wanderley de Souza: E então você já foi para o Elias?**

Ivanete Marins: É. Já vim direto. Quando nós nos encontramos começamos a rir, porque a gente se reconheceu, e ele me trouxe direto para cá, porque eu não conhecia o Fundão, só conhecia a região onde eu morava.

### **Wanderley de Souza: Você morava onde?**

Ivanete Marins: Eu morava em Vicente de Carvalho naquela época. Quando entrei para o Fundão demorei para me acostumar com o local e com o Doutor Elias. Eu levei quase um ano e pouco para me acostumar com o Doutor Elias, porque ele falava muito alto, e minha mãe falava baixinho, era toda educadinha, toda meiguinha, e eu toda hora me assustava. Porque eu não estava acostumada com aquele ritmo. E assim que o Mauro nos apresentou, o Doutor Elias me perguntou: “*A senhora quer começar quando?*” Ele sempre me chamou de senhora. Eu, neste momento, até fiquei assustada, porque não entendia nada, e já ia começar.

### **Wanderley de Souza: Elias te chamou de senhora?**

Ivanete Marins: Sempre me chamou. Quando vim para cá, eu ia fazer quinze anos de idade (risos).

**Wanderley de Souza: E você começou onde? Fazendo o que? Elias já trabalhava com Trichomonas?**

Ivanete Marins: Dona Raquel me ajudou. Eu fazia coisas de laboratório, lavava material e esterilizava tudo no laboratório, fazia meios de bactérias. Nessa época, Doutor Elias não trabalhava com Trichomonas. Ele se interessou tempos depois, quando conversou com um médico do HU (*Hospital Universitário*) que veio fazer um trabalho com ele.

**Wanderley de Souza: A gente começou com as Trichomonas com Hélio Guida, que era médico veterinário da Rural (*Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*). O Elias foi lá na Rural para trazer as culturas, então a Marlene (*Marlene Benchimol*) começou a trabalhar com Trichomonas.**

Ivanete Marins: Ficou eu e a Marlene.

**Wanderley de Souza: Depois veio o Fernando Costa e Silva, Vera Bonilha e uma série de outras pessoas para trabalhar com Trichomonas.**

Ivanete Marins: Vinham também pessoas lá da Microbiologia, tinha gente que se interessava. Doutor Elias ajudava as pessoas. Ele me ensinou tudo! Eu aprendi tudo com ele. Eu até falei que não ia me emocionar, mas é porque eu gosto de falar dele, eu me sinto bem falando dele, ele me ensinou tudo, gente! Ele foi um pai que eu não tive. Trabalhei sempre com ele, a vida inteira! Quando fiz dezoito anos, ele me deu uma procuração na minha mão e então passei a resolver para ele as coisas do banco. Eu resolvia tudo, era tipo uma secretária. Eu aprendi a trabalhar com ele. Por exemplo, ele me pedia para entregar alguma coisa, algum documento, eu encontrava com o Waldir, e falava assim: “Waldir, entrega para mim lá em cima?” Waldir entregava. Doutor Elias dizia: “Ué, você já foi?” (risos). E eu, assim: “Fui. Encontrei com Waldir e entreguei a ele”. Doutor Elias falava: “Não Dona Ivonete, não é isso! Eu quero que a senhora vá entregar”. Eu sentia que quando ele me mandava fazer as coisas, era de propósito para eu poder aprender, para eu lidar com as pessoas. Quando eu chegava lá no setor financeiro para falar com a Jacineia, ela já sabia que ele ia fazer isso comigo, ela começava a rir: “O Elias que te mandou aqui, não é?”. Eu entregava e resolvia todas as coisas que ele precisava. Eu sempre fui rápida, e pegava tudo rápido, porque para mim tudo era fácil.

**Wanderley de Souza: Agora vem cá, nesse período que você estava como técnica, você interagiu com outros técnicos? Era no Departamento de Radiobiologia, não é? Então tinha a turma do Caldas (*Luiz Renato Caldas*), Roberto Alcantara Gomes, Alvaro**

**(Alvaro Augusto Leitão), a Crellir (Crellir Monteiro de Souza), que era técnica do Salatiel Menezes.**

Ivanete Marins: Eu sou desse tempo, junto com deles. Eu sou do tempo do Dr. Caldas, como eu me dava com ele. Ele era uma pessoa tranquila, me tratava super bem, e quando ele viajava para França, trazia presentes para mim. (risos). Doutor Hargreaves (*Alberto Barbosa Hargreaves*) também era uma pessoa muito boa, sempre me dei bem com ele. Quando ele ia lá embaixo, no laboratório, para falar com o Doutor Elias, a gente conversava. Eu convivi com vários pesquisadores que são falados aqui na exposição (*Exposição: A História da Ciência do Brasil: o capítulo do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, localizada no subsolo do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho*), Doutora Aída (*Aída Hassón-Voloch*), Gilberto de Oliveira Castro. Tanto é que eu era “a menina do Elias” (risos).

**Wanderley de Souza: Lembra do Seu Oliveira?**

Ivanete Marins: Lembro. Eu me dei muito bem lá com ele, mas a gente quase não tinha muito contato.

**Wanderley de Souza: Estava sempre de gravata! Tem um caso com o Seu Oliveira: eu era o diretor do Instituto e ele era responsável por importação, essas coisas. Chegou um material que estava enrolado na alfândega. Fomos pessoalmente resolver porque estava muito enrolado. Marquei com ele lá no aeroporto, então ele falou: “O senhor me desculpe, mas olha bem aqui, esse pessoal gosta de um sujeito todo bem vestido”. Eu falei: “Então vamos fazer o seguinte, você vai ser o diretor e eu sou o ajudante” (risos). E assim foi! As coisas técnicas eu explicava. No final ficou tudo resolvido. (risos).**

**Erika Negreiros: Ivi, no Laboratório do Professor Elias, havia algum equipamento de radiação que pudesse ser usado por pessoas de outros laboratórios? Tipo equipamento multiusuário?**

**Claudia Lage: Tinha a Bomba de Cobalto que ficava numa salinha no subsolo.**

Ivanete Marins: Ficava ali, entre a sala da administração e o banheiro.

**Wanderley de Souza: Que fim levou essa bomba?**

**Claudia Lage: Ela foi desmontada, mas não me recordo como ela desapareceu. O Elias ficou por fora desse processo, mas ficou chateado porque ela tinha uma taxa de dose muito baixa e ocupava um espaço que era só para ela.**

**Erika Negreiros: Qual era a função da bomba de cobalto?**

**Wanderley de Souza: Radiação gama. Era histórico esse equipamento, vinha desde a Praia Vermelha. Era a única bomba experimental que tinha no Rio de Janeiro, senão você tinha que usar bombas de tratamento de pessoas.**

**Claudia Lage: A pessoa irradiava rato quando queria fazer transplante de medula, essas coisas. Esse equipamento não tinha nem na COPPE (*Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia - UFRJ*). Agora tem, não é? A bomba de cobalto para uso experimental tem na COPPE, no laboratório de Instrumentação Nuclear.**

**Erika Negreiros: E quem mexia nesse equipamento? Quem que era o responsável por manipular?**

**Claudia Lage: O Elias, ele acompanhava de perto, ele sabia a responsabilidade daquilo.**

Ivanete Marins: Ele tinha até um livro que a pessoa assinava, e não era qualquer pessoa que podia mexer. Ele não me deixava, não. Eu só o acompanhava.

**Claudia Lage: Eu lembro de você acompanhando as pessoas, tinha que ir com um avental de chumbo. Mas o equipamento era muito seguro, era uma torre toda blindada de chumbo, e no meio tinha uma pastilha de cobalto. Então como funciona: tem uma janela que vira para o usuário poder carregar suas coisas e depois aquilo vira para dentro. Então a exposição ao cobalto é só para o que está lá dentro.**

**Wanderley de Souza: O Raio-X era muito mais perigoso.**

**Claudia Lage: Na verdade eu herdei do Elias o equipamento de Raio-X com tudo, com todas as torres de chumbo. É um equipamento de Raio-X de baixa energia. Foi calibrado, justamente por causa do adicional de radiação. Teve um perito da COTAR-X (*Comissão de assessoramento à Reitoria para atividades com Radiação*) que foi lá no laboratório, mediu tudo, monitorou tudo. Então a gente tem uma série de cuidados para usar aquilo.**

**Wanderley de Souza: Eu participei da montagem desse equipamento na Praia Vermelha, eu era estagiário.**

**Claudia: Nossa! É um aparelho francês, CGS sigma. Em termos da diferença para o cobalto, o cobalto é de alta energia, e o tipo de radiação é de fluxo mais alto e energia mais alta. O meu aparelho é para uso experimental, se você quiser estudar uma resposta biológica.**

**Erika Negreiros: Cláudia, quer dizer que esse equipamento que está no seu laboratório, doado pelo professor Elias e que funciona até hoje, era do tempo da Praia Vermelha?**

**Claudia Lage: Isso mesmo!**

**Erika Negreiros: Então talvez seja o equipamento, em uso, mais antigo do Instituto!<sup>18</sup>**

**Wanderley de Souza: Ivonete, vem cá. E como é que você via as loucuras do Elias com tanto aparelho no laboratório? Como é que você cuidava disso? Onde ele “catava” tudo isso?**

Ivanete Marins: Era uma doideira, gente! Mas, tudo arrumadinho. Eu coloquei na minha mente, que aquilo eu não podia arrumar bonitinho do jeito que eu queria, e que tinha que ser como ele queria, porque o ambiente era dele. O laboratório era dele, eu entendia assim. Toda hora ele vinha com uma coisa, toda hora ele vinha com outra, e não tinha espaço. Não tinha como limpar a sala dele.

**Erika Negreiros: Grande parte do acervo de equipamentos científicos que a gente tem no museu (*Espaço Memorial Carlos Chagas Filho*)<sup>19</sup> vieram do professor Elias, que guardou ao longo de décadas. E isso tudo ficava nesse laboratório onde você trabalhava com ele?**

Ivanete Marins: Ficava lá. Não ficava entulhado, não. Ele tinha umas caixas com espuma. Mas, ninguém podia mexer, ninguém podia fazer nada. Para limpar a sala lá era um “Deus nos acuda”. Era uma vez por mês que eu insistia para a menina passar um pano, porque eu ficava ali, entendeu?

**Claudia Lage: Aquele laboratório era uma trilha, que ia para o fundo do laboratório e para o gabinete dele.**

---

<sup>18</sup> Aparelho de Raio-X científico Sigma: mais antigo do IBCCF e ainda utilizado em pesquisa científica: <https://www.youtube.com/watch?v=fihdZXkKBy4>

<sup>19</sup> <https://emccf.biof.ufrj.br/>

Ivanete Marins: Eu sempre respeitei isso. Eu achava que eu tinha que respeitar o ambiente, e eu pensava assim: na casa dele, não deve levar isso tudo. Ele não deve ficar à vontade. Então aqui é o lugar dele. E cada dia chegava com uma coisa diferente. Aquilo lá era o mundo dele. As pessoas que jogavam as coisas fora, já não jogavam fora, já ia direto entregar a ele. Eu tinha até pouco tempo, um retrovisor de um carro (risos), que ele sabia que eu era vaidosa, então ele disse: *“Olha aqui o que eu trouxe para a senhora pentear o cabelo!”* (risos).

**Claudia Lage: Eu o acompanhei nisso. Em várias dessas missões de coletar coisas, ele ficava incrédulo de como as pessoas descartavam os objetos anacrônicos, que não tinham mais utilização, mas que exatamente deveriam compor a memória do Instituto. Ele procurava exatamente compor a memória do Instituto.**

Ivanete Marins: Quando ele ia ver, falava: *“Como que pode uma pessoa fazer uma coisa dessas? Jogar um aparelho desse fora. E ele está funcionando! Vem cá Dona Ivonete, vem cá!”* Então eu ficava ali do lado dele.

**Claudia Lage: O meu testemunho pessoal com relação ao Elias, que era aquele laboratório, sala 23, que tinha toda essa trapizonga, tudo o que você podia imaginar. E é exatamente essa frase que eu vou falar: Que tudo que você pudesse imaginar para realizar um experimento, ele tinha! Ou ele inventava! Ele tinha essa característica de engenhosidade. Então, por exemplo, eu estava fazendo um estudo de radiação não ionizante na faixa do infravermelho, que é uma coisa que ninguém estudava. Então, fonte de infravermelho próximo, que é aquela lâmpada vermelha igual se faz na fisioterapia. E um dia ele chega para mim: *“Claudia, eu tenho aqui uma fonte de infravermelho distante”*. Eu: *“Distante?”* Ele: *“É professora! Aquela faixa que a lâmpada nem acende, mas você só sente a faixa bem longa do infravermelho distante”*. E ele montou para mim e tudo. Eu fiz experimentos. *“Ah! Preciso refrigerar.” Não tem problema. Ele vinha com a base de vidro.***

Ivanete Marins: Gente, eu me lembro como se fosse hoje. O Octavio Moura Brasil fez a tese com um coelho. Doutor Elias queria parar o coelho, então ele fez uma peça que conseguiu colocar o coelho e conseguiu parar. Ele era assim. E a tese do Moura Brasil ficou excelente.

**Erika Negreiros: Ivi, você veio com quinze anos, e como ficou a questão dos seus estudos?**

Ivanete Marins: Eu não queria parar de estudar, e na época eu troquei de colégio, por causa da minha avó, com o conhecimento dela, que tinha contato com a

diretora, e arrumou uma vaga para mim em outro colégio, de 15h às 19h. O Doutor Elias deixou eu ficar aqui de 9h às 14h, e eu já vinha até de uniforme.

**Wanderley de Souza: Você ajudou ele em alguma coisa lá em Teresópolis, na Faculdade de Medicina?**

Ivanete Marins: Eu cheguei a ir lá, mas não ia com frequência. Ele me levou lá umas três vezes.

**Wanderley de Souza: O Elias andou por tudo quanto é canto. Teve uma época que ele dava aula na Souza Marques, Teresópolis, Campos e Volta Redonda.**

**Erika Negreiros: E nessa época você era terceirizada?**

Ivanete Marins: Eu recebia uma bolsa da FINEP, a Jacineia que organizava isso. Um belo dia, eu perguntei ao Doutor Elias, por que fulano tem carteira assinada e eu não tenho? Eu queria entender. E ele falou assim: *“Quando você passar a estudar à noite, você vai ficar aqui de 9h às 17h, aí eu vou pedir à Jacineia para colocar você na Fundação José Bonifácio”*. Ah! Eu enlouqueci! Não queria mais estudar à tarde, mas eu já estava terminando. Quando eu fui fazer o segundo grau, eu já não quis estudar de dia. Então eu falei: *“Doutor Elias, eu bem consegui uma vaga para a noite. O senhor vai conseguir falar?”* Ele respondeu: *“Pode deixar que eu vou resolver!”* Um belo dia, eles me chamaram ali no departamento, com a Dona Salomé, que me chamou e resolveu o negócio para mim, eu assinei. Depois veio aquela contratação com a reitoria.

**Wanderley de Souza: Você estudou até que nível?**

Ivanete Marins: Eu fiz faculdade de Biologia na Souza Marques, fui da turma do Eduardo Camacho.

**Wanderley de Souza: E você entrou em que ano no quadro da UFRJ?**

Ivanete Marins: Foi na época do Reitor Horácio Macedo, eu passei na Reitoria e só assinei um papel. A Fundação José Bonifácio mandou a gente embora. Eu recebi uma indenização que era um dinheirão na época, e para mim também, então comprei uma casinha para mim em Campo Grande.

**Wanderley de Souza: Devia ser um dinheirão para comprar uma casa, hein?**

Ivanete Marins: Eu comprei uma casa em Campo Grande, porque onde eu morava, eu não gostava. Então comprei essa casa em Campo Grande, com esse dinheiro de indenização, mas minha mãe ficou doente, e eu tive que voltar de novo para cá. Aí vendi lá, até para uma moça do HU, e eu guardei o dinheiro e comprei um apartamento lá na Vila da Penha, e assim foi.

**Wanderley de Souza: Isso tudo deve ter sido por volta de 1989, porque a época que o Horácio Macedo foi reitor, foi uma confusão danada. Muita gente reclamou que o Horácio contratou muita gente. Mas ele recrutou quem a gente queria.**

**Claudia Lage: Ele regularizou, na verdade.**

**Wanderley de Souza: Você já tem tempo para se aposentar?**

Ivanete Marins: Tenho, e agora eu tenho que pensar também. Tem outras coisas que eu quero fazer, não quero parar, entendeu? Tem uns projetos na minha vida que eu tenho que dar continuidade.

**Erika Negreiros: E qual é sua relação com a professora Claudia Lage?**

Ivanete Marins: Sei lá. Foi amor à primeira vista.

**Claudia Lage: Deve ter sido no laboratório do Salatiel na década de 1980.**

Ivanete Marins: Mas, Claudia, acho que é porque eu frequentava muito o laboratório do Alvaro, não é?

**Claudia Lage: A gente estava “tudo” ali junto. Mas a questão toda é a famosa sala do café.**

**Wanderley de Souza: É a sala que une as pessoas. Isso faz uma falta danada... Ter um lugar para encontrar as pessoas.**

**Wanderley de Souza: E hoje você está onde, Ivanete?**

Ivanete Marins: Eu estou aqui no Museu. A gente estava lá no laboratório, a diretora Denise (*Denise Pires de Carvalho*) falou para o Doutor Elias: “*Elias, o que você acha de você cuidar do museu?*” Foi superinteressante para ele, ele adorou muito. Eu sei que quando a Denise entrou como diretora, ela queria que ele viesse para cá. Então o Doutor Elias escreveu uma carta dizendo que só iria se a Dona Ivonete fosse junto, que não queria que a Dona Ivonete fosse para laboratório.

**Erika Negreiros: Quando o museu foi fundado, o professor Elias ainda tinha o laboratório dele, não é?**

Ivanete Marins: Sim, ainda tinha o laboratório. Ele foi trazendo para cá as coisas, principalmente na época da Denise.

**Claudia Lage: Já que a gente está falando do Elias e do Laboratório de Física das Radiações, eu queria pontuar que o Elias era uma**

**enciclopédia ambulante. Então ele contava as histórias todas, ele sabia dessas passagens que foram importantes para a implantação do Laboratório de Radioisótopos. Depois veio o Caldas, Caldas trouxe o Roberto Alcantara. Então todo aquele núcleo estudando radiações e efeitos biológicos.**



Ivanete com professor Cezar Antonio Elias em 25 de março de 2017



Momentos no EMCCF. As duas imagens acima, e a imagem abaixo à esquerda, correspondem às comemorações de aniversários do professor Cezar Antonio Elias, em 2016, 2017 e 2018, com a presença fiel do diretor Celso Caruso Neves e de amigos servidores do IBCCF. A imagem abaixo à direita corresponde à visitação de Técnicos Administrativos recém-contratados e alunos do IBCCF.

## MARIA LINA LEÃO TEIXEIRA ZALUAR

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Marcello Barcinski e Erika Negreiros

Local: Entrevista Via Google Meet

Data: 05/05/2021

### **Wanderley de Souza: Muito bem! E a nossa primeira pergunta é a seguinte: Como é que você chegou ao Instituto de Biofísica?**

Maria Lina: Eu comecei no Instituto! Olha, agora estou com oitenta anos de idade.

### **Marcello Barcinski: Eu não acredito!**

Maria Lina: É verdade. Eu fiz agora semana passada. Você sabe que minhas três irmãs trabalhavam no Instituto de Biofísica. Maria Luiza, Ana Maria e Idinha. Eu com dezessete anos (1958), comecei a trabalhar junto com a Donana - Ana Maria (*irmã da Maria Lina*), na secretaria do Doutor Chagas. Aliás, uma pessoa que foi muito importante para mim. Inclusive, o Doutor Chagas foi a primeira pessoa que amou e que me deu a maior força quando eu decidi que eu não ia mais ser secretária de ninguém, e ia fazer concurso para a universidade. Hoje em dia eu sou professora adjunta aposentada do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, no IFCS. Eu fiquei no Instituto, trabalhei alguns meses, recebendo por aquelas *verbinhas*. Então, parei, saí do Instituto, fui trabalhar na PUC, voltei para o Instituto. Mas voltando...

### **Wanderley de Souza: Mas em que ano foi isso? Você se lembra do ano que você foi para lá (Biofísica)?**

Maria Lina: Eu entrei com 17 anos (1958), saí e quando voltei para o Instituto de Biofísica, no início dos anos 1960, foi para trabalhar com o Roberto Alcantara Gomes e com o Luís Renato Caldas, eu era secretária deles, do departamento de Radiobiologia. Fiquei lá um tempão, trabalhei muito tempo com o Roberto e Caldas. Eu recebia por aquela verba do BNDES, e fui chamada pelo Instituto de Química da UFRJ, para trabalhar com o professor Paulo Lacaz, onde eu fiquei até 1966. Em 1966, eu voltei para o Instituto para trabalhar novamente com Roberto e Caldas. E me dava com todo mundo, porque diziam, em brincadeira, que se não passasse pelo menos por três irmãs, nada se fazia no Instituto. Lembra? (risos).

### **Wanderley de Souza: E você era secretária na Praia Vermelha?**

Maria Lina: Sim na Praia Vermelha. Todo mundo trabalhando lá na Praia Vermelha. Quando foi em 1970, que o Instituto foi para o Fundão, eu passei a

trabalhar com o Eduardo Penna Franca (*Direção de 1967-1973 e 1973-1980*), pessoa que eu amo e venero até hoje. Grande amigo. Fui secretária da diretoria e fiquei lá, trabalhando com ele na direção até 1974, quando Roberto Alcântara Gomes assumiu a direção da Faculdade de Medicina da UERJ, e me colocou lá para trabalhar com ele. Me chamou com carteira assinada. Primeira vez que eu tive uma carteira assinada! Fui trabalhar lá e fiquei com ele até eu me formar em Ciências Sociais. Não voltei mais para o Instituto. Eu fiz concurso na época do Sarney, fiz concurso para UFRJ. Já com mestrado defendido e tudo, entrei direto como professora assistente. Defendi meu doutorado em 1994 na Universidade de São Paulo (USP) e continuei a trabalhar no IFCS, mas nunca perdi o vínculo.

### **Wanderley de Souza: E na Ditadura?**

Maria Lina: Olha, na ditadura, eu trabalhava com o Lacaz. Eu me lembro dessa época, eu estava grávida inclusive, e me lembro da invasão da Praia Vermelha<sup>20</sup>. O que eu fiz? Fiquei lá, tentando que eles não destruíssem. Porque o Doutor Lacaz, nessa época, tinha assumido a direção. E foi muito triste aquilo tudo. A Praia Vermelha para mim traz recordações muito lindas, não só da relação que eu nunca perdi com os professores e *staff* técnico-administrativo da Biofísica. Olha, o meu relacionamento com o pessoal todo da Biofísica foi uma coisa muito boa que me deu cancha e me ensinou demais. Eu aproveitei muito esses ensinamentos na minha prática como docente, porque eu me espelhava muito nos amigos da Biofísica. Eu entrei de corpo e alma e me realizei profundamente. Marcello me conheceu nessa época, e sabe que eu não gostava muito de ser secretária, eu queria me formar e ser professora. Coisa que eu consegui fazer, mas consegui a duras penas. Mas, olha, a Biofísica para mim era uma coisa muito boa, minhas irmãs adoravam, continuaram lá. A minha irmã, Donana, que era secretária do Chagas, faleceu mês passado com 91 anos. Ela que seria ótima para dar esse depoimento. Enfim, e a Ida, minha irmã, que trabalhou muito tempo na pós-graduação junto com o Roberto Alcântara. Eu acho que a Biofísica foi, assim, uma coisa muito importante na vida de todas nós. Para mim foi uma escola.

### **Wanderley de Souza: Vem cá, e a sua tese de doutorado? Quem foi o seu orientador?**

Maria Lina: Foi um africano chamado Kabengele Munanga, que era diretor do museu (*Diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia em 1983-1989*). Eu sempre trabalhei com a questão do negro do Brasil. E trabalhava nessa época,

---

<sup>20</sup> O massacre da Praia Vermelha ocorreu em 22 de setembro de 1966.  
<https://riomemorias.com.br/memoria/dia-nacional-de-luta-contra-a-ditadura/>

minha defesa de tese foi em etnopsiquiatria, vamos dizer assim, nos terreiros de candomblé. Como é que eles lidavam com a questão da loucura.

### **Érika Negreiros: Interessantíssimo!**

#### **Wanderley de Souza: Você fez a tese, passou para professora adjunta do IFCS?**

Maria Lina: É, sou professora adjunto 2 do IFCS. E me aposentei do Instituto em 1997. Fui trabalhar como aposentada com bolsa do CNPq, fui levantar um pouco o mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde passei três anos e meio lá, com bolsa do CNPq. E depois quando eu voltei de lá, isso foi de 1997 a 2001, fui trabalhar com Alba Zaluar por convênio na UERJ, onde eu trabalhava e treinava o pessoal para fazer pesquisa de campo. Enfim, a vida foi muito trabalho e estou muito satisfeita também.

#### **Marcello Barcinski: Mas você chegou a trabalhar com o Roberto na Pós-Graduação da Biofísica, não?**

Maria Lina: Quem trabalhava com ele era a minha irmã Idinha.

#### **Marcello Barcinski: O Roberto foi coordenador e eu me lembro de você lá envolvida com a pós.**

Maria Lina: Na pós-graduação? Não. Trabalhava indiretamente, porque Roberto era o coordenador, e eu como secretária acabava colaborando. Então eu cuidava de todos os convênios da CNEN (*Comissão Nacional de Energia Nuclear*), da Radiobiologia, aqueles negócios todos era eu que cuidava. Olha, nos meus 80 anos, às vezes minha cabeça, minha memória falham um pouco, mas eu acho que, mais ou menos, eu consegui dar um perfil da minha interação com a Biofísica. Inclusive, quando eu assumi para ser professora do IFCS, quando tomei posse, foi em 1983, eu comecei dando aula no Fundão. Então, toda vez que eu ia para o Fundão, eu passava na Biofísica para rever os amigos. Porque foram todos maravilhosos.

#### **Marcello Barcinski: Eu me lembro bem.**

Maria Lina: Saudoso Carlos Costa Ribeiro. Alvaro ainda está na ativa?

#### **Marcello Barcinski: Alvaro está. Ele é casado com a Reitora, Denise Pires de Carvalho. Acho que você não conheceu...**

Maria Lina: Ah, sei. Conheci, sim. Cheguei a conhecer antes dela ser reitora. Porque a Maria Helena (*Maria Helena Amaral da Silva*), a Mallet, foi uma grande amiga minha. A gente interagiu muito bem, fomos grandes amigas a vida inteira, até ela falecer. É uma pessoa de quem eu gostava muito, a gente

trabalhou junto, eu auxiliava ela às vezes com aqueles negócios do BNDES, na minha época de Praia Vermelha.

**Wanderley de Souza: Vem cá, você se lembra do senhor Oliveira, que trabalhava no Instituto?**

Maria Lina: Demais, demais. Senhor Oliveira era uma figura. Muito educado, muito fino. E resolvia tudo de Alfândega, aquelas importações, tudo era ele que resolvia.

**Marcello Barcinski: Seu Oliveira tinha uma mesa com todos os carimbos que eram necessários para importação. Carimbo da Varig, carimbo da alfândega, carimbo da Polícia Federal. (risos).**

**Wanderley de Souza: E como é que ele apareceu lá? Foi antes ou depois de você? Você se lembra disso?**

Maria Lina: Não. Eu acho que, da minha segunda vez que eu fui para a Biofísica, no início dos anos 1960, seu Oliveira já estava lá.

**Marcello Barcinski: Eu acho que ele foi levado pelo Manuel da Frota Moreira, que ocupava a direção quando o Chagas viajava.**

**Wanderley de Souza: Quem eu sei que conhecia bem o seu Oliveira é o Antônio Couceiro, porque o Antônio Couceiro gostava de tomar uns vinhos, umas coisas assim, e o seu Oliveira era o grande arranjador de vinhos, uísques, era uma figura que circulava bem na alfândega...**

Maria Lina: Sabe como é que o seu Oliveira chamava a salinha dele, que era a antessala do Chagas e da secretaria do Chagas? Chamava *mon goduar* (risos).

**Érika Negreiros: Lina, eu fiquei com uma dúvida aqui. Você falou que na segunda vez que você foi para o Instituto de Biofísica na Praia Vermelha foi na década de 1960, mas qual foi a primeira vez que você foi mesmo? Qual foi a primeira vez que você pisou no prédio da Praia Vermelha?**

Maria Lina: Logo eu fui chamada para trabalhar, com dezessete anos, em um evento que teve em Manguinhos. Eu sempre era chamada para trabalhar nos congressos, mesmo trabalhando em outro lugar. Por quê? Porque eu falava francês, eu falava inglês, então era fácil. Olha, teve um dia, que eu subi cinco vezes o Pão de Açúcar acompanhando os gringos. Foi quando teve uma comemoração no Instituto de Biofísica, talvez nos vinte e cinco anos. Foi nos anos 1970.

**Marcello Barcinski:** Eu me lembro uma vez que eu saí com o Gilberto de Oliveiro Castro e dois convidados ingleses, Lord Adrian<sup>21</sup> e um outro sentado lá atrás, e o carro do Gilberto pifou. E o Gilberto tirou uma fotografia de dois Prêmios Nobel e eu empurrando o carro dele. (risos).

Maria Lina: Típico de Gilberto. (risos).

**Wanderley de Souza:** O Lord Adrian acho que veio umas duas ou três vezes ao Instituto. Quem sempre vinha junto era o Keynes. O Keynes (*Richard Darwin Keynes*) era bisneto do Darwin, era uma figura muito importante na Inglaterra e o Hiss Martins Ferreira tinha trabalhado com ele, com o peixe elétrico.

**Marcello Barcinski:** Eu acho que nos primeiros vinte e cinco anos da Biofísica, quem foi lá na Praia Vermelha, foi o Lord Adrian. Eu me lembro que o Chagas estava chamando o Lord Andrian para ir para a conferência, e era uma conferência sobre holografias. O Lord Andrian, it's a holography meeting, ele entendeu pornography meeting. (risos).

**Wanderley de Souza:** Vinha a ser alguma conferência do Maurice Françon, que foi um dos pais da holografia.

**Marcello Barcinski:** E o Lord Adrian assim: “*Oh, Chagas, you do everything in this Institute, including pornography?*” (risos). O Françon veio com a mulher, não é?

Maria Lina: Eu acho que ela veio sim. Eu me lembro de uma vez, foi uma das pessoas que eu subi no Pão de Açúcar. Tinha uma outra senhora, importantíssima também, que mandaram eu levar para o Pão de Açúcar. Olha, eu não tenho nada contra o Fundão, não. Mas uma coisa que eu acho, é que se perdeu muito - porque eu trabalhei na Biofísica na Praia Vermelha e no Fundão - era esse contato mais próximo que se tinha lá. Lembra do café da dona Raquel? (risos).

**Wanderley de Souza:** No café da Dona Raquel, ia o Doutor Hargreaves (Alberto Barbosa Hargreaves). O Hargreaves comprava duas ou três melancias e tinha que pegar os caroços para purificar a

---

<sup>21</sup> Edgar Douglas Adrian (Lorde Adrian). Foi agraciado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1932. Participou da celebração do 25º aniversário do Instituto de Biofísica, em 1970 - <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/nwBjzXRfnqKXXV57cNtBKFxc/>

**enzima urease, íamos comer a melancia ali perto da biblioteca. Dona Diva era a chefe da biblioteca. (risos).**

Maria Lina: Eu acho que essas coisas mais pitorescas, vamos dizer assim, é que dão graça ao texto. Senão fica muito árido.

**Érika Negreiros: Se você quiser contar mais alguma coisa...**

Maria Lina: Olha, eu me lembro que logo no início que eu fiz concurso e entrei para o IFCS, eu fui à Biofísica antes de ir dar aula e eu encontrei o Doutor Chagas no corredor. Ele me deu um abraço e falou: “*Agora somos colegas*”. (risos). Era uma gracinha o Doutor Chagas, eu adorava ele. Realmente adorava. Tanto quanto eu gosto, gostei, e fiquei amiga do Penna Franca. Penna Franca para mim foi um exemplo de profissional, de amigo mesmo.

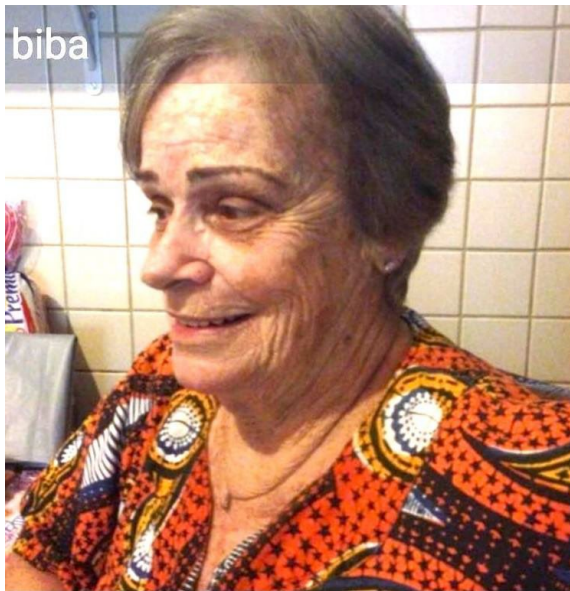


Imagem de Maria Lina, carinhosamente chamada de Biba pela professora Aglai Penna Barbosa de Souza, que cedeu esta foto.

## MARLENE CAZUZA

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Tecia Ulisses de Carvalho e Erika Negreiros

Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)

Data: 20/09/2021

**Wanderley de Souza: Ok, Cazuzza. Vai ser uma conversa muito informal. A primeira pergunta é a seguinte: Como é que você chegou ao Instituto de Biofísica?**

Marlene Cazuzza: Cheguei no Instituto de Biofísica em 1975.

**Wanderley de Souza: Eu estava nascendo neste ano! (risos).**

Marlene Cazuzza: Estudava nessa época, estudava Análises Clínicas lá na Cruz Vermelha. E a Doutora Marisa (*Marisa Musacchio*) que era amiga da minha professora, chamada Lurdes, não sei o sobrenome, perguntou quantas alunas ela tinha e que estava precisando de uma técnica de laboratório, e de preferência que fosse uma das melhores alunas.

**Wanderley de Souza: Marisa queria pouco, não é?**

Marlene Cazuzza: Ela indicou dois alunos. Fui eu e um rapaz para fazer a entrevista com ela. Mas o rapaz, a Doutora Marisa na época, não gostou. E eu então fiquei no laboratório, desde 1975.

**Tecia Carvalho: Já entrei na faculdade.**

Marlene Cazuzza: É, vocês eram pequeninhos. (risos).

**Wanderley de Souza: A Tecia estava nascendo e depois apareceu por lá.**

Marlene Cazuzza: É. Vocês ficavam ali trancados, aqui embaixo, na microscopia, quase nem via. Nem subia. Eu trabalhava com a Doutora Marisa e a Doutora Hertha (*Hertha Meyer*). Como técnico, era o Aderbal Alexandre Alves e o Bosco (*Antonio Bosco*) que também era técnico. Éramos três técnicos, a Doutora Marisa e a Doutora Hertha, com cultura de tecidos.

**Tecia Carvalho: E você foi encarregada de fazer o que lá?**

Marlene Cazuzza: Eu cuidava dos animais. Nessa época a gente trabalhava com malária, os pintinhos, com incubação de ovos. Saíamos para buscar ovos fora, para poder trazer para cá, para a incubadora. Trabalhava com o justanuclear, também com o Alexandre que era um dos técnicos que tinha mais experiência nisso. Eu era mais experiente em toxoplasmose, tripanosomas. Mais parasitas.

Então eu ajudava também o Alexandre a tirar sangue dos pintinhos para poder ver a justanuclear e também a malária.



Laboratório de Cultura de Tecidos do Instituto de Biofísica (Ilha do Fundão) na década de 1970. Antonio Bosco segurando um filtro, Marlene Cazuzza, Maria Nazareth Meirelles e Julia Vasconcelos.

**Wanderley de Souza: Mas existia mais alguém no laboratório?**

Marlene Cazuzza: Tinham as pessoas, os visitantes que vinham para poder fazer estágio. Eu me lembro mais da Nazareth (*Maria de Nazareth Silveira Leal de Meirelles*), lembro da Doutora Lygia Paraguaçu, que também era da Fiocruz, a Tania de Araújo Jorge e a Dra. Julia.

**Wanderley de Souza: Tinha uma baixinha que vinha com um guarda-chuva? Todo dia ela estava preparada para chuva.**

Marlene Cazuzza: A do guarda-chuva era a Doutora Lygia.

**Wanderley de Souza: Nazareth já era aluna de pós-graduação aqui na época, fazendo o mestrado.**

Marlene Cazuzza: Trabalhei com ela fazendo mestrado. Mas tinha uma outra Doutora que também era da Fiocruz. Que também era mestra, uma morena, que no momento nem me lembro o nome dela. Ela trabalhou muito tempo com a Doutora Marisa e com a Doutora Hertha. Mas essas são as que eu me lembro mais.

**Wanderley de Souza: E quem te ensinou a parte de cultura de células?**

Marlene Cazuzo: Ah! Quem me ensinou foi a Doutora Marisa, a Doutora Hertha, muito exigente com a parte de esterilização, e como auxiliar técnico foi o Alexandre. O manuseio, como fazer, como ver, como pegar, como tirar sangue, tudo, foi o Alexandre quem me ensinou.

**Wanderley de Souza: Você chegou a pegar galo para preparar plasma?**

Marlene Cazuzo: Fazíamos sangria. Quem tinha prática mesmo de pegar essas coisas era o Alexandre. Eu era mais a ajudante.

**Wanderley de Souza: E quem arranjava o galo?**

Marlene Cazuzo: Era o Alexandre que comprava galos que tinham que ser de cinco a seis quilos.

**Wanderley de Souza: É que antigamente tinham muitos aviários, hoje já deve ser muito mais difícil.**

**Tecia Carvalho: E era engraçado. Perto da minha casa, onde eu moro agora, tinha um aviário, eu fui lá um dia, cheguei e o rapaz falou assim: “Olha, só tem galo preto. Então olhou assim para mim, a senhora quer?” Vou levar! Só tinha ele.**

**Wanderley: Isso onde? Na rua da passagem?**

**Tecia Carvalho: Não. Era Arnaldo Quintela. Então eu chego aqui com um galo preto, pessoal achava que eu estava fazendo macumba. (risos).**

Marlene Cazuzo: Mas até que aquele galo deu bastante sangue.

**Tecia Carvalho: Também tinha um aviário no Rio Comprido. Quando eu pegava a Narcisa (*Narcisa Leal da Cunha e Silva*), a gente sempre ia lá.**

**Wanderley de Souza: Narcisa se lembra disso! E o que você fazia com o galo depois, hein Cazuzo?**

Marlene Cazuzo: O que se fazia com o galo? O galo bom, bonito, saudável e grande, cada vez que faziam a sangria, um levava. Só tinha direito os técnicos.

**Wanderley de Souza: Você chegou a levar um galo?**

Marlene Cazuzo: Várias vezes. Mas o galo gastou muito gás meu, porque era duro! (risos).

**Tecia Carvalho: Isso que eu ia falar. A carne é dura, não é?**

**Wanderley de Souza: Pois é, panela de pressão por dois dias. (risos).**

Marlene Cazuzo: Tinha que ser galo grande de cinco quilos, seis quilos. Senão não conseguia tirar sangue, era muito fininha a veia. Tinha que ser bem grande.

**Wanderley de Souza: No dia de tirar sangue era uma cirurgia, não é?**

Marlene Cazuzo: É uma manhã toda, tudo muito bem organizado.

**Wanderley de Souza: Você tem foto, toda cheia de máscara cirúrgica?**

Marlene: Não me lembro, acho que não.

**Wanderley de Souza: Sabe o que é? Só quem fazia isso é quem entrava na sala de cultivo, então era uma cirurgia.**

Marlene Cazuzo: As fotos eram aquele negócio de preto e branco. A gente quase não guardou, também não podia entrar muita gente, era tudo esterilizado.

**Wanderley de Souza: Pois é, mas eu acho que ninguém se lembrou. Cazuzo, você se lembra do acidente com Dona Herta? Eu digo um lá na porta?**

**Tecia Carvalho: Bosquinho (*Antonio Bosco*) conversou comigo sobre isso.**

**Wanderley: É! Ela atirou a porta assim e quebrou, fraturou a mão.**

Marlene: Não, acho que não era do meu tempo não.

**Tecia Carvalho: É porque você não devia estar lá, porque é da época da Marlene (*Marlene Benchimol*), do Wanderley lá em cima. Eu que não lembro.**

**Wanderley de Souza: E do acidente da Marisa? O que você lembra?**

Marlene Cazuzo: Eu só lembro que ela estava com a gente trabalhando e saiu. E foi atropelada, lá quase perto da casa dela. Foi atendida pelo próprio filho dela.

**Wanderley: Você sabe que nesse dia eu peguei carona com ela? Eu e uma estagiária que eu não lembro mais o nome, de iniciação científica da cultura. Ela dirigia um carrinho pequenininho, tipo**

**karmann ghia. Ela nos deixou bem antes da casa dela. O carro deu problema depois. Ela morava naquele prédio já bem no final da Rui Barbosa, ali onde faz a curva.**

**Tecia Carvalho: Provavelmente ela ia fazer o retorno.**

**Wanderley de Souza: Depois que nós descemos, o carro deu um defeito e ela saiu do carro. E então, nessa história de sair do carro...**

**Tecia Carvalho: E olha que o Aterro do Flamengo naquela época era bem mais tranquilo.**

**Wanderley de Souza: Foi um atropelamento fatal. Foi uma coisa, um choque para todo mundo.**

Marlene Cazuzo: Ela foi atendida pelo próprio filho no Miguel Couto, estava fazendo medicina na época, não era?

**Wanderley de Souza: Acho que já era médico. Eu me formei em 1974. A Amanda e o Roberto, que eram colegas de turma, eram uns quatro ou cinco anos na minha frente. Entendeu? Portanto...**

Marlene Cazuzo: Foi terrível, foi chocante.

**Wanderley de Souza: E você se lembra da interação com o professor Couceiro (Antonio Moreira Couceiro)? A Nazareth trabalhava com o Couceiro e com a Marisa, preparava as culturas da Marisa, fixava e levava para fazer as colorações, lá no final do corredor, com o técnico Zé Claudio.**

Marlene Cazuzo: Eu ia lá para entregar as culturas infectadas da Doutora Nazaré para o Couceiro ver, porque eu fazia para ela. Eu ficava trabalhando para ela. Ela ia para a Fiocruz e eu ficava fazendo as passagens, trabalhando com aqueles reagentes todos para ela. E depois ela me pedia para entregar ao Couceiro para ele analisar, alguma coisa assim.

**Wanderley de Souza: Cazuzo, você se lembra da data que todo mundo desceu para aquele forno? Aquela estufa gigantesca.**

Marlene Cazuzo: Aquela coisa linda e maravilhosa? Não, não me lembro, não. Eu fiquei muito triste, a cultura de tecidos era no primeiro andar, e a microscopia lá embaixo, no subsolo.

**Wanderley de Souza: Foi decidido que precisava juntar e aumentar o espaço. Eles arranjaram o local onde a gente está hoje.**

Marlene Cazuzo: Buraco do rato.

**Wanderley de Souza: É, e aquilo foi feito, não tinha ar-condicionado, não tinha nada. Era suado, você trabalhava suando. Só depois conseguimos o ar-condicionado.**

Marlene Cazuzza: É, era de entrar ali chorando, porque a gente suava e chorava de calor.

**Tecia Carvalho: Mas, Cazuzinha, antes da gente se mudar, você lembra de todo mundo que passou por lá? De alunos?**

Marlene Cazuzza: Depois que a Doutora Marisa morreu e o laboratório ficou só com a Doutora Hertha, eu subi também, acho que foi em 1980, talvez?

**Wanderley de Souza: Então muita gente passou por lá. Tania (*Tania Cremonini de Araújo-Jorge*)...**

**Tecia Carvalho: Você não lembra da Fátima que veio do México para trabalhar com ameba? Fátima Dibi...**

**Wanderley de Souza: O filho da Nazareth passou por lá.**

Marlene Cazuzza: O Wagner Cintra.

**Tecia Carvalho: Aparecida Lores.**

**Wanderley de Souza: Sonia Leite.**

Marlene: Sonia Leite. Ela trabalhava na Universidade da Bahia e eu fui à Bahia passar uns tempos, fui lá na casa dela.

**Tecia Carvalho: Ela era patologista.**

**Wanderley de Souza: E quem mais te exigia? Quem era mais chato?**

Marlene Cazuzza: Você! (risos).

**Wanderley de Souza: Não era a Tecia, não? (risos).**

Marlene Cazuzza: Não, Tecia sempre foi minha amante. (risos). Exigia sim, claro, que eu fizesse as coisas direito, me ensinava. Mas ela sempre foi um doce comigo. Agora tu, só chegava lá para pedir. (risos).

**Wanderley de Souza: Eu quero para ontem!**

Marlene Cazuzza: “*Tá pronto, Cazuzza? Cazuzza!*”

**Wanderley de Souza: Cazuzza, o que você está fazendo, Cazuzza? Você ainda não aprontou? (risos).**

Marlene Cazuzo: *“Como que foi, Cazuzo?”* Tirava as minhas tripas e coração. Mas sempre me defendia! Sempre que alguém começava a querer falar de mim, ele: *“Deixa a Cazuzo!”*

**Tecia Carvalho: Igual a pai, que fala assim: “Eu posso falar. Ninguém pode.”**

Marlene Cazuzo: Como se fosse um pai!

**Wanderley de Souza: Mas com o Alexandre, você se dava muito bem, não é?**

Marlene Cazuzo: Muito! Com os técnicos todos que entraram ali. A gente era muito amigo.

**Wanderley de Souza: E como foi a junção com os outros? Antonio Bosco, Antonio Lisboa, Sebastião Cruz.**

Marlene Cazuzo: A gente já se dava muito bem. Eu ia na casa de todos eles, Cruz, seu Lisboa. Quando eles ficaram doentes, Sebastião foi internado com um negócio de cirrose. Fui também visitar o irmão dele que morreu eletrocutado. O Antonio Lisboa, fui na casa dele também quando ele ficou doente, lá em Santa Cruz ou Campo Grande. Sempre visitava. O corpo técnico dali se dava muito bem!

**Wanderley de Souza: Pois bem, então chegou lá embaixo. Então o laboratório juntou todo mundo e foi crescendo, só aumentando.**

Marlene Cazuzo: Crescendo muito. E o tal de toma e toma, Cazuzo.

**Wanderley de Souza: Tu ensinaste a quem? Quem foram os técnicos que você fala: *Esses são os meus alunos!***

Marlene Cazuzo: Técnicos depois de mim, não.

**Tecia Carvalho: Ensinou sim, o pessoal lá de Campos.**

Marlene Cazuzo: Não, mas eles eram alunos também.

**Tecia Carvalho: Não, mas eram técnicos naquela época e você os treinou.**

**Wanderley de Souza: Vieram quatro ou cinco de lá para treinar aqui.**

Marlene Cazuzo: A que veio foi a Rose, Darly, Adriana e a Giovanna. Darly começou comigo e depois foi para a Microscopia.

**Tecia Carvalho: A Giovanna ficou na Microscopia.**

**Wanderley de Souza: Todas tiveram um treinamento básico.**

Marlene Cazuzo: Na cultura era mais a Rose e a Giovana.

**Wanderley de Souza: E a Noêmia (Noêmia Rodrigues Gonçalves)? Não aprendeu muita coisa com você, não? Ela disse que aprendeu a fazer cultura com você. Ela fez o treinamento geral.**

Marlene Cazuzo: Ah, enquanto ela estava na cultura! Fez treinamento geral, lavagem, fazer meio.

**Wanderley de Souza: Mas vem cá, então você resolve se aposentar.**

Marlene Cazuzo: Eu resolvo me aposentar depois de trinta e seis anos, por quê? Porque a minha mãe já estava com idade, doente e precisando de mim. De atendimento, de atenção. E era eu e eu mesma, apesar de ter seis irmãos, mas era eu que cuidava de tudo, morava comigo e eu tinha que dar tudo para ela. Me aposentei há doze anos.

**Wanderley de Souza: Doze anos! E o que você faz agora?**

Marlene Cazuzo: Ah! Cuido de neto. Já tenho neto, bisneto. Tenho três bisnetos já! Eu tenho neto que trabalhou aqui. A Dayane que passou na Doris Rosenthal.

**Wanderley de Souza: Eu não sabia que já era bisavó!**

Marlene Cazuzo: Eu sou bisavó, com setenta e oito anos! E como minhas irmãs, minhas netas combinavam de ter filhos num mês depois do outro, tenho uma de cinco anos e dois com três anos. Tenho três netas e três bisnetos, dois meninos e uma menina. Um nasceu em julho e o outro em setembro, assim, já para combinar, né?

**Wanderley de Souza: Mas isso é a melhor coisa! Quando a minha neta vai lá para casa, eu só tenho uma, eu não consigo fazer nada! Ela quer que conte história, ela quer que eu vá para o Fluminense, às vezes ela quer fazer um lanche: “Vovô, vamos fazer um lanche! Não, vovô, não quero aqui, não! Eu quero ir lá na padaria. Vamos sentar, elegante. Eu quero um suco, eu quero um pão com manteiga, com muita manteiga, mas eu quero da padaria, vovô! Aqui em casa não é a mesma coisa!” (risos).**

Marlene Cazuzo: Mas ela deve ser da idade da minha bisneta.

**Wanderley de Souza: Ela tem seis anos. É muito engraçada. Quer fazer bolo, faz uma sujeira danada. Ela faz uma mistura danada. Eu estou brigando com ela: *Olha, você pode fazer a mistura toda. Mas depois arruma!* E ela não quer saber disso, ela faz e larga aquilo lá.**

Marlene: Criança de agora, meu filho. A gente tenta, mas...

**Tecia Carvalho: A Cazuzinha é ocupadíssima, não é?**

Marlene Cazuzza: Eu sou. RPG (Reeducação Postural Global), pilates. Ontem eu cheguei da casa da Lúcia Feitosa. Lembra dela?

**Tecia Carvalho: Você ainda foi encontrar a Lúcia Feitosa?**

Marlene Cazuzza: Lá em Teresópolis, em um bairro chamado Golfe, perto do campo de Golfe.

**Wanderley de Souza: E ela se aposentou? O que ela anda fazendo?**

Marlene Cazuzza: A Lúcia está cuidando de cachorro e de gato, como sempre ela quis.

**Erika Negreiros: Ela também era do laboratório?**

Marlene Cazuzza: Era, ela era professora da Parasitologia.

**Tecia Carvalho: Ela é da época que a Parasito se juntou com a Biofísica.**

**Wanderley de Souza: Eu pensei que ela estivesse lá para o lado de São José dos Campos.**

**Tecia Carvalho: Não! Ela foi para uma cidadezinha no interior de São Paulo, depois foi lá para região amazônica. Ela ficou enfurnada no meio do mato.**

Marlene Cazuzza: Ficou num sítio, quatro anos lá na Amazônia.

**Tecia Carvalho: Eu queria perguntar outra coisa para a Cazuzza. Tem a ver com a formação que você teve, porque você entrou como técnica de nível médio, não é?**

Marlene Cazuzza: Foi. Estudei. Fazia faculdade de Serviço Social. Depois passei para técnico de nível superior.

**Tecia Carvalho: Então se aposentou como técnico de nível superior! Então é isso, ela não ficou parada no tempo.**

Marlene Cazuzza: Não, não! Eu fiz quatro anos de Serviço Social na Gama Filho. Eu vinha aqui trabalhar, saía daqui de noite e ia pra Gama Filho. Chegava lá, fazia ginástica, ia assistir aula, e saía.

**Wanderley de Souza: Mas quer dizer então que agora você vive passeando.**

Marlene Cazuza: Não! Passeando nada.

**Wanderley de Souza: Já foi ver o Bosco na Paraíba?**

Marlene Cazuza: Não, ainda não. Estou para ir.

**Wanderley de Souza: Vai! E você vai ser muito bem recebida.**

Marlene Cazuza: Em vez de ir para a Paraíba, eu fui para Portugal.

**Tecia Carvalho: Olha, viu? Ela viaja de navio.**

**Wanderley de Souza: Nós vamos para a Paraíba e ela vai para Portugal num cruzeiro, com o Roberto Carlos cantando.**

Marlene Cazuza: Você foi para a Alemanha! Eu só cheguei na ponta, não deu para ver tudo.

**Wanderley de Souza: Mas você foi para Portugal, aonde?**

Marlene Cazuza: Eu fui. Andei no Cais, Porto, Vieira. Fui eu e Marly (*Marly Ferreira Alves*). Estou viajando muito com a Marly.

**Tecia Carvalho: Elas vivem viajando! Mas agora não, não é?**

Marlene Cazuza: Agora não! Agora eu só faço mensalmente uma viagem de bate e volta, por causa da pandemia. Eu tenho uma turma de velhinhos.

**Wanderley de Souza: Vai ver o Antônio na Paraíba.**

Marlene Cazuza: Eu vou quando melhorar. A Covid lá na Paraíba está muito braba! As meninas que trabalham comigo já perderam vários parentes lá.

**Wanderley de Souza: Todo mundo perdeu parente nesse troço.**

**Tecia Carvalho: Você tem que tomar cuidado, não é Cazuza?**

Marlene Cazuza: Agora está melhorando. Falei para o Bosco, pode deixar que eu vou.

**Wanderley de Souza: Coloca duas máscaras dentro do avião, voo direto para João Pessoa. Vai lá, sabe por quê? Daqui a pouco você quer ir e o estado físico não deixa. É dor daqui, é dor dali. Enquanto você está desenvolta, é agora! E o Bosco fica numa alegria quando a gente vai lá!**

Marlene Cazuza: Ele está doido, doido, doido. Está lá há cinco anos já! Eu gosto de João Pessoa! Eu vou sim!

**Wanderley de Souza: Mas você lembra alguma coisa que a gente não perguntou? Alguma curiosidade. E a gente não perguntou por que não lembrou mas sua memória está muito boa.**

Marlene Cazuzo: O que você ia me perguntar? Era da faculdade, não é?

**Tecia Carvalho: É isso! Eu queria que você explicasse que enquanto você trabalhava você fez faculdade, isso é importante! E vou perguntar outra coisa: Você era muito exigente com o pessoal lá na câmara asséptica?**

**Erika Negreiros: Era sala de cultura?**

**Tecia Carvalho: Era uma sala que você entrava como se fosse num centro cirúrgico.**

Marlene Cazuzo: É! Eu aprendi na escola da Doutora Hertha!

**Wanderley de Souza: Não tinha fluxo laminar naquela época, não.**

**Erika Negreiros: Gente! Como fazer cultura sem fluxo laminar?**

**Wanderley de Souza: Fazia e contaminava menos do que hoje com fluxo.**

**Erika Negreiros: Chegou a pegar fluxo laminar também?**

**Tecia Carvalho: Sim! Ela trabalhou muito.**

**Erika Negreiros: Mas imagino que sem fluxo, devia ser muito difícil.**

**Wanderley de Souza: A limpeza era muito melhor!**

Marlene Cazuzo: Eu comecei a trabalhar ali no tempo em que pipetava com a boca! Não tinha nada, não tinha pipetador, era com a boca mesmo. Bico de Bunsen.

**Erika Negreiros: Errou algumas vezes?**

Marlene Cazuzo: Uma vez eu bebi e fui parar na Fiocruz. Fiquei em quarentena. Graças a Deus eu estou aqui com meus setenta e oito anos! Devia ter uns vinte e sete nessa época.

**Tecia Carvalho: Mas na época ela ficava no nosso pé, porque ela era muito exigente!**

**Wanderley de Souza: Já está com setenta e oito anos! Como o tempo passa.**

Marlene Cazuza: Estou caminhando para oitenta. Em janeiro agora faço setenta e nove. Meus oitenta, se Deus quiser, eu vou para o cruzeiro! Já fui cinco vezes! Chego lá, eu pergunto: O que que eu estou fazendo aqui? Quando eu olho lá para baixo, aquele monte de água. Mas eu esqueço e vou.

**Wanderley de Souza: Toma o que? Água?**

Marlene Cazuza: Que água? Eu tomo uma cervejinha (risos).

**Wanderley de Souza: Pensei que fosse uma cachacinha (risos). Olha bem. Eu acho que está tudo aí! Tecia, lembra de alguma coisa? Alguma fofoca?**

**Tecia Carvalho: Fofoca, não. Eu lembro, é folclórico. A Marlene não participava, mais do Bosco e do seu Alexandre, que eles eram muito levados. Eles costuravam a manga do jaleco, costuravam o bolso.**

Marlene Cazuza: Amarravam sapatos.

**Tecia Carvalho: Mas a Cazuzinha não falava nada. Ela só ficava calada, então a gente chegava lá, ia enfiar o braço.**

**Wanderley de Souza: Engordei! Não passa, não tá passando.**

**Tecia Carvalho: E seu Alexandre, ele costurava bem costuradinho, fora que eles colocavam pedra dentro da bolsa da gente.**

**Wanderley de Souza: Lá no laboratório deles, colocavam umas coisas na geladeira e alguém pegava e comia a marmita dos outros. Então o Flávio chegou um dia, levou uma ração de cachorro. Tacou assim, ketchup e mostarda. Colocou num vaso e deixou na geladeira (risos). Deve ter dado uma cusparada. E então, não é que comeram esse troço? Ninguém sabia quem era.**

Marlene Cazuza: O Bosco e o Alexandre, quando era a minha vez de levar o galo, eles faziam questão de fazer meu embrulho do galo. Na hora de sair, eu saía correndo. Quando chegava em casa e abria o embrulho, tinha pedra, tinha parafuso. E eu tinha que trazer aquela porcaria toda de volta! (risos).



Comemoração do aniversário de oitenta anos de Hertha Meyer, em 1982. Narcisa Leal, D.Esmeralda, Marlene Cazuzza, Hertha Meyer, Antônio Bosco e Neila Soares. Acervo do Laboratório de Ultraestrutura Celular Hertha Meyer.



Marlene Cazuzza em comemoração dos seus oitenta anos, em janeiro de 2023.

## MARLY FERREIRA ALVES

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 17/03/2021

**Wanderley de Souza: Muito bem, Marly... Primeiro, quero agradecer por você ter aceitado o convite. Nós elaboramos uma lista com todo o pessoal técnico-administrativo do instituto, e desta lista selecionamos aqueles que tiveram um destaque especial.**

Marly Alves: Que bom que eu fui importante (risos).

**Wanderley de Souza: Na última entrevista aqui, teve revelações de uma época do instituto de 1960... Eu conheço a partir de 1969, mas o período antes, quase todo mundo que conheceu, já faleceu.**

Marly Alves: Eu vim para o Instituto de Biofísica em 1973

**Wanderley de Souza: Pois é. Então a gente começa por esse ponto: como é que você chegou ao Instituto? E para fazer o quê?**

Marly Alves: Bom, eu administrava a cooperativa que pertencia a alunos e professores na Faculdade de Medicina, lá na Praia Vermelha.

**Erika Negreiros: Em que ano foi isso? Em que ano você entrou lá?**

Marly Alves: Em 1968.

**Wanderley de Souza: Foi quando eu entrei, em janeiro de 1968. Onde ficava essa cooperativa?**

Marly Alves: No prédio da Praia Vermelha.

**Wanderley de Souza: Sim, mas em que lugar do prédio? Você se lembra do prédio?**

Marly de Alves: Lembro! Com certeza!

**Wanderley de Souza: Entrou naquele salão...**

Marly Alves: Entrou naquele salão principal, ia para a esquerda. Do lado de cá, em frente tinha um jardim interno, que eu achava muito lindo!

**Wanderley: Lembra do restaurante?**

Marly Alves: O restaurante era depois. Antes era a cooperativa, andando à frente tinha um restaurante que era do Augustinho. E tinha a casa do estudante atrás...

**Wanderley de Souza: Então era por ali que ficava a sede da cooperativa?**

Marly Alves: Exatamente. E à direita tinha a biblioteca e tinha aquele corrimão lindo que subia, todo dourado, que vivia sempre bonito. Achava aquilo a coisa mais linda. As escadas eram de madeira...



Cooperativa dos alunos no antigo Prédio da Faculdade de Medicina, Praia Vermelha. Marly e Nadia, aluna de Medicina, 1968/1969.

**Wanderley de Souza: E da cooperativa você migrou para a Biofísica? Como é que foi isso?**

Marly Alves: Quando fui para a Biofísica, estavam começando a querer derrubar aquela faculdade, aquele prédio. Eu estava trabalhando lá e tomando conta, porque eu estava administrando tudo, enquanto não acabava. Então apareceu o professor Antônio Paes de Carvalho. Conversou comigo, eu falei para ele que queria um jeito de pegar todo aquele acervo da cooperativa e entregar para alguém. Porque não era dona daquilo. Tinha que entregar. Eu fiz um relatório de tudo o que tinha: móveis, aquelas coisas todas que pertenciam a cooperativa e entreguei aqui, no CCS, ao Michael Jordan. Entreguei para ele todas aquelas coisas, com tudo escrito, e guardei na minha casa como um documento.

**Wanderley de Souza: Mas você ainda não pertencia ao Instituto de Biofísica?**

Marly Alves: Não. Nesse meio tempo, o Paes de Carvalho foi lá e o professor Romualdo (*Romualdo José do Carmo*) estava precisando de uma pessoa para tomar conta do almoxarifado. Quando eu fui para entrevista com o Romualdo, ele disse que Paes de Carvalho tinha falado: *“Tem uma pessoa que eu sei que vai servir para o que você está querendo”*. Então vim para cá. O primeiro contato que eu tive aqui, no almoxarifado, foi com o professor Elias (*Cezar Antonio Elias*). Ele era assim, muito à vontade. Ele chegou lá e eu falei: *“Professor, olha só, eu estou organizando esse almoxarifado porque até agora eu não estou entendendo nada, mas eu vou dar um jeito que vai ficar muito fácil para o senhor manipular as coisas que estão aqui”*.

**Wanderley de Souza: Ele deve ter falado: “Olha, se tiver uns bagulhos por aí...” (risadas).**

Marly Alves: Na verdade na hora eu não gostei muito não, porque você está organizando, chega um cara e começa a remexer em tudo... (risos). Com muita calma, conversei com ele e ele passou a ser meu grande amigo. Era um bom amigo.

**Wanderley de Souza: E você ficou nesse almoxarifado quanto tempo?**

Marly Alves: Não lembro. Fiquei uns tempos lá, depois eu vim para a secretaria de graduação. Quando eu vim para o Instituto de Biofísica, fiquei administrando o almoxarifado, que tinha o material para distribuir nas aulas, aquelas coisas, e para não ter pessoas mexendo... Já briguei com alguns professores. Porque você está administrando uma coisa, tomando conta, aí vem outro, mexe... complicado. Então, esse período da graduação durou uns quinze anos. Até que eu fui expulsa pelo professor Ernesto Macedo Polônio. Mas sabe que quando começou aquele movimento de greve, eu fazia parte do sindicato. Em todas as reuniões que eu estava, graças a Deus, o professor Darcy (*Darcy Fontoura de Almeida*) estava sempre presente. Quando ele (professor Polônio) falou para eu sair daqui, para onde que eu iria? Tinha que ir para algum lugar. O professor Jadiel, da Biologia, me ofereceu uma vaga para trabalhar na secretaria. Então eu falei com o professor Darcy, que era o diretor na época...

**Wanderley de Souza: Darcy era o diretor, eu era o vice nessa época...**

Marly Alves: Ah, é! Então, falei para o professor Darcy: *“O professor Polônio não me quer mais na secretaria pelo motivo de eu ser atuante no sindicato. E não vai dar certo se eu continuar por aqui se isso o incomoda”*. Ele falou: *“Não... você é uma pessoa que não tenho nada contra. Uma pessoa que tem boa avaliação e que a gente manda sempre informações para a Reitoria... Não*

*posso colocar você à disposição. Para sair de um lugar para outro, tem que ficar à disposição, e eu não tenho nada contra você. Então você escolhe onde quer ficar”.*

**Wanderley de Souza: Tem que ter uma justificativa...**

Marly Alves: Tem que ter uma justificativa. Então eu escolhi o Setor de Compras onde eu fiquei por dez anos. Nesses dez anos que eu fiquei no Setor de Compras, no qual eu gostei muito de trabalhar, deu tempo para eu me aposentar, já tinha pedido a aposentadoria. Morreu minha mãe, então o professor Antônio Carlos Campos de Carvalho falou: *“Marly, por que você não fica mais um pouco?”* E eu estava montando um apartamento sozinha...

**Wanderley de Souza: Antônio era o diretor nessa época.**

Marly Alves: Era o diretor na época. Aí ele falou comigo, eu respondi: *“Bom... e onde que eu vou trabalhar?”* Então ele falou assim: *“Eu queria que você organizasse o Departamento Pessoal”.* Fiquei um ano no Departamento Pessoal, quando já ia embora, morreu meu irmão. Então fiquei mais um ano, depois me aposentei em 2000.

**Wanderley de Souza: Mas você ajudou a estruturar o Setor de Compras, não é? Quem que trabalhava com você nessa época lá? A Edna Aleixos é desse período?**

Marly Alves: Não. Comecei com o Teixeira e a Cristina, que depois saiu, ela não era funcionária. O Teixeira, eu acho que foi para outro lugar. A Edna era do financeiro, não trabalhava comigo...

**Wanderley de Souza: A Edna hoje está com a gente lá no CENABIO (Centro Nacional de Biologia Estrutural e Bioimagem).**

Marly: Quem mais trabalhou? Ah! Depois, o Serginho...

**Wanderley de Souza: O Serginho também! Agora ele está aqui no ICB (Instituto de Ciências Biomédicas).**

Marly Alves: Ah! Ele está no ICB? Serginho trabalhou comigo alguns anos...

**Wanderley de Souza: Pode estar se aposentando ou já se aposentou. Com esse negócio da pandemia, tem um ano e pouco que a gente não vê as pessoas...**

Marly Alves: Trabalhei com o Serginho... quem mais?

**Wanderley de Souza: E obviamente aquele menino do carro, o Carlos (Carlos Alberto do Vale)...**

Marly Alves: O Carlos foi por muito tempo motorista do setor de compras...

**Wanderley de Souza: Ele já foi homenageado aqui, tem uma placa no jardim do Instituto...**

**Erika Negreiros: E a Sandrinha (*Sandra Brito*) também foi da graduação?**

Marly Alves: Sandrinha começou comigo...

**Wanderley de Souza: Começou na graduação com a Marly...**

Marly Alves: Antigamente tinha aquela lei 3131, lembra? Quando um funcionário do quadro aposentava, a vaga era para quem tinha mais tempo. Quando veio a minha vaga, eu não quis porque trabalhava de dia para comer de noite. Então como é que eu ia pegar aquela vaga, que atrasava o pagamento, aquelas coisas. E numa fundação ganhava razoável... Eu pagava aluguel, na época... Não tinha condições. Então a Sandrinha ficou na vaga da graduação.

**Wanderley de Souza: Depois eu tirei a Sandrinha da graduação para a pós-graduação, quando alguém da pós-graduação saiu. Eu era coordenador da pós-graduação na época do Paes de Carvalho, cheguei para ele e disse: “*Olha, eu preciso de uma pessoa boa lá na pós-graduação, porque lá é um trabalho de responsabilidade muito grande. São poucos alunos, mas precisa de um acompanhamento...*”**

Marly Alves: E a graduação continua do jeito que era? Eu ganhei uma tendinite! (risos).

**Wanderley de Souza: É até maior. Sabe por quê? Porque vários cursos foram criados...**

Marly Alves: Nutrição, Enfermagem, Odontologia, Psicologia 1 e 2, Educação Física 1 e 2 e Cinesiologia... E para cada curso, quantos alunos!

**Wanderley de Souza: Mas além de tudo isso, hoje tem o curso de Biomedicina, de Física Médica, de Biofísica...**

Marly Alves: Mas isso também na graduação?

**Wanderley de Souza: Na graduação. E o Ricardo (*Ricardo Manoel da Silva*) dá todo o apoio administrativo.**

Marly Alves: Chefe que eu tive: Doutor Romualdo. Tem um tempo que não o vejo. Foi uma pessoa maravilhosa! Aliás, eu agradeço todo dia a Deus porque eu fui muito feliz aqui. Eu tive boas pessoas, muito amigas, chefe bom. Apesar do Polônio me tirar daí, quando ele se arrependeu e veio falar comigo, eu falei: “*O senhor pode ficar tranquilo porque me fez um benefício!*”. Porque eu não podia tirar licença premium. Na graduação não pode, porque a gente tem que viver em

função dos alunos. Quem ia ficar para fazer todo aquele trabalho que a gente tinha? Então fui para o Setor de Compras, tirei licença premium...

**Wanderley de Souza: Coisas que acontecem, mas às vezes é um caminho melhor....**

Marly Alves: Falei para ele: “O senhor não fica triste, não! Que o senhor me fez um benefício.” (risos). Ele queria que eu voltasse para lá. Ele era contra esses movimentos de greve, mas eu participava...

**Wanderley de Souza: Eu sei. Mas greve é greve. É um direito...**

Marly Alves: É. E eu fazia tudo direitinho. Fazia parte do sindicato porque, na época, era importante...

**Wanderley de Souza: E continua sendo importante.**

Marly Alves: Quantas melhorias nós tivemos, gente? Foi uma briga para pagar as pessoas, os funcionários... Brigar por melhores condições para os funcionários.

**Wanderley de Souza: A gente valoriza quando perde. Recentemente, eu vi uma queda no meu salário, viu? Foi a perda de uma conquista que tivemos... Porque a universidade foi resistindo, resistindo, até que chegou um ponto - primeiro abacaxi que a Denise (Reitora Denise Pires de Carvalho) encontrou - que foi essa determinação...**

Marly Alves: O sindicato é que cuida da gente. A gente brigava por melhores condições de trabalho. Antigamente não tínhamos cadeiras assim! (se referindo às cadeiras com encosto). A gente sentava num banco... Todas as secretárias tinham problema de coluna cervical.

**Wanderley de Souza: Tinha banco sem encosto... Essas cadeiras aqui? Isso aqui é luxo. (risos).**

Marly Alves: Começamos trabalhando numa máquina dessas (se referindo a um modelo de máquina de escrever, acervo do EMCCF). Tem lugares que continua aquela coisa, que não muda. Aqui no Instituto, não. Foi uma evolução maravilhosa. Depois dessa, veio a *Facit*, máquina elétrica. Depois veio a de esfera. Ainda estudava! Fiz curso dessa máquina. Aqui no Instituto fiz curso de inglês com a Sandra Barcinski, que foi professora.

**Wanderley de Souza: A primeira esposa do Marcello Barcinsky...**

Marly Alves: A Sandra era minha amiga, sempre ia na casa dela lá em Copacabana.

**Wanderley de Souza: Mas então é o seguinte, você se aposentou? O que você foi fazer depois de aposentada? Vamos ver agora tua vida... Foi fazer crochê? Foi fazer algum negócio? (Risadas).**

Marly Alves: Como aposentada, fiquei cinco anos no conselho fiscal da CAURJ (*Plano de Saúde da UFRJ*). Fui chamada pelo professor Pestana, da Biologia, quando entrou na diretoria. Mas, eu gosto de viajar... Eu já conheci 10 países.

**Wanderley de Souza: Ah... Então faz umas excursões por aí?**

Marly Alves: Viajar pelo mundo...

**Wanderley de Souza: E você foi para onde? Onde é que você gostou mais?**

Marly Alves: Itália e Holanda!

**Wanderley de Souza: Portugal, já foi?**

Marly Alves: Fui a Portugal, Espanha, França e Holanda. Na França, tenho uma sobrinha que casou e mora lá. Casou com um francês. Tenho um sobrinho lá, mora em Saint Louis.

**Wanderley de Souza: Esse eu não conheço...**

Marly Alves: Saint Louis é o nordeste da França, fronteira com a Alemanha e a Suíça. São quatro horas de Paris. Passei vinte dias lá...

**Wanderley de Souza: Qualquer lugar da França é bom!**

Marly Alves: Lá é muito bom. Minha sobrinha está há vinte anos lá. Tenho um sobrinho francês...

**Wanderley de Souza: Itália você correu o país inteiro, de ponta a ponta?**

Marly Alves: Não! Muito triste porque agora é que eu ia lá para visitar Veneza, antes de acabar, porque Veneza está sumindo...

**Wanderley de Souza: Olha, eu ouço essa história de que vai acabar desde o tempo do Chagas... Mas continua lá. De vez em quando enche de água, mas... É muito bonito! Vale a pena.**

Marly Alves: Gente, aqui em Campos teve um lugar que sumiu. Em Campos, a água subiu, eu fui lá e estava um pedacinho assim. Fui de barco...

**Wanderley de Souza: Ah, possivelmente ali na região de Atafona.**

Marly Alves: Atafona! Eu fui lá. Eu fui lá e já estava um pedacinho assim. Então, dizem que Veneza está sumindo.

**Wanderley de Souza: E a próxima viagem, vai para onde?**

Marly Alves: Se não fosse essa situação (*Pandemia da COVID-19*), eu iria voltar à Itália. A Itália é maravilhosa. Eu fiquei em Bari. Lugar que eu não sei se vocês conhecem, mas é um lugar maravilhoso. Tem aquelas estruturas vulcânicas, aquelas coisas...

**Wanderley de Souza: Mas é perto de que cidade?**

Marly Alves: Acho que são duas horas de avião de Roma. Fiquei quatro dias em Roma, conheci a Capela Sistina e assisti à missa, só não vi o Papa. Também fui à Pompeia, fiquei impressionada com aquelas pessoas petrificadas. Depois eu fui para Bari, conheci a cidade inteira. Coisa mais linda que vocês podem imaginar! Também viajei pela América do Sul: Argentina, Paraguai, Uruguai...

**Wanderley de Souza: Então faça o seguinte: da próxima vez, não volta aonde você já esteve. Sugiro pegar parte da Espanha, que vai terminar no Estreito de Gibraltar. Não sei se você visitou aquela região. Essas cidades por ali... e aí vai para Marrocos. É um turismo mais barato do que na Europa...**

Marly Alves: Agora, gente... Um lugar que adorei foi a Holanda.

**Wanderley de Souza: O interior da Holanda é muito bonito. As pessoas ficam só em Amsterdam...**

Marly Alves: Eu estive em Amsterdam... Rodei a Holanda toda, de carro e de metrô.

**Wanderley de Souza: Holanda e Bélgica são dois países muito bonitos!**

Marly Alves: Fui à Bélgica também...

**Erika Negreiros: Rodou bastante, né, Marly? Conhece bastante lugar!**

**Wanderley de Souza: Rodou... Rodou o Brasil, Marly?**

Marly Alves: Conheci o Brasil antes! No Brasil fui ao Nordeste. Não conheço o Sul. Só fui ao Paraná.

**Wanderley de Souza: Tomou um banho nos Lençóis Maranhenses?**

Marly Alves: Não! Não fui ao Maranhão, não! Bahia, várias vezes! Natal... Amei Natal!

**Wanderley de Souza: Fortaleza, Maceió... Todas elas são muito boas...**

Marly Alves: Fortaleza não conheço. Fui à Paraíba também, na Universidade Federal de lá.

**Wanderley de Souza: Você se lembra do Antônio Bosco?**

Marly Alves: Então, fui lá pertinho da casa dele.

**Wanderley de Souza: Agora ele está morando lá...**

Marly Alves: Ele manda mensagem para mim. Bosco é meu amigo! Eu estou para ir lá com a Marlene Cazusa.

**Wanderley de Souza: Pois é! Toda vez que eu vou a João Pessoa, e eu vou quase todo ano, a gente marca um chopp lá...**

Marly Alves: Eu e Cazusa conhecemos também uma cidade chamada Lux Cherry. Muito bonitinha. Uma cidade na França. Tem uma roça, igual a uma fazenda.

**Erika Negreiros: Voltando um pouquinho, pelo que eu percebi, você teve contato com vários professores que foram coordenadores...**

Marly Alves: Ah, eu estava falando. Dos chefes na graduação foram o Romualdo, depois foi o Rocha Miranda (*Carlos Eduardo Guinle da Rocha Miranda*), depois foi a Esquibel (*Maria Aparecida Esquibel*). Ah! Lembrei de uma pessoa que a gente não falou: O Haroldo!

**Wanderley de Souza: Ah! O Haroldo Camacho!**

Marly Alves: Que é irmão do Eduardo Camacho.

**Wanderley de Souza: Irmão mais novo. O Haroldo era o mais velho e ele era o caçula.**

Marly Alves: Camacho era o daqui e Haroldo era da reprografia.

**Wanderley de Souza: Reprografia e depois montou um restaurante aqui em baixo, onde eu e o Eduardo Penna Franca comíamos muito... (risos).**

Marly Alves: Era o lugar da muvuca... (risos).

**Wanderley de Souza: Era aquele negócio que hoje seria proibido! (risadas).**

Marly Alves: Realmente, não era proibido... Rolava umas batidas, uns licores... (risadas).

**Wanderley de Souza: Sexta-feira tinha uma feijoada...**

**Erika Negreiros: O restaurante era lá onde é a xerox?**

**Wanderley de Souza: É! Era ali! Sei que o restaurante tinha rabada num dia...**

**Erika Negreiros: Só comida pesada! Como é que vocês conseguiam trabalhar depois, eu não sei... (risos).**

**Wanderley de Souza: Uma vez ele preparou um maxixe com camarão! (risos). De vez em quando, assim, bem escondido, rolava também uma cervejinha... (risadas).**

Marly Alves: Eu não ia falar isso não...

**Erika Negreiros: No final do expediente, que mal tem?**

**Wanderley de Souza: Isso não está sendo gravado... (risadas).**

**Erika Negreiros: Tá gravando, mas depois a gente corta... (risos).**

Marly Alves: Antes de finalizar essa conversa, gostaria de comentar sobre meu irmão, Arnaldo Ferreira dos Santos, formado em Medicina, na mesma turma do professor Ricardo Gattass. Eles pertenceram à última turma da Faculdade de Medicina do Prédio da Praia Vermelha, Universidade do Brasil. A formatura ocorreu em 1971, na qual fui homenageada (*Homenagem Afetiva*) pela turma devido à minha atuação na cooperativa dos alunos associados. O professor Paes de Carvalho também foi homenageado, assim como outros professores.



Confraternização do IBCCF, década de 1980. Imagem à esquerda - Marlene Barana, Cida, Júlio Barbosa, Haroldo Camacho, Marly e Moacir. Imagem da direita - Cida, Tadeu e Marly.

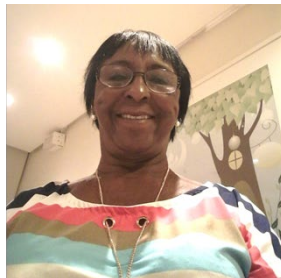


Imagens da entrada do IBCCF na década de 1980. Zé Claudio de barba branca, Edmilson de blusa azul, Julio Cezar de blusa quadriculada, Marly Alves de conjunto azul marinho, Sandra Brito de blusa preta, Patrícia, Léia, e Maria Aparecida Esquibel.



homenagem afetiva  
marly ferreira alves

Evento de Formatura da Faculdade Nacional de Medicina, da Universidade do Brasil, atual UFRJ, turma de 1971. Entre os formandos, estava Arnaldo Ferreira dos Santos, irmão da Marly Alves. Imagens acima - Sentados na fileira da frente, Marly e os professores Paulo da Silva Lacaz e José Pinto Magalhaes. Imagens abaixo - Formando Arnaldo Ferreira dos Santos e Marly Alves, que foi homenageada na solenidade.



Marly em diferentes momentos.

## MAURÍCIO JOSÉ THURLER TECLES

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Ricardo Gattass e Erika Negreiros

Local: Via Google Meet

Data: 27/07/2021

**Wanderley de Souza: Muito bem Maurício, a gente sempre começa querendo saber como e quando você chegou ao Instituto de Biofísica.**

Maurício Tecles: Então, Wanderley, você vai lembrar bem que o Instituto de Biofísica, na época, tinha departamentos. Existia o Departamento de Neurobiologia, que tinha montado o Laboratório de Bioeletrônica, chefiado pelo Major Brasil (Roberto Oscar Brasil). Ele já estava no Instituto na Praia Vermelha. Há uma foto em que aparecem o Major Brasil, Roberto Lent, Rafael Linden, Jan Nora Hokoç, Doutor Eduardo Osvaldo Cruz e um técnico que era da eletrônica, Franklin Lopes Soares, ainda na Praia Vermelha. Esta foto aparece num dos livros sobre o Instituto. Na época, Roberto Lent, Rafael Linden, Jan Nora eram alunos.



Departamento de Neurobiologia que tinha montado o Laboratório de Bioeletrônica, chefiado pelo Major Roberto Oscar Brasil. Foto no jardim do Prédio da Faculdade Nacional de Medicina, na Praia Vermelha. Destaque para o Major Brasil que está agachado, entre a Tais Penna Barbosa de Souza e Rafael Linden. Franklin Lopes Soares, entre o Ricardo Gattass e Jan Nora Hokoç. (Acervo de Rafael Linden).

**Wanderley de Souza: O Major Brasil foi muito importante no Instituto! Lembro também do técnico José Cláudio, do Antônio Couceiro, que ficava lá no final do corredor da Praia Vermelha. Ele ficava ali pelo estacionamento, em volta do prédio, pegando umas “lagartixinhas” que o Couceiro e Aristides (*Aristides Pacheco Leão*) queriam. Agora você tocou no Major Brasil, eu me lembro do Major Brasil desde a Praia Vermelha. Era ele quem cuidava do microscópio eletrônico, da parte eletrônica toda, ainda era tudo a válvulas. Ele que fazia a manutenção na Praia Vermelha e depois também no Fundão. Então, quer dizer que você já entrou no Fundão, não foi na Praia Vermelha não?**

Maurício Tecles: Exato. O Major Brasil foi professor do Instituto Militar de Engenharia (IME) e meu irmão, José Eduardo Thurler Tecles, estudou eletrônica com ele no IME. No último ano do curso, em 1976, meu irmão iniciou estágio no Laboratório de Bioeletrônica e, depois de formado, ele foi contratado, em 1977. Em meados de 1977, eu precisava começar a fazer estágio, meu irmão me chamou e eu conheci o Major Brasil. Ricardo Gattass era aluno ainda na época, me conheceu e pediu ao Doutor Osvaldo Cruz, uma bolsa de iniciação científica para mim. Foi como eu comecei, em meados de 1977, eu era aluno de engenharia na UFRJ. Meu irmão ficou conhecido como Tecles 1 e eu como Tecles 2. Ele saiu em meados de 1978 para fazer o mestrado nos Estados Unidos. Existe uma foto com uma parte do Corpo Social do Instituto, no final de 1977, na qual aparecem o Major Brasil, meu irmão, o técnico em eletrônica José Augusto de Miranda, o outro técnico, Franklin, que faziam a manutenção de equipamentos, e eu, todos do Laboratório de Bioeletrônica. Então eu comecei ali com os projetos que eles fizeram, como contador de colônia de bactérias, fonte de eletroforese e a manutenção de equipamentos, que eu aprendi a fazer lá. O Major Brasil deixou o Instituto no final da década de 1970 ou início da década de 1980 e foi para o Ceará.



Recorte da foto do Corpo Social do Instituto de Biofísica, em 1977. 1. Edil Saturado; 2. Maurício José Thurler Tecles; 3. Carlos Eduardo Rocha Miranda; 4. Fernando Garcia de Mello; 5. Edson Rondinelli; 6. Eduardo Osvaldo Cruz; 7. Wolfgang Christian Pfeiffer; 8. José Eduardo Thurler Tecles; 9. Major Roberto Oscar Brasil; 10. Raul Dodsworth Machado.

**Wanderley de Souza: Ah... foi Ceará, é? Eu pensei em Paraíba.**

Maurício Tecles: É, ele foi para o Ceará.

**Wanderley de Souza: Você não tem mais contato, mais notícias dele?**

Maurício Tecles: Ele fez uma visita ao Instituto após ter encontrado com o Gattass num congresso, se não me engano, mas não me lembro em que ano. Em 2015, época em que houve uma homenagem ao Doutor Carlos Eduardo Rocha Miranda, o professor Rafael Linden fez uma busca na Internet e viu uma homenagem póstuma ao Major Brasil, professor da Universidade Federal do Ceará, então soubemos que ele havia falecido<sup>22</sup>. O Major Brasil fez várias coisas lá no Laboratório de Bioeletrônica, que era ligado ao Departamento de Neurobiologia. Substituição de equipamentos antigos à válvula por transistorizados, novos equipamentos e manutenção do microscópio eletrônico. Além disso, o Instituto tinha um minicomputador, foi o primeiro minicomputador científico, o PDP-12. Ele era ligado a quatro laboratórios que faziam eletrofisiologia, dois laboratórios da Neurobiologia, um laboratório do Doutor Ayres da Fonseca Costa, e um laboratório do Doutor Antônio Paes de Carvalho. Os que mais usavam eram os laboratórios de Neuro. Então eu aprendi a fazer manutenção naquele computador com o Major Brasil, ainda numa época de eletrônica digital discreta.

---

22

<https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2014/6071-ct-homenageia-e-inaugura-bloco-no-dia-do-engenheiro-arquiteto-e-ex-aluno>



Imagem do PFP-12, o primeiro minicomputador científico do Instituto de Biofísica. (Foto de Alair Gomes).

**Wanderley de Souza: Para onde foi esse computador?**

Maurício Tecles: Wanderley, ele foi desmontado de uma maneira que me partiu o coração, porque não havia lugar nem na Universidade para preservá-lo.

**Wanderley de Souza: Como é que o Gattass deixou sumir esse PDP-12, ele não brigou por isso, não?**

Maurício Tecles: Eu acho que ele não estava aqui no Brasil, não me lembro se o Gattass estava nos Estados Unidos. Para mim foi muito triste.

**Wanderley de Souza: Bom, mas poderia estar num corredor, porque aquilo é um dos primeiros, talvez o primeiro computador de pesquisa do Brasil.**

Maurício Tecles: Sim, e foi mesmo. A tecnologia evoluiu, primeiro começamos a usar o Apple II. Ricardo Gattass trouxe um projeto de interface com uma impressora que usava motores de passos. Chegamos a montar e usar a impressora. Depois adaptei o projeto para mover um motor de passos para estudo do reflexo optocinético em gambá, para o Laboratório de Neurobiologia II. Também adaptei um programa em Pascal para o Laboratório de Neurogênese. Depois passamos a usar os IBM PC, computadores pessoais. Eu fiz um projeto usando um computador desses, para que o laboratório do Carlos Eduardo fizesse a coleta de dados do experimento de eletrofisiologia usando PC, e não mais o PDP-12, que estava começando a dar problemas. Aquele era o único laboratório que ainda usava o PDP-12. O Instituto estava crescendo, então ele foi desmontado com certa pressa, para dar lugar a um novo laboratório do Departamento de Neurobiologia.

### **Wanderley de Souza: E foi jogado onde isso?**

Maurício Tecles: Ele foi jogado fora, Wanderley. As peças foram entulhadas lá no subsolo, antes do seu laboratório ser criado, lembra disso?

### **Wanderley de Souza: Lembro!**

Maurício Tecles: Eu tenho a impressão de que o Ricardo Gattass conseguiu guardar um bloco de memória. Ele tinha uma memória de ferrite, ela não apagava, mesmo desligada. Computador bem diferente dos atuais. Realmente deveria estar preservado num espaço reservado ou num corredor, à mostra. É uma pena. O PDP-12 foi desmontado e, naquela sala, foi criado o laboratório do professor Roberto Lent, antes de ele ir para a Anatomia (Instituto de Ciências Biomédicas).

### **Wanderley de Souza: Maurício, uma observação. Você se lembra de um processador de texto que nós compramos com a Pós-Graduação? Tinha uma salinha que ficava lá onde ficavam as meninas que digitavam as teses. E foi a primeira vez que você tinha um texto que podia corrigir, e não começava tudo de novo. Que computador era aquele hein?**

Maurício Tecles: Lembro sim. Polymax, era um sistema usado para edição de textos nos anos 1980. Você lembra da reserva de mercado? Era um problema comprar computadores aqui. Aquilo era um sistema que foi adaptado, nacionalizado, digamos assim. Tivemos dois no Instituto.

### **Wanderley de Souza: A gente chamava processador de texto.**

Maurício Tecles: Processador de texto é um termo geral. Lembro que duas secretárias faziam a edição de teses, projetos e relatórios: Sandra Benedito e Nadja.

**Wanderley de Souza: Eu era o coordenador de Pós-Graduação, e então tive que convencer o Paes de Carvalho, que era o diretor, para comprar aquele negócio, e foi um sucesso! (risos). Mas vamos em frente!**

Maurício Tecles: Nesta época comecei a migrar da eletrônica para a área de computação. Quando eu entrei para a Universidade, chamava-se Computação Eletrônica, tanto que existe o Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ (NCE). Depois passou a se chamar Informática. No final dos anos 1980, os computadores pessoais (PC) ainda eram usados isoladamente. Vários tinham impressora, e quem não tinha, precisava procurar alguém que tivesse para imprimir seu documento, que era levado num disquete. Ricardo Gattass tem uma cabeça fantástica! Estava sempre na vanguarda nessa parte computacional. Quando começaram as redes de computadores, a ligar computadores entre si, ele resolveu que deveríamos fazer a primeira rede do Instituto. E a rede foi montada com cabo coaxial fino, parecido com o usado na TV a cabo antiga, dentro de casa. Tivemos que passar cabos por todos os laboratórios, junto à parede das janelas, nos fundos, de sala em sala, e os computadores eram ligados em sequência. Eram dois cabos por andar, um de cada lado do corredor. Posteriormente, você era diretor, Wanderley, quando o Núcleo de Informática foi criado. Eu fiz uma demonstração, uma impressão de um computador que estava de um lado da sala, numa impressora que estava do outro lado, e a comunicação foi via rede. Embora simples, mostrava algo que não se tinha até então. Era possível imprimir, se comunicar com outro computador que estava a uma distância, que, na demonstração, estava na mesma sala, mas que poderia estar em outro local. A demonstração pode não ter significado muito para alguns.

**Wanderley de Souza: Mas economizou muito com a compra de impressoras.**

Maurício Tecles: Sim.

**Wanderley de Souza: Não existia Wi-fi na época...**

Maurício Tecles: Exatamente! A rede sem fio do Instituto só foi criada bem depois, em 2008, se não me engano, já na direção do Olaf Malm. Antes de termos nossa rede, no início das comunicações entre computadores, não existia uma forma padronizada e difundida. Como já havia um sistema assim no Rio, tivemos o e-mail lá pelo LNCC (Laboratório Nacional de Computação Científica), via BITNET (*Because It 's There Network*). A comunicação era por telefonia, com modem.

**Wanderley de Souza: Só um parêntese. Nessa época, eu me lembro que fui com o Gattass visitar o LNCC, que ainda ficava na Praia**

**Vermelha. Ali dentro, por trás do CBPF (Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas), fomos conversar com o Raupp (Marco Antonio Raupp), que era o diretor do LNCC. Inclusive ele faleceu neste domingo. Foi uma pessoa muito importante para colocar o LNCC em evidência. Depois migrou o LNCC para Petrópolis.**

Maurício Teclis: Sim. Depois desta fase, montamos uma rede Novel, com cabos coaxiais, como já descrevi, e começamos a ter, pela primeira vez, o correio eletrônico lá no Instituto de Biofísica. Foi uma mudança enorme. Na época, era como se começava a comunicar de forma mais rápida com o exterior. Vou abrir parêntese e voltar um pouco no tempo. O técnico José Augusto de Miranda havia montado uma oficina de conserto de automóveis e saiu do Instituto em meados de 1980. Eu fiquei sozinho durante muito tempo. Foi difícil porque eu não tinha muito como compartilhar as ideias de como desenvolver as coisas. Em 1983, comecei a fazer o curso de Pós-Graduação em Sistemas na COPPE (UFRJ). Era impressionante a diferença da COPPE para o Instituto. Enquanto um aluno que entrava num laboratório do Instituto já era ligado em alguma pesquisa, na COPPE não se tinha isso, e eu perguntava: “*O que eu vou fazer como tese?*” Não tinha ideia, não tinha linha de pesquisa. Eu estava migrando de área, saindo da Eletrônica, e não trabalhava com sistemas operacionais. Como não havia linhas de pesquisa e nenhuma ideia foi dada para que eu conseguisse aproveitar no Instituto, perdi a minha Pós-Graduação. Fecho parêntese aqui. Com o crescimento do Instituto, cada vez mais computadores eram ligados em rede. Havia um limite técnico do número máximo de computadores por segmento físico (cabo coaxial). O Instituto demandava cada vez mais. Então foi uma época difícil, porque eu tinha que adicionar mais computadores em rede, o que só prejudicava a comunicação. Outra tecnologia estava emergindo, a que se usa até hoje, com cabos de pares de fio de cobre trançados. Eu fiz um primeiro projeto, no início dos anos 1990, mas era uma época de muita inflação, com pouca verba. Nessa época, acho que você já tinha ido para a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado, e Fernando Mello ficou como diretor.

**Wanderley de Souza: Não, nessa época fui para a Universidade de Campos.**

Maurício Teclis: Eu apresentei o projeto para o Fernando Mello, mas não havia verba, custou a sair alguma coisa. Só depois, com o Plano Real, é que a coisa começou a melhorar e nós conseguimos uma verba da FUJB (Fundação Universitária José Bonifácio), mas não era suficiente. Eu falei: “*Olha, não dá! Eu não vou montar de qualquer jeito, mas não vou mesmo.*” Fui firme! Foi uma época estressante...

**Erika Negreiros: Um à parte: O Ricardo Gattass está entrando no Google Meet agora!**

Maurício Tecles: Opa! Que bom!

**Ricardo Gattass: É um prazer participar de uma coisa em homenagem ao Instituto, porque na verdade isso faz a gente lembrar de coisas do passado, inclusive do saudoso seu irmão, que eu soube que faleceu...**

Maurício Tecles: Obrigado, Gattass! Mas na verdade foi o irmão mais velho, Francisco José Thurler Tecles, que faleceu recentemente com a pandemia. O José Eduardo, que é o Tecles 1, está bem. Francisco fez o sistema de contabilidade, que ainda hoje é usado no Instituto.

**Wanderley de Souza: Ah! Então eu devo ter conhecido ele. Eu não estava lembrando...**

Maurício Tecles: Ele esteve algumas vezes lá no Instituto. Conversava muito com o pessoal da contabilidade, e começou no final da gestão do Olaf Malm. Enfim, infelizmente ele e a mulher tiveram COVID-19. Ela foi hospitalizada, mas conseguiu sair. Ele não conseguiu, faleceu em um mês.

**Erika Negreiros: Muito triste! Esse tempo que a gente está vivendo está muito difícil, muito pesado...**

**Wanderley de Souza: Vamos lá. Estamos agora ao vivo e a cores com o Gattass.**

**Ricardo Gattass: Ao vivo e a cores, é isso aí. É um prazer grande falar com vocês!**

**Wanderley de Souza: Mas está sem um kibe na mão (risos).**

**Ricardo Gattass: Tem que ter um kibe (risos), ou senão aquela costela no bafo lá de Teresópolis (risos).**

**Wanderley de Souza: Isso. Você sumiu de Teresópolis, né?**

**Ricardo Gattass: É... A Cerli (*Cerli Gattass*) está dizendo que nós sumimos de tudo quanto é lugar... (risos).**

**Wanderley de Souza: Gattass, temos alguns pontos que eu queria voltar, um deles foi a questão do velho PDP-12. O que aconteceu com ele? Ainda tem resquícios? Porque ele foi o primeiro computador de porte razoável na ciência brasileira, pelo menos na área biomédica.**

**Ricardo Gattass:** Certamente! Ele veio junto com o PDP-08 do IME (Instituto Militar de Engenharia) em 1967, no prédio da Praia Vermelha. E nós começamos a colocar o PDP-12 no ar, e o pessoal do IME ainda não tinha conseguido colocar o PDP-08 para funcionar. E então, nós fomos lá para ajudar...

**Wanderley de Souza:** E não sobrou nada?

**Ricardo Gattass:** Olha só, eu estava nos Estados Unidos quando eles desmontaram o sistema, e eu lamento horrores porque, inclusive, o pessoal do NIH (*National Institutes of Health*) me procurou porque queriam um PDP-12 lá no museu deles. Quando eu voltei dos Estados Unidos, nem o rack do PDP-12 a gente não via mais, desapareceu mesmo.

Maurício Tecles: Gattass, eu estava dizendo aqui o quanto eu lamentei o modo como foi desmontado, porque foi feito com muita pressa para liberar espaço. Porque eu tentei fazer compreender que aquilo tinha que ser desmontado de uma forma que pudesse ser remontado, mas isso leva tempo. Tudo foi sucateado e jogado no subsolo, onde, posteriormente, seria construído o laboratório do Wanderley.

**Wanderley de Souza:** E foi uma pena, porque eu estava justamente aqui querendo propor para a equipe do museu fazer uma exposição da história da computação no Instituto, porque ele sempre foi pioneiro em tudo. Eu estava falando sobre o processador de texto que ficou lá para a Pós-Graduação, para teses. Vinha gente de tudo quanto é lugar porque estava todo mundo querendo usar. O melhor que tinha eram aquelas máquinas IBMs com corretora. Então, tudo isso, a questão da rede que você comentou, a rede interna de computadores, acho que isso merecia...

**Erika Negreiros:** Uma exposição resgatando essa história.

**Ricardo Gattass:** Um capítulo à parte.

**Wanderley de Souza:** São coisas da história da instituição...

**Erika Negreiros:** Infelizmente, isso a gente via muito, e ainda vê acontecer dentro da Universidade. Melhorou um pouco, mas a questão da memória ainda é muito pouco valorizada. Muitas pessoas não entendem a importância de um objeto, que pode ser obsoleto para a pesquisa científica, por exemplo, mas que passa a ter uma

**importância e ser ressignificado como Patrimônio Cultural Científico. Tem um significado na memória e na história, então não é para jogar fora...**

**Wanderley de Souza: Mas desse lado da história, Maurício, você pulou um ponto que para a gente é importante, que é como você chegou na Biofísica?**

Maurício Tecles: Como eu tinha falado anteriormente, comecei estagiando no Laboratório de Bioeletrônica em 1977, com o Major Brasil. Devo ao Ricardo Gattass a minha passagem pelo Instituto. Ele apareceu por lá, me conheceu, e, da porta, com um papel em mãos, me disse: “*Me dá seu nome aqui.*” Anotei meu nome e consegui uma bolsa de iniciação científica para mim. E ali eu comecei o meu estágio no Instituto. Em junho de 1979, fui contratado como engenheiro pela FUJB, e fiquei trabalhando no Instituto. Um tempo depois, surgiu a oportunidade de eu ir para a Embratel. Bom, eu precisava pensar, a permanência na FUJB não seria por muito tempo, sabíamos disso. Então eu considerei muito ir para a Embratel. Era uma oportunidade muito boa para mim. Conversei com o Carlos Eduardo, falei que estava saindo do Instituto e que iria para a Embratel. Carlos Eduardo não me falou, mas, providenciou com o reitor que eu permanecesse na Universidade, me colocando no quadro de Analista de Sistemas da UFRJ. E, um certo dia, ele e Roberto Lent me chamaram no escritório, e eu já estava considerando como aviso prévio. Carlos Eduardo disse que tinham uma proposta para mim, que eu seria colocado no quadro de Analista de Sistema da UFRJ para que eu continuasse no Instituto, e que tinha um salário melhor que o da Embratel, na época. Eu caí sentado! Porque jamais esperaria aquilo, só faltava assinar com a Embratel. E eu fiquei... Com o coração na mão. Isso foi em 1986.



Maurício Tecles com Carlos Eduardo Rocha Miranda, no Laboratório de Bioeletrônica, no início da década de 1980.

**Wanderley de Souza: Praticamente dez anos depois que você entrou, né?**

Maurício Tecles: Exatamente! Bom, então aceitei. Entrei para o quadro de Técnico Administrativo, acho que em primeiro de setembro de 1986, saiu publicado e eu passei assim a ser efetivo da UFRJ. Nessa época, o Gattass vai lembrar muito bem, estava começando a comunicação por computadores, e-mail, redes Novel. A Novel tinha lançado um sistema para redes, apressou a montagem de redes na época, faz parte para quem estuda história de redes. E não demorou para o Gattass aparecer com um sistema Novel, não é Gattass?

**Ricardo Gattass: Lembro! E depois nós instalamos um servidor, que não sei de onde compramos, que o Peter foi lá fazer a instalação.**

Maurício Tecles: Sim, foi lá me ensinar e eu aprendi o sistema Novel para gerenciá-lo. Eu me lembro muito bem, mais uma vez o Gattass, impulsionando minha experiência profissional. Mudei de área, montamos a rede com o cabo coaxial. Como comentei anteriormente, nós tínhamos segmentos dos dois lados dos corredores em cada andar, e eram ligados por um equipamento central que conectava todos, mas isso tinha uma limitação técnica.

**Ricardo Gattass: De banda, né? Por causa do coaxial...**

Maurício Tecles: Não só com a banda do coaxial, mas o limite de computadores. E a gente já estava no limite, e o Instituto crescendo, querendo colocar mais computadores, e eu falava que não podia. Mas os pedidos eram para ligar, ligar, ligar! E eu ia lá e ligava, contra vontade, porque sabia que, tecnicamente, só ia piorar a rede. Já no início dos anos 1990, eu fiz o projeto de rede com cabos de par trançado, que é a tecnologia que ainda se usa. As técnicas de comunicação estavam melhorando e existiam várias formas de montar, e eu comecei a estudar o assunto, na época pela Internet, do jeito que tínhamos. Então tive que aprender muita coisa sozinho. Levei o projeto ao Fernando Mello, diretor na época, mas não havia verba. Como comentei, posteriormente, conseguimos uma verba inicial da FUJB, mas não era suficiente e não montei porque teríamos problemas futuros. A FUJB também deu uma verba para o ICB, e montaram a primeira rede no CCS, antes da nossa, com cabos de par trançado, no bloco F. Eu fui lá na inauguração, cumprimentei o Roberto Lent, e fui meio insolente e falei: *“Parabéns, o dia em que vocês precisarem crescer, vocês terão problemas, pois não consideraram o crescimento.”* E assim foi. Se vocês forem ver hoje a rede deles lá, é um varal de fios pendurados por todo lado, uma loucura aquilo lá. E foi por isso que eu não montei com a verba inicial. Eu vi a rede crescer com cabo coaxial e fiz pé firme. Estavam quase me colocando no olho da rua! (risos). Quando Antonio Carlos Campos de Carvalho assumiu a direção, depois do Plano Real, a coisa melhorou e conseguiu-se, finalmente, uma verba da FAPERJ. Somada à da FUJB, foi possível montar a rede. Para se ter uma ideia, isso já era no final dos anos 1990! Para ver quantos anos se passaram! Eu comecei no início dos anos 1990, e foram sete anos fazendo projetos, que eu tinha que ir atualizando, até conseguir montar. E então começamos a montar no início dos anos 2000. A Cisco é uma grande fabricante de equipamentos e sistemas de rede, e foi a principal empresa que causou o “boom” da Internet. Eles criaram roteadores e, por isso, permitiu-se a ligação entre redes, o que se chama de Internet (entre redes). Isso foi em meados de 1984. Ela foi a número um no mundo inteiro. Por uma coincidência dessas da vida, a Cisco convidou o NCE da UFRJ para ser uma academia de formação de pessoal na área de redes e para aprender a trabalhar com equipamentos da Cisco. Quem era da área e fosse trabalhar com rede iria esbarrar com equipamento da Cisco, já que era a principal fornecedora. Então criou-se uma academia da Cisco Networking Academy no NCE. Professores e colaboradores do NCE foram treinados para serem instrutores do curso. Para a primeira turma de alunos, eles convidaram os administradores de redes da UFRJ que eles conheciam, e me chamaram para fazer o curso. Fiz o curso ao longo de um ano e pouco, em quatro módulos. E eu fui muito bem. Me convidaram para ser instrutor daquele curso. Eu fiz isso em 2001. Mas, em paralelo, estávamos montando a nossa rede, e o curso era durante o dia, três vezes por semana. Houve um certo estresse enquanto montávamos a rede do Instituto, eu estava no curso pela manhã, e passava as

tardes lidando com a companhia que estava montando a rede, e resolvendo os problemas. Demorou para montar porque muitas vezes tínhamos palestras, aulas, provas no Instituto, enfim, não se podia fazer barulho. Mas fomos montando e eu fui me formando. Aquele curso foi vital para mim e para a rede do Instituto também. Em 2002, eu já tinha me formado instrutor, comecei a dar aulas aos sábados o dia inteiro, e foi exatamente quando eu comecei a voar de planadores. Terminamos de passar os cabos, instalamos os equipamentos já programados por mim e começamos a ligar os computadores na rede. Bem, os problemas que existiam com a rede em coaxial acabaram. Funcionava que nem um relógio suíço, uma beleza.

**Erika Negreiros: Em que ano foi isso, Maurício?**

Maurício Tecles: Se não me engano, em 2002. Quando tínhamos os computadores ligados em coaxial em dez segmentos, cada segmento com cerca de 30 computadores. Nós montamos 350 pontos de conexão de rede para computadores nos laboratórios com par trançado. Tecnicamente, deveríamos ter dois gabinetes com equipamentos em cada andar, pois o prédio tem 120 metros de comprimento. Embora tivéssemos bastante verba, pensei: *“Não dá, eu não posso cortar o equipamento no meio para colocar meia dúzia de portas num andar e meia dúzia de portas no outro”* (risos). Então eu tive que montar de maneira diferente. Nesse ponto eu rompi um pouco com a parte técnica que recomendava dois gabinetes por andar. Mas foi possível montar sim, criei dois gabinetes no subsolo do bloco G, agregando os cabos dos três andares. Funcionou muito bem e só fui modificar pouco tempo antes de sair. Eu montei um novo gabinete com equipamentos exclusivamente para a administração no primeiro andar. Fiz isso para poder ter mais espaço e colocar equipamentos de rede sem fio adicionais.

**Wanderley de Souza: Maurício, você ficou até que data? Quando é que você saiu?**

Maurício Tecles: A publicação da minha aposentadoria saiu em primeiro de fevereiro de 2019. Eu trabalhei muito tempo sozinho quando eu era jovem. Várias coisas se somaram para a minha saída, que considero que foi prematura. Eu não queria sair, só saí porque cheguei num ponto de estresse que não dava mais, havia ficado sozinho novamente no Núcleo de Informática. Marta, do setor de pessoal, me disse: *“Você tem seis meses de licença-prêmio e férias, não vai perder isso!”*. E ela conseguiu, iniciei minha licença por volta de 13 de junho de 2018.

**Wanderley de Souza: Quando você saiu, em que situação ficou essa área no Instituto? Como é que você vê esse quadro hoje?**

Maurício Tecles: Fiz uma palestra antes de sair e mostrei como era a rede, os sistemas, e que não havia motivo para a rede parar de funcionar. Também foram apresentados os contratados para fazer a administração de rede. Uma coisa que me preocupou foi o prédio novo do Instituto. Eu vi a planta, na época a Denise era a diretora e eu comentei que, não sei no Brasil, mas lá fora as normas de construção de um prédio exigem uma área centralizada para equipamento de comunicação. Eles não falam equipamentos de rede, não existe diferença entre telefonia e computação. A tecnologia hoje é uma coisa só, e eu não vi isso no projeto. Nossos arquitetos parecem não saber disso, então eu falei que isso não estava bom. Não sei depois, se a superintendência da TIC (*Superintendência Geral de Tecnologia de Informação e Comunicação, SG-TIC*), por onde o projeto provavelmente passaria, fez algum adendo relacionado à exigência de uma área de TI.

**Wanderley de Souza: Eu vou até verificar isso, porque eu estou me mudando para o prédio novo... Eu vou dar uma checada nisso com o Antônio Carlos que é quem modelou a base toda do prédio...**

Maurício Tecles: Nós estamos no século XXI, fazer um prédio que não tem uma infraestrutura para a rede atual vai durar quantos anos? O projeto tem que ter a infraestrutura preparada para abranger, pelo menos, cinquenta anos.

**Wanderley de Souza: E agora, o que você está fazendo? Está voando?**

Maurício Tecles: Infelizmente não. O Rio de Janeiro é antiaéreo, como diz um colega meu. Só para você ter uma ideia, quando eu falei que ia voar e passar o final de semana fora, nós dirigíamos 350 km até Caçapava, São Paulo, para voar num clube decente, o CVV CTA (*Aeroclube de voo a vela CTA*), que é um clube que nasceu dentro do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA). Então você imagina os custos disso, da viagem, passagem, gasolina, pedágio, hotel mais o voo. Voar é caro! O que pagava isso era o curso da Cisco, no NCE, onde eu dava aula à noite. O curso não existe mais. O que eu tenho feito, principalmente com a pandemia, é mexer com imagens de satélite com programas de GIS (*Geographic Information System*). São imagens de várias frequências que você pode juntar, montar uma imagem e analisar para ver várias coisas. Dá para analisar a qualidade da vegetação, classificar o solo, saber se o solo tem vegetação, se tem água, se é árido... recentemente, eu estou me divertindo com a questão do voo. Eu resolvi fazer minhas cartas de voo e mapas personalizados. Fiz para um colega da área de Bebedouro, São Paulo, onde é muito bom de voar. Fiz uma lá para Caçapava, e vou fazer uma na Bahia, no município Luís Eduardo Magalhães, onde vai haver o Panamericano de planadores ano que vem. O Brasil vai sediar o Panamericano aqui. A Bahia tem uma área com muito calor e muita

amplitude térmica. Uma área seca que é propícia para o voo de planadores, por isso o Panamericano vai ser lá. Já estou em contato com a presidente da Federação Brasileira de Planadores, que é colega de voo.

**Wanderley de Souza: Quer dizer, você está se divertindo...**

Maurício Tecles: Pois é, estou aqui em casa e arranjei o que fazer para não ficar apodrecendo. Botar a cabeça para trabalhar e me divertir um pouco com as coisas de que eu gosto, ligadas a planador. Eu só queria acrescentar uma coisa, como eu falei nessa palestra antes de sair: eu sempre tive muita sorte na minha vida, com as pessoas que me abraçaram, que me receberam como o Gattass, Carlos Eduardo, Roberto Lent, pessoas que me impulsionaram na vida, o Instituto que me abraçou, me recebeu do jeito que eu sou, quieto, não sou muito efusivo, então eu só tenho muito a agradecer e lamento ter tido esse estresse todo no final. Não queria sair tão cedo do Instituto, não, eu confesso...

**Wanderley de Souza: Ah! Mas ainda pode voltar?**

Maurício Tecles: Vamos esperar, se essa pandemia melhorar...

**Wanderley de Souza: Sabe, eu tenho uma técnica, a Noêmia (Noêmia Gonçalves), que também se aposentou. Agora eu arranjei uma bolsa para ela porque ela era a melhor técnica que eu tinha no laboratório. E ela já estava ficando estressada em casa. Então ela voltou à atividade. E surgiu uma coisa boa que foi o Mestrado Profissional. E isso fez com que muitos técnicos fizessem o curso. E agora está se discutindo o doutorado profissional dentro da instituição. Então, você está muito novo ainda! Vejo que você está com cara boa para voltar ao trabalho (risos).**

Maurício Tecles: Sim, pois é. Antes de sair, de me aposentar, eu encontrei com a Doutora Doris (*Doris Rosenthal*) no corredor. Falei: Doutora Doris, eu tenho vergonha de dizer à senhora que eu estou me aposentando, porque a senhora é um ícone.

**Wanderley de Souza: Maurício, acho o seguinte, nos nossos planos de montar uma oficina eletrônica, vamos lembrar de você, viu?**

Maurício Tecles: Ih! Mas eu não sei mais nada de eletrônica, que hoje é totalmente diferente...

**Wanderley de Souza: Eu sei, mas olha bem, você se adapta. Eu acho que hoje é tudo mais fácil, porque você termina fazendo os testes e já compra as coisas e substitui. Eu me lembro do Major Brasil, para trocar aquelas válvulas do microscópio. Aquilo era um negócio muito mais complicado. A gente está chegando a conclusão agora,**

**pelo menos lá no CENABIO, de que a gente vai precisar montar uma oficina eletrônica, mecânica... Porque está absolutamente impossível a assistência técnica. Às vezes, por causa de uma coisa relativamente simples, você tem que gastar 15 a 20 mil reais para chamar alguém.**

Maurício Tecles: Mas você sabe que isso existia lá. A Neurobiologia usava muito isso.

**Wanderley de Souza: Eu sei disso, muito equipamento... O Gattass cuidou muito das oficinas. Se dedicou muito às oficinas mecânicas, de marcenaria, eletrônica e material, com seu Osvaldo e com Célio. Foi uma coisa que nós perdemos e agora a gente vai montar uma coisa dessa. Tem até um espaço para fazer a montagem de umas oficinas básicas, e tem gente de eletrônica de uma área até de modificação dos equipamentos. Às vezes, você compra o equipamento pronto, quer fazer uma modificação e não consegue... Maurício, escreve um anexo ao texto sobre a história da computação e da informática dentro do Instituto. Você é a pessoa que conhece bem isso, porque acompanhou desde o PDP-12, que era um computador de uso restrito para experimentos, até a questão do processamento de texto, depois a montagem da rede. Então tem um componente histórico e evolutivo.**



Maurício Tecles no Setor Financeiro do IBCCF, em 2018. Gabriela Sevilha Gonçalves de Menezes, Maria Helena do Amaral (Malet), Maurício Tecles, Maria Claudia Pires Fernandes, Solange Correa Soares e Rafael Correia Teixeira



Comemorações no IBCCF. Imagem da esquerda, em dezembro de 2017 - Antonio Carlos Campos de Carvalho, Sandra Brito, Maurício Tecles e Ricardo Gattass. Imagem da direita, em Janeiro de 2020 - Maurício Tecles com Patrícia Gardino e Sandra de Brito Oliveira.

## NILSON DOS SANTOS

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 09/08/2021

**Wanderley de Souza: Quando é que você entrou no Instituto de Biofísica? E como é que você chegou aqui? O que foi que te interessou, como é que você soube?**

Nilson dos Santos: Entrei no final de 1983. Eu conhecia o Eduardo Braga, lembra? Ele me indicou para a Lilian, na época responsável pela xerox.

**Wanderley de Souza: Secretário lá do nosso departamento.**

Nilson dos Santos: Isso. A Lilian estava procurando alguém para trabalhar na xerox, aqui onde é a Lucia Previato. Eduardo me indicou, eu vim, conversei com a Lilian, que está na Praia Vermelha agora. A Lilian acabou optando por um senhor que tinha três filhos e que estava desempregado há algum tempo. O rapaz veio, só que não deu conta. Uma hora, sem dar satisfação, abandonou a xerox e foi embora. Então ela me ligou desesperada, se eu podia vir. Eu falei: “claro!” Eu trabalhava com Moacir, lembra do Moacir? Tricolor... Alguém, inclusive, me disse que ele faleceu, eu não sabia. Ele foi para a xerox do bloco A, um senhor grisalho.

**Wanderley de Souza: Eu sei, mas não sabia que tinha falecido, não.**

Nilson dos Santos: Eu queria até confirmar. Porque, coincidentemente, uma amiga disse que ele era quase como um pai para ela, um segundo pai. E eu nem sabia que ela o conhecia. Eu comecei a trabalhar na xerox, um belo dia chegou o Roberto Lent e o professor Eduardo Rocha Miranda, perguntando se eu não tinha interesse em trabalhar no laboratório. Falei: “Ué, claro!”. Fui para a Neuro, naquela época era tudo compartilhado!

**Wanderley de Souza: Tudo era junto...**

Nilson dos Santos: O Rafael Linden dividia. Era uma sala onde eles ficavam.

**Wanderley de Souza: É... Era o Carlos Eduardo Rocha Miranda.**

Nilson dos Santos: Na época as mesas ficavam de frente. Então Roberto Lent e Rafael Linden, Ricardo Gattass e Carlos Eduardo Rocha Miranda. Então eu comecei! Eu trabalhava de manhã para um e à tarde para outro. Eu invertia na manhã seguinte, se eu tivesse trabalhado para o Linden à tarde, eu ia trabalhar com o Lent. Isso foi em 1984.

**Wanderley de Souza: 1984... E o que você fazia lá no laboratório, qual era a sua atividade principal?**

Nilson dos Santos: Eu comecei fazendo histologia, fazendo colorações, processando tecidos, fazia cortes, corava. Criostato era a minha área principal. E depois veio a fotografia também. Porque naquela época a gente fazia tudo!

**Wanderley de Souza: E o Eduardo Osvaldo Cruz gostava muito de fotografia, ele era um fotógrafo.**

Nilson dos Santos: Ele e o Babinho, lembra do Babinho (*Gustavo de Oliveira Castro*)? O Babinho desenhava, que era coisa de outro mundo!

**Wanderley de Souza: Babinho era mais um desenhista do que um fotógrafo.**

Nilson dos Santos: E naquela época a gente fazia muitas pranchas! Porque você tinha que fotografar e para fazer o arquivo para publicar o artigo, você tinha que ir lá com aquelas fotos fazer muita montagem.

**Wanderley de Souza: Os desenhos do Babinho valeriam a pena em uma exposição. Porque tem certas coisas que o espaço é limitado. Mas hoje, com essas telas grandes de televisão, pode fazer uma exposição com os esquemas dos papers, desde o peixe-elétrico lá do início, até as outras coisas, dos desenhos de equipamentos que ele projetou!**

**Erika Negreiros: Aqui no Museu (*Espaço Memorial Carlos Chagas Filho*), tem o desenho daquele Ultramicrotomo Potter-Bloom, que é de vocês, Wanderley, e está emprestado para a exposição. O desenho dele é perfeito, porque as linhas não estão todas ligadas, mas você tem a noção da estrutura...**

**Wanderley de Souza: Quando ele desenhou isso, ele queria construir um ultramicrotomo. Aquilo é de mil novecentos e cinquenta e poucos! Então ele gostava de construir e projetar equipamentos. Eu não sei se ele chegou a construir algum, mas ele projetava, com aquelas engrenagens todas...**

Nilson dos Santos: O seu Raymundo (*Raymundo Bernardes*) também fazia muito, porque naquela época a gente não tinha, e equipamento era muito caro.

**Wanderley de Souza: Tinha que improvisar!**

Nilson dos Santos: Os agitadores seu Raymundo andou fazendo, usava motor de ventilador. Lá em cima a gente inventava um monte de coisa naquela época!

**Wanderley de Souza:** Era improvisado, por isso é que as oficinas surgiram por uma iniciativa do Eduardo Osvaldo Cruz, foi ele um grande incentivador, porque ele precisava daquilo. Então o Gattass gostou, aprendeu a usar o torno, aquelas coisas todas. Às vezes o Gattass era muito estourado. Ele encomendava algo com o seu Osvaldo... **Você não pegou o seu Osvaldo?**

Nilson dos Santos: Não, ele tinha saído. Quem chefiava era o Célio Coelho.

**Wanderley de Souza:** Então, quinze dias depois não estava pronto o que ele encomendou... *“Ah! Mas não sei o que... Sou eu mesmo que vou fazer”* (risos...). Ele entrava, pegava e fazia! O Gattass fazia essas coisas todas. Enfim, então você ficou fazendo sobretudo a parte **histológica?**

Nilson dos Santos: Principalmente histologia em rato.

**Wanderley de Souza:** Mas gambá ou primata também?

Nilson dos Santos: Só rato. Gambá era com Gattass. A gente fazia desde a perfusão até o processamento final.

**Wanderley de Souza:** Sabe porquê? Isso é outra coisa, aqui o Instituto está desaprendendo a trabalhar com animal, todo mundo é com cultura de células.

Nilson dos Santos: E outra coisa: antigamente os alunos faziam tudo, hoje em dia o cara não sabe fazer uma diluição, um negócio bem esquisito... Antigamente todo mundo fazia tudo.

**Wanderley de Souza:** No caso dele, não tinha muito esse negócio de esterilização porque não tinha negócio de cultura de células, não é?

Nilson dos Santos: Não, mas a gente trabalhava também com cultura de células. Tinha uma “areazinha” na época da Elizabeth Giestal, ela que implantou cultura de células, ela e a Luísa Pinhon.

**Wanderley de Souza:** Porque hoje é o Rafael (*Rafael Linden*), a Rosália (*Rosália Mendes-Otero*). Tudo cultura de células. Animal de maior porte é só o Gattass lá com os macacos dele.

Nilson dos Santos: Isso, os primatas...

**Wanderley de Souza:** Gambá pelo visto acabou.

Nilson dos Santos: Gambá... Sabe que eu não sei? Eu não vejo há muito tempo gambá!

**Erika Negreiros:** Paulo Coutinho falou que não tem mais gambá.

**Wanderley de Souza: Agora só primatas e ratos. E você está lá, até hoje você está mais ligado com quem?**

Nilson dos Santos: Sempre lá, desde 1984 com Rafael Linden. Foi na época que houve a divisão, quando o Roberto Lent criou seu laboratório. Ele queria que eu fosse, mas o Rafael não abriu mão...

**Wanderley de Souza: Os dois contemporâneos! Contemporâneos, não! O Lent é mais velho uns três ou quatro anos.**

Nilson dos Santos: Inclusive, quando entrei no laboratório, o Rafael estava na Inglaterra.

**Wanderley de Souza: Porque os dois “Eduardos”, o Osvaldo Cruz e o Rocha Miranda, foram os criadores da coisa. Depois veio o Gattass, Lent e Aglai Penna Barbosa. Aliás, eu não vejo a Aglai há muito tempo...**

Nilson dos Santos: A gente se encontra às vezes, quer dizer, tem tempo, antes da pandemia. Porque quando eu faço um churrasquinho em casa, eu a convido também!

**Wanderley de Souza: Depois que ela se aposentou, passou a ficar viajando. Então, essa é uma turma mais antiga. Depois surgiu a Leny (Leny Alves Cavalcante). Mas a Leny ficou com um laboratório separado, depois que o Couceiro (Antonio Moreira Couceiro) faleceu. Você chegou a lidar com o Couceiro?**

Nilson dos Santos: Não, ele tinha falecido. Mas o Aristides (*Aristides Pacheco Leão*), sim.

**Wanderley de Souza: Aristides, Doutor Hiss (Hiss Martins Ferreira), Romualdo (Romualdo José do Carmo), essa turma toda!**

Nilson dos Santos: Isso, isso! A esposa do Romualdo era secretária do Doutor Chagas. A dona Leda. Essa sala aqui, eu estava falando outro dia, nessa sala eu acho que ficava quem fazia importação.

**Wanderley de Souza: O português Manoel Oliveira, só chamavam ele de Seu Oliveira.**

Nilson dos Santos: Isso, Seu Oliveira. A sala era só planta!

**Wanderley de Souza: Ele fazia um jardim aqui dentro da sala... Sempre de gravata, não é isso? Suspensório!**

Nilson dos Santos: Naquela época tinha esse lance de pouca foto, pouco evento. Eu acho que eu tenho uma foto do primeiro churrasco que eu participei aqui. Lembra quando, no lugar que é a churrasqueira agora, a gente improvisou ali

uma churrasqueira e uns negócios com uns tijolos amontoados... era ali que acontecia.

**Wanderley de Souza: Ali tinha o futebol e essas coisas. Então quer dizer que você já teria tempo para aposentar, não é? Mas está resolvendo continuar firme aí?**

Nilson dos Santos: Sim, continuo! Ah! esse lance de fotografia, teve a Catarine, que virou a chefe da fotografia lá embaixo numa época.

**Wanderley de Souza: Você sabe que eu tive um fotógrafo no meu laboratório também? O pessoal só o chamava de JC, José Carlos.**

Nilson dos Santos: Ah! Ele está de volta ao Brasil!

**Wanderley de Souza: Pois é, o JC era fotógrafo de paparazzi. Vivia tirando fotos, ia para Angra dos Reis, ia para aquelas ilhas, Ilha de Caras. Entrava no bar escondido à noite... Ele vendia fotografia para a Manchete.**

Nilson dos Santos: Ele chegou a ser o cara lá dessa revista Caras em Nova York. Ele que fotografava e mandava.

**Wanderley de Souza: Mas é isso aí. Eu acho que essas fotografias são muito importantes. Quem deixou muita foto boa aqui do Instituto foi o Alair Gomes, que era um famoso fotógrafo profissional. Ele gostava muito de fotografar corpos masculinos seminus. E obviamente isso, numa certa época, uma exposição de fotos de nu masculino era complicado. Mas ele fez nos melhores lugares, Biblioteca Nacional, em Paris. Inclusive, teve uma exposição dele recente, bem depois de seu falecimento.**

**Erika Negreiros: Ele é muito conhecido, tem até um documentário sobre ele (*A morte de Narciso, dirigido por Luiz Carlos Lacerda*).**

**Wanderley de Souza: Teve também um biógrafo argentino, César Lorenzano, que me contactou por causa do que eu tinha escrito sobre D. Hertha.**

**Erika Negreiros: Você me apresentou a ele! Ele até visitou o Espaço Memorial em 2017. Ele estava pesquisando sobre a pesquisadora Eugenia (*Eugenia Sacerdote de Lustig*).**

**Wanderley de Souza: Exatamente! Que foi aluna de D. Hertha. Ficamos amigos, eu fui à Buenos Aires. Saímos para jantar e ele me**

**levou numa exposição dele, mas só de seios femininos numa faixa etária de dezoito a vinte e poucos anos. Mas fotos artísticas com iluminação. A iluminação mudava completamente o jeito, a forma de ver... E tinha muita gente, dava para perceber que ele era conceituado. Esse negócio de história da biografia de pessoas é um hobby dele. O profissional dele era a fotografia.**

Nilson dos Santos: Quem fotografava bem era a Jan Nora Hokoç. Acho que ela fez um curso com Sebastião Salgado. Ela tinha foto até no site da Kodak.

**Wanderley de Souza: Quando a Nora entrou aqui, eu já estava. Ela entrou aqui na pós-graduação e foi para o laboratório do Oswaldo Cruz, ele foi orientador dela. Ela desceu para trabalhar lá com o Doutor Raul (*Raul Dodsworth Machado*), para fazer várias coisas. Então, Doutor Raul adorava fotografia e ela foi se empolgando com a fotografia.**

**Erika Negreiros: Nilson, você é químico?**

Nilson dos Santos: Não, eu comecei a fazer Biologia, mas nem terminei.

**Wanderley de Souza: Você começou a fazer onde?**

Nilson dos Santos: Na Gama Filho. É que na época ainda era o vestibular, achei que tinha passado para a UNIRIO, e perdi a prova da UFRJ. Então passei para a Gama Filho. Mas depois fui perdendo o “pique”. Hoje em dia eu costumo dizer que me tiraram da tomada. Acho que a pior coisa que pode acontecer com alguém é perder a curiosidade. E eu acho que foi o que aconteceu comigo.

**Wanderley de Souza: Mas sempre se recupera. O que se perde, ganha! Eu tive uma aluna do CEDERJ, em torno de sessenta anos, entrou, fez o curso de Biologia por educação à distância, se formou. Depois veio fazer pós-graduação, e hoje é professora na UNIRIO. Eu acho que isso foi uma coisa que faltou aqui no Instituto, foi um estímulo aos técnicos mais experientes seguirem uma carreira superior. Após o superior, vem o Mestrado Profissional aqui, que para muitas pessoas, ao se aposentar, dá um outro nível, dá uma melhorada e isso é importante. Agora já está em discussão o Doutorado Profissional.**

**Erika Negreiros: E também a questão dos técnicos mais experientes darem um curso de formação para os que estão chegando.**

**Wanderley de Souza: Pouquíssima gente sabe fazer perfusão.**

Nilson dos Santos: Perfusão, dissecação... A gente estava até agora a pouco fazendo dissecação geral: Cérebro, pulmão, tudo! Foi um experimento de transfecção com o vírus para ver o caminho todo, o que acontece desde o sistema visual.

**Wanderley de Souza: Mas hoje tem técnicas boas de transfecção em que qualquer organismo fica luminescente.**

Nilson dos Santos: Isso, então ele vai percorrendo. Estava vendo se há alguma alteração nos órgãos, como é colorido, você consegue ir seguindo o caminho que o vírus percorreu e vai vendo os órgãos que te interessam.

**Wanderley de Souza: Vocês usam o sistema lá do CENABIO? Porque você pega o animal inteiro, injeta e vê aonde está indo. Mas neste caso não precisa sacrificar o animal, é o animal vivo. Todo o dia pode estar mudando...**

Nilson dos Santos: Percorrendo e acompanhando o caminho do vírus...

**Wanderley de Souza: Agora, você ter a pessoa que pega o animal e sai identificando os órgãos que interessam, tem pouca gente treinada. A maioria consegue, mas vai estraçalhar todo o animal.**

**Erika Negreiros: Tem que ter a técnica!**

**Wanderley de Souza: Muito bem... e tem mais alguma coisa que você queira comentar?**

Nilson dos Santos: Não estou lembrando de mais nada, não!

**Erika Negreiros: Você conheceu a Adriane (*Adriane Todeschini*) aqui no Instituto?**

Nilson dos Santos: Na verdade eu a vi num churrasco na casa de uns amigos em comum, um pessoal de Belém que gostava de fazer festa “pra caramba”. Estava o Zé, lembra do Zé?

**Wanderley de Souza: Lembro, Zé Luiz!**

Nilson dos Santos: Festeiro, jogador de bola, peladeiro... Eu a encontrei no churrasco. A gente mora junto desde o primeiro dia!

**Erika Negreiros: Amor à primeira vista! (risos).**

**Wanderley de Souza: Ela entrou aqui tem uns quinze anos?**

Nilson dos Santos: Não pode ser quinze anos, porque a gente está junto vai fazer vinte e nove anos neste ano.

### **Wanderley de Souza: E foi aqui que você a conheceu?**

Nilson dos Santos: No primeiro mês que ela veio fazer o mestrado. Ela fez doutorado em 1998 em San Diego (*University of California System, UC System*). Depois fez pós-doc em Seattle (*University of Washington*), a gente morou em Seattle em 2005, 2006 e 2007.

### **Wanderley de Souza: E o que você fez enquanto estava lá?**

Nilson dos Santos: Em San Diego, fui peão de obra e trabalhei no laboratório dela. Trabalhava de manhã como voluntário, no laboratório do Ajit Varki. Eu trabalhei com a esposa dele, Nice Varki, fazendo histologia em tecido humano que recebia do hospital. Por exemplo, o cara queria uma amostra de pulmão que foi de um paciente com câncer. Eu fatiava, fazia as lâminas e a coloração que a pessoa queria, e devolvia o tecido.

### **Wanderley de Souza: Quais são as colorações que você faz mais frequentes?**

Nilson dos Santos: Dessas colorações em geral, o vermelho neutro é um corante específico, para caracterização da estrutura celular, ele só marca citoplasma, o núcleo da célula. Hematoxilina e eosina a gente fazia de rotina. Cresil violeta é uma coloração que se usou muito, também é estrutural, eu fazia bastante. Na época, a única pessoa que usou muito com parafina, se não me engano, foi a Luzia Pinhon. Ela trabalhava com apoptose, então o Cresil é bom para marcar o núcleo picnótico.

### **Wanderley de Souza: Então isso foi na primeira vez, e a segunda foi para onde?**

Nilson dos Santos: A segunda fui para Seattle, para o laboratório do Sen-itiroh Hakomori.

### **Wanderley de Souza: Subiu, mais frio...**

Nilson dos Santos: Ôh! “Bota” frio nisso. Sabe do que eu sinto saudade de lá? Acho que das pessoas. Rock'n'roll em tudo que é esquina (risos). Chegava num “pubzinho” lá perto de casa, a gente morava numa área bem festiva no centro, chegava lá, pagava cinco dólares. Três bandas de rock.

### **Wanderley de Souza: E lá você trabalhava de manhã?**

Nilson dos Santos: Eu trabalhava a semana inteira e fim de semana trabalhava numa obra de um amigo que conheci lá, casado com uma brasileira. Ele comprava casa de condomínio para reformar e revender. Eu fiquei trabalhando com ele um bom tempo. Mas durante a semana trabalhava no laboratório com cultura de células.

**Wanderley de Souza: Você tem uma boa formação técnica, não é?**

Nilson dos Santos: Tenho... De lá a gente foi para o Japão. Porque o Hakomori já estava com uma certa idade e não estava conseguindo *grants* nos Estados Unidos, mas conseguia muita coisa do Japão. Na época ele tinha setenta e poucos anos, ele ia para o Japão e, quando retornava, ele ia direto para o laboratório. A gente saía às sete horas da noite do laboratório e ele continuava lá. Ele começava fazendo planos para quinze, vinte anos adiante.

**Wanderley de Souza: Qual era a temática principal dele?**

Nilson dos Santos: Câncer.

**Erika Negreiros: Você foi para o Japão nessa fase de Seattle?**

Nilson dos Santos: Fui quando estava em Seattle, porque foi aniversário dele, ele foi homenageado. O encontro foi em Tokushima. Depois do evento, fomos para Tokyo, Kyoto, Narita e Fukushima.

**Wanderley de Souza: Quem vai ao Japão tem que visitar a cidade de Kyoto. Tokyo é uma bela cidade, mas tem que passar por Kyoto e Nara. É o ponto turístico do Japão.**

Nilson dos Santos: Nara foi a antiga capital do Japão.

**Erika Negreiros: E comer comida japonesa no café da manhã, almoço e jantar (risos).**

Nilson dos Santos: Ah! A Adriane adora comida japonesa, mas eu não... Nordestino tem que ter feijão, arroz... Ah! Não dá. Meu filho de onze anos, por ele, come todo dia sushi. Eu enjoei até de salmão, sabia?

**Wanderley de Souza: Esses peixes crus da vida toda! Eu não como, não. Eu não gosto de Salmão. Peixe salmão não existe para mim... (risos).**

Nilson dos Santos: Em Seattle você compra baratinho, vem do Alaska. Eu fazia na grelha para a Adriane, e fazia patola daquele caranguejo, king crab...

**Wanderley de Souza: Aí chegou para mim, aí eu vou! Uma pata já te alimenta! Aquilo ali eu gosto! Tem um lugar nos Estados Unidos, lá perto de Boston, que eles pegam aqueles caranguejões, cavam um buraco no chão, tacam aqueles bichos lá dentro, tacam fogo por cima. É um prato especial. É na costa, não na cidade de Boston, naqueles lugares das praias. É uma delícia!**

Nilson dos Santos: Eu fui na copa para lá, em 2014. Na final tínhamos eu, meu filho e mais uns cinco brasileiros. No quarto gol os brasileiros começaram a sair, no final só sobrou eu (risos). E tinha uma galera oriental, que eu acho que aquela

galera devia odiar brasileiro, porque cada gol que a Alemanha fazia, eles gritavam muito...

**Erika Negreiros: Nem me lembro desse dia.**

**Wanderley de Souza: Vamos apagar (risos).**

**Erika Negreiros: A gente nem transcreve essa parte aqui (risos).**

Nilson dos Santos: Deixa isso para lá...



Em diferentes momentos, e com Adriane Regina Todeschini.



Em diferentes momentos, com amigos do IBCCF. Imagem acima à esquerda - destaque para Nilson Tavares e Nilson dos Santos, em primeiro plano. Imagem abaixo à esquerda - Nilson, Celso Pereira e José Tiburcio. Imagem à direita – Nilson com Levi Amorim e Luiz do Nascimento.

## NILSON NUNES TAVARES

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Fernando Garcia de Mello e Erika Negreiros

Local: Via Google Meet

Data: 03/08/2021

### **Wanderley de Souza: A gente sempre começa essa entrevista perguntando quando e como você entrou no Instituto de Biofísica?**

Nilson Tavares: Eu entrei no dia primeiro de agosto de 1985, vindo através de uma chamada de emprego na Escola Técnica de Química. Eu me candidatei lá no laboratório da Doutora Aída Hasson-Voloch.

### **Wanderley de Souza: Tinha carteira assinada?**

Nilson Tavares: Isso! Através da Fundação José Bonifácio (FUJB).

### **Wanderley de Souza: Era o *Finepão*, como a gente chamava.**

Nilson Tavares: Verba da Finep. Me candidatei no início de julho, avisado por uma amiga minha que trabalhou comigo e viu o anúncio. Bom, passei pelas fases de seleção, com entrevista com a Doutora Aída, com a Cecília Somló e com a Jeanette Torres da Mata. Por fim, eu fiquei entre os dois candidatos, eu e mais um, e eu acabei entrando. E a Doutora Aída me passou para a FUJB, para poder levar minha carteira e fazer todo o trâmite burocrático da contratação.

### **Wanderley de Souza: E qual era tua formação na escola?**

Nilson Tavares: Técnico em química, que fiz num colégio em Duque de Caxias. No início de 1985, fui trabalhar numa empresa que prestava serviços para a Petrobras. Lá conheci uma outra técnica, que virou minha amiga, ela que frequentava a Escola Técnica Federal de Química no Maracanã, viu esse anúncio, me ligou e eu fui até lá. E eu te confesso que, no dia que eu entrei no laboratório, eu me vi no lugar que eu queria estar. Eu já tinha trabalhado na indústria e, quando eu vi aquele universo da pesquisa, eu me encantei e falei assim: *“É aqui que eu quero ficar”*. Tive boas oportunidades para sair, porque eu tinha uns colegas da faculdade - que trabalhavam na Roche, na Glaxo, na Smithkline, que depois se fusionaram, que viviam me convidando. Eu falava: *“Não. Eu quero continuar onde eu estou, porque eu acho que eu faço bem o que eu sei fazer e o que eu gosto de fazer.”*

### **Wanderley de Souza: E o que você começou fazendo no laboratório da Aída?**

Nilson Tavares: Bom, eu comecei a cuidar das soluções. Preparo de soluções para as técnicas desenvolvidas no laboratório de pesquisa. E aos poucos eu fui, vamos dizer assim, me interessando pelas próprias experiências. Então, a doutora Aída viu que eu tinha uma aptidão, e me passou a um escudeiro da Cecília, ajudando nos experimentos de cinética da ATPase, além de cuidar do peixe elétrico Poraquê (*Electrophorus electricus*), que era o nosso modelo de estudo. Então, eu passei a cuidar do Poraquê e, ao mesmo tempo, auxiliar a professora Cecília Somló.

**Wanderley de Souza: Dizem que você pegava os peixes grandões na mão, sem luva, é verdade?**

Nilson Tavares: Não, sem luva, não! Não dá. (risos). Eu tomei um susto uma vez que eu estava fazendo um experimento no laboratório da professora Leny (*Leny Alves Cavalcante*), através de um amigo dela, que era um pesquisador holandês que veio para levar o peixe. A gente foi passar formol nele, para poder ser levado. O peixe começou a se debater e eu esqueci que eu estava com a luva cirúrgica. Fui segurar, tomei uma pancada que eu vou te contar... Eu fiquei mais branco do que neve. (risos).

**Wanderley de Souza: Então era dos grandes?**

Nilson Tavares: Era dos grandes. Esse foi o único choque, assim, mais forte. Olha que durante o tempo que eu trabalhei, fiz cirurgias, para a gente poder fazer a denervação. E então, volta e meia você tomava uma leve...

**Wanderley de Souza: Um estímulo. (risos).**

Nilson Tavares: É, um estímulo, vamos dizer assim.

**Fernando Mello: Quem é que estava no laboratório da Aída quando você foi para lá? A equipe toda, quem era, você se lembra?**

Nilson Tavares: A equipe era doutora Aída Hassón-Voloch, Jeanette Mara Torres da Mata, Cecília, Elaine Quintana, Célia Batista (*Celinha*) e Silemar como auxiliar de laboratório. Narcisa (*Narcisa Leal da Cunha e Silva*) também fazia parte do laboratório como aluna de doutorado, Wanderley era o orientador dela. Também tinham alunos de iniciação científica e pós-graduação, como a Glauce Araújo e o Gerson Madureira. Entre 1985 e 1986, a Aurisete (*Aurisete Nunes Bizerra*) também vinha ao laboratório fazer algumas coisas para a Doutora Aída. O Arthur da Mata já tinha ido para a UFF quando eu entrei. Depois ele começou a voltar para o laboratório, mas como colaborador dos projetos que a gente tinha, e foi até meu co-orientador de doutorado.

**Wanderley de Souza: Muito bem. A parte bioquímica, você acompanhou aqueles fracionamentos celulares, caracterização de**

### **receptores acetilcolina, a purificação da acetilcolinesterase, essas coisas todas?**

Nilson Tavares: Isso. Particpei e executei as medidas de atividade da ATPase. A Doutora Aída tinha esses projetos com sistema colinérgico, e eu me enveredei um pouco mais por aí. Foi até por isso, me encontrar aonde eu cheguei, que eu decidi fazer faculdade, o que eu já tinha até, meio que, esquecido. Então eu voltei a estudar para fazer faculdade, e entrei para Química, em 1987, porque eu já tinha uma base. Eu queria fazer Farmácia, mas na época só tinha em Universidade Federal e a Doutora Aída pediu para que eu não fizesse Federal, porque o horário seria ruim para o expediente do laboratório. Então, depois que eu fiz faculdade, falei do desejo de fazer mestrado, e então ela me colocou para fazer alguns reforços. Eu fiz Bioquímica lá no Instituto de Bioquímica Médica (IBqM), para eu entrar para o mestrado com uma base melhor de Bioquímica. Passei no Mestrado na primeira tentativa! Falando das pesquisas, me interessei por esse lado colinérgico e a gente fez as purificações e fracionamentos, junto com a Narcisa. A gente fazia aqueles gradientes de sacarose, exatamente para fazer aquelas purificações dela.

### **Wanderley de Souza: Nilson, você ficou no laboratório da Aída até que ano? E você chegou a publicar artigos com seu nome dentro do laboratório?**

Nilson Tavares: Fiquei até 2002 no laboratório. Sim, publiquei. Mas, só não publiquei mais dentro do laboratório porque, apesar de participar do processo bioquímico de obtenção dos fracionamentos e das dosagens, principalmente nos trabalhos da professora Cecília, nos quais eu fazia a parte Bioquímica e ela fazia os cálculos e escrevia os trabalhos, a Doutora Aída falou assim: “*Não, o Nilson trabalha com sistema colinérgico, não tem nada a ver com ATPase*”. Então, eu perdi aí uns quatro ou cinco trabalhos. Nos trabalhos de denervação, por exemplo, o peixe era denervado por mim. Então, se eu não fizesse o meu trabalho de forma correta, os trabalhos de denervação, de comparação de frações, não saíam da forma certa. “*O Nilson trabalha com sistema colinérgico, quando ele publicar no sistema colinérgico, ele vai levar o nome dele*”. Então, os trabalhos que eu tenho lá são trabalhos da minha dissertação de mestrado, tem um outro que a gente fez em colaboração com o professor Giovanni (*Salvatore Giovanni de Simone*), lá da FIOCRUZ. E depois publiquei o meu trabalho de doutorado, que foi um trabalho muito bonito, demonstrando o uso de antidepressivo e a relação acetilcolina e acetilcolinesterase. Foi muito interessante porque nós acabamos descrevendo o mecanismo pelo qual o antidepressivo, no caso o tricíclico, bloqueava temporariamente, alostericamente, a acetilcolinesterase e, com isso, mantinha o tecido excitado pela acetilcolina. Neste trabalho, fiz as modelagens computacionais, no Laboratório de Física Biológica do Doutor Paulo Bisch. Isso poderia ser o indício

de melhora do humor, do aprendizado das pessoas acometidas por depressão. Esse trabalho final de doutorado, me proporcionou um convite para escrever um capítulo de livro.

**Fernando Mello: Depois você foi para a França, para um pós-doutorado? Quando é que foi isso?**

Nilson Tavares: Eu fui à França em 1996, porque o meu trabalho de mestrado foi premiado em um congresso da IUPAB (*International Union of Pure and Applied Biophysics*). O prêmio desse congresso era também um estágio em um laboratório europeu. Por conta da relação com o Doutor Chagas, a Doutora Aída perguntou ao Vivaldo Moura Neto se não teria alguém na França que pudesse me receber. O Vivaldo prontamente arrumou um estágio. Nós tínhamos que indicar o laboratório para o congresso, para eles fazerem todo o trâmite. E então eu fui para o Collège de France, por três meses. Trabalhei com o professor Noel Lamande, sob a supervisão da professora Maggie Luccas, uma pesquisadora técnica de nível superior, e a professora Dominique Lazar. Fui trabalhar com purificação e atividades da enolase no músculo esquelético de rato. Foi então que eu decidi voltar para fazer o doutorado, que era o caminho que tinha a seguir.

**Fernando Mello: E o Jean Massoulié, isso foi depois?**

Nilson Tavares: Isso! Foi quando eu já tinha ido para o seu laboratório. No final de 2001 eu fui ao seu laboratório para convidar a Maria Christina (*Maria Christina Fialho de Mello*) para ser da minha banca de doutorado. O professor Adalberto Vieyra, que já estava no nosso laboratório há uns três anos, tinha demonstrado que não seria interessante ficar com o grupo da Doutora Aída como era, originalmente. Eu conversando com você, Fernando, tive a proposta para ir trabalhar no seu laboratório no projeto da ChAT (*enzima colina acetiltransferase*), já que o Zé Luiz (*José Luiz do Nascimento-UFPará*) tinha acabado de voltar para Belém, e o Nelson Loureiro (*aluno de Doutorado do Laboratório de Neuroquímica*) tinha voltado para a Venezuela. Então você falou assim: “*Se você quiser vir para o meu laboratório para tocar o projeto da ChAT será bem-vindo*”. Eu coloquei isso para a Doutora Aída, como uma colaboração, mas ela achou ruim no início, disse que eu iria abandoná-la. (risos).

**Wanderley de Souza: Ciumenta como ela era, você ia esperar o quê? (risos).**

**Fernando Mello: Mas é engraçado que eu me lembro que, antes disso, a Aída me procurou. Ela me procurou, aliás, foi lá no laboratório, coisa que ela nunca tinha feito antes, para me recomendar você, e se eu não deveria aceitá-lo no laboratório.**

Nilson Tavares: Então! Talvez tenha sido logo depois que eu fui ao seu laboratório, nosso laboratório agora. Você, diante dessa conversa, me colocou que seria interessante se eu pudesse tocar essa linha da ChAT, já que o Nelson e o Zé Luiz tinham saído. Eu firmei finalmente o pé no Laboratório de Neuroquímica por volta de maio e junho de 2002, porque foi um processo. Até que um dia, o professor Alberto no corredor, me perguntou se eu era Técnico em laboratório da Aída ou era pós-doc do laboratório do Fernando Mello. Então, no dia seguinte, eu pedi a permissão à Doutora Aída para levar minha mudança para o laboratório do professor Fernando Mello. Nesse intervalo, a gente fez um contato com o professor Jean Massoulié, da École Normale Supérieure-Paris, já que a Isabel (*minha esposa, na época*) tinha uma proposta para, assim que terminasse o doutorado, fazer um estágio de pós-doc na França, com Felipe Bastan, no Jardin des Plantes.

**Wanderley de Souza: Nilson, a Isabel não foi para o laboratório da Graça Raposo Benedetti, aquela pesquisadora portuguesa?**

Nilson Tavares: Isso, foi depois. Porque quando Isabel chegou na França, ela foi até o laboratório do Felipe Bastan, porque ele tinha dito que bastava ela chegar, que ele tinha tudo preparado para o pós-doc dela. No entanto, ela, ao chegar em Paris, ia ter que pedir bolsa porque ele não tinha nada preparado. Ela ficou perdida, então fez contato com outros grupos. Foi para algumas entrevistas e ela ficou encantada com o trabalho da Graça Raposo, assim fez o pós-doc com ela. Foi o tiro que deu muito certo. O grupo da Doutora Graça Raposo é excelente!

**Wanderley de Souza: O Felipe Bastan logo depois foi para a Inglaterra, eu fui conhecê-lo em Manchester. Hoje ele é líder de um grupo grande no Pasteur de Paris. E com o que você trabalhou lá?**

Nilson Tavares: Com acetilcolinesterase, mas fazendo duplo híbrido. Era uma técnica que a gente tinha uma porção da âncora que segura a acetilcolinesterase na membrana. E a gente tentou e identificou algumas proteínas que interagiam com essa cauda de acetilcolinesterase, essa cauda interna. Então, a gente pegou essa parte que foi clonada pelo grupo de Doutor Massoulié e chamamos de Prima, porque ela é rica em prolina. Então, fez-se um vetor com essa porção Prima e outro vetor com um banco de DNA de cérebro humano, e identificamos alguns clones que faziam a interação. E, essa interação, ela era testada na época. A gente usava um sistema de levedura. A gente tinha um DNA do cérebro numa levedura e a prima numa outra levedura. Então, a gente fazia um *match*, deixava lá fazendo a reação em um meio rico para duas, mas que eram complementares para beta-galactosidase. Cada clone tinha uma parte da beta-gal e, quando eles interagiam, a revelação da beta-gal nos dava o resultado dessa interação. Então a gente pegava esse clone, extraía, tirava a levedura e mandávamos fazer a clonagem para saber se estava em *frame*, se estava tudo direitinho. Depois,

através de um banco genômico, a gente identificava quais as proteínas que tinham interação. Eu consegui identificar duas: uma foi a NF-kB, e a outra foi um fator de transcrição. No início, a gente ficou meio descrente, porque como é que pode uma proteína que está com uma porção ancorada na membrana, fazer contato com um fator de transcrição do tipo *zinc finger*? Então, a gente viu depois, por outros testes, que esse fator de transcrição se translocava do núcleo para o citoplasma, e ao se deslocar, ele era capturado e fazia uma interação muito forte com a prima. Além do meu projeto, fui colaborador em outros trabalhos e, também, coorientei um aluno chinês (Liang Dong). Publiquei dois trabalhos com o grupo do Doutor Jean Massoulie.

**Wanderley de Souza: Perfeito! Quanto tempo vocês ficaram fora?**

Nilson Tavares: Nós ficamos dois anos. Eu fui em abril de 2004 e ela foi em maio. E a gente voltou, definitivamente, em maio de 2006. Retorno para o Brasil e volto para o laboratório do professor Fernando Mello. E lá a gente tem desenvolvido trabalhos sempre dentro do sistema colinérgico com a ChAT, inclusive já deram teses para a gente.

**Fernando Mello: Agora você já tem umas duas ou três publicações, não é?**

Nilson Tavares: Já temos três publicações. E tem um trabalho que está no forno. Aliás, muito quente, por sinal. Graças a essa cabeça privilegiada que eu tenho lá ao meu lado, que é o Fernando Mello, depois que se aposentou, ele voltou. Graças a Deus, voltou como Professor Emérito da UFRJ. Ele fez umas propostas e a gente está tocando. Enquanto tiver esse entusiasmo dele e a disposição de nós dois, a gente vai levando, não é Fernando?

**Fernando Mello: É... Vamos ver o que vai acontecer nesse país.**

Nilson Tavares: Esse é o problema...

**Wanderley de Souza: Mas hoje, no momento, você está fazendo o quê? Qual é a sua temática lá?**

Nilson Tavares: Pois é, nesse momento, por causa da pandemia da COVID-19, a gente tem dificuldade para comprar e importar o nosso principal artigo de luxo, que é a acetil-coA marcada. Então, nesse tempo, a gente está meio parado no nosso projeto principal. Logicamente, o nosso trabalho está fechado e estamos em vias de correções. O Fernando já fez, eu estou devendo enviar para ele as últimas que ele me mandou. No mais, eu tenho dado suporte ao grupo do laboratório, porque a gente aprendeu com a velha guarda - vocês estão incluídos, tirando a Erika. (risos). A gente tem um amor muito grande pelo Instituto, entendeu? Eu sou tratado, principalmente pelo Fernando, pelo Ricardo Reis, como uma pessoa ligada ao grupo de pesquisa. Mas aquele nosso olhar de ajudar

quem precisa, seja fazendo uma solução, olhando um equipamento, fazendo uma manutenção em alguma coisa, isso é da gente. Nós aprendemos isso lá atrás, as sementes foram plantadas pelo Doutor Chagas, por você, pelo Fernando, pela Doutora Aída, principalmente...

**Wanderley de Souza: Sobre material radioativo, está um problema. É claro que hoje a gente tem uma série de outras abordagens com material fosforescente, mas nem tudo é possível.**

Nilson Tavares: Pois é, no nosso caso, a gente já até tentou há um tempo atrás. Tem um ex-aluno de doutorado do Fernando, o Luiz, a gente viu que poderia ter uma outra abordagem utilizando um outro tipo de acetil-coA. Mas, depois, o Fernando vendo com mais detalhe e a gente passou a discutir isso melhor, nós vimos que não ia servir como resultado prático. O que dá o resultado para a gente é o acetil-coA marcado com trítio.

**Fernando Mello: O grande problema com o material radioativo é que ele caiu de moda, por outras abordagens em várias coisas. E o que hoje nós precisamos de material radioativo é raro, é raríssimo. Então, o preço dele subiu assustadoramente, entendeu? Então, fica um negócio complicado da gente importar esse material, não só pelo preço, mas pelas dificuldades da empresa que representa para importar, é complicado. E, no momento, para você ver o que está acontecendo, quer dizer, nós estamos com esse trabalho praticamente escrito. É um trabalho novo, que a gente até propõe um medicamento para controle do Alzheimer, um medicamento já atuante no sistema de farmacologia do sistema nervoso, e nós estamos reposicionando esse medicamento na possibilidade de tratar o Alzheimer preventivamente. E a gente não está querendo mandar o trabalho porque nós não temos a condição de fazer eventuais experiências que os revisores podem pedir, entendeu? Pela dificuldade de comprar esses produtos. É complicada a situação...**

**Wanderley de Souza: Quer dizer, Nilson, você está na equipe técnica do Instituto?**

Nilson Tavares: É. Minha condição é técnica. Infelizmente, dentro da universidade não tem o cargo de pesquisador, simplesmente, assim como tem na FIOCRUZ. Então, por exemplo, eu sou, vamos dizer assim, extra graduado para minha função, que eu sou técnico de nível médio dentro da universidade.

**Wanderley de Souza: Mas porque você não é Técnico de nível superior?**

Nilson Tavares: Porque não tem progressão e não tem concurso para Técnico Químico, minha área.

**Wanderley de Souza: Mas, olha, o pessoal técnico lá do meu laboratório que fez Mestrado Profissional foram promovidos salarialmente...**

Nilson Tavares: Ah, salarialmente tudo bem. Se não fosse isso, eu ia dizer que não teria valido a pena todo esse esforço.

**Wanderley de Souza: Os Tecnólogos do CENABIO (*Centro Nacional de Biologia Estrutural e Bioimagem*), ou mesmo do CEMBIO (*Centro de Espectrometria de Massas de Biomoléculas*), já estão contratados na Universidade, estão no quadro de Tecnólogos, são técnicos de nível superior.**

Nilson Tavares: Então, mas essa contratação, ela veio agora há pouco tempo. Para mim, não é interessante agora, eu mudar para tecnólogo. Porque eu perderia muitas coisas. Para quem entra agora, tem que pagar uma previdência privada para futuramente se aposentar. Eu, na minha condição, saio com o salário que eu tenho. Quando isso começou a ser implementado, eu procurei saber para fazer essa transição. Mas eu iria perder o que já tinha conquistado. Então, eu tenho o salário de um técnico de nível superior de início de carreira. Se eu vier a me aposentar, mesmo se eu passasse a ser tecnólogo com nível superior, eu ia ganhar o que eu ganho hoje. Na época, entre 1991 e 1992, nós tínhamos dentro da universidade o que chamava de ascensão funcional. Ou seja, você podia mudar de nível. Só que o Presidente Collor acabou com isso e a gente ficou sem poder executar, fazer esse concurso de ascensão no serviço público.

**Wanderley de Souza: E em que momento você saiu do quadro de contratado da FUJB para ser servidor da UFRJ? Foi na época do Reitor Horácio Macedo?**

Nilson Tavares: Foi em 1988, com o Professor Horácio, sim. Na mudança do regime jurídico, as pessoas que eram da FUSB foram absorvidas pela Universidade.

**Wanderley de Souza: Eu acho que são poucos da carreira técnica que chegaram ao doutorado no Instituto, não é?**

Nilson Tavares: Não, hoje já tem mais. Mas, dos antigos, eu acho que eu fui o primeiro a concluir. O Jorginho, que trabalhou com o professor Hiss Martins Ferreira, lembra? Jorge Figueira. Foi o primeiro a entrar para pós-graduação para fazer mestrado, só que ele não concluiu. Então, depois de mim, veio o Wanderley Bastos, que hoje é professor na Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

**Wanderley de Souza: E agora, quais são suas perspectivas, o que você está vendo aí para os próximos dez anos?**

Nilson Tavares: Ah, como o Fernando falou, esse país, a gente está no escuro, não é? Está procurando onde está o interruptor para que dê uma luz. Mas, assim, as minhas perspectivas, enquanto o Fernando precisar que a gente desenvolva os nossos projetos, eu vou estar lá ao lado dele. Eu tenho dado curso no Fundação de Técnicas de Bioquímica para pesquisa, para laboratório. O que eu espero é isso, continuar ajudando o pessoal do laboratório no que eu puder.

**Wanderley de Souza: Eu acho que estão faltando cursos no Instituto voltados para manipulação animal. Se você pedir alguém para fazer uma denervação de um animal, acho que ninguém vai saber fazer.**

Fernando Mello: É, eu acho que o problema é muito maior, Wanderley. Eu acho que o problema no Brasil, isso vem desde a nossa época de estudante, é o fluxo de produtos entre os produtores de produtos importantes para pesquisa - equipamentos e produtos, e a nossa atividade. Eu me lembro quando cheguei ao Brasil. Eu tinha trabalhado no laboratório do Marshall Nirenberg, que era um dos laboratórios mais ricos do mundo no NIH (*National Institutes of Health*). Ele foi o primeiro Prêmio Nobel (*Fisiologia ou Medicina*) do NIH, então ele tinha abertura para qualquer coisa de dinheiro. Então, quer dizer, eu iniciei o cultivo de célula nervosa lá com o Marshall, eu e outros que lá trabalhávamos. Quando eu voltei para o Brasil, eu tive que desinventar a estufa de CO<sub>2</sub>, porque não tinha aqui no Brasil. Eu passei a usar *Alka-Seltzer* dentro de secadores, para fazer o ambiente favorável para cultura. Eu desinventei a estufa de CO<sub>2</sub>, funcionava, mas isso não podia acontecer. Não podia. Eu só vinguei naquela época dentro do Instituto de Biofísica porque o Marshall, naquela época, me mandou dez mil dólares de equipamentos pequenos e de reagentes. Naquela época, dez mil dólares era o equivalente a cem mil dólares hoje.

**Wanderley de Souza: Bons tempos aqueles. Você sabe que hoje o pessoal do NIH não consegue sair com nada. A crise chegou lá. (risos). Aquela facilidade: “Vai, leva tudo que você precisa aí, entra no almoxarifado”.**

Fernando Mello: É, isso acabou.

**Wanderley de Souza:** Nilson, vamos ver agora o seguinte: Tem alguma coisa importante que você ainda não tenha dito e que queria acrescentar? Mesma coisa eu pergunto para Fernando, alguma particularidade...

**Fernando Mello:** É, eu acho o seguinte, quando o Nilson chegou no laboratório, além da atividade acadêmica dele, sempre muito bem feita. Obviamente, vindo da Aída, tem que ser tudo muito bem feito. O Nilson tem uma característica da Aída, que é tomar conta do laboratório, com grande ênfase, entendeu? E de ajudar os estudantes novos, principalmente os de iniciação científica (IC), mestrando e doutorando. Quero dizer, essa é uma característica que ele trouxe da Aída Voloch, que eu acho muito importante. E é aquele negócio que o Nilson falou, no laboratório ele não é um técnico, ele é um pós-doc. Eu só o aceitei no laboratório com a condição dele ter a atitude de um pós-doc, não pode ser um professor porque não fez o concurso, não teve aquelas promoções todas, mas um pós-doc. Ele é o meu pós-doc preferido, vamos dizer assim. (risos).

Nilson Tavares: Hoje em dia, sou o “aluno de IC” do Fernando, vamos dizer assim. (risos). Quero muito continuar a desenvolver os projetos no sistema colinérgico.

**Wanderley de Souza:** Está bom. Falando nesse negócio de IC do Fernando, uma vez, eu ia dar um curso de Microscopia Eletrônica. Tinham muitos candidatos, a Sandrinha (*Sandra Brito*) chegou: *“Ah, tem quantos? O senhor tinha aberto só dez vagas”*. E uma das pessoas inscritas para fazer o curso era o professor Hiss Martins Ferreira. (risos). Então eu falei: *“Tem alguma coisa errada, entrou alguém com o nome de Hiss aqui.”* Eu subi, fui lá conversar com ele, ele falou: *“Não, eu quero aprender mesmo! Esse negócio de microscopia que eu fiz há muitos anos com o Gustavo (Gustavo de Oliveira Castro), com o Couceiro (Antonio Moreira Couceiro), isso mudou muito, eu quero voltar a aprender”*.

**Fernando Mello:** O Hiss Martins Ferreira fez uma coisa semelhante comigo. Eu dei um curso, um desses cursos que a gente dá para pós-graduação, e tinha uma aula teórica. Quem aparece para assistir às aulas? (risos). Hiss Martins Ferreira, ele gostava de fazer isso.

**Wanderley de Souza:** De vez em quando, eu assisto alguns seminários só para aprender.

Nilson Tavares: Porque nós somos da escola antiga, não é? Eu vejo um pouco isso, esse saudosismo dessa escola antiga. E nós aprendemos lá, na raiz com o Doutor Chagas. Fiz o curso de metodologia científica com ele, de microscopia com o Doutor Raul Machado...

**Wanderley de Souza: E você sabe, Nilson, eu trabalhei muito com peixe elétrico, na fase ainda da Praia Vermelha, com o Gustavo, Doutor Raul. Publicamos alguns artigos. E agora estou retomando isso, porque o Flávio Costa Miguens, lembra? Um pouquinho antes de falecer, ele fez uma colaboração com o pessoal lá de Belém, e foram para Ilha de Marajó e conseguiram pegar uns peixinhos de um centímetro, um e meio...**

Nilson Tavares: É raro, não é?

**Wanderley de Souza: É raríssimo! Quer dizer, eu tenho cinco ou seis materiais desses. E, em umas primeiras análises, nós encontramos algo que talvez corresponda às células tronco que vão dar origem ao eletrócito. Uns diziam que era uma célula muscular que se difere, depois perdia. Quero dizer, não há sinais de célula muscular, E não existem marcadores, nada disso para peixe. Só que os materiais que eu tenho estão todos fixados, entendeu? Isso também é uma limitação, porque eu tenho que trabalhar em cima de uns poucos exemplares. Eu estou voltando a estudar o peixe, até para a conferência Carlos Chagas Filho, agora em setembro. Ao invés de ficar falando de históricos, de coisas do Chagas, eu estou revisitando os trabalhos iniciais do Chagas. Toda a parte do Chagas, da Aída, da Maria Aparecida Esquibel, do Vivaldo. Eu vou centrar no peixe elétrico, como um modelo experimental.**

Nilson Tavares: É porque, inclusive, você sabe que agora, um ano ou um pouco mais, foi descrito, e a gente até então não sabia, que além do *Electrophorus electricus*, tem duas novas espécies (*Electrophorus voltai* e *Electrophorus varii*).

**Wanderley de Souza: É, eu vi uma. Eu vi um exemplar desse no Instituto de Pesquisa da Amazônia, há uns três ou quatro meses atrás, quando eu fui a Manaus. Tem uma descarga muito mais violenta, mas muito mais violenta mesmo.**

Nilson Tavares: Exatamente, a gente começa a entender que tinham peixes que a gente pegava. O Manoel Luiz Costa e a Claudia Mermelstein - professores do ICB, foram alunos do doutor Chagas - quando tinha um peixe muito grande, bem de saúde, medíamos a descarga, então a gente encontrava peixes com 800 volts, com 600 volts, e encontrava outro com 300 volts.

**Wanderley de Souza: Você acha que estava trabalhando com duas espécies diferentes?**

Nilson Tavares: Hoje em dia, depois que foi descrito isso, acho que sim. Porque, assim, se, nessa época, nós soubéssemos, suspeitássemos disso, a gente podia fazer um estudo anatômico das próprias eletroplacas. Na época, a gente queria o tecido elétrico para fazer o fracionamento.

**Wanderley de Souza: Agora, quando eu olhei a cara desse peixe, eu o achei ligeiramente diferente de todos que eu tinha visto. Então tem um fenótipo, além de ser graúdo e dar essa descarga grande, ele é ligeiramente diferente. As técnicas moleculares mostraram ser uma espécie distinta do *Electrophorus electricus*. Agora, quase ninguém estudou eles do ponto de vista anatômico, fisiológico. Não tem nada, esse pessoal estuda mais a parte de comportamento dos peixes elétricos. Tem cerca de seis espécies que eles analisam, de peixes elétricos na Amazônia de diferentes tamanhos, cores, etc. É um pessoal do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).**

Nilson Tavares: Eu fui lá, fiz um documentário<sup>23</sup> em 2011. Fomos eu, a Lílian Ayres Sá e a Andreia Fiorani, filha do Mário Fiorani. Ela foi a cineasta e nós fizemos um documentário muito legal lá no INPA. Ficamos lá por uma semana. Eles têm um campo avançado, então nós íamos pegar os peixes para as filmagens do documentário.

**Érika Negreiros: Ela era do Espaço Memorial Carlos Chagas Filho. Não a conheci, mas eu sei que tem imagens e vídeos dessa época.**

Nilson Tavares: Falando das incursões a Belém, eu fiz algumas viagens porque, volta e meia, nós tínhamos que regularizar o trâmite quando mudava a direção do Museu Goeldi. Então, a Doutora Aída passou a me enviar para lá. Então, eu fui umas três ou quatro vezes. Eu vivia ligando para Brasília, porque eu negociava com o IBAMA, para poder pegar a licença, que tinha um tempo determinado.

**Erika Negreiros: Até que ano teve peixe elétrico no Instituto?**

Nilson Tavares: Acho que até 2006 para 2007, porque quando a Doutora Aída faleceu, em 2007, ainda tinha peixe elétrico no Instituto.

---

<sup>23</sup> Vídeo Poraquê - Link do YouTube do IBCCF:  
<https://www.youtube.com/watch?v=eZDT-959alo&t=341s>



Confraternização do Laboratório de Físico-Química Biológica, chefiado por Aída Hassón-Voloch, com Jennifer Lowe (blusa preta), Gustavo, Milene, Luciana, Raquel Soares, Marcelo Lamas, ao fundo, e Nilson Nunes, nos preparativos do churrasco.



Nilson Nunes com Maria Christina Fialho de Mello e Fernando Garcia de Mello, chefes do Laboratório de Neuroquímica (LABNQ), em 2018.



Realização de Curso de Extensão - Laboratório de Neurobiologia Comparativa e do Desenvolvimento (LNBCD/IBCCF), em 2018.



Em diferentes momentos, confraternizando com amigos do IBCCF. Imagem acima à esquerda – Maria Ivanete Marins, Nilson Nunes, Jorgete, Dinorá, Terezinha Oliveira e Edna Ferreira da Silva Souza (sentadas). Imagem abaixo à esquerda – Nilson com Marcelo Lamas e Claudio Canetti. Imagem da direita – Nilson com Celso Pereira e José Avelino (Zezinho).

## NOÊMIA GONÇALVES

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 08/10/2020

### **Wanderley de Souza: Noêmia, como é que você entrou no Instituto de Biofísica? Em que ano? Como foi que você chegou aqui?**

Noêmia Gonçalves: Eu trabalhava na Fundação Oswaldo Cruz. Tinha acabado de fazer o curso técnico de pesquisa ministrado pelo Pavilhão Arthur Neiva e estava trabalhando com o Doutor Henrique Lenzi, no Laboratório de Patologia do IOC.

### **Wanderley de Souza: Saudoso Henrique Lenzi...**

Noêmia Gonçalves: Saudoso Lenzi. Ele e a esposa, a doutora Jane. Eu trabalhava lá e cantava no coral da Fundação Oswaldo Cruz. Eu sempre gostei muito de cantar. E nessa ocasião (eu era estagiária ainda, não era efetivada na Fiocruz), quem cantava comigo no coral era um rapaz chamado Saulo Bourguignon, que era orientando de mestrado da professora Thais Souto-Padron. O Saulo também era professor de Biologia Celular da Universidade Gama Filho, onde eu cursava Ciências Biológicas, à noite. Trabalhavam comigo no Departamento de Patologia da Fiocruz duas meninas, ambas efetivadas pela Fiocruz, que eram a Vânia Valentim e a Luzia Caputo, alunas do Saulo. Eu não, eu estava no início da faculdade. Então ele comentou com elas que tinha uma vaga de técnico, aqui no IBCCF, com o Wanderley, e se elas sabiam de alguém que estava querendo. E eu estava lá na condição de estagiária, ganhando uma bolsa de salário mínimo, e elas falaram - *“A Noêmia! A Noêmia é ótima e está precisando.”*

### **Wanderley de Souza: Isso foi em que ano?**

Noêmia Gonçalves: Início de 1988.

### **Wanderley de Souza: Eu estava nascendo nessa época, como é que eu já estava aqui, hein? (risos) A informação não está batendo... (risos).**

Noêmia Gonçalves: Eu vim fazer a entrevista, o Saulo me trouxe. E quando eu entrei aqui eu falei: *“Meu Deus do céu, que lugar feio!”*.

### **Wanderley de Souza: Foi em que lugar?**

Noêmia Gonçalves: Foi lá embaixo, no subsolo, já aqui no Laboratório Hertha. Na mesma salinha que você ocupa até hoje.

### **Wanderley de Souza: Não, ali era Unidade de Microscopia.**

Noêmia Gonçalves: Quando eu cheguei você já estava recebendo ali.

### **Wanderley de Souza: Já no prédio onde nós estamos agora?**

Noêmia Gonçalves: É, no subsolo.

### **Wanderley de Souza: É, eu pensei que você tinha começado lá no outro.**

Noêmia Gonçalves: Não, onde nós estamos hoje tinha uma entrada que tinha uma cabine com telefone PABX velho “pra caramba”, uma mesinha que a Nádia ocupava, a sua secretária, e tinha uma salinha tua pequenininha do outro lado. Eu entrei e fui entrevistada por Wanderley e junto comigo veio um colega meu, mesmo curso, e eu fiquei muito desconfiada. Falei – *“Gente, eu vou perder pra esse menino”* - mas eu tinha sido classificada em primeiro lugar quando eu ingressei no curso lá na Fiocruz e saí em terceiro. Pensei: - *“Eu não sou das piores, não é? Não vou ficar muito mal aqui”*. - E naquele dia o Wanderley definiu quem ia ser técnico e quem ia ser doutor (risos), porque ele me escolheu. Passado algum tempo o Saulo foi lá no meu laboratório e falou – *“Ó, a vaga é tua. O Wanderley gostou de você”* - e eu vim. E o menino que tinha vindo e tinha sido entrevistado por ele, que era o Harrison Magdinier, hoje é Doutor em Biologia Molecular pela Fundação Oswaldo Cruz, ele continua na Fiocruz e fez a carreira de pesquisador lá. E foi assim que eu vim. Eu tinha ainda um compromisso com o Doutor Lenzi e o Wanderley tratou comigo – *“Então você termina o que você tem que fazer lá e venha no dia primeiro de Junho”*. E assim, finalizei o mês de maio de 1988. E vim para cá no dia primeiro de junho de 1988. Era a semana do meu aniversário, eu ia fazer aniversário dia cinco. Eu tinha 22 anos e ia fazer 23.

### **Erika Negreiros: Eu adoro essas pessoas que guardam as datas com precisão... (risos)**

Noêmia Gonçalves: Eu tenho aqui o meu primeiro contracheque de julho de 1988, fui contratada pela Fundação José Bonifácio (FUJB). Fiquei até 1990, quando eu passei para o quadro da universidade.

### **Wanderley de Souza: Tinha o projeto FINEP. Não era bem terceirizado, era um projeto FINEP que o Instituto tinha e que permitia a contratação de técnicos, mas eram contratados mesmo, no regime CLT. Ganhava bolsa.**

Noêmia Gonçalves: É, era contrato, era carteira de trabalho. E eu lembro que quando eu cheguei aqui, quando eu me apresentei pela manhã, o Wanderley veio comigo na sessão de pessoal. Eram a Salomé e Ozias que trabalhavam na seção de pessoal e ele pediu minha contratação no mesmo dia. Eu falei: *“Gente, eu fiquei um ano lá com o Lenzi e nem tinha perspectiva de contrato. Agora cheguei aqui e o professor Wanderley me contratou no mesmo dia que eu cheguei”*, no dia primeiro. Mas foi assim. Eu entrei aqui no dia primeiro de junho

de 1988 e você pediu minha contratação no mesmo dia. Nós subimos, você pediu a contratação e fui contratada. Apresentei todos os meus documentos e dia primeiro de julho já tinha um salariozinho de 83.742... Agora, qual era a moeda? (risos) Então era assim. Eu tinha uma bolsa de um salário mínimo...

**Wanderley de Souza: Isso era mais do que a bolsa?**

Noêmia Gonçalves: Isso era dez vezes o valor da bolsa. O que eu recebi foi uma das coisas mais impactantes na minha vida. Eu vivia com meu pai e ele ia me ajudando a pagar a passagem para ir para Gama Filho no final do mês. Eu ganhava uma bolsa de mil reais, convertendo para os valores de hoje. E quando chegava no final do mês, eu já não tinha mais dinheiro para ir à faculdade. Papai me dava sempre cinquenta reais, cem reais, convertendo para a moeda de hoje. Na época era cruzeiro, cruzado novo, cruzado, eu não lembro bem. Quando eu recebi meu primeiro pagamento aqui, recebi dez vezes o valor.

**Wanderley de Souza: Seria bom se fizéssemos essa conversão, qual era o valor que se pagava naquela época e ver se é o valor correspondente com hoje em dia. Eu tenho a impressão de que se pagava melhor do que se paga hoje.**

Noêmia Gonçalves: Ih, muito. Lá na Fiocruz eu era estagiária técnica. Eu era contratada como técnica de laboratório, tive incentivo à qualificação depois.

**Wanderley de Souza: E então você chegou no laboratório, quem você encontrou lá? Quem eram as pessoas do laboratório em 1988?**

Noêmia Gonçalves: Bom, a primeira pessoa que eu conheci foi Wanderley, jovem, com cabelo, tinha menos de quarenta anos quando eu o conheci e era exclusivamente chefe do laboratório, não tinha outras atividades. Depois ele foi crescendo... Aderbal Alexandre Alves, que era a pessoa que eu vinha substituir, pois estava se aposentando naquele ano. Eu vim para o lugar dele, que foi a pessoa que me treinou na dinâmica do laboratório, porque eu estava vindo de um laboratório de Histopatologia onde eu fazia uma coisa totalmente diferente do que eu vim fazer aqui. Então, eu vim trabalhar com animal, com punção intracardíaca, com coisas que eu sabia na teoria, mas que eu não sabia na prática e que aprendi com o Seu Alexandre. A gente o chamava de Alexandre. O primeiro nome dele era Aderbal, mas todo mundo o chamava de Seu Alexandre. Ele era um cara muito, muito gaiato, mas muito sério. Então ele fazia as gaiatices dele sem rir. Era uma pessoa excelente. Ele foi a razão de eu vir para cá e foi a pessoa que me recebeu muito bem. Quando você chega nova em um lugar você sempre encontra algumas pessoas que são resistentes, são refratárias, mas ele não, ele me abraçou muito. A outra pessoa que eu encontrei foi o Antônio Bosco, meu amigo do coração que já estava aqui, a pessoa mais engraçada que eu já vi na vida, pé de boi, fazia qualquer coisa, trabalhava muito...

**Wanderley de Souza: Você sabe que até hoje é assim lá na Paraíba. Nós o entrevistamos por *meet* e lá ele continua fazendo a mesma coisa.**

Noêmia Gonçalves: Nossa, ele fazia de tudo. Uma pessoa muito boa, muito agradável, se tornou um grande amigo. Enquanto ele estava no Rio nós nos frequentávamos, ele ia na minha casa, eu ia na dele. Eu morava em Campo Grande na época, ele ia lá e eu ia na casa dele, na Penha. Conheci a Beth, esposa, a Carlinha, filha, pequenininha. Está formada em Psicologia. Ele é um cara muito batalhador. Um amor de pessoa. A Marlene Cazuzza também era técnica de laboratório, ela já estava na reta final quando eu cheguei aqui, já estava para se aposentar. Formada em Serviço Social, eu lembro da Cazuzza vindo toda de branquinho porque ela vinha da faculdade também, de estágios em hospitais. É uma pessoa excelente e também engraçadíssima, rolava de rir com a Cazuzza, era muito gaiata e uma profissional muito competente. Gostava muito da Cazuzza. Dona Nelci era servidora, trabalhava na limpeza e fazia muito serviço de *boy*.

**Wanderley de Souza: Mas ela só ficava no laboratório?**

Noêmia Gonçalves: Ficava só no laboratório. Ela era exclusiva do laboratório.

**Wanderley de Souza: Ninguém fala mais dela, nem eu estava me lembrando.**

Noêmia Gonçalves: A Dona Nelci era a responsável pela limpeza do laboratório e fazia muito serviço de *boy* do pessoal. Ia ao banco, levava cheque, depositava. Naquela época tinha muito isso. Outros foram os irmãos Cruz, que a gente carinhosamente chamava de irmãos cruz credo (risos). Eram o Sebastião e Antônio Cruz. Antônio, na época, trabalhava no Biotério e era muito falastrão, contava muita vantagem. Assim, você podia dar um desconto de 70% do que ele falava (risos), por que ele inventava muita história, era metido a Don Juan, queria conquistar todo mundo. E o Sebastião Cruz...

**Wanderley de Souza: Fala mais do Sebastião, porque o Sebastião marcou o laboratório.**

Noêmia Gonçalves: Sebastião era técnico da Microscopia Eletrônica. Quando eu entrei no laboratório, fui trabalhar no Biotério e, posteriormente, eu fui trabalhar com a professora Marlene Benchimol, na Microscopia Eletrônica, e a base da minha formação em Microscopia foi com o Sebastião. Sebastião era um excelente profissional. Ele fazia as criotécnicas que estavam disponíveis na época como ninguém.

**Wanderley de Souza: Você tem dados do Sebastião?**

Noêmia Gonçalves: Não. Tenho o nome dele, sei dessas coisas mais pessoais. Sei que ele era casado, que tinha uma filha biológica, a Daniele, e tinha duas

meninas, que ele criou e que eram filhas do primeiro casamento da esposa e morava em Campo Grande, como eu. A gente pegava o mesmo ônibus, juntos. E ele era impressionante. Ele fez uma das melhores pirâmides que eu já vi na minha vida. O homem fazia pirâmide assim, ó. Eu não sabia como é que ele conseguia fazer uma pirâmide com tanta precisão. Você sabe o que é uma pirâmide?

**Erika Negreiros: Eu ia perguntar isso. Explica o que é uma pirâmide.**

Noêmia Gonçalves: Então, o produto final do nosso trabalho é uma foto, é uma imagem, e para obter essa imagem num bloco de Epon, por exemplo, a gente processa as células e embloca em Epon. Esse bloco precisa ser cortado, fatiado em fatias muito fininhas. A forma geométrica que facilita, que otimiza a obtenção desses cortes muito fininhos, é o trapézio. Só que é um trapézio que você não vê a olho nu, você precisa de uma lupa para enxergar. Na época, o Sebastião era o único cara que fazia isso à mão. A gente tinha o equipamento para fazer, um Piramitome, que cortava esses lados direitinho. O Tião não usava aquilo, o Tião só fazia o trapézio na mão e ele fazia tremendo, ele tinha aquele tremor de quem bebe muito, e ele fazia com uma precisão maior do que do Piramitome, maior do que o aparelho. E mesmo tremendo daquele jeito, era muito, muito bom. Ele costumava muito ir para os congressos, porque o Wanderley sempre o chamava para participar. Ele era meio que o braço direito do Wanderley, ia para lá passar slide, não é Wanderley?

**Wanderley de Souza: É, ele era o projetista, ele ia mexer no aparelho de projeção de slide, que era um negócio pré-histórico.**

Noêmia Gonçalves: Outra pessoa que eu conheci, o Antônio Lisboa. Também, assim, todas essas pessoas foram mestres pra mim. Desde o Bosco me ensinando lavagem, esterilização de material para cultura de células, que é uma coisa muito específica, passando pelo Antônio Cruz, que me ajudou em Biotério, o Aderbal que foi o primeiro de todos, o Tião na Microscopia e o Seu Antônio na fotografia. A gente falava que, quando ele punha a mão, as fotografias ficavam maravilhosas, então a gente pedia a mão do mestre: “*Vamos invocar a mão do mestre*”, e fazia a mãozinha do mestre. Aprendi muito de fotografia científica com o Seu Antônio Lisboa, que era de Garanhuns... Ou de Exu?

**Wanderley de Souza: Eu não sei. Eu sei que ele era lá de Pernambuco. Não sei exatamente.**

Noêmia Gonçalves: É de Pernambuco. Pequeninho, gordinho. É uma pessoa que merece uma referência. Seu Antônio era evangélico e era uma figura. Ele chegava na cozinha e falava assim: “*Vocês precisam aceitar Jesus*”. Daqui a pouco vinha ele furioso de dentro da câmara escura, porque alguém tinha feito besteira lá: “*Esses filhos da puta!*” - (risos). E a gente: “*Oh Lisboa, você estava*

*há dois minutos falando que a gente precisa aceitar Jesus e agora está xingando de filho da puta”* (risos). A gente ria muito. O Bosco brincava muito com ele, colocava fotografia de mulher pelada na gaveta dele. A gente não tinha sala, não tinha nada. Tínhamos uma mesa grandona, cada técnico tinha uma gaveta e o Bosco ia e colocava calendário de mulher pelada na gaveta do Lisboa (risos). O Lisboa ficava possesso. Nossa! Ele tirava e guardava o relógio na gaveta toda manhã e, frequentemente, ia lá ver a hora. Ele chegava e, quando abria a gaveta, estava um calendário de mulher pelada lá. A gente se divertia muito, muito... Era muito bom e eu era a caçulinha, né?. Essa garotada aí que eu estou falando, todos já tinham mais de trinta. Eu era a caçulinha, tinha vinte e dois aninhos só, chegando aqui inexperiente. Nunca tinha trabalhado com tanta gente e com uma responsabilidade tão grande.

**Wanderley de Souza: Então você aprendeu fotografia.**

Noêmia Gonçalves: Aprendi fotografia com o Lisboa. Aprendi todas as técnicas de fotografia com o Lisboa. Fiz muita foto para o Wanderley, para o congresso, prancha. Fotografar prancha naqueles ampliadores pré-históricos.

**Wanderley de Souza: Está lá em exposição no nosso corredor.**

Noêmia Gonçalves: Hoje em dia o pessoal monta no *Photoshop* e corrige as diferenças. Nós tínhamos que corrigir na mão. Expunha mais um pouquinho aqui, deixava lá, cobria aqui, porque as fotos foram feitas em momentos diferentes, umas mais escuras, outras mais claras. De modo que eu tive uma formação muito ampla, muito completa, por conta de todos esses mestres, desde a lavagem e esterilização de material até a fotografia. Mais tarde eu aprendi a operar os microscópios e fiquei trabalhando com microscopia. Mas eu queria falar de uma pessoa que eu conheci também por essa ocasião, que já foi embora e que foi uma grande amiga: a primeira secretária do Wanderley que eu conheci, a Nádia Ribeiro. Uma negra muito alta, magra, muito especial aquela mulher. Muito especial e, lamentavelmente, foi muito cedo. Ela tinha 60 anos, teve câncer de mama. Ela fez um tratamento, assim como Jane do ICB, como a Thais, a Carla, que também foi muito, muito jovem. A Carla teve câncer no intestino, foi muito jovem também. Carla era dez anos mais nova. Mais nova do que eu, eu tinha cinquenta anos ou ia fazer cinquenta quando ela faleceu. E a Nádia era uma pessoa muito especial, muito mesmo. Wanderley pode falar melhor do que eu da eficiência dela. E era naquela época das máquinas. Ela trabalhou na decania durante muito tempo e ficou na diretoria. Outra pessoa que eu conheci, por essa ocasião no laboratório, foi o João Carlos Volotão, que também era uma figura. João foi para o exterior e ficou muitos anos lá, mudou totalmente a área dele e foi trabalhar como fotógrafo. Aqui ele trabalhava como técnico de laboratório, fazendo meio, fazendo as coisas que nós normalmente fazíamos no laboratório.

### **Wanderley: Agora de professores, pesquisadores. Com quem você interagia?**

Noêmia Gonçalves: Tive o privilégio de conhecer a Doutora Hertha Meyer e o Doutor Raul Machado, convivi com os dois. Convivi com a Doutora Hertha menos do que com o Doutor Raul, mas convivi. Doutora Hertha era muito engraçada, era muito durona, mas muito engraçada. Um dia ela virou para mim e falou assim: “Ô menina, tem água na cozinha?”. Eu falei: “Tem sim. Vou buscar para a senhora”. E ela: “Eu perguntei se tem, não te pedi”. (risos). E eu: “Sim senhora”. (risos). E uma vez, acho que era o Diogo (*filho do Wanderley*) que estava fazendo alguma coisa, que ela falou assim para a Benchimol: “Seu filho é tão inteligente, que sorte sua, puxou o Wanderley!”. (risos).

### **Wanderley de Souza: Marlene até hoje tem raiva disso. (risos).**

Noêmia Gonçalves: Marlene: “Que absurdo, como assim?” (risos). E o Doutor Raul, sempre usava uma jaquetinha marrom, era marca registrada dele. Ele era grandão, altão. Eu achava que ele era uma pessoa inacessível, que ele estava assim num pedestal.

### **Wanderley de Souza: Mas ele era fechado assim por fora...**

Noêmia Gonçalves: É! Um dia nós estávamos fazendo um curso de Microscopia Óptica, e ele estava ministrando o curso, ensinando a gente a fazer a tal da iluminação de Köhler, e éramos uns oito alunos na turma. Depois dele falar como fazia, de nos orientar como fazia, ele foi pedindo para cada um fazer no microscópio. Ele falava: Fulano vai, aí fulano ia... alinhava o microscópio. Aí ele desalinava. Noêmia, você! Ele sabia meu nome! Nossa, eu me senti tão prestigiada naquele dia. Eu pensei: “Doutor Raul sabe meu nome”, porque eu o achava tão inacessível. E quando ele pediu que eu fosse fazer iluminação de Köhler e falou, fez isso nominalmente, eu me senti muito mais prestigiada. Quem mais tinha de professor? Wanderley já foi falado. A Thaís Souto-Padrón, sempre muito elegante.

### **Wanderley de Souza: Fala dos mais velhos agora. Thaís, Marlene ...**

Noêmia Gonçalves: Marlene Benchimol...

### **Wanderley de Souza: Marília talvez...**

Noêmia Gonçalves: Tecia...

### **Wanderley de Souza: Tânia?**

Noêmia Gonçalves: Marília Taffarel. Tânia (*Tania Cremonini de Araújo-Jorge*), não. Ela já estava na Fiocruz quando eu vim para cá. Tecia (*Tecia Maria Ulisses de Carvalho*), Narcisa (*Narcisa Leal da Cunha e Silva*), Marlene, Márcia Attias e Marcos Farina.

**Wanderley de Souza: A Narcisa não era no início, ela era da Aída.**

Noêmia Gonçalves: Então, a Narcisa, Márcia, Farina e o Flávio não eram professores quando eu entrei, eu peguei o concurso de todos os quatro. Eles eram contratados como biólogos, físicos, exerciam outras funções dentro da universidade, mas não como professores. Eu acompanhei o processo de ingresso desses todos, no cargo de docente da UFRJ. Os professores mesmo eram o Wanderley, Marlene, Doutor Raul e Marília. Eu cheguei a conviver com a Marília, Thaís... Agora, conheci professores de outras universidades. Conheci o William Kutenbach. A Laís, a Neide Lemos, a Dorly do Sul, foram pessoas com as quais eu convivi que eram de outras universidades.

**Wanderley de Souza: O Zé Antônio também.**

Noêmia Gonçalves: O Zé Antônio veio bem depois. Quando o Zé Antônio veio eu já estava quase me casando, e eu casei em 1993, foi uns cinco anos depois de eu ter entrado aqui. Eu conheci os primeiros estrangeiros da minha vida aqui, o primeiro estrangeiro que eu conheci foi o Yenz, que era um dinamarquês...

**Wanderley de Souza: Sabia que até hoje eu tenho o contato? Ele tem um programa na rádio de Copenhagen, uma hora, duas horas por dia, de ciências e coisas gerais que ele comenta. Ele já me entrevistou umas três ou quatro vezes. Se eu passar por Copenhagen eu tenho que avisar a ele, senão ele fica chateado. Vai lá no hotel e me busca, chama para jantar... Ele era muito tímido, não é?**

Noêmia Gonçalves: Ele era. Muito quietinho, mas assim, eu fiz uma boa amizade com ele, conversei bastante com ele na época. E depois veio o Emil, que era holandês. Conheci o casal Kulda, da Tchecoslováquia. Foram uns dos estrangeiros que eu conheci aqui também. O Emil ficou um ano. Depois veio o Erick também...

**Wanderley de Souza: O Erick que foi pra Campos. Hoje ele chefia o setor de Microscopia na Holanda. Quem encontrou um pouco com ele foi a Adriana, aluna da Marlene, que está na Holanda, ela é professora.**

Noêmia Gonçalves: Então, minha melhor amiga, hoje, de todos os tempos, eu conheci aqui. Ela era orientanda de iniciação científica da Marlene Benchimol. Uns dois anos depois de ter entrado no laboratório, o Wanderley me colocou no grupo de *Trichomonas* e eu centralizei o cultivo dos parasitas. Só eu preparava o meio, só eu passava as células... Por essa ocasião, tinha um rapaz, aluno da professora Narcisa, o Luiz Henrique Monteiro Leal, que também já faleceu. Ele trabalhava com uma estrutura específica desse grupo de protozoários chamada *costa*. Ele precisava fazer o fracionamento e extrair a *costa*. E como era uma estrutura pequenininha, delgadinha, ele precisava de muita célula para poder

fazer essa extração e eu cultivava litros, literalmente, de *Trichomonas*. No último experimento dele, eu cultivei cinco litros para ele poder fazer a extração, extrair e isolar a *costa*. Na dissertação dele, está lá um agradecimento à Noêmia pelos galões de célula que ela produziu. E era um desafio porque era uma célula que tem o meio de cultivo muito rico, e muito fácil de contaminar. Eu cultivei muitas *Trichomonas* para o Luiz e apoiei o grupo da Marlene durante muitos anos. Então foi nesse grupo que eu conheci, grandes amigos também, como por exemplo, o João Carlos Almeida, que hoje é professor na UENF. A Adriana Matos, que é hoje minha melhor amiga e que mora na Holanda. Ela está em Groningen, mora no norte da Holanda e na época ela já tinha uma filhinha pequena, ela foi mãe adolescente, e tinha a Thamy que está lá com ela também. Hoje em dia ela é mãe de mais dois outros meninos e é professora de uma universidade lá, não sei dizer qual, mas é professora da área de Biologia de uma universidade no norte da Holanda. É minha melhor amiga. E também conheci um José Antônio Picanço, que está em Belém, no Instituto Evandro Chagas.

#### **Wanderley de Souza: Fala um pouco do Evander**

Noêmia Gonçalves: Peguei o Evander... Peguei o Evander nos dois sentidos, peguei o Evander como colega de trabalho e ele também foi meu namorado (risos). Eu estava recém separada do meu primeiro marido, pai da minha filha, e eu namorei o Evander por um ano e oito meses, foi bastante tempo, foi um relacionamento bem sério. Ah! Lúcia Feitosa! Era orientadora do Evander! Por isso que eu lembrei... Ela era a mulher das amebas, só que a Lúcia não estava aqui quando eu cheguei. Ela chegou depois de mim. Ela estava no Norte, acho que em Belém mesmo. Ela tinha estado no México durante um tempo e tinha vindo para cá, hoje ela está no norte de novo... Me parece que no Amapá.

#### **Wanderley de Souza: Fale de outros membros do laboratório.**

Noêmia Gonçalves: Paulo Pimenta... conheci Paulo Pimenta, sim. Mas ele não estava mais no laboratório. Fernando Costa e Silva, também conheci no laboratório.

#### **Wanderley de Souza: Fernando era aluno de pós graduação, fez doutorado comigo.**

Noêmia Gonçalves: Eu acho que ele estava nessa etapa assim como a Márcia, a Narcisa... O pessoal que estava terminando o doutorado e estava sendo colocado para outra condição, não de professor. Hoje ele está aposentado.

#### **Wanderley de Souza: Sim, ele se aposentou por aqui e é titular pela UENF. Está em Campos... Então você foi fazendo praticamente tudo no laboratório? Você começou com cultura e foi para Microscopia Eletrônica...**

Noêmia Gonçalves: Sim. Na época da Marlene Benchimol eu era responsável por todo o suporte técnico. Então eu trabalhava desde o cultivo das *Trichomonas* até a aquisição de imagem. Nesse grupo, foram seis anos que eu trabalhei diretamente com a professora Marlene Benchimol, de 1990 a 1996, mais ou menos... Ela se aposentou mais ou menos nessa época, não foi? Trabalhei com a Marlene até ela ir para a UENF, e foi na época que minha filha Luiza nasceu. Eu já tinha a Luiza pequenininha quando ela foi para lá.

**Erika Negreiros: Então você ficou no laboratório fazendo de tudo?**

Noêmia Gonçalves: De tudo... de tudo. O Wanderley chegava no laboratório e falava assim: “*Ô Noêmia, me sacrifica um camundongo, me tira um fígado que eu quero fazer um esfregaço*”. E eu ia fazer. “*Ô, Noêmia, me faça um PBS*”. Eu ia e fazia o PBS. “*Noêmia, a gente precisa infectar o camundongo...*”. Eu ia e infectava o camundongo. Eu tive que fazer um soro de camundongo, precisei sacrificar duzentos camundongos para poder fazer o soro. Fazia de tudo, tudo o que fosse necessário, até que eu fiquei só com o grupo da Marlene Benchimol. Ele me direcionou para esse grupo e nesse grupo foi quando eu comecei a praticar a Microscopia Eletrônica, onde eu produzia desde a célula até a foto. Nessa ocasião, dei aulas. A Marlene tinha um projeto com o estado, no qual ela fazia uma reciclagem de professores de ensino médio. Nesses cursos a gente dava aulas práticas que eram quase todas por minha conta. Dei muitas aulas nessa ocasião, e a Marlene explorou muito meu potencial...

**Wanderley de Souza: Você conheceu algum desses professores que ficou na memória? Algum professor de ensino médio?**

Noêmia Gonçalves: Bom, tinha uma colega minha da Gama Filho, a Aline. Tinha o Alexandre, que também foi meu amigo e dá aula em Macaé. Sabe quem foi meu colega de faculdade? O professor Célio (*Celio Geraldo Freire de Lima*), daqui da Biofísica. Olha, tem tanta gente que passou por aquele laboratório... O Alexandre Romeiro, estou lembrando agora dele. É professor, assim como o Thiago e a Lissa, ele também saiu da pesquisa para ir para o magistério.

**Wanderley de Souza: Thiago continua dando aula?**

Noêmia Gonçalves: Thiago dá aula no município e no estado. Bom, então fiquei focada nisso, e por essa ocasião, tive assim meu potencial bem explorado. Dei aula, produzi trabalho, apresentei um trabalho na Escola Paulista de Medicina. A Marlene tinha um trabalho de mapear açúcar com lectina, e esse trabalho foi praticamente feito por mim. E ela me deu a oportunidade de apresentar esse trabalho na Escola Paulista de Medicina, levar pôster, e eu sonhava com isso, eu queria muito isso, mas o meu perfil é de técnico.

### **Wanderley de Souza: E o trabalho de micro-ondas?**

Noêmia Gonçalves: Sim, foi por essa ocasião e também foi com a Marlene. Foi feito praticamente por mim. Eu tenho dois trabalhos publicados por essa ocasião: um foi com a técnica de micro-ondas numa revista técnica, que a gente produziu imagens muito bonitas de material processado por micro-ondas, e o outro foi do zinco, efeito do zinco inibindo o crescimento de *Trichomonas*, que foi publicado com o João Carlos. Esses dois trabalhos têm o meu nome como coautora. Foram produzidos nessa ocasião. Nessa ocasião, também, conheci uma menina chamada Andréia Afonso, e essa é uma das histórias mais legais que eu tenho. É uma história minha, mas é uma história bem legal que eu tenho relacionada à Biofísica. A Andréia foi aluna de mestrado de Marlene e trabalhamos juntas durante muito tempo, e soubemos que estávamos grávidas na mesma ocasião. Conversando a respeito disso, descobrimos que nosso médico era o Caio. E quem é o Caio? O irmão da Tecia, o Caio Amilcar.

### **Wanderley de Souza: Que foi o dos meus filhos todos. Todos os três nasceram pelas mãos do Caio.**

Noêmia Gonçalves: Pelas mãos do Caio Amilcar. E nós soubemos que o nosso obstetra era o mesmo médico e era irmão da nossa colega de trabalho, da Tecia. Mundo pequeno... O mundo é uma ervilha, não é? Nossas filhas nasceram com diferença de uma semana, e nós duas morávamos em Jacarepaguá. As meninas cresceram juntas até um determinado momento, quando eu voltei para Campo Grande. Anos depois, na formatura da Cultura Inglesa, nós nos encontramos na Barra da Tijuca, e quem estava lá? A Juliana Afonso se formando e a Luiza, minha filha, se formando também. Minha filha hoje é formada, é médica e está fazendo a residência na ENSP, na Fundação Oswaldo Cruz; a filha da Andréia está terminando a Faculdade de Medicina, na UERJ. E assim, é uma história muito legal! A gente se conheceu e a gravidez foi descoberta, e as duas seguiram juntinhas.

### **Wanderley de Souza: Em determinado momento você foi fazer o mestrado profissional (*Mestrado Profissional de Formação para a Pesquisa Biomédica - IBCCF<sup>24</sup>*). Conta isso aí...**

Noêmia Gonçalves: A história do mestrado veio bem depois. Em 2014. Então, como eu falei, no dia que eu me aposentei, a história da minha vida se mistura com a história da minha vida no laboratório. Eu fui casada durante muito tempo, e durante muito tempo eu fiquei refém de casamento. Eu tinha muita vontade de estudar... Wanderley sabe disso. A gente brigou muitas vezes porque eu queria participar, eu tinha uma vontade muito grande de estar enfrontada nos projetos, porque eu achava que eu podia dar mais do que eu dava. E brigava com

---

<sup>24</sup> <https://www.posgraduacao.biof.ufrj.br/posgraduacao-mpb/>

ele, e queria... E ele falava para mim: *“Técnico é técnico... estudante é estudante... Se você quiser estudar, você abre mão de ser técnico”*. E a gente brigava e brigava... Enfim, surgiu a história do mestrado profissional no mesmo ano que eu me separei. Assim, foi simultâneo, não sei se no mesmo ano, mas foi uma coisa que aconteceu simultaneamente. Eu me separei e surgiu a história do mestrado profissional. E nós tínhamos acabado de receber uma técnica nova que foi treinada por mim na Microscopia, a Rachel Rachid, que tinha feito mestrado profissional, orientada pelo professor Kildare (*Kildare Rocha de Miranda*). E o Wanderley começou: *“Você tem que fazer também... Você está ficando para trás...”*. A minha turma de mestrado profissional foi a última que teve nivelamento, depois as provas foram de múltipla escolha e a coisa foi mais facilitada. Eu entrei, vim fazer o nivelamento com um medo de babar. Eu falei: *“Gente, eu briguei tanto por isso, quis tanto fazer mestrado, e agora surge a oportunidade de eu fazer o mestrado. Já pensou se eu não consigo passar nesse nivelamento?”* Eu estudava dia e noite. E eu era a sênior do grupo, a mais velha. Éramos uma turma de doze alunos para doze vagas... Só entraram oito no ano que eu entrei, quatro pessoas não conseguiram se classificar. Algumas abandonaram o nivelamento no meio, e os que ficaram, não conseguiram pontuar o suficiente para ocupar as doze vagas. Eu fui fazer o nivelamento, e o primeiro curso que a gente fez foi o de Biologia Molecular, do professor Turan (*Turan Peter Urmenyi*). E veio o segundo curso que foi de Biologia Celular, ministrado pela professora Márcia Attias. E por fim, de Biologia de Sistemas, que foi a professora Denise Pires de Carvalho. Consegui média 9,75 e ingressei, em primeiro lugar, naquele ano. E eu ouvi do meu chefe, assim: *“Não esperava menos de você, não!”*. Nem vibrou comigo... Defendi minha dissertação no prazo, em 2016.

### **Wanderley de Souza: E esse curso, valeu a pena?**

Noêmia Gonçalves: Muito, muito... O primeiro deles foi a questão da minha satisfação pessoal. Porque era um desejo que eu tinha, eu sentei nos bancos escolares e fui ver o que era ser uma aluna de pós-graduação *stricto sensu*. Fazer cursos, interagir com pessoas, fazer prova de novo. Já tinha muitos anos que eu não fazia. Segundo, foi muito importante para minha prática pedagógica, porque eu sou professora da rede estadual, trabalho em sala de aula, e estar em contato de novo com esse universo me fez crescer muito. Foi muito bom para mim. E o terceiro aspecto é o aspecto financeiro, evidentemente. Com o mestrado, o meu salário foi bem melhorado aqui. Então foram muitas coisas boas, além da questão da interação com as pessoas do laboratório. Foi um momento em que eu pude trocar com os outros alunos de uma forma mais igual, não é? Porque eu podia discutir certos aspectos de certas coisas com eles, num nível mais elevado do que eu estava sempre acostumada: pegar o bloco, cortar o

bloco. “Ah! Noêmia é muito boa!” Pega, corta e processa e ficou muito lindo, maravilhoso... Mas não tinha conteúdo por trás disso.

**Erika Negreiros: Qual foi seu trabalho? O que você fez no mestrado?**

Noêmia Gonçalves: Então, entre os parasitas que a gente conhece, existe um parasita que até hoje não está bem classificado. Quando eu defendi a minha dissertação, eu defendi com ele sendo um fungo, mas isso é uma discussão que, na época, ainda não estava elucidada. Chama-se *Encephalitozoon hellem*, e é de um grupo chamado Microsporídios. Meu trabalho foi desenvolver uma técnica para se estudar esse parasita, uma vez que não existiam trabalhos de ultraestrutura publicados nesse sentido. Então eu desenvolvi toda a técnica de Microscopia Eletrônica, desde a melhor fixação. Mestrado profissional é um trabalho técnico direcionado, um produto. Um protocolo ouro no final. E eu desenvolvi toda a técnica desde a melhor fixação até a melhor microscopia. Qual era o melhor microscópio para se extrair desse modelo as melhores informações. Ao longo do percurso, o meu objetivo foi desenvolver um protocolo, um produto, que atendesse essa pergunta. Mas ao longo do processo, a gente viu várias coisas, que é isso que o Wanderley quer repassar, para a gente ver o que tem ali de informação biológica para publicar. Ficaram algumas coisas pendentes, coisas que não couberam no cronograma, que eu tinha vontade de voltar a fazer... Não sei se a gente consegue. Na época, eu fiquei muito curiosa de ver com as criotécnicas, porque são técnicas mais fiéis àquilo que se vê *in vivo*, porque a gente queima várias etapas de desidratação, de infiltração - são coisas que maquiam. Pela metodologia convencional, a imagem final acaba sendo artefactual, não é muito fiel. Eu queria muito fazer as criotécnicas! Eu queria muito fazer por crioultramicrotomia, por criofratura, para conhecer esse bicho melhor...

**Wanderley de Souza: Ainda vai fazer! Ô Noêmia, e a aposentadoria? Eu falei, você está muito nova para se aposentar (risos).**

Noêmia Gonçalves: Me aposentei há menos de um ano, com trinta e um anos de serviço na Biofísica. Eu tenho dois anos fora, mas que eu nem averbeei porque eu sabia que eu estaria muito jovem, muito produtiva, com muita energia, muito gás para queimar ainda. Se eu averbasse esses dois anos, eu teria me aposentado com menos de cinquenta e cinco. Eu fiz cinquenta e cinco anos nesse ano. Foram três fatores que me motivaram. O primeiro foi o cansaço, eu sonhava com o dia que eu levantasse e que não precisasse trabalhar. A segunda, foi a questão da reforma da previdência. Eu tinha muito medo de ser pega e não conseguir me aposentar. E a terceira foi que eu tinha um projeto com a minha irmã de nós montarmos uma empresa pequenininha, uma coisa mais doméstica.

**Wanderley de Souza: Eu sempre falava que se você vai se aposentar, tem que ter uma outra atividade para fazer, porque se aposentar para ficar em casa, isso é a pior coisa que se pode fazer. Para fazer uma outra atividade, tudo bem. Ela falou que ia montar uma empresa de moda, não foi?**

Noêmia Gonçalves: De moda, exatamente. Então, a minha irmã costura e eu tenho uma casa muito grande. Nós tínhamos vontade de montar um ateliê de costura, fazer alguma coisa nesse sentido, mas eu acreditava que não fosse ficar tão abalada com a questão da aposentadoria, porque eu sou professora do Estado, como eu falei. Então, eu tinha outra atividade, eu não ia parar cem por cento do tempo. Eu me aposentei dia 06 de dezembro de 2019, com cinquenta e quatro anos, e fui para casa feliz. Minha filha estava se formando, então o mês de janeiro a gente passou todo envolvido com a questão da formatura, fevereiro foi a festa. E aí entrou a questão da pandemia. Eu comecei a dar aula no finalzinho de fevereiro, no Estado, e dia 16 de março foi declarada a quarentena. Na escola disseram que seria por quinze dias, podendo ser prorrogado. Então eu falei assim: *“Opa quinze dias, vou tirar férias”*. Quinze dias... tranquilo. Mas a coisa foi se estendendo. E nesta mesma ocasião, minha filha recém-formada saiu de casa. Ela é aluna da residência da Fundação Oswaldo Cruz, ir e voltar de Campo Grande estava muito difícil. Ela chegava em casa extenuada, não tinha tempo de estudar. Médico precisa estar sempre em dia com o seu tempo... Então a gente achou que realmente seria melhor para ela mudar, e alugamos um apartamento em Vila Isabel. Eu e o pai montamos o apartamento, está com uma casa bonitinha, montadinha... Demos um carro, e Luiza saiu de casa. Então eu acumulei a aposentadoria e a síndrome do ninho vazio, e então veio a pandemia e o isolamento. E eu fiz uma depressão. Foram três fatores, todos os três muito pesados, muito fortes. E por essa ocasião, eu recebi um e-mail me convidando para voltar (risos).

**Erika Negreiros: Coincidência?**

Noêmia Gonçalves: Coincidência? Destino? O Wanderley me chamou para voltar, disse que tinha pego esses projetos de COVID-19 e que estava precisando de uma pessoa experiente, e eu voltei. E estar inserida de novo nessa realidade tem sido muito bom para mim, tem sido terapêutico. Ah! Lembrei de outro fator. Eu estava numa rotina de trabalho no laboratório que estava muito insatisfatória para mim. Vou confessar aqui, às vezes eu passava o dia inteiro lendo, lendo literatura informal, nada científico. Ou mexendo no celular, porque não tinha mais atividade. Eu tinha treinado o Otávio, a Tatiana, e as pessoas, naturalmente, recorriam mais a eles porque são mais jovens, e o público do laboratório é mais jovem. E quando Wanderley me chamou, eu vim para cá numa outra condição. Eu vim para trabalhar com uma coisa que dá trabalho, que está dando muito trabalho, e que eu não fico parada em nenhum momento.

Aquele marasmo que estava, aquela apatia que estava, estava muito insatisfatório. Eu queria muito parar com aquilo. Pegar o meu carro, me deslocar quarenta quilômetros de Campo Grande até aqui, para chegar aqui e ficar mexendo no celular? Ou lendo? Aí uma pessoa pedia para cortar um bloco, eu ia lá e cortava um bloco. Então estava muito ruim, é uma realidade totalmente diferente da que eu estou vivendo hoje. Hoje eu sou realmente aproveitada, e isso foi muito bom! Eu vejo como as pessoas têm em mim uma referência. Então hoje, dentro do laboratório eu ouço o meu nome o dia inteiro: *“Oi Noêmia, me ajuda com isso? Noêmia, me ajuda com aquilo? Vamos complexar uma proteína hoje? Noêmia, você me orienta?”* Então, assim, é muito bom porque você se sente útil. E de fato, eu estou muito jovem ainda, eu tenho realmente muita energia para queimar. Eu fico vendo meu chefe, que é mais velho do que eu e cheio de gás. O dia que ele não tem uma grade para olhar ao microscópio, ele fica indócil... Ele fica para lá e para cá: *“Cadê o material, Noêmia?”*. A experiência está sendo muito boa e tem me levado a pensar que, talvez, eu não pare, talvez eu continue e que fique por aí até a hora que eu não aguentar mais trabalhar, porque eu consigo muita coisa ainda.



Laboratório de Ultraestrutura Celular Hertha Meyer/IBCCF (no contexto da pandemia da COVID-19): Sharmila Ortiz, Noêmia, Wanderley de Souza e Veronica Santos.

### **Wanderley de Souza: Agora me fala um pouquinho o que foi ver sua filha crescer, virar médica...**

Noêmia Gonçalves: A Luiza (*Luiza Rodrigues*) é cria da UFRJ, tem uma história muito legal para contar agora também. A Luiza foi aluna da creche universitária. Quando eu me separei, ela tinha um ano e meio. Fiquei casada durante quatro anos com o pai dela, ele saiu de casa e eu fiquei com neném que usava fralda ainda. E essa época foi a mais difícil da minha vida. O Wanderley esteve muito presente nesse momento, porque no mesmo ano em que eu me separei, a minha mãe amputou uma perna. Foi assim, eu me separei em junho, em novembro minha mãe amputou uma perna, em janeiro meu pai fez um diagnóstico de câncer de pâncreas. Wanderley esteve presente, papai morreu um ano depois, era um monstro aquele homem! Resistente demais, morreu um ano depois do diagnóstico, e eu fiquei com neném pequenininho, com uma mãe amputada que não podia me ajudar, com o pai, que era meu chamego, que tinha morrido doente, e então eu apelei para a creche universitária. Não tinha mais como eu vir aqui. Bati na porta da creche. Ela já ia fazer quatro anos, contei a história toda triste à assistente social e ela admitiu a Luiza. E a Luiza veio para a UFRJ, ficou aqui até os seis anos de idade, e depois foi para uma escolinha mesmo. No ensino médio, ela foi aluna no Pedro II de Realengo, unidade mais nova. E sem querer babar a cria, minha filha passou em primeiro lugar! Luiza é muito inteligente, puxou o pai (risos). Igual a Doutora Hertha: “*puxou o pai*” (risos). Só para fazer uma brincadeirinha com a Doutora Hertha e Wanderley (risos). Voltando à Luiza, quando estava no ensino médio ela voltou a frequentar o *campus*, mas não na UFRJ. Ela foi estagiária do centro de pesquisa da Petrobrás, no CENPES, e veio fazer um treinamento aqui, programa de vocação científica. O meu sobrinho, na época, era engenheiro ali também, e ela veio fazer o programa de vocação científica. No final das contas, a gente achava que ela ia ser engenheira, o pai é engenheiro de gás e petróleo, a gente achava que ela fosse por esse caminho. Mas no último ano, ela resolveu que queria fazer medicina. A gente conversou bastante a respeito do assunto, ela fez o ENEM e passou de primeira e foi muito legal. Então é uma coisa que falei no dia em que me aposentei e vou repetir aqui: Eu entrei pela porta do lado, não vou falar dos fundos que é feio... Minha filha entrou pela porta da frente, como aluna da medicina. Eram noventa e seis vagas, e ela entrou em quadragésimo terceiro lugar e se formou aqui. E no dia da formatura dela, da colação de grau, foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida! Eu convivi com a nossa reitora, a Denise Pires de Carvalho aqui na Biofísica durante muito tempo. No dia da formatura, tinha a minha filha, a filha da Rosália Mendes-Otero, tinha o filho do Edmilson Migowski, e a filha da Denise. Eram todos da turma da Luiza. De alguma forma, filhos de funcionários da universidade, professores, a Reitora... E eles estavam na mesa. A única que não estava na mesa, por não compor o corpo docente da universidade, era eu. Eu estava sentadinha lá,

assistindo minha filha se formar. O Roberto Medronho, que era o diretor da Faculdade de Medicina, chamava os alunos: *“Doutor fulano de tal venha receber seu diploma, doutor fulano de tal...”*. E eu me preparei, estava por ordem alfabética, estava chegando minha filha... Eu me preparei com o meu celular para gravar a Doutora Luiza, e aí eu toda empunhada lá para gravar... E ele falou assim: *“Antes de chamar a próxima aluna, eu quero chamar a Noêmia Rodrigues, que é mãe da doutora Luiza para entregar o diploma dela”...*



Formatura de Medicina em fevereiro de 2020. Imagem acima - Imagens da Luiza Rodrigues, filha da Noêmia, recebendo o diploma das mãos de sua mãe. Ao fundo, Denise Pires de Carvalho (Reitora da UFRJ, de 2019 a 2023).

**Erika Negreiros: Ai, que lindo!**

Noêmia Gonçalves: Me arrepio até hoje!

**Wanderley de Souza: Noêmia, e como é que foi a reação da Luiza com essa pandemia? Ela se envolveu forte nisso?**

Noêmia Gonçalves: Sim, fortemente. Ela atende até hoje. Ainda está atendendo pacientes sintomáticos respiratórios. E para nós duas foi uma prova atravessar esse momento, foi realmente bastante difícil. Minha filha recém-formada, se formou em janeiro e, em março, já estava atendendo pacientes sintomáticos respiratórios de COVID-19, e pedindo ambulância e vaga zero para o Ronaldo Gazolla (*Hospital Municipal Ronaldo Gazolla*). E ela me ligava: “Mãe, hoje eu pedi quatro ambulâncias, porque tinham quatro pessoas em estado muito grave”. O pai de um dos médicos recém-formados, faleceu no Ronaldo Gazolla e foi a Luiza que pediu a ambulância. E foi uma experiência muito marcante, ainda está sendo, porque ainda estão atendendo pacientes sintomáticos de COVID na escola. Ela está de férias agora em outubro, meu coração está um pouquinho mais aliviado. Nós testamos, nós duas, ela e eu testamos porque foi a única pessoa que eu mantive contato ao longo do isolamento, e ambas tiveram resultados negativos. Então, para finalizar - eu metida querendo finalizar, quero contar a história dessa foto (*referindo-se à foto do futebol*).

**Wanderley de Souza: Conta essa história que eu não me lembro (risos).**

Noêmia Gonçalves: Essa história (risos). Bom, sou eu com 27 anos em 1992. Nós éramos um grupo muito unido nessa ocasião no laboratório, depois começaram a acontecer algumas cisões, tínhamos nossas brigas, mas como eu falei também no dia que me aposentei, é como uma família, a gente briga, mas se ama. Isso aqui era um campinho de futebol que ficava onde hoje é o estacionamento dos idosos do IBCCF. Era um campo de futebol e aqui tinha uma *guaritazinha*. Tinha um bosque de eucaliptos enorme ali depois do IPPMG, não tinha linha vermelha, etc. Nós estávamos jogando bola, antes ou depois do churrasco, sei lá. E estávamos eu, Vera Bonilha, Wanderley, o filho mais velho do Wanderley, o Rodrigo, que em 1992 já tinha uns dez anos. Estávamos todos jogando bola. Eu jogava bola, jogava tênis de mesa, sempre gostei muito dessas coisas. Sendo que o Rodrigo jogava muito mais do que eu, era garoto e já tem uma coisa melhor com futebol, e toda hora o Rodrigo dava dividida de bola.

**Wanderley de Souza: Ele queria ser jogador profissional!**

Noêmia Gonçalves: E toda hora na dividida de bola, o Rodrigo tirava a bola! Então eu comecei... Esse moleque não vai me sacanear, não! Ele chegava perto de mim, e eu grandona, vinte e sete anos, moleque pequenininho, eu tum! Trombava ele... O garoto caía. Estava chovendo, estava cheio de lama na grama,

escorregando toda hora. O Wanderley viu, veio de lá. E eu sem bola, sem nada! Não foi dividida, não! Ele veio perto de mim e só fez assim ó: Tum! Me jogou dentro da lama e *meteu o pé*. (risos). E o João, que não estava jogando, pensou: “Ah, essa eu *tenho que fotografar!*”. Ele me deu a foto depois.

**Wanderley de Souza: Eu posso interpretar ao contrário, posso falar o seguinte: Eu correndo da Noêmia... (risos).**

Noêmia Gonçalves: Ele me derrubou e meteu o pé, foi exatamente isso que aconteceu. (risos de todos).



Imagem da Noêmia e Wanderley de Souza ao fundo, correndo (foto do futebol).

## PAULO CEZAR COUTINHO

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 05/08/2021

**Wanderley de Souza: Muito bem Paulo, a gente sempre começa querendo saber como é que você chegou aqui no Instituto, em que ano você chegou aqui.**

Paulo Coutinho: Na verdade, eu cheguei aqui no Instituto em 1981. Mas eu vim aqui para a universidade em 1979, praticamente dois anos no HU (*Hospital Universitário*), no terceiro andar com o seu Miranda Alberto. Lá tínhamos um biotério de roedores.

**Wanderley de Souza: Você ficou dois anos lá e como é que você descobriu aqui?**

Paulo Coutinho: Vim para cá através do Paulo Hobaica (Veterinário *Paulo Eduardo Mansur Hobaica*).

**Wanderley de Souza: Ele era um veterinário que atendia todos os biotérios do CCS. Ele te trouxe para a Microbiologia ou para a Biofísica?**

Paulo Coutinho: Para a Neurobiologia na Biofísica.

**Wanderley de Souza: Já direto com os gambás e macacos...**

Paulo Coutinho: Trabalhei com o professor Carlos Eduardo Rocha Miranda, com a professora Leny Alves Cavalcante, Rosalia Mendes-Otero, Eliane Volchan, o inesquecível Seu Raimundo, e até hoje trabalho com os professores Ricardo Gattass, Mário Fiorani e Bruss Lima.



Paulo Coutinho no Biotério, década de 1990 – IBCCF.

**Wanderley de Souza: Esse tempo todo você ficou nesse biotério do andar de cima?**

Paulo Coutinho: É! Que agora está aqui do lado, indo para a Histologia. Nós não trabalhamos mais com os gambás, só com os primatas...

**Wanderley de Souza: Gambá não tem ninguém trabalhando?**

Paulo Coutinho: Não. Nós trabalhávamos há bastante tempo, fazia muita reprodução.

**Wanderley de Souza: E os primatas, vocês têm reprodução? Quais são os primatas que vocês têm hoje?**

Paulo Coutinho: Temos reprodução. E temos só o Macaco-prego...

**Wanderley de Souza: E nasce com frequência?**

Paulo Coutinho: Pequeno agora nós só temos um, mas temos filhotes que nasceram aqui e que já estão na fase adulta.

**Wanderley de Souza: Mas estão sempre se reproduzindo?**

Paulo Coutinho: Todo ano, sempre tem filhote!

**Wanderley de Souza: Não precisa comprar, não?**

Paulo Coutinho: Não! De jeito nenhum.

**Wanderley de Souza: E está tudo certinho com o IBAMA, essas coisas?**

Paulo Coutinho: Tudo certinho, todo ano se faz um relatório de quantos nasceram, de quantos foram usados...

**Wanderley de Souza: Tem quantos hoje? E todos são para experimentações?**

Paulo Coutinho: Acho que temos uns vinte, mais ou menos. Alguns são para reprodução e outros para experimento. Mas eu sou apaixonado por trabalhar com esses animais, tem que ter amor aos animais, porque se não...

**Wanderley de Souza: E eles dão dóceis?**

Paulo Coutinho: Comigo é tranquilo.

**Wanderley de Souza: Já estão acostumados...**

Paulo Coutinho: Fica melhor para trabalhar onde temos o recuo dentro da jaula. Quando nós queremos entrar na jaula deles, a gente começa a bater palma e pedir para eles entrarem no recuo, aí nós fechamos. Eles obedecem e entram todos para o recuo. Sabem que têm que entrar, que vão ganhar recompensa...

**Wanderley de Souza: E vem cá, vocês têm treinado outras pessoas mais jovens para aprender a lidar com macacos?**

Paulo Coutinho: É, agora temos. Na realidade, eu trabalhei muito tempo sozinho, tinha vezes que eu chegava aqui cinco e meia da manhã e saía às seis horas da noite. Fiquei um bom tempo trabalhando sozinho, quase doze anos ou mais. Ainda tínhamos que cuidar dos gambás, fazer reprodução... Hoje em dia nós temos essas duas pessoas da firma terceirizada que estão ajudando.

**Wanderley de Souza: Pelo menos limpeza, essas coisas... Mas a manipulação com animais eles fazem também, ou não?**

Paulo Coutinho: Também estão aprendendo.

**Wanderley de Souza: É bom treinar gente porque daqui a pouco ninguém sabe pegar...**

Paulo Coutinho: Eu acho que a gente tem que deixar alguém com experiência para trabalhar com os animais.

**Wanderley de Souza: E tem alguém bom como você?**

Paulo Coutinho: Tem sim, mas são dessa empresa terceirizada.

**Wanderley de Souza: Mas se a empresa for embora, os caras vão embora também...**

Paulo Coutinho: É... aí fica complicado!

**Wanderley de Souza: Deviam estar na universidade!**

Paulo Coutinho: Não temos pessoas na universidade para trabalhar...

**Wanderley de Souza: Você sabe se tem alguém trabalhando com cobaia?**

Paulo Coutinho: Não sei onde, não estou lembrado. Com essa pandemia (*COVID-19*), a gente quase não pode entrar nos outros biotérios. Mas, provavelmente, acho que tem sim. Na realidade, tinha até uns concursos para técnico de laboratório/biotério. Meu filho até passou nesse concurso! Ele, minha nora... Mas estão trabalhando lá na UFRJ de Macaé.

**Erika Negreiros: Eles têm primatas lá?**

Paulo Coutinho: Lá é só camundongo ou ratos. Trabalhar com primata é bem mais complicado.

**Wanderley de Souza: Eu gosto muito! Tem um centro aqui de primatologia muito bom, lá no Pissinatti (médico veterinário Alcides Pissinatti)...**

Paulo Coutinho: Ah, sim! Parada Modelo.

**Wanderley de Souza: Na realidade, da Parada Modelo você pega a estrada que vai para Friburgo, por baixo, e depois mais para frente cai à esquerda. Mas é um lugar lindo!**

Paulo Coutinho: É um centro de primatologia (*Centro de Primatologia do Rio de Janeiro - CPRJ*).

**Wanderley de Souza: Tem muitas espécies de primatas!**

Paulo Coutinho: Tem mico leão dourado (*Leontopithecus rosalia*), tem *Callithrix* (*Callithrix aurita* - sagui-da-serra-escuro)...

**Wanderley de Souza: Tem até o miqui (*Brachyteles arachnoides*)!**

Paulo Coutinho: Isso! Eu já fui uma vez lá!

**Erika Negreiros: É aberto à visitação?**

**Wanderley de Souza: Se você marcar, ligar para o Pissinatti, que é professor lá da Unifeso, em Teresópolis, talvez consiga. Vale a pena uma visita, é muito bonito!**

Paulo Coutinho: Muito bonito mesmo! A área toda verde... Lá tem uma espécie de museu.

**Wanderley de Souza: Tem o museu, tem o esqueleto do macaco Tião, aquele famoso. Mas Paulo, é o seguinte, quem trabalha hoje com primatas aqui no Instituto?**

Paulo Coutinho: Só o laboratório do Ricardo Gattass. É complicado trabalhar com animal de grande porte...

**Wanderley de Souza: O Osvaldo Cruz sempre gostou muito dos primatas. Rocha Miranda gostava mais dos gambás, Ricardo Gattass sempre foi primatas...**

Paulo Coutinho: A Eliane Volchan com gambás, Leny Cavalcante com gambás também. A maioria trabalhava com gambás.

**Wanderley de Souza: De vez em quando aparece um gambá lá no laboratório (risos.)**

Paulo Coutinho: Tem muito por aqui, tem muitos soltos. Eu trabalhei muito tempo com eles, com marsupiais. Quando aparecia aqui, eles pensavam que eram nossos e me chamavam para pegar. E eu ia para o laboratório caçar eles.

**Wanderley de Souza: Mas tem muito?**

Paulo Coutinho: Tem! Sempre tem um passando ali no estacionamento.

**Wanderley de Souza: A que horas? Qualquer hora?**

Paulo Coutinho: É! Outro dia fui ali para o estacionamento e vi um atravessando às quinze horas! E com o desmatamento, eles estão saindo. Uma vez tinha uma mãe com um monte de filhotes agarrados.

**Erika Negreiros: Tem vários espalhados pela cidade do Rio de Janeiro. Num prédio em que morei tinha uma família de gambás (risos). Tem muitos na Urca, no Pão de Açúcar...**

**Wanderley de Souza: E eles são jeitosos para entrar em qualquer burquinho!**

Paulo Coutinho: E o bom é que eles caçam também.

**Wanderley de Souza: O que eles pegam? Camundongo?**

Paulo Coutinho: Isso, Camundongo! Até cobra também! Acho que é imune...

**Wanderley de Souza: Cobra não se dá bem com eles, não. Veneno da cobra não faz efeito no Gambá...**

Paulo Coutinho: A gente fazia reprodução e tinha alguns que, desde pequeninhos, nós criamos e ficavam mansinhos... Colocava até nome em alguns! (risos.)

**Erika Negreiros: O problema é quando se apega!**

Paulo Coutinho: É! Essa é a dificuldade...

**Erika Negreiros: Principalmente os primatas, deve ser mais fácil de se apegar, você não acha?**

Paulo Coutinho: Primatas são muito inteligentes, muito inteligentes! Vontade de chegar e abraçar!

**Wanderley de Souza: Eles ficam amigos também, não é?**

**Erika Negreiros: E aí como é que faz quando se apega?**

Paulo Coutinho: Na verdade, a gente trabalha com comportamento e o animal acaba morrendo de velho mesmo...

**Wanderley de Souza: Qual é a vida média deles?**

Paulo Coutinho: Uns dizem que é em torno de vinte e cinco ou trinta e cinco anos...

**Wanderley de Souza: Qual é o mais velho que você tem?**

Paulo Coutinho: Eu acho que é o Paulinho, deve estar com uns dezesseis anos...

**Wanderley de Souza: E chama de Paulo? (risos). Eles vêm de onde? Onde é que vocês pegam?**

Paulo Coutinho: O Paulinho, eu não lembro... Alguns vêm de Minas, outros do zoológico ou também do IBAMA de Seropédica.

**Wanderley de Souza: Ali no Jardim Botânico tem muito macaco prego. Saem subindo os pés de jaca!**

**Erika Negreiros: De vez em quando eu escuto uns gritos aqui. Acho que quando alguém entra na sala eles já ficam mais animados...**

Paulo Coutinho: Isso! Tem vezes que é uma barulhada!

**Wanderley de Souza: Nenhum pegou COVID, não?**

Paulo Coutinho: Não. Na realidade, para entrar em contato, a gente tem que lavar as mãos, colocar a máscara, todo o equipamento de segurança, para não ser contaminado e não contaminá-los também.

**Wanderley de Souza: Quer dizer que o Ricardo tem vindo toda semana? Podia ver se eu encontro ele no corredor, mas faz muito tempo que não o vejo. Antigamente eu encontrava muito com ele em**

**Teresópolis, mas deixou de ir para lá. Depois que os netos nasceram, deixou até a fazenda... (risos).**

Paulo Coutinho: A gente se sente até honrado, porque é tanto tempo! Na verdade, nós passamos mais tempo aqui do que na nossa própria casa! Conhecer esse pessoal todinho! Esses professores... O Carlos Chagas, o Rocha Miranda, o Osvaldo Cruz.

**Wanderley de Souza: Aristides Pacheco Leão, Romualdo...**

Paulo Coutinho: Doutor Hiss (*Hiss Martins Ferreira*), Gustavo de Oliveira Castro... Nossa é prazeroso! Foram pessoas maravilhosas na vida da gente. Isso que é bom! A Biofísica é isso!

**Erika Negreiros: A gente percebe muito isso nas falas de quem trabalha ou trabalhou aqui.**

Paulo Coutinho: Foi muito bom trabalhar!

**Wanderley de Souza: E ainda tem muitos anos para trabalhar, né, Paulo?**

Paulo Coutinho: É... (risos).

**Wanderley de Souza: Não está pensando em se aposentar, não?**

Paulo Coutinho: Tem horas que a gente pensa um pouquinho, né? Porque é cansativo, eu moro em Campo Grande, é uma viagem de lá para cá. E a gente chega aqui cedo, porque tem que chegar aqui cedinho, em torno das sete horas da manhã.

**Wanderley de Souza: Você tem que sair de casa, que horas?**

Paulo Coutinho: Eu acordo quatro e quarenta e cinco, saio de casa umas cinco... Nesse período de pandemia, eu estou vindo de carro porque é menos perigoso, apesar de ter tomado a segunda dose. Mesmo assim, a gente tem que cumprir com os nossos compromissos. Porque com o primata tem que estar ali sempre.

**Wanderley de Souza: Tem que dar atenção. Mas se não vier, o pessoal da empresa consegue fazer coisas básicas?**

Paulo Coutinho: Isso! A gente sempre entra em contato. Eles conseguem com certeza fazer tudo certinho.

**Erika Negreiros: Qual é a alimentação deles, Paulo?**

Paulo: A gente tem uma ração que é preparada para eles, especial para primatas, e também as frutas: laranja, banana, mamão, uva. E temos milho...

**Wanderley de Souza: Eles comem bem!**

Paulo: Na parte da manhã damos a ração e depois as frutas...

**Erika Negreiros: E fotos, você tem?**

Paulo Coutinho: Temos algumas fotos, sim!

**Wanderley de Souza: Paulo segurando o Paulinho! (risos). Muito bem, Paulo! Tem alguma coisa que a gente não tenha comentado ou perguntado?**

Paulo Coutinho: Acho que é isso aí. Na verdade, somos uma grande família!



Festividade do IBCCF. Paulo, em primeiro plano, com Monica, Cecília Hedin Pereira, Jan Nora Hokoç, Seu Raymundo Bernardes, Elenice Maria Correa e Nilson dos Santos e José Tiburcio, de costas.



Paulo com amigos do IBCCF (imagens acima) - Mariana Souza da Silveira, José Tibúrcio e Nilson Nunes. Paulo em diferentes contextos (imagens abaixo).

## **RICARDO MANOEL DA SILVA**

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 25/10/2021

**Wanderley de Souza: Ricardo, a gente quer saber primeiro como é que você entrou aqui e como foi que você chegou até aqui na Biofísica.**

Ricardo Manoel: Então, eu entrei aqui, já começando mesmo a trabalhar em setembro de 1985. Na época, quem me trouxe para cá, na verdade, foi o professor Ernesto Macedo Polonio. Grande professor Polonio.

**Wanderley de Souza: Grande Ernesto. Professor Polonio naquele tempo só se dedicava ao ensino, ele não fazia pesquisa, ele integrava a equipe do Professor Lafayette.**

Ricardo Manoel: É, Lafayette, Sérgio Dalto, Rizoal, Granafei, Orlita, Marlene...

**Wanderley de Souza: Era um grupo de três pessoas que trabalhavam juntos. O Lafayette, que era o chefão. Esse Lafayette Pereira era filho do outro Lafayette, que era o catedrático que, ao morrer, abriu a vaga para o Chagas fazer o concurso. O Chagas chamou o filho para ficar com ele. Então Lafayette, Cezar Elias e Polonio eram um trio que começou a dar aulas em tudo quanto é faculdade de medicina que tinha por aí: Souza Marques, Teresópolis, Campos...**

Ricardo Manoel: Ele era também do Hospital dos Servidores e Farmacêutico de duas farmácias no Centro da Cidade.

**Wanderley de Souza: Pois é. Então eram umas pessoas que sempre se dedicaram muito ao ensino, exceto o Elias, que boa parte da vida dele, se dedicou à pesquisa. Como é que você conheceu o Polonio?**

Ricardo Manoel: Então, eu conheci o Polonio porque ele dava aula na Souza Marques e meu irmão, Benedicto Manoel da Silva, era auxiliar dele lá.

**Wanderley de Souza: Olha bem, quando eu era estudante de medicina, eu fui monitor de Biofísica da Souza Marques. Quem me levou para lá foi o Polonio, o Lafayette e o Elias. Eram os três que estavam juntos e tinha lá uma equipe técnica-administrativa, mas não estou me lembrando dele. Isso foi em 1976, 1977...**

Ricardo Manoel: Ah não, isso foi depois, no final. Ele já tinha um ano lá como Professor. Ele falou pro meu irmão que estava precisando de funcionário porque ele estava tendo problema com um funcionário daqui.

**Wanderley de Souza: Você nunca tinha vindo aqui antes?**

Ricardo Manoel: Não.

**Wanderley de Souza: Então foi o teu contato. E veio para ajudar o Polonio.**

Ricardo Manoel: Tinha alguns meses que eu tinha saído do Serviço Militar, Exército, que servi um ano. Então depois vim direto para cá.

**Wanderley de Souza: Como você era pago?**

Ricardo Manoel: Então, quando eu entrei aqui, foi pela Fundação José Bonifácio. Eu fiquei um mês aqui sem ser pela Fundação. No mês seguinte me contrataram.

**Wanderley de Souza: E você ficou pela fundação até quando?**

Ricardo Manoel: Na Fundação eu fiquei até 1987. Porque como teve aquela história de absorver os funcionários, o Polonio me obrigou, praticamente, a fazer uma prova, para não falar que eu entrei pela janela.

**Wanderley de Souza: Então na época do Horácio Macedo terminou entrando todo mundo que era bom, quem não era bom... Deu uma confusão desgraçada.**

Ricardo Manoel: Teve bastante gente que não entrou e deu muito problema, vários processos.

**Wanderley de Souza: Você entrou e talvez seja o único dos entrevistados, até agora, que entrou para apoiar a graduação e continua apoiando a graduação até hoje. Não é isso?**

Ricardo Manoel: Foi. Na verdade, eu entrei praticamente preparando e montando as práticas, ajudando a montar as aulas todas e, depois de um tempo, o pessoal me chamou para ajudar na secretaria de Graduação: *“Ah, Ricardo, só para colocar um aparelho, só pra verificar se está tudo bem...”*. E fui ficando.

**Wanderley de Souza: Quer dizer, então, que você preparava a sala. Alguém vai dar uma aula prática, você preparava a sala.**

Ricardo Manoel: Chegava lá, e montava tudo para ser utilizado na aula.

**Wanderley de Souza: Eu me lembro de você dessa época. Eu dava umas aulas práticas no curso de Medicina de Biomembrana.**

Ricardo Manoel: Ah, tinha muita prática na época, prática de Langendorff que era ministrada pelos professores Pedro Persechini e Masako Oya Masuda; as práticas de hemolifopoético que eram com a Doutora Aída Hasson-Voloch, Cecilia Sonló, Elaine Quintana e Clarissa Rego.

**Wanderley de Souza: Tinha muito curso prático e não sei por que foram acabando com as práticas, invadindo as salas práticas para virar laboratório, e hoje eu nem sei se ainda há a prática. Algum curso ainda dá aula prática?**

Ricardo Manoel: Prática desse tipo daquela época? Nenhum.

**Wanderley de Souza: Qual é a prática que tem hoje?**

Ricardo Manoel: A prática é só microscópica, visualizar lâmina.

**Wanderley de Souza: Isso aonde? Lá na parasitologia?**

Ricardo Manoel: Parasitologia. Práticas de computação... Fora essas, de prática, não se vê mais prática nenhuma.

**Wanderley de Souza: Então acabaram com os cursos práticos. Isso foi um erro, absolutamente. Isso é desmotivador para os alunos, porque os alunos adoravam fazer as práticas.**

Ricardo Manoel: Olha, todo curso, toda disciplina, tinha prática. Eu sei que eu ficava aqui até tarde montando as práticas. As práticas eram aplicadas dia sim, dia não. Então tinha prática segunda, quarta e sexta. Terça a gente preparava tudo para quarta e assim por diante, porque eram muitas práticas.

**Wanderley de Souza: Possivelmente o curso, por exemplo, do Alvaro Leitão, de radiações devia ter prática, ver efeitos da radiação nas cianobactérias.**

Ricardo Manoel: Tinha. Marlene Fiszman usava muitos ratos na prática, e ela só gostava de usar ratos brancos. O Olaf Malm...

**Wanderley de Souza: Eu ainda sou de uma época, quando era aluno, nós tínhamos as práticas com cão, porque o cão era fundamental em fisiologia, anestesia etc e tal. Eles acabaram.**

Ricardo Manoel: Sim, nós corríamos com os cachorros aqui pelo CCS para fortalecê-los.

**Wanderley de Souza: E você então foi saindo dessas aulas práticas, porque nem tinha, e foi cuidando da secretaria.**

Ricardo Manoel: Fui migrando aos poucos para a secretaria. Na sua época como Diretor (1989-1992), a gente brigava quase todo dia, porque eu queria um

computador, mas você achava que era desnecessário, então brigava muito, eu e você. Eu chegava na secretaria para saber se já tinha sido liberado o computador, e você já avisava: “*Não tem, porque as secretárias não gostavam de usar*”. Mas insisti tanto que consegui, mas tive que conectar na secretaria, pois ficava montando as práticas nos programas que tinham para deixar tudo pronto. E, de lá para cá, nunca mais saí da coordenação de graduação.

**Wanderley de Souza: Porque era uma época complicada. Era um troço caro e raro. Ninguém tinha muito computador.**

Ricardo Manoel: Sim, eu sabia, mas precisava para melhorar!

**Wanderley de Souza: Era tudo máquina, IBM com corretivo, não sei que mais...**

Ricardo Manoel: Aquelas máquinas de escrever, Olivetti, usavam aquelas margaridas, elétricas...

**Wanderley de Souza: E você foi passando pelos vários coordenadores, não é? Depois do Polonio, quem foi?**

Ricardo Manoel: Depois do Polonio, ficou uma professora da neuro, Marília Netto. Também teve a professora Cristina Rebelo (chamada de Bahiana), que era esposa do professor Moacir Rebelo, que também foi coordenador. Depois teve a professora Yasco Arakawa, Masako Oya Masuda, Vivian Rumjanek, Pedro Persechini, Denise Pires de Carvalho.

**Erika Negreiros: Você chegou a pegar a professora Maria Aparecida Esquibel?**

Ricardo Manoel: Na Coordenação de Graduação, Esquibel foi passageira. Ela assumiu e saiu.

**Wanderley de Souza: A Janete não foi também?**

Ricardo Manoel: Janete Torres.

**Wanderley de Souza: Janete Torres lá do Laboratório da Aída. Diretor era o cargo que ninguém queria, ser diretor da graduação, da pós-graduação era fácil...**

Ricardo Manoel: Todo mundo queria.

**Wanderley de Souza: Mas sabe por quê? Muito professor não queria dar aula, resistia às aulas práticas...**

Ricardo Manoel: A galera não queria dar aula, não. Falava em dar aula era briga.

**Erika Negreiros: Hoje não tem como. Não tem essa possibilidade. Todo mundo tem que dar aula.**

Ricardo Manoel: Se você não der aula, você não vai progredir. Tinham aqueles que gostavam de dar aula. Tinha a sala que era só dos professores que não faziam pesquisa. (*Sala dos professores*).

**Wanderley de Souza: Polonio, por exemplo, era um que só dava aula. E ele não reclamava.**

Ricardo Manoel: Não, ele adorava isso. Ele adorava dar aula, fazia vários desenhos para colocar na transparência.

**Wanderley de Souza: Por exemplo, o curso de Fisiologia. Eu tive que dar curso de Fisiologia, de graduação, sem ser fisiologista. Eu era diretor e tinha que dar o exemplo de que um professor pode dar aula de qualquer assunto. Os caras: “Ah, mas essa não é minha especialidade...”. Eu falava: “Você não entrou aqui para ser especialista, você fez concurso para a Biofísica”.**

Ricardo Manoel: Tanto que naquela época não tinha essa história de divisão de áreas: você dá aula de neuro, de cardio, renal, digestório.... Um professor dava aula de Fisiologia Geral. Ele assumia a disciplina do início ao fim.

**Wanderley de Souza: Para, sobretudo, Enfermagem, Educação Física. Para Medicina nunca teve grandes problemas, não. Mas quando falava dar curso de Fisiologia... E hoje, isso está mais tranquilo?**

Ricardo Manoel: Está. Hoje tem o pessoal que tem essas áreas já definidas. É lógico que tem sempre aquela que eu estou dando mais, eu quero dar menos, mas se mantém.

**Wanderley de Souza: E, vem cá, Ricardo, na tua opinião, como é que está o ensino nessa pandemia, com esse troço remoto? Como é que isso está funcionando?**

Ricardo Manoel: Bom, no início foi complicado, mas depois o pessoal começou a se adaptar e pergunta se poderia continuar assim. Tem gente que gosta. Até os alunos gostaram.

**Wanderley de Souza: Vou te dar a minha experiência com os alunos.**

Ricardo Manoel: Só que depende do curso, da disciplina. Porque tem professor que dá aula para fantasmas: está tudo ligado lá, mas não tem aluno.

**Wanderley de Souza: Exatamente. É isso que eu quero dizer. Olha, até em pós-graduação. Nós fizemos um curso de pós-graduação**

**remoto. O teórico era remoto e depois a prática ia ser presencial. Tinha dezesseis alunos. Você começava a aula e estava todo mundo lá, praticamente presente. Chegava no meio da aula: “Fulano de tal, você entendeu isso aí?”. Silêncio total. “Fulano de tal, por favor, abra a câmera”. Não abria. “Você está me ouvindo?”.**

Ricardo Manoel: Aquele silêncio... *Cri, Cri, Cri...*

**Wanderley de Souza: Resultado: você está dando aula, achando que o cara está lá, o cara não está. Ele colocou aquilo e foi fazer outra coisa.**

Ricardo Manoel: E outra coisa, o pessoal está comentando que teve um crescimento nas notas dos alunos: nove, dez, onze... Aluno que ficou inteligente rápido. É a prova com consulta.

**Erika Negreiros: E tem os alunos que estão no primeiro período que nunca vieram aqui na universidade. Então eles nem sabem como é.**

**Wanderley de Souza: Eu estou com uma estagiária agora do curso de Biomedicina. Ela me passou uma mensagem, queria fazer a coisa, se apresentou, que estava no terceiro período de Biomedicina e que tinha que fazer um estágio em química. Então eu falei: “Me manda teu currículo”. Ela me mandou e tal, eu achei que era razoável. Falei: “Então, faz o seguinte: vamos conversar dia tal”. Marquei, às nove horas, lá no laboratório. Ela me mandou outra mensagem: “ok”. Ficou toda contente. “Mas, Professor, como é que eu chego no laboratório?”. Falei: “Olha, é só chegar e perguntar. Vai para o subsolo e pergunta sobre o laboratório do professor Wanderley ou da Microscopia Eletrônica”. Ela falou: “Não, mas eu não sei como chegar ao prédio”. Então eu verifiquei que ela nunca veio ao Instituto de Biofísica.**

Ricardo Manoel: Uma coisa que a gente reparou agora é o que tem de aluno trancando matrícula, cancelando matrícula... Tem turma que está esvaziada, os alunos se inscrevem na disciplina e desaparecem, alguns trancam.

**Wanderley de Souza: Mas de qual curso?**

Ricardo Manoel: O curso de Biofísica é um exemplo. Essa turma agora, de 2021. De trinta alunos, doze já pediram trancamento.

**Wanderley de Souza: Isso o Instituto vai ter que rever, tem que pegar os coordenadores.**

Ricardo Manoel: Já fizeram uma reforma e o curso melhorou, mas veio a pandemia e deu aquela travada.

**Wanderley de Souza: Começa a ter curso demais: Biomedicina, Biofísica... O curso de Biofísica não é um curso atrativo, porque não existe mais Biofísica nas faculdades. Raro são as faculdades que tem Biofísica.**

Ricardo Manoel: E é um curso pesado para quem quer fazer. Agora melhorou um pouco a grade, liberou um pouco mais os alunos. O curso começou em 2006. Foi aprovado. A primeira turma foi em 2006. E então, de lá para cá, já tiveram algumas mudanças na periodização, mas a reforma mesmo ocorreu agora em 2020, o que ocasionou em uma grande melhora.

**Wanderley de Souza: Ricardo, você ainda tem muito tempo para ficar aqui, não é? Mais uns trinta anos... (risos).**

Ricardo Manoel: Na verdade, a minha intenção é ficar mais uns dez anos aqui. Apesar de que eu tenho tempo de casa, mas eu não tenho idade, não é? Eu tenho 36 anos de casa e 56 anos de idade, mas ainda tenho muito gás para trabalhar.

**Wanderley de Souza: Para se aposentar, a idade mínima é quanto?**

Ricardo Manoel: 60 anos. Só que assim: como naquela época eu trabalhava mexendo em ácidos, radiação, sangue (*insalubridade*), eu consegui oito anos incluídos com essa lei, agora do Supremo Tribunal Federal. Só estou esperando a Reitoria fazer o formulário. Mas eu já tenho lá garantidos oito anos. Então, eu posso simplesmente falar: “Estou indo embora”. Mas não é minha intenção. Por enquanto, não tenho vontade, estou podendo, não estou com essa de ficar em casa (risos).

**Erika Negreiros: Você tem uma organização incrível, eu fiquei muito impressionada quando eu entrei como docente. Como é que vai ficar quando você for? Você forma pessoas no setor?**

Ricardo Manoel: Quando fui convidado para assumir a coordenação da Graduação, a proposta era: “Ricardo, queremos que você seja o chefe da Secretaria de Graduação. O que você acha?”. Eu respondi: “Eu digo, não!”. Mas me disseram: “Não! Você não pode recusar”. Isso aconteceu na época da professora Vivian, e eu pensei: “Agora ferrou!”. A comissão era composta pelos professores Mecia Maria de Oliveira, Ricardo Gattass, o diretor e outros. Acabei aceitando. No início, enfrentei muitas críticas. Quando cheguei à graduação, o sistema era caótico: as provas ficavam com os professores, e era um desafio obter as notas. Para organizar tudo, criei um arquivo centralizado na secretaria, que me permitiu ter acesso a todas as informações. Reconheço que, na época, essa decisão não foi bem recebida. Mas fiz isso para solucionar problemas recorrentes. Eu recebia muitos processos físicos de alunos e coordenações relacionados a notas, e não tinha como verificar as informações. Havia alunos que entravam com pedidos de nota, mesmo sem ter cursado a disciplina. Para

resolver isso, centralizei tudo na secretaria. Hoje, tenho arquivos de notas desde 1998, armazenados em planilhas no computador, abrangendo todas as disciplinas que você possa imaginar. Além disso, mantinha um registro físico das notas, com anotações de professores antigos do IBCCF. Eu centralizei todo o material: notas, provas e frequência. Todas as provas eram geradas pela graduação, e eu me encarregava de pegá-las e xerocá-las. Assim, até hoje, as provas são distribuídas da mesma forma — embora isso tenha mudado um pouco durante a pandemia. Em um determinado momento, cheguei a ser a única pessoa digitando as notas de todos os alunos no sistema SIGA. Com uma média de 70 disciplinas por semestre, percebi que era humanamente impossível continuar assim. Portanto, sugeri que cada coordenador fosse responsável por inserir as notas de sua própria disciplina.

**Erika Negreiros: Sem condição, que loucura. Agora os professores lançam as notas.**

Ricardo Manoel: Só que eu tenho arquivos de prova de uma época que não tinha computador. Eu arquivava. Eu tenho um livro desse tamanho, assim, que a gente colocava as notas ali. Wanderley pegou essa época. Escrevia no caderno final, aquele cadernão, e guardava lá a nota.

**Wanderley de Souza: Era tudo manual. E tem alguma coisa que você gostaria de falar que nós não perguntamos? Alguma observação?**

Ricardo Manoel: Na época, eu tentei sair várias vezes da graduação, por insatisfação.

**Wanderley de Souza: Por quê?**

Ricardo Manoel: No início, eu achava que não estava satisfeito ali e queria mudar de ambiente. O pessoal sempre dizia “Não, fica, fica!”. E assim fui ficando, até que hoje sou o único funcionário com 36 anos de casa. Uma das experiências marcantes foi em 2010, quando houve a mudança nos códigos das disciplinas. Antes, todos os códigos começavam com *BMB*, mas depois, as disciplinas sob a responsabilidade do IBCCF, passaram a ser identificadas como *CFF*, *CFB* e *CFP*. Eu sugeri a inclusão das letras *CF* para homenagear o professor Carlos Chagas Filho, de quem as iniciais foram incorporadas aos códigos. Isso resultou em *CFB* para Biofísica, *CFF* para Fisiologia e *CFP* para Parasitologia. Minha proposta foi aprovada na época e permanece até hoje.



Momentos de confraternização no IBCCF. Ricardo com Sergio Luiz de Carvalho (imagem da esquerda), com Valéria Freitas de Magalhães, Rosilane e Sandra Brito (imagem do meio), com Debora Henrique da Silva Anjos, Maria Claudia Pires Fernandes, Edna Ferreira da Silva Souza e Adilis de Andrade (imagem da direita).



Momentos de confraternização no IBCCF. Ricardo com Walter Zin (imagem à esquerda acima), com Olaf Malm e Wolfgang Pfeiffer (imagem à esquerda abaixo), Com Celso Caruso Neves e Regina (imagem do meio) e com Denise Pires de Carvalho (Imagem à direita).

## **RITA DE CÁSSIA DE ALBUQUERQUE**

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 10/08/2021

### **Wanderley de Souza: Muito bem Rita... A gente vai começar perguntando quando é que você entrou aqui no Instituto?**

Rita Albuquerque: Então professor, eu ingressei aqui no Instituto em 1994.

### **Wanderley de Souza: E como é que você chegou aqui?**

Rita Albuquerque: Através de um concurso público que foi feito. Eu entrei em 1994, mas o concurso, acho que foi em 1992. Eu soube que há vinte anos não havia concurso. Quando abriu, surgiu a oportunidade. Eu já trabalhava na área de laboratórios, numa farmácia de manipulação inclusive, aqui na Ilha do Governador. Então abriu o concurso, eu fiz para auxiliar de laboratório, até porque eu só tinha o nível médio, na época. E eu falei, minha oportunidade! Serviço público, até hoje, todo mundo quer. Então foi quando eu consegui passar e fui chamada para vir trabalhar aqui.

### **Wanderley de Souza: E foi para qual laboratório?**

Rita Albuquerque: Eu fui para o professor Alvaro Leitão, Radiobiologia Molecular. Foi o primeiro local. Comecei lá, fiquei até a aposentadoria do professor. E hoje, eu estou com o professor Rodrigo Fortunato, que assumiu o espaço e a gente agora está aqui, no segundo andar, no Laboratório Intermediário de Fisiologia e Sinalização Redox. Atualmente o professor Rodrigo Fortunato assumiu o laboratório de Fisiologia Endócrina.

### **Wanderley de Souza: E quando é que você pode se aposentar?**

Rita Albuquerque: Professor, eu já tenho tempo extra. Fora da universidade, na empresa privada. E estou com vinte e sete anos aqui, então já poderia me aposentar. Tenho total de trinta e sete anos, na verdade.

### **Wanderley de Souza: E no Alvaro, o que você fez? Você já tinha experiência prévia?**

Rita Albuquerque: Sim, mas a minha função, quando eu cheguei lá no laboratório do professor Alvaro, era realmente descontaminação de material, lavagem, esterilização. Eu fiquei com esse setor. Até porque eu era auxiliar de laboratório, na função.

**Wanderley De Souza: Tinha mais alguém no laboratório dele, de apoio técnico, na época?**

Rita Albuquerque: Tinha dois técnicos. Um de formação, que era uma Bióloga, a Janine Ruhr, e tinha o André Benedito, que era um técnico de nível médio. Fiquei com essa função, eles auxiliavam os estudantes nos experimentos e eu ficava com essa parte de desintoxicação e esterilização de todo material. Aliás, na época que eu entrei, tinha uns quinze alunos, não tinha nada descartável, era tudo vidro.

**Érika Negreiros: Vocês usavam muito autoclave?**

Rita Albuquerque: Muito! A gente inclusive tem ainda uma estufa, ali no corredor do subsolo, uma enorme que sempre foi usada para esterilizar uma quantidade muito grande de material. Ela ainda funciona, está em uso para quem necessitar. A gente autoclavava ponteiras, eppendorfs... Era tudo esterilizado e reutilizado.

**Wanderley de Souza: E então, o tempo todo que você permaneceu lá, era essa a tua missão?**

Rita Albuquerque: Essa era a minha missão, a minha função. Manter o laboratório arrumadinho, aquela coisa que foi me dado quando eu tomei a posse. E fui seguindo durante esses anos todos.

**Wanderley de Souza: Quantos anos você ficou no Alvaro?**

Rita Albuquerque: Bom, eu fiquei uns vinte e cinco anos. Um ambiente muito agradável. Eu acho que eu nunca tive problema com ninguém, nem pessoal nem profissional. Professor Alvaro sempre foi uma pessoa correta comigo. Em relação ao que eu necessitava, era atendida, me era facultado tudo que eu precisasse. Então foi um lugar que eu me aconcheguei, lugar que eu gostei de trabalhar.



Momentos do Laboratório de Radiobiologia Molecular. Imagem acima - Rita Albuquerque e sua irmã, Terezinha Batista Albuquerque, que prestou serviços ao laboratório em 1998. Imagem abaixo: Alunos Marcos Vinicius, Larissa Borges, Tula

Celeste, Deise Felício, Luciana, Adriana Moreira, Viviane, Tatiana Alencar, uma IC, e os técnicos Janine Simas Rurr, Rita e Leonardo Vidal (setas). Todos na década de 2000.

**Wanderley de Souza: E quando ele se aposentou, você mudou?**

Rita Albuquerque: Eu continuei no mesmo local, só que com professor diferente.

**Wanderley de Souza: Mas o trabalho é todo diferente, não é? Já não é mais bactérias...**

Rita Albuquerque: É, já não é bactéria, mas tem o mesmo cuidado. Na verdade, eles nem utilizam mais meio de cultura nessa linha de trabalho. Eles trabalham com células, mas não vou saber lhe precisar. Porque eu não me envolvo com essa parte mais técnica, eu me envolvo realmente com esse cuidado com o material. Eles usam muita vidraria, provetas, beakers, essas coisas.

**Wanderley de Souza: Tem um lado químico mais forte, não é?**

Rita Albuquerque: Sim, tem um lado químico mais forte, mas reduziu bastante, não é mais aquela loucura... A gente tinha uns baldes enormes para lavar placas de Petri, então essa quantidade de material tomava muito tempo. Mas sempre foi, confesso para você, prazeroso, porque eu estava num ambiente agradável, com pessoas boas. Na época que eu entrei, os alunos tinham mais ou menos a mesma faixa etária, então era um grupo muito legal!

**Wanderley de Souza: Quem eram os alunos lá do Alvaro? Quem é que você se lembra que passou por lá e defendeu doutorado, mestrado?**

Rita Albuquerque: As pessoas que defenderam, eu tenho amizade com algumas. Adriana Alves, Tatiana Alencar, Silvia Regina, Deise Lúcia, Claudia Ribeiro, Luciana, Carmem Adília, Ana Claudia, Frederico Augusto, Carlos Bonacossa. Leonardo Vidal e Tula Celeste hoje fazem parte do nosso quadro profissional, até a própria professora Claudia Lage, o professor Nasser Asad que passou por lá...

**Wanderley de Souza: O Nasser está onde?**

Rita Albuquerque: A última que eu soube é que ele era professor da UERJ. A esposa dele, Lidia, que veio a falecer. Quem mais? Deixa-me ver quem mais... O professor Marcelo de Padula, que hoje é superintendente de graduação daqui da universidade, ele também fez uma pós lá, apesar de ele ser da farmácia. Nossa... Muita gente! Muita gente ao longo desses vinte e sete anos.

**Erika Negreiros: E você fez graduação?**

Rita Albuquerque: Quando eu ingressei aqui na universidade, eu estava numa graduação.

**Wanderley de Souza: Biologia?**

Rita Albuquerque: Não, infelizmente eu fiz Psicologia.

**Erika Negreiros: Infelizmente por quê?**

Rita Albuquerque: Infelizmente porque não está na área aqui do pessoal da Biologia, então...

**Wanderley de Souza: Então você chegou e falou: “Essa turma aqui está precisando de psicólogo” (risos).**

Rita Albuquerque: Uma coisa que eu agradeço também ao Instituto é que eu pude ter espaço e oportunidade para terminar minha graduação. Eu tinha uma semana de provas na faculdade, e eu tinha isso no Instituto, que eles liberavam a gente para ficar uma semana em casa para fazer provas. Fazia um documento, é claro, e eu consegui terminar minha graduação. Depois de um tempo longo já de formada, eu ficava sem expectativa de dar continuidade. O professor Marcelo de Padula, que é professor da Faculdade de Farmácia, também se formou em Psicologia, porque ele percebia que havia uma evasão de alunos na faculdade. Ele monta um projeto, não sei se vocês conhecem... Mas a gente na farmácia tem um projeto chamado APDC, Atendimento Psicológico para o Discente e a Comunidade<sup>25</sup>. Projeto para o CCS (*Centro de Ciências da Saúde*) e para toda a universidade.

**Wanderley de Souza: E está indo bem?**

Rita Albuquerque: Muito bem. O projeto atende, a princípio, os alunos da Farmácia, todos com gratuidade, alunos de outras graduações, e então foi todo mundo conhecendo. A gente atende numa sala do bloco L, então dentro de uma legalidade, com documentação.

**Erika Negreiros: Que interessante! Muito legal!**

Rita Albuquerque: Eu tenho paciente de Jornalismo, Biomedicina, de Farmácia, de Relações Internacionais, de várias áreas. E tem psicólogo que atendeu professor que veio procurar nosso projeto.

**Wanderley de Souza: Quer dizer, você concilia então as duas coisas, laboratório e mais essa atividade. E essa é uma atividade importante para ser registrada.**

---

<sup>25</sup>Foi um projeto de extensão pela BioRio e pela Fundação José Bonifácio até a sua extinção (Atualmente está extinto). Mesmo com o fim do projeto, alguns pacientes continuaram com o tratamento de Psicoterapia.

Rita Albuquerque: E eu sei que muitos amigos aqui, muitos colegas têm outro tipo de formação e que gostariam de exercer. E tem a oportunidade de exercer também. E a universidade traz isso, traz essa nova forma de ajudar.

**Erika Negreiros: A universidade é uma riqueza! De diversidade, de conhecimento...**

Rita Albuquerque: Exatamente! Quando eu tentei fazer Biologia, não consegui fazer na época. Eu até trabalhava nessa área, meu primeiro trabalho foi no banco de sangue. E eu tentei fazer Biologia, mas não tinha turma para formar, porque eu fiz faculdade particular. Então, como não tinha vaga, eu fiz Psicologia. Quando eu ingressei aqui, eu já estava no caminho, já estava gostando dessa área. Eu não quis uma outra formação e mantive o meu emprego. Porque eu acho que a gente tem que valorizar o emprego público, não é? E eu venho de uma família humilde, onde é importante você ter uma estabilidade. Então foi ótimo, eu não tenho do que reclamar, a universidade para mim foi uma mãe mesmo.

**Wanderley de Souza: E essa pandemia? Como é que atrapalhou a vida?**

Rita Albuquerque: Durante um tempo, e nesse período, nosso laboratório estava em mudança, tendo que sair do subsolo para o segundo andar. Porque o que aconteceu, quando o Alvaro saiu, a gente perdeu espaço, perdeu dois blocos. Logo em seguida o professor Rodrigo conseguiu esse espaço junto ao professor Walter Zin, que é um laboratório imenso. Então nesse período de pandemia, a gente teve que fazer a mudança. Sou eu e um técnico formado, inclusive fez mestrado, fez doutorado, passou no concurso e continua também no nosso laboratório, é o Leonardo da Silva Vidal. A gente começou esse processo de mudança, trazer coisa, levar coisa... A gente ficou fazendo, indo dois, três dias para fazer esse tipo de mudança.

**Wanderley de Souza: E já estão voltando?**

Rita Albuquerque: Já! Tem alguns alunos que estão precisando defender tese. Então, a gente respeita aquela coisa de quatro a cinco alunos por laboratório. O laboratório é espaçoso, eles marcam lá, a gente tem uma planilha de dias que cada um vem. Eu venho mais vezes porque eles sujam material, o laboratório fica desorganizado, até porque não tem muita gente para limpar, eu venho e faço todo esse trabalho, de colocar as coisas no lugar, as vidrarias, lavar, colocar tudo em ordem e manter o laboratório o mais arrumadinho possível. E vou fazendo isso até o dia em que me aposentar.

**Wanderley de Souza: O negócio é ir ficando enquanto gostar e puder.**

Rita Albuquerque: É só o que importa! O ambiente sempre agradável. A gente tem essa pandemia, ficar em casa causa angústia, causa ansiedade... Então só esse movimento da gente sair de casa já ajuda “pra caramba”! Então vir para cá também é uma alegria.

**Wanderley de Souza: É... Tem que vir com muito cuidado, sempre com muito cuidado!**

Rita Albuquerque: Sim! Eu, por ser psicóloga, consegui tomar a minha vacina, as duas doses. Já tomei a da gripe... Outra coisa que é super agradável aqui na universidade, eles terem colocado esse centro de vacinação. Eu consegui atualizar todas as minhas vacinações, tomei de hepatite, tétano, tomei todas as vacinas...

**Erika Negreiros: Você pensa em fazer o Mestrado Profissional?**

Rita Albuquerque: Sinceramente, não! Eu gostaria de encerrar minha carreira aqui. O que deu para aproveitar, eu aproveitei. Não me vejo fazendo isso agora, até porque eu passei por uma vida pessoal assim: Eu cuidei dos meus pais até eles falecerem. Eu fui uma pessoa que saía daqui e tinha que ir para casa porque tinha pais idosos. Eu não me sobrecarrego, eu sou uma pessoa que sei o meu limite. Então, já fiz cursos na minha área, já fiz alguns cursos aqui de técnicas de segurança de laboratório. Fiz alguns cursos que me proporcionaram até um aumento de salário. Eu já venho pensando, não agora, mas numa aposentadoria, em sair do Rio de Janeiro.

**Erika Negreiros: E tem vontade de ir para onde?**

Rita Albuquerque: Na verdade eu gosto muito de Minas Gerais!

**Erika Negreiros: Ah! Vai para Ouro Preto (risos).**

Rita Albuquerque: Eu gosto muito! Quer ver um lugar que eu amo? É São Lourenço! Porque é uma cidade que no centro é aquela cidade agitadaíssima, você sai de uma ruazinha, nossa... você está em paz.

**Wanderley de Souza: São Lourenço, Caxambu, aquela região toda... Eu gosto muito de Caxambu. Até às vezes me dá vontade de sair assim, ir para lá uma semana, ali no hotel Glória, na piscina, pegando um sol...**

Rita Albuquerque: Oh! Que delícia... Então eu pensei assim, no futuro eu vou enquanto tem esses congressos para cá, eu vou montar uma pousada para chamar o pessoal da universidade para cá... Olha só! (risos). Ter uma pessoa que já trabalhou na universidade com um espaço legal para o pessoal...

**Wanderley de Souza: É uma boa, é uma vida mais tranquila... Ir para as águas minerais, bom queijo, boa manteiga...**

Rita Albuquerque: A gente engorda muito (risos).

**Wanderley de Souza: Muitos doces...**

**Erika Negreiros: Cachaça (risos).**

Rita Albuquerque: Eu já não bebo, então para mim não é legal, mas comida... A comida mineira é outra coisa! São meus planos, mas antes de eu terminar esse ciclo, eu ainda quero ficar um pouquinho mais aqui, até porque a gente tem que ir se despedindo, porque são muitos anos. Eu vejo até o professor mesmo, são muitos anos dedicados a isso aqui.

**Wanderley de Souza: Eu estou aqui desde 1969...**

Rita Albuquerque: Eu com quatro aninhos e o senhor já estava aqui!

**Wanderley de Souza: Então são muitos anos que eu tenho aqui...**

Rita Albuquerque: E a gente tem que fazer um processo de desligamento, que não é fácil. Eu acho que é sofrido para todo mundo. Imaginar você, a grandiosidade que é a universidade. Por exemplo, eu tenho um sobrinho que está fazendo Engenharia Eletrônica aqui e ele é apaixonado pela universidade. Toda vez que eu atendo um paciente que é aluno daqui, eu coloco a importância dessa formação. O quanto a universidade é importante, é boa, vai trazer frutos, então a gente tem que crescer cada vez mais, para ajudar cada vez mais pessoas a levar o país para um patamar muito mais alto.

**Erika Negreiros: É isso mesmo. E o projeto continuou na pandemia?**

Rita Albuquerque: Continuou, a gente faz on-line.

**Wanderley de Souza: Deve estar um problema danado. Pessoal deve estar com depressão...**

Rita: Sim! Muitos alunos de graduação querendo desistir porque a gente precisa ter esse contato, esse contato interpessoal. Eu encontrei uma outra técnica no corredor e ela falou assim: "*Nossa! Que bom ver que as pessoas estão voltando e que está todo mundo ficando bem!*" Porque a gente perdeu, a gente sabe que perdeu professores, muita gente...

**Wanderley de Souza: É, tem umas coisas assim que a gente não imaginava, por exemplo, há muitas famílias que não tem um computador... Então você dá aula e o sujeito está no celular. Dependendo de onde mora, o sinal é péssimo, não pega, e ele está perdendo as informações...**

Rita Albuquerque: Eles não estão sendo estimulados a mostrar interesse pela formação. Eu vivo batendo na tecla para eles descobrirem um sentido de terem feito essa escolha e tentar continuar. Mas é difícil, é desestimulante demais porque a gente precisa desse contato...

**Wanderley de Souza: Vem cá, tem algum outro assunto que a gente não perguntou, alguma história ou algum fato, alguma coisa que você presenciou importante, que você julga importante para a memória do Instituto?**

Rita Albuquerque: Eu julgo importante eu ter visto uma vez o professor Carlos Chagas Filho... Eu julgo isso muito importante. Quando eu estava saindo aqui do Instituto, e ele estava chegando, de cadeira de rodas ainda...

**Wanderley de Souza: Falou com ele?**

Rita Albuquerque: É! Um bom dia. Aquele bom dia, até porque eu era muito nova aqui, e eu: Ah! Esse é o professor Carlos Chagas Filho...

**Wanderley de Souza: Mas ele sempre gostava que as pessoas viessem até ele, ele gostava de conversar...**

Rita Albuquerque: Infelizmente a gente faz esse distanciamento. Até porque, às vezes, por exemplo, eu, auxiliar de laboratório, vou conversar com o professor Carlos Chagas Filho? O fundador do Instituto, ou até o próprio professor Wanderley? Existe uma barreira...

**Wanderley de Souza: Mas não pode existir essa barreira, não é para ter...**

Rita Albuquerque: Não deveria, mas é o que eu estava falando com o professor Elias (*Cezar Antonio Elias*), o professor Elias não tinha isso. Eu estava falando com a Erika que eu vejo o museu, é aquele corre-corre, e eu nunca tinha entrado aqui no museu! E falar do professor Elias? Olha, ele era um dos professores mais antigos, mas que a gente tinha esse contato.

**Wanderley de Souza: Mas o Elias era disso... O Elias era de sair “futucando” tudo!**

Rita Albuquerque: Nossa! Ele entrava no nosso laboratório... Ah! O que está quebrado aí? (risos).

**Wanderley de Souza: Ele já entrava olhando o que ele ia pegar... (risos).**

Rita Albuquerque: “*Isso aqui, isso aqui serve?*” Então a gente: “*Ah! professor, pode levar isso aqui...*” Ele montava a coisa! Então, ele foi um dos professores,

assim antigos, que eu posso dizer que eu tive mais contato. Imagine na sua época...

**Wanderley de Souza:** Quando eu cheguei, o Alvaro já estava lá (*Instituto de Biofísica no prédio da Faculdade de Medicina, na Praia Vermelha*). Já era aluno de pós-graduação. O Alvaro é antigo, deve ter entrado 1967, por aí... O prédio era só a Faculdade de Medicina, para a pós-graduação vinha gente do Brasil inteiro. Naquela época não tinha pós-graduação nem no sul, nem no nordeste, nem no norte. Então vinha todo mundo para a Biofísica. Tinha cem ou cento e poucos candidatos disputando dez vagas. Era uma dificuldade danada.

Rita Albuquerque: É um prazer imenso fazer parte dessa universidade. Eu fiquei muito feliz quando eu consegui passar pelo concurso, e é um prazer estar aqui. É um prazer estar aqui conhecendo pessoas brilhantes como o professor...

**Wanderley de Souza:** Aqui todo mundo é brilhante. Entrou aqui já está brilhando porque, como diz o Waldir, eu falei uma vez: “*Você é brilhante!*” Ele falou: “*Professor, se não tiver bom, eu acendo uma luz*” É uma figura! (risos).

Rita Albuquerque: Às vezes eu olho assim, poxa, fazer esse tipo de trabalho meu, às vezes parece tão insignificante, mas tem importância! Eu ajudei muitos alunos... “*Tá faltando material. Vou lá, vou lavar rapidinho...*”. Fazia, ajeitava, deixava tudo pronto para eles terminarem os experimentos.

**Erika Negreiros:** Não tem como ter pesquisa se não tiver essa parte.

Rita Albuquerque: Então eu acho que todo mundo faz um pedacinho, é um grãozinho nessa universidade e faz parte, então é isso... prazer poder ajudar!



Membros do atual Laboratório Intermediário de Fisiologia e Sinalização Redox. Destaque na Imagem da esquerda - Leonardo Vidal, Rita Albuquerque, Rodrigo Fortunato (Chefe do Laboratório), Thaynara Fernandes e Iris Andrade.

## SANDRA MARIA DE BRITO OLIVEIRA – SANDRINHA

Entrevistadores: Wanderley de Souza, Narcisa Leal e Erika Negreiros

Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)

Data: 22/10/2020

### **Wanderley de Souza: Sandra, como você entrou aqui no Instituto de Biofísica?**

Sandra Brito: Eu entrei aqui através do Haroldo de Freitas Camacho, no dia 05 de agosto de 1975, e comecei a trabalhar na Secretaria de Graduação do IBCCF.

### **Narcisa Leal: Ela sempre comemora os aniversários.**

Sandra Brito: (risos). Sempre. Mas isso tudo começou três anos antes, quando eu ingressei no ensino médio em 1972, no Colégio Dr. Paulo Gissoni, que hoje é a Faculdade Castelo Branco. Meu pai trabalhava para a Rede Ferroviária Federal, era servente e a minha mãe era doméstica. O meu pai sofreu um acidente de trem e teve morte instantânea no dia 22 de março de 1972. Eu não tinha condições de continuar os estudos. Eu sempre lembro dos pesquisadores do IBCCF, porque o professor Wanderley de Souza, por exemplo, conhece o Garotinho (*ex governador do Rio de Janeiro*), Ministros e etc, e minha mãe conhecia um frentista, Sr. Roberto, amigo de muitos anos. Ele trabalhava em um posto de gasolina, onde esse diretor sempre abastecia o carro. Minha mãe falou que não queria que eu parasse de estudar, e o amigo dela falou: *“Eu vou falar com Paulo Gissoni que sempre abastece o carro no posto que eu trabalho”*. E quando o professor Paulo Gissoni parou lá para abastecer, esse amigo da minha mãe, comentou que a filha de uma amiga dele começou a estudar no Colégio Paulo Gissoni no início de março, mas o pai tinha morrido no dia 22 de março de 1972, e que minha mãe não tinha condições de arcar com as mensalidades. O professor Paulo Gissoni pediu, então, para eu comparecer na secretaria do colégio, que eu ia estudar de graça. Eu tenho mais dois irmãos, o mais velho, Antônio Carlos, tinha 17 anos, eu tinha 16, e minha irmã, Rosângela, 13. O salário do meu pai foi cancelado e a pensão só foi paga em dezembro. Passamos uma situação bem ruim naquela época. Compareci na secretaria de ensino e procurei a professora Vera Gissoni, esposa do professor Paulo. A professora Vera disse: *“Você pode estudar sem pagar, mas terá que trabalhar na secretaria”*. Tudo bem. Eu fiquei na secretaria de ensino de alunos de primeiro e segundo grau. Ela pediu para eu anotar em um papel meu nome e endereço, eu anotei e ela falou: *“Ah, sua letra é bonita. Você vai preencher os dados dos alunos nas carteirinhas”*. Meu horário de trabalho era de 7:30 até meio dia. E depois ela achou que tinha que ficar mais tempo, mandou eu ficar até 13h30. Ela me dava o dinheiro da passagem. Então eu saía de casa, pegava o ônibus e voltava, e de noite eu retornava, porque eu estudava à noite. Nessa época, minha

mãe teve tuberculose, eu saía de lá, tinha que ir ao hospital e voltava. Eu consegui concluir o Ensino Médio em dezembro de 1974. Algumas pessoas me ajudaram bastante, Josélia que era chefe da secretaria, e depois em substituição à Josélia, teve outra que não me recordo do nome. A Josélia comprava uniforme, livro, caderno, e depois a outra que a substituiu, fazia a mesma coisa. Quando chegou em dezembro de 1974, eu concluí o curso, saí de lá e fui embora. A professora Vera Gissoni pediu à funcionária para ir à minha casa e informar que eu seria contratada com carteira assinada. E minha mãe falou: “*Não, ela não vai, não.*” (risos). Então eu falei: “*Ué, como é que eu não vou?*”. “*Não vai, já ficou muito tempo*”. Em abril de 1975, minha mãe pagou um curso de datilografia. E aí o Haroldo, que era o meu vizinho, disse que tinha uma vaga lá na secretaria de Graduação do Instituto. A funcionária havia pedido demissão. O Haroldo tinha uma Kombi e combinou comigo que me levaria o mês inteiro, e quando eu recebesse eu pagaria a ele. Para mim era prático, ele morava na minha rua. Chegando ao Instituto, fui entrevistada pelo professor Romualdo José do Carmo, que aprovou a minha entrada.

**Narcisa Leal: Quando eu entrei, você estava na secretaria de graduação.**

Sandra Brito: Eu fiquei na graduação de agosto de 1975 até julho de 1982 (7 anos).

**Wanderley de Souza: Nessa época do Paes de Carvalho, eu era o coordenador de pós-graduação.**

Sandra Brito: Isso. A secretária estava em licença maternidade. Tinha que voltar no dia X e ela voltou no dia certo, foi na direção e pediu demissão. O professor Paes de Carvalho consultou a professora Jeanette Mara Torres da Matta, coordenadora da graduação, e questionou quem ela escolheria para ocupar um cargo na secretaria de pós-graduação, e ela indicou o meu nome.

**Wanderley de Souza: Quem era o coordenador da pós-graduação? Eu fui um pedaço da gestão de Paes de Carvalho. Eu estou tentando lembrar de alguma secretária antes de você, mas a minha memória não está apontando para ninguém.**

Sandra Brito: O coordenador que estava saindo era o professor Carlos Eduardo Guinle da Rocha Miranda.

**Narcisa Leal: Quando eu entrei na pós-graduação no mestrado, a secretária se chamava Wanda Lyrio, e eu me lembro do rosto dela.**

Sandra Brito: Foi antes de mim. A Wanda era conhecida. Eu a conheci quando estava na graduação.

**Wanderley de Souza: Você se lembra da compra da Polimax?**

Sandra Brito: Lembro. Aquela máquina gigante que as funcionárias digitavam as dissertações e teses dos alunos da PG do IBCCF.

**Erika Negreiros: O que é Polimax?**

**Wanderley de Souza: (risos). Uma revolução aqui no Instituto.**

**Narcisa Leal: Era um computador que ocupava a sala inteira, que servia para digitar as teses, digitar as apostilas. O Instituto tinha muitas apostilas naquela época.**

**Erika Negreiros: E quem digitava?**

Sandra Brito: Tinha a Irene, Sandra Rocha e a Elizabeth.

**Wanderley de Souza: Nós fazíamos um rodízio porque aquele troço era muito cansativo e dava muita tendinite. As funcionárias digitavam todas as dissertações e teses. A prioridade eram as teses.**

**Erika Negreiros: Quer dizer que não era o aluno que tinha que digitar?**

Sandra Brito: O aluno entregava o texto para as funcionárias desse setor.

**Erika Negreiros: Entregavam o que tinham feito à mão?**

**Narcisa Leal: Eu escrevi a minha Dissertação de mestrado à mão.**

Sandra Brito: É, Érika. Você é moderna (risos).

**Narcisa Leal: Porque o meu orientador escrevia nas entrelinhas, literalmente.**

**Erika Negreiros: Então isso é a expressão de “*escrever nas entrelinhas*”.**

**Narcisa Leal: É verdade. Eu escrevia pulando linhas e ele (*Wanderley*) escrevia nas linhas do meio.**

**Wanderley de Souza: Mas tinha gente que entregava à mão e tinha gente que entregava batido à máquina. E a correção ali era tudo automatizada, você não perdia.**

Sandra Brito: Eu me lembro desta época.

**Narcisa Leal: As referências eram recortadas e a gente colava (risos).**

**Wanderley de Souza: Sandra, então você entra no Instituto. Conta um pouco desse período que você estava na Secretaria de Graduação. O que você fez? Com quem você interagiu?**

Sandra Brito: Eu interagi com: Marly Ferreira Alves (secretária), Júlio Cesar (Levava os aparelhos para as salas de aula); Dona Maria do Carmo (fazia café e limpava a secretaria), e com os Professores que ministravam aulas de graduação e não faziam pesquisa, ou seja, não tinham laboratórios: Isar Hasselmann Oswaldo Cruz, Ernesto Macedo Polônio, Antonio Granafei, Ilka Soares, Aldo Gomes da Silva, Marlene Andrade Azevedo, Risoval José Rodrigues, Léa Fernandes, Rinaro Paranhos, Sérgio Ladeira Dalto. E os coordenadores de graduação foram: Romualdo José do Carmo, Janny Rodrigues, Maria Aparecida Esquibel, Jeanette Mára Torres da Matta.

**Wanderley de Souza: Tudo que era professor reclamando que não ia dar aula, não tinha isso não?**

Sandra Brito: Não! Eu falo sempre que naquela época havia umas quatorze salas no bloco C, e já faltava, imagina hoje com três. (risos).

**Wanderley de Souza: Mas tinham muitas salas que eram salas de aula prática. Fisiologia tinha muita aula prática, o próprio curso de Biofísica...**

**Narcisa Leal: Eu comecei a dar aula prática.**

**Wanderley de Souza: Ou seja, isso foi uma perda absolutamente ruim. A prática é motivadora.**

Sandra Brito: Com certeza, a aula prática é motivadora.

**Erika Negreiros: Esses professores que vocês comentaram eram mais ligados à docência e não tanto à pesquisa?**

**Wanderley de Souza: Mais à docência. Davam muita aula. Eles não ficavam nos laboratórios, eles ficavam na Sala de professores.**

Sandra Brito: Ficavam onde hoje é a sala da Profa. Lucia Previato, sala C1-040. Eles ficavam só ali. Não tinham laboratórios.

**Wanderley de Souza: Sandra, então você entra na graduação?**

Sandra Brito: Sim, eu entro na secretaria de graduação em 1975 e fico até 1982. Fiquei super bem lá, me dava bem com todo mundo.

**Wanderley de Souza: E o Haroldo da gráfica. Quando é que ele teve o restaurante dele? O famoso, ele chamava de *Le Bifê*.**

Sandra Brito: Era aqui no subsolo. Onde tínhamos a xerox.

**Wanderley de Souza: Saía dali um cozido, saía bode, pernil, saía de tudo (risos).**

**Narcisa Leal: E os coelhos das aulas práticas?**

**Erika Negreiros: Ai meu Deus, ele aproveitava, então? (risos).**

Sandra Brito: É verdade!

**Wanderley de Souza: Vamos falar da pós-graduação. Você passou por quantos coordenadores?**

Sandra Brito: Até a data de hoje, passei por 26 coordenadores, a saber:

PG Biofísica<sup>26</sup>: Wanderley de Souza, Doris Rosenthal, George Alexandre dos Reis, Alvaro Augusto da Costa Leitão, Moacyr Alcoforado Rebello, Yasco Aracava, Thais Cristina Baeta Soares Souto-Padron, Jan Nora Hokoç, Antonio Carlos Campos de Carvalho, Walter Araujo Zin, Fernando Costa e Silva Filho, Lucia Mendonça Previato, Sandra Maria Feliciano de Oliveira e Azevedo, Pedro Geraldo Pascutti, Narcisa Leal da Cunha e Silva, Ana Paula Cabral de Araujo Lima Smeltzer e Silvana Allodi (Total da Biofísica: 17).

PG Fisiologia<sup>27</sup>: Eliane Volchan, Denise Pires de Carvalho, Patricia Rieken Macedo Rocco, Celso Caruso Neves, Carmen Cabanelas Pazos de Moura e Tânia Maria Ruffoni Ortiga (Total da Fisiologia: 6).

Mestrado Profissional de Formação para a Pesquisa Biomédica<sup>28</sup>: Alvaro Augusto da Costa Leitão, Ronaldo da Silva Mohana Borges e Flavia Fonseca Bloise. (Total do MPB: 3).

**Wanderley de Souza: Quem foi o primeiro?**

Sandra Brito: O primeiro coordenador foi o professor Antônio Paes de Carvalho.

**Wanderley de Souza: Você tem que fazer a galeria do Instituto.**

Sandra Brito: Já comecei a fazer. Vou deixar pronta antes de me aposentar. Assim espero.

---

<sup>26</sup> <https://www.posgraduacao.biof.ufrj.br/pos-graduacao-em-biofisica/>

<sup>27</sup> <https://www.posgraduacao.biof.ufrj.br/pos-graduacao-em-fisiologia/>

<sup>28</sup> <https://mpb.posgraduacao.biof.ufrj.br/index.php/pt/>

**Wanderley de Souza: Foi o Paes de Carvalho? Não foi Roberto Alcântara, não?**

Sandra Brito: O Roberto Alcântara Gomes foi o segundo.

**Narcisa Leal: O Roberto foi a primeira tese de doutorado do Brasil. Até esse período você era solteira, não é Sandra?**

Sandra Brito: Era solteira, casei em 1983. Quando eu entrei na pós-graduação, os alunos eram George, Antônio Carlos, Olaf, Rosalia, Margareta, Denise... Mas aí eles me perguntavam assim: *“Eu vou defender a tese. O que eu preciso?”* Caramba, eu não sabia. Eu tinha vindo da graduação.

**Narcisa Leal: Lembrei de outra! Lembrei da Leticia Mair, que também era dessa época.**

Sandra Brito: Quando o professor Paes de Carvalho me escolheu para ficar na pós, na verdade, quem estava substituindo a antiga secretária era a Beth, não sei se vocês lembram. Ela ficava na Polimax. Foi ela que ficou na pós-graduação durante o período de licença maternidade, e quando a funcionária voltou e pediu demissão, ela achou que fosse ficar. O professor Paes de Carvalho não quis, e me deixou lá como secretária. Então ela não passou nada para mim. Nada. O pessoal falava: *“Ah, minha banca foi aprovada. Eu preciso comprar passagem aérea”*. Não tinha ideia de como proceder. Eu pegava o ônibus e ia para a PR2, pois é a instância superior. Eu estou falando isso porque as pessoas vêm perguntar aqui: *“Ah, você que está aqui há muito tempo, você já passou por várias situações”*. Ninguém vai à PR2 para perguntar como é que se faz. Tudo é na Biofísica. Eu ia para a PR2: *“Eu estou trabalhando agora na pós-graduação. Como é que faz para montar uma banca?”*. Senta aí... Tinha a Gloriette e Lourdes (PR2) que me ajudaram bastante. Pegava um processo e me dava, e eu anotava como é que fazia, eu fiquei com um arquivo enorme. Naquela época não tinha computador, era máquina de escrever. O aluno solicitava: *“Ah, eu quero uma declaração de matrícula”*. Montei uma pasta com vários modelos. Eu sei que o CCS inteiro vinha: *“É você que tem o modelo?”* Ninguém quer criar nada. É tudo na Biofísica.

**Wanderley de Souza: Mas o Instituto sempre liderou essas iniciativas.**

Sandra Brito: A Biofísica foi a primeira a ter fax aqui no CCS. Tudo é na Biofísica.

**Narcisa Leal: E assim recebia fax do CCS inteiro.**

Sandra Brito: É verdade.

**Wanderley de Souza: E em relação aos alunos? Em comparação de quando você entrou, no meio e agora, como é que anda o comportamento dos alunos? Mudou alguma coisa?**

Sandra Brito: Os coordenadores e os vices escreviam as normas. São arquivos separados por assunto: Bolsa: *“Eu quero sair do país com bolsa. Posso? Por quanto tempo?”*. Está tudo ali, mas na verdade não querem ler. O aluno manda e-mail: *“Eu queria saber não sei o que...”* A Susana Frases fez um meme. A minha foto informando: *“Está no site”*. Não adianta entrar no site, copiar e colar e mandar para o aluno, ele tem que acostumar que está tudo lá. Tem vários alunos que sempre procuram as normas e fazem certinho.

**Narcisa Leal: Mas olha só, eu lembro que a gente está em 2020. Se a gente voltar dez anos atrás, com data redonda, a queixa da Sandra era exatamente esta. Porque tinham as normas e os alunos não sabiam as normas. Tinham uns que chegavam na época de defender e não sabiam o que tinha que fazer. A Sandra me convenceu, você se lembra disso? Nós duas escrevemos as normas resumidas.**

Sandra Brito: Isso, as normas resumidas. Para os alunos não terem tanto trabalho.

**Narcisa Leal: As normas eram páginas e páginas, tinha que ter uma porção de páginas, porque trata de um monte de coisas, mas essa criatura aí falou assim: “Eu quero um papel que ele dobre e bote dentro do bolso, e ande com isso na carteira, tem que ser uma folha frente e verso, só!”. Isso foi uma criação dela, ideia dela. Então a gente passou a ter normas de mestrado e doutorado separadas, o que eu preciso quando eu entro e o que eu preciso para sair.**

Sandra Brito: É, mas o aluno não senta para ler, não é Narcisa?

**Narcisa Leal: É, então nós fizemos isso, organizamos uma reunião com os alunos lá no auditório, colocamos todo mundo ali e distribuímos as normas, para todo mundo dobrar e olhar.**

Sandra Brito: Isso. Não sei se foi nessa época que eu fiz um folder, eu não sabia fazer folder, entrei no *Google* e aprendi. Como é que faz um folder? Eu fui, coloquei tudo ali, ficou tão bonitinho, mandei para uma gráfica em São Paulo e veio tudo dobradinho. Biofísica verde, Fisiologia azul. E a gente vai entregando, mas as pessoas chegam ali e eu falo: *“Você recebeu folder? Não está no folder a resposta, não?”*

**Narcisa Leal: Sandrinha, eu te perguntei se você era solteira... Então, você foi trabalhar, se casou...**

Sandra Brito: Ah sim, em 1983. Tive o primeiro filho em 1985.

**Narcisa Leal: É, então, sua licença maternidade foi um sufoco. É uma época que eu me lembro muito mais do que ela, porque quem foi que cobriu sua licença maternidade?**

Sandra Brito: Narcisa (risos).

**Narcisa Leal: Não, não sozinha... É porque quando ela teve o primeiro filho, a coordenadora era a Doris Rosenthal. Então, não tinha ninguém na secretaria, só tinha ela. Ela estava de licença maternidade. O que a gente ia fazer? Fechar a porta? E a lei de todo mundo que já passou na secretaria sabe que, metade ou mais da metade do trabalho da secretaria, é de porta fechada.**

Sandra Brito: Rende muito!

**Narcisa Leal: É, independe de atender público. Porque olhando ali, parece que a secretaria é um balcão. Mas é muito mais do que isso. Então a Doris, ela própria ficava sentada na mesa da frente, ali com o balcão aberto, e ficava uma parte do dia para atender as perguntas, as demandas. E na época, a Doris me chamou para ajudar, porque eu era representante dos alunos. Não foi assim nada de especial com a minha pessoa, porque nessa época, 1985, não tinha Fisiologia, só a Biofísica. Então, quem eram os personagens da pós-graduação? Era a secretária, a coordenadora e os membros da CEGIB, que eram cada um de um programa temático, na época departamento. Eu era estudante, claro que de vez em quando eu tinha que perguntar coisas para ela, eu telefonava e Doris falava, porque eu não tinha essa intimidade com a Sandra. Doris telefonava e dizia: “*Dona Sandra, estamos aqui precisando... Onde a gente vai colocar... Onde a gente encontra...*”. E ela sabia tudo, da casa dela, dizia tá em tal lugar assim (risos).**

**Wanderley de Souza: Sandra, você pode se aposentar, mas ainda não se aposentou. Conta isso, por que você não se aposenta?**

Sandra Brito: Eu tenho quarenta e cinco anos de trabalho, já passou o tempo. Porque eu não sei se vou conseguir ficar em casa. Eu estava pensando em me aposentar mesmo, porque eu quero fazer a galeria agora em 2020, e eu estava pensando em tirar licença prêmio no ano que vem e me aposentar. Mas também me aposentar para ficar em casa, sem fazer nada, eu acho que não vou suportar, não. Porque deve ser muito ruim. Eu vejo pela pandemia. Eu não venho com frequência para a Biofísica, mas eu faço muita coisa em casa. Eu sempre levo uma bolsa que vai e volta. E eu faço bastante coisa em casa. Mas quando é necessário, eu estou aqui na Biofísica. Aí eu fico pensando, se eu me aposentar eu vou fazer o que? Só se eu fizer artesanato.

**Narcisa Leal: Então, ela já ensaiou algumas coisas. Ela já fez curso de artesanato. Porque assim, há dez anos atrás, ela falava que ia se aposentar, que ia tirar licença. Exatamente isso, vou tirar licença prêmio e vou me aposentar.**

Sandra Brito: É verdade. O Bruno Diaz falou: “*Você vai se aposentar em 2020, como? Se a gente já está no final e você tem cinco meses de licença prêmio. Então não dá, não. Até 2021*”. (risos).

**Narcisa Leal: Nós tínhamos essa dificuldade. Eu falava para ela: “Você tem que me avisar com antecedência, porque eu era coordenadora de pós-graduação. Você tem que me avisar!”**

**Wanderley de Souza: E essa relação da nossa pós-graduação com iniciativas de outros estados? Como é? Eu participei muito de um com o Pará. Nós montamos um curso na Federal do Pará, eu lembro do pessoal, a Edilene.**

Sandra Brito: Edilene Oliveira, José Luís Martins do Nascimento, Luís Carlos de Lima Silveira. Com certeza, todo mundo teve diploma pela UFRJ. Quem concluiu, mas teve um ou dois que desistiram. E de orientadores tinha o professor Luís Roberto Georgetti de Brito, que era de São Paulo, tinha o Paulo Sérgio Lacerda Beirão, que era da UFMG. Mas os alunos eram matriculados aqui. E foi bom. Certa vez, estava de férias, fui para Fortaleza e tirei uma foto na praia de Iracema e coloquei no Facebook. Então um dos alunos do *Dinter (Doutorado Interinstitucional)*, Edson, falou: “*Sandra, você está aqui em Fortaleza? Vou passar aí no seu hotel para te pegar*”. Nem conhecia ele, pessoalmente! Entrei no Google, olhei a foto, reconheci. Ele passou no hotel, me pegou, levou a gente para uma pizzaria e pagou a conta (risos).

**Wanderley de Souza: Pizzaria em Fortaleza? Ah, não! Tem que levar pra comer uma lagosta, peixe, camarão... (risos).**

Sandra Brito: Eu achei uma gentileza a atitude dele. Ele me levou de volta ao Hotel.

**Wanderley de Souza: E a pós-graduação com dupla titulação? Como é que está isso aqui no Instituto?**

Sandra Brito: Ah, é cotutela. O estudante recebe dois diplomas. Espetacular.

**Narcisa Leal: Nós fizemos alguns quando eu era coordenadora, e teve gente da França, com o Bisch...**

Sandra Brito: Teve da Bartira, que era o Douglas Escrivanini, da Inglaterra. Teve o Douglas Escrivanini.

**Wanderley de Souza: E nacional?**

**Narcisa Leal: Não, porque é *Dinter* e *Minter* (Mestrado *Interinstitucional*).**

Sandra Brito: A cotutela é só internacional.

**Narcisa Leal: Mas tem orientador de outro estado que é coorientador e acaba entrando como coorientador.**

**Wanderley de Souza: Mas não tem a possibilidade, de como tem lá na COPPE. O sujeito entra numa pós-graduação simultaneamente. Ele está com a COPPE e está com algum lugar que a COPPE está apoiando, em outro Estado. Mas ele está vinculado àquela pós-graduação. Em geral, lá é nota três, aqui é nota sete. Aí ele recebe a titulação dupla.**

**Narcisa Leal: Então, *Dinter* e *Minter* são assim, é uma pós-graduação de nível mais alto...**

Sandra Brito: Mas o diploma é um só.

**Wanderley de Souza: Mas o diploma fica com quem?**

Sandra Brito: Com a UFRJ, acredito que seja por termos a nota mais alta junto à CAPES.

**Wanderley de Souza: Pois é, mas acontece que com isso você termina não ajudando a pós-graduação de lá. Ajuda a pessoa, mas não a pós-graduação de lá. Ela não vai dizer nada, que esse cara não foi titulado por aqui.**

Sandra Brito: Mas a pós-graduação de lá não recebe mais um doutor? O corpo docente fica mais qualificado.

**Narcisa Leal: Então, é porque esses programas são para o corpo docente.**

**Wanderley de Souza: Corpo docente. Digo quando não é do corpo docente.**

**Narcisa Leal: Não tem, tem que criar...**

**Wanderley de Souza: Porque isso é interessante para ajudar o curso de pós-graduação de lá.**

**Narcisa Leal:** Agora tem uns sistemas de pós-graduação multicêntricos, que começou na Bioquímica, Biologia Molecular e a Fisiologia. Então tem uma pós-graduação âncora e tem outras que são menores, que ficam associadas. Às vezes tem quatro associadas, cinco associadas, e em lugares onde a massa crítica de docentes ainda é muito incipiente, não dá para criar um novo. Mas assim, a titulação é daquele lugar. É de onde ele está matriculado, se é a UFMG, se é a UFRJ.

**Wanderley de Souza:** O ideal seria se pudesse ter uma titulação dupla. É doutor pelo Instituto de Biofísica e ao mesmo tempo é doutor de outra instituição, porque assim começa a contar para a pós-graduação de lá também uma titulação.

**Narcisa Leal:** Deixa eu mudar o rumo da conversa um pouquinho. Nós perguntamos para a Sandra porque ela não se aposenta, o que ela vai fazer depois... Mas também houve alguns convites para fazer durante, não é, Sandra?

Sandra Brito: Recebi um convite da UNIGRANRIO para chefiar a pós-graduação. Isso tem pouco tempo, foi na época que a coordenadora da PG era a Ana Paula Cabral de Araujo Lima.

**Narcisa Leal:** É que alguns colegas de outras pós-graduações a convidaram para ser secretária. Abordavam ela diretamente e depois ela chegava para mim, às vezes sem jeito, porque eles tinham convidado ela. Outros colegas chegavam na gente, para o coordenador, e perguntavam se era possível partilhar o tempo. Eu falei: *“Ué, mas ela é funcionária, vai conversar com ela”*.

Sandra Brito: Já teve gente da Fiocruz e do INCA que veio perguntar se podia ficar aqui o dia inteiro para aprender o serviço.

**Wanderley de Souza:** Ela bobou, devia ter montado uma empresa de consultoria.

Sandra Brito: Já falaram isso comigo.

**Narcisa Leal:** Teve um outro convite que foi bem sucedido, que ela aceitou e trabalhou um bom tempo, que foi na secretaria do CEDERJ.

Sandra Brito: Que foi com a Masako Oya Masuda. A Masako foi primeiro na direção falar com o diretor e depois falou comigo. Aceitei o convite. Eu ficava das 16h até às 21h e 30min no segundo andar do IBCCF. Era bom, era só subir a escada (risos). Foi um período muito bom. Obrigada Masako.

**Wanderley de Souza:** Quando o CEDERJ foi concebido, estava previsto o curso de pós-graduação para formação do pessoal para educação à distância. Mas isso, que eu saiba, nunca chegaram a fazer. Começou a ter dificuldade até na manutenção das bolsas, essas coisas todas, e tudo isso custa dinheiro, custa gente, mas era uma coisa importante. Quer dizer, ao lado de formar turma de graduação, preparar gente para o que hoje todo mundo está precisando nessa pandemia. Mas vamos voltar, Sandra. E agora Sandra, cadê aquele churrasco, aquela churrasqueira, um churrasco de aniversário...

Sandra Brito: Ah Wanderley. Eu faria um churrasco agora, quando eu fiz quarenta e cinco anos, mas cheguei a pandemia. Muito ruim a pandemia. Nem a Biofísica vai ter festa presencial, a UFRJ não teve. Penso em fazer um churrasco em 2025 quando eu completar 50 anos de Biofísica.

**Narcisa Leal:** Mais uma outra coisa que ela podia fazer! E ela podia fazer com sucesso: ser organizadora de festas! (risos).

Sandra Brito: A minha irmã me perguntou se eu ainda estava na pós-graduação. Eu respondi que sim, por que? *“Então o que você tem a ver com festa junina?”* Ah, eu gosto de me meter em tudo, eu gosto.

**Wanderley de Souza:** É um problema, ninguém quer fazer coisas, até em nível de família. Eu por exemplo, vou lá para o sítio, chamo uma pessoa, duas, assim para um churrasco. Uma vez a Marlene falou: *“Vamos chamar tua família”*. Eu: *“Não vai mesmo”*. Eu não quero, sabe por quê? Você tem uma coisa dessas com 10, 15 pessoas comendo, bebendo... Você não vai estar com máscara. Uma pessoa portadora, sem saber, infecta ali quatro ou cinco, então não vale a pena.

Sandra Brito: Mas essa entrevista poderia ter sido num sítio. Nós quatro... Não é tanta gente (risos).

**Narcisa Leal:** Mas também podia ter sido por vídeo. Olha só que privilégio, ao menos estamos aqui!

**Wanderley de Souza:** Sandra, fala alguma coisa que a gente ainda não falou e que você acha que é importante para tua convivência aqui no Instituto....

**Erika Negreiros:** Eu quero perguntar exatamente isso: O que é o trabalho aqui na Biofísica? O que significa seu ofício aqui? Se você pudesse dizer em palavras, o que significa esse trabalho. Não só o que você fazia em si, que eu sei que é muita coisa, mas o que isso

**acrescenta nas relações interpessoais. Enfim, não sei se era isso que Wanderley ia perguntar...**

**Wanderley de Souza: Não, não... Eu estava querendo deixar um pouco mais livre, que às vezes tem coisas que estão na cabeça dela, que ela considera importantes.**

Sandra Brito: Você ainda quer que eu lembre de mais alguma coisa, Wanderley? (risos). Tudo o que eu faço aqui, eu faço com o maior prazer mesmo. Gosto muito! Quando a Susana pede alguma coisa, eu faço além. Porque eu penso muito no futuro, sabe? Eu falo com os meninos lá, a Elisângela (*Elisângela da Costa Lucena*) e o Antônio (*Antonio Carlos Ezequiel de Lima*): “*Olha, eu vou fazer isso porque, daqui a pouco, quando alguém pedir, a gente já fez.*” Eu sou assim. Por exemplo, disciplinas com pandemia, umas que foram oferecidas antes, durante a pandemia, e outras depois. Aí aparece fora de hora. O que eu faço? O que eu fiz um dia desses: Eu peguei, entrei em um site, peguei todas as listas que eu tinha, peguei outras especiais, estou com sete páginas, nunca vi isso, não é Narcisa? Sete páginas de disciplinas de mestrado de 2020, nunca aconteceu isso, Wanderley! Sete páginas só da Biofísica? De disciplinas oferecidas no ano? Nunca. É muita coisa. E então a Susana falou assim: “*Mas eu vou precisar disso mesmo para a Sucupira*”. Caramba, é verdade, ainda precisa disso para inserir na Sucupira. Então precisa ter uma lista pronta.

**Narcisa Leal: Bom, eu lembro que na época o trabalho da Sandra fez um outro *upgrade* assim, foi quando eu entrei na coordenação da pós-graduação, a Sandra não fazia a Sucupira, que na época se chamava coleta CAPES. Ela não colocava a mão nisso, porque era muito delicado, muito difícil... Quem fazia era o próprio coordenador, e a secretária que ajudava era a Sandra Rocha.**

Sandra Brito: A Sandra ficava com a Sucupira, que envolvia bastante tempo, e eu ficava com todo o resto.

**Narcisa Leal: A Sandra saiu um pouco antes de eu entrar na coordenação. Eu entrei um pouco depois, não cheguei a conviver com ela, não. Mas a Sandra tinha medo de fazer esse negócio, porque ela já tinha visto várias outras situações delicadas, críticas, porque toda vez em que se encontra um erro, você tem que corrigir. É um stress danado. Então ela não queria colocar a mão na coleta da CAPES, de jeito nenhum.**

Sandra Brito: Ah é, tinha mesmo. Hoje eu já insiro os alunos lá na Sucupira, as dissertações, as teses, as disciplinas, a carga horária da graduação e os participantes externos.

**Erika Negreiros: Então o que foi que mudou?**

Sandra Brito: Eu queria saber mais. Eu queria aprender tudo.

**Narcisa: O que foi que mudou o trabalho dela? Fomos eu e Pedro Pascutti, porque quando nós começamos a fazer isso, nós dividimos o trabalho. Nós separamos uma parte do trabalho, porque tinha uma parte que o Pedro era absolutamente incapaz de fazer, que era a de fazer a lista dos participantes externos, porque nós não sabíamos quem eram as pessoas e tinham três mil participantes externos em um relatório, porque todo mundo quer por trabalho, quer por estudante de IC... E ela sabia quem era todo mundo.**

Sandra Brito: Ah, eu falava: Fulano eu conheço, defendeu o mestrado aqui.

**Narcisa Leal: É, então resolvemos fazer uma divisão de trabalho e convencemos a moça a mexer na coleta CAPES dos participantes externos.**

Sandra Brito: Porque é difícil identificar quem é pelo sobrenome. Mas quando é um sobrenome mais comum é difícil, né? Quando é um sobrenome diferente é mais fácil.

**Narcisa Leal: Foi nessa época que a Sandra começou a colocar a mão na coleta CAPES e, na época, nós não podíamos trabalhar ao mesmo tempo... Nós combinamos turnos que levavam até a madrugada.**

Sandra Brito: Narcisa colocava: arquivo dezoito horas e trinta minutos, aí ia para o Pascutti que colocava: arquivo meia noite e trinta. Hoje não, hoje eu faço de casa e a Susana entra ao mesmo tempo, muito bom.

**Narcisa: Então ficava eu, Pascutti e Sandra, um mandando o arquivo para o outro ao longo do fim de semana, era barra pesada. Ela foi se integrando no trabalho, porque ela com certeza sabia fazer muito bem, de ensinar para gente. Então fomos fazendo, fazendo, fazendo... E o trabalho começou a fluir muito melhor, muito mais. Teve um momento, que foi bem nessa mesma época, que a CAPES começou a valorizar - Eu não me lembro, mas eu acho que foi sugestão nossa da Biofísica - começou a valorizar o que acontecia com os titulados, que é um negócio que eles chamam de destino dos egressos. A Sandra Azevedo que começou, lembra que ela fez um mapa?**

Sandra Brito: A Cristina Miguens, que era jornalista aqui do Instituto, conhecia o Ricardo Boechat, repórter da Band, e colocou uma notinha - Se você fez doutorado no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da UFRJ, eles querem saber onde você está.

**Wanderley de Souza: Fez o maior sucesso.**

Sandra Brito: Foi muito bom. Eu tenho saudades disso. Gente, eu ia à secretaria do Diretor pegar fax, o pessoal mandava e-mail - Sandra eu tô aqui. Estou em Minas, estou nos Estados Unidos... Foi muito legal. Eu amei esse tipo de trabalho.

**Narcisa Leal: A Sandra Brito pediu autorização a nossa secretaria para criar um Facebook dos alunos egressos do Instituto de Biofísica. Tem que constar que isso foi criado por ela.**

**Wanderley de Souza: A Cristina Miguens fez uma outra coisa que depois desapareceu, que era o seguinte: Todos os artigos publicados, no momento que era aceito pelo Instituto, eles eram divulgados no Informativo, que na época era um Informativo impresso. Hoje já não teria sentido, mas a gente não sabe das coisas.**

**Narcisa Leal: Então, esse trabalho do Facebook que a Sandra fez, dos alunos egressos, essa página até hoje é muito ativa. Nós conseguimos fazer um levantamento com base nisso que nenhuma outra pós-graduação tinha, nós tínhamos a listagem de onde estavam no Brasil, fora do Brasil e qual era a atividade dos alunos.**

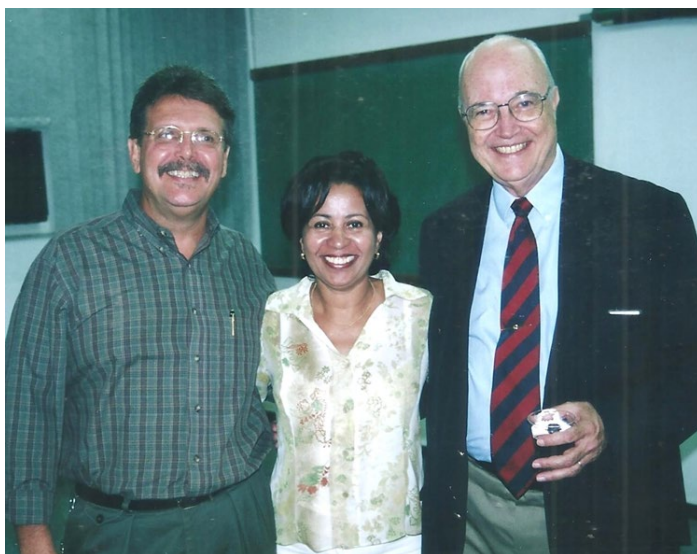
Sandra Brito: Ah, eu gostei tanto dessa época. Eu tenho um mapa. Porque isso muda também. Por exemplo, se eu fizer hoje vai ter aluno que é pós-doc hoje e amanhã é docente de outra Instituição.



Comemoração de funcionários do Instituto de Biofísica, em 1981. Imagem da esquerda – Moacyr, Marly Alves e Sandrinha (Sandra Brito Oliveira). Imagem da direita – Sandrinha, Maria do Carmo, Judas Tadeu, Moacyr, Haroldo Camacho e Maria Aparecida Esquibel.



Comemoração de Sandrinha com Tecia Carvalho, Narcisa Leal e Maria Aparecida Esquibel.



Sandrinha com os Antonios (Antonio Carlos Campos de Carvalho e Paes de Carvalho).



Comemoração de 44 anos de Biofísica, em 05 de agosto de 2019, na Secretaria de Pós-Graduação do IBCCF. Da esquerda para direita – Carmen Carbanelas, Edna Ferreira, Ricardo Reis, Tânia Ortiga, Narcisa Leal, Wanderley de Souza, Christianne Bandeira de Melo, Sandrinha, Antonio Carlos Ezequiel de Lima, Elisângela da Costa Lucena, Susana Frases Carvajal, Ricardo Manoel e Jennifer Lowe.



Cerimônia de posse de Denise Pires de Carvalho como Reitora da UFRJ em julho de 2019. Luiz Carlos Ferreira, Sandra Brito, Nilson Nunes e Alvaro Leitão.



Festividades do IBCCF - Sandrinha com alguns amigos do IBCCF. Com Bruno Lourenço Diaz (imagem acima à esquerda), Claudio Canetti e Emiliano Medei (imagem acima à direita), Christianne Bandeira de Melo e Susana Frases Carvajal (imagem do meio à esquerda), Nissin Moussatche (imagem do meio à direita) e Celso Pereira (imagem abaixo).

## SÉRGIO NOGUEIRA MAGALHÃES – SERGINHO

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 05/08/2021

### **Wanderley de Souza: Muito bem... Sérgio, a gente começa querendo saber quando é que você entrou aqui no Instituto de Biofísica?**

Sérgio Nogueira: Por felicidade, eu entrei dia 8 de agosto de 1974, com bolsa da FUJB (*Fundação José Bonifácio*).

### **Wanderley de Souza: Daqui a pouco está fazendo aniversário! E como é que você descobriu isso aqui? Quem te trouxe, quem te recomendou?**

Sérgio Nogueira: Eu fui agraciado pelo senhor Oswaldo. Ele era o chefe da mecânica lá na Praia Vermelha, na época. Ele morava próximo à oficina mecânica do meu pai. Então eu ia para meu pai, trabalhava no meu pai até meio dia e depois saía de lá e ia para casa estudar para escola.

### **Wanderley de Souza: Você estudava o que?**

Sérgio Nogueira: Eu fazia Curso Técnico em Tornearia Mecânica e Serralheria, no SENAI.

### **Wanderley de Souza: Formação do SENAI.**

Sérgio Nogueira: É, e o senhor Oswaldo me descobriu...

### **Wanderley de Souza: Esse cara leva jeito!**

Sérgio Nogueira: “*Você empresta ele para trabalhar comigo na universidade?*”.  
Meu pai: “*É a oportunidade que tem. Você está a fim? Quer ir com ele?*”

### **Wanderley de Souza: Vamos lá...**

Sérgio Nogueira: Já estávamos realmente na mudança da Praia Vermelha para cá, para a Ilha do Fundão.

### **Wanderley de Souza: O Célio estava lá também?**

Sérgio Nogueira: Não! Célio trabalhava na época com o professor Ayres (*Ayres Hypolito da Fonseca Costa*) fazendo pesquisa com cachorros. Depois que ele veio ficar conosco...

### **Wanderley de Souza: Aí começou a ficar na oficina...**

Sérgio Nogueira: O professor Oswaldo já estava cansado e o Célio já tinha uma desenvoltura, mecanicamente falando...

**Wanderley de Souza: Seu Oswaldo era muito bom...**

Sérgio Nogueira: Muito bom! E eu aprendi muito. Tive um prazer muito grande em conhecê-lo. E depois veio o Ricardo Gattass dando todo o apoio logístico também na época...

**Wanderley de Souza: Ricardo era o entusiasta...**

Sérgio Nogueira: É, justamente! E o professor Oswaldo Cruz também ajudou muito a gente. Não pode esquecer que foi muito... e eles falavam muito comigo, o tempo todo! *“Você está diante de um mestre”* - falando do seu Oswaldo - *“Você está diante de um mestre... então você explora que ele vai passar as coisas”*. E realmente ele fez com que eu chegasse aonde eu estou hoje! Com maior prazer! E então voltei à escola técnica, no SENAI, onde me especializei mais em engenharia mecânica. E a mecânica fina foi onde eu me especializei, em termos dessas peças que fabricamos aqui, como aqueles eletródios para cabeça dos macacos...

**Wanderley de Souza: Peças do microscópio, não é?**

Sérgio Nogueira: Milimétricas...

**Erika Negreiros: Você que construía as peças?**

Sérgio Nogueira: Isso... milimétricas. Me especializei em acrílico, e acrílico era peça que realmente era usada porque não dava contaminação, não podia ter metal. Isso foi realmente muito bom, muito bom mesmo! E eu tinha um prazer, através, é claro, das pessoas que nos procuravam. Vocês também logo vieram em seguida, a professora Hertha (*Hertha Meyer*), professor Raul (*Raul Machado*)...

**Wanderley de Souza: Você deve ter alguma foto desse aparelho em algum lugar que pudesse ser fotografado, que aquilo era fabricado aqui na instituição...**

**Erika Negreiros: Tinha uns aparelhos específicos para fazer coisas com acrílico?**

Sérgio Nogueira: Tinha. Por uma infelicidade minha, eu cheguei a ver algumas de eletroforese, sabe onde? No lixo, no Recicla, lá fora no bloco K. Aquilo me deixou assim... O coração dói.

**Wanderley de Souza: Na época essas cubas todas eram feitas aqui, porque eram muito caras pra trazer do exterior. Assim eles pegaram**

**uma, copiaram e fizeram as adaptações. Começou a vender até para outros lugares, não foi?**

Sérgio Nogueira: E era um trabalho maravilhoso, porque você via a rotatividade dos pedidos. Então a gente fazia até em série, já deixava tudo mais ou menos montado, faltando apenas colocar a platina, que era um dos materiais mais caros que tinha na época. O fio de platina era para colocar contato de um lado para o outro. Depois a oficina começou a crescer de tal forma que começou a ter muita demanda, foi preciso ter outras pessoas para trabalhar também.

**Wanderley de Souza: Quem mais foi lá para a parte mecânica?**

Sérgio Nogueira: Foi o Oswaldo, um rapaz que já trabalhava na mecânica... Teve o senhor Valdemar também. Mas todo mundo veio a óbito, todo mundo faleceu até antes do senhor Oswaldo. Assim foi dissolvendo toda oficina de novo, e nesse negócio todo, sobrou para mim... Fique de carreira solo.

**Wanderley de Souza: Você está lá sozinho?**

Sérgio Nogueira: É, e com um maquinário muito bom. Tem uma boa fresa, dois toners maravilhosos, máquina de furar. E eu procuro remanejar e fazer com que a coisa funcione. Mas é uma pena que não funcione mais daquela forma...

**Wanderley de Souza: Então você não está treinando ninguém...**

Sérgio Nogueira: No momento não estou treinando ninguém. Eu treinei dois rapazes, um inclusive foi o filho do Waldir (*Waldir Dias de Oliveira*). Ele pegou alguma coisa de mecânica lá comigo, mas na época tinha problema também de verba para poder pagar, porque tinha que ter passagem, tinha que ter almoço. Eu consegui alguma coisa na época com o Celso (*diretor Celso Caruso Neves*). Depois ele foi para o quartel, mas saiu daqui bem afiado em termos de mecânica.

**Erika Negreiros: A oficina sempre foi aqui no subsolo? Era só do Instituto de Biofísica?**

Sérgio Nogueira: Era, subsolo. Começamos aqui na sala da professora Doris (*Doris Rosenthal*). Hoje eu tenho até esse problema, porque as pessoas chegam lá pedindo algum serviço, aí falo que sou lotado na Biofísica...

**Erika Negreiros: Você está na decania?**

Sérgio Nogueira: Bloco K, subsolo.

**Wanderley de Souza: É no lado direito?**

Sérgio Nogueira: Daqui (*do IBCCF*) para lá, é à direita.

**Wanderley de Souza: Lá embaixo quando chega perto do portão da saída? Eu passo muito ali para ir ao CENABIO.**

Sérgio Nogueira: Eu sei, é caminho, sendo que daqui pra lá você pega à direita, mais para o final, logo após tem uma escada interna que você sobe. Perto do arquivo, mais à frente um pouquinho. É quase ao lado da marcenaria.

**Wanderley de Souza: E quem que está na marcenaria? Aquela turma da marcenaria foi para onde? O Carlos? O Tininho?**

Sérgio Nogueira: O Tininho se aposentou e o Carlos está aqui na Biologia.

**Wanderley de Souza: O Carlos é pastor...**

**Erika Negreiros: Ele esteve uma vez com o professor Elias aqui no EMCCF...**

Sérgio Nogueira: Isso! Era muito ligado... O Elias realmente era sensacional! São pessoas assim, que a gente realmente sente...

**Wanderley de Souza: O Elias vivia lá!**

Sérgio Nogueira: Eu tive o prazer também de conhecer essa beldade (*apontando para a pintura do professor Carlos Chagas Filho, feita pelo artista Glauco*), esse homem maravilhoso...

**Wanderley de Souza: Ah! Doutor Chagas...**

Sérgio Nogueira: Fez com que eu tivesse muito mais vontade de crescer. Eu acompanhei muito essa trajetória da Biofísica, a ponto de correr para chegar e não ter pressa para sair. Ficávamos tristes na hora de ir embora...

**Erika Negreiros: Nossa! Que raro...**

Sérgio Nogueira: Eu conheci algumas pessoas iguais a mim. *“Poxa, gente! Eu tenho que ir embora, até amanhã, não falta, não! Vem amanhã!”* Porque a Biofísica foi muito taxada como sargento, quartel general dentro da universidade...

**Wanderley de Souza: Lá é duro e lá trabalha... (risos)**

Sérgio Nogueira: Esse é o negócio. Aqui tem decência. Sempre teve... O diretor falava isso pra gente! Então, para quem estava vindo de fora se assustava mesmo! Mas para nós, não. Eu lembro de mim, do Waldir... Somos os mais antigos do corpo técnico. Então ele (*Sr. Waldir*) falava assim: *“Eu gosto tanto dessa casa, Sérgio...”*

**Erika Negreiros: É tão bom ter esses relatos...**

Sérgio Nogueira: É bom! É muito bom porque aqui eu me fiz gente, homem de verdade...

**Wanderley de Souza: O pessoal veio para cá garoto, casou-se, sustentou, criou filho...**

Sérgio Nogueira: Fico emocionado! Eu vim para cá muito garoto e aqui realmente comecei a ver os prós e os contras da sua vida. O quão importante é você ter uma meta de vida e aqui foi muito bom! Tive o prazer de ter esse homem (*se referindo ao professor Wanderley*) como o meu diretor. Primeiro como meu amigo, né? Porque nós trabalhamos sempre...

**Wanderley de Souza: Estava ali juntinho, não é? Não tem nem como... Mas sabe que eu demorei para saber que ele tinha se mudado? Só acabam essas coisas das oficinas. Fiquei muito chateado com a marcenaria. Na marcenaria o que acontece: você quer fazer um móvel que cabe naquele lugarzinho ali, fazia um desenho e entregava. O cara vinha e media... Você fazia o que você quisesse de armário, de mesa...**

Sérgio Nogueira: O grande maquinário nosso da marcenaria foi doado, não sei de que forma, lá para o bloco K.

**Wanderley de Souza: Mas era diferente! Fazia pra gente o que a gente quisesse...**

Sérgio Nogueira: Um bocado de estantes e móveis lá (*no laboratório Hertha Meyer*) com certeza foram feitas aqui. O negócio funcionava, era rotatividade, todo mundo trabalhando...

**Wanderley de Souza: Sabe que eu contratei o Tininho para fazer a estante na minha casa?! Ele trabalhava sábado e domingo, montou uma oficina lá na casa dele. E então ele pegava e ia sábado e domingo lá para casa. É um marceneiro muito bom!**

Sérgio Nogueira: É... José Ferreira! Não sei se ele continua trabalhando. Mas é muito difícil você ver essas raízes, esses registros sendo jogados fora. Eu ficava olhando... meu Deus! Deu um trabalho terrível! Nós fabricávamos uns cestos para nitrogênio líquido, para colocar aquelas caixinhas no nitrogênio líquido armazenando material... um trabalho terrível!

**Wanderley de Souza: Tinha alumínio ali?**

Sérgio Nogueira: Alumínio e Aço Inox. Fazia muito de alumínio, que era mais barato na época, e não precisava ser de Aço Inox. Lixo vendendo no ferro velho... Gente! Vocês sabem o trabalho que deu para fazer isso?

**Wanderley de Souza: Você já tem tempo para se aposentar?**

Sérgio Nogueira: Já!

**Wanderley de Souza: Mas não está pensando nisso não, né? Tem que trabalhar aí até... (risos).**

Sérgio Nogueira: Eu fui criado com a minha avó. Ela falava: “*Meu filho, aquilo ali (Instituto de Biofísica) é um local para você usufruir o máximo que você puder! Em termos de tudo! Eu já percebi que é em termo de amizade, em termo de trabalho, em termos de conhecimentos... Fica o tempo que for necessário!*” Até o pessoal chegar lá, te sacudir e falar: “*Meu irmão! Tu tem que ir embora!*” (risos de todos).

**Wanderley de Souza: Você não se sente meio isolado lá no bloco K?**

Sérgio Nogueira: Sinto. O que eu gostaria mesmo era de estar aqui... É! O diretor de agora (*Bruno Lourenço Diaz*), na época falou comigo que gostaria que eu viesse para cá, é só ver um cantinho, ver uma sala. Pior que não pode ser uma salinha, né? Tem que ser uma que caiba aqueles equipamentos todos lá. Mas eu não gostei de ter saído daqui.

**Erika Negreiros: Quando você saiu daqui para lá (Bloco K)?**

**Wanderley de Souza: Foi ainda com o Celso (diretor Celso Caruso Neves)?**

Sérgio Nogueira: Foi com o Celso. Eu participava da reunião departamental, tanto que isso foi elaborado porque um professor estava precisando da sala...

**Wanderley de Souza: É o Mohana (Ronaldo Mohana Borges), não é?**

Sérgio Nogueira: Isso.

**Wanderley de Souza: Aquilo tudo era oficina, foi virando laboratório...**

Sérgio Nogueira: Eles disseram: “*É que essa sala aqui é o espaço direitinho para colocar o aparelho. Aí vem aquela pergunta para mim: você se opõe?*” Isso não cabe a mim, cabe à direção. Mas isso aí vai para onde? “*Vai lá para o outro lado, para o bloco K.*” Eles já tinham conversado com a decana na época (*decana do CCS, Maria Fernanda Quintela*). Então eu fui para lá, e as pessoas comentam: “*Você sumiu! não aparece mais...*”

**Wanderley de Souza: Vocês não tiravam fotos, não? Tem fotos das oficinas?**

Sérgio Nogueira: Tirávamos! Waldir, na época, tinha muita coisa. Eduardo Camacho tinha algumas com a gente também. Tinha fotos também daquele futebolzinho que rolava ali...

**Wanderley de Souza: Claro! Futebol famoso...**

Sérgio Nogueira: É! O Antônio Paes de Carvalho participava também!

**Erika Negreiros: Você jogava bem?**

Sérgio: Sim! Perna esquerda

**Wanderley de Souza: Não saiu ninguém para seleção brasileira, não?**

Sérgio: Não! É que eu tinha a Biofísica! Era melhor ficar aqui... (risos).

**Erika Negreiros: Ninguém se quebrou jogando? (risos).**

Sérgio Nogueira: Não! (risos).

**Wanderley de Souza: Tinha vôlei também...**

Sérgio Nogueira: Tinha vôlei! E assim foi a minha trajetória aqui dentro...

**Erika Negreiros: Você comentou do professor Carlos Chagas. Ele devia conhecer todo mundo, parece que tinha essa preocupação...**

**Wanderley de Souza: Ele deixava essa porta aberta pra gente chegar (se referindo ao gabinete de Carlos Chagas Filho). “Opa! Entra aí! Vamos bater um papo!” Gostava de conversar de futebol...**

Sérgio Nogueira: E quando ele cruzava com alguém no corredor e o pessoal não falava com ele, e ele sabia quem era aquela pessoa, então ele ia na secretária: “O que está acontecendo com fulano? Passou e não falou, o que houve? Procura ver o que está acontecendo lá...”. Era assim (risos). Eu realmente me vejo aqui dentro de uma família. Essa casa aqui realmente foi meu primeiro, e espero que seja o único emprego, né? (risos). Tive o prazer de conhecer o Major Brasil, que era da eletrônica, uma pessoa sensacional, inteligentíssimo! Um engenheiro!

**Wanderley de Souza: É... ele voltou para o Ceará.**

Sérgio Nogueira: Voltou... Teve um time muito bom aqui. Da eletrônica, pessoal bom! Tinha o Franklin, que trabalhava diretamente com ele, que veio do IME, Instituto Militar de Engenharia lá da Praia Vermelha...

**Wanderley de Souza: Tinha o Maurício Tecles...**

Sérgio Nogueira: O Augusto também teve uma participação muito boa aqui.

**Wanderley de Souza: Mas o Augusto começou a fazer parte mais de automóvel, era onde ele ganhava dinheiro. Então quase todo mundo que tinha carro aqui, ao invés de ir à oficina, era o Augusto. Ele montou uma oficina, não sei onde é que era, e começou a crescer e crescer. No final montou uma oficina grande.**

Sérgio Nogueira: Então, você lembra do tempo da marcenaria do senhor Max? Depois que veio o Carlos. Eu acho que o Max foi o primeiro, que tinha o

Laudelino que trabalhava com ele. É tanta gente, meu Deus do céu! Tanta gente...

**Wanderley de Souza: Passou muita gente aqui nas oficinas para fazer treinamento também...**

Sérgio Nogueira: Muitos estagiários! Justamente... Eu tive o prazer de acompanhar muitas pessoas ali, muitas pessoas boas!

**Wanderley de Souza: Mas dos professores, acho que a pessoa mais ligada era o Ricardo Gattass...**

Sérgio Nogueira: Até hoje!

**Wanderley de Souza: Ele ficava impaciente se fazia o pedido e se demorasse...(risos de todos). Ele ficava vermelho aí ele ia e falava: “Eu faço!” E metia a mão em tudo! Da carpintaria ao torno. Eu não sei onde ele aprendeu essas coisas...**

Sérgio Nogueira: Eu acho que ele realmente tinha uma desenvoltura, uma habilidade boa.

**Wanderley de Souza: Mas ele gosta muito de carro, não é? O Ricardo tinha uma coleção de Mercedes. Antigamente ele tinha uma casa lá em Teresópolis que era só para guardar Mercedes...**

**Erika Negreiros: Dizem que ele é bom na culinária também, não é?**

**Wanderley de Souza: É! Comida árabe!**

**Wanderley de Souza: E é um bom médico! Todo mundo que precisasse aqui de qualquer assistência médica... era o Gattass! Mas é isso aí! Tem mais alguma coisa que você se lembre e que a gente não te perguntou?**

Sérgio Nogueira: Um dos grandes colaboradores de lá foi o Eduardo Penna Franca, e teve também o Wolfgang (*Wolfgang Christian Pfeiffer*). A presença de Wolf foi muito importante em termos de material, de recursos como maquinários e peças... Ele sempre teve uma verba. Ele falava: “*Essa verba é da oficina...*”.

**Erika Negreiros: Quem que mais precisava de material para pesquisa?**

Sérgio Nogueira: Eu acho que não é porque estava perto, acho que pela necessidade mesmo do próprio laboratório do professor Wanderley, sempre

usou muito. O professor Raul Machado também. Conheci o professor Oswaldo Cruz através do professor Ricardo, e a professora Aglay também.

### **Erika Negreiros: E a professora Esquibel também?**

Sérgio Nogueira: Muito! Maria Aparecida Esquibel... Trabalhamos muito! Muita coisa realmente passou por nós. Nós tivemos a obrigação, porque não tinha no comércio. Assim, a pessoa precisava de algo: *“Esse negócio tinha que ser assim, desse jeito aqui porque se não, não funciona! Ah! tem que fazer um furo com curva”*. Como é que se faz um furo com curva? Então tinha que furar de um lado, furar de outro, depois tapar aqui... *“Como é que foi feito esse furo aí?”*. Fez assim e fez assim... Depois ficou só dando passagem de um lado para o outro, entendeu? Então muita coisa teve que ser planejada. A gente sentava, estudava... *“Eu quero assim, quero fazer desse jeito aqui... mas não pode ser de metal... tem que ser de acrílico”*. Acrílico é um material ingrato para trabalho! Ele é muito lindo, mas se você fez errado, tem que jogar fora e fazer outro.

**Erika Negreiros: Tem um objeto da exposição que a gente fez aqui no EMCCF. Foram umas lâminas do professor Gustavo de Oliveira Castro, que estavam guardadas pelo professor Marcos Farina. São doze lâminas onde ele pintou à mão fatias do cérebro de pinto. Quando a gente coloca uma à frente da outra, parece uma imagem tridimensional do cérebro. Obra de arte! A ideia original era fazer a caixa para apoiar as lâminas em acrílico, mas por falta de verba fizemos em madeira. Quem sabe quando tiver uma “verbinha”, eu falo contigo para fazer em acrílico?**

Sérgio Nogueira: Vai ficar mais apresentável. O Acrílico é um material muito lindo. Naquela época apareceu de tudo que é jeito de cores - preto, vermelho, azul. E colocava a tampa de um jeito e o fundo de outro, então hoje tem esses recursos!

### **Erika Negreiros: E todo mundo te chama de Serginho aqui?**

Sérgio Nogueira: É! Tem umas meninas que aparecem lá: *“Eu queria falar com o seu Serginho.”* E eu: *“Serve eu? Serginho?”* (risos). *“É que na Biofísica falaram para eu procurar o Seu Serginho, eu fiquei pensando que é um rapazinho pequenininho...”* Falo: *“Ah! Muito obrigado! Essa é a forma carinhosa que eles têm de me chamar”*.



Sergio Nogueira (Serginho) em comemorações com amigos do IBCCF. Imagem acima – Levi Amorim, Norton Heise, Serginho e Kildare Rocha de Miranda. Ao fundo, Jean Remy Davee e Nilson Nunes. Imagem à esquerda - Nilson e Serginho. Imagem à direita – Nilson, Adriane Todeschini, Serginho e Levi. Imagem abaixo – Serginho com Waldir de Oliveira.

## **TEREZINHA MARIA DE CASTRO SILVA**

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Érika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 26/10/2021

**Wanderley de Souza: Muito bem, Terezinha. Quando e como você chegou ao Instituto de Biofísica?**

Terezinha Maria: Eu cheguei no Instituto de Biofísica no dia 31 de outubro de 1969, na Praia Vermelha.

**Wanderley de Souza: Já direto no laboratório do Maury Miranda, não?**

Terezinha Maria: Já direto no laboratório, fui direto para o Maury Miranda. É que eu fui contratada na verdade para trabalhar três meses. Mas estou até hoje.

**Wanderley de Souza: E como é que você descobriu o laboratório do Maury Miranda? Quem te levou? Quem te apresentou?**

Terezinha Maria: Eu tinha acabado de chegar, tinha uns 16 anos, eu mudei de casa e o meu vizinho trabalhava com o Maury Miranda, e a filha dele também trabalhava com o Doutor Maury. E eles estavam precisando de uma outra pessoa para ajudar, porque o Doutor Maury tinha um monte de bichos... (risos).

**Wanderley de Souza: *Rhynchosciara angelae* (*R. americana*)...**

Terezinha Maria: Exatamente!

**Wanderley de Souza: E ele ia buscar lá no sítio dele, não é?**

Terezinha Maria: Ah, ele ia buscar no sítio dele, eu mesma busquei várias vezes.

**Wanderley de Souza: Era fácil achar?**

Terezinha Maria: Era meio difícil.

**Wanderley de Souza: É? E se precisasse achar, você acharia novamente?**

Terezinha Maria: Eu acho que hoje em dia é mais difícil, pela poluição, esses bichos são muito sensíveis. Qualquer “poluiçãozinha” eles morriam...

**Wanderley de Souza: Mas você pegava aonde, no chão?**

Terezinha Maria: No chão, em plantação de bananeira...

**Wanderley de Souza: Um dia desses, lá no meu sítio, eu vi umas coisas assim que eu lembrei que parecia com *Rhynchosciara*...**

**Érika Negreiros: Como é que você conseguia diferenciar as espécies?**

Terezinha Maria: São bem diferentes. Essa especificamente era para trabalhar com desenvolvimento. E elas são grandes e as larvas também.

**Wanderley de Souza: Vocês pegavam as larvas?**

Terezinha Maria: Pegava a larva, trazia para casa, para o laboratório... E lá, essas larvas eram tratadas com folhas de batata doce.

**Wanderley de Souza: Mas antes disso, você entrou para fazer o que no laboratório?**

Terezinha Maria: Então, eu entrei exatamente para ajudar a Zuleica, a menina que morava ao lado da minha casa, para ajudar a preparar comida para esses bichos, para essas larvas...

**Erika Negreiros: Você se lembra do local onde era esse laboratório? Era assim que entrava no prédio da Faculdade de Medicina?**

Terezinha Maria: A gente entrava pelo jardim, porque a Biofísica lá na Praia Vermelha era toda espalhada: Tinha no primeiro andar, no segundo, e outro lá do outro lado do terceiro andar. Tinham vários laboratórios todos espalhados, não tinha nada muito perto. E o laboratório do professor Maury Miranda era no início do primeiro andar, perto do restaurante. Tinha o laboratório do professor Elias (*Cezar Antonio Elias*)... Eu passava pelo laboratório do professor Elias, bem lá no canto. O prédio era grandão, alto e bem espaçoso.

**Érika Negreiros: Tinha um jardim interno, né?**

Terezinha Maria: Era muito bonito! Uma pena que o prédio foi demolido...

**Wanderley de Souza: Quem estava no laboratório do Maury nessa época?**

Terezinha Maria: Olha, em 1969 estava Humberto Rocha, o George Washington, tinha um professor chamado Cilenio, tinha uns quatro ou cinco que eram do Ceará.

**Wanderley de Souza: Também tinha o Carlos Morel que trabalhava lá...**

Terezinha Maria: Quando eu entrei, acho que ainda estava, mas eu não me lembro muito bem dele, não. Tinha a Irene Picard, a Anna Francisca (*Anna Francisca Martins Falcato Ribeiro*), o Seabra (*Oswaldo Seabra*) também. Tinham muitos alunos, todos eles nessa época eram alunos. Só o Humberto que não...

**Wanderley de Souza: A Eliana Abdelhay já estava lá?**

Terezinha Maria: A Eliana começou aqui como aluna.

**Érika Negreiros: E o Ricardo Guelerman?**

Terezinha Maria: O Ricardo Guelerman foi aqui também.

**Wanderley de Souza: É! São pessoas que foram embora, não ficaram aqui. E tinha um pessoal de São Paulo, professor Lara (*Francisco Lara*), professor Pavan (*Crodowaldo Pavan*)...**

Terezinha Maria: Vinham muito aqui porque eles trabalhavam com o mesmo díptero, com *Rhynchosciara*, mesma coisa que o Doutor Maury Miranda.

**Wanderley de Souza: Quer dizer então que você sabia manter o bichinho, buscava no campo...**

Terezinha Maria: É, buscava no campo e mantinha no laboratório, e daí ele virava a larva. Fazia todo o processo, é um processo longo, porque a larva tinha uma fase em torno de cinquenta dias de desenvolvimento. Então ela fazia um casulo, depois desse casulo, nasciam as moscas. E das moscas vinham os ovinhos, aí voltava o ciclo novamente.

**Wanderley de Souza: Era você que ficava mantendo o ciclo. Não sei se você lembra, eu cheguei a trabalhar nisso com a Tânia Cremonini de Araújo-Jorge, minha aluna e hoje, diretora do Instituto Oswaldo Cruz. Ela pegava lá o material e fazia Microscopia Eletrônica.**

**Érika Negreiros: Vocês mantinham as moscas em garrafas?**

Terezinha Maria: Não, era em vasilha. Eram uns vasilhames de barro, tipo panela de barro. Depois, mais para frente foi aperfeiçoando. Ele mesmo processava as vasilhas, eram de plástico. Fundia o plástico e fazia a vasilha e tampava com espuma por cima, depois da espuma colocava uma tampa de Eucatex. As garrafas eram só para as *Drosophilas*.

**Wanderley de Souza: E como é que era o Maury no laboratório, porque pouca gente lembra do Maury.**

Terezinha Maria: Ele morreu cedo, em 1986 com 56 anos, teve vários infartos. Ele era meio agitado, superinteligente, um bom tipo de pesquisador, na verdade. Era inteligente, mas ele não era muito bom como chefe (risos). Ele brigava muito, não era fácil lidar com ele. Mas dentro do laboratório, tinham bons momentos. Só que eu fiquei lá a vida inteira, então aguentei ele a vida inteira (risos).

**Érika Negreiros: Você cuidava da alimentação dos insetos e tal, mas também participava dos experimentos?**

Terezinha Maria: Eu participava só na parte de infraestrutura mesmo, lavagem de material, alimentação dos bichos, a gente fazia de tudo um pouco. O Doutor Maury não dava mole para gente, não.

**Érika Negreiros: E ele só usou a *Rhynchosciara*?**

Terezinha Maria: Ele usou muito tempo, lá na Praia Vermelha. Quando nós mudamos para cá, por causa do clima, calor, ele mudou para *Drosophila*. Quando ele mudou aqui para o Fundão, conheceu o professor Antônio Cordeiro, que trabalhava com *Drosophila*. É um modelo muito bom, desenvolvimento bem mais rápido.

**Érika Negreiros: Trabalhei com *Drosophila melanogaster* no doutorado, orientada pela professora Helena Marcolla Araujo. Você conhece, não é?**

Terezinha Maria: Conheço muito!

**Wanderley de Souza: Quando a Eliana Abdelhay entrou?**

Terezinha Maria: Eliana entrou bem mais tarde. Fez mestrado e doutorado com o Doutor Maury, e foi indo até chegar a chefe.

**Wanderley de Souza: E quando ele faleceu, foi ela quem assumiu?**

Terezinha Maria: Quando ele faleceu, Humberto assumiu por um período. A gente trabalhava no primeiro andar, onde hoje fica o laboratório da professora Doris Rosenthal. Quando o Edson Albuquerque veio, o laboratório diminuiu e a Eliana foi para o subsolo do Instituto, onde era o seu laboratório.



Terezinha Maria de Castro Silva (em primeiro plano) durante comemoração no Laboratório/IBCCF, em 1987. Destaque para o professor Humberto Rocha, de blusa quadriculada.

**Wanderley de Souza: Onde eu ficava, que passou para a Eliana, e que hoje fica o laboratório da Sonia Rozental. Mas a Eliana ainda levou a *Rhynchosciara*, ou não?**

Terezinha Maria: Não, lá ela já trabalhava com *Drosophila*. O mestrado foi com *Rhynchosciara* e o doutorado foi com *Drosophila*.

**Érika Negreiros: E o Ricardo Guelerman estava nessa época?**

Terezinha Maria: Guelerman entrou depois da Eliana, como aluno de Iniciação Científica, fez mestrado e doutorado com *Drosophila*, e foi para a Alemanha, ficou oito anos fora. Eu pensei que nunca mais fosse voltar, mas de repente ele voltou.

**Wanderley de Souza: Ele foi para Ribeirão Preto, em São Paulo.**

Terezinha Maria: Ele voltou e fez concurso para cá, depois passou lá, não quis ficar, foi embora para Ribeirão. A Lygia da Veiga Pereira Carramaschi também foi para São Paulo, é geneticista.

**Wanderley de Souza: A Lygia é muito conhecida, está sempre na televisão falando sobre células tronco.**

Terezinha Maria: A Lygia foi aluna da Eliana. Ela entrou no laboratório aos dezanove anos, fez Iniciação Científica também. O primeiro trabalho que a Lygia publicou em congresso, fui eu e ela que fizemos.

**Wanderley de Souza: E vem cá, quando o laboratório da Eliana encerrou, que ela saiu, você foi para onde?**

Terezinha Maria: Nessa época eu trabalhava no LAT: Laboratório de Animais Transgênicos, que a Irina Nasteva montou.

**Wanderley de Souza: A Irina é russa, eu fui buscar a Irina na Rússia quando estava montando a Universidade do Norte Fluminense. Tinha que buscar pesquisadores da Rússia, fomos para lá e trouxemos uns dez russos. A Irina e o marido...**

Terezinha Maria: Estou oficialmente aposentada na universidade desde 1996. Eu lembro que a Eliana falou assim: “*Se você quiser se aposentar, se aposenta, mas você continua trabalhando comigo*”. Então eu continuei com bolsa do CNPQ, fiquei até ela se aposentar e ir para o INCA. Aí eu fui para o LAT na BioRio, trabalhar com camundongo, mudei completamente. Fiquei lá até 2010.

**Wanderley de Souza: Você chegou a trabalhar com o Marcel Frajblat?**

Terezinha Maria: Estou trabalhando com ele e outros professores agora aqui na Biofísica, no Biotério Multiusuário.<sup>29</sup>

**Wanderley de Souza: Quais são os camundongos que vocês têm lá?**

Terezinha Maria: Lá tem black-6, balb... Tem uma sala só de transgênicos e nocaute. Tem conexina 32 da Regina (*Regina Coeli dos Santos Goldenberg*), da Rosália (*Rosália Mendez-Otero*) tem para a doença ELA (*Esclerose Lateral Amiotrófica*), para deficiência imunológica tem T-2, T-3 e T-4 do Marcelo Bozza e do Emiliano Medei.

**Wanderley de Souza: O Laboratório LAT acabou ou continua?**

Terezinha Maria: Continua, quem administra é o Marcel. Lá tem transgênicos e nocaute também.

**Wanderley de Souza: No momento você tem bolsa FAPERJ?**

Terezinha Maria: Não, agora eu sou terceirizada no biotério.

---

<sup>29</sup> Plataforma de Modelos Biológicos Fernando Garcia de Mello - <https://cmdfa.biof.ufrj.br/plataformas/modelos-biologicos/>

**Wanderley de Souza: Você chegou a estudar também, você fez qual curso?**

Terezinha Maria: Estudei, terminei o segundo grau. Na verdade, quando eu entrei na universidade, só tinha a quarta série do primário, tinha acabado de chegar do Espírito Santo.

**Wanderley de Souza: Ah, você é do Espírito Santo? De que cidade?**

Terezinha Maria: Alegre

**Wanderley de Souza: Alegre é entre Cachoeira e Vitória, não é?**

Terezinha Maria: É, depois de Cachoeira. Eu fiz a quarta série, meus pais não tinham condições de pagar nada para mim, quando eu entrei para cá, o Humberto me incentivou muito.

**Wanderley de Souza: É, o Humberto era uma figura interessante. Falava muito e ajudava todo mundo.**

Terezinha Maria: Ajudava todo mundo, me ensinou muito. Aprendi muito com ele no laboratório. Assim eu fiz o primeiro grau e finalizei o segundo grau.

**Érika Negreiros: Mas você chegou a fazer parte experimental com o pessoal?**

Terezinha Maria: Fiz, nossa! Eu aprendi tudo. Fiz o primeiro trabalho com a Lygia, eu tenho uns dois ou três trabalhos publicados com a Eliana. Ela e o Humberto incentivavam muito os técnicos. Os alunos entravam no laboratório e nós ajudávamos na bancada, nossos nomes entravam nas teses também...

**Érika Negreiros: Um trabalho conjunto. Você sabia dissecar também?**

Terezinha Maria: A *Rhynchosciara* eu dissecava, preparava lâminas...

**Wanderley de Souza: E o camundongo, você sacrifica, retira órgãos, o que você faz?**

Terezinha Maria: Eu sei fazer isso tudo, agora no momento eu não faço porque não estou mais no laboratório, mas quando eu estava no laboratório da Eliana, eu fazia isso tudo, aprendi muita coisa.



Terezinha em Gramado/RS, num congresso científico, em 1997. Com Luiza (imagem à esquerda), e com Aniele e Adriana (imagem à direita).



PERGAMON

International Journal of Insect Morphology and Embryology 28 (1999) 309–319

International  
Journal of  
Insect Morphology  
&  
Embryology  
www.elsevier.com/locate/jinsectme

## Specialized features of *Rhynchosciara americana* embryogenesis

J.C. Carvalho, C.E. Vanario-Alonso, T.M.C. Silva, E. Abdelhay\*

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, Laboratório de Biologia Molecular Maury Miranda, Centro de Ciências da Saúde, BI-G, S-044, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ, 21949-900, Brazil

Received 11 June 1999; accepted 4 September 1999

### Abstract

Insect embryo development is a complex process which requires nuclear and cellular division, cell shape alteration, and cell movement. This process needs to be orchestrated in a specific spatial and temporal fashion. Different insect species, despite similarities, present distinct morphogenetic pathways. We used the dipteran *R. americana* as a comparative model for embryo morphogenesis studies, following embryo development with different histochemical and immunohistochemical procedures. Despite the phylogenetic proximity with *D. melanogaster*, *R. americana* presents a peculiar morphogenesis. We show that at the initial phases of development, from egg fertilization to blastoderm formation, *R. americana* is similar to *Drosophila*. The first cleavages are nuclear and cellularization only begins after nuclei spread throughout the egg's cortex. However after this stage a series of cell movements establishes a short compact germ band anlage, which gastrulates in a pattern quite different from *Drosophila*. After gastrulation the germ band elongates anterior–posteriorly and segmentation occurs simultaneously along the embryo. Embryo development from egg fertilization to larva hatching takes about 12 days. Our results show that *R. americana* presents a different morphogenetic pathway which does not fit in the current short, intermediate or long germ band classification. © 2000 Published by Elsevier Science Ltd. All rights reserved.

**Keywords:** Embryogenesis; *R. americana*; Insect development

Destaque do artigo publicado em 1999, com coautoria de Terezinha

### **Wanderley de Souza: Hoje no biotério, vocês só fornecem os animais. Você tem filhos?**

Terezinha Maria: Tenho duas filhas, uma tem 37 anos, e a outra tem 35 anos.

### **Wanderley de Souza: Daqui a pouco vai me dizer que é vovó!**

Terezinha Maria: Tenho uma neta de dezessete anos e um neto de cinco.

### **Érika Negreiros: Como é que você conheceu o Júlio? Foi aqui no Instituto?**

Terezinha Maria: Não, foi fora daqui. Mas fui eu quem arrumou para ele vir para o Instituto.

### **Wanderley de Souza: Onde vocês se conheceram?**

Terezinha Maria: Engenho Pereira, Japeri.



Família de Terezinha de Castro Silva e Júlio Cesar Riberio da Silva. Imagens com as filhas (foto acima) e com os netos (fotos abaixo).

**Wanderley de Souza: O ambiente aqui é bom entre os técnicos, e entre os técnicos e os pesquisadores? A gente não sabe se quebra o pau, a gente não sabe, mas eu acho que é tranquilo... (risos).**

Terezinha Maria: É bom, eu gosto. Eu sempre trabalhei no mesmo setor, no mesmo laboratório, desde que eu entrei, saí quando a Eliana saiu. Sempre foi tranquilo.

**Wanderley de Souza: O Laboratório do Maury era o maior laboratório do Instituto na Praia Vermelha. Depois quando veio para**

**cá, também era muito grande. Tinha o dele, tinha o do Firmino (Firmino Torres de Castro), os dois trabalhavam com Biologia Molecular.**

Terezinha Maria: O Maury Miranda era inteligente, fazia muita coisa, mas publicação teve pouca. Ele dizia que queria ser o Prêmio Nobel.

**Wanderley de Souza: É que ele trabalhou com um Prêmio Nobel, o Salvador Lúria, que foi estagiário da Dona Hertha (Hertha Meyer) em Turin, na Itália. Depois foi para os Estados Unidos. Quando o Maury se formou, o professor Carlos Chagas Filho e a Dona Herta, deram uma carta para ele ir trabalhar com o Lúria, que adorou o Maury, porque ele era muito esperto, muito rápido de raciocínio. Queria que ele ficasse nos Estados Unidos.**

**Érika Negreiros: Carlos Chagas Filho se refere ao Maury em seu livro “Um Aprendiz de Ciência<sup>30</sup>”, dizendo que ele foi um dos mais brilhantes jovens que conheceu.**

**Wanderley de Souza: Só que ele era muito inteligente, mas muito dispersivo. Ele começava a fazer os experimentos nisso aqui, aí chegava uma revista com alguma outra coisa, ele mudava o foco...**

Terezinha Maria: Era exatamente assim, e nesse foco às vezes ele perdia tudo. Quando ele trabalhava com a *Rhynchosciara*, e ele dispersava, o professor Pavan vinha e fazia os experimentos. Ele publicou muito.

**Wanderley de Souza: Eles perdiam as colônias lá e vinham buscar aqui...**

**Érika Negreiros: Aqui se mantinha a colônia direitinho...**

**Wanderley de Souza: Sobretudo na Praia Vermelha, eu não me lembro do Lara e do Pavan aqui no Fundão. Encontrei tanto o Pavan que terminei ficando amigo dele. Era muito amigo do Doutor Chagas. Inclusive foi ele que organizou a homenagem ao Chagas no**

---

<sup>30</sup> Maury Miranda foi, possivelmente, o jovem pesquisador de maior criatividade científica que conheci e um dos mais brilhantes jovens que vieram ao meu encontro. Disse-me Guzmán-Barron, com quem Maury Miranda estagiou, ser ele uma das inteligências científicas mais significativas que ele jamais encontrara, dizendo-me ainda que, a qualquer momento que Maury quisesse, poderia trabalhar em sua equipe, nas melhores condições que eram oferecidas a um pesquisador de renome, nos Estados Unidos. Nele a grande intuição era, entretanto, prejudicada pela imensa curiosidade que, se não disciplinada, leva certamente a uma dispersão de esforços e a uma descontinuidade na atividade laboratorial. (Carlos Chagas Filho em “Um aprendiz da ciência”, 2000, p.126).

**Vaticano, ele era da Academia Pontifícia do Vaticano, foi o Chagas que o levou para lá. O Pavan foi aluno do Theodosius Dobzhansky: Pavan, Cordeiro, o Francisco Salzano lá do Rio Grande do Sul também.**

Terezinha Maria: Antônio Cordeiro era aqui da Biologia.

**Wanderley de Souza: Ele veio para tentar dar uma remodelada na genética aqui. Depois abandonou a *Drosophila* e foi para as plantas, com o Antonio Paes de Carvalho e Maria Aparecida Esquibel.**

Terezinha Maria: O Cordeiro tinha uma frase que dizia: “*Onde está dando mais dinheiro que eu vou*”. (risos). Um dia ele falou isso para mim, muito engraçado. (risos). Eu perguntei para ele, ele falou que *Drosophila* não dá mais dinheiro, não. Quem dá dinheiro agora é planta (risos).

**Wanderley de Souza: Eu gostava muito do Cordeiro, fomos juntos para Campos, na UENF.**

Terezinha Maria: Ele trabalhava com muitas linhagens de moscas, inclusive mutantes.

**Érika Negreiros: E sobre o Carlos Chagas Filho, ele circulava também por essa parte da Biologia Molecular?**

**Wanderley de Souza: Na Praia Vermelha, ele conversava com todo mundo, aqui é que cresceu muito. Lá era tudo espalhado, mas ele saía caminhando... Ele gostava muito de conversar com o Firmino, Maury, Darcy, porque ele pegou todos esses como estudante da Faculdade de Medicina.**

Terezinha Maria: Ele gostava de conversar, era muito legal isso.

**Wanderley de Souza: E você fica em que andar aqui?**

Terezinha Maria: Eu fico no segundo andar, subindo a escada tem o biotério, do lado do laboratório do Antônio Carlos.

**Wanderley de Souza: E alguma coisa que você gostaria de falar, alguma história, algum caso no Instituto, alguma fofoca?**

Terezinha Maria: Ah! Wanderley! Fofoca... (risos). Mas não sei de muita história, não. Porque eu era sempre mais fechada, no meu canto. Não sou muito de badalação, não. (risos).



Festividade do IBCCF em dezembro de 2017. Terezinha com Antonio Carlos Campos de Carvalho, Júlio Cesar Riberio, Sandra Brito, Celso Caruso Neves, Denise Pires de Carvalho, Nilson Nunes e Celso Pereira.

## VILMA FRAZÃO DE MELO

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 16/09/2021

### **Wanderley de Souza: A primeira pergunta que a gente sempre faz é: Quando e como foi que você chegou ao Instituto de Biofísica?**

Vilma Frazão: Eu trabalhei como coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica de 1997 a 2007 na Reitoria, lá na PR-2. Trabalhei lá por vinte anos. Primeiro eu trabalhava com as bolsas de mestrado e doutorado. E assim eu conheci muita gente não só do CCS, mas como no CT, na Praia Vermelha, IFCS... Enfim, e aí no PIBIC eu fui coordenadora...

### **Wanderley de Souza: Quem era o Pró-Reitor na época?**

Vilma Frazão: Eu passei por várias gestões... Passei por Paulo Gomes, Professor Gilberto Mendes de Oliveira Castro, Pró-Reitor lá também... Tiveram outros, eu que não me lembro agora o nome. Fiquei lá até o Professor José Luiz Fontes Monteiro... Até a gestão dele.

### **Wanderley de Souza: Ele era da Coppe, não é?!**

Vilma Frazão: Isso. E então, quando o Professor Walter Zin foi coordenador do PIBIC, ele também estava aqui como Diretor (*Diretor do IBCCF, de 2001 a 2004*) e, por uma época, por algum motivo, ele estava com compromisso na Direção, e pediu à minha chefe atual que o representasse no processo de seleção de Iniciação Científica que estava acontecendo. E foi quando eu conheci pessoalmente a minha chefe...

### **Wanderley de Souza: Quem era?**

Vilma Frazão: A Lúcia Previato. Ela coordenou esse processo naquele ano de 2004. E, como chefe, tivemos muita interação. Ela gostou de mim, do meu trabalho e falou: *“Um dia eu ainda te levo para a Biofísica”*. E ficou nessa: ela tentou com o Professor Walter Zin, eu também já estava cansada do PIBIC, porque meu sonho sempre foi estudar. E lá no PIBIC, na época tudo feito à mão, no papel, era muito trabalhoso. A minha graduação foi assim, bem extensa, porque eu tinha que fazer pouquíssimas disciplinas...

### **Wanderley de Souza: Você fez a graduação em quê?**

Vilma Frazão: Eu fiz Pedagogia na Faculdade de Educação na Praia Vermelha (UFRJ). E aí eu reclamei minha saga com ela, essa minha questão, eu tinha essa queixa da minha vida, porque o trabalho me consumia e eu não conseguia estudar... Então ela pensou: *“Poxa, se você fosse minha secretária, você poderia*

*estudar, eu te daria esse tempo e trabalharia lá também*". Ela propôs ao Professor Walter Zin, que na época estava saindo, e ele ficou meio dividido, sem saber se podia deixar, ele saindo não podia assumir, mas ele também disse que, se eu viesse, eu ficaria na Direção, e não no laboratório. Então eu me vi de novo no mesmo problema: não iria mudar a minha condição de poder estudar. Eu fiquei lá mesmo na PR-2 e, em 2007, eu fui convidada por um outro Instituto, que foi o ICB (*Instituto de Ciências Biomédicas*), que eu também ficaria num departamento e que, teoricamente, eu teria esse tempo um pouco mais flexível...

### **Wanderley de Souza: Mas ficaria onde, na Direção do ICB?**

Vilma Frazão: Não, na época era departamento, eu ficaria na Anatomia com a Professora Jane Faria, que infelizmente faleceu, muito querida. E também com os professores Vivaldo Moura Neto e Roberto Lent. E eu fiquei, mas também de novo parece que o trabalho me atrai, ou eu atraio o trabalho, e quando eu me vi já estava também muito absorvida e não consegui avançar. Quando foi em 2010, a Lúcia ainda tentou. Entrou o Professor Rafael Linden, que também trabalhou no Comitê do PIBIC, ele era representante do CCS no PIBIC, e a Lúcia tentou de novo, falando com ele se eu poderia vir. E ele perguntou quem era a pessoa que ela queria trazer para o Instituto. Ela disse: *"É a Vilma, ela trabalhou lá no PIBIC"*. Ele falou: *"Ah, eu conheço! Trabalhei com ela, ela pode vir a hora que ela quiser, mas ela vai ficar na Direção"*.

### **Wanderley de Souza: Todo mundo te queria na Direção... (risos).**

Vilma Frazão: Assim eu fiquei quietinha de novo, porque, se era para eu estar na mesma linha de fogo, eu preferi não mexer. Então, um dia eu vim ao laboratório da Lúcia, eu estava lá no ICB ainda, e a Lúcia estava conversando com a Professora Denise Pires de Carvalho, que já estava como Diretora na época (*Diretora do IBCCF, de 2010 a 2013*). A Lúcia contou para ela a saga, e ela falou assim: *"Conversa com a Terezinha, pede para ela fazer a carta requisitando, que eu vou assinar, eu vou deixar você vir para cá"*. A Professora Denise também me conhecia, também da PR-2. E foi quando eu vim para o laboratório feliz da vida. Consegui terminar minha graduação em 2012. Já fiz até uma especialização e continuo contribuindo com o Instituto sempre que eles me solicitam, me requisitam. Também já fui requisitada pela Reitoria e trabalhei na Comissão Coordenadora de Pesquisa (CCP) para os cargos de Reitor e Vice-Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro da atual gestão, e na implementação da Diretoria de Acessibilidade – DIRAC, também na Reitoria.

### **Wanderley de Souza: Assim você ajuda. Mas no momento, você está aonde?**

Vilma Frazão: Ajudo sempre que me solicitam. Hoje eu continuo lá no laboratório da professora Lúcia Previato, dando apoio administrativo em tudo que ela precisa.

**Wanderley de Souza: E qual foi a diferença de estar na Biofísica e de estar na Reitoria?**

Vilma Frazão: Olha, a Biofísica é o instituto menos complicado que eu já trabalhei, até em comparação à Reitoria. Eu não tenho queixa de nada, sempre fui muito bem tratada, sempre fui muito respeitada. Tudo que eu solicito no Setor de Pessoal, seja no Setor Financeiro, seja no Gabinete... Ela funciona, ela funciona muito bem.

**Wanderley de Souza: É, aqui a tendência sempre foi fazer as coisas funcionarem, e rápido!**

Vilma Frazão: E rápido.

**Wanderley de Souza: Burocracia o mínimo possível. Quando tem burocracia...**

Vilma Frazão: Trava, exatamente. E eu acho que a Biofísica é o Instituto, a unidade, que mais mostrou isso: uma coisa bem suave de trabalhar. Eu gosto muito de trabalhar na Biofísica.

**Wanderley de Souza: Então, aqui no Instituto, há quantos anos você está lotada aqui?**

Vilma Frazão: Eu vim para cá em 2010, final de 2010. Depois teve a gestão do Professor Luiz Eurico, que ficou sem ninguém lá no Gabinete. Eu fui lá contribuir, ajudei dois anos e meio.

**Wanderley de Souza: Isso no ICB? Porque agora ele está na Decania.**

Vilma Frazão: Isso, no ICB ainda, como Diretor. Voltei para cá em 2017. Agora só saio daqui aposentada... (risos).

**Wanderley de Souza: Você já tem tempo para aposentadoria?**

Vilma Frazão: Tenho, já estou recebendo Abono de permanência. Já passei da hora.

**Wanderley de Souza: E não está pensando em se aposentar não, né?**

Vilma Frazão: Eu pensei, confesso para o senhor que, no ano passado, depois que eu tive a COVID-19, eu falei: *“Eu vou é viver. Já que eu não morri, eu vou viver!”* Então até fui lá, peguei a documentação, mas então eu pensei: *“Nossa, não posso fazer isso com a minha chefe. Ela daqui a dois anos vai embora, eu vou esperar”*.

**Wanderley de Souza: Aos 75 não tem jeito, porque a compulsória pega...**

Vilma Frazão: Mas pelo menos, até daqui a dois anos, quando ela pedir, eu vou ficar. Pretendo ficar com ela. Eu acho que é justo, não sei, eu acho justo.

**Wanderley de Souza: Ela tem vindo, com que frequência?**

Vilma Frazão: Vem, todos os dias.

**Wanderley de Souza: O Zé Oswaldo também?**

Vilma Frazão: Também. O Professor José Oswaldo não consegue ficar sentado. O negócio dele é bancada.

**Wanderley de Souza: Ele gosta de estar trabalhando...**

Vilma Frazão: Gosta, gosta muito. Isso me deixa assim, às vezes, emocionada.

**Érika Negreiros: Como é seu trabalho no laboratório?**

Vilma Frazão: Ah, é um clima muito amistoso, muito gostoso. Eu faço serviço administrativo. Eu ajudo a Lúcia em tudo que ela precisa, todos os assuntos que chegam lá, eu a ajudo.

**Érika Negreiros: E já pensou em fazer uma Pós? Um mestrado?**

Vilma Frazão: Eu não tenho essa visão científica. A linguagem científica eu não dominei ainda, não domino. Então, para mim é muito complicado.

**Wanderley de Souza: Mas isso é o lado experimental. Também tem esse lado da história da ciência, do que faz aqui o museu, do Espaço Memorial... No fundo isso aqui é história.**

Vilma Frazão: Da ciência, não é? Eu fiz agora especialização em Acessibilidade Cultural. E eu gostei muito! Inclusive um dos trabalhos que eu fiz como avaliação no curso, eu fiz uma breve avaliação de acessibilidade aqui do museu. Tentei explicar o momento da construção do prédio, condições orçamentárias no momento atual...

**Wanderley de Souza: Nós aqui estamos mal, não é? Por exemplo, para descer para o subsolo... Isso é um absurdo.**

**Érika Negreiros: Uma coisa que a gente descobriu foi sobre acessibilidade atitudinal.**

Vilma Frazão: É a principal. Nessa dimensão de acessibilidade (atitudinal), foi meu trabalho final, por conta do quanto é importante a recepção. Eu acho que é

o começo de tudo. Já vi gente voltando de um evento, sem ter participado, porque a pessoa que está atendendo ali não tem o mínimo de preparo.

**Wanderley de Souza: Ou não tem preparo ou já mostra má vontade.**  
Vilma Frazão: Exatamente.

**Érika Negreiros: Não adianta nada ter um prédio todo acessível se a pessoa não está ali...**

Vilma Frazão: Não está preparada. Eu fiz uma cartilha, uma coisa bem simples. Eu posso mandar a cartilha para você ver se aproveita alguma coisa para o Espaço Memorial.

**Wanderley de Souza: Isso são coisas importantes até para se ajudar, porque a pessoa que tem experiência nisso pode ajudar o Instituto a melhorar essa parte, porque a gente fica no nosso dia a dia e não percebe essas dificuldades.**

**Érika Negreiros: Ah, eu quero ver, com certeza. Inclusive, é super atual essa discussão.**



Vilma Frazão de Melo com membros do Laboratório de Glicobiologia. Imagens acima (no contexto da Pandemia da COVID-19) – Lucia Previato, Vilma, Lana Cristina dos Santos Valvano, José Avelino, José Oswaldo Previato e Aurisete Nunes Bizerra (imagem à esquerda). Os técnicos do Laboratório: Zezinho, Paulo Cesar Cordeiro, Lana e Vilma, em

primeiro plano (imagem à direita). Imagem abaixo à esquerda - Lucia, Lana, José Oswaldo e Vilma. Imagem abaixo à direita – Membros do laboratório, com destaques para Vilma e Leonardo Freire de Lima (ao fundo), Lucia, José Oswaldo e Paulo (à direita).



Vilma no laboratório, e com a presença de Celio Geraldo Freire de Lima.

## WALDIR DIAS DE OLIVEIRA

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros  
Local: Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (IBCCF/UFRJ)  
Data: 26/04/2021

### **Wanderley de Souza: Waldir, como e quando você entrou no Instituto de Biofísica?**

Waldir Oliveira: Eu entrei no Instituto de Biofísica no dia 05 de maio de 1974, tinha 15 anos. E eu tinha minha madrinha que era a Helena Trindade.

### **Wanderley de Souza: Opa! Helena Londres Trindade, trabalhava para o Eduardo Penna Franca.**

Waldir Oliveira: Perfeito, no Laboratório de Radioisótopos aqui no Fundão. Eu sou cria do radioisótopos.

### **Wanderley de Souza: É, e ela é sua madrinha de onde?**

Waldir Oliveira: É minha madrinha. Eu e meus irmãos ficamos órfãos de pai e mãe. Minha mãe trabalhou como empregada da família do Arruda, que faz parte da família da Helena Trindade. E chegou o tempo em que minha mãe faleceu, perdemos minha mãe e depois perdemos meu pai, perdemos pai e a mãe em um ano só.

### **Érika Negreiros: Nossa, que tristeza...**

### **Wanderley de Souza: E tinham quantos irmãos?**

Waldir Oliveira: Tinha 7 irmãos, no total. E a professora Helena, muito preocupada, procurou o professor Penna Franca e o professor Wolf (*Wolfgang Christian Pfeiffer*) e falou a meu respeito, se eles podiam me ajudar, arrumar uma vaga para mim no Instituto de Biofísica. Eles pediram que eu me apresentasse no Instituto de Biofísica porque eles iam me ajudar. E ali eu fui, eu fui abraçado pelo professor Penna Franca, através da professora Helena. Eles se comoveram muito com o estado que eu me encontrava com a minha família, órfão de pai e mãe. E me trouxe para secretaria, para ficar como office boy na parte interna, porque tinha um office boy, que era Gelson, que fazia a parte externa. E eu fazia a parte interna, ia para o banco, para os Correios pegar as correspondências, separar as correspondências...

### **Wanderley de Souza: Isso eu me lembro, de você separando as correspondências. E você estava estudando o que?**

Waldir Oliveira: Sim, eu passei a fazer o supletivo.

**Wanderley de Souza: Você morava onde?**

Waldir Oliveira: Eu morava em Bangu, e ainda moro. E vinha para cá, que aqui na época tinha o ônibus especial, que eram quatro ônibus da universidade chamados azulão, nós vínhamos nele, levava e trazia.

**Wanderley de Souza: Dos que trabalhavam aqui, quem mais vinha nesse ônibus?**

Waldir Oliveira: Ah, iam muitos daqui: Eu, Celso Pereira, André Benedito, Sebastião Cruz - que já não está mais conosco, que trabalhou com você, Wanderley.

**Wanderley de Souza: Seu Riva!**

Waldir Oliveira: Seu Riva trabalhou com Doutor Gilberto de Oliveira Castro! Seu Antônio Lisboa, trabalhou com o Doutor Raul Machado...

**Wanderley de Souza: Era a máfia de Bangu!**

Waldir Oliveira: Isso, isso (risos). Era a turma de Bangu, Campo Grande. Que o ônibus ia somente até Campo Grande e nós viajávamos nesse ônibus. Aí surgiu aquela amizade um com o outro, uma família. Praticamente uma família, todos unidos. Nós ficamos ali muito tempo, necessitando, sabe? De ir, voltar, da melhor forma possível. Então o professor Penna Franca perguntou para mim: *“Meu filho, já está chegando a época do quartel, e eu queria saber se você quer servir ou se você não quer servir. Eu achava bom você não servir, você com morte de pai e mãe, permanece trabalhando, eu faço uma cartinha e peço para você não servir”*. Aí, não servi, ele foi e perguntou para mim: *“No que você quer trabalhar? Quer trabalhar com a mão suja ou com a mão limpa? A gente vai abrir um curso para você, para você fazer, para você se aperfeiçoar na profissão, que é muito bom. Eu tenho a oficina mecânica, tenho refrigeração, tenho elétrica. Você quer ir para onde?”* Eu falei: *“Professor, eu gosto de trabalhar com a mão suja, gosto de sujar a mão”*. Ele disse: *“Ah, é? Tá bom! Tudo bem então, eu vou ligar para o Célio Coelho, e vou mandar você se apresentar ao Célio. E você tem alguém em vista que poderia ficar no teu lugar?”*. Tá, eu falei: *“Tenho”*. Arrumaram o filho da dona Maria, Edmar, que se aposentou daqui, ela trabalhava limpando a secretaria de graduação, trabalhava com o professor Lafayete (*Lafayette Rodrigues Pereira*).

**Wanderley de Souza: Lafayete, Polônio (Ernesto Macedo Polônio)...**

Waldir Oliveira: Professor Polônio! Então! Ela trouxe o filho dela, que ficou no meu lugar e eu descí para oficina. Só que na oficina mecânica, eu era muito ruim de matemática, eu matava muita peça no torno, milésimo, pentelhésimo, aquela

coisa toda. E era ruim de paquímetro. Célio me colocava para poder fazer a peça, quando fui ver: “*Ih, rapaz (risos) Ó, isso não vai dar não. Não tem como, nós vamos arrumar outra coisa para você*”. Tinha o bombeiro e o eletricista, tinha um eletricista que era o Miltinho e tinha o Pedro Paulo, que era o bombeiro. Eu falei: “*Vou tentar elétrica*”. Fui aprender com o Miltinho. Na primeira semana que eu fui trabalhar com o Miltinho, ele mandou desligar o que ele estava vendo em cima do porão, desse porão aí, e eu pensei que tivesse desligado, mas eu não desliguei, deu um estouro... (risos).

**Wanderley de Souza: Foi o primeiro curto do Waldir (risos). Eu sempre brinco com ele: “Qual é o curto que você vai dar essa semana?” Até hoje. (risos)**

Waldir Oliveira: Até hoje. O Miltinho com a cara toda preta, chegou para mim, me xingou um palavrão (risos). “*Tu quase me matou! Não foi à toa que tu não aprendeu lá e nem vai aprender aqui, tu é cabeça dura! Tu tem que prestar atenção*”. Então levantou e tudo preto do estouro lá.

**Wanderley de Souza: Que fim levou o Miltinho?**

Waldir Oliveira: Ele veio a falecer, já tem mais de dez anos.

**Wanderley de Souza: Mas já tinha se aposentado?**

Waldir Oliveira: Já tinha se aposentado. Então o resumo de tudo isso que veio a acontecer: ele estava nessa posição do pensamento do curto, essa coisa toda. Alguém falou assim: “*Cara, procure o professor Darcy Fontoura de Almeida, para você fazer um curso de elétrica. A irmã do professor Darcy é diretora do SENAI de Deodoro*”. O professor Darcy me mandou apresentar uma carta lá. Apresentei a carta: “*Uh, irmão dela, perfeito! Você já vai começar a partir de amanhã*”. Me mandou falar com o instrutor. Depois que terminou Deodoro, eu vim para Moraes e Silva, São Cristóvão. Fiz o curso lá, fechando um montão de aula teórica. Depois que chegava na prática, batia muita foto (*Fechava curto-circuito*).

**Wanderley de Souza: Aí você já ficou craque...**

Waldir Oliveira: Fiquei! Eu estava só fazendo os “trabalhinhos” que tinha que fazer. Então vai chegar nesse pedaço que o professor Wanderley chegou e falou assim: “*Waldir, olha, eu tenho lá em casa, um armário...*”

**Wanderley de Souza: Mas isso foi recente.**

Waldir Oliveira: Não, professor! Tem tempo, foi logo assim que eu comecei, eu ainda estava fazendo curso. Aí ele disse: “*Vamos colocar dentro do armário uma lâmpada, com interruptor para acender e apagar*”. Como esse negócio “retorno” para mim estava difícil, eu levei um cabra, e o cabra trabalhava na

Light. Ele falou que sabia, trabalhava na Light, a geladeira eu fiz e deixei o cara fazer o do armário. Olha que eles estavam já aguardando alguém que viria de fora, ia ter um almoço, ia ter uma coisa para família. Então o professor Wanderley (risos): “*Marlene! Marlene! Vamos ver Marlene! Vem Marlene!*” Não deu tempo da professora Marlene ver, não. Quando o cara apertou... Pzzzzz! (Barulho).

**Wanderley de Souza: Eu fiquei pau da vida (risos).**

Waldir Oliveira: “*O que que tu fez?*” (risos) Eu perguntava para o cara: “*O que que tu fez?*” (risos). Só que depois o cara dentro do elevador vem me dizer: “Não, o professor Wanderley me pagou”. Eu: “*Não, professor, não quero receber nada não*”. O professor Wanderley: “*Não, faça questão, vou pagar!*” Eu falei: “*Não professor, não quero*”.

**Érika Negreiros: E ainda pagou pelo serviço (risos).**

Waldir Oliveira: Ele: “*Paga esse cabra aí, paga esse cabra*”. Eu falei: “*Olha, rapaz. O que tu fez. Agora eu estou mal, era do meu Instituto, do professor de lá, rapaz. E agora como eu vou olhar para o professor?*” Você sabe o que ele falou comigo dentro do elevador?: “*Você me desculpa, rapaz. Eu queria falar com você, que eu sou da Light, mas eu sou entregador de conta*”. (risos)

**Érika Negreiros: Ah, meu Deus do céu, não acredito, gente!**

Waldir Oliveira: O cara era entregador de conta! (risos)

**Wanderley de Souza: Conclusão: aprende-se o seguinte, nunca leve ninguém que você não conheça no trabalho que você vai fazer (risos).**

Waldir Oliveira: É isso! (risos)

**Érika Negreiros: O cara também ... Sem noção.**

Waldir Oliveira: Ele confessou, ele falou.

**Wanderley de Souza: É, confessou depois. Tinha que ter falado antes, devia ter chegado e falado: “Olha, Waldir, isso aqui, isso aqui eu não sei fazer não”.**

Waldir Oliveira: (risos) Fala que não sabe fazer, né. Isso são pequenas coisas que aconteceram...

**Wanderley de Souza: Mas vem cá, você foi para o laboratório do Penna Franca?**

Waldir Oliveira: Eu permaneci e ele me mandou para a manutenção, ficar com o Miltinho, sempre na eletricidade. Quando o Miltinho saiu, eu liderei. Só que eu fiquei dez anos fora daqui, porque fui para o HU (*Hospital Universitário da UFRJ*).

**Wanderley de Souza: Mas por quê?**

Waldir Oliveira: Aconteceu que eu nunca mais faço isso na minha vida, passar por cima de uma liderança. E falar que a bainha da liderança é curta (*se referindo ao Célio*). O professor Wanderley não assinou a minha saída daqui, ele não assinou, porque na época o professor Darcy, que era o diretor do Instituto (*Diretor do IBCCF de 1985 a 1989*), estava em Buenos Aires. Quem estava assumindo o lugar do professor Darcy era o professor Wanderley.

**Wanderley de Souza: Eu era o vice-diretor.**

Waldir Oliveira: O senhor era vice dele. O senhor falou assim: *“Como é que no quadro que nós estamos, precisando de funcionário, eu vou liberar funcionário? Eu não posso, eu não vou fazer isso.*

**Wanderley de Souza: Ainda mais substituto (risos). Quando o diretor chegar... (risos)**

**Érika: Quando o Darcy voltasse: “Então, a gente tem menos um funcionário agora” (risos)**

Waldir Oliveira: Acabou que eu não me mexi. Deixa então para quando ele voltar, ele resolver. Mas eu estava na elétrica, continuei na elétrica trabalhando direitinho. Salomé (secretária) falou: *“Seu Wanderley não assinou, não. Sinto muito, você vai ter que aguardar”*. Célio muito nervoso: *“Não! Ele tem que sair porque ele falou comigo que a bainha da minha saia está muito curta, e eu vou mostrar que a minha bainha não está curta, não! Ele tem que sair”*. (risos)

**Wanderley de Souza: O Célio não era fácil, não é?**

Waldir Oliveira: Não! Era o chefe da oficina mecânica na Biofísica. Das oficinas, ele era como um administrador.

**Érika Negreiros: Mas ele queria que você sáisse da Biofísica?**

Waldir Oliveira: É isso! É porque eu o desafiei como chefe. Eu trabalhava muito, não media esforços, entendeu? Trabalhava, ele gostava muito, mas eu não chegava no horário, porque eu morava muito longe. Eu passava do limite também. Às vezes chegava aqui depois de certo horário, ele não queria que quebrasse o protocolo com os outros. Porque eu podia contaminar os outros com horário, claro! *“Passa a mão na cabeça do Waldir? Do Waldir você não fala nada?”*. Ele teve que tomar a decisão, teve que cobrar. Então ele me colocou à

disposição. Eu queria ir para a Maternidade Escola, com o professor Montenegro, na época. Aí já entrou o Gendes (*Equipe de manutenção*), e falou que o funcionário não tinha esse prazer de dizer que quer ir para onde quiser ir. Não tinha isso nessa época.

**Wanderley de Souza: Então você não foi. Depois o Darcy liberou? Isso eu não me lembro.**

Waldir Oliveira: Darcy assinou. Foi quando eu assumi a chefia da elétrica e começou uma nova etapa para mim no HU. Eu fiquei sem chão, porque foi aqui que eu me criei, vim para cá garoto, então para eu sair daqui para uma outra etapa, foi difícil. Mas tudo correu bem da melhor forma possível. Fiquei lá dez anos. E retornei com o professor Antônio Carlos (*Antônio Carlos Campos de Carvalho*) (*Diretor do IBCCF de 1998 a 2001*), que conversou comigo para retornar à casa. Assim eu retornei para a Biofísica, tinham dois eletricitas que saíram e eu passei a liderar. Voltei para o meu lugar de origem, assumindo com o coração todo lindo e maravilhoso porque eu fui cria daqui. Eu fui criado pela Biofísica, se não é a Biofísica hoje eu não sei o que era da minha vida. Sem a Biofísica eu poderia estar hoje em outro caminho totalmente diferente.

**Wanderley de Souza: Waldir, e seus irmãos? Quais foram os caminhos que tomaram?**

Waldir Oliveira: Hoje somos quatro irmãos, todos bem encaminhados num bom caminho. Mas alguns se deixaram levar pela bebida, e assim perdi três irmãos para a bebida. Eu sou o mais velho dos homens. E a minha irmã é a mais velha das mulheres. Então só tinha duas meninas e cinco meninos.

**Érika Negreiros: Mas aqui na universidade, só você que entrou, não é?**

Waldir Oliveira: Na universidade, somente eu fui premiado pela Helena Trindade.

**Wanderley de Souza: Você se lembra do Carlos Costa Ribeiro?**

Waldir Oliveira: Claro! Professor Carlos Costa Ribeiro! Um amor de pessoa!

**Wanderley de Souza: O grupo do Penna Franca...**

Waldir Oliveira: Isso aí! O professor Nazyo Lobão, um amor de pessoa! São pessoas boas, deixou saudade... Mas eu tenho essa alegria, eu sou cria.

**Wanderley de Souza: Agora me disseram que seu filho também já está aqui.**

Waldir Oliveira: Isso! Esse amor e esse carinho por essa oportunidade do meu filho estar aqui. Eu venho de um segundo casamento, e desse segundo casamento tem esse jovem. Saiu do quartel, está com vinte e seis anos agora.

**Wanderley de Souza: E o que que ele está fazendo?**

Waldir Oliveira: Está na administração, no lugar do Gentil (*Gentil da Cunha Filho*), que foi para o CENABIO (*Centro Nacional de Biologia Estrutural e Bioimagem*) e para o prédio novo<sup>31</sup>. Se quiser mandar uma ordem de serviço é só mandar para o Márcio Oliveira. (risos). Ele pegou uma ordem de serviço para mim, foi a primeira vez que cumpriu: “*Seu Waldir, olha o mais rápido possível essa ordem de serviço, ouviu?*”.

**Wanderley de Souza: Quem falou isso? Teu filho?**

Waldir Oliveira: Ele falou para mim. (risos).

**Érika Negreiros: Agora sou eu que estou mandando! (risos).**

Waldir Oliveira: Eu olhei para a cara dele...

**Érika Negreiros: Você só: “Sim, senhor”.**

**Wanderley de Souza: Ah, quando você encontrar com ele me apresenta.**

Waldir Oliveira: A professora Marlene (*Marlene Benchimol*) o viu gritando “*Pai*”. Ela olhou assim: “*É teu filho?*” Falei: “*É professora, é meu filho*”. Eu falei para ele: “*Faz o teu melhor*”.

**Wanderley. Vem cá, você já está no tempo de se aposentar?**

Waldir Oliveira: Eu pedi abono permanência. Eu vou ficar levando, porque eu gosto de fazer o que eu faço. Eu tenho esse Instituto aqui como minha casa. É a minha casa! Eu tenho um amor muito grande.

**Wanderley de Souza: Ô Waldir, vem cá, você conviveu com o Elias (Cezar Antonio Elias)**

Waldir Oliveira: É, o professor Elias! (risos). Muito brincalhão!

**Wanderley de Souza: Ele não te pedia coisas? Arranjou qualquer coisa velha aí? (risos).**

---

<sup>31</sup> Centro de Pesquisas em Medicina de Precisão (CPMP): O Centro de Pesquisas em Medicina de Precisão (CPMP) faz parte do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF) da UFRJ. É o primeiro prédio do IBCCF fora da área original, localizado na esquina da Avenida Carlos Chagas Filho com a Rua Maria Dolores Lins de Andrade. - <https://biof.ufrj.br/cpmp/>

**Érika Negreiros: Ele sempre estava chamando para consertar um equipamento, para colocar funcionando novamente.**

Waldir Oliveira: Para consertar equipamento... Ah, rapaz, falar do professor Elias... Meu Deus do céu, está para ver outro igual, entendeu? O Professor Elias, ele pedia muito (risos). Ele: *“eu sei que você pode conseguir isso sim, porque você é o melhor para resolver isso. Não tem outro para resolver, se não você! Se você não resolver, ninguém resolve. Eu não disse!”* (risos). Ele tinha isso! E era uma pessoa muito boa, coração bom de ajudar: *“Como é que está teu filho? Tem que fazer inglês, tem que fazer isso”*.

**Wanderley de Souza: E o futebol Waldir? Você não jogava umas peladas também, não?**

Waldir Oliveira: Jogava, tínhamos aqui nosso time.

**Érika Negreiros: Você conviveu bem com o professor Chagas?**

Waldir Oliveira: O professor Chagas! Eu tenho uma passagem do professor Chagas, que ele mandava pegar o cachimbo, o paletó. Ele dava cachimbada!

**Wanderley de Souza: Tipo o Eduardo Oswaldo Cruz, só vivia com cachimbo**

Waldir Oliveira: Tipo Oswaldo Cruz! (risos)

**Érika Negreiros: Eu não sabia que o professor Carlos Chagas Filho também tinha cachimbo.**

Waldir Oliveira: É, tinha! Ele levava um estojo, tudo ali direitinho, cachimbo para dar a cachimbada dele. Eu tinha que levar lá para decania, na época ele era decano, foi o primeiro decano daqui do CCS. Mas ele tinha muito contato aqui, ficava aqui e lá. Então ele pedia para a secretária Maria Lina: *“Manda o Waldir trazer meu paletó”*. Aí tinha que levar o paletó dele para lá, entregava o paletó para a secretária que estava lá. *“Ô Waldir, tem que levar o cachimbo aqui do professor Chagas, leva lá o cachimbo e o fumo”*. Vou levar para ele lá, não falava diretamente com ele, mas falava com a secretária que estava lá, que era Donanna, na época. E tenho uma passagem do Celso (*Celso Pereira*), que conta que na Praia Vermelha, ele, Ernani e todos eram muito sacanas, brincalhões. As pessoas passavam e eles, lá de cima do prédio, jogavam água lá para baixo. Eu não sei o que eles fizeram, caiu água em um professor, e teve que falar para o professor Chagas o que os garotos estavam fazendo: *“Vou mandar por escrito, vocês não podem fazer isso! O doutor Chagas vai saber disso!”*. E blablablablaba (risos). Então contou para o professor Chagas, mas ele tirou a reclamação: *“Fala para ele largar os meus meninos, deixa os meus garotos!”* (risos).

**Wanderley de Souza: Waldir, é isso aí! Acho que falamos tudo...**

Waldir Oliveira: Muito bem, professor. Sim! Olha, vou ser sincero. Muito obrigado por essa oportunidade, eu me sinto feliz por contar essas histórias.



Festividade do IBCCF, final de ano 2017. Waldir Dias com Cerli Gattass e Júlio Cesar Ribeiro da Silva (imagem da esquerda) e com Nilson Nunes, Doris Rosenthal, Celso Caruso Neves e Gentil da Cunha.



Momento recente de Waldir

## WANDERLEY RODRIGUES BASTOS

Entrevistadores: Wanderley de Souza e Erika Negreiros

Local: Via Google Meet

Data: 08/11/2021

**Wanderley de Souza: Wanderley, a gente começa sempre querendo saber como é que você tomou conhecimento do Instituto de Biofísica, como é que você entrou no Instituto, quando é que foi isso, quais foram as circunstâncias. Explica um pouco para gente.**

Wanderley Bastos: Pois é, então, isso tudo inicia em abril de 1979. Já no Fundão. Eu não conheci os tempos de Praia Vermelha, só conheço parte de histórias. Penna Franca contava algumas lá pra gente. Então, eu fazia curso técnico. Na minha época, a gente tinha no segundo grau, que hoje é o Ensino Médio, o segundo grau juntamente com o curso técnico, e eu optei por química, um curso técnico em química.

**Wanderley de Souza: É aquele da Escola Técnica Federal?**

Wanderley Bastos: Não, eu não estudei na Escola Técnica Federal porque comecei a trabalhar muito cedo, eu venho de uma família muito pobre. Meu pai era agricultor, depois virou bancário. E aí, com isso, eu comecei a trabalhar muito cedo. Com treze anos meu pai me colocou para fazer um curso de datilografia, que naquela época era o que dava.

**Wanderley de Souza: Tinha que dar não sei quantos toques por minuto.**

Wanderley Bastos: Exatamente. Eu fiquei tão bom nisso, que cheguei a ajudar o professor que me deu aula, a dar aula para os novatos, na época. Aliás, foi minha primeira atividade, vamos dizer assim, com quatorze para quinze anos, mas não remunerada. Meu pai, como bancário, me colocou logo para trabalhar. Eu fiquei como *office boy* no Rio de Janeiro, no antigo Banco Real, que hoje é o Santander. Trabalhei muitos anos no centro da cidade do Rio, eu conheço essas ruas aí de cor e salteado.

**Wanderley de Souza: Você falou que ele era agricultor. De que região?**

Wanderley Bastos: Da região Norte Fluminense do Estado do Rio, Itaocara. Minha família é toda de lá.

**Wanderley de Souza: A UENF tem lá uma fazenda, na ilha que tem no rio ali. Aquela é usada como campo experimental.**

Wanderley Bastos: Pois é, eu ainda tenho muitos descendentes, tanto da minha mãe quanto do meu pai. Volta e meia, quando vou ao Rio, estou lá em Itaocara. Bom, então, com isso, eu trabalhei três anos no banco. Trabalhava de dia e estudava à noite. Então, eu fazia o curso técnico num colégio lá em Jacarepaguá, que é onde a gente morava, eu morava na Praça Seca com meus pais. Esse curso, embora fosse um curso particular, era um curso muito bom, ele tinha muitos professores bons e alguns deles faziam pós-graduação aí na UFRJ. Um professor, o professor Alvaro, que já é até falecido, ele fazia mestrado na Microbiologia. E, nessa época, aí na UFRJ, na Biofísica, no CCS de uma forma geral, tinha muita abertura, vamos dizer assim, de aceitar pessoal técnico.

**Wanderley de Souza: Até hoje tem, são estágios. Só que a maioria, em geral, é da Escola Técnica Federal de Química.**

Wanderley Bastos: Exatamente, cheguei inclusive a pegar alguns para ajudar a orientar na época no Radioisótopos. Então, com isso, ele me levou até a Biofísica. O Wolfgang (*Wolfgang Christian Pfeiffer*) tinha colocado uma vaga na época, ele me levou até a Biofísica e me apresentou ao Professor Wolfgang, que ele não conhecia, ele só conhecia de nome. Aí eu conversei com Wolfgang. Nessa época, eu estava trabalhando no banco, mas eu estava de férias. Aí foi um lance bem interessante, porque eu, conversando com o Wolf, eu contei para ele toda a minha história e falou assim: *"Olha, você quer fazer o estágio durante esse mês que você está de férias? Mas você vai ter que descansar um pouco, porque você está tirando férias"*. Então foi interessante que, mal eu iniciei, ele me deu dez, quinze dias para eu descansar as minhas férias. Eu achei isso tão interessante. Quer dizer, na hora eu não dei muita bola para isso, mas depois a gente foi ligando as coisas. Então o Wolf foi um camarada desde o primeiro contato. Foi assim que eu iniciei. Ali eu fui para fazer um estágio, eu não tinha nenhuma pretensão. O meu trabalho no banco, eu tinha carteira assinada, não ganhava muita coisa, mas estava trabalhando numa área completamente díspare daquilo que eu tinha interesse. Porque eu fui fazer química e trabalhando num banco muito mais voltado para a parte contábil, não tinha nada a ver uma coisa com a outra. Mas eu me interessei e ali eu comecei a participar. O Penna Franca era diretor do Instituto, na época (*Diretor de 1967 a 1973, e de 1973 a 1980*), e o Wolfgang era chefe do laboratório. Eu tinha um medo incrível do Penna Franca, aquele jeitão dele todo espalhafatoso. Custei para me adaptar ao Penna Franca, inicialmente, porque ele não era de muita conversa. O Wolfgang já era bem diferente, bem comunicativo.

**Wanderley de Souza: O Costa Ribeiro estava nessa época?**

Wanderley Bastos: Não, mas eu o conheci. Ele já tinha saído e quem estava ali era o Nazio Lobão, Helena Trindade, Marlene Fishman, Miriam Brunhara. E aí

vários outros alunos recentes, o Jean Remy (*Jean Remy Davee Guimarães*) estava na época fazendo mestrado.

**Wanderley de Souza: Possivelmente o Drude, Carlão.**

Wanderley Bastos: Drude foi o primeiro. Carlão veio muito depois. O Drude era um aluno de mestrado que, quando eu entrei, ele estava finalizando o mestrado dele, ele era o primeiro aluno do Wolfgang. E logo em seguida, o Drude foi o primeiro aluno de Radioisótopos que terminou o mestrado e engatou direto no doutorado. Porque era o procedimento do Radioisótopos, de deixar o aluno ir buscar, ir trabalhar, ir fazer alguma coisa e depois voltar. Que foi o que aconteceu com o Jean Remy. O Jean foi trabalhar no IRD (*Instituto de Radioproteção e Dosimetria*) e depois voltou para fazer doutorado e depois virou professor.

**Wanderley de Souza: Tinha uma portuguesa também, que foi para o IRD. Como é o nome dela?**

Wanderley Bastos: Tinham duas portuguesas, todas as duas faziam doutorado com o Penna Franca. Essa que você está falando é a Eliana Amaral.

**Wanderley de Souza: É uma que depois ficou, foi diretora do IRD.**

Wanderley Bastos: Tinha uma outra portuguesa, que fez o mestrado junto também, na mesma época, chamava-se Guadalupe. Eu acho que voltou para Portugal. A que dirigiu o IRD foi a Eliana Amaral.

**Erika Negreiros: Wanderley, teve alguém chamada Maria Júlia Coutinho?**

Wanderley Bastos: Maria Júlia, também conheço. Nunca mais tive contato.

**Erika Negreiros: A gente está tendo contato com Maria Júlia, ela falou que fez o mestrado com o Penna Franca.**

Wanderley Bastos: Sim, Maria Júlia fez o mestrado com Penna Franca e, na época, também era servidora do IRD.

**Erika Negreiros: Ela contou uma história interessante. Ela tinha filhas pequenas, e o professor Chagas comentou que ela estava sumida, não estava vindo ao laboratório. Ela explicou que estava com as meninas. Então ele disse para ela trazer as crianças para o Instituto. As meninas ficavam na sala dele e ela fazia o experimento. Eu achei muito interessante isso.**

**Wanderley de Souza: Eu me lembro de umas crianças lá na sala dele, mas eu não sabia que eram dela.**

Wanderley Bastos: Ela tinha duas meninas pequenas, eu lembro das duas meninas dela. Pois é, você falou no Professor Chagas. Eu às vezes falo aqui bastante sobre isso, porque eu tive a oportunidade de ter contato muito próximo com ele. Eu lembro de uma época que ele procurou o Wolfgang para fazer umas análises de alguns elementos químicos, umas células lá nos “Poraquês” que ele trabalhava (*Peixe elétrico - Electrophorus electricus*). E aí quem estava pilotando o espectrofotômetro de absorção atômica, que foi a primeira coisa que eu aprendi lá no Radioisótopos, era eu. E fui ensinado pelo Wolf, treinado pelo Wolf. Eu achava interessante porque eu ouvia várias histórias dos professores contando como que o Chagas agia. E eu achava aquilo interessante, mas foi muito mais interessante quando isso aconteceu comigo. Ele passou um dia, uma tarde sentado do meu lado no espectrofotômetro de absorção atômica, me enchendo de várias perguntas sobre o funcionamento daquela máquina. Eu só agradecendo a Deus pelas orientações que eu tive do Wolfgang.

### **Wanderley de Souza: Ainda era fotômetro de chama?**

Wanderley Bastos: Não, esse era o espectrofotômetro de absorção atômica. Mas daquele modelo ainda galvanométrico, que era na base do ponteiro, o resultado era registrado em registrador gráfico tipo de eletrocardiograma.

### **Wanderley de Souza: Você lembra a marca dele?**

Wanderley Bastos: Era da Varian. Eu lembro até o número, era o AA (absorção atômica) 120. Era um equipamento que o Wolfgang tinha recebido, um dos primeiros que entrou no Brasil. E ele entrou via Ministério da Marinha, e a Marinha doou para o Wolfgang. Esse foi o primeiro espectrofotômetro, foram as primeiras medidas de elementos químicos, de metais pesados especificamente, que foram analisados por um laboratório de Radioisótopos, foram feitos nesse equipamento pelo Wolfgang. Porque o Radioisótopos você conhece muito bem a história, né? O Radioisótopos ele inicia lá com os traçadores radioativos do Penna Franca. E o Wolf puxa a linha dos estáveis dentro do grupo. Inclusive, quando eu comecei a trabalhar no laboratório, e muito mais pela minha proximidade com o Wolfgang, eu me interessei muito mais por essa parte dos estáveis. Embora tenha trabalhado bastante com os outros elementos, os instáveis, com todas aquelas técnicas que o Penna Franca utilizava dos vários alunos. Tem a Letícia, que você deve lembrar. Eu trabalhei muito com a Letícia e a Margareta, as ajudando nos experimentos, com Cobalto 60, com várias coisas. E querendo aprender um pouco a mexer com radioatividade. Hoje, eu dou aula de Biofísica aqui para a garotada da Biologia. Como tudo isso que eu aprendi aí me ajudou. Eu sempre uso muito. Eu fiz aquele curso de Metodologia dos Radioisótopos, do Penna Franca.

### **Wanderley de Souza: Tinha um livro muito bom do Penna Franca.**

Wanderley Bastos: Aliás, você também sabe disso, mas não custa nada repetir. Aquela turma do IRD foi toda formada pelo Penna Franca. Até hoje tem gente lá. Tem o Antônio, está lá até hoje. Tem a Maria Júlia, que a Erika acabou de falar aí. Tem vários ainda lá.

**Wanderley de Souza: É que ele tinha uma ligação muito grande com a CNEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear). Porque o Luiz Renato Caldas tinha sido presidente daqui do Rio. E isso aproximou muito a Biofísica da CNEN, o IRD era um instituto. Penna Franca formou muita gente para lá.**

Wanderley Bastos: Pois é. E na época do acidente de Goiânia, eu lembro que essa turma toda, Jean Remy, foi todo mundo para lá, para dar esse suporte para a cidade. Mas, então, voltando lá para sua pergunta inicial, foi assim que entrei. E aí, logo um mês depois, que eu tinha que voltar para minha origem, que era o banco, eu já voltei decidido a pedir demissão. Fui lá, pedi demissão e encarei o laboratório sem ter nenhuma previsão de contratação. Naquela época, o Wolf me ofereceu aquilo que eu ganhava no banco, que eu não lembro mais os valores, mas ele me ofereceu com uma bolsa. Mas, não muito tempo depois. Isso foi em abril, maio, junho e julho. Acho que em julho ou agosto, a gente foi absorvido pela FUJB (*Fundação Universitária José Bonifácio*).

**Wanderley de Souza: A FUJB é que contratava, com carteira assinada, um contrato temporário.**

Wanderley Bastos: Exatamente. Mas, assim, eu lembro que, passando algum tempo, surgiram aqueles concursos internos da UFRJ. Naquela época, não tinha edital público.

**Wanderley de Souza: Na realidade, aquilo foi o Reitor Horácio Macedo.**

Wanderley Bastos: Foram concursos internos bem antes do Reitor Horácio Macedo, se não me engano foi em 1982.

**Wanderley de Souza: Não, não havia concursos. Aí o Horácio assumiu e havia uma quantidade muito grande de técnicos na universidade. Todos assim, uns com bolsa do CNPq, outros contratados pela FINEP. E aí ele pegou a Lei da Autonomia Universitária e falou: “Então, se é autonomia, eu como Reitor posso contratar pessoas. Não vou pedir autorização ao governo porque ele vai dizer não”. Então ele pediu uma lista de todos os técnicos da universidade que estavam como bolsistas, contratos temporários e que fossem bons. Tinha que ter esse critério. Biofísica preparou a sua lista, mandou e foi todo mundo contratado.**

Wanderley Bastos: Pois é, eu fui nessa leva aí. Vocês provavelmente devem ter entrevistado o Levi também, né? Nós estudamos nesse curso técnico juntos.

**Wanderley de Souza: Ah, você era colega do Levi?**

Wanderley Bastos: Colega do Levi desse curso técnico lá atrás. Nosso curso técnico em química foi de 1974 a 1976, somos amigos desde essa época.

**Erika Negreiros: De química, né?**

Wanderley Bastos: Exatamente.

**Wanderley de Souza: Ele continua até hoje na Biofísica.**

Wanderley Bastos: Pois é, eu falo muito com ele. Eu saí da Biofísica há exatamente 21 anos atrás, mas eu nunca perdi o meu contato. Não somente com as amigadas, daquele futebol que a gente jogava. Até o Wanderley de Souza, quando era diretor, a Erika não sabe disso...

**Wanderley de Souza: É, eu jogava futebol.**

**Erika Negreiros: Já estou sabendo, sempre tem um comentário sobre isso.**

**Wanderley de Souza: Os técnicos todos falam nesse jogo de futebol.**

Wanderley Bastos: Pois é. Então, eu não somente não perdi esse contato da parte mais, vamos dizer, de lazer, como também da parte profissional, que eu mantive a minha relação com o Wolfgang, que ainda estava na época que eu vim para cá, e depois com o Olaf Malm.

**Wanderley de Souza: Vamos voltar a esse assunto, Wanderley, mais tarde um pouco. A questão do INCT, a Denise Pires de Carvalho fala muito da questão do INCT. Vamos ver o teu percurso. Quando você entrou, você estava ainda no Ensino Técnico Nível Médio.**

Wanderley Bastos: Exatamente. Eu tinha só nível médio, embora eu tenha feito curso técnico em química. Meu envolvimento com os trabalhos voltados para área biológica foram sob uma grande influência do Drude. Como eu disse, quando eu entrei o Drude estava terminando o mestrado, eu ainda fiz a última coleta com ele no mestrado. Minha primeira ida a campo foi com o Drude e a Marlene Fishman. Lembro disso como se fosse hoje.

**Wanderley de Souza: É o quê? Na parte de Sepetiba? Na parte de Manguezal?**

Wanderley Bastos: Ainda era na Baía de Guanabara. O Rio Irajá, que desemboca ali dentro da Baía, tinha um curtume ali, o curtume carioca, e o Drude estudava

o transporte do cromo que vinha desse rejeito do curtume. E ele fez um estudo ali naquela região. E aí eu fiz esse primeiro campo com ele e a Marlene, e logo em seguida o Drude entrou no doutorado, e eu fiz todas as atividades de campo com o Drude lá na Baía de Sepetiba. Aí exatamente foi em Sepetiba. Eu até costumo dizer que eu aprendi mais de Biologia com o Drude do que na faculdade. Porque aí, mais uma vez, eu já estava trabalhando na Biofísica, aí eu me encantei com a Biologia. Eu falei: *“Poxa, tem muito mais a ver eu estudar Biologia, porque aqui no laboratório tem vários químicos”*. Tinha a Miriam que era Física, o Penna Franca que era Bioquímico e Farmacêutico, o Wolfgang era Farmacêutico e Bioquímico. Bom, sob boa influência do Drude, fui fazer a graduação em Biologia. Mais uma vez eu tinha que fazer à noite, porque eu trabalhava durante o dia. E aí fiz na Souza Marques, fiquei quatro anos e terminei em 1986. Isso eu lembro muito bem, essa data eu não preciso olhar em lugar nenhum, porque eu lembro bem que, logo depois que eu terminei o curso, logo em seguida, veio uma possibilidade de fazer uma ascensão de nível médio para nível superior. Aí você deve conhecer melhor o mecanismo que eles adaptaram. Porque hoje eu acho que nem tem mais essa função, de nível superior.

**Wanderley de Souza: Aqui agora tem. Nós temos feito concursos para Tecnólogo. Exige nível superior, aí você pode ter mestrado, ter doutorado.**

Wanderley Bastos: Entendi. Aí em 1986 surgiu essa possibilidade. Quem tinha a graduação ia lá na reitoria, a gente fez uma provinha daquelas mais pró-forma do que outra coisa, mas o mais importante era ter o diploma, e eu como tinha acabado de conseguir o meu. Tanto é que vários outros técnicos aí da Biofísica, embora eles tenham se graduado, não conseguiram, porque eles se formaram alguns anos depois, depois de 1986. Mas então a partir de 1986 eu já passei a ser de nível superior, entrei no quadro como Biólogo. Isso melhorou bastante o salário, né? Na maior parte desse tempo, dentro do Radioisótopos, eu também sempre era agraciado com aquela bolsa de apoio técnico do CNPq. Eu passei muitos anos, até antes como nível médio. O Radioisótopos sempre foi muito produtivo! Então, logo assim que eu termino, a gente começa os estudos na Amazônia. Em 1986 para 1987 foi o primeiro contato que o Wolf e o Drude fizeram aqui, exatamente aqui aonde eu estou, em Porto Velho, exatamente nessa universidade, a Universidade Federal de Rondônia, com dois pesquisadores daqui. Tinha o Ene Glória, que era um Geólogo, e um médico, que é o Ari Ott, que até recentemente estava como nosso Reitor. Eles dois entraram em contato com o Wolfgang, porque eles procuraram, no Brasil, quem estudava poluentes metálicos, pelo fato dos garimpos de ouro no Rio Madeira.

**Wanderley de Souza: A questão dos garimpos aí, né?**

Wanderley Bastos: Exatamente. Mercúrio no garimpo. Então eles buscaram o Wolfgang. Na época, a gente fazia vários elementos químicos, mas mercúrio não era um dos elementos que a gente estudava, até porque não era um problema aí no Sudeste. Mas o Wolf se interessou, juntamente com o Drude, e eu como estava ali sempre no vácuo deles, comecei em 1987. Eu fiz a minha primeira viagem de avião e fui exatamente aqui para Porto Velho.

**Wanderley de Souza: Aí sentiu o cheiro de Porto Velho e se fixou?**

Wanderley Bastos: Pois é. Mas não foi assim.

**Wanderley de Souza: Qual é o rio que passa aí? É o Madeira?**

Wanderley Bastos: É o Rio Madeira. Eu fiquei impressionado quando vi o Madeira, porque o maior rio que eu conhecia era o Rio Paraíba do Sul. Quando eu vi o Rio Madeira...

**Wanderley de Souza: O Paraíba é um igarapé.**

Wanderley Bastos: Um igarapé, certamente. Então, eu tive o privilégio de vir em 1987 com o Wolfgang, com o Drude. Nessa época, acho que veio eu, o Wolfgang, o Drude, acho que o Olaf também.

**Wanderley de Souza: Você já estava técnico, né?**

Wanderley Bastos: Eu estava técnico, só que já tinha pulado para nível superior.

**Wanderley de Souza: Mas ainda não tinha feito mestrado?**

Wanderley Bastos: Não, em 1986, 1987, não. Nessa época eu estava animado com esses trabalhos na Amazônia, porque aí foi outra realidade. Eu já conhecia a Baía de Sepetiba e a Baía de Guanabara, na palma da mão, de tanto navegar por esses ambientes todos, Ilha Grande, Jaguanum. Bom, e aí a coisa toda toma uma outra direção. A gente começa a vir para a Amazônia, levava doze, quinze horas dentro de um único avião, pousando, descendo, subindo, era uma loucura.

**Wanderley de Souza: Não tem voo direto, não, né? Você sempre vai vir a Brasília ou Manaus.**

Wanderley Bastos: É, ou Brasília ou Manaus. E hoje é super tranquilo, você faz um Rio-Manaus em quatro horas, três horas e cinquenta. Depois, mais uma hora para Porto Velho. Ou então, duas horas e pouquinho, uma hora e quarenta do Rio para Brasília, e duas horas e quarenta de Brasília para cá. Eu sei que aí a gente começou nessa empreitada, que era vir aqui, coletar amostras e levar para o Rio de Janeiro. Do ponto de vista analítico, quantificar outros elementos químicos é um processo bem diferente do que mercúrio. E a gente foi estudar isso, aprendemos, o Wolf teve que comprar um “acessoriozinho” para acoplar

ao espectrofotômetro. Aí já não era mais esse AA120, o Wolf já tinha conseguido um projeto na época, que era uma coisa do Banco do Brasil se não me engano, FITec.

**Wanderley de Souza: Era o FITec, FITec era uma fundação do Banco do Brasil que, por alguns anos, apoiava pesquisas. Para você ver como o Brasil mudou. O Brasil apoiava. Vários equipamentos da Biofísica foram comprados com verba do Banco do Brasil.**

Wanderley Bastos: Pois é. E aí o Wolf comprou outra Varian, só que agora uma mais moderna, uma AA475, toda digital e tal. Como eu tinha aprendido na máquina, como eu digo hoje para os alunos aqui, aquilo é que ensina a gente como é que funciona um espectrofotômetro. Hoje, as máquinas, você nem olha para ela. Você senta no notebook, num *software*, e vai dando os comandos, você não sabe como ela funciona. Então eu tive o privilégio de viver esse momento, que foi extremamente importante. Ser orientado pelo Wolf, isso é outro privilégio gigantesco. Bom, aí ele compra um gerador. Porque o espectrofotômetro de chama, ele tem baixa sensibilidade para quantificar mercúrio, então a gente fazia uma reação. Fazia um sistema a frio, tanto é que se chama gerador de vapor frio. Então, o Wolfgang comprou esse gerador. Oi a minha primeira participação, no primeiro artigo publicado, que foi em 1989. Até então, meu nome só aparecia nos agradecimentos. Então é minha atividade, mas que não era uma atividade mais intelectual, vamos dizer assim. Mas em 1989, eu, Olaf e a Cristal. Falecida Cristal, que você certamente conhece lá do grupo do Carlão.

**Wanderley de Souza: Ela foi para a UENF.**

Wanderley Bastos: Pois é, a Cristal estava começando a fazer o doutorado lá no laboratório. Ela tinha feito o mestrado lá com o Drude, que já estava na UFF, na Geoquímica da UFF. Cristal, uma excelente química, aliás, a melhor professora que eu já conheci, exímia professora. A gente sentou, os três, para destrinchar essa metodologia. Nós implantamos a metodologia. Saiu um artigo publicado, acho que foi na Ciência e Cultura, se eu não me engano. Um artigo muito citado até hoje, porque esse artigo deu um pontapé, vamos dizer assim, nos estudos. Porque em 1988 sai o primeiro artigo, Pfeiffer e Lacerda, aqui na Amazônia sobre essa questão do mercúrio. Então, eles descem aqui, a primeira vez, em 1986. Vieram só para conhecer, para conversar, para acertar os ponteiros e conhecer a área. Wolf desce com o Drude para o Rio e começam a construir o projeto. A gente conseguiu trazer as primeiras amostras. E aí conseguimos otimizar esse método de determinação de mercúrio e, a partir daí, em 1988, sai o primeiro artigo, que, na verdade, ainda nem tinha muito resultado. Tinha só o insight, só uma preliminar, e saiu o artigo do Pfeiffer e Lacerda. E em 1989, no ano seguinte, sai esse nosso da otimização do método, que foi o primeiro que eu

particpei efetivamente como um dos co-autores. E esse artigo do Pfeiffer e Lacerda, é um artigo que eu gosto muito de contar isso, porque, eu embora não esteja lá na autoria, até porque não fiz nada para participar disso, eu gosto de contar por que eu particpei da discussão dos dois dentro de um avião que, na ida daqui para lá, eles foram discutindo algumas coisas sobre o que fazer e, na volta, eles vieram escrevendo. Pouco tempo depois, aquele artigo já saiu. O Drude é um animal, no sentido bom da palavra, de produção científica. Aliás, eu ficava louco vendo o Drude olhar aqueles *current contents* buscando, ele ficava louco naquilo. Hoje eu até conto isso também, porque eu vejo que, hoje, a gente tem uma facilidade incrível de ter os artigos na mão, na hora, e a gente não dá tanto valor, porque não sabe o quanto que era difícil no passado olhar aquilo e levar um mês, dois meses para receber o artigo de volta. No entanto, se produzia de uma forma avassaladora. Quando batia na mão de alguém, como o Drude, por exemplo. Bom, e aí tudo começa, Wanderley. Aí a produção foi expandindo.

**Wanderley de Souza: Mas aí eu queria entender o momento em que você é motivado a fazer o mestrado.**

Wanderley Bastos: Pois é, eu ainda fui meio lento nisso porque eu me achava pouco capaz de encarar. Havia tanta gente com um cabedal incrível na Biofísica. Mas eu fui bastante estimulado por vários. Porque, logo depois que passa essa fase Drude de doutorado, como eu estava falando, de 1979, 1980, 1981, 1982, aí logo depois chega o Olaf, que vinha da UNICAMP, e o José Maurício (*José Maurício Azcue, apelidamos de El Bascon, Espanhol que fez mestrado com Wolf*), que é muito amigo. Essa semana mesmo eu troquei umas mensagens com ele, que está lá em Portugal. Então, o Maurício tinha vindo da Espanha, veio também fazer o mestrado com o Wolf, chegou mais ou menos na mesma época que o Olaf. E, nessa época, o Drude já estava saindo, já estava na UFF, já tinha sido concursado, já estava professor na UFF. Aí chega o Olaf, o Maurício e vai eu atrás deles, porque eu era o que tinha mais experiência do grupo em atividade de campo. Todo aluno novo que entrava, o Wolf me chamava para ajudar nessa parte prática de campo e laboratório, a parte analítica e etc. E, com isso, eu me entrosei no trabalho de mestrado, tanto do Olaf como do Zé Maurício, que foram os dois que partiram para o Rio Paraíba do Sul. Então a gente ficava semanas andando de Resende, desde quando o Paraíba entra no Rio de Janeiro, até Atafona, até lá na foz. A gente mapeava, coletando amostras e etc. E isso cada vez mais foi me levando, com conhecimento prático e lidando com essa turma boa tanto tempo.

**Wanderley de Souza: Você entrou no mestrado em que ano?**

Wanderley Bastos: Foi em 1994-1995. Então, assim, ainda levei um tempinho, mas já tinha alguns artigos publicados. E aí, como que eu entro nesse mestrado? O Olaf começa a interagir com japoneses lá de Minamata, com o professor Akagi,

que era um grande, falecido também recentemente, mas que era o grande pesquisador lá do Minamata Disease. E Olaf já tinha visitado lá. E ele fez uma interação com ele e surgiu a possibilidade do governo japonês, via esse professor Akagi, liberar um cromatógrafo, que era o que possibilitaria a gente fazer a especiação química do mercúrio, que era uma coisa importantíssima. Medir o mercúrio era o que a gente precisava. Quantificar para ter conclusões mais específicas. E aí surgiu a possibilidade de eu fazer meu mestrado com essa especiação química. Só que era contando com uma coisa que ainda não tinha acontecido, ou seja, a doação dos japoneses não tinha acontecido. Eu entrei no mestrado, eu lembro que fui entrevistado pelo professor Darcy Fontoura de Almeida, Dr. Hiss Martins Ferreira e Edson Rondinelli, que foi o que mais me deu uma arrojada bonita. Mas foi muito legal. Eu me senti, assim, mais capaz. E aí, com isso, foram acontecendo as coisas, o mestrado passando e nada de chegar os equipamentos para eu fazer o que tinha que fazer. Fiz as disciplinas que tinham que ser feitas e nada de chegar a coisa. Eu estava desesperado. A gente continuava fazendo viagem para Amazônia porque, com essa disparada em 1987, a gente acabou fazendo muitas outras idas e vindas aqui para a Amazônia, para outras áreas. Eu conheço a Amazônia praticamente toda com isso. Porque o mercúrio não é só aqui na bacia do Madeira. Aí a gente foi para o Tapajós, foi para Amapá, lá para a Serra do Navio, a gente foi para Roraima, para tudo quanto é canto aqui. E sempre a tiracolo com o Olaf, porque o Drude já estava na Fluminense. E nisso, o Olaf foi o meu orientador de mestrado na época.

### **Wanderley de Souza: Mas, afinal, o equipamento chegou?**

Wanderley Bastos: Não, aí o equipamento não chegava, e o Olaf tinha voltado do pós-doc dele e tinha trazido também uma relação com a União Europeia, que na época era Comunidade Europeia. A ideia era implementar na Amazônia. O Olaf capturou uma ideia do Wolf, que era a seguinte: o Wolf queria que nós gerássemos um diagnóstico aqui na Amazônia sobre a questão do mercúrio, mas que a gente pudesse qualificar o pessoal aqui e dar condições para eles tocarem o problema aqui, que, no entendimento do Wolf, era uma questão local. O Olaf com essa ideia, ele levou isso para o grupo com quem ele estava lidando na universidade de Odense, na Dinamarca, com o David CleAri (*Antropólogo que fez seu doutorado nos garimpos do Brasil*), que era um cara que acabou sendo coordenador desse projeto no Brasil. É um inglês, e o doutorado dele no Maranhão, ele começou a entender muito de Amazônia, e acabou nesse projeto, que eles encaminharam para União Europeia. Eles financiaram, assim, um valor absurdo. Não lembro de valores, mas eu lembro que nós conseguimos recursos para montar três estruturas independentes para se fazer a avaliação de mercúrio. Quer dizer, uma era melhorar o Radioisótopos na infra que ele já tinha e dar uma infraestrutura melhor, e mais dois laboratórios aqui na Amazônia.

Um em Santarém, no Pará, e outro aqui em Porto Velho, Rondônia. Bom, e aí o que coube para mim nesse projeto? Como eu tinha bastante experiência, tanto de laboratório como de campo, a ideia era a gente estruturar o laboratório e treinar pessoas na região. Então a gente veio discutindo no avião numa volta, eu e o Olaf, essa coisa que estava acontecendo, ou melhor, que não estava acontecendo. Não chegava os equipamentos dos japoneses, porque eles são muito detalhistas nesses processos de parceria e tal, e estava acontecendo um outro trabalho, que estava muito intenso, que eu coloquei para o Olaf. Falei assim: “*Cara, para eu tocar minha tese, a minha dissertação, num trabalho totalmente diferente disso aqui, eu acho que eu não vou dar conta das duas coisas*”. E eu queria muito continuar nesse trabalho da Amazônia com esses dois laboratórios. Então, em resumo, o que a gente fez? A gente montou uma outra direção de projeto. Eu acabei trabalhando no mestrado em desenvolver técnicas e treinamento de pessoas na quantificação de mercúrio em amostras ambientais e humanas. E aí ficou muito mais prático para mim. E a gente fez intercalibração com os grupos lá da Dinamarca. Então, por exemplo, eles coletavam amostra de urina de pessoas daqui da região de áreas sob influência da atividade de garimpo, e nós dividíamos essas amostras em três alíquotas. Uma alíquota eles levavam para Odense, uma alíquota ficava aqui em Santarém ou aqui em Porto Velho, e que a gente analisava, e outra alíquota ia para o Rio de Janeiro, e aí a gente fazia uma comparação disso. E eu usei todas essas informações na minha dissertação. Até hoje. Eu tenho outro artigo que a gente publicou, de desenvolvimento de métodos, que é bastante citado até hoje, por conta desse desdobramento. E nessa época, estava começando a usar a técnica de microondas para preparação química das amostras. Então, eu aproveitei tudo isso. Nós ganhamos um microondas, em cada laboratório. Cada laboratório ganhou um equipamento dedicado para análise de mercúrio, cada laboratório recebeu toda uma infraestrutura totalmente independente. Tanto é que, anos depois, eu venho morar em Rondônia e eu dou continuidade a esse laboratório que eu ajudei a montar, isso já em 1994. Então, defendi a minha tese em 1997. Eu levei mais tempo do que o normal, por conta de estar tentando conciliar essas duas coisas. Em 1997 eu termino e a gente continua dando esse suporte analítico, tanto aqui quanto para Santarém. Em Santarém, toda essa estrutura foi montada numa fundação, chamada Fundação Esperança, que depois foi absorvida pelo campus da UFPA, que hoje virou UFOPA (*Universidade Federal do Oeste do Pará*). Ainda hoje tem um grupo lá que deriva dessa infraestrutura, que foi montada por esse projeto da União Europeia sob a gerência do Olaf. Foi o Olaf que conseguiu dar esse pontapé.

### **Wanderley de Souza: E o doutorado?**

Wanderley Bastos: Um pouquinho antes do doutorado, em 1998. O Ene Glória, que eu mencionei lá atrás, que foi aquele primeiro cara que eu entrei em contato,

ele estava fazendo mestrado e doutorado nesse vácuo. Embora não tenha sido ainda na Biofísica, porque ele é Geólogo, ele foi procurar a UNESP lá de Rio Claro e aí fez o mestrado e, em seguida, o doutorado com o Daniel Marcos Bonotto, em Rio Claro, estudando mercúrio. Estudou água no mestrado e depois no doutorado. Em 1998, ele terminou o doutorado e se candidatou a Reitor aqui. Então, ele foi o primeiro Reitor Doutor dessa universidade. Em 1998, nós já tínhamos feito o projeto a várias mãos. Eu já estava, inclusive, me habilitando a ajudar a escrever projetos também. Porque essa era uma expertise do Wolfgang. Então, sob orientação do Wolf, eu e o Ene escrevemos o projeto no CNPq, que foi aprovado exatamente no período em que o Ene assume a reitoria. E ele foi aprovado já sob a coordenação do Ene. Então, isso era um projeto daquele PNOG, Programa Norte de Pós-Graduação. Com isso, nesse projeto tinha uma bolsa de pesquisador visitante, que, embora eu não tivesse o doutorado, mas eu já tinha, naquela época, um currículo equivalente, que também permitia, e eu arrisquei. A gente arriscou mandar o meu nome nessa proposta e aí foi aprovada. Na Biofísica, em 1999, eu consegui uma liberação. Naquela época, eu já tinha quinze anos de Biofísica, e não tinha tirado nenhuma licença ainda. Então vi a possibilidade com o Wolf de tirar seis meses. Daria nove meses e mais um de férias, ou seja, dez meses para eu ficar na Amazônia. Eu sei que a gente conseguiu isso. Então eu vim para cá, para passar esse período, e fui liberado pelo Radioisótopos e com autorização da Biofísica (*Direção de Antonio Carlos Campos de Carvalho, de 1998 a 2001*). Então eu fiquei meio pé aqui, pé ali no Rio. Foi passando esse tempo e eu fiquei com a bolsa de pesquisador visitante. Então, isso melhorou a minha condição financeira, o que foi muito bom, mas essa bolsa tinha a condição de ficar por três anos. Bom, como o Ene era Reitor, a gente conseguiu fazer um convênio, daqueles convênios de cooperação técnico-científica, e consegui ficar liberado por mais um tempo. Eu fiquei dois anos, quase três anos liberado aí da UFRJ para ficar aqui. E eu fui tocando o laboratório com esses recursos, inclusive a área que a gente tinha aqui era uma área doada, e eu consegui construir, porque o projeto do CNPq tinha recursos também. Eu falei: *“Wolf, eu tenho dinheiro para material de consumo e capital. Mas eu preciso construir um pedaço, como é que faz?”* Ele falou: *“Vem cá”*. Aí sentamos. *“Vamos fazer uma carta para o CNPq”*. Aí tinha uma professora, uma pesquisadora lá que o Wolfgang conhecia. Ela veio até aqui, cara, olhar o negócio. Ela autorizou, a gente fez. Nisso, esses três anos foram embora. E eu vim para cá, trouxe a minha mulher e meus dois filhos, pensando: *“Nem pensar em morar aqui”*. Você até comentou assim: *“Eu desci em Porto Velho pela primeira vez e me apaixonei”*. Não, eu detestei, eu achei uma loucura. Porque era uma cidade. Eu desci aqui numa época de verão, então é uma cidade que era mais poeira sobre ela do que outra coisa, porque não tinha nada asfaltado, era uma loucura. Bom, mas aí os três anos terminando, e o Ene Glória querendo que eu ficasse, arrumou de tudo quanto é jeito, concurso que direcionasse na área.

Assim que eu cheguei, ele me obrigou a fazer um concurso, e não passei na época porque eu não tinha me preparado para. Mas depois, eu já comecei. A família começou a se adaptar, viu a vida mais tranquila, com mais possibilidades. Bom, resumindo, eu acabei fazendo Biofísica para o curso de Medicina, que tinha sido recém-criado. Então eu entrei para o curso de Medicina, e por uns três ou quatro anos, eu dei aula de Biofísica para a Medicina. Tive que batalhar muito, estudar bastante. Mas aí, como eu disse, todo aquele *know-how* adquirido aí no Rio, com as Metodologias de Radioisótopos e outras coisas mais, foram extremamente importantes para conseguir. Depois, como a minha atuação sempre foi no ambiente, eu fui conhecendo os departamentos.

**Wanderley de Souza: Você fez o concurso para quê? Para auxiliar de ensino, para substituto?**

Wanderley Bastos: Na época, eu era Assistente, porque eu já tinha um mestrado. Em 2000, eu entrei no doutorado na Biofísica, agora sob orientação do prof. Wolf. Tanto é que a gente gerou um diagnóstico aqui em 1.100km de Rio Madeira, já do ponto de vista de tentar entender a dinâmica do mercúrio, não só no ambiente, como também na população mais isolada. Esse foi o objetivo da minha tese de doutorado, que terminei em 2004. Aí eu já estava aqui, em 2002 eu já entrei no concurso da UNIR. Então, eu estava no meio de doutorado, e assumi um concurso aqui. Eu tive que dar conta de estar aí no Rio e estar aqui nas aulas. Nessa época, o Wolf já estava meio parando. Eu fui o último aluno de doutorado orientado por ele. Na verdade, eu fui o último aluno de pós-graduação do Wolfgang. Drude foi primeiro e eu fui o último.

**Wanderley de Souza: E aí você passou para Adjunto?**

Wanderley Bastos: É, logo em 2004 com doutorado, eu passei para adjunto e agora eu já estou no assistente 4, há três anos.

**Wanderley de Souza: Ô, Wanderley, o seguinte, como é que é hoje o laboratório aí? Quais são as condições, como é que você toca o teu projeto, como é que ele é financiado? E aí agora passa a ser a responsabilidade de ser professor, orientador e conseguir os recursos para o projeto ir para frente.**

Wanderley Bastos: Pois é, eu me considero um cara super abençoado. Esses intervalos todos a partir de 2000, 2002, 2003, 2004, foi uma época que a gente só não conseguia recurso por falta de competência, porque surgiu muito edital para a Amazonia. Eu gerenciei doze projetos de grande porte, teve época de eu ter três milhões assim, um milhão e meio do projeto tal, mais um milhão e meio de outro. Eu fiz uso disso para ampliar esse laboratório, hoje eu tenho duzentos metros quadrados, aproximadamente, só de laboratório, uns trezentos metros quadrados só de salas e auditório. A turma que veio na época, aqui do INCT, eu

lembro do Celso Caruso, falar no meio do povo assim: “*O Wanderley não precisa de nada, ele tem o laboratório melhor que de todo mundo na Biofísica*”. Porque ele viu a estrutura. Aqui tinha espaço para crescer, é diferente. Eu lembro da Biofísica, que a gente crescia para dentro dos banheiros, ia derrubando as coisas, ia crescendo. O laboratório tem que crescer, aí derruba o banheiro que era grande. Eu lembro daquele banheiro lá do subsolo, que era um banheiro gigante, virou um “banheirinho” desse “tamanhozinho”, porque tem que crescer. E aqui a gente não tem esse problema, a gente tem que ter recurso para crescer. Então, sim, a gente conseguiu. Eu até brinco com o Olaf dizendo assim: “*Olaf, está precisando de alguma coisa, vem para cá*”. Porque a situação acabou tomando outra direção, a gente hoje tem um laboratório super bem estruturado. Com relação a essa parte de elementos químicos, a gente tem condição de fazer tudo e mais alguma coisa. A gente faz a especificação química também. A gente começou a estudar a qualidade da água, que esse é o grande problema do meu ponto de vista aqui na Amazônia. A gente não tem saneamento, é uma loucura. E eu estou estudando agora a atmosfera, estou com alguns alunos estudando essas questões dos *black carbon*. E interagindo com o pessoal da PUC aí do Rio, continuo interagindo com o Olaf, com o João Paulo.

### **Wanderley de Souza: Você tem curso de pós-graduação aí?**

Wanderley Bastos: Sim, e essa também é outra história interessante. Porque, em 2004, logo assim que eu terminei o doutorado, eu entrei aqui para um programa nosso, que é o Programa de Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Foi outro desafio de entrar para uma coisa multidisciplinar. Sair do Rio, envolvido só na Biofísica, interagindo com químicos, físicos, biomédicos, biólogos e tal e, de repente, caio num curso que tem antropólogo, pedagogo e etc. Foi bem difícil, no início. Esse é um curso que começou com nível 3, muito fraquinho, muito mal. Quando chegou em 2006, 2007, começaram a me “futucar” aqui para ver se eu assumia a coordenação e tal. Eu achei interessante, porque pós-graduação sempre me interessou. Eu assumo a pós-graduação, e três meses depois eu recebo o resultado da CAPES, o curso tinha sido descredenciado, caiu de 3 para 2. Eu falei assim: “*Agora eu entendi porque todo mundo queria que eu assumisse o negócio, que era para pegar essa banana feia*”. Bom, mas eu não gosto de perder. Eu lembro disso muito bem e gosto de contar essa história porque ela foi vitoriosa, eu tive a ajuda de muita gente, e a principal dela foi da Sandra Azevedo que, nessa época, era coordenadora do programa de pós na Biofísica. Aí eu falei assim: “*Para resolver esse problema, tenho que buscar quem sabe. Tenho que ir lá no nível 7*”. Entrei em contato com a Sandra, fui ao Rio. Foi a Sandra e o professor Sergio Koifman - ele era da Fiocruz, da Escola Nacional de Saúde Pública. Na época eu estava interagindo com a Sandra Hacon, que é da ENSP também. E aí a gente fez algumas reconsiderações para CAPES e eu fiz os cortes que tinha que fazer. Por orientação da Sandra, pedi uma

avaliação presencial, porque tem aquela avaliação documental e aquelas avaliações presenciais. Veio um cara lá do Sul, um cara muito legal, e a gente contou toda a história para ele, ele entendeu e fizemos um dever de casa bem pesado. Até hoje tem muita gente aqui que nem fala comigo, porque a gente tem que tirar nomes que não tem o perfil do programa.

### **Wanderley de Souza: Como está o curso hoje?**

Wanderley Bastos: Para resumir isso aí, a gente ganhou. A CAPES atendeu a nossa solicitação, passamos para 3, e na avaliação seguinte pulamos para 4. Hoje, a gente tem o doutorado e, na verdade, esse é o curso mais forte que a gente tem na universidade aqui. É um curso 4+, eu digo. Hoje você tem gente aqui com uma produção muito interessante. Então, assim, é um curso que eu me mantenho. Um dia o Wolfgang - essa é outra coisa interessante - me chama para um almoço, eu estava até com a minha esposa. Ele disse que queria me fazer uma proposta, eu curiosíssimo para saber que proposta era. Ele me pergunta assim: *“O que você acha de você entrar para pós-graduação da Biofísica?”*. Eu falei: *“Não tem nem o que perguntar, eu não sei nem como que faz isso”*. Porque eu nunca tinha pensado nisso. Eu não sei o que aconteceu, o que ele fez. Eu sei que, um belo dia, me convidam e eu fiquei lá até recentemente. Até que pedi para sair, eu fiquei meio numa sinuca sem saber o que fazer, porque agora a gente tem um outro programa aqui, que é o Programa de Conservação de Recursos Naturais, que é do meu departamento, e o pessoal estava me pressionando. Porque eu já estava fazendo parte de três programas: a Rede Bionorte, que você deve conhecer, que só é doutorado, eu faço parte dela; faço parte desse PGDRA, que é o Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente; e aí estava na Biofísica. Então eu já estava em três programas e eu não poderia participar de outro, a não ser como colaborador.

### **Wanderley de Souza: Mas, vem cá, algumas perguntas, assim, finais. Como é que você está vendo hoje a perspectiva aí, o financiamento no quadro atual brasileiro. Tem uma fundação estadual que apoia?**

Wanderley Bastos: Pois é. Eu tenho visto que, nos programas de pós-graduação, a gente tem até devolvido bolsa. Eu acho que o cenário nacional, ele não está muito encaixado com a nossa região. Eu tenho percebido que a gente tem até uma certa fartura. A nossa Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPERÓ) tem soltado editais, bem seguidos. E isso, até bem recentemente, aliás eu acho que é uma das fundações que mais tempo levou para entrar no eixo, vamos dizer assim, mas é uma fundação que tem conseguido algumas coisas. Eu, particularmente, não tenho tido mais aquela mesma fartura, como eu te disse, de cinco a oito anos atrás. Os projetos são mais moderados. O edital universal, que saiu agora, até foi um pouquinho mais benevolente em termos de financeiro,

eu acho. Inclusive, eu até submeti um agora, estou aguardando a resposta<sup>32</sup>. O que tem me sustentado aqui nos últimos anos tem sido um projeto que a gente tem com a Santo Antônio Energia, aqui de monitoramento que, inclusive, eu faço indexado até com o Olaf. A gente não tem uma fundação de apoio, uma fundação da universidade para viabilizar essas coisas. Então a gente faz, inclusive, com essa colaboração de cooperação técnica e o Olaf participa. E, assim, tenho usado muito a taxa de bancada da minha bolsa de produtividade. Que, aliás, é outra coisa que eu nem comentei: Em 2004 eu terminei o doutorado e em 2006 eu já era bolsista de produtividade. Nesses últimos quatro anos, eu já estou no nível 1C. A minha bolsa termina agora no ano que vem, e eu estou pedindo renovação<sup>33</sup>.

**Wanderley de Souza: Então foi uma experiência que deu certo?**

Wanderley Bastos: Pois é. Não tenho nada a reclamar sobre isso.

**Wanderley de Souza: Fez diferença aí em Rondônia.**

Wanderley Bastos: É, eu espero que sim.

**Wanderley de Souza: É o que todo mundo fala. Elogiam muito a tua participação aí. Por esse motivo, a gente falou: “Vamos encerrar essa série de entrevistas”. Aí alguém comentou: “Não, mas ele já não é técnico”. Falei: “Não, mas ele começou técnico”.**

Wanderley Bastos: E eu tenho o maior orgulho disso. Sempre coloco isso o tempo todo aqui para a garotada. Eu tenho um menino aqui que é técnico em química, que é funcionário da universidade. Ele fez o mestrado comigo. E o garoto é brilhante, eu tenho encorajado ele para fazer o doutorado. Walkimar é o nome dele.



Wanderley Bastos com Wolfgang Christian Pfeiffer

---

<sup>32</sup> Aprovamos esse edital e mais um CNPq. Desde outubro/2022, estamos conduzindo 4 projetos financiados, 2 CNPq e 2 FAPERO.

<sup>33</sup> Bolsa foi renovada, continuo como Bolsista 1C por mais 4 anos -2023-2027.



Visita ao IBCCF, na sala da direção do IBCCF (Gestão de Celso Caruso Neves em Wolfgang Pfeiffer, Bruno Lourenço Diaz, Maria Elisa da Costa Magalhães (Física e esposa de Ennio Candotti), Ennio Candotti, Olaf Malm, Vinicius Farjalla (Dep. de Ecologia do Inst. de Biologia/UFRJ), Jean Remy Davée Guimarães, José Garrofe Dórea (Prof. Emérito Dep. de Nutrição da UnB), Luiz Drude de Lacerda (Prof. Titular da UFCeará), Wanderley Rodrigues Bastos e Celso Caruso Neves.

# Corpo Social do Instituto de Biofísica, 1977. Acervo EMCCF/IBCCF.



1. Edil Saturato
2. Maurício José Thurler Tecles
3. Carlos Eduardo Rocha Miranda
4. Fernando Garcia de Mello
5. Edson Rondinelli
6. Eduardo Oswaldo Cruz
7. Wolfgang Feiffer
8. José Eduardo Thurler Tecles
9. Major Roberto Oscar Brasil
10. Raul Dodsworth Machado
11. Sebastião Cruz
12. Rachel dos Reis Soares
13. Antônio Lisboa de Oliveira
14. Leny Cavalcante
15. Maury Miranda
16. Carlos Chagas Filho
17. Célia Batista
18. Helena Trindade
19. Maria Christina Rebello
20. Eliane Amaral
21. Marlene Fiszman
22. Clarice Rego
23. Eduardo Penna Franca
24. Maria luiza
25. Thais Penna Barbosa de Souza
26. Aglai Penna Barbosa de Souza
27. Maria Fernanda Lamêgo
28. José Augusto de Miranda
29. Celso Pereira
30. José Claudio
31. Ana Ventura
32. Não identificado
33. Não Identificado
34. Ricardo Guelerman
35. Walter Zin
36. Fernando Portela
37. Marcelo Barcinski
38. Eliane Volchan
39. Não identificado
40. Rafael Linden
41. Moacir A. Rebello
42. Edson Martins Garcia
43. Não identificado
44. Hertha Meyer
45. Oliveira
46. Darcy Fontoura de Almeida
47. Maria de Nazareth e Santos
48. Lafayette Rodrigues Pereira
49. Não identificado
50. Não identificado
51. Cecília Somló
52. Aida Hassón Volloch
53. Eliana Abdelay
54. Não identificado
55. Orliata Azevedo
56. Não identificado
57. Martha Zahner
58. Não identificado

**Corpo social do Departamento de Circulação e Biomecânica. Década de 1980. EMCCF/IBCCF.**



1. Gilberto de Oliveira Castro
2. Antônio Paes de Carvalho
3. Masako Oya Masuda
4. Edson Martins Garcia
5. Maria Aparecida Esquibel
6. Ayres da Fonseca Costa
7. Marilena
8. Ivo
9. Cerli Gattass
10. Pedro Persechini
11. Rivadaver
12. Samuel Cukman
13. Elisabeth Gestel
14. Edmilson

**Corpo social do Departamento de Radiobiologia. Década de 1980. EMCCF/IBCCF.**



Da esq. para dir., Primeira fila: Wilson, Luiz Carlos, Ruth, Dalva, Cezar Antônio Elias, Ivanete Marins. Segunda fila: Wolfgang Pfeiffer, Wanderley Bastos, Nazio Lobão, Marlene Fiszman, Mirian Brugnara, Helena Trindade, Álvaro da Costa Leitão. Terceira fileira: Advaldo, não identificado, Tamar, não identificado, Marília Neto, Salatiel, Jacques Fridman. Quarta fileira: Zélia de Freitas, Margareth, Leticia, Crellir de Souza.

**Corpo social do Departamento de Biofísica Molecular. Década de 1980. EMCCF/IBCCF.**



Primeira fila: Mecia Oliveira, Aída Hassón-Voloch, Fernando Garcia de Mello, Jacy Faro de Castro, Firmino Torres de Castro. Segunda fila: Carlos Chagas Filho, Maria Christina Fialho de Mello, Izabel Paixão, Clarice Rego, Maria Christina Rebello, Moacyr Alcoforado Rebello. Terceira fila: Ricardo Guelerman, não identificado, Ana Gabriela de Campos Salles, José Luiz Martins do Nascimento, Waldoneto, Célia Batista. Quarta fila: Neyla, Cecília Somló, Elaine Gomes Quintana, Ana Ventura, não identificado, Narcisca Cunha e Silva, Fernanda Lamego. Quinta fila: Lillian Oswaldo Cruz, Claudio, não identificado, Fernando Portela, Terezinha, três pessoas não identificadas. Sexta fila: Rodrigo Neto, Rosane Silva, Lindomar, Eliana Abdelay, não identificado. Sétima fila: não identificado, Roberto Paes de Carvalho, Bill (Claudio Bezerra), Zé Claudio, não identificado, Hilda Lobão, D. Esmralda. Ao fundo: Gerson Madureira, não identificado.

**Corpo Social do Departamento de Biofísica Celular. Final da década de 1970. EMCCF/IBCCF.**



Primeira fila: Marlene Benchimol, Maria Aparecida Loures, Hertha Meyer, Eduardo Braga. Segunda fila: Tania Araujo Jorge, Julio Scharfstein, Wanderley de Souza, Darcy de Almeida, Thais Souto-Padron. Terceira fila: Narcisca Leal, Liege, Rita Fucs, Sonia Leita, Ana Beatriz, Nazareth Meirelles. Quarta fila: Paulo Pimenta, Orlindo Costa Ferreira Junior, Marínés, Fernando Costa e Silva, Sergio Leal de Meirelles. Quinta fila: Pedro Paulo Elzas, Wagner Cintra, Arnaldo Paes de Andrade, Paulo Paes de Andrade, Marcos Farina. Sexta fila: Celso Pereira, Sebastião Cruz, Raul Machado, Marcelo Barcinski, não identificado. No Fundo, Antônio Lisboa.

**Corpo social do Departamento de Neurobiologia. Década de 1980. EMCCF/IBCCF.**



Primeira fila: Romualdo José do Carmo, Carlos Eduardo Rocha Miranda, Eduardo Oswaldo Cruz, Dr. Hiss, Gustavo de Oliveira Castro. Segunda fila: Ari Ramoa, Paulinho, Rosália Mendes-Otero, Jan nora Hokoç, Patrícia Gardino. Terceira fila: Malu, Edil Saturato, Eliane Volchan, Ricardo Gattass, Leny Cavalcante, Raymundo Bernardes. Quarta fila: Giovanni, Maurício Tecles, Augusto, Henrique Eisenberg, Rubinho, Conceição, Sr. Gibraltar. Última fila: Jorge.

**Instituto de Biofísica, na escadaria da Praia Vermelha. Natal 1968-1969. EMCCF/IBCCF.**



1. Alberto Barbosa Hargreaves
2. Marysa Misacchio
3. Aristides Pacheco Leão
4. Donana (Maria Luiza Leão Teixeira)
5. Hiss Martins Ferreira
6. Manoel da Frota Moreira
7. Hertha Meyer
8. Gustavo de Oliveira Castro
9. Antônio Paes de Carvalho
10. Leticia Maria Mayr
11. Ivone Sampaio
12. Clarice Rego
13. Arlete Tachashi
14. Salomé
15. Alda Hasson-Voloch
16. Francisco Maria de Monastério
17. Aglai Penna Barbosa de Souza
18. Eduardo Oswaldo Cruz
19. Jacques Fridman
20. Marília Netto
21. Amaríles
22. Ortila Gomes de Oliveira
23. Eduardo Penna Franca
24. Anamélia
25. Marise Lafayette
26. Gilda Montenegro Paes de Carvalho
27. Marlene Fizman
28. Manoel de Oliveira
29. Roberto Alcântara Gomes
30. Fernando Hargreaves
31. Nazareth
32. Cecília Somló
33. Nella Duek
34. Advaldo Bezerra
35. Pedro Lopes dos Santos
36. Moacyr Alcolorado
37. Tereza Vallinoto
38. Henrique (Nito)
39. Maria Helena (Malet)
40. D. Esmeralda
41. Zé Claudio
42. Roberto Lent

**Comemoração dos 25 anos da cátedra de Física Biológica, Praia vermelha. Rio de Janeiro, 1962. EMCCF/IBCCF.**

- 1- Pedro Lopes dos Santos
- 2- Amarillis Wanderley
- 3- Ana Francisca Falcato Ribeiro
- 4- Alberto Barbosa Hargreaves
- 5- Lourdes Paván
- 6- Carlos Chagas Filho
- 7- Annah Chagas
- 8- Regina Feigl
- 9- Lauro Sollero
- 10- Humberto Rocha
- 11- Lidia Rocha
- 12- Alda Hassón-Voloch
- 13- Maria Natividade Ferreira
- 14- Yolanda Machado da Silva
- 15- Manoel da Frota Moreira
- 16- Luiz Renato Caldas
- 17- Maury Miranda
- 18- Crodowaldo Paván
- 19- Mariza Musacchio
- 20- Creír Monteiro de Souza
- 21- Mário Vianna Dias
- 22- Carlos Esberard
- 23- Orílla Gomes de Oliveira
- 24- Manuel de Oliveira Rego
- 25- Sra. Luiz Carlos Lobo
- 26- Luiz Carlos Lobo
- 27- Irene Picard
- 28- Miguel Flores da Cunha
- 29- Hilda Nesralla Lobão
- 30- Francisco Eduardo Paula Machado
- 31- Gustavo de Oliveira Castro
- 32- Carlos Eduardo Rocha Miranda
- 33- Nazyo Lobão
- 34- Ida Maria Leão Teixeira
- 35- Hernani Rosa

- 36- Maria do Céu
- 37- Eduardo Penna Franca
- 38- Jacques Fridman
- 39- Maria Aparecida Esquibel



**Comemoração dos 25 anos da cátedra de Física Biológica, Praia Vermelha. Rio de Janeiro, 1962. EMCCF/IBCCF.**

- 1- Pedro Lopes dos Santos
- 2- Amarillis Wanderley
- 3- Ana Francisca Falcato Ribeiro
- 4- Alberto Barbosa Hargreaves
- 5- Lourdes Paván
- 6- Carlos Chagas Filho
- 7- Annah Chagas
- 8- Regina Feigl
- 9- Lauro Sollero
- 10- Humberto Rocha
- 11- Lídia Rocha
- 12- Aída Hassón-Voloch
- 13- Maria Natividade Ferreira
- 14- Yolanda Machado da Silva
- 15- Manoel da Frota Moreira
- 16- Luiz Renato Caldas
- 17- Maury Miranda
- 18- Crodowaldo Paván
- 19- Mariza Musacchio
- 20- Creir Monteiro de Souza
- 21- Mário Vianna Dias
- 22- Carlos Esberard
- 23- Orlita Gomes de Oliveira
- 24- Manuel de Oliveira Rego
- 25- Sra. Luiz Carlos Lobo
- 26- Luiz Carlos Lobo
- 27- Irene Picard
- 28- Miguel Flores da Cunha
- 29- Hilda Nesralla Lobão
- 30- Francisco Eduardo Paula Machado
- 31- Gustavo de Oliveira Castro
- 32- Carlos Eduardo Rocha Miranda
- 33- Nazyo Lobão
- 34- Ida Maria Leão Teixeira
- 35- Hernani Rosa

- 36- Maria do Céu
- 37- Eduardo Penna Franca
- 38- Jacques Fridman
- 39- Maria Aparecida Esquilbel



**Membros e alunos do Instituto de Biofísica. Década de 1980. Acervo EMCCF/IBCCF.**



1. Sr. Tibúrcio
2. Maurício Teclés
3. Jan Nora Hokoç
4. Edil Saturato
5. Silvana Allodi
6. Jorge
7. Nilson dos Santos
8. Maria Luisa
9. Roberto Lent
10. Romualdo José do Carmo
11. Gustavo de Oliveira Castro
12. Aristides Pacheco Leão
13. Eliane Volchan
14. Rosália Mendez Otero
15. Lea Nachbin
16. Raymundo Bernardes
17. Leny Cavalcante
18. Elisa de Carvalho Dias
19. Claudio Serfaty
20. Patricia Gardino

**“Tributo a Raymundo Bernardes” - Homenagem por seus 90 anos e por sua importância para o IBCCF. Ocorreu em 30 de abril de 2014.**



**“Tributo a Raymundo Bernardes” - Homenagem por seus 90 anos e por sua importância para o IBCCF. Ocorreu em 30 de abril de 2014.**



**Homenagem “Carlos Eduardo Guinle Rocha Miranda e a consolidação da Neurociência no Brasil”,  
ocorrida em 22 de julho de 2015.**



Confraternização no IBCCF



Time de futebol no IBCCF



Time de futebol no IBCCF



**Curso técnico na Fiocruz, realizado por José Avelino, Paulo Coutinho e José Tiburcio**



**Cerimônia de Concessão de Medalhas pelos 50 anos em atividade de Serviço Público dos Servidores Waldir Dias de Oliveira, Claudio Nunes Pereira e Celso Pereira, que ocorreu no dia 10 de novembro de 2024.**

